PREFÁCIO

Foi preciso muito tempo para escrever este livro. Uma classificação de respostas verbais como uma primeira versão da II Parte foi terminada no verão de 1934. Alguns experimentos de apoio foram então realizados com a Somatória Verbal, e foram feitas análises estatísticas de várias obras literárias, de dados obtidos com experimentos de associação de palavras e do comportamento da adivinhação. Todo esse material foi usado em cursos sobre Comportamento Verbal e Literário na Universidade de Minnesota, nos últimos anos da década de trinta, e na Universidade de Harvard, no verão de 1938, e na Universidade de Chicago, no verão de 1939. Um manuscrito da extensão deste livro deveria ser completado sob os auspícios de uma bolsa da Guggenheim em 1941, mas a guerra interferiu no projeto. A bolsa foi retomada em 1944--1945 e uma versão ficou quase pronta. Essa versão foi a base de um curso sobre Comportamento Verbal na Universidade de Coimbra, no verão de 1947; no ano seguinte, notas taquigráficas do mesmo, mimeografadas, foram postas em circulação pelo Dr. Ralph Hefferlein.

No outono de 1947, do manuscrito preparado para as William James Lectures, na Universidade de Harvard extraiu-se um material do qual várias centenas de cópias mimeografadas têm circulado desde então. Na preparação dessas conferências verificou-se que o manuscrito estava começando a adquirir o caráter de uma revisão bibliográfica e que o tema central estava-se tornando obscuro. Por isso, ao completar o manuscrito para fins de publicação, foram omitidos os sumários da literatura acerca do assunto. O término do manuscrito final foi então adiado em favor da realização de um livro sobre o comportamento humano (Ciência e Comportamento Humano), o qual disporia uma referência sobre assuntos não essencialmente verbais. A atual versão ê duas vezes mais longa que as James Lectures e contém muitas mudanças feitas para se adaptarem aos progressos recentes realizados na análise experimental do comportamento humano ou não. Com exceção dos dois últimos capítulos, ela foi escrita durante o período de primavera de 1955, em Putney, Vermont.

O trabalho foi generosamente subvencionado pela Society of Fellows da Universidade de Havard (uma bolsa de 3 anos) pela Universidade de Minnesota (uma licença sabática de meio ano), pela Fundação Guggenheim (uma bolsa de meio ano), pela Universidade de Harvard (conferencista das Wiliiam James Lectures e uma licença sabática). Devo agradecimentos a todas essas instituições. Infelizmente, não é possível reconhecer de forma adequada a generosa ajuda recebida de alunos e colegas durante estes anos, bem como as críticas feitas às versões anteriores, publicadas ou inéditas... O manuscrito final foi muito beneficiado pelas críticas e pelo auxílio editorial recebido de Mrs. Susan R. Meyer, da Dra. Dorothy Cohen e pela preparação cuidadosa feita por Mrs. Virgínia N. Maclaury.

Cambridge, Massachusetts. B. F. Skinner

Parte I

UM PROGRAMA

CAPÍTULO 1

UMA ANÁLISE FUNCIONAL DO COMPORTAMENTO VERBAL

Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas conseqüências de sua ação. Alguns processos que o organismo humano compartilha com outras espécies alteram o comportamento para que ele obtenha um intercâmbio mais útil e mais seguro em determinado meio ambiente. Uma vez estabelecido um comportamento apropriado, suas conseqüências agem através de processos semelhantes para permanecerem ativas. Se, por acaso, o meio se modifica, formas antigas de comportamento desaparecem, enquanto novas conseqüências produzem novas formas.

O comportamento altera o meio através de ações mecânicas, e suas propriedades ou dimensões se relacionam freqüentemente, de uma forma simples, com os efeitos produzidos. Quando um homem caminha em direção a um objeto, ele se vê mais próximo deste; quando procura alcançá-lo, é provável que se siga um contacto físico; se ele o segura, levanta, empurra ou puxa, o objeto costuma mudar de posição, de acordo com as direções apropriadas. Tudo isso decorre de simples princípios geométricos e mecânicos.

Muitas vezes, porém, um homem age apenas indiretamente sobre o meio do qual emergem as conseqüências últimas de seu comportamento. Seu primeiro efeito é sobre outros homens. Um homem sedento, por exemplo, em vez de dirigir-se a uma fonte, pode simplesmente "pedir um copo d'água", isto é, pode produzir um comportamento constituído por certo padrão sonoro, o qual por sua vez induz alguém a lhe dar um copo d'água. Os sons em si mesmos são facilmente descritíveis em termos físicos, mas o copo de água só chega ao falante como conseqüência de uma série complexa de acontecimentos que incluem o comportamento de um ouvinte. A conseqüência última, o recebimento de água, não mantém qualquer

relação geométrica ou mecânica com a forma do comportamento de "pedir água". Na verdade, é característico deste comportamento o fato de ele ser impotente contra o mundo físico. Raramente nossos gritos derrubam as muralhas de Jerico, ou somos bem sucedidos ao ordenar ao sol para que não se mova ou para que as ondas se acalmem. Palavras não quebram ossos. As conseqüências de tal comportamento surgem por intermédio de uma série de acontecimentos não menos físicos ou inevitáveis que as ações mecânicas, mas bem mais difíceis de descrever.

Os comportamentos que só são eficientes através da mediação de outras pessoas possuem tantas propriedades topográficas distintas que se justifica um tratamento especial e, até mesmo, se exige tal tratamento. Problemas colocados por esse modo especial de ação usualmente são atribuídos ao campo da linguagem ou da fala. Infelizmente, o termo "fala" destaca o comportamento vocal e dificilmente pode ser aplicado a situações em que a pessoa mediadora é afetada de forma visual, como ao escrever um bilhete. A palavra "linguagem" está agora satisfatoriamente afastada de suas ligações originais com o comportamento vocal, mas, por outro lado, acabou por se referir mais às práticas de uma comunidade lingüística do que ao comportamento de um de seus membros. O adjetivo "lingüístico" sofre das mesmas desvantagens. O termo "comportamento verbal" tem muitas vantagens, que recomendam-lhe o uso. Sua sanção etimológica não é excessivamente poderosa, mas destaca o falante individual e, quer seja reconhecido ou não por quem o usa, especifica o comportamento modelado e mantido pelas conseqüências mediatas. Tem também a vantagem de ser relativamente pouco familiar aos modos tradicionais de explicação.

Uma definição do comportamento verbal como comportamento reforçado pela mediação de outras pessoas precisa, como veremos, de maiores esclarecimentos. Além do mais, tal definição não nos diz muito sobre o comportamento do ouvinte, mesmo que houvesse pouco comportamento verbal a considerar se alguém ainda não tivesse adquirido respostas especiais para os padrões de energia gerados pelo falante. Essa omissão pode ser justificada, pois o comportamento do ouvinte, ao servir de mediador para as conseqüências do comportamento do falante, não é necessariamente verbal em nenhum sentido especial. Na verdade, não podemos distingui-lo do comportamento em geral e uma descrição adequada do comportamento verbal precisa cobrir apenas aqueles aspectos do comportamento do ouvinte necessários para explicar o comportamento do falante. O comportamento do falante e do ouvinte juntos compõem aquilo que podemos chamar de episódio verbal total. Não há em tal episódio nada além do comportamento combinado de dois ou mais indivíduos. Nada "emerge" na unidade social. O falante pode ser estudado pressupondo-se um ouvinte, e o ouvinte pressupondo-se um falante. As descrições separadas que daí resultam esgotam o episódio do qual os dois participam.

Seria loucura subestimar a dificuldade deste assunto, mas progressos recentes, obtidos pela análise do comportamento, permitem-nos abordá-lo com certo otimismo. Novas técnicas experimentais e novas formulações revelam um novo nível de ordem e de precisão. Os processos e as relações básicas que dão ao comportamento verbal suas características especiais são agora bastante bem compreendidos. Muito do trabalho experimental responsável por tal progresso foi realizado com outras espécies, mas os resultados revelaram-se surpreendentemente livres de restrições quanto às espécies. Trabalhos recentes revelaram que os métodos podem ser estendidos ao comportamento humano sem sérias modificações. Longe da possibilidade de extrapolar descobertas científicas específicas, essa formulação fornece uma nova abordagem, muito proveitosa do comportamento humano em geral e nos habilita a tratar mais eficazmente desta subdivisão chamada verbal.

A "compreensão" do comportamento verbal é algo mais do que o uso de um vocabulário consistente, com o qual instâncias específicas podem ser descritas. Ela não deve ser confundida com a confirmação de qualquer grupo de princípios teóricos. Os critérios devem ser mais exigentes. O alcance de nossa compreensão do comportamento verbal numa análise "causal" deve ser avaliado pelo alcance das nossas previsões de ocorrência de casos específicos e, eventualmente, pela extensão de nossa capacidade de produzir ou controlar tais comportamentos mediante a alteração das condições em que ele ocorre. Na apresentação de tal objetivo, é salutar ter em mente certas tarefas específicas do planejamento. Como pode o professor estabelecer os repertórios verbais específicos, que constituem os principais produtos finais da educação? Como pode o terapeuta revelar o comportamento verbal latente numa entrevista terapêutica? Como pode o escritor evocar seu próprio comportamento verbal no ato da composição? Como pode o cientista, o matemático ou o lógico manipular seu comportamento verbal no pensamento produtivo? Problemas práticos desse tipo são, é claro, infindáveis. Resolvê-los não é o alvo imediato de uma análise científica, mas eles estão subjacentes aos tipos de processos e relações que tal análise deve considerar.

Formulações Tradicionais

A ciência do comportamento não encontrou este campo desocupado. Sistemas altamente elaborados de termos para descrever o comportamento verbal já foram desenvolvidos. O vocabulário leigo é abundante. A retórica clássica, a gramática, a lógica, a metodologia científica, a lingüística, a crítica literária, a patologia da fala, a semântica e muitas disciplinas contribuíram com termos técnicos e princípios. De maneira geral, porém, o assunto aqui considerado ainda não foi claramente identificado, nem métodos apropriados para seu estudo foram ainda projetados. A

lingüística, por exemplo, registrou e analisou os sons da fala e práticas semânticas e sintáticas, mas comparações de línguas diferentes e o traçado das mudanças históricas assumiram precedência sobre o estudo do falante individual. A Lógica, a Matemática e a metodologia científica reconheceram as limitações que as práticas lingüísticas impõem ao pensamento humano, mas de maneira geral satisfizeram-se com uma análise formal; de qualquer modo, elas não desenvolveram as técnicas necessárias para uma análise causai do comportamento do homem pensante. A retórica clássica foi responsável por um elaborado sistema de termos que descrevem as características das obras de arte literária, aplicáveis igualmente ao falar cotidiano. Ela também deu alguma atenção aos efeitos sobre o ouvinte. Mas as primeiras e precoces promessas de uma ciência do comportamento verbal nunca foram realizadas. A crítica literária moderna, excetuando-se, algumas vezes, o uso do vocabulário técnico da psicanálise, raramente vai além dos termos empregados por um leigo inteligente. Um ataque frontal eficiente (uma formulação apropriada a todos esses campos especiais) não emergiu sob os auspícios de nenhuma dessas disciplinas. Talvez esse fato seja responsável pelo surgimento da semântica como uma descrição geral do comportamento verbal. O estudo técnico do significado já estava sendo realizado como um campo periférico da lingüística quando, em 1923, Ogden e Richards[1] demonstraram a necessidade de uma ciência mais ampla do simbolismo. Esta deveria ser uma análise geral do processo lingüístico aplicável a qualquer campo e não estar dominada por nenhum interesse especial. Foram feitas tentativas para levar a cabo tal recomendação, mas uma ciência adequada do comportamento verbal não foi obtida. Existem vários tipos correntes de semântica e elas representam os mesmos interesses especiais e empregam as mesmas técnicas especiais de até então. O método original de Ogden e Richards era filosófico com tendências psicológicas. Alguns dos sistemas mais rigorosos são francamente lógicos. Em lingüística, a semântica continua a ser uma questão de como os significados são expressos e como se modificam. Alguns semanticistas lidam principalmente com o maquinário verbal da sociedade, particularmente a propaganda. Outros são essencialmente terapeutas que afirmam que muitos dos problemas do mundo são erros lingüísticos. O uso corrente do termo "semântica" revela a necessidade de uma ciência do comportamento verbal que esteja divorciada de interesses especiais e que seja útil onde quer que a linguagem seja usada, mas a ciência em si mesma não surgiu sob esta égide.

A responsabilidade final caberá às ciências do comportamento e particularmente à psicologia. O que ocorre quando um homem fala ou responde a uma fala é claramente uma questão relativa ao comportamento humano e, portanto, uma

[1] 1. Ogden, C. K. e Richards, I. A., *O significado do Significado* (Nova Iorque, 1923).

questão a ser respondida com os conceitos e técnicas da psicologia enquanto ciência experimental do comportamento. À primeira vista, isto não parece constituir uma questão particularmente difícil. Excetuando-se o aspecto relativo à simplicidade, o comportamento verbal tem muitas características favoráveis enquanto objeto de estudo. Sua observação costuma ser fácil (se não o fosse, ele seria ineficaz como comportamento verbal); nunca houve falta de material (os homens falam e ouvem muito); os fatos são reais (observadores cuidadosos geralmente concordarão acerca do que é dito em qualquer circunstância dada); e o desenvolvimento da prática arte de escrever proporcionou um sistema pronto de notação para o registro do comportamento verbal, o qual é mais conveniente e preciso do que qualquer outro disponível no campo não-verbal. O que está faltando é um tratamento causai ou funcional satisfatório. Ao lado de outras disciplinas relacionadas com o comportamento verbal, a psicologia já arrolou fatos e às vezes ordenou-os numa ordem conveniente, mas nessa massa de material ela não conseguiu ainda demonstrar as relações significativas que constituem o núcleo de uma descrição científica. Por razões que, retrospectivamente, não são muito difíceis de descobrir, ela foi levada a negligenciar alguns dos fatos necessários para uma análise funcional ou causai. Ela o fez porque o lugar de tais fatos vinha sendo ocupado por certas causas fictícias das quais a psicologia custou a se desembaraçar. Examinando mais de perto algumas dessas causas, podemos encontrar uma explicação para a demora do surgimento de uma ciência do comportamento verbal.

Admite-se, geralmente, que para explicar o comportamento, ou qualquer um de seus aspectos, devemos atribuí-lo a fatos ocorridos no organismo. No campo do comportamento verbal, esta prática outrora foi representada pela doutrina da expressão das idéias. Entendia-se que uma alocução se explicava por apresentar as idéias que expressava. Se o falante tivesse tido idéias diferentes, ele teria pronunciado palavras diferentes, ou as mesmas palavras numa ordenação diferente. Se sua alocução era pouco comum, isto se dava porque suas idéias eram novas ou originais. Se ela parecia vazia, ele deveria ter sentido a falta de idéias ou ter sido incapaz de expressá-las em palavras. Se ele era incapaz de se manter em silêncio, era por causa da força de suas idéias. Se falava de forma hesitante, era porque suas idéias surgiam lentamente ou estavam mal organizadas. E assim por diante. Assim se explicavam todas as propriedades do comportamento verbal.

Tal prática tem obviamente o mesmo alvo que a análise causal, mas não os mesmos resultados. A dificuldade reside no fato de que as idéias para cuja expressão os sons são pronunciados não podem ser observadas de forma independente. Se pedimos uma prova de sua existência, é provável que a reafirmemos com outras palavras, mas uma reafirmação não está mais próxima da idéia do que o enunciado original. A reafirmação mostra apenas que a idéia não se identifica com uma única expressão. De fato, freqüentemente, ela é definida como algo comum a duas ou mais

expressões. Mas nós não alcançaremos esse "algo" mesmo que expressemos uma idéia de todas as maneiras concebíveis.

Outra resposta comum é o apelo às imagens. Diz-se que a idéia é aquilo que passa pela mente do falante, aquilo que o falante vê, ouve e sente quando ele está "tendo" a idéia. Foram tentadas explorações dos processos mentais subjacentes ao comportamento verbal pedindo-se aos pensantes para que descrevessem experiências dessa natureza. Mas apesar de alguns exemplos selecionados terem sido por vezes convincentes, apenas uma pequena parte das idéias expressas em palavras pôde ser identificada com o tipo de acontecimento físico sobre o qual repousa a noção de imagem. Um livro sobre Física é muito mais do que a descrição das imagens das mentes dos físicos.

Há, é óbvio, algo suspeito na facilidade com a qual descobrimos num conjunto de idéias precisamente aquelas propriedades necessárias para explicar o comportamento que as expressa. Nós, evidentemente, construímos as idéias à vontade, a partir do comportamento a ser explicado. Não há, é claro, uma verdadeira explicação. Quando dizemos que uma observação é confusa porque a idéia não é clara, parece que estamos falando acerca de dois níveis de observação, embora só exista, de fato, um único. É a *observação* que é confusa. Esta prática pode ter sido defensável quando as investigações acerca dos processos verbais eram filosóficas, e não científicas, e quando se pensava que uma ciência das idéias pudesse um dia ordenar melhor o assunto; mas hoje o assunto é encarado de outra forma. É função de uma ficção explicativa mitigar a curiosidade e levar a investigação a um fim. A doutrina das idéias teve esse efeito na medida em que ela parecia transferir problemas importantes do comportamento verbal a uma psicologia de idéias. Os problemas pareciam então ir além do alcance das técnicas do estudante de linguagem ou pareciam ter-se tornado excessivamente obscuros para qualquer estudo ulterior proveitoso.

Talvez hoje em dia ninguém mais seja enganado por uma "idéia" como uma ficção explicativa. Idiomas e expressões que parecem explicar o comportamento verbal em termos de idéias são tão comuns em nossa língua que é impossível evitá-las, mas elas podem ser pouco mais que figuras de retórica moribundas. A formulação básica todavia foi preservada. O sucessor imediato da "idéia" foi o "significado" e o lugar deste último está correndo o risco de ser disputado por um recém-chegado, a "informação". Todos esses termos têm o mesmo efeito, o de desencorajar uma análise funcional e o de copiar certas práticas inicialmente associadas com a doutrina das idéias.

Uma conseqüência funesta é a crença de que a fala tem uma existência independente do comportamento do falante. As palavras são encaradas como ferramentas ou instrumentos, análogos a marcas, fichas ou bandeiras de sinalização

que são, algumas vezes, empregadas para fins verbais. É verdade que o comportamento verbal comumente produz entidades objetivas. A gravação de uma fala, as palavras numa página, os sinais transmitidos por telefone ou telégrafo são registros produzidos pelo comportamento verbal. Como fatos objetivos, todos eles podem ser estudados, como já o foram ocasionalmente, pela lingüística, pela engenharia de comunicações, pela crítica literária e por outras disciplinas. Mas embora as propriedades formais dos registros das expressões vocais sejam interessantes, temos de preservar a distinção entre uma atividade e seus traços. Devemos, particularmente, evitar a formulação artificial do comportamento verbal como "uso de palavras". Não temos maiores razões para dizer que um homem "usa a palavra *água"* ao pedir para beber do que para dizer que ele "usa um instrumento de alcance" ao pegar o copo oferecido. Nas artes, nos ofícios, nos esportes, especialmente onde a instrução é verbal, os atos às vezes são nomeados. Dizemos que um jogador de tênis usa um drop stroke[2] ou que um nadador é campeão no estilo crawl. Mas provavelmente ninguém se enganará quando nos referimos a drop stroke e a crawl como coisas, mas as palavras são um assunto diferente. Uma compreensão errônea tem sido comum e freqüentemente desastrosa.

Uma prática complementar tem sido a de atribuir uma existência independente aos significados. O "significado", bem como a "idéia", tem sido entendido como algo que é expresso ou comunicado por uma expressão vocal. Um significado explica a ocorrência de um conjunto particular de palavras com o sentido de que, se houvesse um significado diferente a ser expresso, um conjunto diferente de palavras teria sido empregado. Uma expressão vocal será afetada dependendo de o significado ser claro ou vago, e assim por diante. O conceito tem certas vantagens. Onde quer que "idéias" (assim como "sentimentos" e "desejos", que são também considerados como exprimíveis por palavras) devam estar no interior do organismo, há uma possibilidade promissora de que os significados possam ser mantidos do lado de fora da pele. Nesse sentido, eles são tão observáveis como qualquer parte física.

Podemos nós, porém, identificar de uma forma objetiva o significado de uma alocução? Um argumento promissor pode ser apresentado no caso de nomes próprios e de alguns substantivos comuns, verbos, adjetivos e advérbios — palavras em relação às quais a doutrina das idéias dificilmente poderia ser sustentada por meio do apelo às imagens. Mas, e no caso de palavras como átomo, ou gen, ou menos um, ou o espírito do tempo, nas quais entidades não-verbais correspondentes não são facilmente discerníveis? E para palavras tais como todavia, contudo, embora

[2] Drop stroke, rebate curto do tenista, fazendo a bola cair logo depois de ter ultrapassado a rede; to crawl, "arrastar-se" e, também, modalidade de nado de peito. (N. da T.)

e ui! parece necessário procurar dentro do organismo a intenção, atitude ou sentimento do falante, ou qualquer outra condição psicológica.

Mesmo palavras que parecem preencher um padrão semântico exteriorizado apresentam problemas. Pode ser verdade que os nomes próprios mantêm uma correspondência biunívoca com as coisas, supondo-se que cada coisa tenha seu nome próprio, mas o que dizer dos nomes comuns? Qual é o significado de gato? É um gato a totalidade física de todos os gatos, ou a classe de todos os gatos? Ou devemos nós abrir mão da idéia de gato? Mesmo no caso dos nomes próprios a dificuldade permanece. Admitindo-se que haja um único homem chamado João, é o próprio João o significado de *João?* Certamente *ele* não é transmitido ou comunicado quando a palavra é usada.

A existência de significados torna-se ainda mais duvidosa quando passamos das palavras para os conjuntos que dizem alguma coisa. O que é dito por uma sentença é algo mais que o significado das palavras que a compõem. As sentenças não se referem apenas às arvores, ao céu e à chuva: elas dizem algo sobre eles. Este algo é às vezes chamado de "proposição" — que é um precursor algo mais respeitável da fala, mas muito semelhante à "idéia", a qual, segundo a antiga doutrina, era considerada algo que era expresso pela própria sentença. Definir uma proposição como "algo que pode ser dito em qualquer língua" não nos diz o que são as proposições, ou de que material elas são feitas. O problema também não se resolve definindo-se uma proposição como todas as sentenças que têm o mesmo significado que outra sentença qualquer, uma vez que não podemos identificar uma sentença como membro dessa classe sem conhecer seu significado — ponto, no qual nos vemos enfrentando nossos problemas originais.

Tem sido tentador buscar estabelecer uma existência separada para as palavras e os significados, pois com isso torna--se possível obter uma solução bastante elegante para certos problemas. As teorias do significado usualmente tratam de arranjos correspondentes de palavras e coisas. Como as entidades lingüísticas, de um lado, podem corresponder às coisas ou fatos que constituem seu significado de outro lado, e qual é a natureza da relação entre elas que chamamos de "referência"? Num primeiro relance, os dicionários parecem suportar as noções de tais arranjos. Mas os dicionários não fornecem significado; na melhor das hipóteses eles oferecem palavras que possuem o mesmo significado. O esquema semântico, tal como é concebido usualmente, tem propriedades interessantes. Os matemáticos, os lógicos e os teóricos da informação têm explorado amplamente os possíveis modos de correspondência. Por exemplo: em que medida podem as dimensões da coisa comunicada serem representadas nas dimensões do meio de comunicação? Mas falta mostrar que tal construção guarda uma semelhança próxima com os produtos das atividades lingüísticas genuínas.

De qualquer forma, tal prática negligencia propriedades importantes do comportamento original e levanta outros problemas. Não podemos, com sucesso, preencher um quadro de referência semântica recorrendo à "intenção do falante" até que uma explicação psicológica satisfatória da intenção tenha sido dada. Se o "significado conotativo" deve suplementar uma denotação deficiente, é necessário um estudo do processo associativo. Quando alguns significados são classificados como "emotivos", outro campo psicológico difícil e relativamente pouco desenvolvido é invadido. Todas essas tentativas constituem esforços para preservar a representação por meio da construção de categorias adicionais para palavras excepcionais. Elas constituem uma espécie de colcha de retalhos que conseguiu principalmente mostrar quão batida e gasta é a noção básica. Quando conseguimos fornecer o material suplementar necessário para esta representação do comportamento verbal, descobrimos que nossa tarefa foi proposta em termos embaraçosos, se não impossíveis. Os dados observáveis foram pré--esvaziados e o estudioso do comportamento viu-se a braços com "processos mentais" vagamente identificados.

O desejo de explicar o significado é facilmente compreensível. Perguntamos "O que você quer dizer?" porque a resposta é freqüentemente útil. O esclarecimento dos significados nesse sentido desempenha um importante papel em qualquer tipo de esforço intelectual. Para os fins do discurso efetivo, o método da paráfrase costuma ser suficiente; podemos não precisar de referências extraverbais. Mas não se deve permitir que a explicação do comportamento verbal gere um sentido de explicação científica. Não se explica uma observação pelo simples fato de parafrasear o "que ela significa".

Indubitavelmente, podemos definir idéias, significados, etc, de tal forma que eles poderiam se tornar cientificamente aceitáveis e até mesmo úteis na descrição do comportamento verbal. Mas tal esforço em conservar os termos tradicionais seria dispendioso. É a formulação geral que está errada. Nós procuramos as "causas" do comportamento que possuam um status científico aceitável e que, com sorte, possam vir a ser suscetíveis de medidas e de manipulação. Dizer que isto é "tudo o que se entende por" idéias ou significados é deturpar a *prática* tradicional. Precisamos encontrar as relações funcionais que governam o comportamento verbal a ser explicado; chamar tais relações de "expressão" ou "comunicação" é correr o perigo de introduzir propriedades e fatos enganadores e exteriores. A única solução é rejeitar a formulação tradicional do comportamento verbal em termos de significado.

Uma Nova Formulação

A direção a ser tomada em outra alternativa dita a própria tarefa. Nossa primeira responsabilidade é simplesmente descritiva: qual a topografia desta subdivisão do comportamento humano? Uma vez respondida essa questão, pelo menos de forma preliminar, podemos avançar para o estágio da explicação: que condições são relevantes para a ocorrência do comportamento — quais são as variáveis das quais ele é função? Uma vez identificados tais fatores, podemos explicar as características dinâmicas do comportamento verbal dentro de um quadro apropriado ao comportamento humano como um todo. Ao mesmo tempo precisamos considerar o comportamento do ouvinte. Relacionando-o com o comportamento do falante, completamos nossa explicação do episódio verbal.

Mas isto é apenas o começo. Uma vez estabelecido um repertório do comportamento verbal, uma porção de novos problemas surgem da interação de suas partes. O comportamento verbal é usualmente o efeito de múltiplas causas. Variáveis separadas combinam-se para ampliar seu controle funcional e novas formas de comportamento surgem da recombinação de velhos fragmentos. Tudo isso exerce influência sobre o ouvinte, cujo comportamento, por sua vez, exige análise.

Outro grupo de problemas surge do fato, freqüentemente apontado, de que um falante é também, normalmente, um ouvinte. Ele reage a seu próprio comportamento de várias maneiras importantes. Parte do que ele disse está sob o controle das outras partes de seu comportamento verbal. Referimo-nos a esta interação quando dizemos que o falante qualifica, ordena ou elabora seu comportamento no momento em que ele é produzido. A mera emissão de respostas constitui uma descrição incompleta quando o comportamento é composto. Outra conseqüência do fato de que o falante também é um ouvinte é que o comportamento do ouvinte se assemelha ao comportamento do falante, particularmente quando o ouvinte "entende" o que se diz.

O ouvinte e o falante, quando são uma única pessoa, se engajam em atividades tradicionalmente descritas como "pensamento". O falante manipula seu comportamento; ele o revê e pode rejeitá-lo ou emiti-lo de forma modificada. A extensão em que ele realiza tais atos pode variar amplamente, determinada tal variação em parte pela medida em que ele funciona como seu próprio ouvinte. O falante hábil aprende a modificar o comportamento fraco e a manipular variáveis que gerarão e reforçarão novas respostas em seu repertório. Tal comportamento é comumente observado nas práticas verbais da literatura bem como da ciência e da lógica. Uma análise dessas atividades, assim como de seus efeitos sobre o ouvinte, leva-nos finalmente ao problema do papel do comportamento verbal no problema do conhecimento.

Este livro descreve os principais traços de uma análise feita desse ponto de vista. A II Parte descreve a topografia do comportamento verbal relacionada com suas variáveis controladoras e na III Parte, algumas das conseqüências da interação de variáveis. A IV Parte descreve a manipulação do comportamento verbal no ato de composição, enquanto que a V Parte considera as atividades envolvidas na correção e na produção criativa de comportamento usualmente chamada pensamento verbal. Nenhuma suposição é feita acerca de qualquer característica exclusivamente verbal e os princípios e métodos empregados adaptam-se ao estudo do comportamento humano como um todo. Um tratamento extensivo do comportamento humano em geral, feito segundo o mesmo ponto de vista, pode ser encontrado alhures.[3] A presente explicação é auto-suficiente.

Um traço importante da análise que vamos empreender é que ela se volta para o comportamento do falante e do ouvinte individual; não recorremos a conceitos estatísticos baseados em dados obtidos com grupos. Mesmo com respeito ao falante e ao ouvinte individual pouco uso se fará de resultados experimentais específicos. Os fatos básicos a serem analisados são bem conhecidos de qualquer pessoa educada e não precisam ser confirmados estatisticamente ou experimentalmente no nível de rigor aqui tentado. Não se fez nenhum esforço no sentido de acompanhar a "literatura" relevante. A ênfase será dada a um conjunto de fatos bem conhecidos, de acordo com a formulação do comportamento derivada de uma análise experimental mais rigorosa. A atual extensão ao comportamento verbal é assim um exercício de interpretação, mais do que uma extrapolação quantitativa de resultados experimentais rigorosos.

A falta de rigor quantitativo é, até certo ponto, compensada pelo fato de que as condições a serem consideradas nesta análise devem, na medida do possível, ser accessíveis e manipuláveis. A formulação será eminentemente prática e sugerirá aplicações tecnológicas imediatas. Apesar da ênfase não ser experimental nem estatística, o livro não é propriamente um livro teórico no sentido comum. Ele não recorre a entidades explicativas hipotéticas. O objetivo último é a previsão e o controle do comportamento verbal.

---

[3] **Skinner, B. F.: Science and Human Behavior (Nova Iorque, 1954). V 4**

CAPÍTULO 2

PROBLEMAS GERAIS

O Comportamento Verbal Como Uma Variável Dependente

Nosso assunto é o comportamento verbal e devemos aceitá-lo na forma crua em que ele é observado. Ao estudar a fala, temos de explicar uma série de atividades musculares complexas que produzem ruídos. Ao estudar a escrita ou os gestos, lidamos com outros tipos de respostas musculares. Há muito tempo reconhece-se que este é o material com o qual são feitas as línguas, mas tal reconhecimento tem sido qualificado de forma a destruir o ponto principal. Como disse Jespersen[4] há muitos anos, "A única definição não impugnável de uma palavra é que ela é um hábito humano." Infelizmente, ele sentiu necessidade de acrescentar: "um ato habitual da parte de um indivíduo que tem, ou pode ter o efeito de evocar alguma idéia na mente de outro indivíduo". Da mesma forma, Bertrand Russel[5] afirma que "assim como saltar é uma classe de movimento... assim também a palavra 'cachorro' é [outra] classe", mas ele acrescenta que as palavras diferem de outras classes de movimentos corporais porque têm um significado. Nos dois casos algo foi acrescentado para uma descrição objetiva.

Tem-se dito freqüentemente que tal acréscimo é necessário, mesmo quando o comportamento não é verbal. Qualquer esforço para tratar o comportamento como um movimento das partes de um organismo enfrenta imediatamente a objeção de que não é o simples movimento que importa, mas o que o movimento significa, seja para o organismo que tem determinado comportamento seja para o observador.

---

4 Jespersen, O. Language (Nova Iorque, 1922).
5 Russel, B. Inquiry into Meaning and Truth (Nova Iorque, 1940).

Afirma-se comumente que podemos ver significado ou objetivo no comportamento e, portanto, não podemos omitir tal significado de nossa explicação. Mas o significado não é propriedade do comportamento enquanto tal, mas das condições sob as quais o comportamento ocorre. Tecnicamente, os significados devem ser buscados entre as variáveis independentes numa explicação funcional e não como propriedades da variável dependente. Quando alguém diz que pode perceber o significado de uma resposta, ele quer dizer que pode inferir algumas das variáveis das quais a resposta é uma função. A questão é particularmente importante no campo do comportamento verbal, onde o conceito de significado desfruta de tão grande prestígio.

Na definição de comportamento verbal como comportamento reforçado por intermédio de outras pessoas, não especificamos, nem o podemos fazer, qualquer forma, modo ou meio. Qualquer movimento capaz de afetar outro organismo pode ser verbal. Nós, provavelmente, escolhemos o comportamento vocal, não apenas porque é o mais comum mas também porque tem pouco efeito sobre o meio físico e porque é quase necessariamente verbal. Há porém linguagens escritas, linguagens por sinais e linguagens nas quais o "falante" estimula a pele do "ouvinte". O comportamento audível não vocal (por exemplo, bater palmas para chamar um criado ou tocar uma corneta) e os gestos são verbais, mesmo que não constituam uma linguagem organizada. O telegrafista hábil comporta-se verbalmente ao mover o pulso. Algumas dessas formas normalmente surgem apenas após o estabelecimento da forma vocal, mas isto não ocorre necessariamente. A escrita e a datilografia podem ser primordialmente verbais ou transcrições de uma forma vocal anterior. Indicar palavras é verbal, como aliás qualquer indicação, uma vez que só é eficaz quando altera o comportamento de alguém. A definição cobre também a manipulação de objetos físicos, realizada por causa de seu efeito sobre as pessoas, como por exemplo no caso dos adornos e das vestes cerimoniais. No caso de qualquer *médium,* o comportamento é ao mesmo tempo verbal e não-verbal: não--verbal, em seu efeito sobre o meio; verbal em seus efeitos últimos sobre o observador. A linguagem cerimonial, a linguagem das flores, das pedras preciosas, etc. são de pequeno interesse, porque possuem um vocabulário pequeno e pouca ou nenhuma gramática, mas, de qualquer forma, segundo os termos de nossa definição, elas são verbais. Por ser o comportamento verbal vocal a forma mais comum, podemos tratá-lo como representativo. Quando for necessário ou útil, problemas paralelos de outras formas poderão ser considerados.

Comportamento Vocal

O comportamento verbal vocal é executado por uma complexa musculatura: o diafragma, as cordas vocais, as falsas cordas vocais, a epiglote, a abóboda palatina, a

língua, a bochecha, os lábios e o maxilar. O mais completo registro de um único exemplo de uma locução seria o registro elétrico ou mecânico da ação de todos os músculos envolvidos. Neste momento, o interesse por tal registro é puramente teórico, uma vez que até agora não se fez nada semelhante. Felizmente, uma ciência do comportamento verbal não precisa esperar por isso. As complexas respostas musculares do comportamento vocal afetam o meio verbal pela produção da "fala" audível, um dado muito mais acessível.

O produto acústico do comportamento vocal verbal pode ser registrado fonograficamente. O disco assim gravado pode ser convertido numa forma visível e, para maior conveniência, analisado num espectro de graus de intensidade. O registro acústico é menos preciso que um registro da ação muscular, porque diferentes padrões musculares presumivelmente produzem o mesmo som, mas ao menos ele é exeqüível. Ele é também mais conveniente, porque usa menos termos ou dimensões. É provável que não se perca nada importante porque o cientista se coloca essencialmente na mesma posição que o ouvinte e, para muitos fins, pode ignorar qualquer propriedade do comportamento verbal que não produza diferenças na corrente sonora. Mesmo assim, um registro acústico revela-nos mais do que usualmente queremos saber, exceto quando os detalhes acústicos devem ser especialmente destacados, e isso logo se torna difícil.

Outro tipo de registro tornou-se possível com a descoberta de que a fala podia ser dividida em seus sons componentes e pela descoberta de um alfabeto fonético para representar esses sons (Estes dois avanços, é claro, foram anteriores ao estudo científico). Uma amostra de comportamento verbal pode ser registrada colocando-se os símbolos apropriados numa ordem correspondente, tal como é feito, apesar de inexatamente, ao se escrever com o alfabeto inglês. No que nos interessa, tal registro torna simplesmente possível identificar algumas das propriedades acústicas de uma alocução. A transcrição permite que o leitor construa um fac-símile do comportamento, o qual terá sobre a comunidade verbal o mesmo efeito que a amostra original. Este tipo de registro é prático e econômico porque um número indefinido de acontecimentos acústicos diversos pode ser representado por meio de um pequeno número de símbolos.

Este uso de um alfabeto "fonético" não acarreta nenhum compromisso acerca do significado funcional das unidades identificadas. Podemos usar a grafia inglesa para registrar cantos de pássaros *(to-whit, to-whoo,* ou *peewee)* ou os ruídos de coisas inanimadas *(pop* e *boom),* no sentido de que ao ler registros em voz alta reconstruímos um fac-símile razoável dos cantos ou ruídos originais. Mas isto não quer dizer que os pássaros ou os tambores falem segundo "fonemas" ingleses. A função analítica (mais do que a transcritiva) do fonema na lingüística moderna surge, por um lado, de uma incursão no domínio da fonologia, que não terá que ser feita aqui, e por outro, do estudo e comparação das práticas de comunidades verbais

em seu conjunto. O lingüista enfrenta os fatos seguintes: 1) numa comunidade verbal, as respostas *pin* e *bin* ocorrem em condições diferentes, enquanto que em outra comunidade verbal elas têm o mesmo efeito ou ocorrem nas mesmas condições; 2) numa comunidade verbal, as respostas *pit* e *bit* têm efeitos diferentes ou ocorrem sob circunstâncias diferentes, enquanto que em outra comunidade verbal elas têm o mesmo efeito ou ocorrem sob as mesmas circunstâncias; 3) nas comunidades em que *pin* e *bin* têm o mesmo efeito, *pit* e *bit* também têm o mesmo efeito; e onde as duas primeiras produzem efeitos diversos, as duas últimas também os produzem. Tais fatos apresentam problemas que se situam além da mera transcrição do comportamento verbal, porque incluem referências às condições de ocorrência do comportamento verbal ou aos efeitos produzidos no ouvinte. Trataremos aqui desses fatos adicionais de outra forma.

O registro de uma alocução num alfabeto fonético proporciona, é claro, menos informação acerca de suas propriedades do que um registro acústico, mas isto não acarretará objeções caso possamos mostrar que as propriedades preservadas são as propriedades efetivas do comportamento verbal. Isto nos leva a um princípio importante da análise do comportamento. Distinguimos entre um exemplo de resposta e uma classe de respostas. Uma única resposta, como um exemplo de atividade de um organismo, pode ser descrita na medida das facilidades de que se dispuser. Mas, quando deparamos com o problema da predição do comportamento *futuro,* pode ser impossível predizer os numerosos detalhes de um único exemplo ou fazê-lo, mais provavelmente, pode não ter importância. Tudo o que queremos saber é se ocorrerá ou não uma resposta de determinada classe. Por "determinada classe" entendemos uma resposta que apresente certas propriedades selecionadas. Podemos querer saber se um homem abrirá uma porta, e não como ele gira a maçaneta. Não que desprezemos os detalhes do girar a maçaneta por não estarem submetidos a uma lei ou por serem indeterminados; simplesmente, tratamos do fato de ele abrir a porta sem atentarmos para os detalhes. A propriedade do comportamento em virtude da qual classificamos uma resposta como "abrir uma porta" constitui nosso interesse principal. Da mesma forma, não precisamos conhecer todos os detalhes de uma resposta vocal desde que o padrão sonoro que ela produz obtenha certo efeito sobre uma comunidade verbal específica. Há muitas razões práticas e teóricas para que se registre e analise certos exemplos de comportamento verbal tão detalhadamente quanto possível, mas elas não coincidem com nossos interesses de previsão e controle do comportamento, pelo menos no estágio atual da ciência. O "fonema" foi um reconhecimento precoce do princípio da propriedade definidora de uma resposta. Infelizmente, para nossos objetivos atuais, a extensão do conceito para a lingüística histórica e comparativa obscureceu sua relevância para a definição da unidade do comportamento verbal no falante individual.

O problema do som da fala torna-se mais claro e, ao mesmo tempo, perde parte de sua importância quando comparamos outros modos de comportamento. Se o comportamento verbal nunca fosse vocal, não existiria a fonética ou a fonologia. Todavia, muitos dos problemas a serem considerados no estudo do comportamento verbal permaneceriam. Numa comunidade, na qual todo comportamento verbal fosse escrito, teríamos que identificar "marcas de fala" e descobrir suas propriedades geométricas essenciais. Se tal linguagem se assemelhasse à escrita moderna, teríamos que estudar um maior número de marcas que funcionariam como, digamos assim, a letra *a* para podermos identificar seus traços comuns e para descobrir que propriedades poderiam, para muitos fins, serem ignoradas. Se tal comunidade falasse apenas por meio de máquinas de escrever, a extensão de propriedades seria menor. A vantagem de uma extensão menor para o leitor, assim como para o cientista, pode ser percebida pela instrução, tão freqüente: "Por favor, use letras de forma." A grafologia proporciona uma "fonética" rudimentar do comportamento verbal escrito; também aqui os "significados" exigem outras técnicas de análise.

Uma "citação direta" é um registro de comportamento verbal que depende mais explicitamente de um conhecimento das condições em que ocorreu o comportamento. Freqüentemente, porém, ela é pouco mais que uma transcrição fonética ou acústica que permite ao leitor reconstruir propriedades relevantes do "comportamento original. O relato falado de que alguém disse "São quatro horas" reconstrói no momento um caso de comportamento verbal. Um registro escrito permite que o leitor o reconstrua por si mesmo.

Uma técnica que permita a reconstrução de um dado é pouco usual. A ciência geralmente não recorre a modelos ou à imitação; suas descrições dos fatos não se assemelham a esses fatos. No campo do comportamento não-verbal, realmente não relatamos o comportamento imitando-o. Todavia, ao falar uma linguagem que está sendo estudada, o cientista usa a imitação em vez de métodos mais usuais de descrição, que não mantém uma correspondência ponto por ponto com a coisa escrita. (Esta distinção será discutida mais adiante no Capítulo 5.) Russell[6] chamou a atenção para o fato de que exemplos raros de comportamento verbal, como o Juramento da Coroação ou o Pai-Nosso, possuem nomes próprios. Ele também menciona o método que se deve a Gõdel, pelo qual se atribuem números a palavras e, a partir daí, a todas as sentenças possíveis. O sistema de catalogação de uma biblioteca atribui nomes próprios (números identificadores) a amplas amostras do conhecimento verbal conhecidas como livros. Não é provável, todavia, que estes prenunciem um sistema descritivo no qual todas as respostas verbais venham a

---

6 Russell, B. Inquiry into Meaning and Truth (Nova Iorque, 1940),

receber nomes próprios que não tenham maior semelhança com as coisas nomeadas do que as existentes entre os fatos e suas descrições numa outra ciência qualquer.

Não importa quão tentadora possa ser a utilização da possibilidade especial de uma transcrição fonética ou de uma citação direta para reconstruir o comportamento que está sendo analisado; devemos acentuar que, do ponto de vista do método científico, uma expressão como *"São 4 horas"* é o nome de uma resposta. Não se trata, obviamente, da resposta que está sendo estudada, porquanto ela foi dada por alguma outra pessoa em outro lugar. Ela simplesmente se assemelha àquela resposta do ponto de vista da forma. As condições responsáveis pela resposta original podem não ter nada em comum com as condições responsáveis pela resposta do cientista que descreve. Esta prática, chamada hipóstase, é uma anomalia no método científico. Como disse Quine[7]: "Uma citação não é uma descrição, mas um hieróglifo; ela designa seu objeto não por meio de uma descrição em termos de outros objetos, mas representando-o." Quine fala aqui dos registros escritos do comportamento verbal escrito. Em nenhuma outra ciência isto é possível porque em nenhuma outra ciência os nomes e as coisas nomeadas possuem estrutura similares.

Uma citação é, usualmente, mais do que uma transcrição fonética ou acústica, mais do que um hieróglifo ou um nome. Em primeiro lugar, freqüentemente, embora não inevitavelmente, ela quebra em partes uma amostra claramente contínua de comportamento. Tais cortes não precisam refletir pausas atuais ou outras propriedades do padrão de tempo e de intensidade do comportamento. Ao citarmos um episódio falado, nós o separamos não apenas em sons da fala representados por letras, como também em unidades mais amplas, chamadas palavras ou sentenças, representadas por cortes especiais ou por pontuação. A diferença entre um registro fonético e uma citação direta pode ser percebida no treinamento exigido nos dois casos. Um pequeno repertório fonético é suficiente para transcrever a fala inglesa com vistas a uma reconstrução. Mas milhares de "palavras" diferentes devem ser aprendidas antes que citações diretas possam ser efetivamente escritas. O processo inclui, é claro, o aprender a soletrar bem como, particularmente, a distinção entre palavras homófonas. A habilidade em geral é adquirida durante o processo de aprendizagem da escrita e, uma vez adquirida, é amiúde considerada. Provavelmente, somos levados a desprezar o fato de que no momento está ocorrendo um processo de análise.

Somos também levados, muito provavelmente, a menosprezar o fato de que, numa citação direta estamos inferindo algo acerca das condições sob as quais uma resposta foi emitida, ou sobre efeitos característicos num ouvinte. Pode-se fazer uma

---

7 Quine, W. V. Mathematical Logic (Nova Iorque, 1940), p. 26.

transcrição fonética razoavelmente boa de uma língua que não se fala ou, como o estenógrafo mostra freqüentemente, de uma língua familiar sem todavia reagirmos a ela como um ouvinte. Mas as unidades de citação direta especificam as respostas verbais como unidades sob controle funcional. Ao fazermos uma distinção entre *through* e *threw* [8] ou entre *Send me two* e *send me, too* [9], estamos especificando ou as condições normais nas quais as respostas são dadas ou seus efeitos normais sobre o ouvinte. Nas citações *indiretas* dar-se-á maior ênfase a essas variáveis adicionais. *He said that he would go* [Ele disse que iria] permite apenas uma reconstrução muito grosseira de uma resposta verbal dada, pois apenas *go* sobreviveu do original possível *I will go* [Eu irei], e não poderíamos sequer ter certeza de que outra resposta característica da mesma situação não tivesse sido dada efetivamente. Mas sabemos, com alguma certeza, de que tipo de situação se tratava e que ripo de efeito a observação pode ter causado.

Uma Unidade de Comportamento Verbal

Do registro muscular ou acústico do comportamento verbal passamos, por meio da transcrição fonética, à citação direta e indireta. Na medida em que efetuamos essa passagem, guardamos cada vez menos informações sobre o exemplo específico. Esta perda de detalhes pode ser tolerada se as propriedades essenciais à previsão continuam a ser descritas. Ao mesmo tempo, começamos a acrescentar inferências ou fatos sobre as condições nas quais a resposta foi dada. Na tarefa de prever ou controlar o comportamento verbal devemos, é claro, levar em consideração tais variáveis adicionais, mas seu status deve ser esclarecido. As unidades tradicionais do comportamento verbal nunca fazem uma distinção clara entre o observado e o inferido. Vejamos, por exemplo, o conceito de "palavra". Tal como é usado pelo leigo e por muitos lingüistas, uma palavra pode ser uma simples alocução (" Quero dizer-lhe uma palavra" ou "A última palavra") ou uma subdivisão convencional de uma alocução ("O que seria dito em duas ou três palavras em inglês é freqüentemente dito com apenas uma em alemão") ou um símbolo objetivo real ou suposto ("escolher uma palavra" ou "juntar palavras") ou algo comum a dois ou mais modos de comportamento ("uma palavra pode ser dita ou escrita"). Com menos razão, nós até falamos da mesma palavra em duas línguas ("O Francês e o Inglês usam a mesma palavra para acordo: 'accord' "), ou em dois momentos histó-

---

[8] Mantivemos no original os exemplos dados. Trata-se de palavras com a mesma pronúncia com sentido e grafia diferentes, como em português "mal" e "mau". (N. da T.)

[9] Frases com pronúncia idêntica mas significado diferente: Envie-me dois"; "Envie-me, também". (N. da T.)

ricos da mesma língua, ou em duas formas afins ("diamante" é a mesma palavra que "brilhante"). Às vezes "palavra" parece significar apenas um padrão léxico ("a palavra 'rápido'").

Aquilo de que necessitamos para nossos objetivos atuais — e do qual a "palavra" tradicional se aproxima — é uma unidade de comportamento constituída por uma resposta de forma identificável funcionalmente relacionada com uma ou mais variáveis independentes. Em termos tradicionais, podemos dizer que necessitamos de uma unidade de comportamento definida em termos de "forma e significado". A análise do comportamento não-verbal esclareceu a natureza de tal unidade em condições de laboratório nas quais a conveniência da unidade pode ser submetida a rigorosas verificações. Uma extrapolação desse conceito para o campo verbal é fundamental para a análise representada pelo resto deste livro. Os tipos de comportamento nos quais estamos usualmente interessados têm, como vimos, um efeito sobre o meio, o qual por sua vez tem um efeito de retorno sobre o organismo. Tal comportamento pode ser distinguido das atividades primariamente relacionadas com a economia interna do organismo chamando as atividades que operam sobre o meio de "comportamento operante". Qualquer unidade de tal comportamento é convenientemente chamada de "operante". Para muitos fins, o termo "operante" pode ser permutado com a tradicional "resposta", mas os termos permitem-nos fazer uma distinção entre um *exemplo* de comportamento (Fulano fumou um cigarro entre 2:00 e 2:10 horas") e um *tipo* de comportamento ("fumar cigarros"). O termo 'resposta" muitas vezes é usado para os dois casos, apesar de não trazer o segundo significado muito claro. A descrição de um exemplo de comportamento não requer a descrição das variáveis relacionadas ou de uma relação funcional. O termo operante, por outro lado, está ligado com a previsão e o controle de um tipo de comportamento. Apesar de observarmos apenas exemplos particulares, estamos lidando com leis que especificam tipos.

A distinção dá origem à questão do formalismo. Uma resposta, como um exemplo, pode ser completamente descrita como uma *forma* de comportamento. Um operante especifica pelo menos uma relação com uma variável — o efeito que o comportamento caracteristicamente, se bem que não inevitavelmente, tem sobre o meio — e não é por isso uma unidade puramente formal. Uma especificação formal não pode ser evitada, desde que uma resposta só pode ser considerada um exemplo de operante por meio de uma identificação objetiva. Mas não basta a identificação. Como um exemplo de operante verbal, a resposta deve ocorrer como função de certa variável. Nesse sentido, podemos distinguir entre o operante *rápido* no qual a variável controladora é partilhada pelo operante *veloz,* e o operante *rápido* no qual a variável controladora é semelhante à do operante *fixo.*

Um problema sempre presente na análise do comportamento verbal *é* o da dimensão da unidade. As unidades lingüísticas padronizadas são de dimensões

variadas. Abaixo do nível da palavra jazem raízes ou, mais rigorosamente, as pequenas unidades "significativas" chamadas morfemas. Acima da palavra estão as frases, idiomas, sentenças, cláusulas etc. Cada uma delas pode ter unidade funcional como operantes verbais. Uma partícula de comportamento tão pequena quanto um único som pode estar sob controle independente de uma variável manipulável. (Veremos exemplos de tais operantes verbais atomizados mais tarde.) Por outro lado, um amplo segmento do comportamento — talvez uma frase como *vasta maioria* ou *quando tudo foi dito e feito* ou *a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade* ou toda uma sentença como *quem muito quer tudo perde* — podem variar sob controle unitário funcional semelhante. Apesar de partes desses operantes mais amplos terem a mesma forma que partes de outros operantes, ou mesmo de unidades completas, pode não haver interação funcional. Se isso pode parecer estranho para a análise lingüística tradicional, é preciso lembrar que o operante verbal é exclusivamente uma unidade de comportamento do falante individual. A unidade funcional de um amplo operante e a extensão em que a presença desse operante no repertório do falante pode afetar operantes de forma similar devem ser decididas a partir do estudo do comportamento deste falante. Nas práticas características de uma comunidade verbal, pode não ser possível estabelecer a unidade funcional de uma ampla amostra semelhante de comportamento.

Fizemos notar que um falante possui um repertório verbal no sentido de que respostas de várias formas de tempo em tempo, aparecem, em seu comportamento relacionadas com condições identificáveis. Um repertório, como uma alocução de operantes verbais, descreve o comportamento verbal potencial de um falante. Perguntar onde está um operante verbal quando uma resposta não está sendo emitida é o mesmo que perguntar onde está o movimento do joelho quando o médico não está batendo na rótula. Um repertório de comportamento verbal é uma construção conveniente. A distinção entre "operante verbal" e "palavra" pode ser comparada à existente entre "repertório verbal" e "vocabulário". Diz-se que uma pessoa possui um vocabulário de tantas mil palavras quando estas são observadas em seu comportamento verbal durante certo período de tempo. Mas um vocabulário muitas vezes é encarado como um depósito de ferramentas inanimadas a partir do qual o falante faz uma seleção apropriada quando fala. O que se leva em consideração aqui não é apenas que certas formas específicas de comportamento verbal são observadas, mas que elas são observadas cm circunstâncias específicas. Estas circunstâncias controladoras acrescentam um caráter dinâmico ao "repertório" que falta ao "vocabulário".

Probabilidade de Resposta

Algumas partes do repertório verbal surgem mais provavelmente que outras. Esta probabilidade é um conceito importante, se bem que difícil. Nosso dado básico não é a ocorrência de uma dada resposta enquanto tal, mas a probabilidade de que ela venha a ocorrer num certo momento. Cada operante verbal pode ser concebido como tendo, sob circunstâncias específicas, uma probabilidade de emissão que pode ser determinada — emissão convenientemente chamada de sua "força". Baseamos a noção de força em vários tipos de evidência.

Emissão de Resposta

Se a resposta é emitida, o operante provavelmente é forte. Todavia, a emissão é um sinal melhor de força se as circunstâncias são pouco comuns. Num tipo de lapso verbal, por exemplo, a resposta que se introduz ou que deforma o comportamento (Ver Capítulo 11) não é apropriada para a situação imediata, mas apesar disso surge como especialmente forte. A resposta que aparece em circunstâncias ambíguas, difíceis ou não-apropriadas, mas não é um lapso, provavelmente é forte pela mesma razão. O cientista que continua a falar sobre seu trabalho durante um emocionante jogo de futebol ou num barulhento trem de metrô e o conversador compulsivo que não toma conhecimento de interrupções evidenciam repertórios especialmente fortes. Outras formas de comportamento verbal, por exemplo, o escrever — apresentam evidência do mesmo tipo.

Entre as circunstâncias pouco comuns que evidenciam força podemos incluir estímulos verbais inadequados: do fato de uma pessoa ver seu nome numa relação escrita pouco clara ou muito sintética, ou ouvir seu nome em meio a uma conversação barulhenta, podemos inferir a força de seu nome em seu próprio repertório.

Nível de Energia

A emissão de uma resposta constitui uma medida de tudo ou nada. Ela nos permite inferir a força apenas em termos da adequação das condições em que ocorre a emissão. Um segundo tipo de evidência sugere-nos que a força está numa escala contínua que vai de zero até um valor muito alto. Uma resposta pode ser executada com certa energia, que não deve ser confundida com "força" como sinônimo de "probabilidade". A energia parece variar com a probabilidade e muitas vezes é aceita

como medida de força.[10] Um enérgico e prolongado NÃO! não é apenas uma resposta forte, mas sugere uma forte tendência em responder, tendência que não seria facilmente dominada por forças competitivas. Por outro lado, um tímido e breve NÃO é aceito como um exemplo de um operante fraco, do qual inferimos alguma inadequação nas variáveis independentes. Uma energia relativa permite inferência semelhante. Da resposta um "papagaio VERMELHO" concluímos que a cor vermelha era de especial importância para o falante, enquanto que de um "PAPAGAIO vermelho" inferimos a importância especial do papagaio em si mesmo como uma variável. Sob certas circunstâncias pode ocorrer uma rápida mudança no nível de energia, tal como o caso do Sr. Winkle nos *Pickwick Papers,* o qual pouco antes de submergir num sonho alcoólico gritou:

> *Que venha mais uma garrafa, começando com voz alta e terminando baixinho.*

Outras propriedades do comportamento verbal variam com o nível de energia. Em níveis baixos, a parte da resposta que cai de tom chega até o sussurro. No outro extremo da linha outras propriedades topográficas são afetadas. Provavelmente por causa do mecanismo do aparato da fala, o grau de intensidade do nível de uma resposta tende a variar com a energia. Sendo o resto igual, quanto mais alta a resposta, mais alto o grau de intensidade. Por isso, o grau de intensidade pode às vezes ser tomado como indicador de força. No comportamento de crianças pequenas, as "observações apropriadas" a uma ocasião social emitidas em voz baixa e quase inaudível, em contraposição aos gritos emitidos ao brincar, sugerem uma ordem de valores possíveis. Outras formas de comportamento verbal apresentam em geral uma extensão mais limitada. No comportamento verbal escrito, algumas indicações de força podem ser encontradas no tamanho das letras, na pressão da pena, nos itálicos etc. Alguma concessão a características comparáveis se faz pelo modelo do tipo empregado. Estes são hoje expedientes convencionais, embora guardem algum traço de uma variação original da força operante.

Velocidade

Outra propriedade do comportamento verbal emitido é a velocidade com a qual as partes sucessivas da amostra se seguem uma às outras, ou a velocidade com que a resposta aparece depois que a ocasião para sua emissão tenha surgido. Admite-se em geral a implicação de que um comportamento verbal forte é rápido e que hesitação revela pouca força. Uma resposta pronta indica que o falante estava "fortemente

---

[10] **É possível que energia e probabilidade variem, uma em função da outra, apenas depois que a energia da resposta tenha sido diferencialmente reforçada (ver Science and Human Behavior, p. 95).**

inclinado a dá-la"; uma demora na resposta nos leva a suspeitar que algo está possivelmente errado nas circunstâncias controladoras. A fraqueza pode dever-se a um comportamento competitivo. Um homem absorvido na leitura de um livro pode demorar vários segundos para responder a um chamado ou a uma pergunta. Em crianças pequenas, nas quais o comportamento verbal é franco porque ainda está sendo adquirido, atrasos de minutos são por vezes observados. Uma criança de 13 meses já havia adquirido a resposta *Luz.* Certa ocasião lhe foi mostrada uma luz e perguntaram-lhe: "O que é isso?" Ela não deu qualquer resposta durante, pelo menos, um minuto e desistiu-se da tentativa de levá-la a responder. Ela já havia voltado a brincar quando a resposta surgiu claramente. Em comportamentos patológicos pode haver atrasos ainda maiores. Um registro antigo de um caso se encontra em Head[11], que pediu a um de seus pacientes afásicos que contasse, isto é, que repetisse a ordem numérica. O paciente não respondeu durante dez minutos, quando então, subitamente, começou: Um, dois, três, quatro,... Às vezes, inferimos a força do comportamento verbal de alguém com quem nos correspondemos a partir da velocidade com a qual uma carta é respondida, e traços de velocidade na caligrafia proporcionam uma evidência semelhante. Gestos frenéticos demonstram velocidade na resposta em outra forma de comportamento.

Repetição

Uma terceira indicação possível de uma relativa força é a repetição imediata de uma resposta. Em vez de dizer *NÃO!* com grande energia alguém pode dizer *Não! Não! Não!* Uma forma de repetição indiscriminada está implícita na forma *Mil vezes não!.* Energia e repetição podem combinar-se. Ocasionalmente, pode-se observar o declínio da força em respostas sucessivas, que vão paulatinamente diminuindo de energia, intensidade e velocidade: *NÃO! não! não!* A repetição é aparentemente responsável por uma classe de expressões que envolvem uma ênfase especial; por exemplo: *Venha, venha, venha,* e *Agora, agora.* Expressões como *again and again* [muitas vezes], *round and round* [vezes sucessivas] e *milhas e milhas* são complicadas por um princípio adicional, mas provavelmente revelam também o efeito da força. *Um engano muito, muito triste* funciona no lugar de *Um engano MUITO triste.* A repetição pode ser diluída por um comportamento interposto. Na resposta, *Não, não é, Não foi nada,* a força excepcional da forma *não* é evidente em sua repetição.

[11] **Head, Henry: Aphasia (Nova Iorque, 1926).**

Limitações da Evidência de Força

É fácil superestimar a significação desses indicadores. Se duas ou mais propriedades do comportamento indicam a mesma coisa, elas devem variar juntas: mas energia, velocidade e repetição nem sempre satisfazem a essa exigência. Classificamos as pessoas de acordo com a força geral de seus comportamentos verbais, de uma forma que sugere que nossas medidas estão intimamente associadas. Por exemplo: a pessoa prolixa (quando *é* prolixa) fala alto, depressa e se repete, enquanto o taciturno fala devagar, baixo e raramente repete. Mas nas respostas isoladas essas medidas se alteram por outras circunstâncias e as exceções devem então ser explicadas. Por exemplo: uma resposta mal memorizada pode tardar por causa de sua fraqueza mas, durante a demora o caráter aversivo da situação cresce e quando, finalmente, ela é emitida, o nível de energia pode ser alto. A aparente discrepância entre retardamento e força exige uma explicação especial.

Outra complicação é que nossas medidas — nível de energia, rapidez da resposta e mesmo repetição — entram na construção de diferentes *formas* de resposta. Em inglês, isto não apresenta maior dificuldade. Níveis absolutos de altura e intensidade não são "distintivos", nem tampouco são importantes os níveis de altura relativa. Mudanças de altura, todavia, distinguem diferentes tipos de alocução. A energia da resposta não pode ser tomada como um indicador inevitável de força na medida que ela serve para tornar DE-sert (deserto) uma resposta diferente de de-SERT (sobremesa). O prolongamento de um som não significa necessariamente força quando ele surge como "quantidade", nem tampouco a reduplicação é sempre um exemplo útil de repetição de forma.

Energia, velocidade e repetição são afetadas por condições especiais de reforço. Falamos mais alto com um surdo e mais devagar com um bobo e, nos dois casos, repetimos. A repetição pode tornar-se necessária num lugar barulhento. (Ouça! Ouça!) Quando nosso interlocutor está longe, aumentamos a energia e o nível da voz e prolongamos cada som quando isso é possível. Uma resposta rápida e alta obterá mais resultado numa situação competitiva, por exemplo, numa sala de aula. Podemos admitir condições especiais desse tipo na avaliação de qualquer medida dada apenas inferindo a força operante, não do fato de que alguém fala alto, mas do fato que esse alguém fala mais alto do que o faria normalmente *nas mesmas circunstâncias.* Há algum consolo na averiguação de que mudança» de força devidas a essas condições especiais freqüentemente exageram a força "natural". Elas podem nos levar a confundir a importância relativa de um indicador, mas não sua direção ou sinal.

Infelizmente, outros tipos de conseqüência opõem evidências normais de força. Valores extremos de qualquer uma dessas propriedades interferem no efeito sobre o ouvinte. A comunidade verbal, como uma coleção de ouvintes, força a fala a um

certo padrão de velocidade, energia e repetição. Se a criança fala alto, é corrigida. Se ela murmura, recomenda-se para que fale alto. Se suas palavras brotam aos tropeços, recomenda-se que seja mais ponderada. Repetir-se é considerado má forma, mas a dupla negativa, que é apenas o resultado inocente de um NÂO forte, é considerado ilógico e não-gramatical

Mas se os indicadores são obscurecidos por esses interesses conflitantes, evidências de força continuam a sobreviver. Continuamos a fazer inferências práticas acerca do comportamento do falante a partir de sua energia, velocidade e repetição. Um completo nivelamento com vistas à monotonia é impossível de ser alcançado e a comunidade, de fato, se opõe a isso. Em alguns tipos de comportamento verbal — por exemplo, quando se lê alto — a variável controladora gera um comportamento de um nível razoavelmente constante de força. Exceto no caso de respostas pouco familiares ou mal aprendidas, um texto normalmente não reforça uma resposta mais do que outra. Mas uma série de respostas de energia e velocidade uniformes não é eficiente no que toca ao ouvinte. Por isso, o leitor é levado a introduzir sinais espúrios de força. Ele lê como se seu comportamento tivesse sido determinado, não por um texto, mas por um conjunto de variáveis semelhantes às da fala "real". Ora, é significativo que ele faça isso modulando a intensidade, a energia e a velocidade. A partir desses indicadores de força, o ouvinte infere um conjunto de condições determinantes. O leitor revelou uma boa "interpretação".

Nós também proporcionamos indicadores por outras razões. Se nos mostram uma apreciada obra de arte e exclamamos *Que beleza*! a velocidade e a energia da resposta não serão desperdiçadas com o proprietário. Podemos acentuar o efeito por meio de repetição: *Que beleza, que beleza! Verdadeiramente, uma beleza!* Isto é percebido de forma tão clara por qualquer pessoa que tornou-se parte de uma cultura simular características de força, quer as variáveis independentes apropriadas estejam presentes ou não — quer o quadro proporcione ou não uma ocasião na qual tal comportamento verbal seria naturalmente forte. Dificilmente isso se daria se o significado de nossos indicadores tivesse sido inteiramente obscurecido por outras considerações.

Freqüência Alta

Um terceiro tipo de evidência é a alta freqüência com que uma resposta aparece numa extensa amostra de comportamento verbal. Por exemplo: o número de vezes que um falante emite *Eu, meu, mim, minha é* usado para indicar a força de seu comportamento com relação a si mesmo como variável controladora — seu "egocentrismo" ou "conceito". Outras respostas têm sido usadas para indicar outros temas. Com tal medida se pode mostrar que os interesses de um escritor mudam de ano para ano — que ele se torna mais ou menos preocupado com o sexo, a morte

ou com qualquer outro assunto. A prática reconhece a noção geral de uma probabilidade variável de resposta e a relevância de uma alta freqüência ao medi-la, mas tais interpretações dependem de certos pressupostos, que nem sempre são justificados.

A contagem de palavras é, muitas vezes, uma tentativa de desenvolver uma análise puramente formal da variável dependente isolada. O comportamento verbal é estudado sem se levar em conta as circunstâncias em que foi emitido. Mas, apesar de ser útil saber que uma resposta de uma certa forma é freqüentemente emitida, é também importante conhecer as condições predominantes. Desde que nossa unidade de análise não é puramente formal, não podemos ter certeza de que todos os exemplos de uma resposta são exemplos do mesmo operante, nem podemos ter certeza de que a freqüência não possa ser atribuída à freqüência de ocorrência de variáveis de controle. No caso do egocentrismo, o próprio falante está sempre presente e a mudança de sua inclinação para falar sobre esse assunto pode ser significativa; mas uma resposta como *neve* deve variar, podemos presumir, de acordo com a estação. Uma mudança de freqüência pode não refletir uma mudança de tendência em " falar sobre a neve quando ela está presente", mas apenas outras circunstâncias. Mesmo a freqüência de respostas, tais como *Eu, mim, meu e minha,* pode variar como uma função do ouvinte a quem se destina o comportamento verbal. A menos que saibamos que tal ouvinte permanece presente ou ausente, uma mudança de freqüência não pode ser usada para se inferir dela uma tendência subjacente em emitir tais formas.

Apesar de a alta freqüência ser um dado interessante e até mesmo satisfatório, ela se afasta de nosso programa de lidar com o falante individual numa dada ocasião. Seus dados são mais relevantes para estudos de práticas características de uma dada comunidade verbal e, por isso, mais apropriados para as preocupações comuns dos lingüistas. Todavia, pode-se usar às vezes tais dados para inferir processos característicos do falante individual.

Probabilidade de Exemplo Isolado

Apesar de a língua inglesa conter muitas expressões que sugerem que o conceito de probabilidade de uma resposta é um conceito familiar e útil, permanecem certos problemas a serem resolvidos para que ele possa ser empregado na análise do comportamento. Em condições de laboratório, a probabilidade da resposta é facilmente estudada num organismo individual como freqüência de resposta. Em tais condições, mudanças de freqüência podem ser apontadas como funções precisas de variáveis específicas, e tais estudos fornecem alguns dos fatos mais fidedignos disponíveis sobre o comportamento. Mas precisamos caminhar do estudo das freqüências para a consideração da probabilidade de um fato isolado. O problema

não é apenas próprio do campo do comportamento. Ele é básico onde quer que os dados de uma ciência sejam probabilísticos, e isto significa as ciências físicas em geral. Apesar de os dados sobre os quais tanto o leigo como o cientista fundamentam seus conceitos de probabilidade surgirem sob forma de freqüência, ambos querem falar acerca da probabilidade de ocorrência de um único acontecimento. Nos últimos capítulos deste livro, consideraremos a maneira pela qual diversas variáveis, combinam num dado momento, contribuem para dar força a uma dada resposta. Ao fazer isso, pode parecer que estejamos indo além de uma interpretação da probabilidade em termos de freqüência; todavia, nossa evidência para a contribuição de cada variável baseia-se exclusivamente na observação das freqüências.

Variáveis Independentes e Processos Correlatos

A probabilidade de que uma resposta verbal de determinada forma venha a ocorrer num dado momento constitui o dado básico a ser previsto e controlado. Esta é a variável "dependente" numa análise funcional. As condições e acontecimentos para os quais nos voltamos com vistas a conseguir previsão ou controle — as "variáveis independentes" — precisam agora ser consideradas.

Condicionamento e Extinção

Qualquer operante, verbal ou de outro tipo, adquire força e continua a ser mantido quando as respostas costumam ser seguidas por um acontecimento chamado "reforço". O processo de "condicionamento operante" é mais evidente quando o comportamento verbal é adquirido inicialmente. Os pais constroem um repertório de respostas na criança reforçando muitos casos particulares de uma resposta. Obviamente, uma resposta deve aparecer pelo menos uma vez antes de ser fortalecida pelo reforço. Isto não quer dizer, todavia, que todas as formas complexas do comportamento do adulto estejam no repertório vocal não-condicionado da criança. Os pais precisam esperar pelo surgimento da forma final. Respostas muito intrincadas podem ser construídas no comportamento de um organismo por meio de um processo que pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo. Decidimos condicionar um pombo a caminhar em sua gaiola segundo um padrão que obedecia ao modelo de um 8. Admitamos que o pombo esteja faminto e que podemos apresentar imediatamente a comida como um reforço conveniente. Não precisamos esperar até que a figura 8 surja inteira para reforçar o comportamento. Começamos reforçando qualquer secção isolada do comportamento que seja parte do modelo final. No caso de o pombo permanecer relativamente imóvel, podemos ter que começar reforçando o mais leve movimento. A ave torna-se ativa em pouco tempo,

apesar de tal atividade não obedecer a qualquer padrão determinado. Em seguida, suspendemos o condicionamento até que a ave comece a se mover numa direção como, por exemplo, o sentido do movimento dos ponteiros do relógio. O menor movimento nessa direção é imediatamente reforçado. Posteriormente, o reforço é suspenso até que um movimento extenso seja executado. Movimentos circulares completos surgirão em breve. Isto constitui metade do resultado desejado. O operante é então parcialmente extinto, enquanto os reforços são suspensos até que a ave se mova em direção contrária ao movimento dos ponteiros do relógio. Pode ser necessário reforçar ocasionalmente um movimento feito segundo a direção dos ponteiros do relógio. Eventualmente a ave fará voltas completas nas duas direções. As duas partes do padrão escolhido estão agora disponíveis, mas não ainda na ordem desejada. Podemos agora esperar por um padrão correspondente ao número 8 antes de proporcionar novo reforço. Em condições favoráveis, o desempenho final relativamente complexo pode ser adquirido num curto espaço de tempo.

Ao ensinar uma criança a falar, as especificações formais sobre as quais o reforço é contingente são, no começo, muito suaves. Qualquer resposta que se aproxime vagamente do comportamento padrão da comunidade é reforçada. Quando tais respostas começam a surgir com maior freqüência, passa-se a exigir maior precisão. Desta maneira, podem-se obter formas verbais muito complexas. (Veremos, no capítulo 4, que há outras maneiras de se provocar um resposta complexa para que se possa reforçá-la. Este método de aproximações progressivas usualmente é relevante apenas nos estágios iniciais de construção de um repertório verbal.)

Se as contingências do reforço são, por qualquer razão, abrandadas ou relaxadas, as propriedades da resposta verbal sofrem uma mudança em outra direção. A degeneração das formas de comando militar é um exemplo. Consideremos um sargento com um novo esquadrão que deve ser condicionado a obedecer-lhe às ordens. O sargento começa com uma resposta verbal empregada pela comunidade verbal mais ampla, por exemplo, a resposta *Marche!* De início, esta resposta precisa ser claramente enunciada, mas em breve o esquadrão executa a resposta apropriada independentemente de muitas especificações do comando, em parte porque outros aspectos da situação começam a controlar o comportamento. A forma da resposta então se degenera de maneira característica e eventualmente pode atingir o estágio de uma simples expulsão forçada de ar com alguma vocalização, mas com pouca ou nenhuma forma. Apenas porque o comportamento apropriado do esquadrão sobrevive à deterioração do comportamento do sargento é que a forma final é eficaz. O esquadrão, enquanto grupo de ouvintes, foi progressivamente recondicionado. Um novo esquadrão, todavia, pode trazer de volta uma forma de comportamento mais específica por parte do sargento.

As conseqüências do reforço continuam a ser importantes depois que o comportamento verbal foi adquirido. Sua principal função é manter a força da

resposta. A freqüência com que um falante emitirá uma resposta depende, o resto sendo igual, da alta freqüência do reforço numa dada comunidade verbal. Se o reforço cessa, em virtude de alguma mudança de circunstância, o operante enfraquece e pode mesmo desaparecer pela "extinção".

Reforço operante, portanto, é um simples meio de controlar a probabilidade de ocorrência de determinada classe de respostas verbais. Se desejamos tornar a resposta de um dado tipo altamente provável, providenciamos o reforço efetivo de muitos exemplos de tal tipo. Se desejamos eliminá-la do repertório verbal, providenciamos para que não haja mais reforço. Qualquer informação sobre a freqüência relativa de reforço característica de uma comunidade verbal dada é obviamente valiosa para a previsão de tal comportamento.

Controle do Estímulo

Uma criança adquire comportamento verbal quando vocalizações relativamente não-padronizadas, reforçadas seletivamente, assumem gradualmente formas que produzem conseqüências apropriadas numa dada comunidade verbal. Na formulação desse processo, nós necessitamos de mencionar estímulos que ocorram antes do comportamento a ser reforçado. É difícil, se não impossível, descobrir estímulos que evoquem respostas vocais específicas na criança muito jovem. Não há estímulo capaz de fazer uma criança dizer *b* ou *a* ou *e* da mesma forma que podemos levá-la à salivação pingando limão em sua boca ou fazer suas pupilas se contraírem por meio de um raio de luz. A matéria bruta a partir da qual o comportamento verbal é construído não é "elidida". Para reforçar uma dada resposta é preciso apenas esperar que ela ocorra.

Todavia estímulos anteriores são importantes no controle do comportamento verbal. São importantes porque constituem uma contingência de reforço de três termos a qual pode ser expressa desta forma: na presença de um dado estímulo, uma dada resposta é caracteristicamente seguida por um dado reforço. Tal contingência constitui uma propriedade do meio. Quando ela prevalece, o organismo não só adquire a resposta que obtém o reforço, mas também torna-se mais propenso a emitir essa resposta na presença dos estímulos anteriores. O processo mediante o qual isto se constitui, chamado "discriminação de estímulo", tem sido extensivamente estudado no comportamento não-verbal. Numerosos exemplos serão descritos em capítulos posteriores.

Motivação e Emoção

Ainda que o reforço proporcione o controle de uma resposta, não usamos o reforço enquanto tal quando posteriormente exercemos controle. Reforçando com açúcar,

fortalecemos a resposta *Açúcar!,* mas a resposta só será emitida quando a criança estiver faminta de açúcar. Assim sendo, controlamos a resposta, não por meio de reforços adicionais, mas privando ou saciando a criança com açúcar. Respostas não-verbais são controladas da mesma maneira. Quer uma porta seja aberta por meio de "Torça a maçaneta e empurre" ou por meio de *Fora!,* nós tornamos a resposta mais ou menos provável alterando a privação associada com o reforço de passar pela porta. Se a resposta foi reforçada de várias maneiras diferentes, podemos controlá-la mudando não a privação, mas o reforço iminente. Nós aumentamos a probabilidade de um homem vir a atravessar uma sala colocando um objeto comumente reforçador na outra extremidade. Removendo tal objeto, ou melhor, colocando-o próximo do homem, reduzimos a probabilidade de que ele venha a atravessar a sala.

Quando um operante é adquirido, ele torna-se membro de um grupo de respostas que varia juntamente com a privação relevante. Um homem obtém um copo de água de muitas maneiras: pegando um copo de água, abrindo um torneira, vertendo água de uma jarra, etc. O operante verbal *Água!* torna-se membro desse grupo quando é reforçado com água. As probabilidades de todos os operantes assim reforçados variam juntas. Respostas de todas as classes aumentam sua probabilidade de ocorrência quando privamos o homem de água ou o levamos a perder água — por exemplo, induzindo-o a exercícios violentos, alimentando-o com sal, que deve ser eliminado, ou aumentando a temperatura do ambiente, provocando-lhe a transpirado. Por outro lado, tornamos tais respostas menos prováveis de ocorrer pelo fato de levar o homem a beber grande quantidade de água.

Tais operações são designadas pelo leigo como criadoras ou mitigadoras de "um estado de sede". Tal concepção é apenas tão válida ou útil na previsão e controle quanto a observação sobre a qual repousa. Os acontecimentos importantes constituem as operações que modificaram o estado de sede. Ao prever e controlar a resposta verbal *Água!* nós não mudamos diretamente a sede; nós iniciamos certas operações que a modificaram. É mais simples omitir qualquer referência a um "impulso" e dizer que a probabilidade de uma resposta *Agua!* pode ser modificada por meio dessas operações.

Suponhamos, todavia, que nosso falante, além de beber água, a tenha usado para apagar incêndios. Até termos verificado esse ponto, não podemos ter certeza de que uma resposta adquirida quando ele foi reforçado com água por estar sedento será emitida quando o cesto de papéis se incendiar. Se há alguma conexão funcional, ela deve ser buscada em certos fatos comuns ao beber água e ao apagar um incêndio. Se a resposta *Água!* foi reforçada pela estimulação visual proporcionada pela água antes do que pela água na boca, e se tal estimulação desempenha um papel no controle do comportamento de apagar um incêndio, então a resposta adquirida apenas sob privação de água pode ocorrer no caso de um desastre. O grupo de operações que

afetam a força de *Água!* sugere, na linguagem comum alguma *"necessidade geral de água"* mais do que sede. Mas teremos que examinar todos os comportamentos nos quais a água desempenha um papel para definirmos essa necessidade. Podemos dizer que aumentamos a força de qualquer resposta que tenha sido reforçada com água, inclusive a resposta verbal *Água!,* fortalecendo qualquer comportamento que "requeira água para sua execução". (Em termos mais técnicos, este comportamento seria descrito como qualquer comportamento sob o controle da água como um estímulo discriminativo.)

Controle Aversivo

Há outros tipos de conseqüências que alteram a força de uma resposta verbal. O comportamento pode ser reforçado pela redução do estímulo aversivo. Quando um estímulo aversivo é reduzido, chamamos o comportamento de *fuga.* Quando algumas condições que caracteristicamente precedem um estímulo aversivo são reduzidas, nós as chamamos de *evitação.* Assim, se a resposta verbal *Vare!* é reforçada quando acarreta a suspensão de uma injúria física, a resposta é um exemplo de fuga. Mas *Não toque em mim!* pode ser reforçado quando acarreta a suspensão de uma ameaça de tal injúria — de fatos que foram previamente seguidos de tal injúria e que daí por diante condicionaram estímulos aversivos — e o comportamento é então chamado de evitação. Quando o falante teve uma história de tal reforço, controlamos seu comportamento verbal criando as circunstâncias apropriadas. Levamo-lo a dizer *Pare!* espancando-o, ou a dizer *Não toque em mim!* ameaçando-o com um espancamento.

Uma descrição completa do comportamento verbal do falante individual leva-nos a observar outras variáveis no campo da motivação e da emoção, mas os processos aqui são raros, se é que isso ocorre alguma vez, e relacionam-se apenas com o comportamento verbal. Alguns pontos relevantes serão discutidos no capítulo 8.

O Ouvinte e o Episódio Verbal Total

Nossa definição de comportamento verbal aplica-se apenas ao falante, mas o ouvinte não pode ser omitido de nossa descrição. O conceito tradicional de comportamento verbal, discutido no Capítulo 1, admitia geralmente que certos processos lingüísticos básicos eram comuns ao falante e ao ouvinte. Processos comuns são sugeridos quando se admite que a linguagem acorda na mente do ouvinte "idéias presentes na mente do falante", ou quando a comunicação é tida como bem sucedida só quando uma expressão tem o "mesmo sentido para o falante e para o ouvinte". Teorias do significado comumente são aplicadas tanto ao falante como ao ouvinte, como se o processo significativo fosse o mesmo para ambos.

Muito do comportamento do ouvinte não tem qualquer semelhança com o comportamento do falante, e não é verbal, de acordo com nossa definição.[12] Mas o ouvinte (bem como o leitor) está reagindo a estímulos verbais — os produtos finais do comportamento aqui analisado — e, naturalmente, estamos interessados no destino de tais estímulos. Por um lado, eles evocam respostas das glândulas e dos músculos lisos, pela mediação do sistema nervoso autônomo, especialmente as reações emocionais. Estes exemplificam os clássicos reflexos condicionados. Por outro lado, os estímulos verbais controlam grande parte do complexo comportamento do esqueleto com o qual o indivíduo opera sobre seu meio. Os processos relevantes nestas duas amplas áreas serão considerados a seguir, na medida do necessário. Em qualquer caso, o estímulo verbal não difere em nada de outras espécies de estímulos. O comportamento de um homem como ouvinte não deve ser distinguido de outras formas de seu comportamento.

Nosso interesse pelo ouvinte não é, porém, apenas um interesse em saber o que acontece aos estímulos verbais criados pelo falante. Numa descrição completa de um episódio de fala, precisamos mostrar que o comportamento do ouvinte proporciona de fato as condições que tínhamos suposto na explicação do comportamento do falante. Nós precisamos de descrições separadas, mas que se interliguem, tanto do comportamento do ouvinte como do falante, se nossa explicação do comportamento verbal tiver que ser completa. Na explicação do comportamento do falante, pressupomos um ouvinte que reforçará seu comportamento de determinadas maneiras. Na descrição do comportamento do ouvinte, pressupomos um falante cujo comportamento tem certa relação com as condições ambientais. As trocas entre eles devem explicar todas as condições assim pressupostas. A descrição de todo o episódio estará então completa.

[12] veremos adiante que, em muitos casos importantes, o ouvinte está ao mesmo tempo se comportando como falante.

Parte II

VARIÁVEIS DE CONTROLE

CAPÍTULO 3

O MANDO

Numa comunidade verbal dada, certas respostas são caracteristicamente seguidas por certas conseqüências. *Espere!* É seguido por alguém que espera e *Psiu!* é seguido de silêncio. Grande parte do comportamento verbal de crianças pequenas é deste tipo. *Doce! é* caracteristicamente seguido pelo recebimento de um doce e *Fora!* pela abertura de uma porta. Tais efeitos não são inevitáveis, mas nós normalmente podemos achar para cada resposta uma conseqüência que é mais comum que qualquer outra. Existem paralelos não-verbais. *Fora!,* como vimos, tem como efeito último girar a maçaneta e empurrar a porta. As duas formas de comportamento tornam-se partes do repertório do organismo por meio de condicionamento operante. Quando uma resposta *é* caracteristicamente reforçada de uma forma, sua probabilidade de surgimento no comportamento do falante *é* uma função da privação associada, a esse reforço. A resposta *Doce* ocorrerá mais provavelmente após um período de privação de açúcar e menos provavelmente após a saciação. A resposta *Quieto! é* reforçada por meio da redução de uma condição aversiva, e podemos aumentar a probabilidade de sua ocorrência criando tal condição — isto é, fazendo algum barulho.

Será conveniente dar um nome para o tipo de operante verbal no qual a resposta de uma forma dada é caracteristicamente seguida por uma conseqüência dada numa comunidade verbal. A relação básica tem sido reconhecida nas análises gramaticais e sintáticas (expressões como "modo imperativo" e ordens e súplicas" sugerem a si mesmas), mas nenhum termo tradicional pode ser usado aqui com segurança. O termo *mando* tem certo valor mnemônico derivado de *comando, desmando,* etc, e possui também a conveniência de ser breve. Definiremos, pois, o *mando* como um operante verbal no qual a resposta é reforçada por lama conseqüência característica e esta, portanto, sob controle funcional de condições relevantes de privação ou estímulo aversivo. O uso adjetivo é verbal do termo são auto-explicativos.

Particularmente e em contraste com outros tipos de operantes verbais a serem.discutidos posteriormente, a resposta não tem uma relação específica com um .estímulo interior

Um *mando* caracteriza-se pela relação especial e única entre a forma da resposta e o reforço caracteristicamente recebido numa dada comunidade verbal. Convém também referirmo-nos a essa relação dizendo que um *mando* "especifica" o seu reforço. *Ouça!, Olhe!, Corra!, Pare!* e *Diga sim!* especificam o comportamento de um ouvinte; mas quando um comensal faminto exige *Pão!* ou *Mais sopa!* ele está especificando o reforço final. Freqüentemente, tanto o comportamento do ouvinte quanto o reforço final são especificados. O mando *Passe o sal!* especifica uma ação *{passe)* e um reforço_ final (o *sal).*

Um *mando* é um tipo de operante verbal singularizado por suas variáveis controladoras. Não é uma unidade formal de análise. Nenhuma resposta pode ser dada a um *mando* a partir apenas de sua forma. Como regra geral, para identificarmos qualquer tipo de operante verbal, precisamos conhecer o tipo de variáveis cuja resposta constitui uma função. Numa dada comunidade verbal, todavia, certas propriedades formais podem estar tão intimamente associadas com tipos específicos de variáveis que estas podem, seguramente, ser inferidas. No caso presente, podemos dizer que algumas respostas, apenas por causa de suas propriedades formais sejam provavelmente, *mandos.*

O padrão de resposta que caracteristicamente obtém o reforço depende, claro, da "linguagem" — isto é, das práticas de reforço da comunidade verbal (Ver Apêndice). Mas temos que explicar não apenas as relações entre padrões de resposta e reforços, mas também a manutenção do comportamento do *ouvinte.* Quando considerarmos outros tipos de operantes verbais, verificaremos que o comportamento funciona principalmente em benefício do ouvinte e, nesse caso, não é difícil explicar-lhe o comportamento. O *mando,* porém, funciona principalmente para benefício do falante; por que deveria o ouvinte realizar a mediação necessária do reforço?

O que precisa ser explicado, em outras palavras, é o episódio vocal em sua totalidade. Isto pode ser feito arrolando os acontecimentos relevantes do comportamento, tanto do ouvinte como do falante, em sua ordem temporal própria. A privação ou a estimulação aversiva, responsáveis pela força de cada um, precisam ser especificadas, e as contingências de reforço devem explicar a origem e a manutenção contínua do comportamento. Vários intercâmbios entre os dois organismos ocorrem freqüentemente.

A figura 1 representa um episódio em que uma pessoa pede pão à outra pessoa. O problema da motivação é explicado presumindo-se um falante esfomeado e um ouvinte já disposto a reforçá-lo com pão. A primeira troca física ocorre quando a

mera presença do ouvinte proporciona a ocasião (S^D)[13] para o *mando* do falante: *Pão, por favor!* O falante normalmente não emite a resposta quando não há alguém presente; mas, quando um ouvinte aparece, aumenta a probabilidade da resposta (Capítulo 7). A estimulação visual, e de outros tipos, proporcionada pelo ouvinte é indicada pela primeira ↑ no diagrama. A resposta do falante *(Pão, por favor]* produz um. estímulo verbal para o ouvinte. Aqui, a troca (o primeiro ↓↓) está na forma de estimulação auditiva, que proporciona a ocasião (S^{DV}) para a resposta não-verbal de passar o pão. Apesar de termos presumido um ouvinte predisposto a dar pão ao falante, o comportamento não aparece de forma indiscriminada. O *mando* do falante *(Pão, por favor)* estabelece uma ocasião na qual o ouvinte pode, com êxito, dar pão. A troca do pão é indicada pela segunda ↑. O efeito sobre o falante é o de reforçar o *mando* pela apresentação do pão, e isto completa a descrição no que respeita ao falante. Todavia, constitui característica de muitas culturas o fato de o reforço bem sucedido do *mando* ser seguido por outra resposta verbal que visa assegurar comportamento semelhante do ouvinte no futuro. No diagrama, isto é indicado pela resposta verbal *obrigado.* Esta resposta está sob o controle da estimulação proporcionada pelas partes precedentes do episódio indicadas no diagrama como o segundo S^D. A estimulação auditiva (o segundo ↑↓) proporciona um estímulo reforçador para o ouvinte, estimulo que explica em parte o comportamento de passar o pão. Este estímulo verbal também pode contribuir para o surgimento de uma resposta verbal por parte do ouvinte (Não há de quê!) a qual, quando ouvida pelo falante, reforça a resposta *Obrigado*. Estas duas últimas trocas não constituem parte integral do episódio vocal que contém um mando; elas suplementam nossas suposições com relação à motivação dos dois indivíduos. (O efeito de uma resposta verbal que serve como reforço será discutido mais adiante, no Capítulo 6.)

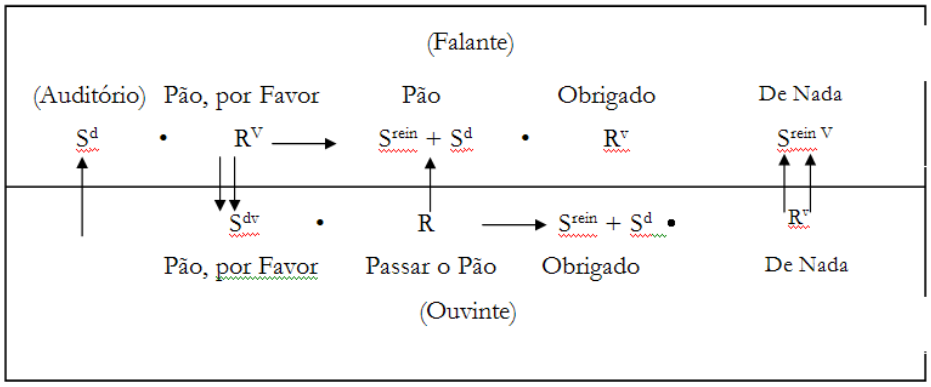


Figura 1

[13] S = estímulo, R = resposta. O sobrescrito indica termos verbais S^D é tecnicamente um estimulo discriminativo, isto é, não um estimulo eliciador.

Tipos de Mando

O *mando* representado na figura 1, na qual o ouvinte é independentemente motivado a reforçar o falante, chama-se comumente *pedido.* As respostas servem apenas para indicar que o falante aceitará o que o ouvinte já está disposto a dar. Trata--se, em outras palavras, de uma ocasião para uma dádiva bem sucedida. Freqüentemente, porém, a resposta do falante, além de especificar um reforço, pode precisar estabelecer uma situação aversiva, da qual o ouvinte só pode escapar proporcionando a apropriada mediação. Quando o comportamento do ouvinte é assim reforçado pela redução da ameaça, a resposta do falante é chamada de *ordem. Mãos ao alto!* não apenas especifica uma forma de ação, mas constitui uma ameaça da qual a vítima só pode escapar erguendo mãos. A ameaça pode ser expressa por uma entonação característica ou pode tornar--se explícita, como em *A bolsa ou a vida!* . Onde as duas primeiras palavras especificam o reforço e as duas últimas as conseqüências aversivas com as quais o ouvinte é ameaçado. As ordens militares são obedecidas por causa de uma espécie de ameaça constante.

Um paradigma mostrando a interação do ouvinte e do falante numa ordem é mostrado na Figura 2 Aqui também o primeiro intercâmbio é do ouvinte com o falante. A presença do ouvinte constitui a ocasião para o comportamento verbal (S^D), e também nesse caso um estímulo aversivo (S^{av}) cuja fuga será proporcionada pela resposta do falante. Digamos que o ouvinte esteja no caminho do falante. A resposta *Saia da frente!* especifica uma ação por parte do ouvinte e sua entonação constitui uma ameaça. Ouvida pelo ouvinte (em ↓↓), essa resposta evoca a resposta apropriada saindo de lado, o que, abrindo caminho para o falante, reforça-lhe o *mando.* O reforço é também ocasião para uma mudança em seu comportamento, possivelmente muito evidente, em virtude da qual a ameaça é afastada. Essa mudança reforça o ouvinte a sair do caminho (em ↓).

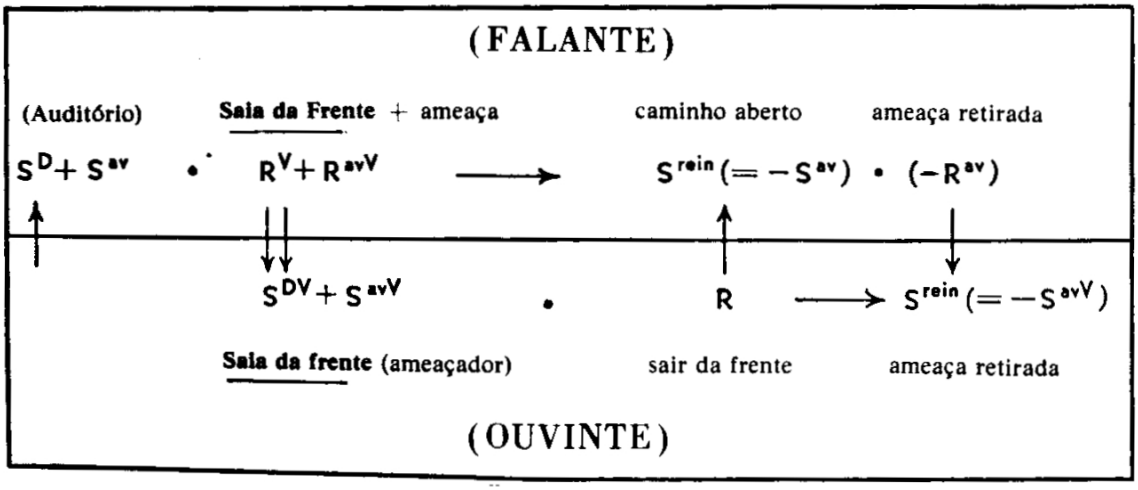


Figura 2

Há outras formas mediante as quais o falante pode alterar a probabilidade de o ouvinte vir a responder de forma apropriada. Um *mando* que proporcione reforço gerando uma disposição emocional é comumente chamado de *pedido* ou *suplica.* Uma *questão* é um *mando* que especifica a ação verbal, e o comportamento do ouvinte permite-nos classificá-la como uma solicitação, uma ordem ou um pedido, conforme o caso.

Na figura 3 admitimos não só que o ouvinte proporciona um publico para o falante como também cria uma situação na qual o falante será reforçado ao lhe dizerem o nome do ouvinte. O mando do falante Qual é seu nome? torna-se (no primeiro ↓↓) um estimulo verbal para o ouvinte, que responde, quer por causa de uma tendência permanente de responder ao falante, quer por causa de uma ameaça implícita na resposta deste, ou ainda porque o falante o predispôs emocional-mente a responder. Sua resposta em ↑↑ completa o paradigma para o falante, mas serve também como ocasião para a resposta Obrigado, a qual completa o paradigma para o ouvinte, se necessário. Se o falante controlou o ouvinte principalmente por meio de estimulação aversiva, Obrigado pode ser substituído por um visível relaxamento da ameaça.

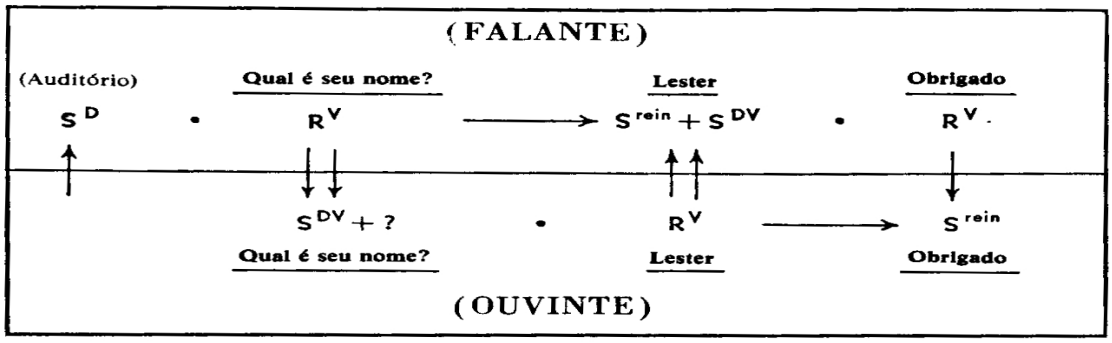


Figura 3

(Uma análise desse tipo parece violentar as dimensões temporais do comportamento. Todos os acontecimentos representados num desses paradigmas podem ocorrer em dois ou três segundos. Os acontecimentos descritos *podem* ocorrer num breve período e nós podemos demonstrar a realidade de tal cadeia interrompendo-a em qualquer ponto. A função do paradigma entrelaçado é a de controlar a perfeição de nossa descrição do comportamento verbal. Os comportamentos do falante e do ouvinte teriam sido descritos convenientemente? Identificamos estados apropriados de privação ou de estimulação aversiva em todos os casos? Conseguimos representar corretamente o intercâmbio físico entre os dois organismos? Nessa descrição do episódio vocal é preciso notar que não se recorre a algo além dos comportamentos separados do ouvinte e do falante. Ao admitir as condições fornecidas por um ouvinte analisamos o comportamento do falante e

vice-versa. Colocando os dois casos juntos, construímos o episódio total e mostramos como ele surge naturalmente e se completa.)

Vários outros casos de *mandos* podem ser distinguidos em termos do comportamento do ouvinte. Ao mídiar o reforço do falante, o ouvinte desfrutará ocasionalmente de conseqüências das quais, aliás, o falante não participa mas que são, não obstante, reforçadoras. Quando estas se constituem de reforço positivo, chamamos o *mando* de *conselho (Vá para o Oeste).* Quando, realizando o comportamento especificado pelo falante, o ouvinte escapa de uma estimulação aversiva, nós chamamos o *mando* de *aviso (Cuidado!).* Quando o ouvinte já está inclinado a agir de certa forma, mas é refreado, por exemplo, por uma ameaça, o *mando* que cancela a ameaça é chamado de *permissão (Vá em frente! Prossiga!).* Quando o reforço gratuito do comportamento do ouvinte é ampliado pelo falante, o *mando* é chamado de *oferecimento (Pegue um grátis).* Quando o falante, caracteristicamente, emite outro comportamento que pode servir de reforço ao ouvinte, o *mando* é uma *chamada* — ou um pedido de atenção, ou um "vocativo".

A classificação do comportamento do falante em termos das características do comportamento mediador do ouvinte pode ser diferenciada da tradicional prática de definir pedidos, ordens, avisos, conselhos, permissões, ofertas e chamadas em termos da intenção do falante. Em geral, as intenções podem ser reduzidas a contingências de reforço. No caso presente, as diferenças nítidas residem no comportamento do ouvinte e nas condições que o controlam. Mas isso resulta em diferentes contingências de reforço para o falante, as quais produzem diferentes propriedades dinâmicas, diferentes relações entre as respostas, diferentes entoações, etc.

Desde que o comportamento verbal, sob a forma de *mando,* opera principalmente em benefício do falante, mandos repetidos podem provocar no ouvinte uma revolta. É comum suavizar ou esconder-se o caráter do *mando.* A resposta *Água!* não tende a ser tão bem sucedida quanto *Estou com sede!,* cuja forma é caracteristicamente do tipo de operante verbal a ser descrito no Capítulo 5, ou *Pode dar-me um pouco d'água?,* que parece especificar apenas o menos oneroso dos atos, que é dizer *Sim!* (O pretexto fica claro se ou ouvinte diz simplesmente *Sim!) Você se importaria de me dar um copo d'água?* também especifica apenas uma resposta verbal *(Não, de forma nenhuma),* mas o *mando* implícito pode ser eficaz por causa da sugestão de deferência à inclinação do ouvinte. Deferência explícita aparece em fórmulas como *Se você não se importa* ou simplesmente *Por favor.* Quando acentuadas, elas podem converter um mero pedido numa suplica mais forte.

Pode-se também ampliar a inclinação do ouvinte em responder pela adulação, demonstrando gratidão ou propondo uma barganha, como em *Dê-me um copo d'âgua, meu bom homem.* O Pai-Nosso, mistura de *mandos* e de louvores, segue esse

padrão. O louvor pode-se tornar condicional na dependência da execução do reforço, como em *Seja bonzinho e me dê um copo d'água,* que pode ser traduzido assim: *Só se você me der um copo d'água eu o chamarei de bom rapaz.* A gratidão pode ser suspensa até que o ouvinte responda, como em *Eu lhe agradeço por me dar de beber.* Às vezes, recorre-se a uma barganha aberta, como em *Dê-me um copo d'água e eu lhe contarei tudo a respeito.* A abundância de tais técnicas suplementares apenas destaca a precariedade do reforço do *mando.*

Qualquer resposta usada conjuntamente com diferentes *mandos* especificando diferentes reforços, ficam sob o controle de diferentes privações e adquirem certas propriedades gerais. *Por favor* é o exemplo mais conhecido. Ela é reforçada por qualquer estado de privação e é freqüentemente emitida sem qualquer especificação do comportamento reforçador. *Mandos* de menor generalidade incluem as formas enfáticas. *Assim! Agora! Aqui!* etc., nas quais a conseqüência comum é a resposta do ouvinte de prestar atenção. Desde que o comportamento subseqüente do ouvinte pode ser relevante para muitos estados de privação, essas respostas colocam-se sob um controle muito amplo. *Mandos* generalizados reforçados pela atenção do ouvinte são freqüentemente usados em conjunção com outros tipos de comportamento verbal, que veremos posteriormente.

A relação do *mando é* mais clara quando está no controle exclusivo de uma resposta, mas ela é também eficiente em combinação com outros tipos de variáveis. Um homem faminto pode mostrar uma alta freqüência de respostas as quais, se fossem *mandos,* seriam consideradas como especificando comida, mesmo que surgissem em condições que claramente sugerissem outros tipos de operantes verbais a serem descritos abaixo. Tal "causação múltipla" de uma única resposta é tratada no Capítulo 9.

Propriedades Dinâmicas do Mando

O nível de energia do *mando* pode variar do muito alto ao muito baixo, e a rapidez com que ele é emitido, quando surge a ocasião, também pode variar de muito rápida a muito lenta. Se o padrão é de duração considerável, ele pode ser executado de forma lenta ou rápida. Se o reforço não é imediatamente acessível, a resposta pode ser emitida uma só vez, ou pode ser repetida. Essas propriedades variam em conseqüência de muitas condições da história passada e presente do falante. Particularmente relevantes são o nível de privação, a intensidade da estimulação aversiva e a extensão pela qual um dado ouvinte, ou alguém como ele, reforçou respostas semelhantes no passado (ou se recusou a fazê-lo). Tais condições têm um efeito relativamente maior sobre o *mando* do que sobre outros tipos de comportamento verbal, a serem discutidos em capítulos posteriores. A larga gama

de propriedades dinâmicas daí resultante torna o *mando* um tipo expressivo de operante.

A probabilidade e intensidade do comportamento do ouvinte também pode variar amplamente. Se o ouvinte já não está predisposto a agir, a probabilidade de ele ser o mediador do reforço pode depender da eficiência da estimulação aversiva proporcionada pelo falante. Alguns ouvintes estão acostumados a receber ordens — eles já sentiram as conseqüências aversivas não-condicionadas do não-cumprimento das mesmas — e respondem de forma apropriada a *mandos* simples. Outros são mais predispostos a reagir a formas mais suaves. A entonação, a altura ou outra indicação de que o falante proporcionará conseqüências aversivas têm um efeito apropriado. É menos provável que um pedido hesitante ou fraco seja reforçado. Uma resposta alta e ameaçadora é mais provavelmente reforçada, dependendo apenas da força relativa do ouvinte e do falante. Deve-se notar que os *mandos* são característicos de muitas instruções hipnóticas e a medida do auxílio ou da cooperação que o sujeito fornece ao hipnotizador dependerá dos tipos de variáveis aqui consideradas. As variáveis que aí interferem dependem da autoridade ou do prestígio do falante.

O resultado claro de uma longa história de respostas a *mandos* constitui uma tendência geral, não facilmente traçável, ate qualquer forma de privação ou de estimulação aversiva. O ouvinte se vê obrigado e pode não ter consciência disso. (Ver Capítulo 5). Um experimento planejado por F. S. Keller para uma situação de sala de aula ilustra este ponto. O instrutor diz: "Antes de recapitular [summing up] estas influências, há uma adicional [additional] que deve ser mencionada. Posso ilustrar melhor isto com um exemplo." Nesse ponto ele se volta para o quadro negro e escreve:

5

_4_

Faça-o No Papel

Quando o número dos que multiplicaram, no primeiro caso, é comparado com o número dos que multiplicaram no segundo verificamos que quase sempre há um número maior de multiplicação no segundo caso. As palavras sublinhadas que, obviamente, não foram destacadas nas instruções, exerceram algum controle sobre o comportamento do ouvinte.

4

3

Tratamento Tradicional

No tratamento tradicional do comportamento verbal o "significado" de um *mando* é presumivelmente o reforço que caracteristicamente se segue a ele. O significado de *Doce! é o* tipo de objeto freqüentemente produzido por essa resposta. Mas "o que é comunicado" parece ser a "necessidade que o falante tem de açúcar", necessidade que se refere ao estado controlador de privação. O conceito do *mando,* ou do operante verbal em geral, reconhece explicitamente tanto a contingência de reforço e privação quanto a estimulação aversiva, e *é* livre para lidar com essas variáveis da maneira mais apropriada sem tentar identificar uma relação de referência ou um processo de comunicação.

Afora estas questões semânticas, a formulação acarreta algo do ônus da gramática e da sintaxe ao tratar das propriedades dinâmicas do comportamento verbal. O *mando,* obviamente, sugere o modo *imperativo,* mas os *interrogativos* também são *mandos,* como muitas das *interjeições* e *vocativos,* e alguns *subjuntivos* e *optativos.* As classificações tradicionais sofrem de uma mistura dos níveis de análise. Revelam principalmente a influência dos sistemas descritivos formais, nos quais as sentenças são classificadas sem qualquer (ou com pouca) referência ao comportamento do falante. É aqui que as deficiências da gramática e da sintaxe numa análise causai são mais óbvias. Faltam técnicas apropriadas. Como disse Epicteto: "Quando você tiver que escrever a seu amigo, a gramática lhe dirá como fazê-lo; mas a gramática não lhe dirá se você deve ou não escrever a seu amigo." O uso do *mando* como unidade de análise não quer dizer que o trabalho da análise lingüística possa ser evitado, mas simplifica nossa tarefa, isolando o comportamento do falante individual como um objeto de estudo e proporcionando técnicas apropriadas.

Ao escolher entre sistemas descritivos com base na simplicidade e na eficiência, a maior familiaridade com o tratamento clássico não deve pesar. Consideremos, por exemplo, a seguinte citação:

> *Em muitos países, tem-se observado que muito cedo as crianças usam um m longo (sem vogal) como sinal de que querem algo, mas nós dificilmente acertaríamos ao supor que originalmente o som era emitido pela criança com esse sentido. Elas não o usam conscientemente até perceberem que os adultos, ao ouvirem o som, acorrem para descobrir o que a criança deseja.*[14]

Apesar de esta passagem ser considerada algo que constitui um ponto inteligível em conexão com um episódio descrito de forma inteligível, há muito ainda por ser

[14] Jesperson, O.: Language (Nova Iorque, 1922), p. 157.

feito. Esta não e a descrição mais vantajosa para *todos os aspectos envolvidos*, pois os termos psicológicos que ela contém trazem à baila muitos problemas.

Nos termos atuais, como deveria ter traduzido estes aspecto? expressão "usa um *m* longo como sinal de que deseja algo" torna-se "emite o som *m* num dado estado de privação ou de estimulação aversiva". A expressão "o som não tem originalmente esse sentido" torna-se "a relação entre o som e o estado de privação ou de estimulação aversiva é inato ou, pelo menos, de origem anterior, e a resposta não é verbal, de acordo com nossa definição". "Elas não o usam conscientemente... " transforma-se em "Ele não é condicionado como uma resposta verbal... ". E "... até que vejam que os adultos, ao ouvirem o som, acorrem para descobrir o que a criança deseja" torna-se "... até que a emissão do som leve os ouvintes a proporcionar os reforços apropriados a uma privação particular". A passagem completa poderá ser traduzida assim:

> *"Tem-se observado que muito cedo uma criança emite o som m em certos estados de privação ou de estimulação aversiva, mas nós dificilmente acertaríamos chamando tal resposta de verbal, nesse estágio. Ela é condicionada como um operante verbal apenas quando as pessoas, ao ouvirem o som, acorrem e proporcionam o reforço apropriado".*

A distinção entre respostas aprendidas e não-aprendidas *é* mais facilmente feita em termos de história do reforço do que em termos de significado e uso consciente. Um exemplo significativo é o choro. No recém-nascido, o comportamento vocal desse tipo é claramente uma resposta não-condicionada. Durante algum tempo, o choro é função de vários estados de privação e de estimulação aversiva. Mas quando o choro torna-se caracteristicamente seguido da atenção dos pais, o que o reforça, ele pode transformar-se num comportamento verbal, de acordo com nossa definição. Ele tornou-se uma unidade de comportamento diferente, porque agora está sob o controle de variáveis diferentes. E também adquiriu, provavelmente, propriedades diferentes, pois os pais reagem de forma diversa a diferentes entonações e intensidade de choro.

A simplicidade de tal tradução difere da simplicidade da descrição original. A tradução é simples, porque seus termos podem ser definidos em relação a operações experimentais e porque ela é consistente em face de outras afirmações relativas ao comportamento verbal e não-verbal.

A descrição original é simples, porque é familiar e apropriada para discursos casuais. Trata-se da diferença entre a simplicidade sistemática da ciência e a compreensibilidade fácil do leigo. Os *Principia* de Newton não eram simples para o homem do povo, mas num sentido eles eram mais simples do que qualquer coisa que o homem comum pudesse dizer acerca do mesmo assunto.

O Mando Prolongado

Um *mando* assume uma dada forma por causa das contingências de reforço mantidas pelo ouvinte ou pela comunidade verbal como um todo. As condições estimuladoras que prevalecem quando tal resposta é emitida e reforçada não interferem na definição da unidade. Quando um *mando é* reforçado por uma redução dos estímulos aversivos condicionados ou não-condicionados, os estímulos que ocorrem antes da resposta devem, é claro, ser levados em conta, mas eles desempenham uma função diferente dos estímulos aqui considerados. Os estímulos que afetam o falante antes da emissão do comportamento verbal são amiúde importantes e jamais são completamente irrelevantes, como veremos nos capítulos seguintes. A probabilidade de emissão de uma resposta é maior quando as condições estimuladoras se assemelham muito às que prevaleceram antes do reforço. Mas as circunstâncias presentes ou passadas não precisam ser idênticas; todavia, nenhum aspecto da situação presente, que se assemelha à situação ao tempo do reforço, pode ser suposta como algo que contribui para a probabilidade da resposta.

Um exemplo de estímulo prolongado se verifica quando as pessoas *mandam* no comportamento de bonecas, de criancinhas ou de animais não-treinados. Estes "ouvintes" não podem reforçar o comportamento de uma forma característica. Todavia, eles possuem um número suficiente de coisas em comum com os ouvintes que antes proporcionaram reforço para controlar a resposta, pelo menos quando esta revela uma força apreciável. O fato de o reforço ser improvável ou impossível pode afetar as propriedades dinâmicas. A resposta pode ser fraca, ou emitida de forma excêntrica, ou acompanhada por uma observação apropriada (Capítulo **12**). Por outro lado, tal comportamento ocorre freqüentemente quando seus aspectos "irracionais" não são vistos pelo falante. Nós adquirimos e retemos a resposta *Pare!* porque muitos ouvintes paralisam sua atividades, quaisquer que elas sejam, quando a emitimos, mas, como resultado, podemos dizer *Pare!* a um carro com freios defeituosos ou a uma bola de bilhar que ameaça cair numa das bolsas da mesa de jogo.

O mesmo processo ocorre no caso extremo de emissão de *mandos* na ausência de ouvintes. O homem solitário, que está morrendo de sede, com voz entrecortada pede *Água!* Um rei, sozinho num campo de batalha, gritou *Um cavalo, um cavalo, meu reino por um cavalo!* Tais respostas são "irracionais" na medida em que não podiam ter qualquer efeito sobre o meio no momento, mas o processo subjacente é legal. Através de um processo de estímulos induzem-se situações que, semelhantes a situações anteriores, chegam a controlar o comportamento e, em caso extremo, uma resposta muito forte é emitida quando nenhum estímulo comparável pode ser detectado.

Existem muitos exemplos familiares não-verbais de indução de estímulos. É verdade que não se pode abrir uma porta sem a porta, ou comer uma refeição sem a mesma, mas, num estado de grande força, partes dos comportamentos, mesmo dos mais práticos, ocorrem na ausência da estimulação necessária para uma execução apropriada. O jogador de beisebol que deixou cair a bola num momento crucial pode imitar o arremesso correto com a mão vazia. Uma pessoa sedenta pode "fingir" que bebe um copo vazio. Muitos gestos surgem como originários de extensões "irracionais" de respostas práticas. O guarda de trânsito estende a mão, com a palma para fora, em direção a um carro que se aproxima, como se pretendesse parar o carro por meios físicos. O gesto funciona como uma resposta verbal, mas exemplifica a extensão de uma resposta prática mediante a indução de estímulos numa situação na qual o reforço normal é impossível. O comportamento verbal pode libertar-se mais facilmente do controle do estímulo porque, por sua própria natureza, não requer apoio; isto é: nenhum estímulo precisa estar presente para dirigi-lo ou formar importantes elos na cadeia de respostas.

Mandos Supersticiosos

Existem mandos que não podem ser explicados sob a alegação de que respostas da mesma forma foram reforçadas sob circunstâncias semelhantes. Por exemplo: o jogador de dados diz: *Que venha o sete!* mesmo que em nenhuma outra ocasião ele tenha pedido e recebido um sete. A explicação parece ser a de reforço acidental da resposta. O estudo experimental do comportamento não-verbal revelou que o simples reforço intermitente, tal como o que é proporcionado pelo lançamento ocasional do sete, é suficiente para manter a força de uma resposta. O jogador pode admitir prontamente que não há conexão mecânica entre sua resposta e o comportamento do dado, mas mantém a resposta com alguma força e continua a proferi-la, seja seriamente seja por capricho, sob uma tensão suficiente por causa de suas "conseqüências" ocasionais. Os mandos que especificam o comportamento dos objetos inanimados muitas vezes recebem algum reforço nesse sentido. A resposta [Sopra, Sopra, vento hibernai] *Blow, hlow, thou winter Wind,* por exemplo, é usada quando o vento já está soprando e a correlação entre o comportamento e o efeito, apesar de espúrio, pode determinar uma mudança na força do operante.

Outros *mandos* "irracionais" devem sua força a efeitos colaterais não-especificados estritamente na forma da resposta. Muitas respostas "mandam" comportamentos emocionais mesmo quando, por causa das maneiras especiais pelas quais tal comportamento é condicionado, respostas emocionais verdadeiras da parte do ouvinte não podem ser executadas por ordem. O mando *Oh! enxugue as lágrimas!* não tem qualquer efeito sobre a secreção lacrimal. Não podemos estabelecer um paradigma semelhante ao da Figura **1**, no qual o *mando* tenha a forma de *Chore, por favor!,*

porque não podemos completar a descrição do ouvinte. Todavia, uma resposta verbal pode constituir parte de um padrão mais amplo, o qual, por outras razões, produz lágrimas no ouvinte ou leitor sensíveis. A entonação e outras propriedades são importantes para eliciar o comportamento emocional, e um falante emotivo suplementará suas respostas com efeitos sonoros muito generosos. Nós não dizemos *Anime-se!* com um tom monótono, pois não podemos esperar que o *mando* sozinho tenha efeito sobre o ouvinte. Pronunciada adequadamente, todavia, tal resposta pode ter um efeito. O processo geral não é característico do *mando,* e o mesmo resultado, freqüentemente (e talvez com mais facilidades) é obtido sem a forma do *mando.*

O Mando Mágico

Há mandos que não podem ser explicados, mostrando-se que eles jamais tiveram o efeito especificado, ou qualquer outro efeito similar, em ocasiões semelhantes. O falante parece criar novos *mandos* por analogia com os antigos. Tendo sido bem sucedido ao *mandar* manteiga e pão, ele passa a *mandar* geléia, mesmo que jamais a tenha obtido por este meio. O *Milton, thou shouldst be living in this hour* [Milton deveis estar vivo há esta hora], mesmo que nunca se tenha dirigido eficazmente á Milton, nem tenha conseguido ressuscitar ninguém antes com uma resposta similar. A relação especial entre resposta e conseqüência exemplificada pelo *mando* estabelece um padrão geral de controle sobre o meio. Em momentos de suficiente pressão, o falante simplesmente descreve o reforço apropriado a um estado de privação ou de estimulação aversiva. A resposta, é claro, deve necessariamente fazer parte de seu repertório verbal como outro tipo de operante verbal (Capítulos 4 e 5).

Este tipo de *mando* ampliado pode ser chamado de *mando* mágico. Ele não esgota o campo da magia verbal, mas constitui o exemplo mais comum. Entusiasmados com nosso sucesso em circunstâncias favoráveis de reforço, nós nos propomos a mudar o mundo sem benefício do ouvinte. Incapazes de imaginar como o universo poderia ter sido criado a partir do nada, conjeturamos que ele tenha sido feito por meio de uma resposta verbal. Foi necessário apenas dizer, com suficiente autoridade *Let there be light!* [Faça-se a luz!] A forma *let é* tirada de situações nas quais ela foi eficaz *{Let me go, Let him have it:* "Deixe-me ir", "Deixe-o ter"), mas não especificamos o ouvinte que tornará esse exemplo eficaz.

O *desejo* assume muitas vezes a forma de *mando* e deve ser classificado como um *mando* mágico, se as conseqüências especificadas nunca ocorreram como resultado de comportamento verbal semelhante. O falante pode especificar algum estado de coisas reforçador, quer para si mesmo *(O to be in England, notv that April's there!)* [Oh! estar na Inglaterra agora que abril chegou!] quer para outrem *{Feliz Aniversário.).* Quando se *amaldiçoa,* o *mando* especifica circunstâncias punitivas. A

imprecação é mais claramente um *mando* quando envolve o fato de o ouvinte providenciar seu próprio castigo; *Salte no lago! é,* de algum modo, mais explícito enquanto *modus operandi* do que *Azar pra você!*

A forma *poder* está associada a *mandos* de várias maneiras. *You may go* [Você pode ir] é uma permissão (em contraste com *You can go* [Você pode ir] e, como vimos, a permissão é um tipo de *mando, May I go* [Posso ir?] é um *mando* para a ação verbal, *mando* que terá a forma de uma permissão.

Em (possivelmente I *may (possibly) go* [Eu posso ir] ou *Maybe i'll go* [Talvez eu vá] *may* [posso] é um exemplo de um tipo de comportamento verbal (a ser discutido no Capítulo 12) próximo ao *mando.* Em [Possa você ser sempre feliz] *May you always be happy* ou "[Possa você sofrer os tormentos de Jó] *May you suffer the torments of Job* a forma é um tipo de *mando generalizado* (cf. *Por favor).* Na forma ampliada *I wish that* [Desejo que] ou *My wish is that* [Meu desejo é que], você possa ser sempre feliz, o *may* [possa] guarda a mesma função optativa. *Would* [Queira] é outro *mando* comum generalizado: *Would God I were a tender apple blossom* [Queira Deus que eu seja uma macieira em flor] — *Oh!* às vezes exerce a mesma função (cf. o desejo de Browning de estar na Inglaterra em abril), mas serve também para destacar o caráter de *mando* dos vocativos (O *captain, my Captain!)* [Oh! Capitão, meu Capitão] e das perguntas *{Oh! que o atormenta, cavaleiro?).* Quando a resposta que o acompanha não está em forma de *mando {O, Brignall banks are wild and fair)* [Oh! as margens do Brignall são belas e selvagens!], o *Oh!* pode ser encarado como *mandando* a atenção do ouvinte ou do leitor. Esta é, evidentemente, sua função num exemplo como este *Oh! que bela manhã!* no qual funciona de forma semelhante ao *mando* mais específico *Olhe!,* observado abaixo.

O Mando na Literatura

Como muitos destes exemplos estão a sugerir, certas formas de comportamento literário são ricas de *mandos.* Alguns destes são vocativos *{"Leitor, eu casei-me com ele"),* alguns *mandam* um comportamento verbal (*Chame-me Ismael)*, e alguns *mandam* a atenção do leitor *(Ouçam-me crianças e vocês ouvirão...).* Em virtude da tênue relação entre o escritor e o leitor, muitos destes *mandos* são necessariamente mágicos. Os poemas líricos são particularmente ricos em *mandos* literários. Das primeiras linhas dos poemas líricos ingleses encontrados num certo número de antologias, cerca de 40% possuíam a forma mais característica dos *mandos. 50%* deles especificavam o comportamento do leitor: ele deveria prestar atenção, com olhos e ouvidos. O poeta, nesse caso, foi afetado pelos reforços responsáveis pelas formas vulgares *Olhe! Veja! e Ouça!*

formas que principalmente chamam a atenção do leitor (Ouça, você viu George?, Olhe, será que você me pode ajudar? Ou Veja bem, o que você pretende?). See [Olhe] também é usado para mandar a atenção para algo que está sendo descrito {Ele ficou ali parado, olhe, e eu lhe disse...) A variante poética de See [Ver] é Behold [Contemplar]. O poeta manda o ouvinte olhar para alguém sentado num gramado verde e ouvir, não apenas as suas palavras, mas também a cotovia. Ele também o manda falar claramente {Tell me, where is fancy bred?) [Diga-me, onde está o fruto imaginário?], manda-o ficar quieto {Oh, never say that I was false of heart) (Oh! não digas que meu coração é falso), e cooperar em vários problemas práticos relacionados com as privações do poeta: Come, let us kiss, Come live with me and be my love, Take, o take those lips away [Venha, beijemo-nos, Venha viver comigo e seja meu amor, Afaste, oh! afaste estes lábios], ou Drink to me only with thine eyes [Beber para mim, só com teus olhos]. Estes, nem sempre, são mandos mágicos — embora um reforço apropriado surgisse possivelmente como uma surpresa — mas outros exemplos parecem consistir necessariamente em mandos mágicos {Go and catch a falling star) ("Vá e apanhe uma estrela cadente]. Quando o leitor é mandado a alterar ou a controlar suas emoções {Then hate me when thou wilt, Weep with me, Love me no more) [Então odeie-me quando definhares, Chore comigo, Não me ames mais], estas especificações não podem ser seguidas ao pé da letra, como vimos, mas resultados colaterais podem não ser inapropriados.

Em outros 15% das primeiras linhas, o poeta começa dirigindo-se a alguém ou a alguma coisa que se encontra além do leitor. Pede-se que rosas vermelhas falem, que serpentes sarapintadas com línguas bipartidas desapareçam e que surja Ulisses, o grego destemido. Os restantes 10% dos mandos prováveis são simples afirmações de desejos {A book of verses under the bough...) [Um livro de versos sob uma árvore...] ou declarações com prefixos como Let, May, O ou Would [Deixe", "Possa", "Oh" ou "Queira].

A riqueza desses exemplos literários exemplifica um princípio geral a ser confirmado em capítulos posteriores. A "licença poética" não é um termo vazio. A literatura é o produto de uma prática verbal especial, que faz surgir um comportamento que, de outra forma, permaneceria latente no repertório de muitos falantes (Ver Capítulo 16). Entre outras coisas, a tradição e a prática da poesia lírica encoraja a emissão de um comportamento sob o controle de fortes privações — em outras palavras, respostas sob a forma de mandos. Evidentemente, o poeta lírico tem urgência de muitas coisas, e grande urgência. Ele precisa de um leitor e da participação e atenção desse leitor. Depois, ele precisa que alguém ou algo seja levado até ele, ou afastado dele. O comportamento verbal reforçado como resultante dessas várias privações é emitido, apesar de sua manifesta fraqueza ou ineficácia, por causa da prática poética. A forma lírica justifica ou permite o "comportamento irracional", e

ao fazê-lo proporciona ao estudioso do comportamento verbal um material especialmente útil.

Capítulo 4

O COMPORTAMENTO VERBAL SOB O CONTROLE DE ESTÍMULOS VERBAIS

A relação específica entre respostas e reforço, que define um *mando,* não envolve, como vimos, um estímulo anterior específico. Contudo, eles não são irrelevantes. Um exemplo de estímulo de controle já foi citado. O comportamento verbal só é reforçado por meio de outra pessoa, mas não requer a participação dessa pessoa para a sua *execução.* Quando emitido na ausência de um ouvinte, ele, em geral, permanece não--reforçado. Após repetidos reforços na presença, e extinção na ausência de um ouvinte, o falante só falará na presença do ouvinte. Praticamente, todo comportamento verbal é controlado por um auditório, como veremos em detalhe no Capítulo 7.

O *mando* pode cair sob o controle de um estímulo mais restrito, caso uma dada resposta só seja reforçada numa ocasião especial. Uma criança que adquiriu o mando *Doce!* pode emitir a resposta independentemente das circunstâncias externas, e o fará se sua privação for grande. É mais provável, porém, que a resposta apareça na presença de alguém que a tenha previamente reforçado com doces e, ainda mais provavelmente, ela surgirá na presença dessa pessoa quando esta estiver visivelmente carregando doces. Podemos demonstrar três níveis de probabilidade de uma resposta como resultante de três freqüências relativas de reforço. Quando nenhum ouvinte está presente, a probabilidade de reforço é baixa, e não é provável que a resposta seja emitida. Quando surge um ouvinte, a probabilidade de reforço aumenta, bem como a probabilidade de aparecimento da resposta. Se o ouvinte tirar doces do bolso, um maior aumento da probabilidade do reforço é seguido por um maior aumento da probabilidade de a criança emitir a resposta *Doce!* Mas, enquanto o aparecimento de uma pessoa que funcione como ouvinte no segundo estágio aumenta a probabilidade de muitas formas de comportamento verbal (como tornaremos a ver no Capítulo 7), o aparecimento dos doces no terceiro estágio tem um efeito especial sobre a resposta *Doces!* isolada.

Quando a resposta surge nessas circunstâncias a criança não está "nomeando" ou "descrevendo" os doces. Tais termos são mais apropriadamente usados para descrever respostas que não mostram relação com um reforço específico. (Ver Capítulo *5).* Numa ampla faixa de comportamento verbal, uma dada forma de resposta não produz um reforço específico _e, portanto, é relativamente independente de qualquer estado especial de privação ou de estimulação aversiva. Ao contrário, o controle é exercido por .estímulos anteriores. Veremos mais tarde que a utilidade do

comportamento verbal para o grupo como um todo depende amplamente dessa condição. Sem considerarmos vantagens específicas neste ponto, podemos voltar diretamente para a técnica empregada para se colocar uma resposta verbal sob o controle de um estímulo.

Damos um passo no sentido de destruir a relação com um estado particular de privação ao reforçar um único tipo de resposta de uma forma apropriada a muitos estados diferentes. Se reforçamos uma resposta selecionada com comida quando o organismo está faminto, poderemos também reforçá-la com água quando o organismo estiver sedento. Em seguida, podemos aumentar a força da resposta privando o organismo quer de comida, quer de água. Este processo poderia ser continuado até que esgotássemos todos os reforços associados com formas ou modos de privação ou com a libertação de todos os tipos de condições aversivas. A resposta passaria então a existir com certa força, exceto se o organismo estiver completamente saciado e livre de estimulação aversiva.

O efeito desse processo de libertar uma resposta da condição controladora específica é usualmente obtido dc outra maneira: em vez de usar uma grande variedade de reforços, cada um dos quais relevante para um estado de privação ou estimulação aversiva, arranja-se uma contingência entre uma resposta verbal e um *reforço condicionado generalizado.* Qualquer acontecimento que preceda caracteristicamente muitos reforços diferentes pode ser usado como um reforçador para colocar o comportamento sob o controle de todas as condições apropriadas de privação e estimulação aversiva. Uma resposta caracteristicamente seguida por um reforço condicionado generalizado desse tipo tem propriedades dinâmicas semelhantes às que teria adquirido se tivesse sido freqüentemente seguida por todos os reforços específicos em questão.

Um reforço condicionado generalizado comum é "a aprovação". Muitas vezes é difícil especificar-lhe as dimensões físicas. Pode tratar-se de pouco mais do que uma inclinação de cabeça ou de um sorriso por parte de alguém que caracteristicamente proporciona uma variedade de reforços. Às vezes, como veremos no Capítulo 6, ele tem uma forma verbal: *Certo*\ ou *Bom!* Pelo fato de estes "sinais de aprovação" amiúde precederem reforços específicos apropriados a muitos estados de privação, o comportamento que eles reforçam provavelmente será forte, durante grande parte do tempo.

Ao destruir a especificidade do controle exercido sobre uma dada forma de resposta por uma dada condição de privação ou de estimulação aversiva, parece que deixamos a forma da resposta inteterminada. Previamente poderíamos produzir a resposta *Água!,* privando o organismo de água, e a resposta *Comida!,* privando o organismo de comida. O que ocupará o lugar de privação no controle de uma resposta que tenha logrado um reforço generalizado? A resposta, é claro, será algum

estímulo comum, usual. Ao destruir a especificidade de uma relação, tornamos possível o estabelecimento de outra. Podemos usar nosso reforçador generalizado para fortalecer a resposta *a* na presença do estímulo *a,* a resposta *b* na presença do estímulo *b,* e assim por diante. Quer o falante emita a resposta a ou a resposta *b,* não se trata mais de uma questão de privação, mas de um estímulo presente. Esta relação de controle no comportamento verbal é que será de grande importância para o funcionamento do grupo.

Outro reforço comum generalizado é a fuga ou evitação ao estímulo aversivo. Um homem pode estimular outro aversivamente de muitas maneiras espancado-o, refreando-o ou privando-o de reforçadores positivos, para não mencionar os vários tipos de "ofensas verbais". Esta estimulação pode ser usada para fortalecer o comportamento, verbal ou de outro tipo, porque sua suspensão é reforçadora. Os estímulos aversivos condicionados (estímulos que amiúde precedem ou acompanham a estimulação aversiva) também são reforçadores quando sua retirada é contingente sobre o comportamento.

A retirada da estimulação aversiva pode ser generalizada da mesma forma que a aprovação. Já recorremos a esse controle para explicar por que o ouvinte reforça um *mando* que especifica ou implica uma ameaça, e especifica o comportamento por parte do ouvinte que a reduzirá. A ameaça contida no "mando" *Um copo d'água! é* reduzida quando se dá ao falante um copo d'água. O princípio explica também o comportamento do falante. A libertação da ameaça implícita em *Diga: 'Eu não quis dizer isso'* é obtida dizendo-se *Eu não quis dizer isso!* Não é necessário que haja violência, pois existem formas amenas de estimulação aversiva. Uma pergunta contém uma suave ameaça generalizada no sentido de que, se não a respondermos, seremos censurados. A leve ameaça que surge durante uma pausa na conversa é afastada executando-se praticamente qualquer tipo de comportamento verbal.

O controle do comportamento verbal exercido por uma ameaça é mais eficiente do ponto de vista do bem-estar do grupo quando não sobrevive nenhuma conexão específica entre a resposta e o tipo de estimulação aversiva que lhe proporcionará alívio. O falante que fala a esmo por um "desejo excessivo de agradar" (como efeito de aprovação excessiva) assemelha-se ao falante que, compulsivamente, "procura algo para dizer sob uma estimulação aversiva generalizada. A forma do comportamento é determinada de um modo trivial (Ver Capítulo 8.

Ao analisar o controle do comportamento verbal por estímulo convém distinguir entre exemplos nos quais os estímulos controladores são verbais em si mesmos e aqueles que não o são. O presente capítulo trata das respostas sob o controle de estímulos verbais, escritos ou orais, proporcionados quer pelo próprio falante, quer por outra pessoa. Outra distinção pode ser feita em termos de semelhanças entre formas de estímulo e resposta. As três principais categorias a serem discutidas são; O

comportamento de repetição, o comportamento textual e o intraverbal. Interessa-nos aqui apenas os efeitos dos estímulos verbais na evocação de respostas verbais. Há, é claro, outros efeitos. O ouvinte reage a estímulos verbais de muitas maneiras; algumas delas serão analisadas neste capítulo e nos seguintes. Uma descrição sumária será dada no Capítulo 6.

Comportamento Ecóico Ou De Repetição

No caso mais simples, em que o comportamento verbal está sob o controle do estímulo verbal, a resposta gera um. padrão sonoro semelhante ao do estímulo. Por exemplo: ao ouvir o som *Castor,* o falante diz *Castor.* A evidência da tendência em nos engajarmos nesse comportamento *ecóico* advêm de muitas fontes. *Mandos* da forma geral *Diga "X"* caracteristicamente produzem no ouvinte respostas que apresentam uma semelhança, ponto por ponto, entre o som da estimulação e o som da resposta. Mas o comportamento *ecóico* aparece comumente na ausência de um *mando explicito.* No experimento padronizado de "associação de palavras[1]", uma palavra--estímulo é apresentada e o sujeito é solicitado a pronunciar a primeira palavra que lhe ocorra em resposta. É preciso instruir o sujeito para não repetir a palavra-estímulo; mesmo assim, um fragmentário comportamento ecóico aparece nas .chamadas "associações rimadas" — respostas que constituem aliterações, rimas ou, que, de alguma forma, se assemelham à palavra-estímulo. Um comportamento auto-ecóico fragmentário (ver abaixo) pode ser visto em formas reduplicadas como *a trouxe-mouxe, zás-traz, ao lusco-fusco.* Um comportamento ecóico patológico pode ser observado na "ecolalia", na qual um segmento de fala ouvido pelo paciente pode ser repetido muitas vezes. O comportamento ecóico *é* mais comumente observado em combinação com outros tipos de controle (ver Capítulo 9). Numa conversa, por exemplo, uma resposta ligeiramente atípica muitas vezes é passada de falante a falante. As duas metades de um diálogo terão, em geral, mais palavras em comum do que dois monólogos do mesmo sujeito. Se um falante diz *incrível* em vez de inacreditável, em geral o outro falante, e por causa da relação presente, dirá *incrível.*

Um comportamento ecóico fragmentário é evidente quando um falante adota o sotaque ou maneirismos de outro ao longo de uma conversa. Se um membro do grupo sussurra, talvez apenas por causa de uma laringite, os demais membros tendem a sussurrar também. Em *Guerra e Paz,* de Tolstoi, uma mulher imita o pai moribundo, procurando "falar mais por gestos do que por palavras, como se ela também tivesse alguma dificuldade de articulação".

Reforço do Comportamento Ecóico

Um repertório ecóico é estabelecido na criança através do reforço "educacional", porque é útil aos pais, professores e outras pessoas. Ele torna possível um curto-circuito do processo de aproximação progressiva, pois pode ser usado para evocar novas unidades de resposta sobre as quais outros tipos de reforço podem tornar-se contingentes. O reforço educacional usualmente é proporcionado com o auxilio de *mandos* do tipo *Diga 'X';* nestes, o ouvinte, tornando-se um falante, é reforçado se sua resposta produz o som *'X'.* O processo continua a ser usado na educação formal para permitir que o professor estabeleça novas formas de comportamento ou obtenha uma resposta sob novas formas de controle de estímulo, como, por exemplo, ao nomear objetos (Ver Capítulo 5). Em todos estes casos, explicamos o comportamento do ouvinte reforçador apontando para uma melhoria da possibilidade de controle do falante que ele reforça. É essencial, porém, que o reforço específico se introduza no paradigma. Na figura 4, por exemplo, vemos o primeiro intercâmbio que ocorre do ouvinte para o falante, constituindo o ouvinte um auditório que *manda* uma resposta dizendo *Diga 'Castor'.* Para o falante, isto funciona como o estímulo verbal no operante ecóico *Castor.* Quando ouvida pelo ouvinte (em ↓↓) a resposta do falante reforça então o mando *Diga 'Castor'.* Admitimos que o ouvinte está operando em circunstâncias tais que é reforçador ouvir o falante dizer X. Talvez ele possa, em seguida, dar novos passos que tenham conseqüências reforçadoras, ou, como pai, ele é reforçado quando o filho adquire um repertório verbal. De qualquer forma, ele age no sentido de liberar a ameaça em seu mando *Diga 'Castor',* fornecendo assim o reforço para a resposta ecóica do falante.

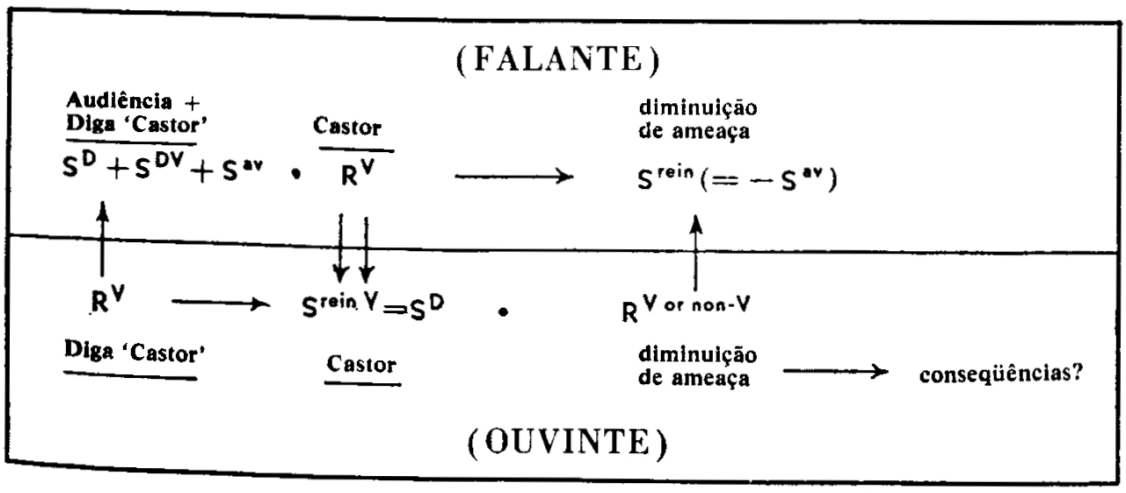


Figura 4

O comportamento ecóico continua a ser reforçado mesmo quando o ouvinte não está mais explicitamente educando o falante. Por exemplo: somos ocasionalmente reforçados por repetir algo a um terceira pessoa, numa situação em que essa terceira

pessoa, como ouvinte, proporciona reforços por motivos que serão discutidos no Capítulo 5. Há também muitas fontes indiretas de reforço ecóico. Por exemplo: somos reforçados a fazer eco a formas verbais repetitivas emitidas por outros numa conversa, porque tais formas são, provavelmente, parte efetiva de seus repertórios. Respostas ecóicas são úteis e reforçadas quando servem como substitutos. Ao responder à pergunta *O que ocorrerá com a situação internacional durante as próximas semanas?,* O estudante tende a responder *Durante as próximas semanas, a situação internacional...* resposta que pode ser puramente ecóica mas que, especialmente se a situação exige rapidez, é auto-reforçadora na medida em que proporciona tempo para a composição do resto da sentença.

O comportamento ecóico é reforçado quando continua a reintegrar o estímulo e a permitir que o falante reaja a ele de outras maneiras. Se dermos ordens complicadas para serem seguidas, pode ser vantajoso repeti-las ecoicamente. Quando nos dizem que devemos mover-nos para a direita, poderemos responder com mais precisão se antes respondermos verbalmente: *à direita.* Há situações padronizadas nas quais a repetição das instruções é especificamente reforçada. Num restaurante de balcão, o cozinheiro repete a ordem que lhe foi dada pelo balconista, assim como num navio o engenheiro de máquinas repete a ordem que lhe foi dada pelo oficial da ponte de comando. Confirmando a ordem recebida, a resposta ecóica leva a bom termo o comportamento do balconista ou do oficial de comando (ver Capítulo 8), e isto pode ser reforça-dor para o cozinheiro e para o engenheiro de máquinas. Além do mais, eles provavelmente executam as ordens mais eficazmente por tê-las repetido. Uma resposta é emitida, corno um eco como pedido de esclarecimento (você disse Castor?) ou ampliação (Castor? Que Castor?), e o resultado, presumivelmente é reforçador. Na 5.ª parte veremos outros reforços indiretos do comportamento ecóico, com as vantagens que daí advêm para o falante enquanto ser que pensa.

O Que Não é Um Comportamento Ecóico

O comportamento ecóico é facilmente confundido com respostas auto-reforçadoras porque elas se assemelham à fala de outras pessoas ouvidas em outras ocasiões. Quando certo padrão sonoro se associou com acontecimentos reforçadores, ele se transforma num reforçador condicionado. Se alguém reforça repetidamente os comportamentos com o estímulo verbal *Certo!,* não devemos excluir a possibilidade de o falante reforçar-se a si mesmo da mesma maneira. A criança pequena, sozinha em seu quarto de brinquedos, pode reforçar automaticamente seu comportamento vocal exploratório quando produz sons ouvidos na fala de outras pessoas. A propriedade auto-reforçadora pode ser apenas uma entonação, ou qualquer outra idiossincrasia de um dado falante ou de falantes em geral. A criança cuja mãe costuma receber pessoas para jogar *bridge* imita com bastante precisão o ruído

inteligível de uma sala cheia de pessoas que falam muito. O adulto adquire padrões de entonação que são automaticamente reforçados por serem, por exemplo, característicos de uma pessoa de prestígio. Formas verbais específicas surgem pelo mesmo processo. A criança pequena às vezes adquire comportamento verbal segundo as formas de elogio usadas por outros para reforçá-lo: *Tom é um bom menino,* da mesma forma que o adulto pode gabar sua própria habilidade "com o objetivo de ouvir-se exaltado". O processo é importante na modelagem automática de formas padronizadas de resposta. Contudo, isto não constitui, um comportamento ecóico, porque um estímulo verbal de forma correspondente não o precede de imediato.

É preciso distinguir-se também entre comportamento ecóico e a reprodução *posterior* de uma fala ouvida. A resposta à questão *O que fulano lhe disse ontem?* não é um comportamento ecóico — Assim como a resposta à pergunta O *que beltrano estava usando quando você a viu ontem? é* um exemplo do tipo de operante verbal a ser descrito posteriormente. Pode haver uma correspondência formal entre o estímulo ouvido ontem e a resposta de hoje (correspondência que, na verdade, tem conseqüências de longo alcance), mas isto não torna ecóico o comportamento. Falta uma relação temporal especial. Um repertório ecóico pode, é claro, participar da mediação de tal comportamento.

Deve-se também distinguir o comportamento ecóico a respostas que tenham uma correspondência formal com tal comportamento, mas que estão agora sob o controle de outros estímulos, verbais ou não.

O comportamento ecóico não depende nem demonstra nenhum instinto ou faculdade de imitação. A semelhança formal do estímulo e da resposta não necessita aumentar a probabilidade de ocorrência da resposta ou proporcionar qualquer auxílio em sua execução. O fato é que não há semelhança entre um padrão sonoro e as respostas musculares que produzem um padrão semelhante. O máximo que podemos dizer é que a auto-estimulação resultante de uma resposta ecóica assemelha-se ao estímulo. A semelhança pode desempenhar um papel no reforço da resposta, mesmo na relação de repetição, mas não tem qualquer efeito para evocar a resposta. O papagaio não imita um estímulo verbal, porque o estímulo construiu uma série de acontecimentos que levam naturalmente a um conjunto de atividades musculares que produzem o mesmo som; a capacidade de distinção do papagaio deve ser reforçada quando ele produz sons que se assemelham aos sons que ele ouviu. O que é "instintivo" no papagaio, se é que há algo instintivo, é a capacidade de ser assim reforçado. O comportamento ecóico, como qualquer comportamento verbal, é modelado e mantido por certas contingências de reforço. A semelhança formal entre o estímulo e a resposta constitui parte dessas contingências e só pode ser explicada apontando-se para o significado da semelhança para a comunidade reforçadora.

Torna-se perfeitamente claro que um estímulo verbal não tende a gerar uma resposta com idêntico padrão sonoro quando examinamos o longo processo mediante o qual são adquiridos os operantes de repetição. O comportamento precoce de repetição nas crianças pequenas, freqüentemente, está muito longe do assunto; o pai ou a mãe precisam reforçar combinações muito imperfeitas para manter a força do comportamento. Podemos dizer que a criança "não sabe como executar uma forma particular de resposta pela primeira vez"; falando de forma mais precisa, podemos dizer que a resposta não é ainda uma função de qualquer variável disponível para o pai e a mãe. Nada do padrão a ser repetido poderá ajudar, até .que algum comportamento ecóico ocorra por pura coincidência. "Tentar produzir o som certo", assim como tentar encontrar o chapéu de alguém, consiste em emitir tantas respostas diferentes quantas forem possíveis, até que surja a resposta correta.

Teobaldo, no livro *Way of Ali Flesh,* de Samuel Butler, usou a técnica errada:

[Ernesto estava] muito atrasado na pronúncia do "c" ou do "k", e em lugar de dizer come [venha], dizia Tum... '

— Ernesto, — disse Teobaldo — você não acha que seria melhor se você dissesse come [venha] como os outros, em vez de dizer tumí

_ Eu digo tum — respondeu Ernesto...

Teobaldo registrou o fato de que ele estava sendo contestado no momento...

— Não, Ernesto, você não diz — ele respondeu — você não disse nada disso; você disse tum e não come. Agora, diga come, depois de mim, assim como eu faço.

— Tum, — disse Ernesto...

— ... Bem, Ernesto, eu vou lhe dar mais uma oportunidade, e se você não disser come, saberei que você é teimoso e travesso.

... A criança viu bem o que ia acontecer, estava assustada e, é claro, disse tum mais uma vez.

— Muito bem, Ernesto —. disse o pai, agarrando-o com raiva pelo ombro. —- Eu fiz o que podia para poupá-lo, mas, se você quer assim, que seja — e arrastou o coitadinho, que chorava por antecipação, para fora da sala.

Quando algum comportamento ecóico tiver sido adquirido, a aquisição de uma nova unidade torna-se mais simples. O comportamento exploratório pode ser diminuído. Na aquisição de um repertório ecóico, o falante hábil aumenta as chances de repetir corretamente um novo material ao aprender a não responder de maneira ineficiente que caracterizava seu comportamento anterior, assim como aprende a não procurar o chapéu num lugar que já tenha sido examinado. Respostas parcialmente ecóicas serão dadas a um novo estímulo como resultado de contingências semelhantes anteriores. O processo de aproximação ocorrerá mais

rapidamente se o falante conseguir se aproximar de um som passo a passo, descobrindo um padrão parcialmente correspondente, o qual, em seguida, é distorcido através de modulações adquiridas. Quando não se dispõe de tais expedientes, mesmo o foneticista experimentado só poderá continuar a responder até que ocorra uma resposta ecóica bem-sucedida.

O processo de "descoberta" de um som fica patenteado quando vemos que uma criança pequena emite muitos sons vocais que posteriormente só serão emitidos com grande dificuldade ao aprender uma segunda língua. Isto não se dá porque a enunciação se tornou mais difícil ou porque o aparato da fala se deformou. O desenvolvimento de um amplo repertório ecóico apropriado para uma dada língua torna mais difícil repetir estímulos verbais que não pertençam a essa lingua. Quando surge a ocasião para uma nova resposta ecóica (como por exemplo, alguém diz *Diga "th"* a uma pessoa de língua francesa), uma forma padronizada, mas imprecisa, surgirá — provavelmente algo parecido com *z,* que é o ecóico mais próximo na língua materna. A força de tal comportamento do falante adulto leva-o a substituir respostas exploratórias que se aproximam mais de perto do padrão do estímulo e que estariam mais rapidamente disponíveis na criança pequena. O mesmo princípio é evidente em outro nível das etimologias populares. O fazendeiro americano que chama a ameixa Reine Claude de *Rain Cloud* está repetindo um amplo padrão verbal com a resposta de seu repertório que mais de perto se assemelha a ele. Se tal resposta está disponível, ela assume precedência sobre uma nova forma composta de unidades ecóicas menores — forma que, incidentalmente, tende a ter menos efeitos reforçadores sobre o próprio falante.

O Menor Operante Ecóico

Qual é a menor unidade de comportamento verbal? A menor unidade acústica ou geométrica disponível de descrição da fala ou de seu relato como um acontecimento físico não está aqui em questão. Nosso problema relaciona-se com a menor resposta sob controle funcional de uma única variável. Os comportamentos ecóicos oferecem vantagens especiais no tratamento dessa questão, fracassada porque a correspondência formal entre estímulo e resposta-produto pode ser demonstrada no nível dos "sons vocais" ou das propriedades acústicas.

Numa resposta repetida correta, a correspondência formal usualmente é boa. A consoante inicial do estímulo assemelha-se à consoante inicial da resposta, e assim por diante. Mas isto não quer dizer que haja necessariamente uma conexão funcional entre cada par de tais traços ou propriedades. O operante pode ter um padrão mais amplo. O químico responderá *diamimodifenilmetano* corretamente e com facilidade, enquanto que um homem igualmente inteligente, sem experiência em química, pode precisar tentar várias vezes antes de pronunciar uma resposta bem

sucedida. Isto não quer dizer que o químico possua alguma habilidade especial para encadear longas séries de sons separados. Sua experiência quotidiana construiu unidades de repetição ainda mais amplas. Estas podem ser tão longas quanto *diamino* e *difenilmetano,* ou apenas *di, amino, fenil* e *metano.* Talvez os sufixos *il* e *ano* tenham alguma unidade funcional. O leigo não dispõe de qualquer dessas unidades. Assim como o falante nativo francês que tenta pela primeira vez repetir o som *th,* ele provavelmente emitirá apenas unidades grosseiramente similares de seu repertório estabelecido. *Diamino* poderá produzir *dínamo,* por exemplo. Por outro lado, o químico descobrirá que seu repertório especial não auxilia na repetição de padrões complexos de outros vocabulários técnicos.

Os primeiros operantes ecóicos adquiridos por uma criança tendem a constituir-se em amplos padrões integrais, e são de pouca ajuda para ela quando se trata de fazer eco a novos padrões. Um repertório de unidades no nível de "sons vocais" separados se desenvolve posteriormente e de forma muito lenta. Pequenas respostas ecóicas podem ser reforçadas pelos pais, ou por outras pessoas, com a finalidade expressa de construir tal repertório. A criança é ensinada a repetir pequenos modelos sonoros, tais como *ã, sp,* etc. Este repertório básico pode ser adquirido ao mesmo tempo que outras formas de comportamento verbal ou mesmo outras unidades mais amplas. A criança pode emitir respostas tão amplas quanto sílabas, palavras ou até mesmo sentenças como operantes unitários de repetição. Todavia, para conseguir repetir um novo estímulo, ela recai no repertório de sons isolados.

Este repertório ecóico mínimo é ótimo para recordar uma resposta que construa outros tipos de controle por estímulo. Por exemplo: diante de um jacaré, no Jardim Zoológico, queremos que a criança aprenda a nomeá-lo. Gomo veremos no Capítulo 5, queremos fazê-lo reforçando a palavra *jacaré* na presença do mesmo. Mas não podemos esperar que tal resposta surja espontaneamente, e o método de modelagem progressiva pode levar muito tempo. Se pudermos evocar a resposta como uma reunião de pequenas unidades ecóicas nunca reunidas nessa ordem anteriormente, o comportamento pode ser convenientemente reforçado e o jacaré, como estímulo, adquirirá algum controle sobre a resposta. De certo modo, contingências semelhantes surgem sem qualquer intenção deliberada no discurso quotidiano. Aprendemos com facilidade uma ampla parte de nosso repertório verbal fazendo eco ao comportamento de outros, em circunstâncias que eventualmente controlam o comportamento de forma não-ecóica. A vantagem adquirida, possivelmente, proporciona outro exemplo de reforço indireto de comportamento ecóico que persiste na vida adulta.

No desenvolvimento do repertório ecóico básico, não é necessário um programa educacional que destaque uma correspondência mínima entre o estímulo e a resposta verbais. Operantes mínimos de eco parecem tornar-se naturalmente funcionais como algo logicamente esperado quando se constroem correspondências

mais amplas. Tendo adquirido uma dúzia de respostas ecóicas complexas, todas começadas por *b,* a criança pode repetir corretamente uma décima terceira resposta que também comece por *b.* Quando isso acontece, precisamos reconhecer a independência funcional de um operante ecóico tão pequeno quanto *b.* Mesmo um repertório razoavelmente amplo de operantes ecóicos não significa, todavia, que um conjunto completo de unidades no nível do som da fala virá a se desenvolver. Pessoas inteligentes gaguejam ao repetir nomes ou palavras não-familiares, mesmo que não contenham sons novos e há evidentemente grandes diferenças individuais na tendência para agir assim.

Qual é o tamanho da unidade mínima obtida nesse processo? Quando um repertório ecóico é estabelecido aos poucos, como nos reforços educacionais, unidades de correspondência são especificamente reforçadas enquanto tais, mas o produto final de um repertório de amplos operantes, ou mesmo de pequenos operantes educativos, não é claro. (Não se trata de saber que dimensões são necessárias para representar a fala, tendo em vista o registro científico, pois estes podem não ser funcionais no processo de comportamento.) O som vocal ("o fonema" dos lingüistas) não é necessariamente a unidade mais pequena. O mímico hábil tem o que podemos chamar de repertório "finamente matizado", que lhe permite repetir novos sons de forma conveniente. Também lhe permite imitar entonações, acentos e maneirismos vocais, bem como sons absolutamente verbais, como os produzidos por pássaros, animais e máquinas.

O grau de precisão exigido por uma dada comunidade reforçadora é importante. Geralmente o falante realiza somente aquilo que se exige dele. Numa comunidade verbal que não insiste numa correspondência precisa, um repertório ecóico pode permanecer descuidado e será aplicado a novos modelos com menos sucesso. Algumas vezes, tal repertório inclui relações estáveis entre estímulos e respostas, as quais não combinam exatamente — por exemplo, o "ceceoso" pode combinar *s* com *th* e continuar a fazêlo com a aquiescência da comunidade reforçadora.

A possibilidade de um repertório mínimo explica a aparente facilidade com a qual muitos falantes se engajam num comportamento ecóico. Podemos afirmar que o estímulo ecóico "diz mais explicitamente ao falante o que dizer" do que os objetos ou propriedades de objetos "nomeados" em outro tipo de operante verbal (Capítulo 5). Se podemos *repetir* os nomes das cartas do baralho mais rapidamente, e sem cansaço, por um período de tempo mais longo do que podemos *nomear* as próprias cartas, isto se dá, provavelmente, por causa das vantagens do repertório ecóico mínimo. Os efeitos especiais de um repertório mínimo encorajaram sem dúvida, a crença numa faculdade ou processo de imitação, no qual a semelhança formal do estímulo e da resposta é encarada como algo dotado de um significado, mas a vantagem do comportamento ecóico pode ser explicado de outras formas.

Outros tipos de operantes verbais também produzem repertórios mínimos, mas veremos que em nenhum outro lugar é possível reduzir as correspondências funcionais entre estímulos e respostas a unidades tão pequenas ou a um número tão pequeno de unidades. Por conseguinte, o comportamento ecóico e excepcional na medida em que novas ocasiões podem dar origem [a] respostas acuradas. Ele é também excepcional na medida em que o reforço de tal comportamento contribui para o reforço geral do repertório básico e, assim, para o reforço de todos os operantes ecóicos. Uma vantagem semelhante à do repertório ecóico pode ser detectada no comportamento verbal onomatopaico, como veremos no Capítulo 5.

A questão acerca da unidade ecóica *mais ampla* não é facil de responder Não podemos fazer eco a um estímulo verbal indefinidamente prolongado, em parte porque as primeiras porções ficariam muitos distantes no tempo e, em parte, Porque as diferentes porções interferem umas com as outras, ou ainda porque outros tipos de respostas (especialmente as intraverbais discutidas abaixo) interferem. Um exemplo claro *é* a repetição de uma série de dígitos. O tamanho de um estímulo verbal que pode ser repetido com sucesso varia em função de inúmeras condições — tais como a motivação ou a fadiga — e é drasticamente reduzido em alguns casos de afasia.

Comportamento Auto-ecóico

Desde que um falante usualmente se ouve a si próprio e, assim, se estimula verbalmente, ele também pode fazer eco a si próprio. Tal comportamento é potencialmente auto-reforçador se fortalecer a estimulação usada no controle do compor-mento verbal próprio da pessoa. Tal comportamento aparece de forma patológica na "palilalia" — condição na qual o indivíduo inicialmente responde ou fazendo eco ao comportamento verbal de outra pessoa ou por alguma outra razão, e continua fazendo eco a si próprio. Um relatório antigo[15] descreve um homem que, acostumado a ler alto as legendas dos filmes mudos, começou a repeti-las indefinidamente. Quando sua mulher, aborrecida, exclamou "pelo amor de Deus, Bob, cale a boca!" ele respondeu "Eu não posso me calar, eu não posso me calar, eu não posso me calar... ", eventualmente extinguindo--se num sussurro inaudível. A frase que continua "e não nos sai da cabeça" (o que cm francês se chama *ritournelle) é* possivelmente uma manifestação normal do mesmo efeito.

É difícil demonstrar uma relação puramente ecóica se as variáveis responsáveis pelo primeiro exemplo de uma resposta podem continuar a operar na produção da segunda. A repetição pode ser apenas sinal de uma força excessiva. A "perseveração verbal" psicótica ou "verbigeração", que apresenta uma repetição de forma, pode ser

[15] Critchley, MacDonald, /. *Neurol and Psychopath,* 8 (1927), 23.

auto-ecóica ou pode ser apenas o efeito "não-corrigido" de outros tipos de variáveis. Todavia, ao analisar a múltipla causação da fala normal, será útil recorrermos à possibilidade auto-eco. Em todos os tipos de comportamentos auto-ecóicos temos de considerar a possibilidade de o estímulo verbal estar encoberto.

Comportamento Textual

Um tipo familiar de estímulo verbal que controla o comportamento verbal é um texto. Assim, como o estímulo ecóico, ele constituí o produto de um comportamento verbal anterior que não está sendo discutido aqui. Quando uma criança aprende a ler, são constituídos muitos operantes verbais, nos quais respostas específicas ficam sob o controle de estímulos visuais (ou, como em Braille, tácteis). Porque os estímulos são de uma modalidade (visual ou táctil) e os padrões produzidos pela resposta são de outra modalidade (auditivos), falta a correspondência de forma que torna possível a natureza precisa do repertório mínimo de comportamento ecóico. Todavia, o do repertório mínimo permanece. Um texto pode ter a forma de figuras (até onde a resposta consiste simplesmente na emissão de uma forma vocal apropriada para cada figura), de pictogramas formalizados, de hieróglifos, de caracteres,_ou de letras ou símbolos de um alfabeto fonético (independentemente da precisão ou da consistência, com. a qual o alfabeto registra a fala vocal). O repertório textual mínimo dependerá da natureza do texto.

Um falante sob o controle de um texto é obviamente o leitor. Seu comportamento em resposta a tais estímulos verbais pode apresentar muitas características interessantes, que serão descritas nos capítulos 5 e 6. O que nos interessa aqui é o seu comportamento vocal tal como é controlado pelos estímulos escritos ou impressos. Uma vez que o termo "ler" se refere usualmente a muitos processos ao mesmo tempo, o termo mais estreito "comportamento textual" será usado aqui. Nesse caso, num operante textual, a resposta vocal está sob o controle de um estímulo verbal que não procede de um auditório.[16]

O comportamento textual, assim como o ecóico, é inicialmente reforçado por razões "educacionais" explícitas. Pessoas interessadas proporcionam reforços condicionados generalizados para respostas vocais que mantenham determinadas relações com as marcas numa página. Se uma criança responde *gato na pre*sença das marcas GATO e não na presença de outras, ela recebe aprovação; se responde *cachorro* na presença das marcas CACHORRO, e não na presença de outras, recebe

[16] ler não é uma habilidade ou uma capacidade, mas uma tendência. Quando dizemos que uma pessoa é "capaz de ler", queremos dizer que ela virá a comportar-se de certa maneira em condições adequadas que envolvem um estímulo não proveniente de um auditório.

aprovação, e assim por diante. A razão pela qual a família, a comunidade e os agentes da educação reforçam o comportamento textual deve ser explicada em termos das vantagens definitivas advenientes da existência de mais um membro alfabetizado no grupo. Numa formulação explícita, todavia, acontecimentos reforçadores práticos devem ser especificados.

O comportamento textual recebe reforços não educacionais quando uma pessoa é paga para ler num espetáculo publico, ou para um cego, etc. Os efeitos colaterais da leitura, já mencionados, e que serão discutidos nos capítulos 5 e 6, proporcionam um reforço automático. Na verdade, o comportamento textual é tão fortemente reforçado que nós nos surpreendemos lendo não apenas cartas, livros e jornais, como também coisas sem importância, como etiquetas de pacotes, anúncios do Metrô e cartazes. Conseqüências automáticas são usadas para motivar o leitor iniciante quando um livro de textos é designado como "interessante". Tal reforço, todavia, não é contingente sobre a precisão da resposta da forma necessária para modelar o comportamento hábil.

Uma demonstração primitiva, mas clara, do *modus operandi d*o reforço automático é proporcionada pelo leitor iniciante que precisa ouvir-se pronunciando uma palavra — talvez várias vezes — antes de reagir com *o* comportamento já adquirido como ouvinte. Na literatura silenciosa, a auto-estimúlação do comportamento textual é reduzida a uma escala tal que não pode mais ser observada pelos circunstantes; mas, ao responder a um material novo difícil (por exemplo, a instruções complexas) o comportamento textual, mesmo dos leitores hábeis, pode assumir proporções conspícuas, como quando ele começa a reforçar a auto-estimulação mediante uma leitura em voz alta. Uma realimentação audível é relativamente muito importante na leitura de músicas. Muitos músicos ou cantores nunca aprendem a ler em silêncio e podem achar necessário, ao ver um texto musical, tocar algumas notas num instrumento ou, pelo menos, assobiá-lo ou cantá-lo. Atividades comparáveis silenciosas proporcionam estimulação inadequada para uma resposta identificadora.

O comportamento textual pode ser reforçado porque ele colabora na aquisição de outros tipos de operantes verbais.

Assim como o comportamento ecóico habilita o professor a evocar a resposta para reforçá-la face a outros tipos de estímulos, assim também um texto evoca um comportamento verbal sob condições que levam a outros tipos de controle. Um dicionário ilustrado, ao evocar respostas textuais na presença de figuras, constrói um repertório com o qual as figuras, ou as coisas representadas, são posteriormente nomeadas ou descritas. Um dicionário não-ilustrado tem uma função similar na construção de repertórios intraverbais, discutidos mais adiante neste capítulo. (A importância dos repertórios verbais gerados por textos — ou do lugar das respostas

textuais na aquisição do comportamento verbal — é revelada pelo onipresente livro de textos e pela presença de livrarias e bibliotecas nas instituições educacionais.)

Nenhuma tendência inata para a leitura, por analogia com uma suposta tendência a imitar um estímulo como um eco, jamais foi proposta seriamente. Todavia, repertórios textuais e ecóicos possuem propriedades dinâmicas semelhantes. O estímulo verbal exerce o mesmo tipo de controle sobre os dois tipos de resposta e as contingências reforçadoras que estabelecem os dois tipos de comportamento são semelhantes. Um texto, assim como um trecho de conversa ouvida, é apenas a ocasião na qual uma resposta particular é reforçada por uma comunidade verbal. Duas diferenças importantes, todavia, seguem-se do fato de o produto de uma resposta textual não ser semelhante ao estímulo.

O tamanho da menor unidade funcional do comportamento textual tem sido um problema muito discutido em educação. É melhor ensinar uma criança a ler por letras isoladas ou sons, ou por sílabas, palavras ou unidades mais amplas? Independentemente de como ele é ensinado, o leitor habilidoso possui eventualmente operantes textuais de muitos tamanhos diferentes. Ele pode ler uma frase de muitas palavras como uma única unidade, ou pode ler uma palavra som por som. Um repertório básico aproximadamente no nível da letra ou do som da fala isolados pode desenvolver-se lentamente, quando apenas unidades mais amplas são reforçadas; contudo, como no comportamento ecóico, ele surge sem orientação especial, todavia, há um limite para esse processo. Se o texto é fonético, o desenvolvimento de um repertório mínimo atinge um limite obrigatório no nível fonético. O repertório alta-mente diferenciado de um imitador, perceptível no comportamento ecóico, depende da semelhança das dimensões do estímulo e da resposta, a qual, por definição, está ausente no comportamento textual. Se um texto não é fonético, tal limite não se impõe.

Essa distinção é ilustrada pelo cantor que canta de ouvido mas sabe ler música. Um repertório ecóico é desenvolvido por qualquer cantor habilidoso; qualquer padrão melódico que esteja dentro do alcance de seu grau de intensidade pode ser duplicado com precisão e a partícula do repertório mínimo com o qual isto é feito pode tornar-se cada vez menor, de forma quase ilimitada. Eventualmente, as dimensões do estímulo consistem numa ordem contínua de freqüências para a qual as dimensões da resposta correspondem de modo mais ou menos preciso. Na leitura visual de um texto impresso, todavia, os sistemas de dimensões são diferentes. A resposta continua a ser representável, como um ponto numa ordem contínua de freqüências, mas o texto agora é constituído por um arranjo geométrico de pontos discretos. O leitor visual competente, com absoluta entoação, pode satisfazer contingências reforçadoras muito estritas; uma dada nota numa pauta é a ocasião na qual um tom de uma dada altura é reforçado. Mas não há razão para que tal texto necessite ser pontilhado; quartos de tom têm sido empregados e teoricamente, não

há, razão para que isso torne inexeqüível o emprego de subdivisões mais precisas. Os pontos da escala fundem-se então numa linha, da qual qualquer posição corresponde a uma outra na linha contínua dos graus de intensidade da resposta (compare-se a notação para o *glissando).* Isto, todavia, ainda não constitui um comportamento ecóico, porque o estímulo é visual e a resposta é audível, mas os matizes de tal repertório poderão ser tão precisos quanto os do caso ecóico, no qual o cantor reproduz um tom ouvido. Uma vez que esta condição prevalece não apenas para um texto capaz de ser representado numa ou, pelo menos, em muito poucas dimensões, ela é de pequena importância na análise do comportamento verbal em geral.

Uma segunda diferença entre o comportamento textual e o ecóico também se segue da diferença de semelhança formal entre o estímulo e a resposta-produto. No comportamento ecóico, a correspondência sobre a qual se funda o reforço pode servir como um reforço condicionado automático. O falante, que é também o ouvinte capaz, "sabe quando imitou corretamente uma resposta", e é reforçado por isso. Tal reforço leva a forma da resposta a se aproximar cada vez mais da forma do estímulo, sendo o limite a mais precisa correspondência possível quer com a capacidade vocal do falante, quer com sua capacidade de julgar a semelhança. (Qualquer interferência, seja com o estímulo ecóico, seja com a estimulação gerada pela resposta ecóica, pode significar uma topografia defeituosa como se vê no comportamento verbal do surdo-mudo). O reforço automático de ler um texto "interessante", todavia, tem apenas o efeito de ampliar a probabilidade de ocorrência de tal comportamento; ele não reforça diferencialmente as formas corretas no nível fonético.

Alguma autocorreção é possível em amostras mais amplas do comportamento verbal. Uma pessoa pode responder inicialmente com uma sílaba, uma palavra ou uma frase deturpada para, em seguida mudar para uma forma correta que "parece adequada" ou que "faz sentido". Isto depende do condicionamento anterior da resposta do ouvinte e, usualmente, uma resposta só "parece adequada" ou "faz sentido" se for de tamanho substancial. Uma comparação do estímulo e da resposta-produto não pode modelar o comportamento do leitor abaixo do nível, digamos, da sílaba mais do que o som da fala do comportamento ecóico. A má pronúncia, mesmo acima do nível da sílaba, constitui uma característica familiar do comportamento textual e, por essa razão, muitas vezes é fácil distinguir um repertório de comportamento verbal basicamente ou, pelo menos, originalmente textual.

autocomportamento textual

Ler um texto escrito por nós mesmos é tão comum que sua importância pode passar despercebida. Freqüentemente, criamos um texto ("tomamos nota") para controlar nosso comportamento mais tarde. Por exemplo: lembramos a nós mesmos para *fazer* algo ou *dizer* algo, como quando proferimos uma conferência ou lembramos

uma passagem lida. Há uma vantagem, como veremos na V Parte, em se revisar notas quando "pensamos acerca de algum problema" ou quando "esclarecemos nossas idéias". A natureza relativamente permanente de um texto, quando comparada com estímulos ecóicos, torna o autocomportamento textual comumente mais importante que o auto-ecóico, e o primeiro demonstra de forma mais obvia as vantagens ocasionais do comportamento auto-ecóico mencionadas no capítulo precedente.

Transcrição

O único comportamento verbal até agora considerado foi o comportamento vocal. O falante cria um padrão auditivo, que é reforçado quando afeta o ouvinte enquanto estímulo auditivo. Uma resposta que crie um estímulo visual com efeito similar também é verbal, de acordo com nossa definição. Desde que o comportamento verbal pode consistir em escrita, e não em fala, outras correspondências entre a dimensão do estímulo e da resposta precisam ser consideradas.

O escrever, distintamente do falar, requer apoio do meio externo. Ele só ocorre em um "meio". Precisamos tratá-lo em, pelo menos, três níveis:

1) obtendo os instrumentos ou materiais necessários,

2) fazendo marcas de forma diferenciada e

3) transmitindo tais marcas ao leitor.

O segundo estágio é o que mais importa para esta análise, mas se o estágio 1 não puder ocorrer porque, por exemplo, os materiais não estão disponíveis ou porque as respostas nesse nível são muito fracas, nenhuma resposta será emitida no estágio 2, apesar de uma força possivelmente grande. O comportamento escrito é uma forma vantajosa, que deve ser considerada ao se discutir a composição e a correção. No comportamento vocal há, às vezes, uma distinção entre a mera emissão de uma resposta e a emissão, de forma a vir a afetar o ouvinte (capítulo 5), mas isto é muito menos óbvio que a distinção entre os estágios 2 e 3 apontados acima.

Quando tanto o estímulo quanto a resposta são escritos, eles podem sê-lo em sistemas dimensionais diferentes e todas as características do comportamento ecóico seguir-se-ão, exceto pelo fato de eles agora se expressarem em termos visuais e não em termos auditivos. A modelagem automática da resposta resultante de uma comparação com um estímulo de dimensões semelhantes é o objetivo do caderno de caligrafia, como uma situação da escrita do professor. O repertório mínimo pode ser finamente matizado; assim como o comportamento ecóico se aproxima da imitação, aquilo que chamamos de cópia aproxima-se do desenho. Na verdade, copiar um

manuscrito num alfabeto desconhecido é idêntico ao processo de copiar um conjunto de figuras. Desenhar, assim como imitar vocalmente, **requer um** repertório extraordinariamente complexo. É difícil desenhar bem, assim como é difícil imitar bem, e há grandes diferenças na habilidade de pessoa para pessoa na execução dessas modalidades.

Copiar um texto num alfabeto *familiar é* diferente de desenhar segundo o tamanho da unidade "ecóica". O copista hábil possui um pequeno número de respostas padronizadas (as maneiras pelas quais ele produz as letras do alfabeto), respostas que se encontram sob o controle de uma série de estímulos (as letras do texto). O reforço máximo depende de uma correspondência entre a unidade da resposta e a unidade do estímulo; mas, assim como o comportamento ecóico pode assemelhar-se muito vagamente ao padrão repetido (diferindo em grau de intensidade, velocidade, entonação e outras propriedades) assim também o repertório mediante o qual uma pessoa copia um texto pode produzir formas visuais que diferem do estímulo visual dentro de amplos limites. Quando se copia um impresso sob forma manuscrita, ou quando se copia da caixa alta para a caixa baixa, as semelhanças geométricas entre o estímulo e a resposta podem ser triviais ou podem estar ausentes. Não há, nesse caso, um efeito autocorretivo: tais tipos de cópia escrita não se assemelham à unidade do repertório do desenho.

Uma resposta escrita também pode ser controlada mediante um estímulo vocal; por exemplo, quando se toma um ditado. As unidades de resposta mais comuns no alfabeto inglês permitem uma transcrição por extenso. O repertório mínimo do amanuense ou do estenógrafo revela uma correspondência altamente eficiente entre as propriedades visuais do padrão produzido pela resposta e as propriedades auditivas do estímulo. A unidade de correspondência pode ser bastante ampla, como nos sinais de palavras, ou tão pequenas quanto, digamos, uma característica que representa a presença ou ausência de voz. listas correspondências são inteiramente convencionais e nunca se proclamou que houvesse um mecanismo inato, semelhante a imitação, ainda que o comportamento do estenógrafo hábil possa tornar-se tão "natural" quanto o comportamento ecóico de um hábil imitador.

A transcrição — quer quando se copia material escrito, quer quando se toma um ditado — recebe muitos reforços especiais, educativos e econômicos, e continua a ser sustentada por outras conseqüências da vida diária. Vemos tais repertórios em ação onde quer que haja pessoas transcrevendo comportamentos verbais com qualquer fim. As relações assim estabelecidas são eficazes, embora não tão óbvias, quando uma resposta transcrita se introduz em outro comportamento escrito. Por exemplo: ao escrever uma carta quando alguém está falando, podemos transcrever uma palavra ouvida mesmo que ela não tenha relação com as variáveis responsáveis pelo resto da carta. Da mesma forma, quando escrevemos, enquanto lemos,

podemos copiar uma palavra e produzir uma distorção semelhante do comportamento em andamento (Ver Capítulo 11).

Outras formas de comportamento verbal (por exemplo, os gestos) podem mostrar correspondências entre respostas e estímulo, correspondências que colocam problemas semelhantes de unidade de repertório mínimo.

Comportamento Intraverbal

No comportamento ecóico e no ato de escrever a partir de uma cópia existe uma correspondência formal entre o estímulo e a resposta produzida. No comportamento textual e na tomada de um ditado existe uma correspondência ponto a ponto entre sistemas dimensionais diferentes. Mas algumas respostas verbais não apresentam correspondência ponto a ponto com os estímulos verbais que as evocam. É o caso de respondermos *4* ao estímulo verbal 2 + 2, ou *à bandeira* para *eu juro fidelidade,* ou *Paris* para *capital da França,* ou *1066* para *Guilherme, o Conquistador.* Podemos chamar o comportamento controlado por tais estímulos de *intraverbal.* Uma vez que não estamos tratando de correspondências formais, podemos considerar os estímulos vocais e escritos e as respostas vocais e escritas em 4 combinações ao mesmo tempo.

Muitas respostas intraverbais são relativamente triviais. As fórmulas sociais apresentam freqüentemente esse tipo de controle; por exemplo: *Como vai você?* pode ser apenas um estímulo para *Bem, obrigado,* na qual a resposta é puramente intraverbal. A resposta *por favor* é freqüentemente pouco mais que um apêndice intraverbal de um *mando.* A "conversa" é amplamente intraverbal e nem sempre é claro que a conversa "séria" seja algo mais. Exemplos mais importantes são encontrados na determinação das seqüências gramaticais e sintáticas (Capítulo 13). Por quê? é freqüentemente um estímulo para uma resposta começada por Porque, não importando o que venha depois. Quando um longo poema é recitado, muitas vezes podemos explicar a maior parte dele supondo apenas que uma parte controla a outra de maneira intraverbal. Se interrompemos o falante, o controle pode perder-se; mas um início rápido restabelece-lo-á, recriando o estímulo verbal apropriado. O alfabeto é adquirido como uma série de respostas intraverbais, assim como a contagem dos números, a adição, a multiplicação e a reprodução das tabelas matemáticas em geral. Muitos dos "fatos" de história são adquiridos e retidos como respostas intraverbais. O mesmo ocorre com muitos fatos científicos, apesar de nesse campo as respostas estarem amiúde sob outro tipo de controle, que será discutido no próximo capítulo. Um problema constituí muitas vezes o estímulo para uma resposta ampliada sem nenhuma outra variável controladora importante. A resposta às questões numa prova objetiva estimula respostas intraverbais mais ou menos da mesma forma. Muitas metáforas aparentes e alusões literárias têm

freqüentemente origem intraverbal. Em expressões como He was fit as a fiddle [Ele estava bem disposto] ou He was pleased as Punch [Ele estava muito satisfeito] não precisamos procurar o processo envolvido na verdadeira metáfora (capítulo 5), mas podemos procurar uma explicação para as respostas fiddle e Punch na história intraverbal do falante. As "Alusões Irrelevantes"[17] de Fowler podem ser explicadas da mesma forma. Na resposta A moral, como diria Alice... , a palavra-estímulo moral pede a resposta como diria Alice. (O fato de uma alusão literária proporcionar colorido ou prestígio relaciona-se com outra variável, que será considerada no Capítulo 6.)

Encadeamento

Nem todo elo de uma cadeia de respostas intraverbais está sob o controle exclusivo do elo precedente. Vemos isso quando uma cadeia (como dizer o alfabeto, atribuir o valor *e* a vinte lugares ou recitar um poema) é interrompida e não pode ser restabelecida pelo último elo emitido. Um recomeçar apressado retoma o estímulo de controle mais remoto e pode ser eficiente, por outro lado, erros por "haplologia" mostram o poder ocasional de um único elo. Isso ocorre quando dois elos são idênticos: o falante atinge um primeiro elo e continua com as respostas que se seguem ao segundo. (A haplografia — tipo semelhante de erro que ocorre na cópia de um texto — é, como era de se esperar, muito mais comum que o tipo intraverbal. O comportamento complexo do copista — que olha o texto original, em seguida olha a cópia, para depois voltar ao texto à procura da "mesma palavra" — é relativamente pouco afetado pelos estímulos mais remotos.)

Muitas características importantes das respostas verbais encadeadas, ou das intraverbais em geral, são esclarecidas por uma comparação com o comportamento musical. Ao tocar de memória, a antecipação haplológica salta para uma frase final, a haplogia inversa que consiste em se ser capaz de encontrar a frase final porque um elo anterior fica se repetindo, e o "recomeçar apressado" freqüentemente requerido para se começar a tocar *in médias res* são paralelos óbvios. A música também proporciona indícios da importância da auto-estimulação nas cadeias "intraverbais". O cantor incapaz de produzir notas de intensidade adequada pode "perder a melodia", quer ele esteja lendo a partitura, quer esteja cantando de cor.

Exemplos comuns de encadeamento intraverbal são descritos pelo termo "empréstimo literário". Todo comportamento verbal é, obviamente, emprestado no sentido de que é adquirido de outras pessoas. Boa parte dele se inicia como

[17] Fowler, H. W. Modem English Usage (Londres, 1930).

comportamento ecóico ou textual, mas ele não prossegue com tais características quando o estímulo ecóico ou textual está ausente. Uma colocação "emprestada" de palavras numa passagem literária remonta comumente às conexões intraverbais adquiridas ao tempo do contacto original com a fonte. A prova de tais empréstimos consiste em demonstrar que passagens paralelas não podem ser explicadas de maneira plausível de outra forma. Seqüências intraveibais são deliberadamente adquiridas por causa de sua utilidade para o escritor ao seguir o princípio do "macaco perseverante" de R. L. Stevenson ou em encorajar as múltiplas fontes literárias do Capítulo 9.

"Associação de Palavras"

Um efeito desse condicionamento extensivo de operantes intraverbais é o encadeamento de respostas geradas na "associação livre" — ou, como dizemos, no caso de um encadeamento muito diferente do nosso, um "vôo de idéias". Uma resposta verbal proporciona o estímulo para outra, em longas séries. O efeito claro se revela no experimento clássico da associação de palavras. Aqui pede-se simplesmente ao sujeito que responda verbalmente a um estímulo verbal, *ou* que relate alto qualquer resposta em que possa "pensar" — isto é, que ele se descubra dando-a silenciosamente. Respostas ecói-cas e textuais são comumente produzidas, mas tais respostas ou são enviadas mediante instruções ou são excluídas dos resultados. Tal experimento repetido com muitos sujeitos, ou muitas vezes com um sujeito, produz uma ampla amostra de respostas sob o controle de um estímulo-padrão numa dada comunidade verbal. O uso das respostas individuais para fins de diagnóstico será considerado no Capítulo 10. No momento, estamos interessados na relação intraverbal em si mesma.

Os reforços estabelecidos por operantes intraverbais costumam ser bastante óbvios e específicos. As contingências são as mesmas, quer no comportamento ecóico quer no textual: um estímulo verbal é a ocasião na qual uma resposta verbal particular recebe caracteristicamente algum tipo de reforço generalizado. Na sabatina oral escolar, a resposta correta é a que é reforçada no momento da ocasião verbal criada pela pergunta. Por isso ela é mais provavelmente emitida quando a pergunta for proposta de novo. Ao recitar um poema ou ao fazer uma longa descrição de um episódio histórico, cada segmento (não precisamos especificar exatamente o começo e o fim) é a ocasião na qual um segmento particular bem sucedido é reforçado como correto.

As relações intraverbais, em qualquer repertório adulto, constituem o resultado de centenas de milhares de reforços sob uma grande variedade de contingências inconsistentes e até conflitavas. Muitas respostas diferentes são postas sob o controle de uma dada palavra-estímulo e muitas palavras-estímulo diversas são postas sob o

controle de uma única resposta. Por exemplo: o reforço educacional constrói muitos operantes intraverbais diferentes envolvendo os números cardinais. *Quatro* e parte da ocasião para *cinco,* no processo de aprender a contar; para *seis,* quando se aprende a contar de dois em dois; para *um,* quando se está aprendendo o valor de TI, e assim por diante. Por outro lado, muitos estímulos verbais diferentes acabam sob o controle da resposta *quatro,* por exemplo, *um, dois, três, ...* ou *duas vezes dois...* Muitas conexões diferentes entre respostas verbais e estímulos verbais são estabelecidas quando passagens diferentes são memorizadas e "fatos" diferentes são adquiridos. O experimento de associação de palavras mostra os resultados. Ocasionalmente, um operante intraverbal pode predominar, mas em geral a resposta que será dada a um estímulo verbal, quando nenhuma outra condição é especificada, pode ser prevista somente de forma estatística, a partir das freqüências observadas nos testes de associação de palavras.

Pensou-se inicialmente que tipos de associação nas respostas intraverbais representavam tipos de processos de pensamento. C. G. Jung, em seu famoso *Estudos Sobre a Associação de Palavras,* usou um complexo sistema de classificação a partir do qual "relações psíquicas" seriam reconstruídas. Ele distinguiu quase 50 subclasses. Se o estímulo *mar* produzia *lago,* tratava-se de uma Subordinação; se *gato* produzia *animal,* era um caso de Superordenação; se *dor* produzia *lágrimas,* tratava-se de Dependência Casual, e assim por diante. Mas tal classificação lógica tem pouca ou talvez nenhuma conexão com as condições de reforço responsáveis pelo comportamento intraverbal. Podemos admitir, pelo contrário, que ao lado das seqüências intraverbais especificamente adquiridas, um estímulo verbal constituirá ocasião para reforçar uma resposta verbal de forma diferente quando, por qualquer motivo, as duas formas ocorrem freqüentemente juntas. A razão comum disso é que as circunstâncias não-verbais sob as quais são emitidas ocorrem juntas.

Podemos chamar essa tendência a ocorrerem juntas de "uso contíguo". No experimento comum de associação de palavras, as associações por meio dos sons das palavras, independentemente de seu significado, são, como vimos, ou operantes ecóicos, ou textuais, ou transcritivos. Os operantes intraverbais remanescentes são explicados por uso contíguo. Há momentos em que *é* útil ter certos operantes de prontidão. Apelamos para esse princípio visando a possíveis reforços para repetir a fala de outras pessoas numa conversa. O uso contíguo descreve outro caso: quando falamos sobre *lagos é* vantajoso ter disponível a forma *mar.* Para explicar um operante intraverbal específico é necessário substituir um acontecimento reforçador atual por uma "vantagem". Em geral, todavia, basta mostrar que a forma *mar* ocorrera provavelmente no contexto de lago; *animal,* no contexto de *gato; lágrimas,* no contexto de *dor,* e assim por diante. Se as conexões causais ou lógicas têm qualquer relevância é na descrição das condições que produzem essas propriedades contextuais do mundo físico. Certas exceções, nas quais a freqüência de resposta

não se segue do uso contíguo freqüente, podem ser atribuídas a reforços específicos, especialmente onde as respostas têm uma circulação limitada ou quando a história do falante é pouco comum.

As respostas dadas a uma lista de palavras-estímulo dependem naturalmente da história verbal do falante. Grupos de falantes podem apresentar diferenças grupais. Não é surpreendente que colegas do sexo masculino e do feminino revelem a tendência de dar respostas diferentes a palavras-estímulo como anel, enquanto estudantes de medicina divergem dos estudantes de direito nas respostas dadas a uma palavra-estímulo tal como *administrador*.*

A natureza do controle de estímulos no comportamento intraverbal é revelado pelas respostas a estímulos verbais que contêm mais de uma palavra. O estímulo *vermelho,* no experimento comum de associação de palavras, pode produzir *verde, azul, cor* ou qualquer uma dentre inúmeras outras respostas, pois há muitas circunstâncias diferentes nas quais ela aparece como parte da ocasião para o reforço de tais respostas. Da mesma forma, a palavra-estímulo *branco* produzirá *negro, neve,* etc. Mas, numa comunidade americana, na ausência de outros determinantes específicos, o estímulo verbal composto *vermelho, branco ...* produzirá *azul,* preferencialmente a qualquer outro. O estímulo composto constitui uma ocasião muito mais específica do que qualquer uma de suas partes tomada separadamente, e é uma ocasião na qual a resposta *azul é* caracteriscamente dada e reforçada. Da mesma maneira, uma expressão tal como *Isto não tem nada a ver com o ...* produzirá *caso,* ou uma ou duas outras formas, com exclusão de todas as demais[8], apesar de essas palavras, tomadas separadamente, produzirem grande variedade de respostas. Quanto mais complexo o padrão do estímulo, quanto mais específica a ocasião verbal, tanto mais forte o controle exercido sobre uma única resposta.

Assim como alguém pode repetir-se ou ler os estímulos verbais que tenha produzido, assim também esse alguém pode responder intraverbalmente a estímulos autogerados, como sugerem muitos exemplos citados acima. O comportamento que gera os estímulos pode estar oculto.

A Unidade Intraverbal

O número de relações intraverbais no repertório de um falante adulto provavelmente ultrapassa de muito o número de formas diferentes de respostas desse repertório, uma vez que uma dada forma pode ter muitas conexões funcionais. Esse total é acrescido ainda pelo fato de unidades de tamanhos diferentes coincidirem. Alguns operantes intraverbais são compostos ou partilham de outros. Tais operantes podem ser tão pequenos quanto um único som vocal, como ao recitar o alfabeto, ou ao usar certos rótulos gramaticais, ou podem ser compostos de muitas palavras, como quando recitamos um poema ou tomamos de empréstimo

uma expressão. Quando consideramos a múltipla causação do comportamento verbal achamos útil e freqüentemente proveitoso recorrer a uma unidade intraverbal constituída apenas de um padrão enfático. (Só por meio de um comportamento intraverbal desse tipo pode alguém aprender a falar sob a forma de pentâmetros jâmbicos ou a compor quintetos com facilidade.)

Exceto no que respeita a elos intraverbais específicos em áreas limitadas do conhecimento, não há um repertório mínimo semelhante ao que se aproxima da imitação no comportamento ecóico ou que permite a um leitor hábil pronunciar uma palavra nova num texto. Um estímulo verbal novo pode evocar respostas intraverbais por causa de sua semelhança com outros estímulos, mas não há razão para que tal comportamento deva ser consistente ou revele qualquer unidade funcional de pequenas partes. Ao estudar respostas intraverbais a novos estímulos, Thorndike[18] não encontrou nenhuma tendência consistente em responder de uma forma padronizada. Isto é verdadeiro mesmo para estímulos tomados de uma língua internacional, que usava tais tendências com fins mnemônicos.

Taradução

Um caso especial de comportamento intraverbal é a tradução. O *modus operandi é* usualmente claro para o estudante que inicia o estudo de uma nova língua e que primeiro adquire uma série de operantes intraverbais, nos quais os estímulos são dados numa língua e as respostas em outra. As "línguas" podem ser de qualquer dos tipos considerados no capítulo 7. Os pais podem traduzir "a linguazinha" de seu filho para um estranho, assim como o cientista traduz o jargão profissional para o leigo. Nesse sentido, a simples paráfrase é uma tradução. Como em qualquer outro comportamento intraverbal, quer o estímulo quer a resposta podem ser escritos ou falados sem que o processo básico se altere.

No caso mais comum, os estímulos são dados na nova língua, enquanto as respostas são dadas na antiga. Diante de uma passagem na nova língua, o tradutor emite (digamos alto) respostas intraverbais apropriadas. Se estas coincidirem com algo semelhante a um padrão familiar, ele pode então reagir de alguma ou de todas as formas apropriadas a um ouvinte (Ver particularmente os capítulos 5 e 6). Tal auto-estimulação constitui uma reminiscência de estágios anteriores de leitura. Ela proporciona a autocorreção das unidades que de certa forma estejam acima do nível do som isolado da fala. Eventualmente, o tradutor vai além desse procedimento grosseiro, desenvolvendo operantes intraverbais mais eficientes, em especial de padrões mais amplos, e adquirindo um comportamento normal de ouvinte ou de leitor sob o controle da nova língua sem auxílio da tradução.

---

[18] Thorndike, E. L., Studies in the Psychology of Language (Nova Iorque, 1938).

Quando a tradução se faz da língua antiga para a nova, o tradutor pode não reagir absolutamente como ouvinte a seu próprio comportamento. Ele compõe uma sentença na nova língua apenas como uma série de respostas intraverbais. Ela pode ou não ser eficaz numa comunidade verbal apropriada. Se o falante não é ainda ouvinte nessa comunidade, não haverá correção automática em seu comportamento.

Quando duas línguas são adquiridas independentemente, pode haver poucas conexões intraverbais entre elas. Na verdade, um bilíngüe hábil pode não ser capaz de dar rapidamente uma tradução quando solicitado a fazê-lo pela primeira vez. Sua habilidade nesse sentido melhora de forma a parecer que ele está adquirindo um conjunto de operantes intraverbais. Se ele se torna, por exemplo, professor de línguas, pode adquirir uma bateria completa de estereótipos intraverbais, que não desempenham nenhum papel útil em seu comportamento enquanto bilíngüe quando ele não está ensinando.

Por outro lado, o falante bilíngüe pode funcionar como uma espécie de tradutor. Respondendo a um único conjunto de circunstâncias em duas línguas, ele proporciona ao ouvinte uma possível ligação entre as duas. É mais difícil dizer o que ocorre quando ele ouve algo numa língua e responde em outra. O caso é freqüentemente apontado como algo que exige o conceito de "idéia" ou de "proposição", uma vez que algo comum às duas línguas aparece como responsável por esta permutabilidade. Mas dizer que um tradutor apreende o sentido de uma resposta e a transfere para outra não *é explicar* seu comportamento. Dizer que ele emite um comportamento numa língua controlada pelas variáveis que infere como responsáveis por uma resposta em outra língua também é ilidir a questão. Ele pode reagir a uma resposta numa língua, de uma das maneiras características do ouvinte, e em seguida descrever sua própria reação em outra língua; mas isto não produz propriamente uma tradução. Todavia, sua resposta como ouvinte pode operar no sentido de confirmar a tradução obtida de outra maneira. Ele experimenta uma tradução, comparando os efeitos das duas versões sobre si mesmo e mudando a tradução até que os efeitos sejam aproximadamente os mesmos. Mas isso não explica o comportamento por ele assim comparado.

Propriedades Dinâmicas Do Comportamento Verbal Sob O Controle Dos Estímulos Verbais

Quando os estímulos verbais que controlam o comportamento ecóico, textual e intraverbal são razoavelmente claros e fortes, e os repertórios são bem estabelecidos, não é provável que haja muita variação na velocidade ou energia da resposta. Ler alto, provavelmente, é monótono, porque uma parte do texto não difere

grandemente da outra no âmbito de seu controle. Isso também vale para os estímulos ecóicos quando o falante recebe ordem para "repetir outra pessoa" palavra por palavra. A recitação intraverbal de um poema, costuma ser monótona, pois a única variação provém da extensão em que o comportamento foi condicionado.

Essa uniformidade dinâmica advém não apenas da uniformidade dos estímulos, mas do uso de um reforço generalizado, uso que trabalha para eliminar as variações das variáveis de motivação. Em muitos casos, a uniformidade é especificamente reforçada. Na transcrição, por exemplo, um nível constante de força pode ser mais eficiente na produção de uma cópia utilizável, assim como a mera comunicação vocal pode beneficiar-se das mesmas propriedades. Em outras circunstâncias, todavia, o comportamento vocal ganha ao apresentar alguma variedade dinâmica. Isto é especialmente verdade quando *é* importante para o ouvinte que o comportamento reflita as circunstâncias sob as quais ele foi emitido originalmente — isto **é**, quando as variáveis que afetam o escritor original podem ter algum efeito sobre o comportamento vocal do leitor e, portanto, em última instância, sobre o ouvinte. Isso seria comum se um texto representasse de um modo mais exato as propriedades dinâmicas da fala. Ao repetir o que se acabou de ouvir como comportamento ecóico, a variedade dinâmica do estímulo pode ser comunicada, particularmente se o repertório ecóico se aproxima do da imitação e se o comportamento intraverbal, em resposta aos estímulos vocais, pode possuir características dinâmicas semelhantes. Mas quando o estímulo é um texto — quer o comportamento seja textual, quer seja intraverbal — as propriedades dinâmicas da fala original se perdem — exceto, por exemplo, quando uma palavra é sublinhada para ter mais ênfase. Em tais circunstancias, o bom leitor, o ator ou o declamador treinado, como vimos no capítulo 2, introduzem uma variedade de velocidades, entonações e níveis de energia que não são controlados por estímulos intraverbais, mas acrescentados ao comportamento por causa das contingências reforçadoras colaterais do tipo que será discutido no capítulo 6. Ainda que o comportamento possa ser apenas textual ou intraverbal, ele tem alguma das variedades de operantes verbais sob outros tipos de relações de controle. Como Evelina disse de Garrick "... Eu mal posso acreditar que ele tenha estudado um texto escrito, pois cada palavra parece ser pronunciada segundo o impulso do momento".[19]

[19] Burney, Fanny, *Evelina* (Everyman Edition), p. 22.

O "Significado" Das Respostas Verbais Dadas Aos Estímulos Verbais

Os comportamentos ecóico, textual e intraverbal são às vezes, desprezados como "linguagem espúria". Eles não são importantes para o teórico da significação, porque a correspondência entre respostas e variáveis de controle não apresentam problemas importantes de referência. A única relação semântica relevante parece ser a que se estabelece entre a resposta e a *fonte* do estímulo verbal no comportamento do falante que o produziu originalmente, e isto só se relaciona longinquamente com o comportamento do falante atual. No próximo capítulo, voltaremos ao problema da referência.

Na explicação do comportamento verbal como um todo, as relações funcionais efetivas não devem ser negligenciadas por causa de uma preocupação com o sentido. Nas pessoas alfabetizadas, os operantes ecóicos e intraverbais, bem como os textuais constituem, em geral, parte importante do comportamento verbal. A contribuição de tais respostas é particularmente importante quando passamos a examinar o modo como as variáveis se combinam na fala continuada, e o modo como o efeito do próprio comportamento do falante o leva a compor e a corrigir o que ele diz, e a manipulá-lo no pensamento verbal.

Capítulo 5

O TACTO

Em todo comportamento verbal sob controle de estímulo há três acontecimentos importantes a serem considerados: um estímulo, uma resposta e um reforço. Eles são interdependentes, como vimos, da seguinte forma: o estímulo, agindo antes da emissão da resposta, cria ocasião para que a resposta provavelmente seja reforçada. Sob tal dependência, mediante um processo de discriminação operante, o estímulo torna-se a ocasião em que a resposta provavelmente será emitida.

Nos operantes ecóicos textuais e intraverbais o estímulo anterior é verbal. Existem dois tipos importantes de estímulos de controle que usualmente são não-verbais. Um deles já foi mencionado: um *auditório* controla caracteristicamente um amplo grupo de respostas mediante um processo que será discutido em detalhe no capítulo 7. O outro é constituído nada menos que pelo conjunto do meio físico: o mundo das coisas e acontecimentos a respeito dos quais um falante "fala". O comportamento verbal sob o controle de tais estímulos *é* tão importante que é o único estudado exclusivamente pelas teorias de linguagem e da significação.

A dependência em três termos, nesse tipo de operante, é exemplificada quando, na presença de uma boneca, uma criança freqüentemente adquire um reforço generalizado dizendo *boneca;* ou quando um peixe teleósteo ou sua imagem constitui ocasião na qual o estudante de zoologia é reforçado quando diz *peixe teleósteo.* Não há um termo adequado para esse tipo de operante. "Sinal", "Símbolo" e outros termos mais técnicos da lógica e da semântica nos comprometem com esquemas especiais de referência e destacam a própria resposta verbal mais do que as relações de controle. O termo *tacto* que inventei será usado aqui. Esse termo traz consigo certa sugestão mnemônica do comportamento que estabelece "con-tacto" com o mundo físico. Um *tacto* pode. ser definido como um operante verbal, no qual uma resposta de certa forma é evocada (ou pelo menos reforçada) por um objeto particular ou um acontecimento ou propriedade de objeto ou aconte-

cimento. Explicamos a força mostrando que na presença desse objeto ou acontecimento tal resposta é caracteristicamente reforçada em determinada comunidade verbal.

Pode ser tentador dizer que num *tacto* a resposta "se refere a", "menciona", "anuncia", "fala sobre", "nomeia", "denota" ou "descreve" seu estímulo. Mas a relação essencial entre resposta e estímulo de controle é precisamente a mesma que a do comportamento intraverbal, textual e ecóico. Não dizemos que o estímulo intraverbal "se refere a" por todas as respostas que ele provoca, ou que uma resposta ecóica ou textual "menciona" ou "descreve" suas variáveis de controle. A única relação funcional útil se expressa na afirmação de que a presença de um dado estímulo aumenta a probabilidade de ocorrência de uma determinada forma de resposta. Esta é, também, a essência do *tacto.*

De fato, não deveríamos aplicar nenhum dos termos tradicionais a exemplos desse tipo. Pode-se condicionar alguém a dizer *Como vai?* em determinadas circunstâncias apropriadas. Como pergunta, isto se parece com um *mando* mas, na verdade, nada mais é que uma resposta unitária caracteristicamente reforçada em ocasião apropriada. *Obrigado,* na maior parte das vezes, nada mais é que uma resposta apropriada a uma classe de ocasiões nas quais alguma pessoa recebeu algo. Num caso especial, uma resposta emitida caracteristicamente por alguma outra pessoa começa como uma resposta ecóica, mas é eventualmente controlada por um estímulo não-verbal. Ao entrar num elevador, por exemplo, podemos tender a emitir o apropriado *Sobe!,* mesmo que jamais tenhamos sido ascensoristas. Num estado de espírito apropriado, podemos emitir tal resposta, como dizemos, "excentricamente". Não estamos anunciando a presença do elevador, ou indicando sua condição; estamos simplesmente emitindo um comportamento comumente ouvido e repetido nessa circunstância. A mesma fórmula explica um lapso verbal familiar, no qual saudamos outra pessoa usando nosso próprio nome. As fontes de tais práticas são óbvias no caso do falante jovem; uma criança de dois anos regularmente saudava seu pai dizendo *Oi, Bobby!,* forma característica pela qual o pai o saudava.

Não há nenhuma utilidade, e pode até mesmo ser enganador, chamar-se um *tacto* de "declaração", "proposição" ou "anúncio", ou dizer que ele "declara", "anuncia" ou "denota" algo, ou que ele "torna conhecido" ou "comunica" a condição do estímulo. Se esses termos têm qualquer significado científico, além de uma paráfrase da atual relação, eles se referem a certos processos adicionais, que consideraremos na IV Parte. Veremos, por exemplo, que o *tacto é* o operante que mais provavelmente será "afirmado", sem que todavia o operante em si mesmo possa ser considerado por isso uma afirmação.

A Relação de Controle

O *tacto* surge como o mais importante operante verbal, por causa do controle incomparável exercido pelo estímulo anterior. Esse controle é estabelecido pela comunidade reforçadora, por motivos que veremos a seguir. Ele contrasta claramente com as relações de controle no *mando* onde os resultados mais eficientes são obtidos quando se rompe qualquer conexão com o estímulo anterior, deixando assim a privação ou a estimulação aversiva no controle da resposta. Quer explicitamente, quer como efeito de contingências comuns, uma resposta é reforçada de uma única maneira sob várias e diferentes circunstâncias de estímulo. A resposta chega então a "especificar" suas conseqüências características, independentemente da condição na qual ela ocorre. No *tacto* todavia, (assim como no comportamento ecóico, textual ou intraverbal) enfraquecemos a relação com qualquer privação ou estimulação aversiva específica e estabelecemos uma relação excepcional com um estímulo discriminativo. Fazemos isso reforçando a resposta tão consistentemente quanto possível na presença de um estímulo com muitos reforçadores diferentes ou com um reforçador generalizado. O controle resultante é feito por meio do estimulo. Uma dada resposta "especifica" uma dada propriedade-estimulo. Isto é a "referência" da teoria semântica. Falando aproximadamente, o *mando* permite que o ouvinte infira algo acerca da condição do falante, independentemente das circunstancias externas, enquanto que o *tacto* permite que ele infira algo acerca das circunstâncias, independentemente da condição do falante. Essas "inferências" precisam ser mais claramente representadas pela análise das práticas reforçadoras da comunidade que mantêm atuantes os *mandos* e os *tactos.*

Um *tacto* estabelecido com um reforço completamente generalizado pode ser chamado de "puro" ou de "objetivo". O fato de a resposta ser emitida pode depender de outras variáveis; mas, sempre que ela for emitida, sua forma é determinada unicamente por um traço específico do meio de estímulo. Todavia, um reforço verdadeiramente generalizado é raro, e (ver particularmente o Capítulo 6) é provável que nesse sentido a pura objetividade jamais se realize. O comportamento verbal, no qual o reforço é completamente generalizado e cujo controle, por isso mesmo, compete exclusivamente ao meio, é desenvolvido pelos métodos da ciência. As práticas reforçadoras da comunidade científica suprime por completo os interesses especiais do falante. Isto não é necessariamente sinal de uma ética superior dos cientistas, mas apenas uma prática desenvolvida que se mostrou particularmente valiosa. Ela é responsável por muito da força do método científico (capítulo 18).

Reforço do Tacto

Ensina-se a uma criança os nomes dos objetos, cores, etc, quando algum reforço generalizado (por exemplo, a aprovação manifestada pelo estímulo verbal *Certo!)* se

torna contingente face a uma resposta que mantém uma relação apropriada com um estímulo corrente. Uma série típica de acontecimentos é sugerida no modelo da Fig. 5:

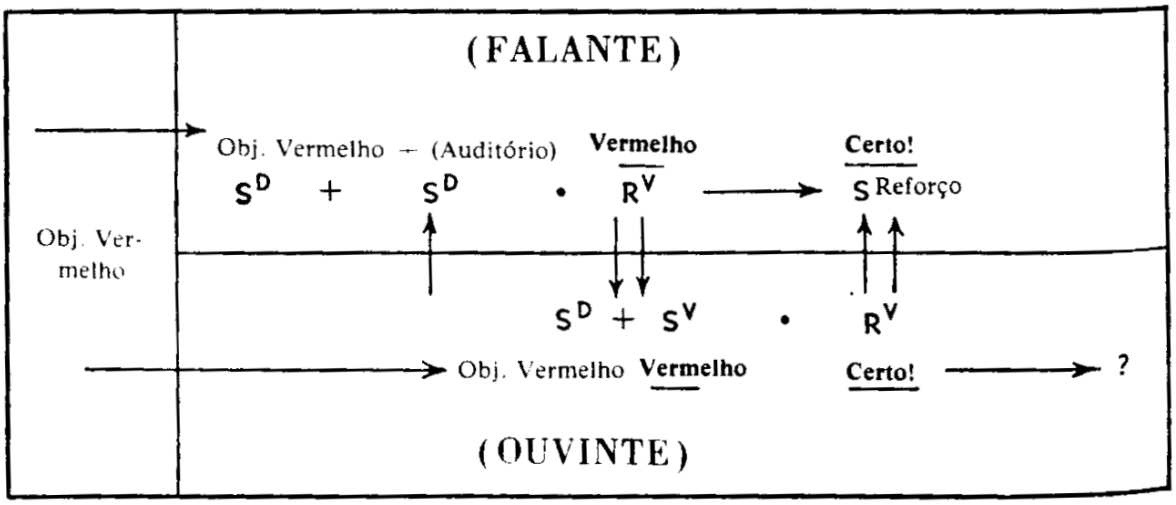


Figura 5

Admitimos aqui que um objeto vermelho estimula o ouvinte e o falante. O objeto, juntamente com a presença do ouvinte como um auditório, e possivelmente um *mando* apropriado para a ação verbal emitida pelo ouvinte (por exemplo, *Que cor é esta?)* é a ocasião na qual a resposta verbal *Vermelha* por parte do falante recebe o reforço *Certo!* Ele realiza isso porque a resposta torna-se um estímulo verbal, que corresponde apropriadamente ao estímulo do objeto vermelho para fornecer a ocasião na qual o ouvinte diz *Certo!*

Na Fig. 5, o último reforço do ouvinte requer uma explicação adicional. Este é um reforço "educacional", isto é, proporcionado inicialmente porque estabelece e mantém uma forma particular de comportamento no falante. O *tacto* como operante verbal é usado pelo ouvinte principalmente por motivos que examinaremos a seguir, mas uma explicação adequada do paradigma na Fig. 5 requer o arrolamento dos acontecimentos reforçadores específicos acima da linha horizontal. Alguns deles são fornecidos pela cultura; por exemplo, o prazer que os pais têm com um filho talentoso proporciona reforços condicionados para qualquer comportamento dos pais que aumente o repertório verbal da criança. Em instituições educacionais, tais reforços são particularmente proporcionados, de novo pela comunidade verbal, mediante reforço econômico. O professor é pago para reforçar a criança de modo apropriado.

Chegamos um pouco mais perto da explicação final do comportamento na forma de *tacto* quando examinamos um caso no qual o estímulo especificado pelo *tacto* não é diretamente acessível ao ouvinte. Em tais circunstâncias, o comportamento do falante pode ser reforçador para o ouvinte, por constituir a ocasião para um

comportamento que, de outra forma, poderia não ocorrer. No paradigma da Fig. 6, presume-se que o falante esteja em contacto com um estado de coisas desconhecido para o ouvinte; ele responde ao telefone e verifica que a chamada era para o ouvinte. A chamada telefônica, mais o ouvinte como um auditório, é a ocasião-padrão para que o falante responda *Telefone para você.* Isto se torna um importante estímulo verbal para o ouvinte, que assim vai até o telefone e é reforçado a fazê-lo por motivos extrínsecos. No futuro, ele garante a força de um comportamento semelhante por parte do falante, emitindo a resposta verbal *Obrigado* como um reforçador apropriado.

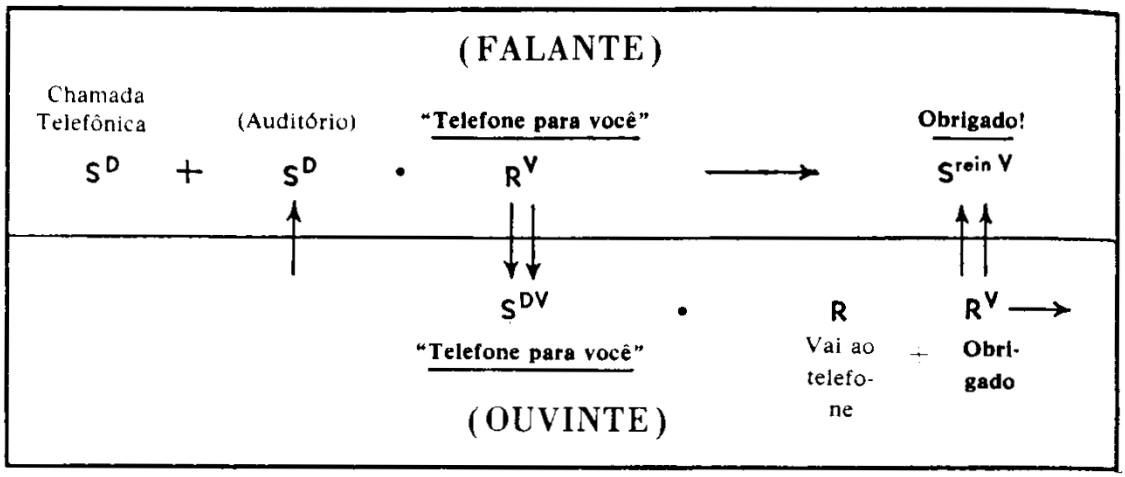


Figura 6

Em termos muito gerais, podemos dizer que o comportamento na forma de *tacto* trabalha em benefício do ouvinte ampliando seu contacto com o meio, e é essa a razão pela qual este comportamento é construído na comunidade verbal. Mas uma exposição geral não especifica os acontecimentos particulares que explicam uma circunstância dada qualquer. No reforço educacional, as contingências entre respostas e estímulos apropriados são mais claramente mantidas. O principal efeito é a determinação da forma ou topografia do comportamento (na "modelagem" de respostas) e em esclarecer o controle do estímulo. Quando o comportamento do falante reforça o ouvinte por motivos meramente incidentais, as contingências um tanto semelhantes podem ser deficientes. *Obrigado! é* um reforço menos discriminador do que *Certo!* A correspondência entre o *Telefone para você* do falante e o pedido ouvido no telefone não pode diferir muito, porque o reforço que em seguida o ouvinte proporciona ao falante depende da correspondência entre a forma da resposta e o pedido telefônico. Se a chamada for para outra pessoa, o *Obrigado!* do ouvinte pode ser rapidamente cancelado por algum tipo de conseqüência aversiva.

Um reforço menos explícito do *tacto* corresponde ao reforço de respostas intraverbais por uso contíguo. Geralmente, há uma vantagem quando respostas

apropriadas a uma situação corrente são fortes. Há também muitos reforços automáticos do efeito do comportamento sobre o próprio falante. Um meio ao qual o falante tenha respondido dessa maneira pode exercer um controle mais discriminador sobre outro comportamento, verbal ou não-verbal. Por exemplo: ao classificar corretamente um objeto, o falante pode reagir a ele de forma mais apropriada. As fontes de reforço deste efeito ficarão claras quando examinarmos em detalhe o efeito do comportamento verbal.

A Resposta do Ouvinte a um Tacto

As teorias do significado comumente consideram o comportamento tanto do ouvinte como do falante ao mesmo tempo. Essa prática é encorajada pela noção do "uso das palavras", a qual parece libertar a palavra do comportamento do ouvinte ou do falante, de forma que ela possa estar em relação de referência com um objeto. A resposta do ouvinte a um texto é obviamente influenciada pela correspondência entre a forma de resposta e o estímulo-controle; mas o lugar dessa correspondência no comportamento do falante raramente foi analisado. A substituição de um estímulo por outro no reflexo condicionado sugeriu uma base biológica à noção de referência. Assim J. B. Watson argumentava que "as palavras funcionam para provocar respostas da mesma forma que os objetos para os quais as palavras servem de substitutivo"[20]

Ele cita a história, contada por Swift, do homem que carregava um saco cheio de objetos que ele podia exibir, em lugar de falar por meio de palavras. "Desde cedo o homem possui um substituto verbal, dentro de si mesmo, teoricamente, para cada objeto do mundo. Por conseguinte, ele carrega o mundo consigo, em virtude dessa organização". Mas este é sem dúvida, um mundo bastante inútil. Ele não pode comer *sanduíches* ou arrancar um prego com a *orelha de martelo.* Esta é uma análise muito superficial, muito próxima da noção tradicional de que as palavras "representam" coisas.

A mesma objeção pode ser feita contra a interpretação que Bertrand Russell faz do comportamento do ouvinte em sua Inquiry into Meaning and Truth:

Suponha que você está na companhia de um homem que subitamente diz "raposa" porque acaba de ver uma raposa, e suponha também que, embora você o tenha ouvido, você não veja a raposa. O que ocorre com você, em conseqüência do fato de compreender a palavra "raposa"? Você olha ao redor, mas isto também teria ocorrido se ele tivesse dito "lobo" ou "zebra". Você pode ter a imagem de uma raposa. Mas o que revela, do ponto de vista do observador, que você compreendeu a palavra é que você se comporta (dentro de certos limites) tal como você o faria se tivesse visto a raposa. Geralmente,

[20] Watson, J. B., *Behaviorism* (Nova Iorque, 1924), p. 233.

quando você ouve uma palavra que designa um objeto, e você a compreende, seu comportamento é idêntico ao que o próprio objeto teria provocado. Isto pode ocorrer sem qualquer intermediário "mental", pelas regras comuns dos reflexos condicionados, uma vez que a palavra tornou-se associada ao objeto"[21].

Mas nós não nos comportamos diante da palavra "raposa" da mesma forma que diante do objeto, exceto em casos-limites. Se temos medo de raposas, o estímulo verbal *raposa,* ouvido na presença de raposas de verdade, evocará em nós uma reação emocional; se estamos caçando, o estímulo provocará em nós alegria ou excitação. Possivelmente, o comportamento de "ver uma raposa" pode enquadrar-se na mesma fórmula, como veremos mais adiante. Mas o estímulo verbal *raposa* não causa, por simples condicionamento, nenhum comportamento prático apropriado para raposas. Como disse Russell, isso pode levar--nos a olhar em torno, como o estímulo *lobo* ou *zebra* teria provocado, mas, quando vemos uma raposa, não olhamos ao redor e sim para a própria raposa. Apenas quando os conceitos de estímulo e resposta são muito vagamente o princípio do condicionamento pode ser usado como um protótipo biológico de simbolização.

O comportamento prático do ouvinte em relação ao estímulo verbal produzido pelo *tacto* segue a mesma relação de três termos já usada na análise do comportamento do falante. Podemos supor que na história do ouvinte descrito por Russell o estímulo *Raposa* tenha sido a ocasião na qual o olhar em redor foi seguido pela visão de uma raposa. Podemos também supor que o ouvinte tivesse algum "interesse em ver raposas" — assim sendo, o comportamento dependente da visão de uma raposa para sua execução é forte e o estímulo proporcionado por uma raposa é, portanto, reforçador. Ouvir o estímulo *raposa* constitui ocasião na qual voltar-se e olhar ao redor é freqüentemente seguido pelo reforço de ver uma raposa. Tecnicamente, o comportamento de voltar-se e olhar ao redor é um operante discriminado, e não um reflexo condicionado. A diferença é importante. O estímulo verbal *raposa* não é substitutivo para uma raposa, mas uma ocasião na qual certas respostas foram e, provavelmente, serão reforçadas pela visão de uma raposa. O comportamento que é controlado pela própria raposa — olhar para ela ou correr a galope em sua perseguição — não pode ser evocado pelo estímulo verbal e, por isso, não há possibilidade de substituir os estímulos por um sinal ou símbolo.

Consideremos outro exemplo: quando uma cozinheira *tacta* um dado estado de coisas com o aviso simples *jantar!* ela cria uma ocasião verbal na qual podemos, com sucesso, sentarmo-nos à mesa. Mas o ouvinte não se senta sobre o estímulo verbal, e nem tampouco o come. O tipo de resposta que pode ser dada, tanto ao jantar como

---

[21] Russell, B., *Inquiry into Meaning and Truth* (Nova Iorque, 1940), p. 82.

ao estímulo verbal *jantar!,* é exemplificado pela resposta condicionada da salivação, de acordo com a fórmula de Pavlov. O comportamento prático do ouvinte (cujas conseqüências são responsáveis, em última instância, pelo desenvolvimento da resposta verbal em primeiro lugar) deve ser formulado como um operante discriminado que envolve três termos, sendo que dois deles não proporcionam um paralelo para a noção de símbolo.

A freqüência relativa com a qual o ouvinte se engaja numa ação eficiente ao responder ao comportamento na forma de *tacto* dependerá da extensão e da precisão do controle do estímulo do comportamento do falante. Alguns dos fatores que podem interferir com uma correspondência próxima entre a resposta e o estímulo serão discutidos no capítulo 6. A freqüência da ação eficiente, por seu lado, explica aquilo que podemos chamar de "crença" do ouvinte: a probabilidade de que ele desempenhará uma ação eficiente face um estímulo verbal particular. Em geral, isso variará entre falantes (refletindo a opinião que o ouvinte faz da previsão e honestidade do falante) e entre respostas (dependendo da plausibilidade da resposta em conexão com o resto de uma situação dada).

O fato de o ouvinte desempenhar uma ação efetiva dependera também do fato de a resposta ser um *tacto* ou ser meramente ecóica, textual ou intraverbal. Vimos, porém, que o tipo de operante verbal não é indicado apenas pela forma da resposta. Em certas circunstâncias, é característico o fato de comportamento ter a forma do *tacto,* mas há muitas circunstancias nas quais o tipo particular deve ser indicado mediante respostas colaterais se o ouvinte tiver que agir de forma adequada. Discutiremos as respostas que têm essa função na IV Parte.

Foi possível classificar os *mandos* em termos das diferentes razões pelas quais o ouvinte reforça; da mesma maneira, podemos explicar o fato de uma resposta num *tacto* diferir da mesma resposta num operante textual, intraverbal ou ecóico. O *tacto* "cadeira" tem uma vantagem sobre os demais tipos, porque parece "dizer algo" sobre o objeto que evoca a resposta. O *tacto* parece fornecer mais "informações" que o comportamento textual, intraverbal ou ecóico. Ele proporciona uma ligação entre o comportamento do ouvinte e um estado relevante de coisas. Mas a ligação só é mais longa quando o comportamento do falante é controlado pelo comportamento verbal de outra pessoa. Todas as gradações de diferença entre operantes verbais refletem diferentes conjuntos de variáveis no comportamento quer do falante quer do ouvinte. Os processos componentes de comportamento são os mesmos onde quer que eles ocorram.

O Controle de Estímulo do Tacto

Todo comportamento verbal é controlado por uma estimulação anterior proveniente de um auditório, como veremos no capítulo 7; mas um auditório,

quando presente, reforça as respostas verbais diferentemente, dependendo da forma da resposta, da ocasião ou de ambas. O comportamento textual e o ecóico nem sempre são aprovados ou reforçados. O comportamento do falante está, portanto, sob o controle das propriedades adicionais de ocasião. O ouvinte pode marcar a ocasião como propícia com estímulos verbais tais como O *que foi que você disse?* ou O *que isto quer dizer?* Trata-se aqui de *mandos* para ações verbais que indicam a disposição de reforçar respectivamente os comportamentos ecóico e textual. Uma dada ocasião também pode ser ou não ser propícia para um comportamento na forma de *tacto.* Um dado objeto não continua a ser ocasião inevitável para o reforço de uma resposta apropriada, e a probabilidade da resposta varia, assim, de acordo com a ocasião. O ouvinte pode ajudar, dizendo O *que é isso?* ou *mandando* o comportamento de *mando* na forma de *tacto* de outra maneira. Outra propriedade pode ser a novidade da ocasião. Objetos familiares perdem seu controle porque a comunidade retira eventualmente o reforço, a não ser em condições especiais. Apenas objetos, de alguma forma pouco co_{muns} ou que surgem em meios pouco comuns, são importantes pára o ouvinte e proporcionam, assim, ocasião para reforçar o falante. Uma mesa de bilhar no fundo de uma piscina, um hidrante de incêndio na sala de estar ou uma foca no quarto de dormir tenderão mais provavelmente a evocar *tactos* que os mesmos objetos em condições comuns. É claro que nem sempre o que é pouco comum para o falante o é também para o ouvinte e, portanto, a regra não se aplica de um modo uniforme.

O reforço generalizado torna o *tacto* relativamente independente da condição momentânea do falante e, nesse aspecto, o *tacto* assemelha-se ao comportamento textual, intraverbal e ecóico. Há uma diferença, todavia, no estímulo-controle. O comportamento que "descreve o meio ambiente" tende menos a ser desinteressante" do ponto de vista dinâmico. O *tacto* não precisa ser elaborado para ser "expressivo." Ele usualmente é emitido com modulações de intensidade e velocidade que refletem não apenas a presença ou ausência de estímulos que controlam uma forma específica de resposta, mas também outras condições relevantes da ocasião e do falante. A "interpretação" do leitor hábil, ou do ator, dá ao comportamento textual ou intraverbal o caráter dinâmico do *tacto.* Esse caráter se deve, em parte, a certas conseqüências especiais, que serão analisadas no capítulo 6, conseqüências que se opõem ao efeito nivelador de um reforço generalizado. Contudo, o que mais importa é a falta de uma correspondência ponto por ponto entre a resposta e o estímulo de controle visto no comportamento ecóico e textual.

Todos os estímulos, verbais ou de outro tipo, variam em intensidade e clareza de padrão, e o controle que exercem é afetado de acordo com tal variação. Acima de certo nível, todavia, os estímulos ecóicos e textuais têm poucos efeitos determinados. Se decidimos levar alguém a dizer *violino,* por exemplo, podemos recorrer a um estímulo verbal acrescido de um *mando* para um comportamento

ecóico: *Diga "violino".* As correspondências de dimensão no comportamento ecóico determinam a resposta com grande precisão. Poderíamos também usar um estímulo textual com um *mando apropriado, Leia isto: VIOLINO,* no qual outro tipo de correspondência ponto por ponto restringiria a resposta quase tanto quanto no caso anterior. O mesmo nível de especificação poderia ser obtido dizendo-se *Diga-me o que é isso* designando um violino, uma vez que as contingências de reforço são quase tão específicas quanto no comportamento ecóico ou textual, apesar do fato de não haver uma correspondência ponto por ponto entre o violino e a resposta *violino.* Mas esta especificidade não se mantém em todos os estímulos possíveis, como descobriremos num exame ulterior do controle do estímulo.

O Tacto Ampliado

Se uma cadeira, agindo como estímulo, torna simplesmente provável a resposta *cadeira,* e se um tabuleiro de jogo, agindo como estímulo, torna simplesmente provável a resposta *tabuleiro de jogo,* podemos tratar da "semântica" do comportamento verbal apenas organizando um inventário de *tactos.* Mas um repertório verbal não é o equivalente de uma lista de passageiros num avião ou navio, na qual um nome corresponde a uma pessoa, sem omissão de qualquer uma ou sem que qualquer uma apareça duas vezes. O controle de estímulo não é tão preciso assim. Se uma resposta é reforçada numa dada ocasião ou classe de ocasiões qualquer traço dessa ocasião, ou comum a essa classe, parece ganhar alguma medida de controle. Um estímulo novo que possua um desses traços pode evocar uma resposta. Há várias maneiras pelas quais um novo estímulo pode assemelhar-se a um estímulo previamente presente quando uma resposta foi reforçada, e assim há muitos tipos daquilo que podemos chamar de *"tactos* ampliados".

Extensão Genérica

A propriedade que torna um novo estímulo eficiente pode ser a propriedade pela qual os reforços proporcionados pela comunidade são contingentes. Essa "extensão genérica" pode ser exemplificada quando um falante chama um novo tipo de cadeira de cadeira. A propriedade responsável pela extensão da resposta de um caso para o outro é a propriedade que determina a prática reforçadora da comunidade. Uma vez que ela é também a propriedade importante para o ouvinte numa ocasião nova, a resposta ampliada é aceitável e útil.

Se a resposta ampliada é em si mesma reforçada, como é provável, o daqui por diante estímulo não será totalmente novo, e não é necessário que um segundo caso exemplifique a extensão genérica. A classe de estímulo foi ampliada e as extensões posteriores facilitadas. Dessa maneira, chegamos eventualmente a responder *cadeira*

a um grande número de objetos. Para descobrir a "essência" de cadeira devemos examinar as contingências atuais do reforço numa dada comunidade. Na extensão genérica, em oposição a outros tipos de extensão a serem comentados brevemente, as propriedades definidoras tendem a ser práticas. O controle-estímulo de *cadeira é* ditado, em última instância, pelo uso que a comunidade de reforço faz de cadeira. Pela mesma razão, os estímulos de controle tendem a ser "objetos". Na caracterização de um dado estímulo, é mais provável que venhamos a nos referir a objetos mais do que a propriedade (a cadeira, e não a verde, por exemplo) não porque os objetos sejam mais fácil, rápida ou substancialmente "percebidos", mas por causa das considerações práticas envolvidas no crescimento de uma classe de estímulos.

Todavia, respostas a propriedades isoladas podem apresentar uma extensão genérica. A resposta ampliada é aceita pela comunidade, e reforçada, para estabelecer uma classe de estímulos ainda mais ampla. Quando dizemos *A corrida é para os velozes* designamos a propriedade prática importante para aqueles que vencem corridas. Quando uma extensão desse tipo é reforçada pela comunidade verbal, o *tacto* torna-se um operante-padrão sob o controle de uma única propriedade. Nenhum processo posterior de extensão está envolvido quando a resposta é emitida mais tarde, na presença de um estímulo novo que possua esta propriedade. Desde que o controle exercido por um novo estímulo é devido a propriedades partilhadas com o estímulo original, a resposta ainda exemplifica nossa relação fundamental de três termos: de estímulo, resposta e reforço. Todavia, apenas uma única propriedade do estímulo e especificada na explicação das respostas posteriores. Esta formulação é muito mais simples que as explicações tradicionais dos mesmos dados, as quais recorrem a vários processos de generalizações, equivalência ou pensamento analógico, em virtude dos quais o falante é capaz de *transferir* a resposta para um novo estímulo. Não precisamos dizer que o falante "descobre a similaridade e a expressa mediante a transferência de uma resposta." A resposta ocorre simplesmente por causa da semelhança.

Como veremos mais tarde, a extensão genérica ocorre mesmo quando o falante não é capaz de responder de outra forma à semelhança quando não está "cônscio" da mesma.

Extensão Metafórica

Um segundo tipo de extensão ocorre por causa do controle exercido pelas propriedades do estímulo as quais, embora presentes no reforço, não se incorporam à contingência respeitada pela comunidade verbal. Este é o processo familiar da metáfora. Desde Aristóteles, as descrições tradicionais admitiram que, assim como a extensão generalizada, a metáfora é uma realização especial que requer uma

faculdade especial de pensamento analógico. Mas o processo básico é de novo representado de forma adequada por nossa relação de três termos; a única diferença entre a extensão metafórica e a generalizada está no tipo de propriedade que obtém controle da resposta.

Um exemplo de extensão metafórica é o da criança que, bebendo soda pela primeira vez, afirmou que ela tinha um gosto semelhante "ao de meus pés quando dormem". A resposta *Meus pés quando dormem* havia sido previamente condicionada em circunstâncias que envolviam duas condições de estímulo distintas: a imobilidade parcial do pé e certa sensação de agulhadas. A propriedade que a comunidade usa no reforço da resposta era a imobilidade, mas a sensação de agulhadas também era importante para a criança. Uma sensação semelhante, provocada pela soda, evocou a resposta. Nesse exemplo, a sensação de agulhadas era particular, uma condição que acarreta inúmeros problemas difíceis na análise do comportamento como veremos mais adiante, mas que é útil aqui por permitir--nos distinguir entre a propriedade de que se serviu a comunidade como a base do reforço e a propriedade responsável pela extensão da resposta a um novo estímulo. A comunidade não teria podido usar apenas a sensação de agulhadas para criar tal resposta.

Um *tacto* metafórico, no qual as duas propriedades são públicas, pode ser analisado da mesma maneira. Quando um falante, pela primeira vez, chama alguém de camundongo, explicamos a resposta notando certas propriedades — pequenez, timidez, movimentos silenciosos, etc. — comuns no tipo de situação no qual a resposta é caracteristicamente reforçada e na situação particular na qual a resposta é agora emitida. Mas, uma **vez** que essas não são as propriedades usadas pelos zoólogos, ou pela comunidade leiga como base usual para reforçar uma resposta, chamamos a extensão de metafórica. (Ao tratar **de** metáforas, estamos aqui apenas interessados na aparência **do** *tacto ampliado.* Em *Juliet is [like] the sun* [Julieta é [como] o sol] precisamos explicar o aparecimento da resposta *sun* [sol] quando este não está presente. Nós o explicamos notando que Julieta e o sol possuem algumas propriedades comuns, pelo menos em seu efeito sobre o falante. Algumas vezes a propriedade responsável pela extensão também é tentadora de forma direta, quando então o problema de identificá-la fica automaticamente solucionado. Em *The child is bright as a dollar* [A criança é brilhante como um dólar] explicamos *dólar* por algo que é possuído em comum pelos dólares e pela criança em questão. Este algo é precisamente a propriedade-estímulo responsável por *bright.* O falante identificou a propriedade responsável pela extensão que faz da resposta. Nessas expressões, respostas como *like* e *as* [como] são de outro tipo, a ser discutido no Capítulo .12.)

Quando uma resposta metafórica é adequada e eficientemente reforçada, ela deixa de ser originalmente uma metáfora. É raro um homem ser chamado de camundongo num *tacto* ampliado. *Camundongo* tornou-se uma forrna-padrão na comunidade de reforço na qual pequenez, timidez e outras propriedades

representam um papel reconhecido. A resposta *perna* evocada pela perna de uma mesa, provavelmente, só às vezes representará uma extensão metafórica. Todavia, não podemos ter certeza de que uma resposta constitui ou não um exemplo de extensão metafórica, a menos que saibamos a história do falante. *Bright as a dollar* é, na maioria das vezes, uma simples resposta-padrão, que funciona como uma única unidade verbal. .No uso comum ela é pouco mais que um sinônimo polissilábico de *brilhante.* Sua origem metafórica tem pouco significado. Podemos afirmar que se trata de uma extensão metafórica somente se soubermos que *moeda* foi estabelecida independentemente como uma resposta a uma disposição de propriedades que incluem o brilho e se soubermos que nenhuma relação intraverbal foi estabelecida por ocorrências contíguas anteriores de *brilhante e moeda.* Uma expressão como *Opaco como água de barrela* constitui um exemplo mais convincente, porque *água de barrela* não é mais comumente condicionada em circunstância nas quais a propriedade de opacidade pudesse adquirir controle.

Às vezes a comparação de práticas nas diferentes comunidades verbais podem esclarecer a importância da extensão metafórica. Qualquer resposta peculiar a uma dada comunidade não é, provavelmente, resultante de uma extensão metafórica *corrente,* mesmo que ela pareça ser uma metáfora. O buraco de uma agulha não é chamado de *olho* em todas as línguas. Tal extensão metafórica pode ocorrer em qualquer língua, mas isso não ocorre tão freqüentemente que possa ser reforçado e estabelecido como um termo-padrão. O freqüente aparecimento da resposta em inglês deve ser, pois, amplamente atribuído ao reforço corrente da expressão total em conexão com agulhas, e não a uma extensão metafórica.

Traços de extensão funcional podem sobreviver em metáforas que, sob outros aspectos, já estão mortas. Veremos no capítulo 9 que uma resposta verbal muitas vezes adquire força a partir de mais de uma variável. É possível que o operante idiomático *olho da agulha* seja mais forte porque a resposta *olho é* também reforçada quando dada ao olho do animal, que possui alguma semelhança de padrão geométrico. Por causa dessa fonte auxiliar de força, a resposta será adquirida mais rapidamente quando uma agulha é vista pela primeira vez; ela será proposta mais rapidamente em qualquer ocasião dada e surgirá mais vezes que outros sinônimos competidores e, assim, sobreviverá na língua.

Quando uma metáfora ampliada é reforçada e, assim, estabiliza como um *tacto* não-ampliado, ela tem o efeito de isolar uma nova propriedade estimuladora ou um grupo de propriedades possivelmente até agora não identificadas na língua. Se primeiro adquirimos a resposta *perna* em conexão com animais, e a estendemos a pernas de mesas e cadeiras com base em semelhanças funcionais ou geométricas, as propriedades comuns a todos esses casos adquirem o controle da resposta e são em seguida respeitados pela comunidade. As propriedades puramente fisiológicas e anatômicas do estímulo original perdem a importância. Quando ampliamos a

resposta *asa,* ou *ala,* de partes dos pássaros e insetos para aviões, edifícios e subdivisões de um exército a resposta é controlada por uma sutil propriedade geométrica comum a todos os casos. O papel que o processo de extensão metafórica desempenha ao isolar esta propriedade será discutido numa seção posterior deste capítulo.

A distinção entre a extensão genérica e a metafórica é a existente entre um contingente e uma propriedade adventícia do estímulo. A extensão genérica respeita a prática reforçadora original, a qual persiste imutável na comunidade verbal, ainda que o alcance dos estímulos possa ser ampliado na medida em que mais casos com novas propriedades colaterais sejam reforçados. O número total de propriedades estimuladoras respeitado pela língua não se amplia. Todavia, na metáfora novas propriedades da natureza são constantemente trazidas para o controle do comportamento verbal. Estas tornam-se estabilizadas como *tactos* padrões, sujeitos por sua vez, a extensões metafóricas ou genéricas adicionais.

As expressões metafóricas de um dado falante ou de um escritor refletem os tipos de estímulos que mais freqüentemente controlam seu comportamento. Este fato é comumente usado para inferir condições acerca da vida do escritor, mesmo quando tais fatos não são conhecidos de outra maneira, ou para se estabelecer a autoria de uma obra. As "imagens" de Caroline Spurgeon[22] são metafóricas, de acordo com a presente definição. O argumento pode ser reformulado da seguinte maneira: quando uma situação simplesmente evoca *tactos* não--ampliados, o comportamento nos diz algo acerca da situação, embora nos diga muito pouco acerca do falante, mas as respostas metafóricas foram adquiridas em *outras circunstâncias,* e sobre as quais, por conseguinte, podemos fazer inferências.

O mesmo princípio pode ser aplicado ao comportamento metafórico de uma comunidade verbal. Consideremos, por exemplo, todas as respostas metafóricas que substituíram ou que suplementaram a resposta *brilhante.* Essas extensões presumivelmente foram emitidas em ocasiões marcadas por objetos brilhantes. Mas elas devem antes ter sido condicionadas a estímulos brilhantes de outros tipos. Devemos, portanto, estar capacitados a fazer uma lista dos objetos brilhantes mais comuns, procurando o verbete *brilhante* num dicionário de metáforas. Em tal dicionário[23], cerca de 50 símiles iniciados por *brilhante como* continuavam com termos relativos e fenômenos celestes que envolviam particularmente o sol e as estrelas. Dezesseis outros referiam-se à luz refletida, de alguma forma, na água.

---

[22] Spurgeon, C, *Shakespeare's Imagery* (Nova Iorque, 1935).

[23] WILSTACH, *Dútionary of Similes.* As figuras não devem ser tomadas como reveladoras da freqüência de seu uso, uma vez que é
arrojado apenas um exemplo de cada metáfora.

Cinco referiam-se a fontes artificiais, tais como bóias ou lâmpadas, e sete a superfícies de reflexão. Nove tratavam de objetos de arte. A flora e a fauna brilhantes incluíam colibris, *borboletas,* vagalumes, pavões, lírios do vale, papoulas e rosas recém-abertas.

Assim como nos *mandos* mágicos, muitas dessas respostas nunca teriam sido emitidas, a não ser sob especial encorajamento da comunidade literária, a qual continua a proporcionar exemplos sensíveis de comportamento verbal. Há, porém, outra razão para que respostas fracas apareçam em metáfora. Analisando uma resposta ampliada metaforicamente à base do brilho, admitimos que o escritor, face a um objeto brilhante, sentiu-se inclinado a dizer algo a respeito dele. Podemos também admitir que, ou ele não podia usar *brilhante,* possivelmente por causa dos tipos de variáveis a serem discutidas no capítulo 15, ou ele já o tivesse usado, sem obter um efeito plenamente satisfatório. Sob tais circunstâncias, o comportamento tem uma espécie de força oculta, na qual respostas fracamente determinadas são emitidas e na qual, por essa razão, as propriedades sutis responsáveis pela extensão metafórica podem ser eficazes.

A forma de metáfora chamada símile proporciona outro tipo de pressão no sentido da emissão de respostas fracas. Se em lugar de dizer *Ele era brilhante,* o poeta começa dizendo *Ele era tão brilhante,* ele se vê preso numa armadilha. O *tão...* pode ter sido uma simples resposta à intensidade do estímulo, semelhante a *muito,* mas obriga o poeta a completar a figura verbal. O compromisso costuma ser respeitado com formas muito fracas de resposta.

Não é apenas o poeta que se deixa cair desta forma numa armadilha. Em lugar de dizer *Ele era muito tolo,* um falante pode começar *Ele era tão tolo quanto...* Se nenhuma propriedade comum do estímulo produz uma extensão metafórica, a conclusão deve ser deixada por conta de uma resposta intraverbal — por exemplo, uma metáfora morta. Se isto falhar e se não há resposta intraverbais disponíveis, ou se elas são proibidas ou, de algum modo, passíveis de objeção, o falante pode recorrer a uma forma em estoque tal como: *Ele era tão tolo quanto você possa imaginar,* ou *quanto eu meu mesmo não sei dizer.*

Uma expressão que tenha a forma padronizada de uma metáfora é, às vezes, a realização clara de um modelo metafórico com material intraverbal ou de outro tipo. Em *Tão brilhante quanto a noite é escura* devemos supor que a situação presente reforçou *brilhante* e que *brilhante,* por sua vez, reforçou *noite* e *escura,* Estas não são extensões metafóricas, mas respostas intraverbais que preenchem as condições de um modelo sintático padronizado (Veja o capítulo 14).

Às vezes, parece ocorrer uma extensão genuína quando não se pode demonstrar qualquer semelhança entre os estímulos que podem ser expressos em termos da ciência física. Há várias explicações possíveis para isso. Dois estímulos podem ter

um efeito comum sobre o organismo que responde, o qual serve de mediador para a extensão da resposta. No exemplo *Juliet is the sun,* é possível que não se possa, de forma plausível, estabelecer qualquer semelhança física. Apenas para Romeu Julieta florescia com a luz do amanhecer. A extensão metafórica pode ter sido provocada pela mediação de uma resposta emocional provocada em Romeu tanto por Julieta quanto pelo sol. Da mesma forma, quando a cor escarlate é descrita *the blare of a trumpet* [como o clamor de uma trombeta], não é necessário procurar propriedades comuns nos estímulos visual e auditivo. Tanto o escarlate como o clamor da trombeta têm algum efeito comum (talvez um estímulo pouco usual ou alarmante, ou um estímulo comumente associado com pompa e esplendor) que podem mediar a extensão da resposta. O efeito comum não precisa, ele próprio, ser metafórico.

As propriedades das coisas ou dos acontecimentos que subjazem à extensão metafórica constituem assunto para um estudo empírico. De que forma os elos de uma cadeia são semelhantes às séries de episódios numa "cadeia de acontecimentos"? Onde está o homem quando ele está "no topo do mundo", ou quando "sofreu uma queda moral"? De que modo "fechamos nossos olhos à verdade"? A resposta a tais questões revelará propriedades efetivas do meio, propriedades importantes para o estudo, não apenas do comportamento verbal, mas do comportamento humano em geral. A metáfora assim definida aproxima-se do "símbolo" freudiano. As propriedades ou condições em virtude das quais algo pode servir como símbolo de outra coisa são precisamente as propriedades ou condições responsáveis pela extensão metafórica.

O comportamento verbal seria muito menos eficaz se as extensões metafóricas não fossem possíveis. Mesmo quando um *tacto* não-ampliado se mostra disponível, a metáfora pode ter uma vantagem. Ela pode ser mais familiar e pode afetar o ouvinte de outras maneiras, particularmente despertando respostas emocionais. Embora "uma imagem valha mais do que dez mil palavras" para certos efeitos, não é fácil traçar uma imagem de certas propriedades dos objetos, e estas, na maior parte das vezes, são precisamente as propriedades tratadas com sucesso por meio da extensão metafórica. Pode ser possível, em certos tipos de símbolos, ou na arte surrealista, sugerir ou mostrar que Julieta é o sol para Romeu, mas o artifício é traduzido mais facilmente pelo meio verbal. O *tacto* ampliado liberta umas das outras as propriedades dos objetos e torna assim possível uma recombinação, não limitada pelas exigências do mundo físico.

A extensão metafórica é mais útil quando nenhuma outra resposta for disponível.[24] Numa situação nova, na qual nenhum termo genérico pode ser ampliado, o único

[24] Infelizmente, a metáfora muitas vezes é útil também quando não há nada a dizer. John Home Tooke apontou esse fato: "... apesar de os símiles aparecerem com mais beleza e propriedade nas obras de imaginação, freqüentemente eles

comportamento eficaz pode ser metafórico. O uso difundido da metáfora na literatura mostra esta vantagem. A literatura é pré--científica no sentido de que fala de coisas ou acontecimentos antes que a ciência os aborde, e mostra-se menos inclinada a falar deles depois que a ciência os abordou. Ela constrói seu vocabulário, não por meio de uma definição explícita ou de uma extensão genérica, mas por meio de metáforas.

A melhor ilustração deste fato encontra-se no campo da própria psicologia. O comportamento humano é um assunto extremamente difícil. Os métodos da ciência só foram aplicados a ele muito tardiamente e a explicação ainda está longe de ser completa. Mas este é o campo em que a literatura se mostra mais competente, segura e eficiente. Um Dostoyevsky, uma Jane Austen, um Stendhal, um Melville, um Tolstói, um Proust ou um Joyce parecem revelar um domínio do comportamento humano que está muito além dos métodos científicos, Na medida, porém, que a literatura simplesmente descreve o comportamento humano de uma forma narrativa, não se pode dizer que ela revele qualquer compreensão do mesmo, mas o escritor freqüentemente parece "dizer algo" acerca do comportamento humano, interpretando-o, analisando-o. Uma pessoa não é simplesmente descrita como participante de vários episódios: ela é *caracterizada.* Esta é uma expressão significativa, pois sugere o lugar próprio da metáfora num vocabulário pré-científico. Entre outras técnicas literárias, a personalidade é descrita e analisada por meio de certas tipologias. Nas formas literárias mais antigas, os animais eram usados como esquema classificatório. O Professor Wells compilou uma lista útil desses tereótipos. Um homem pode ser um asno, uma coruja, uma víbora ou um rato. Os respectivos adjetivos — estúpido, sábio, traiçoeiro ou desprezível — carecem do efeito total da extensão metafórica no tereótipo.

Os animais familiares, é claro, são rapidamente esgotados, mas a literatura constrói seus próprios termos. O escritor pode ocupar-se eficazmente com aquilo que Thomas Carew designou de "estas heróicas virtudes para as quais a antigüidade não deixou nome mas apenas modelos, tais como Hércules, Aquiles e Teseu". Quando dizemos que um homem realiza uma tarefa hercúlea, não dizemos apenas que a tarefa requeria uma grande dose de força, ou que foi executada com diligência, ou que era possivelmente detestável; dizemos tudo isso, e algo mais, com uma só palavra. A fábula, o mito, a alegoria — em suma, a literatura em geral — criam seus próprios vocabulários, conectando formas verbais com descrições de acontecimentos ou ocasiões particulares a partir das quais, depois, elas podem ser metaforicamente

---

se mostram muito úteis aos autores dos tratados filosóficos: e já os ajudaram muitas vezes num beco sem saída, permitindo-lhes dar a impressão de que diziam algo, quando na verdade nada tinham a dizer. Na verdade, os símiles são bóias sobre as quais eles flutuam; e o gramático naufraga imediatamente quando tenta nadar com elas." *(The Diversion of Purley,* p. 59, edição de 1857).

ampliadas. Uma relação interpessoal complexa pode ser descrita de forma sucinta como "gritando 'lobo'", enquanto que um ajustamento emocional complexo pode ser sintetizado como "as uvas estão verdes . Seria necessária uma longa sentença ou, mais provavelmente, um parágrafo ou até mesmo um capítulo para tratar de qualquer um desses casos de uma forma não-metafórica. Quando a expressão literária é reforçada em seus próprios direitos, ela se torna útil na descrição direta. Isto retira a torça metafórica de sua virtude heróica e não nos fornece qualquer indício acerca do que está ocorrendo quando o termo é usado metaforicamente. Ela leva, todavia, a uma terminologia não-metafórica. mas capaz de descrever a personalidade humana, terminologia esta cada vez mais complexa e eficiente. A eficácia científica de tal vocabulário derivará das contingências atuais de reforço na comunidade científica, e não de suas origens metafóricas. Qualquer sobrevivência da metáfora interferirá no uso científico.

A diferença entre o *tacto* metafórico e o genérico é uma das grandes diferenças entre ciência e literatura. O comportamento verbal científico é estabelecido e mantido por causa de certas conseqüências práticas. Nada além de uma extensão genérica servirá eventualmente, como veremos no capítulo 18. Em literatura não há conseqüências práticas semelhantes e, por isso, as extensões metafóricas prevalecem. Ninguém negará que elas são eficazes, mas a vantagem que auferimos da leitura de Dostoyevsky ou de Joyce à medida que compartilhamos seu "conhecimento" ou "compreensão" da natureza humana, é muito diferente da vantagem obtida pelo estudo científico.

Extensão Metonímica

A metáfora, tal como foi definida, inclui símiles e diversas variações menores que a retórica clássica costuma distinguir. É aconselhável distinguir uma categoria à parte para o que chamamos metonímia, usando a palavra para incluir várias outras figuras clássicas, inclusive a "sinédoque". Aqui ocorre uma ampliação do *tacto* quando um estímulo adquire controle sobre a resposta, porque freqüentemente *acompanha* o estímulo sobre o qual o reforço é normalmente contingente. Assim, dizemos *A Casa Branca desmentiu o boato* quando quem falou foi o Presidente, ou *Você não tocou em seu jantar* quando o fato importante é que o jantar não foi *comido.* Explicamos tal comportamento notando que o Presidente e a Casa Branca, bem como tocar e comer, ocorrem freqüentemente juntos.

Fez-se um esforço no sentido de explicar a metonímia em termos de relações lógicas entre estímulos. Vários tipos foram definidos de acordo com essa tentativa. A relação pode ser de pessoa com o cargo (antonomásia), da parte com o todo (sinédoque), e assim por diante. Mas essas relações, assim como as empregadas na análise clássica da associação de palavras, apenas explicam por que os estímulos

ocorrem juntos na natureza. Quaisquer dois estímulos contíguos apresentarão este efeito, independentemente da razão de sua contigüidade.

A extensão metonímica não ocorre livremente em ambas as direções. Não descrevemos uma reforma da Casa Branca dizendo que o Presidente recebeu uma nova mão de tinta. Esta falta de simetria é facilmente explicada pela maneira pela qual a extensão metonímica difere da extensão genérica e mais metafórica. A extensão genérica baseia-se numa propriedade que integra a contingência de reforço. A resposta ampliada tem, assim, um efeito apropriado sobre o ouvinte, que responde efetivamente ao estado de coisas descrito. Na metáfora, este resultado não pode ser garantido, porque a propriedade responsável pela extensão pode não ser igualmente importante para o ouvinte ou tão eficaz sobre seu comportamento. Por conseguinte, ele pode surpreender-se ao ouvir a resposta dada ao novo estímulo ou, se não está em contacto com o estímulo, a ação que executa em relação a ele poderá perturbá-lo. No entanto, a propriedade responsável pela extensão metafórica usualmente tem algum significado funcional. A extensão metonímica, todavia, pode constituir o resultado de uma associação puramente acidental de estímulos, e o *tacto* metonímico, por conseguinte, muito provavelmente confundirá o ouvinte e falhará em prepará-lo para uma ação efetiva. Estas extensões são eficientes apenas quando não levam a resultados conflitivos. Podemos dizer *Uma armada de vinte velas,* no exemplo familiar dos livros de texto, exemplo este da "parte pelo todo", porque o ouvinte indubitavelmente suporá que o restante de cada navio também está presente, mas não podemos dizer que os navios agitavam-se preguiçosamente à brisa sem produzir efeitos colaterais que devem ser evitados.

No momento, há poucas metonímias espontâneas. Muitos exemplos do falar cotidiano e da literatura, assim como muitas metaforas aparentes, são respostas que foram reforçadas independentemente e, assim, estabelecidas como unidades funcionais. A extensão metonímica pode explicar a origem dessas expressões no meio verbal, mas não é necessária para explicar casos do comportamento do falante individual. Uma das razoes da raridade da verdadeira metonímia é que as propriedades controladoras e contingentes são tão imprecisamente associadas que a resposta, em geral, é de pouco valor quando falta uma resposta-padrão. Propriedades intimamente associadas produzem logo relações padronizadas de controle. Assim, costuma-se apontar que *laranja* e *violeta,* hoje usados como termos indicativos de cores, devem ter sido ampliados a partir de uma aplicação anterior a objetos. Uma vez que a associação entre objetos e cores é muito próxima, as extensões metonímicas devem ter sido relativamente eficazes quando ocorreram pela primeira vez; mas, por esta mesma razão, as respostas logo se transformaram em formas, padronizadas controladas apenas pela cor.

O processo envolvido na extensão metonímica conduz comumente a um comportamento muito distante dos exemplos da retórica clássica e usualmente se

admite que ele não exige uma designação especial. Digamos que uma criança esteja habituada a ver uma laranja na mesa por ocasião do café da manhã. Se, numa dada manhã, a laranja não estiver presente, a criança logo dirá *laranja.* Suponhamos que podemos mostrar que não se trata de um *mando:* por exemplo, suponhamos que podemos demonstrar que a laranja, quando oferecida, não *é* comida nem tocada. Então, uma vez que não há laranja que atue como estímulo, por que a resposta é emitida? Como A. P. Weiss[25] apontou ao discutir este caso, não precisamos dizer que a criança "percebeu a ausência da laranja". A resposta é evocada pela mesa do café da manhã com todas as suas características familiares e por outros estímulos apropriados a essa hora do dia. As laranjas acompanharam muitas vezes esses estímulos e a resposta *laranja* foi reforçada em sua presença. Uma extensão metonímica semelhante poderia ocorrer em outra direção. Como resultado da mesma história, uma laranja, vista pela primeira vez em outras circunstâncias, poderia evocar a resposta *café da manhã.*

(Um falante mais sofisticado diria mais do que *laranja* ou *café da manhã* em tais circunstâncias. Diante da mesa do café sem a laranja ele poderia dizer *não há laranjas?* Ou diante de uma laranja, sem a presença da mesa do café, ele poderia dizer *Esta laranja me faz lembrar o café da manhã.* As respostas *não há* e *me faz lembrar* são exemplos de outro tipo de comportamento verbal a ser discutido no capítulo 12. Nos dois casos, ocorreu algo mais do que uma simples extensão metonímica. A resposta foi reforçada de acordo com este princípio e o falante descreveu o fato ou comentou-o por meio de um comportamento verbal adicional.)

Extensão do Tacto Por Solecismo

Uma extensão ainda mais tênue do *tacto é* tão inútil e desconcertante para o ouvinte que é descrita em termos pejorativos tais como impropriedade, solecismo ou catacrese. A propriedade que obtém controle da resposta relaciona-se apenas distantemente com a propriedade definidora sobre a qual reforços padronizados são contingentes ou assemelha-se a essa propriedade por motivos irrelevantes. Isto não quer dizer que algumas impropriedades não sejam eficientes ou não sejam reforçadas. Não ficamos seriamente perturbados quando alguém diz *dilema* para designar apenas uma situação difícil, ou diz *exeqüível* quando a ação é meramente possível, e não chegaremos provavelmente a nos chocar com a Sra. Impropriedade9[26] quando ela graciosamente exclama *Você vai na frente e eu o precederei.* Um dilema não é muito diferente de uma dificuldade, e *preceder,* apesar de ser o oposto de *seguir,*

[25] Weiss, A. P., *A Theoretical Basis of Behavior* (Columbus, Ohio, 1929).
[26] Sheridan, R. B., *The Rivais* (1773)

assemelha-se todavia na descrição de uma situação que envolve a ordem segundo a qual as pessoas saem de uma sala. Mas mesmo assim tais exemplos são perturbadores para o ouvinte e, muitas vezes podem ser perigosos. Muitas comunidades verbais não apenas falham em responder eficientemente a tais extensões, como também proporcionam-lhes algum tipo de castigo.

A extensão solecista não está longe de metonímia. Quando um aluno, sob a pressão de um exame, escreve: *A fadiga de uma sinapse ê recíproca à fase refratária* e, posteriormente, corrige a frase para *é semelhante a,* não é difícil encontrar circunstancias comuns nas quais estas respostas sejam permutadas satisfatoriamente. Por exemplo: sentimentos recíprocos também são semelhantes. O termo *recíproco* às vezes é reforçado na presença de coisas que possuem a propriedade de semelhança e, posteriormente, é evocado por essa única propriedade.

Assim como a metáfora e a metonímia, a extensão solecista é mais comum quando não há nenhuma outra resposta disponível. Algumas respostas incorretas são reforçadas pela comunidade verbal, da mesma forma que a metáfora e a metonímia, e adquirem um *status* funcional, se não social, comparável ao das respostas corretas. Enganos originais, provavelmente, são quase tão raros quanto as metáforas originais.

Nomeação

Um *tacto* muitas vezes é ampliado quando uma pessoa ou coisa recebe um nome. Uma criança recém-nascida, uma máquina recém-inventada, uma flor descoberta recentemente, uma cidade que acaba de ser fundada — constituem ocasiões novas que carecem de *tactos-padrões.* Antes que a "nomeação" ocorra, as únicas respostas disponíveis são os nomes comuns e os adjetivos evocados pela miscelânea de propriedades que os novos objetos possuem em comum com objetos anteriores, para os quais já se adquiriram *tactos. O nosso nenê de casa é* uma espécie de nome próprio, no sentido de que identifica razoavelmente um objeto particular, mas não pode identificar esse objeto em outras ocasiões, ou quando é dito por outras pessoas, e não pode continuar a ser usado à medida que o objeto muda. Um nome próprio — isto é, um nome reforçado caracteristicamente apenas na presença de uma pessoa ou objeto particular, ou que tenha alguma relação com tal pessoa ou coisa — é, obviamente, mais eficaz. Mas de onde provêm tais nomes? Qual o processo verbal responsável pela primeira atribuição de um nome a uma nova pessoa ou objeto?

Muitos "nomes próprios" aceitos são mera sobrevivência de conjuntos de *tactos: A Igrejinha da Esquina, Um tratado Sobre a Probabilidade,* ou *Ode à Beleza.* Freqüentemente, usa-se a propriedade da posição numa série: *A Oitava Sinfonia de Beethoven* é um nome próprio derivado da designação de uma ordem seriada, assim como o nome de criança *Tércio.* Novas estrelas são em geral nomeadas por

números, de acordo com a ordem de sua descoberta. *Nova Inglaterra* designa uma relação temporal; *Conway do Norte* designa uma relação geográfica.

Muitos nomes, porém, exemplificam a extensão de uma relação de *tacto.* Os nomes dados às crianças em geral já foram adquiridos pelos pais que ouviram chamar assim outras pessoas: amigos, parentes ou figuras admiradas da história ou da literatura. Isto se expressa dizendo que uma criança foi nomeada "segundo" alguém ou é um "homônimo". Este é um exemplo comum de extensão genérica ou metafórica. Uma criança cujo nome é escolhido por causa de sua parecença física com outra exemplifica claramente uma metáfora. Mais freqüentemente, porém, a base para a extensão é alguma reação emocional comum ou uma reação de outro tipo criada nos pais. Se o nome é sugerido pela primeira vez por outra pessoa, as mesmas propriedades comuns tornam relativamente fácil que os pais apliquem o nome à criança, aceitando assim a sugestão. Que algo deste tipo está envolvido na nomeação torna-se claro no caso negativo. Nomes que, claramente, não são evocados de forma alguma pela criança podem ser rejeitados, apesar das razões favoráveis a seu uso. Nomes adquiridos por pertencerem a pessoas que despertam reações emocionais incompatíveis são evitados; os pais podem resistir a um nome pertencente a uma pessoa que, embora de suas relações é detestada, mesmo que se trate de um nome de família.

Indubitavelmente, há muitos outros processos em ação quando escolhemos o nome de uma criança, fatores culturais, inclusive. Não se trata de um exemplo de extensão de um *tacto* se o único efeito de um nome escolhido é o de acrescentar prestígio ou personalidade, ou o de aumentar as perspectivas de uma criança no mundo. Tal nome é dado, do mesmo modo como mais tarde poderá ser adotado um corte especial de cabelo ou um novo tipo de roupa, por causa de uma semelhança existente, não antes de o nome ser dado, mas depois. O nome, num certo sentido, é um enfeite. Dizemos que uma criança é chamada de Prudência ou de Generosa "segundo" uma virtude abstrata. A criança recém-nascida não é conspicuamente prudente ou generosa, mas em certa medida ela parece adquirir um caráter admirável tão logo o nome lhe é dado.

Os "apelidos" revelam freqüentemente maior liberdade, sugerindo uma licença poética, constituindo, assim, bons exemplos do processo de nomeação. Nomes caprichosos dados às crianças, como por exemplo *Chato, Trapalhão* ou *Raio de Sol* e o fato de se chamar um restaurante de *Panela de Barro* revelam um processo básico.

Os nomes próprios parecem ser esquecidos mais facilmente que outras formas de comportamento verbal. Isto pode ser ilusório, pois a ausência de um nome próprio num repertório pode ser extremamente evidente. Ao descrever um objeto ou uma pessoa com um conjunto de *tactos,* há, em geral, muitas formas alternativas se uma dada resposta falhar, e o próprio falante pode não ser capaz de registrar que, no

momento, a resposta estava ausente de seu repertório. A própria singularidade do nome próprio, todavia, expõe o processo de esquecimento. Por outro lado, há razões para se esperar que os nomes próprios sejam esquecidos mais facilmente. Na medida em que são estritamente "próprios" — isto é, na medida que não apresentam extensões de outros estímulos — são usados e reforçados numa situação limitada em um número limitado de vezes. Os nomes comuns, por outro lado, são apropriados a uma gama muito mais ampla de situações e, como veremos em breve, são redutíveis, em parte, a um repertório mínimo, em virtude do qual um operante dado pode tirar força de outros operantes com os quais tenha algo em comum. Se, por acaso, um nome próprio apresenta uma extensão metafórica, ele adquire uma vantagem mnemônica. Um expediente favorito do "especialista da memória" é o de converter um nome próprio numa descrição da pessoa nomeada, não importando quão extravagante ou pouco plausível esta possa ser.

O valor mnemônico tem uma contrapartida que trabalha em outra direção. Nas peças moralizantes ou nas alegorias, os personagens costumam ser nomeados pelos traços da personalidade ou pelos papéis padronizados que desempenham. O drama da Restauração seguiu a mesma prática e, em certa medida, os novelistas do século XIX, como Dickens e Trollope. Mas ao nomear o personagem com o objetivo de descrever seu comportamento ou condição, o autor não está interessado em assegurar que o leitor grave o seu nome: ele está interessado em destacar a personalidade ou o papel desse personagem. *Mr. Quiverful* [Sr. Família-Grande] de Trollope, é um clérigo indigente, chefe de uma família numerosa. Esta condição, em certa medida, é lembrada ao leitor toda vez que se usa esse nome próprio. *Mr. Crawley* [Sr. Rasteiro", de *to crawl,* rastejar] do mesmo autor, por sua vez, caracteriza-se por uma excessiva humildade ou, na frase de Hamlet, "rasteja entre o céu e a terra". Dando-lhe o nome de Crawley, Trollope caracteriza-o repetidamente ao longo do livro.

Adivinhação

Será possível emitir uma resposta que fosse classificada como um *tacto* na ausência de qualquer estímulo relevante? Por certo, podem-se exercer pressões para evocar respostas que se assemelhem a *tactos.* Um homem pode ser forçado, sob estimulação aversiva, a "dar o nome" de alguém que ele não conhece absolutamente — isto é, a emitir algum nome na presença de um estranho. Num exame, o estudante pode ser aconselhado assim: "Se não souber, dê um palpite." Mas se a forma da resposta resultante não for controlada de algum modo pelo estímulo, ela não pode constituir *tacto.* O *tacto* é uma relação, e não apenas uma resposta e, na ausência de um estímulo controlador não se poderá estabelecer nenhuma relação.

Traços de controle muitas vezes podem ser demonstrados quando o falante parece estar adivinhando. A situação atual pode ter alguma semelhança com situações passadas. O estudante está sendo aconselhado a deixar que essas pequenas semelhanças atuem em seu favor, ainda que a situação, de outra forma, não fosse suficientemente importante para evocar uma resposta. O ato de identificar o compositor de uma peça musical desconhecida muitas vezes se parece a uma adivinhação, mas a pessoa pode ser afetada por propriedades musicais que, de alguma forma, controlam o nome do compositor, mesmo quando estas são sutis e não podem ser identificadas pela pessoa que adivinha. Se pudermos mostrar que o nome adivinhado tem qualquer relação funcional com a música ouvida, haverá então evidência de alguma relação apropriada com um *tacto.*

Na situação clássica de adivinhação do jogo da moeda — "Cara ou coroa?" — a posição final da moeda não controla a resposta do adivinhador e, assim sendo, a resposta não é um *tacto.* Isto não quer dizer, porém, que a resposta não é determinada. A pergunta "Cara ou coroa?" pode produzir uma primeira resposta estatisticamente diferente da pergunta "Coroa ou cara", sugerindo influências ecóicas ou intraverbais. Se o falante é solicitado a adivinhar a seqüência de uma série de jogadas, seu comportamento será controlado por suas adivinhações anteriores somadas a um tipo de comportamento semelhante ao que será discutido na V Parte. Experiências anteriores à situação de adivinhação estabelecem tendências, quer para repetir, quer para recusar a repetição de respostas anteriores" Contudo, na população como um todo, algumas seqüências padronizadas de respostas "casuais" são observadas.

Dinâmica do tacto ampliado

Vimos que a força de um *tacto* pode variar com a clareza ou a raridade do estímulo e com as condições de motivação momentâneas do falante, particularmente quando estas estão relacionadas com comportamentos especiais do ouvinte (Ver capítulo 6). O *tacto* ampliado está sujeito a outra fonte de variabilidade. Quando a ampliação ocorre pela primeira vez (e só então o processo é de especial interesse), a probabilidade da resposta dependerá da semelhança entre situações novas e antigas. Uma extensão genérica, que se segue a uma propriedade inevitavelmente associada com reforço, provavelmente é forte. Apenas em casos raros a tendência para responder é qualificada e o falante pode glosar tal fraqueza com uma resposta adicional, tal como *uma espécie de* (Ver Capítulo 12). Uma cadeira pouco comum não será provavelmente chamada de cadeira, mas será qualificada como *uma espécie de cadeira.* As extensões metafóricas baseiam-se em propriedades que só de longe se associam com o reforço e serão provavelmente fracas, fraqueza que será descrita pelo

próprio falante mediante expressões tais como *tanto... quanto* ou *como*. As metáforas são mais comuns, como vimos, nas condições especiais de "licença" na comunidade literária.

Verdadeiras extensões metonímicas e solecistas são raras e tendem a ocorrer apenas sob a pressão de "falar a qualquer preço" (Ver capítulo 8). Em muitos casos, a verdadeira nomeação também apresenta uma pequena probabilidade de resposta, como se pode perceber na deliberação caracteristicamente longa envolvida na nomeação não apenas de crianças recém--nascido, como também de novos mecanismos ou de uma obra de arte. A adivinhação, o palpite constituem os casos extremos de um controle mínimo de estímulo e quase sempre requerem variáveis fortes, além das variáveis próprias da situação estimulante.

Abstração

Qualquer propriedade de um estímulo, presente quando uma resposta verbal é reforçada, adquire algum grau de controle sobre essa resposta, e esse controle continua a ser exercido quando a propriedade aparece em outras combinações. Caso esse processo de extensão não se verificasse, resultaria o caos uma vez que cada estímulo compartilha propriedades com muitos outros e chega, assim, a controlar uma grande variedade de respostas. Como vimos, certa ampliação do controle é permitida, e até mesmo útil, mas uma livre extensão do *tacto* não pode ser tolerada, particularmente em assuntos práticos e científicos.

A comunidade verbal resolve este problema recorrendo a outro processo de comportamento, que ativa o controle do estímulo e opõe-se ao processo de ampliação. Ela reforça respostas na presença de uma propriedade de estímulo escolhida, e não reforça, ou até mesmo pune, respostas evocadas por propriedades não-especificadas. Como resultado, a resposta tende a ser dada apenas na presença da propriedade escolhida. Suponhamos, por exemplo, que a comunidade reforce repetidamente uma resposta verbal na presença de uma pequena pirâmide vermelha. Desde que não haja interferência de outro comportamento, doravante a resposta será evocada com graus variados de probabilidade por qualquer estímulo vermelho, qualquer estímulo pequeno e qualquer estímulo que tenha a forma de pirâmide. É improvável, porém, que a comunidade também reforce a resposta sempre que ela seja dada a uma dessas propriedades fragmentárias do estímulo quando estas ocorrem em outras combinações. Se a resposta deve ser de uso prático, ela talvez deva estar ligada a uma propriedade — digamos, a forma. A comunidade abstém-se de reforçar respostas emitidas na presença de objetos pequenos ou vermelhos que não tenham a forma de pirâmide. Todavia, ela continua a reforçar a resposta sempre que qualquer objeto piramidal, independentemente da cor, tamanho ou qualquer outra propriedade, esteja presente. O operante verbal resultante seria

tradicionalmente chamado de "o nome da forma de uma pirâmide" e classificado como *abstrato.*

Se a metáfora usualmente é tomada como sendo, não o resultado natural da indução de estímulo, mas um empreendimento atribuído a alguma faculdade especial ou poder do falante bem dotado, então se fazem solicitações ainda mais extensas à faculdade de abstração. Contudo, esse processo é demonstrado mais facilmente nos animais que nos homens. A formula é surpreendentemente simples quando lembramos como tem sido complicados os tratamento clássicos do problema, pavlov estudou o processo em seus experimentos sobre os reflexos condicionados, e descobriu que a resposta salivar do cachorro poderia ser posta sob o controle de uma única propriedade de um estímulo ou de uma dada combinação de propriedades caso as respostas a outras propriedades ou combinação de propriedades não fossem reforçadas. Como veremos no próximo capítulo, o processo demonstrado no experimento pavloviano é visto com mais freqüência no comportamento dos ouvintes do que no dos falantes, mas um paralelo próximo do *tacto* abstrato pode ser consolidado num organismo mais simples.[27] Um pombo, por exemplo, reforçado para bicar um pequeno triângulo vermelho projetado numa tela translúcida, bicará formas de outros tipos, cores ou feitios, embora em ritmo mais lento. Mas ele pode ser levado a responder preferencialmente a qualquer uma destas propriedades se o reforçarmos apenas quando essa propriedade estiver presente, independentemente das demais.

Exemplos de abstração extraídos de manuais são usualmente relevantes para as operações "intelectuais" em que o meio é analisado de maneira prática. Os exemplos tendem a destacar dimensões bastante. simples da natureza, mas o processo é igualmente bem exemplificado nos casos em que a propriedade abstrata dos estímulos não pode ser isolada por nenhum outro método de análise. O estudante que está aprendendo a "adivinhar" o compositor de uma música que não conhece, ou o pintor ou escola de um quadro desconhecido, está sujeito às mesmas contingências de reforço diferenciado. Respostas tais como *Mozart* ou *Flamenga* são controladas por propriedades sutis dos estímulos quando reforçadas com "certo" ou punidas com "errado" pela comunidade. Mas pode ser muito difícil, se não impossível, fazer uma descrição dessas propriedades em termos comparáveis à descrição matemática de uma pirâmide.

---

[27] Nossa definição de comportamento verbal inclui, incidental-mente o comportamento de animais sujeitos a experimentos, nos quais os reforços são proporcionados por um experimentador ou por um aparato destinado a estabelecer contingências que se assemelhem às mantidas pelo ouvinte normal. O animal e o experimentador constituem uma comunidade pequena, mas genuína. Isso pode ofender nosso senso de propriedade, mas temos o consolo de que tal relação, como a que é representada pelo *tacto* abstrato, é suscetível de estudo em laboratório.

O procedimento por meio do qual um *tacto* abstrato é erigido não cria o controle exercido pelo estimulo; simplesmente, o intensifica e o torna mais agudo. A propriedade especificada pela contingência restrita é o mesmo tipo de propriedade, e exerce o mesmo tipo de controle, que na extensão metafórica. Além do mais, o processo de abstração provavelmente nunca se completa. As extensões metafóricas nem sempre são eliminadas, pois a oportunidade para extinguir todas as respostas ampliadas pode não surgir jamais. Uma resposta verbal provavelmente nunca se restringe a um único grupo de propriedades, ainda que, no caso ótimo, uma única propriedade, ou coleção específica de propriedades, por motivos práticos, possa constituir o controle exclusivo.

A abstração é um processo verbal peculiar, porque um meio não-verbal não pode proporcionar a contingência restrita necessária. Uma única propriedade pode controlar uma resposta não-verbal, mas não pode controlar *apenas* tal resposta, a menos que ela seja o único e inevitável acompanhamento de outro conjunto de propriedades. Suponhamos que, "num pomar, apenas as maçãs vermelhas sejam comestíveis. Essa condição significa que apenas quando uma maçã ficar vermelha o comportamento de apanhá-la e comê-la será reforçado por certa estimulação gustativa. Como resultado, esse comportamento só será evocado por maçãs vermelhas. Também como resultado disso haverá certa tendência em pegar e comer outros objetos vermelhos, desde que não difiram muito do formato e do tamanho das maçãs. Assim, uma bola de borracha nova, brilhante e vermelha pode parecer "boa para comer", e pode evocar o extravagante comportamento de comê-la. Mas, em geral, não tendemos a comer livros e chapéus vermelhos só porque comemos maçãs vermelhas. Se houver tal tendência, está fadada a extinguir-se. Por conseguinte, a única resposta controlada pela vermelhidão da maçã não permanece sob o controle da propriedade "vermelho", independentemente das outras circunstâncias sob as quais esta propriedade ocorre.

Todavia, uma resposta verbal pode ficar sob o controle exclusivo do vermelho porque a contingência necessária não requer uma conseqüência prática comum a todos os exemplos de vermelho. Ainda que a comunidade verbal eventualmente esteja preocupada com questões práticas, ela só pode manter a contingência especial requerida para uma abstração quando as conseqüências práticas variam de caso para caso. O ouvinte pode estar preocupado com a vermelhidão do estímulo por muitas e diferentes razões, e comportar-se-á em resposta ao *vermelho* do falante de forma diferente em ocasiões diferentes, mas tudo o que ele exige do falante é que a resposta *vermelho* esteja relacionada com o estímulo vermelho em cada caso. O reforço generalizado proporcionado pela comunidade pode apoiar-se numa única condição.

A realização especial do *tacto* abstrato, ao dividir o mundo em pequenas partes, alimentou a crença de que a abstração está particularmente, ou sempre, relacionada

com propriedades singulares, em oposição às coleções de propriedades chamadas objetos ou coisas. Diz-se, por exemplo, que aquilo a que se referem os termos abstratos não pode "existir por si", como os objetos, e esta é a razão pela qual formulamos abstrações. Mas um *tacto* pode envolver o controle de um objeto-estímulo exatamente da mesma maneira. Uma resposta controlada por uma única dimensão de um estímulo pode ter propriedades especiais, mas estas não são as propriedades especiais da abstração. Quando o estímulo é um objeto, uma espécie de "abstração" não-verbal é possível às vezes, porque uma única resposta prática pode ser dada a um grande número de casos. Por exemplo: podemos classificar um grande número de objetos como cadeiras, comportando-nos de forma não-verbal face a eles: sentando-nos neles. Esta é uma resposta identificadora de cadeira, resposta que, sendo dada na presença de cadeiras, recebe um reforço não-verbal, prático, apropriado à classificação. A resposta verbal *cadeira* pode ser colocada sob o controle de propriedades mais sutis; por exemplo, pode estar relacionada com o formato das cadeiras, independentemente de seu tamanho. Mas não há nenhum processo exclusivo de classificação ou controle de estímulo. Quando a resposta *cadeira* se restringe a uma classe de estímulo dada pelo meio falante, o processo de abstração segue o mesmo curso seguido numa resposta como *vermelho.*

Usualmente, mencionamos os objetos primeiro ao fazer uma descrição do mundo físico, e as línguas, aparentemente, de início, tendem a desenvolver os termos que se referem a objetos. É fácil explicar isso recorrendo às suas conseqüências práticas. Na história de uma língua, é bem possível traçar lento surgimento de palavras relacionadas com propriedades isoladas — por exemplo, o nome das cores. Por outro lado, usualmente, numa análise lógica ou epistemológica, é mais conveniente supor que o mundo é construído de unidades singulares de propriedades. A "confusão florida e sussurrante" de William James sugere mais materiais caóticos sensíveis do que uma coleção confusa de objetos. Recentemente, todavia, os objetos receberam o benefício de um melhor sentido de protocolo. As sensações, ou os atributos das sensações, aparecem agora amiúde como abstrações e não como dados sensíveis primários, e os objetos encontraram um fundamento sólido no nível zero de descrição de Carnap.[28] Mas todos os tactos são relacionados, se é que o são, *mediante* o mesmo processo. A resposta verbal *cadeira é* tão abstrata quanto *vermelho.* Ela não é controlada por nenhum estímulo singular. Muitas das propriedades de uma única cadeira, que evocam a resposta em qualquer ocasião dada — o tamanho, a cor, o material, o modo de construção — são irrelevantes. A extensão da resposta *cadeira* a outros estímulos produzidos por tais propriedades foi limitada pela extinção. Talvez seja necessário mais extinção para restringir um

28 Carnap. Rudolph, Logical Syntax of Language (Nova Iorque, 1937)

termo que indica uma propriedade tal como *vermelho* do que um termo que indica um objeto tal como *cadeira,* mas isso depende de cada caso em particular. A resposta *inseto,* apesar de controlada por uma classe de objetos, necessitará, provavelmente, de mais reforço diferencial numa dada comunidade verbal que a resposta *vermelho.* Em respostas verbais controladas por propriedades únicas dos estímulos há menor chance de dispersão metafórica e, portanto, menor chance de que o ouvinte proponha uma resposta ineficaz.

Uma predileção por *coisas,* leva-nos às vezes a conseqüências absurdas na procura de propriedades definidoras. Procuramos reunir um conjunto de propriedades para compor uma coisa. O Professor I. A. Richards considera um exemplo particularmente bom em seu *Principies of Literary Criticism.*[29] *A* citação é de G. W. Mackail no *Lectures on Poetry.*

A poesia, como a vida, é uma coisa... Essencialmente uma energia ou substância contínua, a poesia é, historicamente, um movimento relacionado, uma série de manifestações sucessivas integradas. Cada poeta, de Homero ou de seus predecessores a nossos dias, tem sido, em certa medida e até certo ponto, a voz do movimento e a energia da poesia; nele a poesia, por enquanto, tornou-se visível, audível, encarnada; e seus poemas, que chegaram ate nos, constituem o registro remanescente dessa encarnação parcial e transitória... O progresso da poesia, com seus vastos poderei e função elevada, é imortal.

O tema central desta passagem é, aparentemente, o ponto em questão. Qual é o referente do *tacto* abstrato *poesia?* O Professor MacKail parece demonstrar que se trata de algo que nunca está completamente presente em qualquer apresentação de um estímulo, mas que constitui, todavia, a característica de uma longa sucessão dc estímulos. Contudo, uma vez que poesia é um nome, ele conclui que ela deve ser uma coisa. Uma única propriedade é demasiado evanescente. Assim, as palavras se vão sucedendo para provar que a poesia é, ao mesmo tempo, substancial {substância, energia, movimento, poder, visível, audível) e permanente (contínua, sucessiva, integrada, imortal)[30] Podemos tentar substancializar o referente de piramidal da mesma maneira.

A piramidalidade, como a vida, é uma coisa... Essencialmente, uma substância ou energia contínua, a piramidalidade é historicamente um movimento relacionado, uma série de manifestações sucessivas integradas. Cada construtor de pirâmide, de Queops ou de seus predecessores a nossos dias, tem sido, em certa medida e até certo ponto, a voz do movimento e a energia da piramidalidade; nele, a piramidalidade, por enquanto, tornou-se visível, audível, encarnada; e suas pirâmides conservadas

---

[29] Principies of Literary Criticism (Nova Iorque, 1934), p. 19.

[30] Estas respostas constituem exemplos do tacto impuro do capítulo 6. A função, nesse caso, é reduzir a ansiedade do falante de que a poesia não foge totalmente a uma descrição.

constituem o registro remanescente dessa encarnação parcial e transitória. O progreso da piramidalidade, com seus vastos poderes e função elevada, é imortal.

Por absurdo que isto possa parecer, não se trata de um exemplo imparcial da retificação de entidades para corresponder a termos abstratos. Esta prática não se limita, de forma alguma, à crítica literária. Compare-se, por exemplo, a seguinte passagem de Philip Jourdain en *The nature of Mathematics:*[31]

uma palavra — "matemática" — é usada tanto para designar certo tipo de conhecimento e a coisa, se é que existe tal coisa, a que se refere esse conhecimento. Fiz distinção ... entre "Matemática", coleção de verdades das quais sabemos algo, e "matemática", o conhecimento que temos da Matemática. Assim, podemos falar da "matemática de Euclides" ou da "matemática de Newton" e, verdadeiramente, dizer que a matemática se desenvolveu e tem, portanto, uma história; mas a Matemática é eterna e imutável e, portanto, não tem história: ela não pertence, nem parcialmente, a Euclides, a Newton ou a quem quer que seja, mas é algo que é descoberto ao longo do tempo pela mente humana.

(As características atribuídas às pessoas por meio do uso de estereótipos foram consubstanciadas por Victor Hugo em *Les Miserables* [Livre Cinquième, V[desta forma:

... chacun des individus de l'espèce humaine correspond à quelqu'une des espaces de la création animale; ... depuis l'huitre jusqu'à l'aigle, depuis le porc jusqu'au tigre, tous les animaux sont dans l'homme et ... chacun d'eux est dans un homtne. Quelquefois mime plusieurs d'entre eux à la fois.

Muitos dos traços, habilidades e faculdades já aceitos pela psicologia, em momentos diversos, como conceitos legítimos tiveram origem igualmente modesta.)

Os referentes das abstrações — as propriedades dos estímulos que controlam os *tactos* abstratos — só podem ser descobertos por certos métodos de investigação empírica. O que "significa" realmente *poesia, cadeira, vermelho, raposino* ou *piramidalidade}* Se tentamos responder a esta questão, procurando descobrir o que essas palavras "significam para nós", estamos nos comportando empiricamente, apesar de certa desvantagem. É mais fácil descobrir o que elas "significam" para outra pessoa. Há muitos problemas técnicos a serem solucionados antes que isto possa ser feito numa escala satisfatória, mas a fórmula básica é simples: manipular os estímulos e, em função da presença ou ausência da resposta, identificar as propriedades controladoras efetivas. Os experimentos de laboratório relativos à formação de conceitos seguem esse padrão, construindo e testando a presença de *tactos* abstratos numa comunidade verbal artificial. Os mesmos processos poderiam

[31] Reimpresso em J. R. Newman, *The World of Mathematics,* (Nova Iorque, 1956, p. 67).

ser usados num estudo empírico da abstração gerada pelos meios verbais fora do laboratório.

A Importância da Abstração

Um nome próprio é um *tacto* no qual a resposta está sob o controle de uma coisa ou de uma pessoa específica. Um nome comum é um *tacto* no qual a resposta está sob o controle de uma propriedade que define uma classe de coisas ou pessoas. Um *"tacto* apropriado" pode sofrer extensão metafórica (como em *Daniel foi a julgamento);* mas, quando isso ocorre, ele obviamente ficou sob o controle de um subconjunto de propriedades — neste caso, a imparcialidade ou a sabedoria judiciária possuída Por Daniel — funcionando esta como um *tacto* comum. Um *tacto* comum bem estabelecido é necessariamente uma abstração; ele está sob o controle de um subconjunto de propriedades que podem estar presentes numa ocasião dada, mas que, é provável, nunca compõem exclusivamente tal ocasião.

Um repertório de *tactos* comuns tem muitas vantagens. Às vezes é econômico responder a uma apresentação total de estímulos com um nome próprio, mas um repertório abstrato torna possível selecionar e identificar apenas as propriedades apresentadas importantes para o ouvinte. Tal repertório tem também a grande vantagem de ser disponível numa situação nova quando falta o nome próprio. Uma série de *tactos* comuns que tenham sido condicionados separadamente face a propriedades singulares ou a grupos de propriedades fornecem uma resposta essencialmente nova e única. *O homem de terno cinzento que alimenta os cisnes* pode, numa ocasião dada, designar uma pessoa particular tão especificamente quanto seu nome próprio. Mas não podemos usar o nome próprio, a menos que o tenhamos adquirido relacionado com essa pessoa. Podemos, porém, compor um substitutivo aceitável, unindo dessa maneira uma série de respostas comuns.

A Dinâmica dos Tactos Abstratos

Para evocar uma resposta que esteja sob o controle de uma única propriedade de um objeto é necessário não apenas apresentar o objeto mas "especificar a propriedade a que se deve reagir". Assim, para obter a resposta *vermelho,* precisamos apresentar um objeto vermelho, bem como uma ocasião verbal na qual respostas cromáticas sejam especialmente reforçadas — por exemplo, dizendo *Diga-me que cor é esta?* Na ausência de uma ocasião especial que designe uma classe particular de *tactos,* um dado estímulo não-verbal não controla apenas uma única resposta. O estímulo que o faz é relativamente complexo.

A força de um tacto abstrato reflete sua história de reforço. Muitos casos da resposta podem ter sido reforçados, mas muitas mais podem ter ficado sem reforço, ou

podem ter recebido punição, enquanto a força da resposta pode ser modificada de acordo com tal história. Em geral, a proporção de respostas não-reforçadas em relação às reforçadas representa o que podemos chamar de grau de abstração. Esses graus freqüentemente se ordenam sob forma de classes subordinadas. Se estamos olhando a vitrina de uma casa de móveis e alguém nos pergunta O que você está olhando? a resposta mais fácil será, provavelmente, um gesto acompanhado da resposta vocal Aquilo. Se insistirem, perguntando Aquilo o quê?, poderíamos responder facilmente Aquela coisa. Outras perguntas levam a uma sucessão de respostas: Aquele móvel, aquela cadeira, aquela cadeira de braços, aquela cadeira de braços sueca moderna e finalmente Aquela moderna cadeira sueca de braços feita de bordo. A última resposta é uma resposta verbal reforçada apenas em raras ocasiões e sob um controle de estímulos resultante de uma contingência exata de reforços. Assim sendo, trata-se de uma resposta mais "difícil" de ser dada ou, em outras palavras, menos provável de ser emitida. A classificação lógica, como no caso das respostas intraverbais e dos tactos metafóricos, não é diretamente responsável pela força relativa; ela é mais propriamente uma descrição do estado de coisas do meio, estado este responsável, por sua vez, pela força relativa. No ambiente particular de determinado indivíduo, é claro, alguns termos altamente abstratos podem ser fortes e alguns termos gerais podem ser bastante fracos.

O Problema Da Referência

A teoria semântica limita-se muitas vezes à relação entre resposta e estímulo, que prevalece no operante verbal que chamamos tacto. Palavras, partes de palavras ou grupo de palavras, de um lado, e coisas, partes de coisas e grupos de coisas, de outro, encontram-se numa relação mútua chamada "referência", "designação" ou "denotação". A relação pode ser tão vazia quanto uma convenção lógica, ou pode fornecer a "intenção" do falante. Mas de que modo uma palavra "substitui" uma coisa, ou "significa aquilo que o falante tem a intenção de dizer, ou "comunica alguma condição de uma coisa a um ouvinte nunca foi satisfatoriamente estabelecido. A noção de operante verbal traz essas relações para a esfera dos métodos da ciência natural.

como um estímulo, ou alguma propriedade de um estímulo, ela adquire controle sob uma dada forma de resposta, está agora perfeitamente compreendida. A forma de uma resposta é modelada pelas contingências vigorantes numa comunidade verbal. Uma dada forma é colocada sob o controle de estímulos, através do reforço diferenciado de nossa contingência de três termos. O resultado é, simplesmente, a probabilidade de que o falante venha a emitir uma resposta de uma dada forma na presença de um estímulo com propriedades específicas sob certas condições amplas de privação ou de estimulação aversiva. A medida *em que interessa ao falante é* a

relação de referência ou de significação. Haveria pouco interesse em usar essa fórmula para redefinir conceitos tais como signo, sinal ou símbolo, ou uma relação tal como referência, ou entidades comunicadas num episódio vocal, tais como idéias, significados ou informação. Esses termos tradicionais carregam muitas conotações irrelevantes, surgidas de seu uso na descrição das relações entre a resposta do falante e o comportamento do ouvinte e as contingências do reforço imposto por uma comunidade verbal.

Mesmo dentro do comportamento verbal do falante há outros tipos de operantes verbais que sugerem paradigmas nos quais podem ser feitas outras distinções. Cada tipo de operante possui propriedades únicas, que resistem à tentativa de se chegar a uma única fórmula abrangente. Este é um fato simples acerca do comportamento dos ouvintes e dos falantes. O assunto é extremamente complexo e não pode ser tratado de forma satisfatória por meio de conceitos simplificados. Mesmo dentro da estreita relação representada pelo *tacto,* a noção tradicional de significado não está adequadamente representada, pois, antes e acima da relação de referência, temos que considerar a questão da asserção (ver capítulo 12) e a questão acerca da precisão e veracidade de uma resposta, e assim por diante (ver IV e V Partes). Presumivelmente, poderíamos descrever o comportamento do lógico ou do lingüista quando ele diz que uma palavra "substitui" ou "significa" algo, ou que uma proposição é falsa ou verdadeira e, desta ou de outra forma, podemos estabelecer definições alternativas; mas as definições, provavelmente, não seriam úteis na análise do comportamento verbal. Estamos interessados em encontrar termos, não para ocupar os lugares tradicionais, mas para empregá-los no tratamento de um assunto tradicional.

Ao estudar as propriedades do mundo das coisas ou dos acontecimentos aos quais respondemos verbalmente, devemos nos elevar por nosso próprio esforço; muitas propriedades da natureza podem ser identificadas e tratadas exclusivamente por meio de práticas verbais. Entretanto, o problema do controle de estímulo no *tacto* pode ser examinado significativamente. Se o mundo pudesse ser dividido em muitas coisas e acontecimentos separados e pudéssemos estabelecer uma forma separada de resposta verbal para cada coisa ou acontecimento, o problema seria relativamente simples. Mas o mundo não é analisado tão facilmente ou, pelo menos, não foi analisado assim por aqueles cujos comportamentos verbais devemos estudar. Em qualquer repertório verbal amplo encontramos uma confusa mistura de relações entre formas de resposta e formas de estímulos. O problema é encontrar as unidades básicas de "correspondência".

Estamos preparados para esse assunto por causa de nosso exame de outros tipos de comportamento verbal. O comportamento ecóico em particular fornece um bom modelo. O falante adquire operantes ecóicos de muitos tamanhos. Ele tende a repetir palavras, frases, ou mesmo sentenças. Eventualmente, seu comportamento revela

pequenas unidades ecóicas, aproximadamente do tamanho do som da fala quer como resultado de reforço educacional direto, quer como subproduto da aquisição de unidades mais amplas. Só por causa desse repertório mínimo **é** ele capaz de repetir padrões verbais ouvidos pela primeira vez. O comportamento textual revela um repertório mínimo semelhante. A criança pode ser ensinada a ler por simples sons, palavras, frases ou sentenças. Independentemente do tamanho da unidade mais freqüentemente reforçada, desenvolve-se um repertório mínimo com o qual ela será capaz de ler palavras não-familiares. Descobriu-se que um repertório mínimo comparável estava ausente do comportamento intraverbal. Quando muitas respostas diferentes são reforçadas sob o controle de um estímulo único, e quando a mesma resposta pode ser reforçada sob o controle de múltiplos estímulos, o falante adquire pouco menos que as tendências intraverbais confusas reveladas nos experimentos por associação de palavras.

O tacto assemelha-se ao comportamento intraverbal, na falta da correspondência ponto por ponto vista no comportamento textual e ecóico, mas as contingências do reforço são, não obstante, mais consistentes que no comportamento intraverbal. Haverá, evidentemente, algum tipo de repertório mínimo. Quando adquirido inicialmente, um *tacto* pode ser de qualquer tamanho. Expressões tais como *Uma agulha no palheiro* podem ser controladas como uma unidade num tipo particular de situação. Isto também é verdadeiro no caso de respostas mais AMPLAS QUE parecem envolver asserções. Uma única propriedade de uma situação pode evocar a resposta *A pressa é inimiga da perfeição;* o falante não *compôs* necessariamente uma sentença no sentido do capítulo 14 e, no momento, não está fazendo uma afirmação.

Ele simplesmente emite uma resposta apropriada à situação. Mas unidades menores surgem eventualmente e nossa tarefa é descobrir até que ponto vai o processo. Quais são as menores unidades identificáveis de resposta sob o controle de propriedades separadas de estímulos (usualmente) não-verbais?

Nossa análise do comportamento ecóico e textual prepara-nos para essa tarefa, lembrando-nos da necessidade de examinar uma resposta em inúmeras ocasiões. As unidades mínimas de comportamento textual e ecóico raramente aparecem por si mesmas como respostas completas. Todavia, sua unidade funcional ainda pode ser demonstrada. A mesma regra funciona para o *tacto.* Supõe-se, freqüentemente, que o referente de uma resposta pode ser identificado sempre que a resposta é dada. Quando o estímulo aparece como sendo um objeto, este é tomado como referente da resposta; todavia, há sempre um elemento de abstração. Não podemos apontar uma cadeira especial que seja o referente da resposta *cadeira.*

As propriedades de um estímulo relevantes na evocação da resposta, quer para o falante individual, quer de acordo com a prática de uma dada comunidade, só

podem ser descobertas considerando-se uma série de ocasiões nas quais as propriedades são sistematicamente variadas e a presença ou ausência da resposta é notada. Não podemos resolver esse problema dando à propriedade relevante uma espécie de *status* de objeto, como um "conceito" ou "abstração" — dizendo que a resposta *vermelho* refere-se ao "conceito de vermelho" ou à "vermelhidão" de algo. Nunca reforçamos uma resposta quando um "conceito" está presente; o que está presente é um estímulo particular. O referente de um *tacto* abstrato, se é que esse termo tem algum sentido, é a propriedade, ou conjunto de propriedades, sobre a qual o reforço é contingente, controlando, por isso, a resposta. Podemos dizer que o referente é a *classe* de estímulo definida por tal propriedade ou propriedades, mas há poucas razões para se preferir classes a propriedades. A propriedade correlacionada com o reforço deve ser especificada em termos físicos, se quisermos permanecer dentro dos quadros de uma ciência empírica.

Saber se uma resposta pode-se "manter por si só" não é uma questão das práticas ortográficas de uma língua, pois estas não refletem claramente as relações funcionais envolvidas. A distinção entre línguas analíticas, sintéticas ou aglutinadas, quando não constitui uma distinção de ortografia, liga-se principalmente ao comportamento de segunda ordem a ser discutido na IV Parte. Certos comportamentos verbais não podem manter-se por si porque só são emitidos quando outros comportamentos do falante formam parte da ocasião (ver IV e V Partes). As terminações gramaticais constituem um bom exemplo disso; não **há** ocasião na qual a única resposta do falante seja *-mente* [como sufixo adverbial que indica o modo (no original, *ly)]* (com uma rara exceção: quando o falante diz *-ly* [-mente] como uma contribuição ao comportamento verbal de outra pessoa — por exemplo, como uma correção — é claro que ele está falando como se estivesse acrescentando uma terminação à sua própria resposta). Os outros operantes mínimos acima descritos podem apresentar problemas semelhantes. Uma vez que a feminilidade nunca aparece sozinha, independentemente de algo feminino, a terminação feminina nunca aparece sozinha na fala. A eficiência funcional independente da unidade mínima de resposta é mais facilmente detectada quando o comportamento é o resultado da causação múltipla.

Em qualquer par de *"tactos"* notamos que os estímulos podem ser os mesmos, podem ser semelhantes ou podem ser diferentes, e que as respostas podem ser as mesmas, podem ser semelhantes ou diferentes. As nove possibilidades resultantes são mostradas na Figura 7.

		ESTÍMULO		
		mesmo	Semelhante	Diferente
RESPOSTAS	Mesma	(1) 1) Ideal	(2) 2) Metáfora abstração	(3) 3 Homonímia
	Semelhante	(4)	(5)	(6) 6) Homonímia Parcial
	Diferente	(7) 7) Sinonímia	(8) 8) Sinonímia Parcial	(9) 9) Ideal

Figura 7

O comportamento verbal tende a ser mais eficiente quando as condições expressas nas 1 e 9 prevalecerem. Já se disse que uma língua ideal sempre "expressará" a mesma coisa pelos mesmos meios e coisas similares por meios similares. É de se presumir que ela também expresse coisas diferentes por meios diferentes. Este é um alvo impossível, porque o comportamento verbal varia num número muito menor de dimensões do que o mundo que ele deve descrever. Além do mais, o processo responsável pelo comportamento verbal não está, de forma alguma, voltado para o estabelecimento de uma língua ideal. Duas violações bem conhecidas aparecem nos quadros 3 e 7. Na homonímia, a mesma resposta é dada a estímulos diferentes (por exemplo, *palma* é evocada tanto pelo vegetal como pela mão). Na sinonímia, o mesmo estímulo leva a respostas bastante diferentes (por exemplo, o mesmo acontecimento pode evocar tanto palmeira como palma). Onde a homonímia pode levar a respostas não apropriadas por parte do ouvinte, a sinonímia interfere com um discurso eficiente, esgotando as formas verbais disponíveis e requerendo uma história verbal mais ampla por parte do ouvinte. A homonímia parcial, na casa 6, *é* uma conseqüência necessária do fato de que o comportamento verbal não pode ser modificado em tantas direções quanto o meio físico; em qualquer vocabulário amplo as respostas devem assemelhar-se, em alguns aspectos, "sem qualquer boa razão". A sinonímia parcial, da casa 8, na qual uma propriedade comum a dois ou mais estímulos controla diferentes respostas é, se não inevitável, pelo menos um resultado muito provável das condições incidentais e freqüentemente caóticas sob as quais surge o comportamento verbal.

As três casas remanescentes são de especial interesse aqui. Todas as variedades de extensão genérica e metafórica são representadas na Casa 2, onde a mesma forma de resposta é dada a estímulos semelhantes. O *tacto* abstrato também ocorre aqui. Sob tais condições, temos evidências convincentes da eficácia funcional de alguma parte

de uma apresentação total de estímulos: da parte ou da propriedade responsável pela semelhança dos estímulos. As casas restantes, 4 e 5, oferecem evidência igualmente convincente da eficiência funcional de uma fração de uma resposta total. Quando respostas semelhantes são evocadas por estímulos semelhantes, na casa 5, o elemento comum em virtude do qual as respostas são semelhantes, aparece como independentemente controlado pelo elemento comum em virtude do qual os estímulos são semelhantes.

Os exemplos mais familiares das unidades funcionais são tradicionalmente chamados de palavras. Ao aprender a falar, a criança adquire *tactos* de vários tamanhos: palavras (*boneca),* frases (*sobre a mesa)* e sentenças (*Maria vai dormir).* Essas unidades mais amplas não são compostas pelo falante no sentido do capítulo 14; elas são respostas unitárias, sob o controle de estímulos particulares. (Muitas respostas complexas retêm alguma unidade funcional, mesmo no falante adulto, como vimos. Frases estereotipadas: *Como vai você?* e lugares comuns como *vasta maioria* podem não depender do controle separado de suas partes por meio de traços separados da situação.)

De tal comportamento, pode emergir eventualmente um repertório básico de unidades funcionais menores, também ao nível da palavra. A criança que adquiriu a resposta *Eu tenho uma boneca* e *Eu tenho um gatinho* em ocasiões separadas pode revelar alguma unidade funcional na expressão *Eu tenho um...* a qual, posteriormente, se combina com novas respostas em novas circunstâncias; por exemplo, quando a criança diz, pela primeira vez e sem condicionamento separado, *Eu tenho um tambor.* O processo pode ir além. A partir de respostas *Eu tenho um...* e *Eu quero um...* emerge uma unidade menor de resposta: *Eu.* Pequenas unidades funcionais podem, é claro, ser aprendidas separadamente, particularmente mediante o reforço educativo proporcionado por aqueles que ensinam a criança a falar; mas elas também parecem emergir como subprodutos da aquisição de respostas mais amplas, que contêm elementos idênticos, de forma muito semelhante ao que ocorre no comportamento textual e ecóico. Assim como o falante que possui um comportamento ecóico bem desenvolvido pode imitar novos padrões sonoros complexos ouvidos pela primeira vez, também o indivíduo que possui um repertório mínimo bem desenvolvido de *tacto* pode "descrever" uma nova situação complexa quando esta é vista pela primeira vez.

A relação entre a propriedade de uma resposta e a propriedade de controle de um estímulo só pode ser demonstrada comparando muitos casos de comportamento verbal de um mesmo indivíduo. Tal relação não precisa ser óbvia para o falante, ela pode não se identificar com qualquer reação do ouvinte ou com as práticas de reforço da comunidade verbal.

Foram reconhecidas unidades funcionais abaixo do nível da palavra. Algumas delas têm sido chamadas de "morfemas". O termo é usualmente definido, em parte, por referência às práticas reforçadoras da comunidade como um todo, com alguma referência à história registrada da língua. Provavelmente, adotar esse termo para a unidade do comportamento verbal aqui analisada, apesar de ela representar claramente um processo analítico semelhante, só confundiria o resultado. Um exemplo de operante verbal freqüentemente menor que uma palavra é uma "raiz". Apesar de podermos estar interessados em acompanhar uma raiz ao longo da história da língua, ela é funcionalmente significante no comportamento do falante contemporâneo como uma unidade mínima de resposta correlacionada com um elemento identificável de um estímulo. Se um falante emite a resposta *destrói* numa ocasião e a resposta *destrutível* em outra e se, como é provável, pudermos identificar um elemento comum nas duas ocasiões, então temos evidência da unidade funcional do operante *destr...* Que formas comparáveis possam ser encontradas em outras línguas, ou que a história dessa raiz possa ser traçada através de formas mais primitivas da mesma língua são fatos relacionados, interessantes e capazes de explicar por que a comunidade verbal contemporânea estabelece operantes que apresentam essas semelhanças. Mas tais fatos não acrescentam nada à demonstração da unidade funcional da unidade mínima no comportamento desse falante.

Outras unidades familiares abaixo do nível da palavra são os afixos para fins de sintaxe, de flexão, ou para outros fins (Ver capítulo 13). Estes também têm sua própria história, mas são unidades funcionais no comportamento do falante apenas na medida em que correspondem a traços particulares de uma situação de estímulo. A evidência é mais clara quando um falante compõe novas formas de respostas em relação a situações novas. Tendo desenvolvido um sufixo funcional *ado [ed,* em inglês] com relação a esta sutil propriedade dos estímulos dos quais falamos como ações no passado, o sufixo pode ser acrescentado pela primeira vez a uma palavra que até então só havia descrito ações no presente. O processo *é* claro quando o falante compõe uma forma estabelecida pelas práticas de uma comunidade particular. *He singed* [Ele cantou] é obviamente *composto* a partir de elementos separados, uma vez que a comunidade reforça a forma *He sang* [Ele cantou]. *He walked* [Ele andou] pode também ter sido composto; mas, como a forma também é reforçada separadamente, a evidência, neste caso, não é tão clara. Um tipo de unidade mínima está sob o controle das propriedades sutis dos estímulos que distinguimos com diferentes "partes da fala"; por exemplo; o falante pode compor advérbios acrescentando *–ly [mente,* em português] aos adjetivos. Sufixos como *-ness* [-dade] e *hood* [ade] são facilmente manejados como elementos separados na composição de novos termos ajustados aos "estados do ser".

Algumas unidades aparentemente mínimas não têm uma genealogia respeitável e foram sendo negligenciadas por aqueles que **se** voltaram para os dados históricos e

comparativos. Todavia, existem muitos exemplos com os quais estamos bem familiarizados. Em inglês, a inicial *sp* caracteriza muitas palavras que têm algo a ver com ações ligadas à boca (*spit, speak, spew* [saliva, fala, vômito]), ou de algum outro ponto *{sputter, sprinkle, spray* [lançar perdigotos ao falar, borrifar] ou com radiação de um ponto *(spoke, spire, spur* [raio de roda, espira, espora]. Poderia parecer, por isso, que a resposta *sp* tem uma unidade funcional que se encontra sob o controle de um padrão geométrico comum a muitos estímulos. Isto não significa que a forma originada no ato de emitir ou de falar necessariamente tome emprestada das semelhanças de comportamento com tais atos alguma força comum; tampouco significa que devemos esperar o aparecimento de formas semelhantes em outras línguas, ainda que uma raiz indo-européia esteja obviamente relacionada. O fato básico é que um estímulo que envolve a emanação ou a radiação a partir de um ponto evoca comumente a resposta *sp. A* resposta raramente ocorre isolada e, mesmo assim, apenas no comportamento iniciado sob tensão, no qual um novo padrão que revele radiação de um ponto pode levar o falante a balbuciar *sp,* em inglês, sem completar uma forma verbal padronizada.

O lingüista pode reconhecer a unidade funcional da unidade verbal *sp,* mas não admitir que ela seja classificada como um morfema, não apenas por motivos históricos ou comparativos, mas porque, se removermos o *sp* dos exemplos dados no parágrafo precedente, só nos restam fragmentos inúteis de comportamento. Mas isto é importante apenas se supusermos que as palavras são formadas de partes separáveis. Nada em nossa análise do *tacto* como unidade de comportamento verbal nos leva a acreditar nisto. O que queremos dizer com esta afirmação é que, embora a resposta *spit* [saliva], revele uma seme-üiança com *speak* [fala] e *spew* [vômito], semelhança que pode ser atribuída a um elemento-estímulo comum em relação à inicial *sp,* tal resposta não revela qualquer relação funcional comum com outras formas terminadas em *it {hit, sit, bit,* e assim por diante). Tais fragmentos não podem ser considerados como sem significado, no sentido de serem totalmente incontrolados; eles aparecem por boas razões, mas não possuem uma razão em comum. (Freqüentemente, podemos encontrar alguns traços de elementos semelhantes. Por exemplo: muitas palavras que possuem relação com sons produzidos vocalmente contêm a unidade terminal — *each;* por exemplo, *screech* [berrar], *preach* [pregar], *teach* [ensinar.] Não é, portanto, inteiramente fantástico afirmar que a resposta *speecb* é uma combinação de *sp* e *eech.* Uma vez que a forma foi estabelecida num dado falante cedo demais para ser claramente um neologismo, torna-se difícil provar este ponto.)[32]

---

[32] Todos os problemas de referência que surgem das contingências de reforço impostas por uma comunidade verbal têm paralelos em outros tipos de respostas verbais. Um exemplo de *"mando* mínimo" comparável ao *sp,* que acabamos

Apesar de podermos demonstrar uma unidade funcional do comportamento verbal em que a resposta de uma dada forma é controlada por um dado estímulo, daí não se segue que todo exemplo de uma resposta que tenha essa forma represente o mesmo operante, ou que cada exemplo de resposta evocada por essa propriedade tenha essa forma. Não se segue, por exemplo, que todo caso de *sp* seja um exemplo da unidade que acabamos de escrever, ou que todo caso de radiação venha a evocar a resposta que contém *sp.* (E não se segue, é claro, que a unidade funcional de um operante mínimo no comportamento do falante corresponda às práticas de qualquer comunidade. Uma criança de seis anos usou a terminal *-nês,* de *japonês* e *chinês,* para se referir ao formato dos olhos.)

As menores unidades de comportamento verbal que funcionam como *tactos* mínimos não são necessariamente os sons sonoros separáveis do comportamento ecóico ou textual. Embora o "fonema" dependa do uso, e não seja apenas uma unidade formal de análise — em outras palavras, depende das relações controladoras do comportamento verbal — ele não representa uma unidade de resposta sob o controle de uma propriedade dos estímulos. Os fonemas comumente são definidos em termos das práticas de reforço de uma comunidade, mas eles também podem ser definidos com relação ao comportamento de cada falante depois que este foi modelado por essa comunidade. Tendo identificado a resposta *bit* sob o controle de uma classe particular de estímulo, verificamos que, embora possa variar em muitas propriedades fonéticas ou acústicas, ele nunca começa com o som indicado em *pit.* Nesse ínterim, podemos estabelecer uma classe separada de respostas que envolvem a forma *pit* e descobrir que, embora ela possa variar em muitas propriedades, nunca chega ao ponto de soar como *bit.* Ainda que a inicial *p* e a inicial *b* não estejam separadamente sob o controle de propriedades isoladas de estímulos, elas estão sempre sob o controle de propriedades diferentes.

As unidades mínimas no comportamento de um falante individual só poderiam ser identificadas por um estudo exaustivo realizado num período de tempo tão curto que o comportamento possa ser encarado como essencialmente não-modificado. A lista de unidades revelada seria muito longa e não seria tão facilmente expressa como os repertórios ecóicos e textuais. As propriedades da natureza que se encontram sob o controle do comportamento verbal são mais numerosas e complexas que as cobertas pelas descrições proporcionadas pela Física, porque o comportamento verbal é controlado por muitas características temporais,

---

de discutir, é o som inicial *hw* (comumente escrito *wh-)* que ocorre em muitas frases interrogativas inglesas. Pode-se dizer que ele tem uma função independente como um *mando* para a ação verbal, que pode aparecer sozinho em momentos de tensão, que aparece quando se formam neologismos e que pode ser necessário reconhecê-lo ao explicar alguns casos de causação múltipla do comportamento verbal.

incidentais e triviais, ignoradas numa análise científica. O número de unidades de resposta identificáveis não é limitado pelas formas disponíveis, além do mais, porque não há limite para o tamanho da unidade. À medida que cresce a necessidade de um número maior de unidades, constroem-se respostas mais amplas. Mas, mesmo que não possamos dar uma explicação empírica satisfatória de um único repertório, podemos compreender a natureza de tal repertório e a natureza da unidade funcional possível de pequenas unidades vocais. Sem tal concepção, não poderíamos analisar facilmente a causação múltipla do comportamento verbal (capítulo 9), as distorções de forma que surgem da causação múltipla (capítulo 11) ou o processo de composição no qual novas respostas verbais são criadas em novas ocasiões.

A Referência Numa Linguagem Ideal

Nas condições de uma língua ideal, a palavra para *casa,* por exemplo, será composta de elementos referentes a cor, estilo, material, tamanho, posição, etc. Só desta forma é que nos referiremos a casas semelhantes por meios semelhantes. As palavras para duas casas em tudo iguais, exceto na cor, serão iguais exceto no elemento que se refere à cor. Se na palavra nenhum elemento se referir à cor, esta parte das condições de uma língua ideal não poderá ser preenchida. Cada palavra em tal língua será um nome próprio, que se refere a um objeto ou acontecimento singular. Quem quer que fale essa língua poderá inventar imediatamente a palavra para a nova situação reunindo as respostas básicas separadamente relacionadas com seus elementos. Assim como é tautológico dizer *Otávia é uma mulher,* porque a terminação do sujeito, *-a,* também indica o sexo descrito pelo predicado, também em nossa linguagem ideal qualquer afirmação semelhante seria tautológica ou, pelo menos, simples repetição. As respostas abstratas não passariam de respostas incompletas.

Tal linguagem, obviamente, é impossível. Mesmo que pudéssemos ampliar ilimitadamente o tamanho das unidades verbais, a escassez das dimensões forçar-nos-ia em algum ponto a introduzir semelhanças não funcionais entre as formais verbais e, assim, a violar a regra básica. Por exemplo: a ordem de seriação numa longa frase descritiva, usualmente não é em si mesma representativa de coisa alguma na situação descrita. Todavia, a crescente possibilidade de separação e manipulação dos elementos da resposta num repertório mínimo de unidades é um passo na direção das condições ideais.

Podemos aproximar-nos de uma linguagem ideal de outra maneira quando estímulos e respostas têm dimensões semelhantes. Este não constitui um requisito essencial, uma vez que poderia existir perfeita correspondência entre sistemas dimensionais diferentes, mas, na medida em que as respostas se assemelham aos

estímulos, respostas relacionadas com estímulos semelhantes serão elas mesmas semelhantes. Os modelos têm essa propriedade. Descrevemos um estado de coisas de modo mais completo reconstruindo-o, isto é, construindo uma duplicata exata desse estado de coisas. Tal comportamento é verbal, de acordo com nossa definição, uma vez que um modelo é construído e usado por causa de seus efeitos sobre os "ouvintes". Isto não é tão impraticável quanto pode parecer, porque o modelo nem sempre precisa ser construído. O exemplo da amostra do vendedor é parte do repertório verbal. Os quadros ou fotografias são modelos incompletos ou superficiais que correspondem às "coisas de que se fala" de forma muito mais detalhada que as respostas fonéticas. Tanto as amostras do vendedor, quanto o catálogo ilustrado, satisfazem a exigência de que coisas semelhantes devem ser expressas por meios semelhantes.

Apontar para um objeto constitui uma variação da construção de modelos. Um homem pode dizer: *Eu nunca saio sem levar...* — e acabar exibindo uma arma tirada do cinto. O ato de exibir é verbal, de acordo com nossa definição, e é equivalente à resposta verbal *arma,* embora muito mais completo como descrição. Quando, numa confeitaria, apontamos o bolo que desejamos comprar, em lugar de descrevê-lo, também estamos agindo verbalmente. Usamos o bolo ao construir a resposta; sua correspondência com a coisa descrita é, evidentemente, perfeita. Decidir se um bolo pode ser seu próprio nome ou se uma arma pode referir-se a si mesma depende de como definimos "nome" e "referência". (Decidir se vamos incluir o ato de apontar objetos num sistema de *tactos* dependerá da extensão do campo verbal que queremos cobrir com o termo. Isto não acarreta nenhum problema lingüístico importante porque, assim como no caso da construção de modelos em geral, o repertório é descrito com facilidade.)

A construção de modelos tem uma posição especial no campo do comportamento verbal. "Relatamos" muitos exemplos do comportamento, humano ou não, por imitação ou reencenação dos mesmos. Fazemos pouco progresso no sentido de uma análise cientifica quando procedemos assim, uma vez que tal "relatório" é tão pouco passível de análise e tão desajeitado quanto os dados originais. Contudo, uma mímica engenhosa pode ter uso prático nas discussões casuais. Raramente empregada no estudo científico do comportamento não-verbal, ela constitui prática comum no campo verbal. O comportamento ecóico, apesar de imperfeito, constitui parte do repertório de qualquer homem educado e é comumente empregado quando se relata um comportamento verbal. Como vimos no capítulo 2, ao descrever uma resposta verbal numa citação vocal direta, nos a modelamos. Quando a registramos por meio de uma notação fonética (por exemplo, quando a escrevemos na grafia inglesa) capacitamos o leitor treinado a modelá-la por si mesmo.

A citação é uma forma especial de *tacto* que usa o repertório mínimo do comportamento ecóico. É indiferente que nós a chamemos de ecóica ou de *tacto.* As classificações baseiam-se em contingências de reforço que, nesse caso, são as mesmas. *O* comportamento ecóico merece um tratamento separado por inúmeras razões, mas o tipo de reforço que recebe costuma ser idêntico ao do *tacto.* Quando respondemos a um objeto verbal

— por exemplo, à fala ouvida de outra pessoa — pela emissão de respostas ecóicas e, assim, construímos um modelo para ela

— nós *tactamos* esse objeto no único sentido em que qualquer objeto jamais pode ser *tactado.*

Um tipo rudimentar de construção de modelo pode ser exemplificado quando uma resposta verbal se assemelha a um estímulo *não-verbal.* No comportamento vocal, tal relação recebe o nome de onomatopéia; no comportamento escrito, ele é exemplificado pelos pictogramas ou hieróglifos. Assim como citar uma resposta verbal constitui uma forma de comportamento que constrói um modelo de objeto descrito, assim também a resposta onomatopaica proporciona um modelo acústico rudimentar de um "objeto" não-verbal, mas audível. Escrever um pictograma ou um hieróglifo é uma forma de comportamento verbal que constrói um modelo visual grosseiro de um objeto visual não--verbal. Um conjunto convencional de pictogramas é um repertório mínimo de limitação semelhante ao comportamento ecóico no nível do fonema. Assim como a extensão do repertório ecóico se aproxima da mímica vocal, a extensão do pictograma aproxima-se da arte representativa.

Há muitos tipos e graus de semelhança na onomatopéia. *Au-Au* aproxima-se da mímica; já *plá* e *bangue* estão menos próximos. Aquilo que algumas vezes é chamado, por analogia, de resposta imitativa mostra uma semelhança mais tênue, porque a semelhança se dá entre diferentes modos de estímulos. Se as respostas *smooth* [liso], *thin* [magro] e *crag* [penhasco] assemelham-se a coisas lisas e magras, ou a penhascos, isto se dá não tanto em virtude dos produtos audíveis da fala quanto em virtude do comportamento que produz esses sons. Algumas propriedades dos estímulos não-auditivos podem ser imitados por propriedades das respostas não" necessariamente auditivas. Por exemplo: *stupendous, sesquipedalian, tiny* e *bit* [estupendo, sesquipedal, pequenino e bocado] registram certas propriedades não-auditivas dos objetos no tocante ao tamanho. Respostas reduplicadoras podem assemelhar-se aos estímulos no tocante ao número. *Higgledy-piggledy* [confuso, desordenado] sugere uma semelhança com aquilo que quase se poderia chamar de caráter. Todas essas respostas constituem um tipo de construção de modelo, no qual o construtor confina-se aos elementos fonéticos de uma língua dada. Ele constrói a melhor imagem possível, sem cair abaixo do nível dos sons da

fala. O pictograma é coagido da mesma maneira; ele não é um retrato preciso, por causa da limitação do repertório convencional mínimo.

O papel da onomatopéia na origem da linguagem tem sido freqüentemente discutido. Formas onomatopaicas podem surgir se um repertório ecóico previamente estabelecido tiver sido ampliado para estímulos audíveis mas não-verbais. É também possível que a onomatopéia possa surgir independentemente de tal repertório anterior, de acordo com as explicações tradicionais da origem da linguagem, se o comportamento vocal fosse eficiente com um ouvinte por assemelhar-se a um padrão auditivo ao qual o ouvinte já estivesse condicionado. Nesse caso, as questões de origem são totalmente irrelevantes. As contribuições atuais de relação onomatopaica são menos especulativas e não podem, na verdade, ser ignoradas. Dadas duas respostas sinônimas sob o controle de um estímulo auditivo, aquela que revelar alguma semelhança formal deverá ter uma força adicional. Sendo o resto igual, ela prevalecerá no comportamento do falante e, por isso, tenderá a sobreviver na língua com maior dose de probabilidade. Contribuições de força de uma relação onomatopaica precisam ser consideradas no tratamento da causação múltipla do comportamento verbal (capítulo 9).

Não podemos ir muito longe da solução do problema de uma linguagem ideal por meio da construção de respostas verbais que se assemelham a seus estímulos de controle. Não podemos imitar ou repetir coisas azuis, coisas pesadas ou coisas truculentas por meio de respostas azuis, pesadas ou truculentas. A alternativa é permitir que uma ou, no máximo, algumas propriedades de cada estímulo adquiram o controle de uma forma separada de resposta. Nenhum esforço é feito para responder a todas as propriedades de um dado estímulo. O resultado mais preciso é obtido pelo processo de abstração, mas a mobilidade independente das respostas na ampliação metafórica também é valiosa.

A diferença considerável entre um dado estado de coisas e o comportamento verbal que ele chega a controlar significa que, para um ouvinte, o comportamento verbal carece da riqueza, complexidade e detalhes que marcam a "experiência direta". A extensão em que isso se dá depende das propriedades selecionadas para reforço por uma comunidade verbal. O cientista constrói um conjunto de respostas para uma situação dada por causa das conseqüências de reforço estabelecidas pela comunidade verbal científica. O poeta emite um conjunto de respostas inteiramente diferentes para a mesma situação porque elas são eficientes, de maneira diferente, para diferentes tipos de ouvintes ou de leitores. Qual dos dois comportamentos condiz mais de perto com a situação constitui menos uma questão de acuidade ou de compreensibilidade do que uma questão de interesses e práticas das comunidades verbais.

Podemos sintetizar esta análise do problema tradicional da referência notando a relevância de certos termos tradicionais. O fato de uma resposta verbal condicionada na presença de um estímulo dado revelar alguma força na presença de outro estímulo que tenha algumas das propriedades do primeiro é freqüentemente chamado de Generalização. Tanto na análise lógica como na psicológica, presume-se freqüentemente uma atividade especial por parte do falante. Mas a Generalização, assim como a Metáfora, constitui apenas uma característica do controle de estímulos. O controle mais preciso estabelecido pela comunidade na abstração fez com que este termo fosse freqüentemente aplicado: (1) à história do reforço que produz o resultado desejado; (2) à resposta resultante e (3) à propriedade controladora dos estímulos. O termo Formação de Conceitos, tomado originalmente da lógica e da epistemologia, tem sido aplicado essencialmente ao mesmo processo. Aqui a Formação carrega o sentido (1), mas o Conceito continua a mostrar (2) e (3). No processo contínuo de extensão de nomes próprios para *tactos* abstratos mínimos, os termos ao fim do processo têm sido freqüentemente chamados de Universais. Em geral, à medida em que caminhamos ao longo desse afastamento contínuo do nome próprio, o referente torna-se mais difícil de ser identificado. A maneira pela qual representamos a última relação de controle constitui amiúde uma questão de gosto. Na presente análise falamos de propriedades definidoras e de classes de estímulos, e num discurso casual podemos nomear esses conceitos controladores com sufixos tais como *piramidaliDADE* e *verme-IhiDÃO,* e assim por diante. Num sentido mais sofisticado, podemos falar de propriedades comuns a muitas instâncias, como conceitos, abstrações, universais, noções, etc, desde que tenhamos em mente o processo atual de demonstração. Este é também o ponto no qual o termo "idéia" pode ser revivido para ser usado através de uma definição operatória.

Os "Referentes" em Outros Tipos de Operantes Verbais

Numa formulação comportamentista das relações semânticas, não temos a compulsão de explicar todos os comportamentos verbais com uma única fórmula. Obviamente, o *tacto* é um tipo importante de resposta verbal, particularmente em seu efeito especial sobre o ouvinte. A partir daí, porém, não concluímos que ele seja o único tipo genuíno de comportamento verbal, ou que ele estabeleça um padrão de acordo com o qual todo comportamento verbal deva ser explicado. Podemos poupar esforços infrutíferos tentando descobrir os referentes de termos como *qual, mas, por favor,* ou o referente de um espirro. Operantes textuais ou ecóicos, por causa de sua perfeita correspondência com estímulos verbais gerados pelo comportamento de outros, podem parecer *tactos,* mas, ao tratar com o falante textual ou ecóico, os referentes originais podem não ser relevantes. Quando repetimos ou lemos uma passagem de comportamento verbal, não estamos

necessariamente nos "referindo a algo" no sentido especial do *tacto.* Vimos que o mando também requer uma formulação diferente. Tradicionalmente, isto tem sido explicado argumentando-se que o falante adquire uma palavra em sua relação significativa com uma coisa e em seguida *usa* a palavra para pedir algo. Esta não é apenas uma descrição imprecisa da aquisição de muitos *mandos,* como também há muitos exemplos que não podem ser explicados assim. Não precisamos tentar identificar os "referentes" de *Por favor!,* de *Psiu!* ou de *Acorde!* em tal quadro de correspondência.

O comportamento intraverbal apresentou muitas dificuldades na teoria semântica tradicional. Como ele não apresenta perfeita correspondência com os estímulos verbais vistos no comportamento ecóico ou textual, é mais facilmente aceito como uma resposta a um estado de coisas não-verbal que segue o padrão do *tacto.* O que são essencialmente relações entre palavras passam a ser tratadas como relações entre palavras e coisas. Quando dizemos que a palavra *César* se refere a César, apesar de ele estar morto há 2 000 anos, é claro que não estamos falando do comportamento de um falante contemporâneo. Uma resposta dessa forma é, por certo intraverbal, se não for textual ou ecóica. um processo de reforço educativo colocou-a sob o controle de vários conjuntos de circunstâncias *verbais.* Teoricamente, deveríamos ser capazes de traçar a trajetória dessas circunstâncias ate o instante em que uma resposta foi dada a César como

homem. O estudo da história pressupõe encadeamentos válidos desse tipo e uma predileção por fontes primárias é determinada essencialmente pelo desejo de evitar encadeamentos excessivamente longos e por isso, provavelmente, errôneos. Mas o comportamento verbal do historiador moderno é ainda, em sua maior Parte, intraverbal. Se excluirmos pinturas, estátuas, etc, *César* não pode ser um *tacto* no comportamento do falante contemporâneo. Assim como as metáforas e as associações de palavras freqüentemente são explicadas em termos de relações lógicas (e o processo psíquico que elas pretendem representar) assim também a relação semântica é usada para explicar a fonte última do padrão de comportamento do historiador. Mas ela não explica seu comportamento corrente. No comportamento de um falante do século XX, *César atravessou o Rubicão* é uma resposta, não a um acontecimento físico específico mas a um conjunto de estímulos verbais.

Uma grande porção do discurso lógico, matemático e científico também é intraverbal e, por isso, não é representado adequadamente pela semântica do *tacto.* Não temos que ser capazes de dizer o que uma expressão surgida no meio de um cálculo matemático "significa". Uma expressão é descrita como comportamento verbal quando traçamos seus antecedentes. Poucas delas podem interessar ao destino de uma variável envolvida em um *tacto.* (É tentador comparar esta distinção com a existente entre os juízos analíticos e sintéticos, mas, apesar de todos os juizes analíticos poderem ser intraverbais — e não possuírem assim "referentes" nos

termos da relação presente — nem todos os juízos sintéticos são necessariamente *tactos.)* Outro tipo de resposta verbal que não pode ser representada por um padrão semântico derivado da relação de *tacto é* exemplificado por respostas tais como: *é, talvez, não, exceto* e *verdadeiramente,* respostas que se relacionam com a manipulação e a qualificação de outro comportamento verbal. Estas constituíram uma carga pesada para os esquemas tradicionais de referência, mas uma explicação adequada poderá ser dada para esse tipo de resposta em outra parte da análise do comportamento verbal (IV Parte).

Comportamento Verbal Sob O Controle De Estímulos Privados[33]

No exemplo de *tacto* da figura 5, tanto o falante como o ouvinte são representados em contacto com um objeto comum, ao qual se refere a resposta do falante. Alguns comportamentos verbais, porém, estão sob o controle de estímulos aos quais só o falante pode reagir. A resposta *Meu dente dói* é controlada por um estado de coisas com o qual só o falante pode ter certo tipo de relação, lima parte pequena mas importante do universo está encerrada dentro da pele de cada indivíduo e, na medida do que sabemos, é acessível unicamente a ele. Daí não se segue que esse universo interior seja substancialmente diverso do universo exterior, ou do meio interior de outros indivíduos. As respostas aos estímulos privados não parecem diferir das respostas ao acontecimentos públicos. Todavia, a privatividade de tais estímulos coloca dois problemas.

Uma primeira dificuldade encontra-se na análise do comportamento em geral: o investigador não pode, de imediato, apontar os estímulos aos quais deve recorrer para a previsão e o controle do comportamento. É possível que este problema eventualmente seja resolvido pela melhoria das técnicas fisiológicas, que tornarão públicos os acontecimentos privados. No campo verbal, por exemplo, se pudéssemos dizer precisamente que acontecimentos no interior do organismo controlam a resposta *Estou deprimido* e, especialmente, se pudermos produzir esses acontecimentos à vontade, atingiremos o grau de previsão e controle característicos das respostas verbais aos estímulos externos. Mas apesar de que este seria um avanço importante e que demonstraria, sem sombra de dúvida, a natureza física dos acontecimentos privados, o problema da privacidade não pode ser inteiramente resolvido apenas pela invasão instrumental do organismo. Não importa quão claramente esses acontecimentos internos possam ser expostos no laboratório, pois

---

[33] Alguns dos pontos desta seção foram discutidos pela primeira vez num artigo intitulado "A Análise Operatória dos Termos Psicológicos", publicado na *Psychological Review,* (1945), 55, pp. 270--277. Uma discussão mais extensa relacionada com uma ciência geral do comportamento humano aparece em *Science and Human Behavior.*

permanece sempre o fato de que, num episódio verbal normal, eles são bastante privados. Temos ainda que responder a uma pergunta mais ampla, pergunta cuja discussão científica pode ser encarada como um caso especial.

Ao construir o tipo de operante verbal chamado *tacto,* a comunidade verbal reforça caracteristicamente uma dada resposta em presença de um estímulo dado. Isto só pode ser feito se o estimulo age tanto sobre o falante quanto sobre a comunidade retorço. Um estímulo privado não pode satisfazer essas condições. De que modo, então, a comunidade verbal estabelece as contingências de reforço que produzem as respostas verbais a estímulos privados? Como, por exemplo, a resposta *dor de dente* pode ser apropriadamente reforçada se a comunidade de reforço não tem contacto com o dente?

Não discutimos o fato de respostas a estímulos privados serem estabelecidas, mas sim de que modo elas foram construídas, qual sua relação com estímulos controlados e quais, se é que existe alguma, são suas características distintivas.

Há pelo menos quatro maneiras pelas quais uma comunidade de reforço sem acesso a estímulos privados pode gerar um comportamento verbal em relação a eles.

1) Pode-se usar um acompanhamento público comum dos estímulos privados que eventualmente controlam a resposta. Consideremos, por exemplo, o modo como um cego pode aprender os nomes de um tabuleiro cheio de objetos. A estimulação que eventualmente está sob controle é táctil: o homem explora os objetos com os dedos. Ao mesmo tempo, ele adquire as respostas verbais repetindo o professor. A contingência necessária entre uma dada resposta e o objeto apropriado é estabelecida pelo professor, o qual identifica, pela visão, o objeto que o cego está tocando. A contingência total do reforço depende, assim, da resposta do cego na presença do estímulo táctil, e o efeito dessa resposta sobre o professor reforçador, que identifica o estímulo pela vista. Este é um sistema verbal perfeitamente satisfatório, capaz de estabelecer *tactos* muito precisos, mas só porque há uma estreita relação entre os estímulos tácteis e visuais gerados pelos objetos.

Respostas a estímulos privados são freqüentemente reforçadas da mesma maneira. Ensina-se uma criança a dizer *Dói* de acordo com o uso da comunidade, que torna o reforço contingente a certos acompanhamentos públicos de estímulos dolorosos (uma pancada forte, um corte no dedo, etc.).

2) Uma prática comum consiste em usar *respostas colaterais* a um estímulo privado. É possível que um dentista seja capaz de identificar alguma condição de um dente doente, condição que está tão intimamente associada com a estimulação privada de tal dente que a resposta *dor de dente* poderia ser estabelecida de acordo com o padrão acima; mas, usualmente, a resposta é estabelecida no jovem falante com base em outras respostas que ele dá ao estímulo privado. A comunidade reforça como correta a resposta *Meu dente dói* quando observa o comportamento colateral de

levar a mão ao maxilar, executar certas expressões faciais ou gemer de acordo com certos padrões transitórios.

Como um caso especial desse princípio, respostas a estímulos privados complexos são freqüentemente estabelecidas com base no comportamento verbal já condicionado em relação a algum dos elementos de um estímulo complexo. *Grosso modo,* um homem pode descrever alguma condição interna com o repertório verbal apropriado a seus vários traços e, com base nessa informação, a comunidade pode então reforçar uma resposta apropriada ao estado geral das coisas. Em geral, a maior parte do repertório privado (de *heartburn* [azia] a *Weltschmerz* [o mal do século]) é adquirida dessa maneira. Uma vez que o processo supõe que respostas elementares a acontecimentos privados já se encontram disponíveis, a prática não sugere uma solução para o problema geral.

3) Uma terceira possibilidade é a de que a comunidade pode não precisar recorrer aos estímulos privados; ela pode reforçar uma resposta em conexão com um estímulo público só para transferir a resposta a um acontecimento privado em virtude das propriedades comuns, como na extensão metafórica e metonímica. Já se mostrou suficientemente que grande parte do vocabulário emocional é metafórico por natureza. Quando descrevemos estados internos como "agitado", "deprimido", ou "entusiasmado" certas propriedades geométricas, temporais e intensivas produziram uma extensão metafórica de respostas.

Nem todas as expressões metafóricas evocadas por estímulos privados exemplificam esse princípio. Apesar de *uma dor aguda ou uma sensação de ardor* poderem ilustrar a extensão metafórica surgida da semelhança entre a estimulação proporcionada por objetos agudos, ou que queimam, e certos estímulos privados, outra explicação é possível. O passo metafórico pode ter ocorrido *antes* de a resposta recuar para o mundo privado. Nesse caso, não haveria razão para procurar por um estímulo privado que tivesse propriedades semelhantes. Se a resposta *agudo é,* primeiramente, adquirida em conexão com certos objetos que possuam propriedades físicas identificáveis, não relacionadas com seu efeito sobre o organismo humano — por exemplo, se uma agulha é chamada de aguda quando apresenta certo modelo geométrico ou quando penetra facilmente no papel ou num tecido, ou se uma faca é chamada de aguda quando corta madeira facilmente, então a extensão da resposta para certo tipo de estímulo doloroso gerado por picada ou corte é metonímica. Certos estímulos costumam ser associados com objetos que possuem certas propriedades geométricas e, por isso, a resposta é transferida de um para outro. *Isto é agudo* torna-se sinônimo de *Isto machuca,* quando originalmente só era sinônimo de *Isto tem uma ponta fina* ou ... *um gume afiado.* Apesar de a comunidade nunca ter acesso a algo mais além da forma geométrica da ponta, ou do gume, ou de seus efeitos sobre a superfície do falante, a resposta *Isto é agudo* no sentido de *Isto machuca* é presumivelmente eficaz e pode continuar a receber reforço. Para o falante,

os estímulos privados associados são mais importantes que as propriedades geométricas do objeto que os produz; por isso eles predominam no controle da resposta. Quando, mais tarde, a resposta é evocada pelos estímulos privados não acompanhados ou produzidos por um objeto físico agudo (quando um paciente relata que sente uma dor aguda no lado), não podemos admitir que o estado de coisas em seu lado tenha necessariamente qualquer uma das propriedades geométricas do objeto agudo original. Ela precisa apenas partilhar algumas das propriedades dos estímulos produzidos por objetos agudos. Não precisamos mostrar que uma dor aguda e um objeto agudo possuem algo em comum; e, se não o possuírem, a extensão da resposta para o acontecimento privado não exemplifica o princípio presente. Todavia, em expressões como *temperamentos efervescentes* e *arrefecidos,* precisamos procurar possíveis semelhanças entre os fatos públicos e os privados para explicar a extensão metafórica. Algo no interior da pele deve "ferver" ou "esfriar", em algum sentido.

4) Quando uma resposta é descritiva do próprio comportamento do falante, existe uma quarta maneira pela qual um estímulo privado pode adquirir controle. A contingência original pode basear-se em comportamentos externamente observáveis do organismo, mesmo que esta estimule o falante e a comunidade de maneira diversa. Se o comportamento se reduz agora, em magnitude ou escala, atingir-se-á um ponto em que os estímulos privados sobrevivem, mesmo que os estímulos públicos se desvaneçam. Em outras palavras, o comportamento pode ser executado de forma tão fraca ou tão incompleta que não chega a ser visto por outra pessoa, apesar de continuar a ser suficientemente forte para estimular o autor do comportamento. Em tal caso, a resposta eventualmente é dada a um estímulo privado, estímulo que é *similar, exceto na magnitude,* aos estímulos privados diferentes acompanhados por manifestações públicas úteis à comunidade. Este é, possivelmente, apenas um caso especial do primeiro princípio acima, mas devemos notar que, quando o objeto descrito é o próprio comportamento, uma redução de magnitude pode afetar diferentemente as manifestações públicas e privadas.

Apesar de estas quatro práticas serem, num sentido, maneiras pelas quais a comunidade verbal rodeia a inacessibilidade dos estímulos privados, construindo um comportamento verbal sob seu controle, nenhuma delas garante a precisão de controle encontrada nas respostas a estímulos externos manipuláveis. No primeiro tipo, a conexão entre os estímulos públicos e privados não precisa ser invariável, e as respostas colaterais do *2°* caso podem ser dadas a outros estímulos. Mesmo nas práticas cuidadosas de um laboratório psicológico, é duvidoso que termos descritivos de estados emocionais estejam precisamente sob o mesmo controle de estímulos de falante para falante. A extensão metafórica do 3.° caso pode seguir propriedades inesperadas, e não há como o controle de estímulos possa ser obtido por meio dos processos auxiliares de abstração. Se a estimulação privada que

acompanha o comportamento macroscópico e microscópico no 4.° tipo não se modifica, exceto pela magnitude, podemos esperar maior validade; mas a prática é aplicável só quando o objeto descrito é o comportamento do falante.

Por conseguinte, as contingências que estabelecem o comportamento verbal sob o controle de estímulos privados são deficientes. O resultado foi descrito alhures da seguinte forma:

Todos suspeitam das respostas verbais que descrevem acontecimentos privados. Há freqüentemente variáveis que tendem a enfraquecer o controle de estímulo de tais descrições, e a comunidade reforçadora em geral é impotente para prevenir a distorção resultante. O indivíduo que se recusa a realizar uma tarefa desagradável, alegando dor de cabeça, não pode ser desafiado com êxito, mesmo que a existência do fato privado seja duvidosa. Não há resposta eficaz para o estudante que, depois de ter sido corrigido, insiste que aquilo era o que ele "pretendia dizer"; mas a existência desse fato privado não é aceita com confiança.

O próprio indivíduo também sofre essas limitações. O ambiente, público ou privado, parece permanecer indistinto até que o organismo seja forçado a fazer uma distinção. Quem quer que seja solicitado repentinamente a fazer discriminações cromáticas primorosas concordará que ele agora "vê" cores que antes não eram "vistas". É difícil acreditar que não distinguiríamos as cores primárias, a menos que houvese alguma razão para fazê-lo; mas fomos condicionados a fazê-lo tão cedo em nossa história que nossa experiência, provavelmente, não constitui um guia seguro. Experimentos nos quais organismos foram criados no escuro tendem a confirmar o ponto de vista segundo o qual o comportamento discriminativo espera por contingências que forçam as discriminações. Ora, a auto-observação é também produto de contingências discriminativas e, se uma discriminação não pode ser forçada pela comunidade, ela pode não surgir jamais. Por estranho que possa parecer, a comunidade é que ensina o indivíduo a "conhecer a si mesmo".

Algumas contingências que envolvem a estimulação interna, é claro, não têm que ser arranjadas por uma comunidade de reforço. Ao arremessar uma bola, sincronizamos uma seqüência de respostas pela estimulação gerada por nossos próprios movimentos. Neste caso, as contingências de reforço são determinadas pelas exigências mecânicas e geométricas do arremesso da bola e, uma vez que uma comunidade reforçadora não está envolvida, a questão do acesso ao comportamento individual não está implicada. Mas o "conhecimento" ... está particularmente identificado com o comportamento verbal que surge do reforço social. O comportamento conceptual e abstrato são aparentemente impossíveis sem tal reforço. O tipo de autoconhecimento representado pelo comportamento verbal discriminativo — o conhecimento "expresso" quando falamos acerca de nosso próprio comportamento — está estritamente limitado pelas contingências que a comunidade verbal pode providenciar. As deficiências que geram a suspeita pública, no caso do próprio indivíduo, levam à simples ignorância.[34]

Um resultado característico dessas contingências deficientes é que tais respostas costumam ser controladas por uma mistura de estímulos cuja natureza não está clara, quer para a comunidade, quer para o ouvinte, quer para o próprio falante.

---

[34] Science and Human Behavior, Nova Iorque (1945), p. 260.

Mesmo naquilo que parece ser uma descrição objetiva de acontecimentos públicos, estímulos privados podem trazer uma contribuição. As técnicas da ciência e das contingências especiais que forçam a abstração são medidas corretivas; mas em qualquer outra parte, particularmente na extensão metafórica, estímulos privados estão freqüentemente envolvidos. Uma resposta como *Estou com fome* pode ser reforçada de várias maneiras. A comunidade pode reforçá-la, porque conhece a história da ingestão do falante, como em (1), ou observou um comportamento colateral, provavelmente associado com tal história — por exemplo, o falante come prontamente quando lhe oferecem comida ou responde com alegria ao ouvir a sineta do jantar — como em (2), ou porque o falante engajou-se em outro comportamento verbal, descrevendo sua disposição para comer ou a probabilidade de que venha a comer, como em (4). O falante pode por si mesmo reagir a tudo isso, bem como à poderosa estimulação privada de pontadas no estômago produzidas pela fome. Um dado exemplo de sua resposta *Estou com fome* pode, por conseguinte, ser traduzida por *Há muito tempo que não como* (1), O *cheiro da comida me dá água na boca (2), Eu estou voraz* (3), *Eu poderia comer um boi* (4) e *Sinto pontadas no estômago, de fome.* (A resposta *Eu estava mais faminto do que pensava* revela um controle exercido pelos estímulos públicos gerados pela ingestão de uma quantidade excessiva de comida, onde os complementos ou acompanhamentos privados anteriores foram ineficazes.) Enquanto todas estas formas podem ser sinônimos de *Estou com fome,* elas não são sinônimas umas das outras. Para fins técnicos, a resposta poderia ser posta sob o controle de apenas um desses estados de coisas num falante particular, mas requerer-se-ia um conjunto especial de contingências opostas às da comunidade como um todo.

Muitas expressões que parecem descrever as propriedades das coisas devem ser interpretadas como parcialmente sob o controle de estímulos privados. A palavra *familiar é* um bom exemplo disso. Um lugar familiar não se distingue por nenhuma propriedade física. Ele é familiar apenas para alguém que já o tenha visto anteriormente, ou algum lugar parecido. Qualquer lugar se torna familiar quando visto com freqüência. A resposta *Seu rosto me é familiar* não pode ser formulada da mesma maneira que *Seu rosto é vermelho.* As condições responsáveis por *familiar* não estão no estímulo, mas na história do falante. Tendo adquirido a resposta relativa a essa propriedade, o falante pode emiti-la na presença de outros objetos vistos com freqüência. Tendo adquirido o termo com relação a estímulos visuais vistos anteriormente, ele pode emiti-lo na presença de sons ouvidos anteriormente, de gostos sentidos anteriormente e assim por diante. Apenas supondo que o indivíduo está reagindo a certos traços de seu próprio comportamento relacionado com o efeito de estímulos repetidos é que podemos explicar o alcance da resposta em sua totalidade.

Bonito requer explicação semelhante. Muitas tentativas foram feitas para mostrar que os objetos belos possuem certos traços objetivos distintivos. Se pudéssemos encarar essas tentativas como bem sucedidas, ou potencialmente bem sucedidas, não haveria aqui qualquer problema, uma vez que as propriedades objetivas explicariam o controle ampliado da resposta *bonito,* assim como outras propriedades explicam a resposta *piramidal.* Mas se a "beleza está nos olhos de quem a vê", devemos recorrer a um efeito comum de tais estímulos. Se *bonito é* adquirido primeiramente com relação a quadros e em seguida emitidos espontaneamente, pela primeira vez, na presença de uma peça musical, e se isso não pode ser atribuído a propriedades físicas comuns, tais como "unidade" ou "simetria", um estímulo privado deve estar envolvido. O caso difere do anterior, isto é, de *familiar,* por parecer que incorre numa petição de princípio. Não é difícil traçar a história do estímulo privado no caso de *familiar,* mesmo que não possamos estabelecer facilmente suas propriedades. Mas parece necessário admiti-lo como já existente no caso de *bonito.* Os objetos que chegamos a chamar de bonitos apenas por meio de um aprendizado não colocam tal problema,[35] mas objetos ou fatos aos quais respondemos instantaneamente como bonitos exigem que se suponha adicionalmente um fato privado comum. Podemos construir um paralelo grosseiro, reforçando o comportamento sexual ou de ingestão de alimentos na presença de determinado estímulo visual e em seguida, independentemente, na presença de determinado estímulo auditivo. Uma resposta verbal estabelecida agora em conexão com um desses estímulos deveria ser evocada pelo outro em virtude do efeito comum de reforços sobre o comportamento sexual ou de ingestão de alimentos.

Em outros tipos de resposta, a participação dos estímulos privados é mais óbvia. Na assim chamada "falácia patética", um objeto ou acontecimento são descritos com termos apropriados ao "estado de espírito" do falante: o homem sombrio fala do mar sombrio. O princípio psicanalítico da projeção inclui exemplos de comportamento verbal que descreve o comportamento de outras pessoas: o homem colérico freqüentemente chama os outros de coléricos, o medroso chama os demais de medrosos, e assim por diante. Mas, ainda que, em certos casos o falante possa confundir e misturar acontecimentos privados e públicos, todas as respostas desse tipo não provam necessariamente uma contribuição privada. A origem pública dos termos subjetivos não deve ser esquecida. Aquilo que parece ser um exemplo de "falácia patética", ou de projeção, pode exemplificar apenas a inversão do processo pelo qual uma resposta foi confinada em primeiro lugar a acontecimentos privados. Consideremos, por exemplo, a resposta *temeroso.* Nós a adquirimos em circunstâncias nas quais os acontecimentos públicos estavam disponíveis para a

[35] Como exemplo, compare-se a análise que Stendhal faz da bela amante em *De l'Amour.*

comunidade reforçadora, ainda que circunstâncias concomitantes privadas que, eventualmente, podem ser mais importantes para nós, controlassem a resposta. A comunidade pode basear seus reforços sobre estímulos realmente amedrontadores, como em (1) acima, ou em respostas concomitantes tais como suar, assustar-se, retirar-se ou saltar ao menor barulho, como em (2). Ainda que os acontecimentos privados concomitantes possam predominar, eles nunca adquirem o controle exclusivo do comportamento. Ao descrever o comportamento dos outros com os mesmos termos, continuamos a fazer uso de manifestações públicas. Se observamos que um animal se assusta ou se afasta quando alguém se aproxima, dizemos que ele está amedrontado não porque estejamos atribuindo ao animal nossas próprias circunstâncias concomitantes ao medo, mas porque as características públicas do comportamento de medo estão claramente representadas. Também podemos chamar objetos inanimados de medrosos, sem "projetar" coisa alguma. Assim, uma criança que estava observando alguns feijões salta-dores mexicanos sobre uma mesa viu um deles mover-se em direção a outro pouco antes que este se movesse na direção oposta. A criança então exclamou *Este feijão está com medo.* Considerando que os feijões mexicanos não são inteiramente inanimados, os fatos ocorridos foram uma coincidência que, todavia, poderia ser reproduzida mecanicamente — por exemplo, pelo aparelho de Michotte, para o estudo da percepção da causalidade.[36] O momento em que ocorreram os dois pulos e suas direções relativas foram suficientes para evocar a resposta *medroso.* Não se segue daí que o menino estivesse atribuindo sentimentos subjetivos ao feijão.

Um exemplo de apelo desnecessário a acontecimentos privados é discutido por I, J. Lee,[37] que vai buscar seu exemplo em Gregory Wilbur. Um menino de três anos, que passeava de carro num local acidentado exclamou *Hill!* [Colina!] a cada mudança de velocidade ou direção. Uma descida especialmente súbita provocou a resposta *Strong hill* [colina forte]. Isto foi descrito dizendo-se que o menino havia projetado sua própria força para a colina *[hill].* Mas *forte é* uma resposta adquirida cedo no repertório normal sob o controle de certos aspectos intensivos dos estímulos: sabores, cheiros, bem como as pressões, empurrões e puxões por parte de pessoas fortes. Nesse caso, para provar-se a projeção seria necessário mostrar que a resposta havia sido previamente controlada apenas por casos que envolviam a força da criança. A resposta *Big hill!* [Colina grande!] que poderia igualmente ser evocada nas mesmas circunstâncias, não sugeriria projeção.

O comportamento verbal extensivo, usualmente chamado animismo, pode ter pouco a ver com os estímulos privados. Ele pode representar um estágio no

---

[36] Michotte, A., La Perception de la Causalité, Louvain (1946).
[37] lenguage habits in human affairs

crescimento do ambiente verbal, no qual respostas que descrevem certos aspectos do comportamento são livremente ampliadas, quer para os objetos animados, quer para os inanimados. Ondas, árvores, nuvens e homens são chamados de "coléricos" quando em movimento violento e, possivelmente, desorganizado. Quando num caso especial, a resposta é evocada pelo comportamento do falante, certos estímulos privados também podem estar presentes; mas eles não precisam desempenhar um papel em outros exemplos de resposta. Se tememos a cólera das ondas ou das árvores, não é porque projetamos nelas nossos sentimentos e afirmamos que elas estão encolerizadas conosco, mas porque todas as coisas tomadas de movimento violento são perigosas. Eventualmente, o ambiente verbal pode forçar uma discriminação mais útil, na qual respostas desse tipo são estreitamente limitadas a certas características do comportamento dos organismos, em lugar dos objetos em geral; mas tal controle, provavelmente, nunca é exclusivo. Apenas quando um homem descreve árvores açoitadas pelo vento como coléricas, porque ele próprio está colérico, é que precisamos recorrer a outro princípio, e este princípio pode ser apenas o da causação múltipla, que será discutido no capítulo 9.

Respostas Verbais ao Comportamento do Falante

O comportamento costuma estimular seu autor. Só por isso o comportamento coordenado pode ser executado. O comportamento coordenado é aquele no qual uma resposta em parte é controlada por outra. O comportamento verbal exemplifica a coordenação requerida pela auto-estimulação. O falante pode ser ouvinte de si mesmos. Por exemplo, quando respostas intra-verbais geram "associações livres" — e a auto-estimulação automática do comportamento verbal *é* crucial na análise do processo sintático e de outros envolvidos na composição e no pensamento! IV e V Partes). Estamos tratando aqui de *auto-tactos* — do comportamento verbal controlado por outros comportamentos do falante, presente, passado ou futuro. Os estímulos podem ser ou não privados.

O comportamento verbal autodescritivo é de interesse por muitas razões. Só através da aquisição de tal comportamento é que o falante pode tornar-se "consciente" do que está fazendo ou dizendo, e por quê. A descrição que um homem faz de seu próprio comportamento é largamente usada nas ciências sociais, da antropologia cultural à psicofísica, e a fidedignidade do informante ou sujeito é um ponto crucial, bem como a natureza dos dados obtidos. Quais são os *fatos* atuais nessas ciências? Um exame de atitudes ou de opiniões, com questionário ou entrevista, pode informar-nos acerca do que um homem diz que pretende fazer; mas a tendência, ou o balanço da tendência, seria o dado atual? Em psicofísica, este é o problema do *status* do "relato verbal".

Respostas ao comportamento em curso. A resposta *Estou abrindo a janela é* controlada pela estimulação gerada, em parte, pelo comportamento do falante. O falante vê a janela, as mudanças na janela e parte de si mesmo empenhada na atividade descrita. Não há nenhum problema em explicar como ou por que o reforço é proporcionado pelo ambiente verbal. O *que você está fazendo?* é freqüentemente uma pergunta prática, cuja resposta é útil para o ouvinte. Respostas ao comportamento verbal aparente *(Estou falando inglês)* comumente têm conseqüências semelhantes.

Apesar de a comunidade reforçadora usar as manifestações evidentes do comportamento, o falante adquire a resposta em conexão com uma quantidade de auto-estímulos adicionais. Estes Podem assumir praticamente o controle completo; por exemplo, quando o falante descreve seu próprio comportamento estando com os olhos vendados. Nesse caso, o falante e a comunidade reagem a estímulos diferentes, apesar de estarem intimamente associados, como no exemplo do homem cego.

Talvez as respostas mais difíceis de serem explicadas sejam as que descrevem um comportamento "subjetivo". A resposta *vermelbo* na presença de um estímulo vermelho é satisfatoriamente construída e facilmente compreendida. Tanto o falante como a comunidade têm acesso ao estímulo, e as contingências podem tornar-se bastante precisas. A maior parte da ciência dos psicofísicos se assenta sobre esta sólida base. Na resposta *Vejo vermelho,* todavia, *Vejo* descreve uma atividade do falante. A comunidade pode partilhar dessa resposta quando há evidência de que o indivíduo está respondendo discriminativamente a um dado estímulo; mas os estímulos privados, que assumem o encargo do controle futuro da resposta, não são determinados necessariamente por isso. Quando o indivíduo diz *Vejo vermelho,* ele está presumivelmente reagindo a acontecimentos (possivelmente disponíveis só para ele) semelhantes a, ou que acompanharam acontecimentos presentes quando a comunidade o observou ao dar uma resposta discriminativa a um estímulo vermelho. Tal comportamento torna-se crucial quando não há mais um estímulo externo vermelho. A explicação filosófica e psicológica tradicional tem sido que a resposta *vermelho* nunca é controlada pelo objeto exterior vermelho, mas por um acontecimento privado. Quando o acontecimento privado *é* gerado imediatamente por um estímulo vermelho, ele é chamado de sensação de vermelho; quando ele ocorre por outras razões, ou "por si mesmo", é chamado de imagem de vermelho. As dificuldades encontradas nesse modo de explicação já foram discutidas alhures.[38] O *status* dos acontecimentos privados na visão não é um problema exclusivamente relacionado com o comportamento verbal. Dois pontos, todavia, podem ser apontados aqui.

---

38 Science and Human Behavior, capítulo 17.

1) Ao explicar o modo pelo qual as respostas podem ser colocadas sob o controle de estímulos privados não descobrimos nenhum processo que permita a limitação do controle a estímulos necessariamente privados. Não podemos, por exemplo, usar as técnicas de estabelecimento de uma abstração para fundamentar uma resposta sobre algum estímulo *definido por sua privatividade.* Uma vez que as sensações e as imagens, por definição, são privadas, somos incapazes de estabelecer um paralelo e precisamos explicar o comportamento de outra maneira.

2) As contingências que forçam um homem a responder a acontecimentos privados com o tipo de comportamento chamado conhecimento (ver capítulo 19) aparecem freqüentemente como exclusivamente verbais. Apesar de os estímulos gerados automaticamente entrarem, de muitas formas, para o controle do comportamento coordenado, eles não são "vistos" ou "conhecidos" — isto é, não se responde a eles com comportamentos que os identificam como se identificam os *íactos* — exceto através das contingências arranjadas pela comunidade verbal. Como observamos, o reforço social é que leva o indivíduo a se conhecer. Somente mediante o crescimento gradual de uma comunidade verbal é que o indivíduo se torna "consciente". Ele acaba por se ver apenas como os outros o vêem ou, pelo menos, apenas como os outros insistem em que ele se veja.

Respostas a um comportamento oculto: O comportamento operante tende a ser executado da forma mais simples possível. Para condicionar um comportamento vigoroso é necessário reforçar diferentemente os exemplos vigorosos. Na medida em que tais reforços são diminuídos, o comportamento declina em energia, e continua a declinar, enquanto os reforços ainda estão em ação. No caso do reforço automático, o comportamento pode tornar-se tão reduzido em sua magnitude que nem é mais perceptível para os outros. Apenas com o auxílio de instrumentos que ampliem os movimentos, ou mudanças concomitantes ao movimento, é que somos capazes de detectar a existência de tais comportamentos "ocultos" nos outros. O comportamento verbal tende especialmente a cair abaixo do nível aparente, porque pode continuar a receber reforço, sendo útil ao falante de muitas maneiras.

Os estímulos gerados pelo comportamento oculto são relativamente sutis e é fácil passar por cima deles. Como já foi apontado por Ryle,[39] os homens aprendiam a ler em silêncio durante a Idade Média. Antes dessa época, um texto servia para evocar um comportamento verbal aberto, ao qual o leitor então reagia de qualquer uma das formas características próprias de um ouvinte. A leitura silenciosa possivelmente

---

[39] Ryle, Gilbert, *The concept of Mind,* Londres (1949). Seria mais correto dizer-se que o que se aprendeu tão tarde foi que a leitura silenciosa poderia ser quase tão eficiente quanto a leitura audível. Há referencias clássicas à leitura silenciosa. Suetônio, por exemplo, *(As das dos Césares,* Livro II), diz que Augusto administrava um castigo leve dando ao culpado um par de plaquetas que ele deveria ler silenciosamente *(taciti... legerent)* no local.

foi descoberta mais tarde porque o estímulo gerado é relativamente insignificante quando comparado com o da leitura em voz alta. Provavelmente, jamais chegamos a saber que contingências levaram à supressão do comportamento vocal, de forma a que se tornasse silencioso. Para os que a ouvem, a leitura em voz alta é maçante, especialmente se eles estão fazendo o mesmo, e punições podem ter forçado a leitura silenciosa. Mas isso poderia não ter ocorrido, e continuar a haver o reforço, até que o leitor fosse capaz de responder ao estímulo proveniente da leitura em voz alta, alcançando assim um reforço automático contínuo.

Uma maior facilidade de execução é apenas uma razão pela qual o comportamento se torna oculto. Outro tipo de conseqüência do comportamento verbal, a ser discutido no próximo capítulo, é comumente chamado de punição. Uma distinção importante entre o comportamento aberto e o comportamento encoberto é que apenas o primeiro, em muitos casos, é punido. Há efeitos punitivos automáticos, que se aplicam aos comportamentos encobertos, mas o organismo logo aprende a evitar punições dadas por outros, comportando-se apenas num nível encoberto como, por exemplo, falando consigo mesmo e entregando-se a devaneios.

Enquanto o comportamento encoberto continua a estimular o indivíduo, na forma devida, para poder reforçá-lo, ele poderá controlar outro comportamento. Quando este último é verbal e sob a forma de *tactos,* dizemos que o falante está "descrevendo" seu próprio comportamento encoberto. A comunidade verbal estabelece muitas respostas desse tipo — freqüentemente respostas a questões do tipo: Em que é que você está pensando? (Este sentido de "pensar" voltará a ser discutido no capítulo 19.)

Já se disse que o comportamento verbal sob o controle do comportamento encoberto do falante pode ter sido adquirido quando o comportamento era aberto. O comportamento encoberto evoca a mesma resposta que o comportamento aberto, pois se trata, essencialmente, do mesmo estímulo, exceto por sua magnitude. Todavia, alguns dos estímulos associados com a resposta encoberta podem ser um mero acompanhamento comum, e não parte do comportamento aberto. Ele não é o estímulo usado pela comunidade e pode não ser o estímulo que controla a descrição que o falante faz de seu próprio comportamento; mas ele pode adquirir o controle dessa descrição sob a forma de uma extensão *metonímica.*

Resposta ao comportamento passado: Não podemos explicar plausivelmente a resposta *Abri a janela ontem,* indicando os estímulos gerados pelos acontecimentos da época. Estes fazem parte da história passada do falante e não podem ser o "referente" da observação no sentido da variável de controle numa análise funcional. Ela não explica tal comportamento para dizer que o ato é descrito "de memória".

Responder a nosso próprio comportamento passado é apenas um caso especial de resposta a acontecimentos passados em geral. Qual é o limite de tempo nos *tactos*

que controlam estímulos? Mostre a uma criança um relógio e diga *O que é isso?* e a resposta *Relógio* é facilmente explicada. Mostre-lhe um relógio, esconda-o por um segundo, e diga *O que era aquilo?* e podemos razoavelmente aplicar a mesma fórmula. Mas a explicação torna-se pouco plausível quando a resposta é retardada por 10 segundos, 10 minutos, ou 10 horas, ou 10 dias. Na verdade, não obteremos a resposta *Relógio* em tais circunstâncias de uma criança pequena. A habilidade em responder verbalmente "a acontecimentos passados" *ê* adquirida sob contingências explícitas de reforço, proporcionadas pela comunidade verbal exatamente com esse propósito.

O relato de acontecimentos do nosso passado nunca é muito preciso ou completo. Muita coisa depende dos estímulos correntes que suscitam tais respostas. Ao evocar uma resposta "a um acontecimento passado" nós usualmente proporcionamos uma informação adicional: O *que foi que lhe mostrei ontem quando você estava sentado aqui? Eu o segurei em minha mão, assim.* Esses estímulos adicionais são para identificar o acontecimento a ser descrito ou distinguido de outros acontecimentos que ocorreram "ontem", mas isso não descreve sua função atual. Seu efeito em parte *é* devido ao processo de instrução que será descrito no capítulo 14. Eles evocam respostas que, em conjunção com a estimulação usual da pergunta, podem evocar a resposta *Relógio.* Tais acontecimentos constituem uma força de controle indigna de confiança. O fato é que esta é uma forma menos eficaz de evocar a resposta do que o uso do relógio como estímulo comum.

Apesar do fato de se ter gasto muito tempo no estudo do ato de lembrar nos laboratórios de psicologia, ainda não se fez uma análise adequada de como uma criança aprende a lembrar. que aconteceu ontem é importante pelo efeito que pode ter no comportamento da criança no dia de hoje. Se ontem uma criança aprendeu a andar de bicicleta, ela andará mais habilmente hoje. Nesse sentido, toda a história passada de uma criança está representada em sua conduta atual. Mas quando ma criança diz *Havia um elefante no zoológico,* ela parece estar reagindo à sua história passada mais do que apenas aproveitando-se dela. Este é um feito verbal construído por uma comunidade que continuamente pergunta à criança questões como *Havia um elefante no zoológico?* A resposta deve ser entendida como uma resposta a estímulos correntes, incluindo acontecimentos no interior do próprio falante, gerados pela pergunta em combinação com uma história de condicionamento anterior. Negligenciar este processo é ainda mais chocante quando lembramos que muitos processos educativos o pressupõem.

Entre os fatos que um homem eventualmente é capaz de descrever após certo tempo, particularmente em resposta a perguntas, está seu próprio comportamento. Obviamente, muitos desses comportamentos são verbais. Ele é capaz de recordar de forma razoavelmente precisa, não apenas o que fez ontem, como também o que

disse ontem. Mais ainda: ele é capaz de descrever um comportamento encoberto anterior: *Eu estava a ponto de dizer a ele o que penso dele.*

Respostas a um comportamento potencial: O comportamento encoberto muitas vezes é um comportamento fraco. Podemos apenas "pensar" *Isto é um iguana,* em vez de "dizê-lo", ou porque a resposta foi fracamente condicionada (não temos certeza do que é um iguana), ou porque o estímulo não é claro, ou é atípico (não podemos ver claramente o animal entre as folhas), ou porque o auditório presente não é de molde a reforçar respostas desse tipo (não estamos certos do interesse de nossos ouvintes). Algumas vezes, um comportamento encoberto é visto apenas como um comportamento simplesmente incompleto ou começado. A resposta ainda não atingiu o ponto em que se tornará aberta. Este parece ser mais o caso das longas respostas "compostas", que serão descritas no capítulo 14. O comportamento encoberto também pode ser um comportamento forte que não pode ser emitido abertamente por falta de circunstâncias apropriadas. Quando estamos fortemente inclinados a esquiar, mas não há neve, dizemos *Eu gostaria de esquiar.* Não é muito convincente argumentar que tal resposta é apenas uma descrição de um esquiar encoberto, ou de um comportamento encoberto anterior à prática do esqui.

Às vezes, tal resposta se baseia num comportamento executado associado ao esquiar: tirar os esquis de alguém, fazer estardalhaço com o equipamento, etc. Às vezes, pode-se tratar de uma descrição de variáveis das quais a própria prática do esqui por parte do falante é uma função. Permanece a possibilidade de que se trata de uma descrição de acontecimentos privados, concomitantes ou precurssores de um comportamento encoberto. A resposta pode ser o equivalente de Esta é a maneira pela qual costumo agir logo antes de esquiar ou Esta é a maneira pela qual costumo agir quando vou esquiar, havendo neve. Nesse caso, o comportamento aparentemente descrito ou referido não precisa estar ocorrendo de fato.

Respostas a um comportamento futuro: É claro que Irei esquiar amanhã não é literalmente uma resposta a um comportamento futuro. Não importa de que modo possamos interpretar acontecimentos passados, como nos exemplos dados acima; sempre ficará claro que acontecimentos futuros não têm lugar numa análise causai. Alguns exemplos desse tipo podem ser classificados como respostas a um comportamento encoberto (o falante observa-se engajando-se num comportamento que se tornará aberto dada a oportunidade) ou a condições concomitantes, descritas com referência a um "comportamento potencial". Outros exemplos podem cair nas classes adicionais seguintes:

Respostas às variáveis de controle do comportamento: Podemos freqüentemente, apesar de não inevitavelmente, descrever as variáveis das quais nosso comportamento é função. Estou abrindo *a janela porque o quarto está muito quente,* especifica as condições aversivas que levam à ação descrita. Respostas a variáveis que

controlam o comportamento verbal são discutidas nos capítulos 12 e 13. Descrições aparentes do comportamento futuro podem ser explicadas da mesma maneira se admitirmos que uma resposta tal como *Irei esquiar amanhã é* atualmente equivalente à afirmação: *As condições* correntes, envolvendo o tempo, meus planos e os arranjos feitos com meus amigos, compreendem uma série de circunstâncias que costumam ocorrer quando vou esquiar.

Respostas a variáveis aparecem freqüentemente como afirmações de "propósito" ou "significado", como já vimos. Estou procurando *meus óculos* parece incluir uma resposta ao objeto do comportamento do falante; mas, como pode um objeto com o qual o falante ainda não teve contacto controlar uma resposta verbal? Tal comportamento deve ser encarado como equivalente a *Quando me comportei dessa maneira no passado* encontrei meus óculos e, assim, cessei de me comportar dessa maneira ou Surgiram circunstâncias nas quais inclino-me a externar qual*quer comportamento que no passado tenha levado à descoberta de meus óculos; tal comportamento inclui o comportamento de procurar em que agora estou engajado.* Não é algum caráter finalista do próprio comportamento que o indivíduo *tacta* dessa forma, mas as variáveis que controlam o comportamento. Do mesmo modo, respostas a variáveis de cotnrole costumam incluir as formas *Eu devo, eu tenho que* [em inglês, *ought* ou *should].* Alguns exemplos de *Eu devo ir podem ser traduzidos* por *Em tais circunstâncias, eu geralmente vou. Se eu for, serei generosamente reforçado,* ou *Se eu for, serei libertado da ameaça de censura por não ter ido.*

Respostas ao nível de probabilidade de comportamento: Comumente, avaliamos a probabilidade de nosso comportamento com respostas apropriadas: *Certamente irei, Provavelmente irei,* etc. Podemos acrescentar uma estimativa de probabilidade a nossas descrições do comportamento passado *{Certamente, eu abri a janela),* de comportamento atual *(Estou abrindo esta janela, espero: ela parece estar emperrada),* ou de comportamento potencial futuro *(Acho que abrirei a janela).* Respostas do mesmo tipo costumam ser acrescentadas a unidades mais amplas de comportamento, chamadas sentenças, cuja composição será examinada no capítulo 14. Tais afirmações podem ser encaradas como descrições de características do comportamento em curso ou das variáveis que controlam o comportamento. *É provável que eu vá esquiar* pode ser encarada como uma avaliação de quaisquer dos comportamentos arrolados acima ou de um conjunto usual de variáveis. No último caso, outro observador, com o mesmo conhecimento, poderá fazer previsão semelhante *(Acho que você irá esquiar)* sem nada saber acerca do comportamento encoberto.

Este não é um tratamento exaustivo das respostas verbais que descrevem o comportamento do falante. Esse campo está quase inexplorado; possivelmente, porque em quase todos os casos tal comportamento em parte é controlado por estímulos pessoais. Alguns dos fatos mais curiosos relacionam-se com exemplos nos

quais tal comportamento é impossível: o indivíduo *não pode* descrever seu próprio comportamento passado, presente ou futuro, ou as variáveis das quais ele é função.[40] O que se faz preciso é uma análise das técnicas por meio das quais a comunidade verbal estabelece um comportamento fundado em tais fatos. Como veremos, isto é crucial para a produção de amplas amostras do comportamento verbal, especialmente daquilo a que chamamos de pensamento verbal. Um estudo dessas práticas pode tornar possível o desenvolvimento de uma melhor "memória dos acontecimentos passados", de melhores técnicas de observação para uso futuro, de melhores técnicas de recordação e de uma melhor manipulação de nosso próprio comportamento na solução de problemas e no pensamento produtivo. Poderá também produzir vantagens terapêuticas, que o leigo descreveria como um aumento na consciência ou na compreensão de si mesmo.

Até que tenhamos obtido esta melhor compreensão das variáveis que controlam as respostas descritivas do comportamento do falante, podemos, pelo menos, aceitar o fato de que tais respostas são estabelecidas em muitas comunidades verbais, de que elas são úteis como fonte de dados nas ciências sociais e, em particular, que podem ser usadas na interpretação de uma parte substancial do campo do comportamento verbal.

[40] Ver capítulo 18 *in Science and Human Behavior,* e o capitulo 16 deste livro.

Capítulo 6

CONDIÇÕES ESPECIAIS QUE AFETAM O CONTROLE DE ESTÍMULOS

O reforço generalizado é a chave do sucesso dos discursos práticos e científicos. Ele coloca o comportamento do falante mais estreitamente sob o controle do meio ambiente e permite que o ouvinte reaja a esse comportamento com mais sucesso em lugar de um contato direto com o meio. Quando a correspondência com uma situação de estímulo é claramente mantida, quando as inferências do ouvinte face à situação objetiva são mais fidedignas, chamamos a resposta de "objetiva", de "válida", "verdadeira" ou "correta".

Todavia, o controle de estímulo nunca é perfeito. É provável que o comportamento verbal nunca seja completamente independente da condição de um falante em particular. Podem ocorrer mudanças nas privações subjacentes a um reforço generalizado. O estado de alerta do falante pode variar entre uma grande excitabilidade e o sono. Ele pode ser afetado por variáveis emocionais que, em outra situação, mostram-se bastante irrelevantes para seu comportamento verbal. Além dessas condições momentâneas, o controle de estímulos pode ser distorcido por certas conseqüências especiais, proporcionadas por um ouvinte em particular ou por ouvintes em geral sob determinadas circunstâncias. Quando a relação de controle é assim distorcida ou deformada, chamamos a resposta de "subjetiva",, "preconcebida", "tendenciosa" ou "ansiosa". Interessa-nos, aqui, mais os efeitos de tais conseqüências na distorção do *tacto;* mas o comportamento ecóico, textual e intraverbal, caracteristicamente, recebem reforços generalizados e podem alterar-se da mesma maneira. Muitos dos exemplos aqui considerados poderiam, de fato, ser encarados como intraverbais.

Medidas Especiais De Reforço Generalizado

A quantidade de reforço concedida ao comportamento verbal da um falante varia de comunidade para comunidade e de ocasião para ocasião. Uma criança criada numa família que a reforce generosamente tende a ter tal comportamento com muita força e falará em quase todas as ocasiões. Caso contrário, ela tenderá a ser relativamente taciturna ou silenciosa. A diferença pode levar um ouvinte não familiarizado com a história do reforço de um falante a agir de forma não-apropriada. Ele poderá superestimar a importância de uma situação dada ao responder a um falante volúvel bem reforçado e poderá subestimar sua importância quando se tratar do "comportamento forte e silencioso" de um homem taciturno. Quando o comportamento verbal é reforçado pela quantidade (compare-se o conhecido peso das comunicações científicas ou acadêmicas), a importância do assunto ou da contribuição também poderá ser estimada de modo incorreto. Um exemplo curioso de reforço pela quantidade foi relatado por Lecky.[41]

Um monge, que havia levado uma vida de vícios, foi salvo do inferno, dizem, porque descobriu-se que seus pecados, embora muito numerosos, eram exatamente superados pelas letras de um alentado e piedoso livro que ele escrevera... Sua saída foi por pouco, pois havia apenas uma letra contra a qual nenhum pecado pôde ser apresentado — exemplo notável das vantagens de estilo prolixo.

O reforço generalizado concedido ao falante pode variar conforme **o** assunto ou a forma da resposta. Medidas especiais de reforço "dizem ao falante a respeito do que vale a pena falar. No caso extremo, o comportamento verbal apropriado a um único assunto pode predominar. O escritor profissional esta sujeito a um reforço especial, forte, desse tipo. A tendência a reescrever um livro de sucesso tem sido apontada com freqüência. Da mesma forma, uma anedota ou um chiste de sucesso tende a ser repetido, talvez apenas de forma encoberta, ao próprio falante ao ir para a cama à noite. Além disso, as historias dos falantes diferirão nesse aspecto e o ouvinte deve "conhecer seu falante" caso pretenda desencadear a ação apropriada.

O reforço generalizado pode ser usado deliberadamente para fortalecer formas particulares ou temas no comportamento verbal de um sujeito, como no experimento de Greenspoon.[42] Numa situação preparada para assemelhar-se a uma entrevista ou a um experimento sobre hábitos verbais, o experimentador modela o

---

[41] Lecky, W. E. H., History of European Morais, II (Londres, 1869), p. 205.

[42] GREENSPOON, J., *American Journal of Psychology,* 68 (1955), pp. 409-416. Ver também Mandler, George e Kaplan, W. K., *Science,* 124 (1956), pp. 582-583.

comportamento de seu sujeito simplesmente dando algum leve "sinal de aprovação" contingente a uma propriedade selecionada do comportamento. Por exemplo: o experimentador sorri ou inclina a cabeça cada vez que um substantivo no plural é emitido. Nesse caso, a freqüência relativa dos plurais tende a subir. Um falante pode ser induzido a destacar assuntos particulares mediante a mesma técnica; mas, nesse caso, a aprovação pode atuar como um estímulo discriminativo mais do que como um reforço. Se uma nova amizade reforça alguns tipos de comportamento verbal, e não outros, o falante pode logo mais confinar-se a tipos reforçados por causa de discriminações anteriores. Esta é a explicação mais plausível quando um simples sorriso ou meneio de cabeça produzem o efeito em questão. Mas não serve como explicação quando uma discriminação anterior é inverossímil, como no caso das formas plurais. Além do mais, um sorriso ou um meneio de cabeça não podem servir como estímulo discriminativo para liberar o comportamento dentro de certa categoria, se reforços diferenciadores anteriores, da categoria, não tiverem sido eficientes.

O Tacto Distorcido

Medidas especiais de reforço generalizado são mais obviamente eficazes quando levam a uma real distorção do controle de estímulos. Num caso menor, o falante simplesmente "alonga, exagera os fatos". Ele superestima o tamanho de um peixe que fisgou ou minimiza o perigo de um ataque do inimigo. Uma medida especial de reforço generalizado levou-o a interpretar mal um ponto da escala de medida.

O controle de estímulos não é apenas "exagerado", mas "inventado". Uma resposta que tenha recebido uma medida especial de reforço é emitida na ausência de circunstâncias sob as quais ela é caracteristicamente reforçada. Vemos isso no comportamento das crianças: uma resposta que tenha sido entusiasticamente recebida numa ocasião é repetida em ocasião diferente e inapropriada. Numa distorção ainda maior, uma resposta *é* emitida em circunstâncias que normalmente controlam uma resposta incompatível. Chamamos a essa resposta de mentira.

A distorção devida a reforços generalizados diferenciados pode ser traçada no comportamento do trovador ou na história da arte da ficção. O trovador começa contando feitos heróicos recentes. Algumas partes de seu relato recebem aprovação especial, porque agradam ou lisonjeiam os ouvintes. Como primeiro efeito, tais partes sobrevivem nos relatos posteriores. Sob o mesmo reforço diferencial, ele começa a alongar seu relato; exagera a importância da batalha e o heroísmo dos participantes (hipérbole). Finalmente, rompe de uma vez com o controle de estímulos e passa a "descrever" cenas que nunca vira ou a "relatar" histórias que nunca ouvira. Como um artista criativo, seu comportamento agora controlado

interinamente pelas contingências do reforço (algumas das quais ele mesmo pode suprir como seu próprio ouvinte).

Quando a distorção surgida de uma medida especial de reforço generalizado leva o ouvinte a reagir ineficazmente ao comportamento do falante, o sistema social composto do falante e do ouvinte pode deteriorar-se. O ouvinte pode negar totalmente o reforço ou punir o falante. O sistema é estável apenas quando a correspondência com os estímulos de controle não é de importância prática para o ouvinte, como no caso da literatura. O comportamento do escritor continua a ser reforçado porque o ouvinte ou o leitor, que, em última análise, reforçam o falante ou o escritor, não reagem de forma prática. A medida em que o leitor distingue entre ficção e não-ficção (e o escritor costuma conseguir isso por meio de instrumentos que serão discutidos mais tarde) ele não é explorado pela distorção do comportamento verbal. Pessoas impressionáveis que enviam presentes aos personagens de suas histórias em quadrinhos favoritas constituem exceção. A arte da ficção emergiu de certas mudanças nas práticas reforçadoras das comunidades verbais. Certas formas-padrão de comportamento verbal, identificadas como tais, evocam apenas comportamentos não-práticos no leitor. O escritor não precisa respeitar circunstâncias de estímulo padronizadas e seu comportamento pode, por isso, ser livremente modificado por efeito de reforços especiais (ver capítulo 16).

A libertação de um estímulo aversivo como forma de reforço generalizado é usada freqüentemente em medida especial para produzir um comportamento verbal dotado de certas propriedades. Uma confissão usualmente é obtida quando uma estimulação aversiva, ou uma estimulação aversiva condicionada sob a forma de ameaça, é imposta até que seja dada determinada resposta. A objeção a esse procedimento (por exemplo, nas legislações esclarecidas ou nos projetos governamentais) é precisamente a de que ele tende a distorcer o controle de estímulos: muitas vezes, a liberação costuma depender de uma resposta, independentemente de sua correspondência com "os fatos". O falante pode exagerar uma confissão, inventar ou confessar apenas parte de um crime para conseguir a liberdade.

Reforços Não-Generalizados

O controle de estímulos do *tacto* pode ser perturbado por conseqüências mais importantes para o falante do que os reforços generalizados usualmente concedidos a seu comportamento. Estes podem ser classificados em termos de seu efeito sobre o ouvinte.

Reforço Especial do Comportamento Operante do Ouvinte

O comportamento verbal seria sem sentido caso o ouvinte nada mais fizesse do que reforçar o falante por emiti-lo. A comunidade verbal mantém o comportamento do falante por meio de reforço generalizado, mas um ouvinte específico freqüentemente realiza uma ação específica com relação ao que é dito. Se o comportamento do ouvinte é reforçador para o falante em seu estado usual de privação ou de estimulação aversiva, o comportamento do falante será afetado. Sua relação com um estímulo de controle pode ou não ser modificada. Consideremos, por exemplo, o complexo "tacto" *Estou com fome.* Ele é emitido sob o controle de estímulos (usualmente privados) relevantes. O falante pode receber apenas um reforço generalizado — por exemplo, se estiver participando de um experimento fisiológico. Mas a resposta pode ter outro efeito sobre um ouvinte compassivo, que então lhe oferece comida. À medida em que o operante é subseqüentemente forte por causa do reforço pela comida, ele será controlado pelas mesmas variáveis que, digamos, *Dê-me algo para comer.* Quando a dona de casa diz O *jantar está pronto,* não por causa do reforço generalizado característico do *tacto,* mas principalmente para que seus ouvintes vão para a mesa, funcionalmente, a resposta está muito próxima do "mando" *Venham jantar.* Para o ouvinte que não está com fome ou que não responde indo jantar (por exemplo, quando o falante é um cozinheiro e o ouvinte o dono do restaurante), *O jantar está pronto é* caracteristicamente reforçado apenas quando corresponde a um estado particular de coisas. Ele é então um "puro" *tacto.* Um resultado comum é uma mistura de relações de controle características tanto do *tacto* como do *mando.* Nesse caso podemos chamá-lo de *tacto* "impuro".

Muitas vezes, a ação que um ouvinte realiza em relação a uma resposta verbal *é* mais importante para o falante que o reforço generalizado. O comportamento do falante maduro, atento, usualmente se relaciona de perto com efeitos particulares. O reforço generalizado *é* mais óbvio e mais útil no condicionamento original do comportamento verbal. Em certa medida, a comunidade verbal continua com tal reforço ao longo da vida adulta do falante, mas em qualquer ocasião particular o falante está mais interessado em "deixar que o ouvinte se informe acerca de alguma coisa", isto é, a força de seu comportamento é determinada principalmente pelo comportamento que o ouvinte exibirá em relação a um certo estado de coisas. Afinal de contas, uma grande variedade de efeitos especiais sobre ouvintes especiais podem ter o mesmo resultado que um reforço generalizado sustentado, e o controle exercido pela situação usual de estímulo pode ser mantido. Mas o efeito especial tende mais a colocar o comportamento sob o controle de variáveis especiais.

Uma forma de comportamento cujo efeito é o de "deixar o ouvinte tomar conhecimento", no sentido de levá-lo a uma ação específica, é comumente chamada de "anúncio". O falante pode anunciar a presença de uma raposa num bosque, ou da senhora X numa sala, e desencadear a ação apropriada a cada caso. O anúncio difere da descrição, principalmente porque a Forma de ação que o ouvinte deve

realizar já está determinada. Um anúncio "chama a atenção do ouvinte" para um estímulo que, então, possui um efeito próprio. *Tactos* deste tipo às vezes são precedidos por *mandos* que especificam a ação que colocará determinado estímulo sob controle. O anúncio da presença de uma pessoa importante pode ser precedido pelo *mando Veja! (Veja o Presidente da República!).* Ações posteriores por parte do ouvinte serão atraídas pela própria pessoa importante, e não por posteriores descrições do falante. Da mesma forma, em *Veja o balão, Sinta o cheiro do toucinho* ou *Ouça a chuva no telhado, tactos* sob a forma de anúncio são precedidos por injunções que levam a um engajamento na atividade sensória necessária, pondo o ouvinte em contato com o próprio estímulo.

O termo "comunicação" também sugere que o falante é controlado por uma situação de estímulo e é especialmente reforçado pela ação que o ouvinte realiza em relação a ele. Tal termo não se aplica ao *mando,* ao comportamento ecóico, textual ou intraverbal, e não se aplica também facilmente ao *tacto* que resulta de um reforço generalizado. Veremos na III Parte que há situações nas quais tanto o falante como o ouvinte estão de posse dos mesmos fatos e, todavia, nada é comunicado.

Um comportamento especial por parte do ouvinte, como medida especial de reforço generalizado, pode distorcer o controle de estímulo exercido por um ponto numa escala contínua. Um mostrador de relógio marcando 1/4 para as duas geralmente produz a resposta *1/4 para as duas,* mas poderá não ocorrer isso quando o comportamento do ouvinte for mais reforçador se o falante emitir uma resposta diferente. Se o falante, por exemplo, deseja apressar o ouvinte, ele dirá *São quase 2 horas,* resposta que, sob reforço generalizado apenas, seria evocada por um mostrador diferente. Todavia, se ele deseja que o ouvinte aja de um modo mais deliberado, ele pode responder ao mesmo estímulo com *Passa apenas um pouco de uma e meia.* (Julieta alterou outro tipo de relógio quando deteve Romeu insistindo *É o rouxinol e não a cotovia.)*

Quando conseqüências especiais produzem uma ruptura completa com o estímulo, dizemos que a resposta é inventada ou "forjada". Suponhamos que uma criança pequena perca uma moeda e emita a resposta *Perdi minha moeda* e que, como resultado, um ouvinte lhe dê outra moeda. Essa ação especial reforça a resposta a tai ponto que, possivelmente, ela será emitida mesmo quando nenhuma moeda tiver sido perdida. O comportamento especial por parte do ouvinte, que nunca foi de importância para o falante, pode tornar-se importante e gerar um comportamento semelhante. Por exemplo: podemos dizer *O jantar está pronto!* para interromper uma conversa que se está tornando desagradável ou para fazer uma brincadeira. O menino de Esopo que gritava *Lobo!* fornece o estereótipo clássico. Em cada um desses casos, poder-se-ia obter o mesmo comportamento por parte do ouvinte com um *mando. {Dê-me uma moeda! Saia!* ou *Venha já!).* O *tacto* distorcido é temporariamente mais eficaz porque atua sobre uma tendência maior por parte do

ouvinte em responder de modo apropriado. Contudo, a utilidade do *tacto* distorcido é apenas temporário, porque o sistema social composto pelo falante e pelo ouvinte deteriora-se rapidamente. A comunidade deixa de dar uma moeda à criança e pode até puni-la por mentir. O pregador de peças é banido e o menino se vê desamparado quando, finalmente, aparece um lobo.

Conseqüências aversivas costumam ter um efeito mais imediato do que o reforço baseado em estados de privação. O controle do estímulo de um *tacto* tende especialmente a ser distorcido quando a resposta é emitida esquivando-se ou fugindo de conseqüências aversivas. Uma testemunha subornada comporta-se verbalmente de acordo com contingências de reforço estabelecidas pelo subornador; o estado de coisas que, de outro modo, serviria para controlá-la pode ter pouca influência sobre seu comportamento.

Reforço Especial do Comportamento Emocional do Ouvinte

Entre os importantes efeitos especiais do comportamento verbal estão as reações emocionais do ouvinte. O ouvinte que ri está disposto a agir de um modo positivamente reforçador. Por exemplo: pode pagar o falante por seu papel de animador ou pode fazer-lhe um favor. O vendedor conta histórias engraçadas a um provável comprador e é reforçado pela risada subseqüente. O falante dá boas notícias com entusiasmo e costuma repeti-las por causa da disposição para o reforço engendrado em seu ouvinte. Em outra ocasião, ele pode ser reforçado por ofender o ouvinte: ele pode dar ou repetir más notícias, criticar ou censurar o ouvinte por causa da óbvia frustração resultante. Ele pode ser reforçado por descrever um terrível acidente, pelo horror que provoca em seu ouvinte, ou por descrever um fato obsceno porque o ouvinte enrubesce ou fica sexualmente excitado. O sarcasmo recebe esse nome apenas porque é cáustico. O cientista pode publicar um resultado experimental um pouco mais depressa se tal resultado transtornar a teoria de um rival. Tudo isso tende a ocorrer em circunstâncias nas quais qualquer ofensa feita ao ouvinte pode revelar-se reforçadora. (Por que tal fato é reforçador é algo que se situa além do campo do comportamento verbal em si mesmo.)

Respostas emocionais do ouvinte não podem, como vimos, explicar o reforço de um *mando* — nem os *reflexos* emocionais, tais como o riso ou o choro, nem as *disposições* emocionais, tais como aquelas em que o indivíduo é levado a atacar, a fugir, a ofender ou a "ser gentil com" alguém se encaixam no modelo da Figura 2. Como vimos, *mandos* que parecem especificar tais efeitos *(Be gay!, O, weep for Adonaisl, Then hate we when thou wilt!)* [Seja alegre! Oh! Chore por Adô-nis! Odeie-me quando definhares!] são mágicos e devem ser explicados de uma forma especial. A maneira mais apropriada de gerar uma emoção é apresentar um estímulo apropriado. Para se conseguir que alguém ria, podemos fazer cócegas, surpreendê-lo

de forma agradável ou agir de forma cômica. O efeito, possivelmente, é incondicionado, isto é, pode não depender de sua história anterior. Mas quando fazemos alguém rir, contan-do-lhe uma história cômica, estamos usando estímulos condicionados de acordo com o clássico padrão de Pavlov. Se um estímulo verbal costuma acompanhar alguma situação, que é o estímulo não-condicionado ou previamente condicionado para uma reação emocional, o estímulo verbal eventualmente evoca essa reação.[43] Assim, se alguém tem medo de cobra e se o estímulo verbal *cobra* acompanhou algumas vezes cobras de verdade, o estímulo verbal, sozinho, pode evocar uma reação emocional.

A reação emocional *é* usualmente um subproduto de alguma outra função verbal. O meio verbal não estabeleceu a resposta *cobra* primariamente para evocar tal reação por parte do ouvinte. O emparelhamento de estímulos, que acaba por gerar a resposta surge de contingências relacionadas com um comportamento mais prático. O falante pode adquirir a resposta *morto* sob o controle de um estado biológico de coisas que tenha uma importância prática ou teórica. A característica genérica partilhada por um homem morto, um animal morto, ou uma árvore morta pode ser definida com precisão. Mas objetos mortos são freqüentemente associados a estímulos que evocam respostas emocionais poderosas, ainda que estas não representem qualquer papel nas contingências estabelecidas pelo meio verbal para essa forma de resposta.

Como a reação emocional é algo evocado por um estímulo, ela pode demonstrar a extensão metafórica ou metonímica do capítulo 5. Num experimento bastante conhecido, Diven[44] relata mudanças na resistência da pele da mão produzidas pela secreção reflexa do suor, que costuma ser um traço claro de reação emocional. Diven usou uma lista de palavras como estímulos verbais, e seus sujeitos recebiam um choque elétrico cada vez que ocorriam certas palavras. Se um choque se seguia a palavras-estímulo tais como estabulo*,* a palavra eventualmente produzia uma resposta emocional, e isto se estendeu a outras palavras designativas do meio rural.

Muitas vezes, respostas emocionais condicionadas a partes de um trabalho literário contribuem com um efeito que, em certa medida, independe do "significado em prosa" do trabalho. Já se argumentou, inclusive, que o significado em prosa é primeiramente útil na manutenção do comportamento do leitor ou do ouvinte, para que respostas emocionais a partes separadas do trabalho possam ocorrer. Em *Gerontion,* de T. S. Elliot, por exemplo, expressões como *dry montb, hot gates, decayed house, windy spaces, dry brain, dry season",* [mês seco, portões quentes, casas abandonadas, espaços ventosos, mente seca, estação seca] têm um efeito global que

[43] Science and Human Behavior, capitulo 4.
[44] 4. DIVEN, KENNETH, *Journal of Psychology,* 3 (1937)

independe de sua ordem ou de qualquer arranjo sintático no poema. Os adjetivos "modificam" muito mais do que os substantivos que os precedem. Uma simples lista de nomes tem algo do mesmo efeito, embora, provavelmente, não induza o leitor a continuar a leitura. A possibilidade de a poesia ser eficaz de uma forma emocional, embora, sob outros aspectos, disparatada, já foi reconhecida. Assim A. E. Housman escreve:

O próprio Sheakespeare, que tinha tanto a dizer, algumas vezes despejaria sua adorável poesia sem dizer nada.

Take, O take those lips away

That so sweetly were forsworn,

And those eyes, the break of day,

Lights that do mislead the morn.

But my kisses bring again, bring again, Seals of love but sealed in vain, sealed in vain. [Afaste, Oh! afaste estes lábios / Que tão docemente foram perjuros, / E a aurora desses olhos, / Luzes que enganam a manhã. / Mas traga meus beijos de volta, de volta / Selos do amor, mas que selaram em vão, em vão.]

Isso não tem sentido, mas é uma poesia encantadora.

Esse é o tipo de significado que sobrevive à mistura dos textos literários. Um exemplo antigo foi preparado por Lord Chesterfield, para seu filho. O trecho

Life consider cheat a when't'is ali I Hope the fool'd deceit men yet with favor Repay will tomorrow trust on think and Falser former day tomorrow"s than the Worse lies blest be shall when and we says it Hope new some possess'd cuts off with we what.

— tem algo do sabor ou do caráter do original.[6] Ele sugere o mesmo período da literatura inglesa e até mesmo algo do assunto, apesar da mistura. Termos como *cheat, fool, deceit, falser* e *worse* [burla, louco, logro, falsificador e pior] têm um efeito que independe de qualquer significado em prosa. Como diz Joseph Conrad, ao descrever um exemplo em *Lord]im,* "... o poder das sentenças nada tem a ver com seu sentido ou com a lógica de sua construção."

Em parte por causa da natureza das reações emocionais e em parte porque elas não entram explicitamente nas contingências de reforço, o ouvinte pode não ser capaz de identificar o estímulo ou a propriedade do estímulo que gera tal efeito. Ao

6. When I consider Hfe, 't'is ali a cheat

Yet fool'd with hope men favor the deceit Trust on and think tomorrow will repay. Tomorrow's falser than the former day. Worse lies it says, and when we shall be blest With some new hope, cuts off what we possess'd

— John Dryden, Aurenzebe.

[Quando considero que a vida é uma burla,

E, assim mesmo, loucos de esperança, os homens favorecem a decepção

Confiam no amanhã e pensam que ele os recompensará.

O amanhã é mais falso que o dia anterior.

E diz mentiras piores e. quando formos abençoados

Com alguma nova esperança, destruirá o que possuíamos.]

ouvir um discurso continuado ou ao ler um texto contínuo, reações emocionais mal definidas podem surgir e desaparecer, sem levar o leitor ao comentário ou à análise. A seguinte citação de um caderno de notas fornece um exemplo.

Quando eu estava trabalhando em minha escrivaninha, tive uma sensação contínua de leve contrariedade, cuja causa não pude determinar de imediato. Eventualmente, descobri que havia escrito a palavra Lacking [faltando] de tal maneira que o L seria um H e o a um o. A palavra lembrava o nome próprio Hocking, que na época me era familiar, por causa de um livro a cuja leitura eu havia reagido de forma inteiramente negativa.

A resposta emocional foi evocada pelo estímulo verbal visual, apesar do fato de uma resposta textual correspondente (Hocking) não ser dada ao mesmo tempo e, na verdade, não poder ser dada, até que se realizou uma procura especial dos estímulos.

É o ambiente excepcional que constrói um comportamento autodescritivo com relação a tais fatos. Marcel Proust[7] foi o produto introspectivo de um ambiente desse tipo e registrou amplamente sua procura dos estímulos precisos que geram reações emocionais, e a história anterior que lhes deu força. O leitor de Proust, como resultado, apresenta uma tendência maior em notar respostas fugazes e em esforçar-se por explicá-las. Todavia, a resposta geralmente ocorre antes que o estímulo apropriado possa ser identificado e, por certo, sem reconhecimento por parte do ouvinte ou do leitor da história anterior responsável por ela. As reações emocionais provocadas por nomes próprios estão envolvidas no processo "freudiano" de esquecimento e servem como conseqüência especial que trabalha a favor ou contra o processo de nomeação, quando um nome é dado a um novo objeto ou pessoa. Quando verificamos se "gostamos" de um nome ou se, nas circunstâncias, ele é apropriado, provavelmente estamos testando respostas condicionadas desse tipo. Tais respostas são levadas em consideração quando são dados nomes a produtos, ou a atores e atrizes, com o fim de obter o patrocínio ou o apoio do público.

Já que as respostas emocionais do ouvinte podem ser executadas sem suporte externo e já que elas não têm conseqüências práticas que possam relacionar-se com as circunstâncias físicas do falante, não afirmamos que tais reações dos ouvintes são "certas" ou "erradas". Veremos logo mais que estes termos freqüentemente funcionam para reforçar ou punir um comportamento verbal ou de outro tipo, mas as reações emocionais não podem ser modificadas por reforço operante. À medida em que o *falante* tenha sido condicionado pelos efeitos emocionais adquiridos, podemos apontar uma conexão funcional entre seu comportamento e o comportamento emocional do ouvinte. Mas tais reações podem ocorrer independentemente das fontes do comportamento do falante, e podem mesmo ser geradas por produções totalmente acidentais dos estímulos verbais.

Os estímulos emocionais não eliciam apenas as respostas, mas estabelecem disposições para o comportamento, disposições essas que compreendem uma parte mais prática do campo da emoção.[8] O resultado é uma mudança na probabilidade de que o organismo venha a se comportar de uma dada maneira, e essa mudança pode ou não ser acompanhada pelas respostas dos músculos lisos ou pelas respostas glandulares, classicamente encaradas como emoções. Casos importantes são as disposições para reagir favorável ou desfavoravelmente ao falante ou a outra pessoa. Os estímulos verbais podem gerar não apenas um reflexo--padrão de cólera, mas a cólera como predisposição para atacar alguém. Os estímulos verbais originalmente não têm tal efeito; este é adquirido de acordo com o paradigma clássico de condicionamento.

Já se repetiu muitas vezes que termos concretos costumam ter maior efeito emocional do que os abstratos. A diferença é que o termo concreto, no sentido de uma resposta sob o controle de um estímulo particular, tende mais provavelmente a concidir com estímulos emocionais efetivos. Sendo o termo abstrato controlado por uma propriedade de uma ampla classe de acontecimentos, provavelmente ele não será afetado por qualquer outro acontecimento freqüentemente correlacionado com essa propriedade. Pela mesma razão, o termo concreto tende a gerar "uma visão condicionada", — isto é, a evocar "imagens".[45] O termo abstrato, controlado por uma propriedade comum a um grande número de exemplos, não tende a associar-se com um estímulo apropriado a um único ato de visão.

Respostas emocionais não envolvem a escolha do momento oportuno. Elas tendem a ser lentas e duradouras. O efeito de um estímulo verbal na geração do comportamento emocional é relativamente independente do tempo e raramente leva à fadiga.

---

[45] Science and Human Behavior, capítulo 17.

As reações emocionais nem sempre são controladas por formas de respostas específicas diferenciadas. Alguém pode reagir emocionalmente a um estímulo verbal, simplesmente porque tal estímulo tem a propriedade de ser verbal. "I *hear the sound of words; their sense the air j Dissolves unjointed ere it reach my ear."* [Ouço o som de vozes, elas enchem o ar/Dissolvem-se, desfeitas, antes de alcançar meu ouvido.][46] [10] Sob outras circunstâncias, uma linguagem pode ter um efeito emocional por ser apropriada a uma dada comunidade verbal. Um homem sozinho numa terra estranha pode reagir com profunda emoção a qualquer fala em sua língua natal. Propriedades do comportamento verbal que surjam das condições emocionais ou motivadoras do falante também podem produzir respostas apropriadas. A forma séria ou desembaraçada, o estilo descuidado ou preciso, o tom de voz calmo ou briguento podem ter efeito nessa categoria, independentemente da forma da resposta emitida. Em alguns casos, os efeitos podem ser incompatíveis, como observa Tolstói ao descrever um personagem que falava "com uma voz irritada e lamurienta, que contrastava com a intenção bajuladora das palavras que proferia".[47]

Apesar de as conseqüências especiais desse tipo não precisarem perturbar a precisão do controle de estímulo, elas tendem especialmente a fazê-lo. O escritor de dramalhões toma liberdades com os fatos para conseguir uma resposta emocional maior. O elogio justificável tende a produzir a lisonja, a censura ou a calúnia. A história engraçada transforma-se numa caricatura e a descrição do acidente torna-o mais horrível quando relatado. Quando o efeito emocional sobre o ouvinte é a única conseqüência importante, o controle do estímulo pode ser abandonado eficazmente, como na literatura. Efeitos emocionais sobre o leitor constituem um fator importante na produção de poemas líricos, bem como na de outros tipos de poesia, de contos, de romances, etc. No crescimento da comunidade verbal literária, a relevância do comportamento prático (operante) é reduzida ao mínimo. O comportamento emocional do leitor ou ouvinte é a parte maior do que sobrevive.

A Força das Reações do Ouvinte

O efeito de um dado estímulo verbal variará com muitas coisas. As características físicas do estímulo — se ele é claro e se enquadra dentro de certos limites de velocidade — são importantes. Importa igualmente a experiência passada do ouvinte com relação a padrões semelhantes: ouvimos atentamente a falantes que sabemos ser interessantes por conhecimento anterior, bem como a certos tons de

---

[46]. MILTON, Samson Agonistes.
[47] TOLSTOI, L., *War and Peace* (Modem Libraiy Edition), p. 108

voz. O anunciante esforça-se por obter um texto que se assemelhe a outros que se tenham mostrado mais reforçadores. Uma única palavra que surja inesperadamente numa conversa até então ignorada pode transformar-nos subitamente em ouvintes ávidos. Inversamente, deixamos de ouvir pessoas que falam sem clareza, estupidamente, ou que não atingem nenhum efeito bem definido, da mesma maneira que deixamos de ler um livro mal impresso ou maçante. Quando um discurso ou um capítulo são muito longos, apesar de interessantes sob outros aspectos, eles podem gerar um cansaço, do qual o comportamento do leitor se recobrará durante um período de "descanso".

Em relação a um falante particular, o comportamento do ouvinte é também função do que chamamos de "crença". Podemos definir isto em termos de força de resposta. Nossa crença de que há queijo na geladeira é uma função de ou é idêntica à nossa tendência de ir até a geladeira quando queremos comer queijo. Nossa crença de que há uma mesa farta à nossa frente varia de acordo com nossa tendência em procurar alcançá-la, em colocar coisas sobre ela, etc. Se acabamos de passar algum tempo numa casa de espelhos, num parque de diversões, nossa crença nesse simples fato pode ser abalada, assim como nossa crença acerca do queijo pode ser rapidamente destruída por uma geladeira vazia. Nossa crença naquilo que alguém nos diz é, da mesma forma, uma função da ou idêntica à nossa tendência para agir segundo os estímulos verbais que ela nos proporciona. Se sempre formos bem sucedidos ao responder ao comportamento verbal dessa pessoa, nossa crença será forte. Se uma dada resposta está estritamente sob o controle de estímulo com pouca ou nenhuma extensão metafórica e nenhuma impureza na relação do *tacto,* e se o falante indica claramente essas condições (veja-se o capítulo 12), reagiremos com força máxima. Nesse sentido "aceitamos a palavra dele" implicitamente. Não interessa se ele é ou não um especialista. Acreditamos que o especialista nos dirá *tudo* a respeito, mas que o não-especialista pode inspirar confiança, se as condições acima forem obedecidas, porque ele simplesmente deixará de falar quando não conhecer mais aquilo sobre que estava falando.

Vários expedientes usados profissionalmente para aumentar a crença de um ouvinte (por exemplo, por parte de um vendedor ou de um terapeuta) podem ser analisados nesses termos. Um terapeuta pode começar com um grande número de afirmações tão obviamente verdadeiras que o comportamento do ouvinte é fortemente reforçado. Mais tarde, uma forte reação é obtida diante de afirmações que, de outra maneira, obteriam pouca ou nenhuma resposta. Por enquanto a hipnose, ainda não foi bem compreendida mas ela parece exemplificar uma grande "crença" no sentido presente. Por um momento, o mundo se reduz a estímulos verbais que se encontram praticamente sob o controle completo do sujeito hipnotizado. Um comportamento característico de ouvintes aparece numa forma dramaticamente intensa. A reação aos estímulos verbais, claramente localizada, é semelhante à

concentração conseguida por um livro. Macaulay afirmou, em sua última doença, que um livro interessante atuava como analgésico.

Em certa medida, as mesmas condições de "crença" governam um simples reflexo condicionado. Quando a cozinheira anuncia *Jantar!,* O ouvinte pode responder de duas maneiras: salivando, ou respondendo de alguma outra forma com os músculos lisos ou as glândulas, ele demonstra o condicionamento pavloviano; dirigindo-se à mesa e sentando-se, ele demonstra um operante discriminado reforçado em ocasiões passadas semelhantes. Sua crença na criada, no sentido de força de qualquer dos tipos de reação, será influenciada pelas propriedades da resposta Jantar. Se a cozinheira deixou que o assado se queimasse ou não se saiu bem em algum dos pratos, e por isso diz *Jantar* com uma voz hesitante, o ouvinte pode caminhar para a mesa com menos entusiasmo e com a boca seca.

As reações do ouvinte podem ser intensificadas mediante certos expedientes retóricos. Estímulos verbais repetidos usualmente eliciam respostas emocionais condicionadas mais fortes (compara-se a repetição, em Dickens, de A pequena Nell estava morta) e tendem mais a evocar um comportamento operante.

Tendo a emissão de mais de uma resposta certo efeito, ela atua como repetição. O "mando" *Não faça mais isso, basta, pare jã* tende a ser mais eficiente do que simplesmente *Pare,* porque acumula estímulos de efeitos semelhantes. O arranjo de vários estímulos verbais para gerar surpresa, contraste, ou *crescendos* ou *diminuendos* também é comum. Estímulos verbais onomatopaicos suplementam a resposta normal do ouvinte, oferecendo estímulos não-verbais fragmentários que geram a mesma resposta. Pictogramas e hieroglifos evocam o comportamento do leitor, não apenas como estímulos verbais, mas como figuras não-verbais. Uma resposta verbal longa descreve um objeto grande de forma mais eficiente do que uma resposta curta. Essa correspondência entre a resposta e a coisa é levada a um extremo extravagante em *Alice no País das Maravilhas,* quando a fábula do rato *{mouse's tale]* é impressa sob a forma de um rabo de rato *[mouse's tail].* O ouvinte ou o leitor costumam reagir ao que chamamos de caráter da resposta verbal, e este pode coincidir com o caráter do assunto; um comportamento pomposo pode ser especialmente eficiente para a descrição de acontecimentos pomposos; uma expressão desorganizada pode ser especialmente apropriada para descrever um estado de coisas desorganizado. A palavra rara é um nome eficaz para o pássaro raro. O que o crítico descreve como "adequação do som ao sentido" parece ser o esforço do poeta em criar respostas verbais que possuam algo do caráter da coisa descrita.

Outros Aspectos Reforçadores do Comportamento do Ouvinte

A fala das pessoas em estado emocional agudo altera-se e, por essa razão pode ter um efeito especial sobre o ouvinte. Podemos chorar em resposta a O *weep for*

Adonais [Oh! chore por Adônis], não porque possamos chorar a pedido, ou porque estímulos verbais seguidos sejam eficazes como *tactos* impuros, ou porque as palavras foram lidas num tom de voz lamurioso, mas apenas porque observamos que uma pessoa, sob outros aspectos possuidora de uma mente lógica, recorreu a um tipo de resposta que ela normalmente evitaria, sugerindo assim a profundidade de seu desespero.

Ao escrever

> *For thine is*
>
> *For life is*
>
> *For thine is the*
>
> *[Desde que o teu i / Desde que a vida i / Desde que o teu i o"}*

T S. Elliot sugere fraqueza, exaustão ou falta de convicção. Algo com o mesmo efeito é produzido acidentalmente quando alguém está lendo alto uma cópia ilegível, onde as pausas podem sugerir fraqueza, mais da parte do escritor que do leitor.

Tais efeitos sobre o ouvinte ou o leitor produzem efeitos retroativos sobre o escritor ou o falante, e explicam várias propriedades de seu comportamento. Muitos expedientes retóricos, como peculiaridade do comportamento do escritor, devem ser explicados em termos de reforço diferencial que surge do efeito sobre o leitor.

Ouvir ou ler freqüentemente são ações que requerem um comportamento preliminar tal como pegar o telefone, pôr um disco na vitrola, ir a uma conferência, aproximar-se de alguém que está falando num grupo, apanhar uma revista ou comprar um livro. As conseqüências reforçadoras desses comportamentos usualmente são verbais: compramos um livro para lê-lo. Em última análise, só freqüentamos certo tipo de conferências, só prestamos atenção a certas conversas e só compramos certo tipo de livros porque só tais comportamentos preliminares são reforçados.

A função do poema ao evocar uma resposta emocional forte não deve ser confundida com sua função em reforçar o leitor para pegar um poema e lê-lo. A reação emocional se dá no lugar, mas a evidência do condicionamento é retardada, até que observemos uma tendência continuada ou crescente para ler poemas similares. Reforçar o leitor dessa forma pode ser de grande importância para o escritor profissional. Ele constrói um trabalho literário não apenas para evocar certas respostas no leitor, mas para garantir uma medida de reforço para a leitura. Certos temas, apesar de fortes, constituem "um mau negócio", enquanto outros, possivelmente de poucos méritos literários, melhoram a venda dos livros seguintes.

Uma parte apreciável do comportamento verbal não pode ser explicada sem se levar em conta seus efeitos em fazer o ouvinte prestar atenção, em fazer o leitor ler mais, etc.

Conseqüências planejadas para aumentar a freqüência do comportamento (mais do que para alterar sua relação com variáveis de controle) são os reforçadores verbais comuns *Bom!*

Mau! Certo! Errado! Quando alguém executa uma resposta que desejamos preservar ou reforçar, dizemos: Bom! Ou Certo!, E usualmente tentamos tornar essa resposta tão imediatamente dependente do comportamento quanto possível. O *sim* tem uma função similar, bem compreendida pelos bajuladores e pelos que concordam com tudo. Um ouvinte abertamente solícito pode emitir uma série de *Sim,* ou outros sinais, tais como balançar a cabeça, erguer os supercílios, etc. O aplauso é verbal, de acordo com nossa definição, e seu uso para aumentar a freqüência de ocorrência do comportamento pode ser vista em sua afinidade com *Bis.', Mais,* etc.[48] Muitas interjeições difíceis de serem classificadas gramaticalmente são respostas reforçadoras ou punitivas. Quando dizemos que as interjeições "revelam aprovação ou censura, prazer ou desprazer", passamos por cima do fato de que elas passaram a depender do comportamento do falante, e não serviriam a nenhum propósito se assim não fossem. Apesar de um americano de hoje poder exclamar *Pfui!* quando algo que empreendeu malogra, isso deve ser encarado como uma extensão mágica de casos em que a resposta, dependente do comportamento de outra pessoa, mantém alguma probabilidade de modificar esse comportamento no futuro. O mesmo ocorre com as exclamações de prazer. Apesar de essas respostas serem comumente associadas a estados emocionais e poderem combinar-se, na forma de causação múltipla, com gritos não condicionados, elas são reforçadas, em última análise, porque produzem mudanças no comportamento das pessoas (possivelmente, incluindo o próprio falante).

Reforços Especiais De Efeitos Sobre O Falante

Um fato importante do comportamento verbal é que falante e ouvinte podem ser a mesma pessoa. O falante ouve a si mesmo e o escritor lê o que ele próprio escreveu. Essa auto--estimulação evoca freqüentemente um comportamento ulterior — ecóico, textual, ou intraverbal — mas o "falar consigo mesmo" tem outra função. Um homem fala consigo mesmo como fala com outro, ou com uma comunidade

[48] Às vezes, um *mando* explícito para o aplauso é organizado. O mestre de cerimônias que apela para o auditório *"Vamos dar à jovem uma salva de palmas"* está repetindo o ator romano: *Nunc plaudtte.*

ampla, por causa do reforço que recebe. Parece que não há como um indivíduo solitário possa gerar ou manter um repertório verbal, mas quando uma comunidade estabeleceu um comportamento verbal através dos métodos usuais e, simultaneamente, condicionou o falante como um ouvinte, o falante pode falar consigo próprio e continuar a fazê-lo na ausência de um reforço ulterior por parte da comunidade. Pode haver uma mistura desse auto-reforço quando a pessoa está presumivelmente falando ou escrevendo para outros. O falante que se encontra sob sua própria influência como ouvinte é as vezes descrito como egocêntrico ou como alguém que "adora ouvir a própria voz".

Reforços automáticos podem modelar o comportamento do falante. Quando, como ouvinte, um homem adquire respostas discriminadas para formas verbais, ele pode reforçar-se para formas padronizadas e extinguir comportamentos divergentes. Sons reforçadores no meio em que a criança vive proporcionam o reforço automático das formas vocais. Tais sons não precisam ser verbais; a criança é reforçada automaticamente quando reproduz o som de aviões, carros, aspiradores de pó, pássaros, cães, gatos, etc. Mas, entre os sons que se tornam importantes estão as respostas verbais de seus pais e de outras pessoas. A criança pode então reforçar-se automaticamente para a execução de padrões vocais que mais tarde tornar-se-ão parte de seu comportamento verbal. Nessa fase, a criança assemelha-se a um papagaio, o qual também é automaticamente reforçado quando sua produção vocal se assemelha a algo ouvido em seu meio. Um efeito semelhante pode levar a uma maneira especial de falar ou a formas particulares de respostas características do comportamento de outros. O efeito costuma ser chamado de identificação, mas não precisamos apelar aqui para um processo especial. O ouvinte comumente acha certos falantes particularmente reforçador, quer porque o que é dito é reforçador, quer porque os falantes são reforçadores de outra maneira. Pais, empregados favoritos, pessoas de prestígio e amigos íntimos são exemplos disso. Uma vez que, por uma razão ou outra, costuma ser reforçador ouvir tais pessoas falarem, é automaticamente reforçador talar *como elas falam,* com uma entonação, maneirismos ou vocabulário particulares. Termos característicos do repertório adulto tendem a ser usados pelas crianças com especial freqüência quando adquiridos. Isto não constitui um comportamento ecóico, porque a resposta tomada de empréstimo não é emitida na relação temporal própria ao estímulo verbal. O empréstimo ocorre por causa do auto-reforço automático, gerado pelo falante como resultado do seu condicionamento anterior como ouvinte.

O comportamento que adquire suas propriedades formais de auto-reforço pode surgir dos padrões da comunidade. Quando falante e ouvinte são a mesma pessoa, esta pode sofrer o tipo de mudança observada num período muito mais longo de tempo na história de um ambiente verbal. As respostas podem carecer de precisão e podem surgir formas modificadas. Isto se torna evidente na caligrafia com que uma

pessoa toma notas comparada com a caligrafia com que essa pessoa escreve cartas. As notas tendem a exibir sinais idiossincrásicos, ou abreviações, sem mencionar a forma dos tipos. As respostas-padrões tendem cada vez mais a ficar sob um controle de estímulo pouco usual. Formas gramaticais desviadas podem não ser detectadas. Respostas ambíguas não são ambíguas para *esse* ouvinte. O falante primariamente afetado por suas próprias respostas enquanto ouvinte tende a preocupar-se com termos e tópicos favoritos, com alusões literárias de prestígio, com histórias que o próprio falante acha divertidas ou interessantes, etc.

O comportamento verbal "autístico" pode ser comparado ao do músico que toca para si mesmo. Sendo tudo o mais igual, ele toca as músicas que, como ouvinte, acha reforçadoras. Em outras palavras, ele "toca aquilo de que gosta", assim como o falante auto-reforçador "diz aquilo de que gosta". O jogador de dados diz os números antes que os dados parem; sua resposta pode ser um *mando* mágico, mas é também uma maneira de ouvir boas notícias na primeira oportunidade. Os pais que são reforçados quando os filhos são elogiados, passam eles próprios a elogiar os filhos. O nostálgico que é reforçado pela descrição de cenas antigas constrói ele próprio tais descrições. O indivíduo sexualmente excitado é automaticamente reforçado por suas próprias discussões sobre sexo. O homem vaidoso é reforçado pela audição ou visão de seu nome, e o diz e escreve freqüentemente. Gabar-se é uma maneira de "ouvir coisas boas sobre si mesmo". O homem famélico pode falar sobre comida, caso o efeito seja reforçador. Uma frase feliz — composta, quiçá, pela primeira vez — pode ser repetida por causa de seu efeito imediatamente reforçador. "'... e a prata é um metal incorruptível e pode confiar-se que manterá seu valor para sempre... um metal incorruptível', repetiu ele, como se a idéia lhe tivesse dado um profundo prazer".[49]

Podemos dizer que o comportamento verbal tende a ser emitido se descreve uma condição que é ou virá a ser reforçadora para o falante. Uma distorção do controle de estímulos por meio de tais efeitos é amplamente tolerada em algumas comunidades verbais e suprimida em outras. Em *A passage to índia,* E. M. Forster descreveu muitos casos de comportamento verbal que expressavam antes o desejo do falante do que a realidade; tais desejos, porém, eram expressos como reais e isto era aceito pela comunidade do falante. O Dr. Aziz, ao acompanhar seu hóspede inglês através de cavernas em que não se distinguia nada, disse "estar certo de que logo mais eles encontrariam uns entalhes muito antigos e muito interessantes", mas com isso ele apenas queria dizer que desejava que tais entalhes existissem. Em outro exemplo, quando lhe perguntaram "O senhor é casado?" ele respondeu " 'Sou,

[49] Conrad, Joseph, Nostromo, p. 300.

venha conhecer minha esposa' — pois ele achava mais artístico que sua mulher estivesse viva por um momento", embora ela tivesse morrido há algum tempo.

A PUNIÇÃO DO COMPORTAMENTO VERBAL

O comportamento verbal pode ser seguido pelo tipo de conseqüência chamada aversiva ou punitiva. Não consideramos isso ainda porque a punição não produz nem mantém nenhum tipo de operante verbal, mas deve ser incluída entre os efeitos especiais que modificam os comportamentos já estabelecidos por meio de reforço positivo.

A punição não deve ser confundida com o uso de estimulação aversiva na geração de evitação ou de fuga. O mesmo tipo de estímulo é usado; mas na punição eles passam a depender de uma resposta na mesma relação temporal que o reforço positivo. O resultado é complexo e não precisamos descrever aqui todos os seus traços[50]. A suposição de que uma conseqüência punitiva simplesmente inverte o efeito de uma conseqüência de reforço não sobreviveu a uma análise experimental. Não a provas de que a punição, em última análise, reduza a tendência para responder. Seu principal efeito é o de converter o comportamento, ou as circunstâncias nas quais o comportamento ocorre de forma característica, em estímulo aversivo condicionado. Qualquer comportamento que reduza essa estimulação tal como qualquer comportamento incompatível ou que, de outra forma, desloca um comportamento punido, quer em seus estágios incipientes, quer em seus estágios finais — é automaticamente reforçado. Ao punir uma resposta, proporcionamos automaticamente o reforço de respostas incompatíveis com ela. O resultado principal explica uma das mais importantes propriedades do comportamento verbal, como veremos no capítulo 15. Nesse ínterim, podemos notar simplesmente o efeito das conseqüências punitivas sobre a força dos operantes verbais relacionados.

O comportamento verbal, obviamente, costuma ser punido com freqüência. A comunidade que até agora reforçou- uma resposta pode mudar seus métodos. Uma comunidade diferente tende mais a punir — possivelmente com todas as manifestações de "xenoglotofobia". Às vezes, todo o repertório do falante é afetado e o comportamento incompatível opõe-se então ao efeito do reforço generalizado. Comumente, todavia, a punição é um efeito especial que altera apenas parte de um repertório.

---

[50] Ver Science and Human Behavior, capítulo 12.

Quando queremos enfraquecer ou eliminar uma resposta, podemos usar um estímulo aversivo verbal tal como *Mau! Errado!* ou *Não!* As crianças freqüentemente são punidas por seu comportamento verbal, com espancamento ou ameaça de espancamento. Em algumas culturas, uma punição simbólica consiste em se lavar a boca da criança com água e sabão. Em tempos antigos, o portador de más notícias corria o risco de ser morto. Onde as punições físicas não são mais toleradas, costuma-se recorrer à retirada de condições associadas com um reforço positivo, ou com a ameaça de tal retirada. Os privilégios são suspensos e a aprovação e a afeição, negadas. Algumas formas de comportamento verbal são recebidas com punição ou o ridículo; outras, com crítica. Muitos fatos punitivos não são explicitamente organizados como tais, pois o comportamento verbal pode ser seguido por conseqüências aversivas adventícias, incluindo efeitos gerados no próprio falante enquanto ouvinte.

Uma punição social curiosa é ela própria verbal: pode punir-se alguém simplesmente ficando em silêncio, quando a ocasião pede que se fale. O silêncio embaraçoso nas relações sociais aparece como um subproduto de usos aversivos mais específicos. O comportamento verbal normalmente adquire propriedades positivas reforçadoras. Um cordial *Bom dia!* ou mesmo o mais casual cumprimento exclui a possibilidade de uma ampla classe de ações aversivas, e por isso pode ser reforçador. Podemos punir, portanto, recusando tais respostas. Nós o fazemos ao ofender alguém, ao recusar uma resposta ou, de um modo mais sutil, simplesmente *negligenciando* responder a uma pergunta ou a uma questão. Estudantes freqüentemente são punidos sendo postos no "gelo", e uma ação disciplinar semelhante foi recentemente relatada em jornais ingleses. Outras formas de punição verbal incluem observações camufladas, enigmáticas e confusas.

Para não punir diretamente uma resposta verbal, podemos proporcionar um estímulo de alerta, em cuja presença as respostas verbais costumam ser punidas. *Sss-Sss* pode não ser uma ameaça de punição, mas revela que uma punição está pendente.

Um efeito sobre o comportamento verbal quer direto quer indireto, é uma redução no nível de energia. A resposta punida é, subseqüentemente, apenas murmurada ou sussurrada. Também pode tornar-se silenciosa ou encoberta, ou ser "esquecida" no sentido de reprimida, como veremos mais tarde. Comportamentos punidos podem ser emitidos silenciosamente ou de forma hesitante. A lentidão do comportamento fraco não é resultante, digamos, de um condicionamento inadequado ou de estímulos pouco claros, mas de uma velocidade mínima que evita a acumulação de efeitos aversivos. Uma mera hesitação assume uma forma mais aguda em alguns tipos de balbuceio. Os espasmos mais violentos do gago devem-se possivelmente à punição e à incordenaoção resultantes de mudanças relativas no nível de energia e de velocidade. Acima e além das características de execução, a punição diminui a

freqüência relativa de uma resposta, em parte porque as respostas caem abaixo do nível aparente e escapam à observação, e em parte porque formas substitutas adquirem precedência.

Os efeitos da punição sobre o comportamento verbal parecem indicar generalização. Se uma resposta é punida, o efeito é sentido sobre respostas similares ou sobre respostas dadas em circunstâncias semelhantes. O empregado do governo que deve manter segredos de Estado, ou militares, sob pena de severas punições pode ver afetado todo o seu repertório verbal. Ele pode tornar-se "reservado" em tudo o que faz. Um escritor iniciante pode tornar-se improdutivo se for muito criticado. Uma criança severamente punida por causa de seu comportamento verbal pode transformar-se num caso de afasia histérica.

Em adição a esse enfraquecimento geral do comportamento verbal, precisamos apelar para conseqüências punitivas, a fim de explicar certas condições de força. Podemos por exemplo, ter que mostrar que um operante é forte porque reduz a estimulação aversiva condicionada. O comportamento punido que não é verbal pode ser relevante. Assim, uma "racionalização" é uma resposta verbal que descreve outro comportamento do falante, possivelmente não-verbal, de tal forma que o torna menos sujeito à punição.

Manipulamos contingências punitivas para fins práticos ao evocar um comportamento verbal. Ao obter a confissão de um criminoso, por exemplo, o suborno é uma conseqüência de reforço especial que se destina a superar os efeitos da punição. Garantir imunidade é uma redução direta das conseqüências punitivas. Quando a imunidade não pode ser garantida, um inquisidor hábil pode procurar obter primeiro uma resposta que em si mesma não é altamente punível ("Onde você pôs a arma?"), ou pode sugerir que o comportamento em causa é muito difundido e tolerado, e assim por diante. A confissão religiosa e as técnicas psicoterapêuticas de liberação às vezes seguem padrões similares. O perdão é a redução de um estímulo aversivo condicionado ou uma ameaça *depois* de uma resposta ser dada.

O Leitor

As respostas do ouvinte que estabelece e mantém o comportamento do falante em todas as relações de controle examinadas assimilam-se às do leitor que eventualmente modifica o comportamento do escritor. As conseqüências especiais de que trata o presente capítulo apontam várias propriedades do comportamento do leitor sem contrapartida importante no ouvinte. Comumente, se bem que não necessariamente, o leitor começa com o *comportamento textual* do capítulo 4; suas respostas são dadas sob o controle de estímulos visuais. Ele pode então reagir a seu

próprio comportamento textual como ouvinte. Não é necessário que o faça. Lendo alto para crianças, podemos não reagir sob o simples estágio textual e, lendo alto numa língua pouco familiar, podemos tornar-nos tão preocupados com a pronúncia que negligenciamos todas as outras funções do leitor ou do auto-ouvinte. Por outro lado, respostas não-textuais podem predominar. O comportamento textual como tal pode não se evidenciar no leitor experiente, mesmo para o próprio leitor, apesar de tender a emergir claramente quando o leitor lê um texto a que é difícil responder de outra maneira. O estágio no qual se reage a uma resposta textual como a um estímulo verbal vocal pode ser visto nas crianças ou no leitor adulto que está aprendendo a ler material impresso em alfabeto fonético. Tanto a criança como o leitor adulto emitem respostas vocais sob o controle do texto, e então respondem aos estímulos verbais autogerados. A resposta dada como um auto-ouvinte é um tanto retardada e é, claramente, uma resposta apenas ao estímulo auditivo.

Respostas não-textuais do leitor podem chegar a ser dadas diretamente ao texto impresso, e podem ser condicionadas na ausência do comportamento textual. Assim, as crianças podem reagir de forma apropriada à leitura de avisos: *Corra, Sente-se, Bata palmas,* etc, sem se engajarem num comportamento vocal. Normalmente, todavia, as reações do leitor são, primeiro, uma conseqüência do comportamento textual e, em seguida, uma atividade colateral, na qual as respostas textuais produzem curto--circuito. Reagimos a muitos sinais, tais como SILÊNCIO, numa biblioteca, ou BARBEIRO, numa vitrina, com a ação apropriada, sem necessariamente nos engajarmos num comportamento textual. Teríamos essencialmente a mesma reação diante do retrato de um homem com o dedo sobre os lábios ou de uma espiral vermelha e branca, em movimento.

Esses exemplos lembra-nos o fato de que o comportamento do ouvinte não é essencialmente verbal. O ouvinte reage ao estímulo verbal seja com reflexos condicionados, seja com um comportamento operante discriminado, assim como reage a qualquer característica de seu meio. Respostas emocionais condicionadas ao estímulo visual MORTE assemelham-se às respostas a qualquer estímulo associado com morte nas práticas de uma comunidade (tal como um funeral ou uma lápide tumular) ou qualquer acompanhamento natural da morte (tal como o aparecimento de um cadáver). O comportamento operante executado face ao mesmo estímulo assemelha-se ao comportamento controlado por estímulos não-verbais que integram as mesmas continências. As propriedades relevantes dos estímulos, o processo de indução do estímulo, o efeito de "contexto", etc, não constituem essencialmente problemas verbais.

Uma vez que na soletração em inglês há maneiras alternavas de se representar os sons da fala, é possível construir um texto que evoque: 1) uma resposta textual geradora de estímulos vocais a que, como ouvinte, o leitor responde de uma maneira e 2) respostas diretas de um tipo diferente. O fragmento do "poema"

abaixo oferecerá, se lido em voz alta numa velocidade e com um nível de energia constantes, um estímulo verbal eficiente para muitos ouvintes. Ele o fará também para o leitor, caso este não esteja respondendo diretamente ao texto com outras respostas em curto-circuito. As respostas competitivas tornam quase impossível, para o leitor, ouvir a si próprio e reagir de modo apropriado. (O som de várias consoantes é incorreto, mas o ponto é suficientemente destacado se a pessoa que lê o poema em voz alta está menos apta a entendê-lo do que outro ouvinte.)

Thus it ease lep't bean others know we man till.

Coal dance eye lent was thick wrist ill lair,

Why lone least are lie tanned a sing gull ant earn

Broke thung loom. A long thud rear erode

Ash abbey fig your maid it sigh lent weigh,

Sea king sum shell turn ear. Atlas teas topped

Tune ah cup honest rangers dark end o'er.

Upstare sub right league low wing lamb pup eared

A mow meant air reap awe such ear eek ali,

A doe run bard, thick lass puff rend leach ear...

Uma tradução, feita pelo incurável fazedor de curtos-cir-cuitos:

The city slept beneath her snowy mantle.

Cold and silent was the crystal air,

While only star light and a single lantern

Broke the gloom. Along the dreary road

A shabby figure made its silent way

Seeking some shelter near. At last he stopped

To knock upon a stranger's darkened door.

Upstairs a brightly glowing lamp appeared.

A momentary pause, a cheery call,

A door unbarred, the clasp of friendly cheer...

[A cidade dormia sob seu manto de neve. / O ar cristalino estava frio e silencioso, / Enquanto apenas a luz das estrelas e uma lanterna solitária / Quebravam a escuridão. Ao longo do lúgubre caminho / uma pobre figura percorria o seu caminho silencioso / Procurando um abrigo próximo. Finalmente, ela parou / Para bater à porta sombria de um estranho. / No andar superior, uma luz brilhante e refulgente surgiu. / Uma pausa momentânea, um cordial chamado, / Uma porta aberta, o aperto de mão da alegria amistosa...]

CAPÍTULO 7

O AUDITÓRIO

O comportamento verbal só costuma ocorrer na presença de um ouvinte. Quando o falante fala consigo mesmo, é claro que um ouvinte quase sempre está presente. Mas quando não é este o caso, uma relação bem simples pode ser demonstrada: enquanto um ouvinte está presente, o comportamento verbal será observado, desde que as outras condições sejam favoráveis. Se o ouvinte for embora, ou desaparecer de alguma forma, o comportamento cessa . Assim, deixamos de falar quando nossa ligação telefônica é cortada, ou quando um barulho ensurdecedor interfere em nossa conversa face a face. Se o ouvinte retorna, o comportamento verbal se reinicia. Quando surge uma situação que gera um forte comportamento verbal, o falante comumente fica quieto, até que surja um ouvinte. Exceções a essa regra, como já vimos no caso de *mando* ampliado, seguem o princípio da generalização de estímulo. Sob condições de grande força, o comportamento verbal pode ser emitido na ausência de ouvintes.

O ouvinte, como parte essencial da situação na qual o comportamento verbal é observado, é por sua vez um estímulo de discriminação. Ele é parte de uma ocasião na qual o comportamento verbal é reforçado e, por isso, torna-se parte da situação que controla a força do comportamento. Esta função deve ser distinguida da ação do ouvinte em reforçar o comportamento. Nessa medida, como o ouvinte estimula o falante antes da emissão do comportamento verbal, podemos falar dele como de um auditório. O auditório será então um estímulo discriminativo na presença do qual o comportamento verbal é caracteristicamente reforçado e em cuja presença ele é caracteristicamente forçado e em cuja presença ele é caracteristicamente forte. Os estímulos discriminativos tornam-se, por sua vez, reforçadores, e isso é confirmado pelo efeito reforçador do aparecimento de um auditório. Muitos repertórios contêm *mandos* que especificam o aparecimento ou a atenção de um auditório, como os chamados comuns *Hei!* ou *Ouça!,* o autoritário *Atenção!* ou um vocativo, como *Meus amigos!*

Em contraste com os estímulos discriminativos que controlam os *tactos* e os operantes ecóicos, textuais e intraverbais, um auditório constitui usualmente uma condição para o reforço de um amplo grupo de respostas e, por isso, chega a afetar a força de tal grupo. Diferentes auditórios controlam diferentes subdivisões do repertório do falante. (Este controle é exercido sempre de comum acordo com estímulos que determinam formas mais específicas de resposta. A causação múltipla do comportamento verbal será descrita no capítulo 9.)

Os auditórios que controlam as mais amplas subdivisões de um repertório verbal são as comunidades que estabelecem as contingências reforçadoras das assim chamadas "línguas" — o inglês, o francês, o chinês, etc. Numa comunidade verbal chinesa, apenas certas formas de respostas são eficazes: como um auditório, qualquer membro ou grupo de membros dessa comunidade constitui ocasião para a emissão de formas chamadas chinesas. Num falante bilíngüe, a parte chinesa de um repertório será mais forte em tal ocasião do que numa comunidade apropriada a uma outra parte, como o inglês.

Dentro de uma comunidade de uma só língua, muitos jargões, gírias e vocabulários técnicos são controlados por auditórios especiais. Quando estes tratam de assuntos especiais, não precisam apresentar o controle de um auditório. Assim, muitos objetos encontrados num barco usualmente não são encontrados em outro lugar. Nesse caso, o jargão da navegação forma uma subdivisão de um repertório isolado, apenas porque a ocasião a qual ele é apropriado é isolada. Mas quando um engenheiro fala sobre a baixa resistência à tração de um velho cordão de sapatos, está usando uma linguagem apropriada para um auditório especial e não para um assunto especial. Em algumas línguas (o japonês, por exemplo), certas formas de resposta são diferentemente reforçadas por ouvintes que pertencem a diferentes classes sociais ou por ouvintes que mantêm com o falante diferentes relações. Cada classe ou relação define assim um auditório especial, que controla tais formas. A linguagem infantil com que nos dirigimos às crianças, ou que é usada por elas, é um repertório sob o controle de um auditório especial. Tal repertório é reforçado, na primeira infância, por ouvintes indulgentes, mas pode sobreviver entre amigos na vida adulta, como no *Diário para Estella* de Swift, com seus *deelest logues* por *dearest rogues.* Há subdivisões especiais da comunidade que também reforçam diferentemente vocabulários livrescos, pedantes, literários, arcaicos, polidos e polissilábicos e, assim, compõem auditórios na presença dos quais essas formas são particularmente fortes. Não podemos esquecer os auditórios constituídos de animais. *Mandamos* que um gato desapareça com um *Passa!,* uma galinha com um *Chá! Chô!,* embora partilhemos com os cães a nossa própria língua (*Vá embora! Vá para casa!).*

Ao analisar esses efeitos de um auditório na determinação de uma subdivisão particular de um repertório verbal, admitimos que pelo menos duas respostas

alternativas são utilizáveis numa situação dada, além da variável do auditório. O auditório seleciona um conjunto de respostas de preferência a outro. Quando há apenas um conjunto, não precisamos recorrer ao auditório, exceto como determinador exclusivo, quer do comportamento verbal, quer do silêncio.

O auditório que determina um conjunto particular de respostas, contra outro possível conjunto no mesmo repertório, suscita questão importante na teoria semântica. O francesismo de uma palavra francesa parece não se *referir* a qualquer propriedade do que está sendo dito. A relação funcional entre uma resposta e um auditório não se ajusta aos esquemas usuais de referência, e é freqüentemente omitida nas análises semânticas. A variável auditório sempre age de comum acordo com pelo menos outra variável, a qual determina mais especificamente a forma da resposta. No comportamento de alguém que fala inglês e alemão, um certo objeto e mais um auditório que fale inglês sugere a resposta *Bread* [pão] enquanto que o mesmo objeto, e mais um auditório que fale alemão, sugere a resposta *Brot* [pão]. Outro objeto evoca as respostas *water* [água] e *wasser* [água]. Para a maioria dos próprios semânticos, a diferença entre *bread* e *water* é maior que a diferença entre *bread* e *Brot.* A noção de referência é por isso aplicada apenas à relação que distingue *bread* e *water.* A diferença, todavia, está simplesmente no fato de a variável que controla *bread,* e não *water,* ou *Brot,* e não *Wasser,* ser específica dessas respostas, enquanto a variável que controla *Bread* e não *Brot* controla um grupo mais amplo de respostas. O tipo de controle é o mesmo.

A variável auditório é importante na interpretação da noção tradicional de "proposição". Se definimos uma proposição como "algo que pode ser dito em qualquer língua", então, em lugar de tentarmos identificar esse "algo", podemos perguntar por que existem línguas diferentes. A resposta é que diferentes contingências de reforço, envolvendo uma única situação, são mantidas por comunidades verbais diferentes. Uma proposição não é "livre para ser expressa em qualquer uma dentre múltiplas formas", pois a forma é determinada por outras variáveis entre as quais o auditório. Se existisse uma única comunidade verbal padronizada e consistente, uma proposição poderia ser identificada com "a resposta que a expressa". (Embora tal identificação não fosse das mais felizes.) Quando existem muitas comunidades diferentes e muitos auditórios diferentes, e "algo" comum a todas as "expressões" alternativas resultantes não pode ser identificado com uma forma verbal. O único fator comum está entre as variáveis de controle. O argumento de que uma idéia deve existir em alguma forma não-verbal, uma vez que pode ser expressa de muitas maneiras diferentes — quer dentro de uma única língua, quer em línguas diferentes — pode ser respondida da mesma maneira. Não existe verdadeira sinonímia no sentido de uma escolha de formas diferentes. Uma vez considerados todos os traços da coisa descrita e especificado o auditório, está determinada a forma da resposta.

A terceira função de um auditório é a de selecionar o assunto. Os ouvintes diferem à medida em que reforçam diferentes tipos de operantes verbais e, particularmente, várias classes de respostas intraverbais e de *tactos.* Dado um único falante com uma história específica e uma situação geral específica, o auditório determinará não apenas se ocorrerá o comportamento verbal, ou a subdivisão lingüística em que ele há de ocorrer, mas também que tipos de respostas são dados e "aquilo sobre o que se fala". Alguns auditórios se prestam a comportamentos sob formas de *mandos,* outros claramente não se prestam a tais comportamentos. Outros ainda reforçam certas classes de intraverbais e de *tactos,* não porque a forma de resposta seja peculiar a uma dada língua, mas por causa do que grosseiramente podemos chamar de conexões temáticas. O ouvinte está interessado em certos assuntos, e não em outros. Mais ainda: tratando com qualquer assunto dado, os ouvintes diferem na medida em que toleram e continuam a reforçar distorções na situação de estímulo resultante de uma extensão metafórica, ou de especiais contingências de reforço discutidas no capítulo anterior. Alguns auditórios constituem ocasião para uma linguagem "imaginativa", altamente metafórica, destinada a obter efeitos emocionais mais do que a guiar o comportamento prático do ouvinte. O escritor criativo está sob o controle desse tipo de auditório (capítulo 16).

As Dimensões Físicas de um Auditório

Os estímulos verbais, que controlam o comportamento ecóico, textual e intraverbal, em geral são facilmente identificados. Muitas das propriedades dos objetos que servem como estímulos nos *tactos* também possuem dimensões físicas, apesar de, como vimos, as propriedades que controlam as extensões metafóricas e as abstrações poderem ser sutis. Mesmo assim, procuramos alguma propriedade definida relacionada com o controle da resposta num dado falante. O auditório apresenta um problema mais difícil de dimensões. Através de uma indução de estímulo, uma ampla gama de "auditórios" pode ser eficaz. Falamos a estranhos, a pessoas mortas ou adormecidas, a manequins vistos a uma luz difusa, a animais, particularmente se eles se assemelham a pessoas, etc. Mas a tendência a agir assim é fraca.

É difícil identificar um auditório eficaz. A presença ou ausência de uma pessoa não é suficiente. Pode ela ouvir o que você está dizendo, presta-lhe atenção, entende sua língua e é um auditório apropriado para um repertório particular? Estas questões freqüentemente não podem ser respondidas por meio das propriedades físicas de um auditório. O controle que um dado indivíduo exerce sobre o falante é o produto de uma história possivelmente longa, na qual seu *caráter de auditório* foi estabelecido. Isso não quer dizer que cada nova amizade torna-se um auditório apenas através de um longo processo, pois o auditório como estímulo discriminativo revela o princípio da indução de estímulo. O repertório com o qual

nós mais provavelmente nos dirigiremos a uma nova amizade depende de sua semelhança com aqueles que reforçaram nosso comportamento verbal no passado. Exceto sob condições de extrema força, um auditório não-apropriado tende a não evocar uma resposta. A precisão do controle do auditório exercido por uma nova amizade continua a crescer à medida em que o comportamento verbal é emitido e reforçado. Às vezes o crescimento se dá noutra direção. Pode ser chocante descobrir que alguém que se parece com um ouvinte familiar não age como tal em suas práticas de reforço. Como auditório, todavia, ele pode continuar a controlar o comportamento apropriado ao ouvinte familiar por muito tempo. O efeito de uma variável apresentada por um auditório fraco torna-se evidente quando se fala ao telefone. Faz-se necessária uma estimulação freqüente por parte do ouvinte para manter o comportamento verbal em ação. *Você está aí?* é um *mando* para tal estimulação.

O caráter do auditório muitas vezes é marcado por uniformes especiais ou outros sinais. Assim, numa convenção, uma fita especial usada pelos membros do comitê local pode funcionar para indicar que tal pessoa é um auditório a quem podem ser dirigidas perguntas acerca de arranjos locais. Vendedores, que numa loja usam um tipo especial de roupa, também servem mais satisfatoriamente como auditório para os fregueses. Numa loja em que os vendedores se vestem como os fregueses, (numa estação do ano em que os fregueses entram nas lojas sem casacos ou chapéus), o freguês pode dirigir uma pergunta sobre a mercadoria de uma forma obviamente constrangida por causa da incerteza acerca da variável auditório. Julian Sorel, herói do livro *Le Rouge et le Noir,* de Stendhal, tornou-se empregado de um homem de situação social superior à sua, o qual, todavia, muitas vezes aceitava-o como seu igual. Para reduzir a confusão resultante da ambigüidade de Sorel enquanto auditório, seu patrão forneceu-lhe roupas condizentes com sua alta posição social. Nas ocasiões em que pretendia falar a Sorel como a um igual, Sorel vestia tais roupas. Quando Sorel aparecia com outras roupas, seu patrão dirigia-se a ele como a um empregado.

A fraqueza da representação física do auditório apresenta ao mesmo tempo um problema prático e um problema teórico. Esse tipo de variável é notoriamente deficiente. Ficamos constrangidos diante de um novo conhecido, especialmente quando ele não se parece com pessoas familiares, porque ele ainda não reforçou nosso comportamento verbal e não temos nenhum comportamento com força suficiente para ser emitido. Mesmo quando estamos falando a um auditório bem definido, é fácil misturar repertórios, usar palavras estrangeiras, quando palavras do idioma local serviriam, introduzir termos técnicos numa conversa casual, misturar dialetos ou termos apropriados para grupos diferentes, etc.

O *auditório distante:* O reforço do ato de escrever uma carta (ou de ditar uma mensagem ao gravador para enviá-la a alguém) é, como vimos, procastinado e, assim, tende a ser fraco. Sentimo-nos menos inclinados a escrever a um amigo do

que a falar com ele se ele aparecer subitamente. Qualquer estímulo discriminativo associado com um reforço procastinado seria fraco se não houvesse outras razões; mas, no caso da redação de uma carta, não há estímulos correntes fortes que substituam a presença do indivíduo. O que é que controla os repertórios e os assuntos de uma carta? De nada servirá apelar para a "imagem mental" da pessoa a quem se escreve, pois teríamos o mesmo problema para explicar o que é que causa as imagens. "Ver uma pessoa" é uma atividade cognata da de falar com ela. Ambas podem ser executadas em sua ausência, especialmente sob condições de força excepcional.[51] Não temos qualquer razão para dizer que uma é a causa da outra. Não falamos a alguém porque o vemos, nem o vemos porque falamos com ele. Quando tal pessoa não está presente, o acontecimento ou circunstância que "o traz bem nítido a nossa mente" pode também fortalecer o comportamento verbal sob seu controle como auditório. Um trecho favorito de música, um episódio em que ele poderia estar interessado ou uma carta expedida por essa pessoa pode levar-nos a "nos lembrarmos dela". Podemos adquirir algo comparável à sua presença física colocando uma saudação no começo da carta. Os que escrevem cartas costumam recorrer a retratos ou a outras lembranças claramente visíveis quando se põem a escrever. Uma vez iniciada uma carta, cria-se um substituto para um auditório mais específico, como veremos logo a seguir.

O Auditório Negativo

Na ausência de um auditório, é pequena a probabilidade de um comportamento verbal. Mas ela pode ser baixa também na presença de um tipo de ouvinte que deve ser distinguido como uma "ocasião para não responder": Esse é o ouvinte que, sob certas circunstâncias, pelo menos, não reforça o comportamento verbal da maneira habitual. Um auditório comum em circunstâncias de muito ruído ou distração constitui um exemplo: o falante, cujas observações geraram risadas barulhentas ou protestos violentos, espera que o silêncio se refaça antes de prosseguir. O vôo de um morcego pode destruir o caráter de auditório de uma sala cheia, que até então se mostrara muito atenta. Uma pessoa encontrada pela primeira vez, mas que se revela surda ou pouco familiarizada com a língua do falante, ou que simplesmente se mostra indiferente a um comportamento verbal correntemente forte, logo perde qualquer caráter de auditório que poderia ter tomado de empréstimo a pessoas semelhantes por meio de indução de estímulo.

Podemos distinguir, todavia, entre o ouvinte que simplesmente não reforça o comportamento verbal e o ouvinte que o pune. Um auditório na presença do qual o

[51] Science and Human Behavior, capítulo 17.

comportamento verbal é punido pode ser chamado de "auditório negativo". Reis, altas autoridades governamentais, poderosos executivos podem tornar-se auditórios negativos nesse sentido. Em sua presença, um falante responde a questões e só fala quando se dirigem a ele. Pais e outros adultos podem assumir esse caráter para crianças que "devem ser vistas e não ouvidas". Os personagens num palco também constituem exemplo desse tipo de auditório. As crianças participam do que está ocorrendo no palco, avisando os personagens, aconselhando-os, etc, mas o auditório adulto é impedido de ter atuação semelhante por causa de punições bem conhecidas, igualmente ridículas, ou o *mando Sh! Sh!.* O ingênuo Sir Rober de Coverley,[52] que só freqüentava o teatro esporadicamente, parecia uma criança nesse aspecto. Que todos os auditórios possuem em certa escala comportamentos desse tipo pode ser visto nos casos em que, sob grande pressão, um aviso ou um conselho é dado a uma personagem no palco. Num drama policial, um personagem simpático que, apressadamente removia as impressões digitais por ele deixadas na cena do crime, estava se esquecendo de uma tesoura que havia sido visivelmente manejada por ele. Surgiu então no auditório um sibilo claramente perceptível e no qual a palavra *tesoura* era sussurrada por várias pessoas. Isto se repetia cm todas as sessões.

Alguns auditórios negativos controlam apenas parte do repertório do falante. Uma comunidade que fale exclusivamente o francês não só falha em reforçar o repertório inglês do visitante bilíngüe, como pode até puni-lo. A criança eventualmente aprende que a "linguagem familiar" de sua casa não apenas é ineficaz no mundo fora do lar, como pode até mesmo ser punida pelo ridículo. O mundo exterior ao lar torna-se assim um auditório negativo eficaz para a "linguagem familiar" infantil. A gíria, o dialeto, o jargão e a dicção poética possuem comu-mente auditórios negativos, bem como positivos. Há também auditórios negativos para certos assuntos. O comportamento verbal relativo ao ouvinte ou a pessoas importantes para ele pode ser recebido de forma aversiva. Aprendemos a mencionar certos tópicos ou certos acontecimentos. Com alguns ouvintes, chegamos a evitar os *mandos* ou a usar em seu lugar *mandos* disfarçados. A punição depende também da extensão do controle do estímulo. Determinado ouvinte pode constituir um auditório negativo para *tactos* metafóricos, exageros ou mentiras.

Entre os efeitos da punição inconsistente ou excessiva, encontram-se muitos sintomas neuróticos, incluindo a "repressão" de algumas áreas do comportamento verbal. Muitas vezes o psicoterapeuta precisa mostrar-se como um auditório não-punitivo. O comportamento do paciente a quem se permite prosseguir sem punição

[52] Sir Roger de Coverley é personagem criada por Sir Richard Steele e depois desenvolvida por Joseph Addinson no jornal que ambos editavam (The Spectador), no século XVIII. (N. da T.)

é quase exclusivamente verbal. Se ocorre a mudança requerida no controle do auditório, o paciente pode emitir comportamentos antes punidos, inclusive comportamentos aparentemente esquecidos (ver capítulo 16).

O Falante Como Seu Próprio Auditório

As pessoas freqüentemente falam consigo mesmas. Isto pode ser observado quando o comportamento vocal é aberto — ou porque não foi "reprimido" para o nível de encoberto (ver capítulos 15 e 19) ou porque voltou para o nível aberto sob condições de realimentação limitada (ver capítulo 16). Em tais casos, e provavelmente quando fala com outros, o falante reage como um ouvinte a seu próprio comportamento. Nesta medida, como ele automaticamente reforça a si mesmo, ele deve ser encarado como um auditório que afeta a força de partes relevantes de seu comportamento. Ao primeiro exame, pode parecer que não somos capazes de demonstrar o efeito de tal auditório da maneira usual — isto é, removendo-o ou apresentando-o e, ao mesmo tempo, observando diferenças na quantidade do comportamento verbal, do repertório exibido, dos assuntos especiais selecionados, etc. Todavia, o falante é efetivamente removido como seu próprio auditório sob certas condições de fala ou escrita "automática" (capítulo 16), e emergem então respostas para as quais o próprio falante constitui um auditório negativo. Ele adquire essa função quando, como resultado de um condicionamento especial pela comunidade, seu comportamento se tornou aversivo. Quando a punição automática resultante leva à "repressão", o indivíduo age como se não estivesse ouvindo sua própria fala ou não estivesse lendo sua própria escrita. Podemos encorajar a supressão do auto--auditório prevenindo ou reduzindo a realimentação normal do comportamento verbal.

Outros auto-auditórios são descritos na linguagem tradicional, própria de certos grupos, como "egos" ou personalidades.[53] O indivíduo fala consigo mesmo no sentido de que um sistema de respostas em seu comportamento age sobre outro. Seu comportamento verbal depende de qual dos "egos ouvintes" é o dominante. O solilóquio dramático sugere amiúde uma discussão entre vários falantes, mais do que uma ligação intraverbal num único repertório.

O comportamento verbal primariamente controlado pelo eu como um auditório pode mostrar mudanças progressivas. O escritor de diários é afetado pelo reforço automático contínuo, e o controle de auditório que ele exerce sobre si mesmo pode tornar-se mais agudo. A probabilidade de escrever pode aumentar, e repertórios especiais ou assuntos especiais podem surgir. Todavia, a extensão na qual um

[53] Science and Human Behavior, capítulo 18.

falante é seu próprio auditório talvez não valha nada, mesmo quando ele não muda. A importância relativa desse auditório especial pode ser observada quando, falando com outros, o falante se mostra relativamente insensível às condições do auditório externo — quando, por exemplo, ele fala em condições em que não pode ser ouvido, ou só pode ser ouvido com dificuldade, ou quando continua falando, mesmo quando o auditório externo se afastou ou claramente voltou sua atenção para outros assuntos. O auto-falante será relativamente insensível a línguas ou sub-línguas mais eficazes no outro auditório: isto é, referir-se-á a coisas, pessoas ou fatos com os quais somente ele está familiarizado, usará pronomes sem antecedentes, omitirá argumentos que só são óbvios para ele. Não falará necessariamente claro e forçosamente repetir-se-á. Entregar-se-á a seus passatempos favoritos, falará com nostalgia sobre sua própria história, insistirá em falar sobre seus temas favoritos, usando expressões favoritas. Em tudo isso observamos uma insensibilidade face aos auditórios externos, positivos ou negativos, e podemos concluir que o indivíduo está primariamente falando consigo mesmo.

Outras Variáveis Que Possuem Um Efeito De Auditório

Os tipos de controle exercido pelo auditório seguem-se de nossa contingência simples de três termos de reforço. Qualquer condição estimuladora sob a qual o comportamento verbal eventualmente é reforçado adquire controle sobre sua força. O ouvinte, estando necessariamente envolvido no reforço (mesmo quando o ouvinte é o próprio falante) torna-se, como um auditório, uma variável que altera a força, ou de todo o comportamento verbal do falante imediatamente, ou dos repertórios especiais definidos pela forma de resposta, ou pelos "temas" entre as variáveis de controle.

Outros estímulos podem ocupar a mesma posição no paradigma de três termos. Eles podem diferir do auditório, por não estarem envolvidos de perto no reforço, mas o processo de discriminação não depende de nenhuma conexão "real" ou "funcional". Se, por exemplo, o comportamento verbal é caracteristicamente reforçado num dado lugar, o próprio lugar pode adquirir controle. Podemos, assim, observar uma mudança imediata no nível de nosso comportamento verbal quando entramos num clube, num salão de jantar ou em outro lugar onde comumente se fala. Há lugares — como igrejas ou bibliotecas — que funcionam como auditórios negativos. Em tais lugares, podemos estar conscientes de um baixo nível de comportamento verbal, mesmo quando surge uma circunstância, a qual, em outro lugar, poderia gerar considerável produção. Lugares pouco usuais podem não partilhar desse caráter de auditório através de uma indução de estímulo, e podemos dizer que em tais situações ficamos sem fala. Os lugares podem desenvolver um controle especial para as subdivisões de um repertório que chamamos de fala. A fala

das crianças pode ser tão controlada pelo lar quanto pelas pessoas do lar. O falante bilíngüe, que fala uma língua no trabalho e outra em casa, pode falar consigo mesmo, em cada lugar, na língua apropriada. Da mesma maneira, um lugar pode controlar especificamente o comportamento verbal apropriado a um dado assunto. Um cientista tende mais a falar de assuntos profissionais em seu laboratório do que em outro lugar qualquer.

O efeito de auditório de um simples lugar tem sido explorado por escritores profissionais, os quais notoriamente sofrem as desvantagens de um auditório procrastinado e mal definido. Anthony Trollope[54] recomendava e seguia escrupulosamente a prática de escrever sempre no mesmo lugar e na mesma hora do dia, todos os dias. Nessas circunstâncias, o escritor pode começar a escrever mais depressa, fazê-lo mais facilmente, adotar uma linguagem característica e tratar mais eficazmente de um dado assunto do que o faria se o fizesse cada dia num lugar. Alguns escritores preferiam escrever na cama, outros diante de um fogo estrepitoso. Dizem que Buffon só era capaz de escrever quando estava elegantemente vestido e cercado de criados em sua casa de verão. O epistológrafo pode achar um substituto adequado para presença do destinatário de sua carta se escrever no mesmo lugar, com os mesmos materiais, na mesma hora do dia e, de preferência, todos os dias, pois essas circunstâncias reúnem o comportamento apropriado a um certo correspondente.

O próprio comportamento verbal torna-se tal variável. Uma vez que as respostas raramente ocorrem isoladas, partes anteriores de um segmento de comportamento geram estímulos por ocasião da emissão das partes posteriores. Quando o controle de estímulo é especificamente estabelecido, como ao ensinar uma criança a recitar um verso, a contingência de reforço é explícita e uma única resposta é controlada. A resposta intraverbal estrita não é um exemplo da relação de auditório, e as tendências intraverbais gerais, reveladas no teste de associação de palavras, e presumivelmente devidas ao uso contíguo, também podem ser encaradas como a simples média de muitas relações de conflito. Todavia, algumas características de uma língua, como resultado de uma fala mantida, podem adquirir controle de auditório. A partir do fato óbvio de que tendemos a falar numa língua por períodos substanciais de tempo, segue-se que as respostas em inglês tendem a ser reforçadas na presença da estimulação proporcionada por outras respostas em inglês, enquanto que as respostas em francês tendem a ser reforçadas na presença da estimulação proporcionada por outras respostas em francês. Quando estamos falando francês, a tendência é continuar a fazê-lo. O bilíngüe hábil, ao tomar de empréstimo uma

[54] TROLLOP, A., Autobiography. Seu preceito: Nulla dies sine linea.

expressão mais apropriada de uma segunda língua, pode surpreender-se continuando a falar nessa segunda língua.

O controle exercido pela língua é especialmente claro quando um auditório muda subitamente do inglês para o francês. Exceto para o bilíngüe muito competente, uma simples mudança de ouvinte não acarreta uma mudança completa nas probabilidades dos repertórios. O repertório apropriado torna-se gradualmente disponível, à medida que o comportamento progride. Parte desse comportamento pode ser devida a respostas intraverbais auto-ecóicas e explícitas, mas é possível também que uma condição geral que se assemelha à de um auditório se desenvolva gradualmente. O comportamento intraverbal é mais efetivo no nível da unidade operante, mas os operantes franceses são também caracteristicamente reforçados na presença de um francesismo geral da fala recente, construído por um conjunto particular de sons vocais. Quando alguém começa e continua a falar em francês, esse alguém lentamente reconstrói uma condição característica sob a qual o comportamento francês é reforçado e na presença do qual ele é de maior força. Da mesma forma, ao escrever uma carta, a ausência da pessoa a quem nos dirigimos, ou a ausência de qualquer lugar característico no qual as cartas são escritas, pode ser compensada pelos primeiros parágrafos da mesma. O que se segue é, em parte, um comportamento textual e intraverbal que abrange um repertório especial, cuja probabilidade é aumentada pela primeira parte da carta, tal como seria aumentada pelo surgimento da pessoa a quem escrevemos.

O comportamento textual depende freqüentemente do efeito de auditório do comportamento anterior ou do próprio texto. Quando se está falando em inglês, lemos *ALSO,* [TAMBÉM], como o inglês *also;* quando se está falando o alemão, lemos o mesmo texto como o alemão *also.* Um texto fragmentário pode ser lido "em inglês", ou em alguma outra língua, dependendo de possíveis características superficiais do texto, tais como grupos de letras comumente repetidas. Um anúncio que começa com o texto: I.E.S. LAMPS RELIEVE... leva a uma tentativa malograda de lê-lo em francês pois I.E.S. evoca o francês *Les.* Assim, ao falar em francês, a gente emite uma forma de resposta em francês não apenas por causa da presença de um dado auditório, ou de alguma situação que funcione em lugar de um auditório, mas por causa das respostas adjacentes em francês que agem como estímulos controladores.

O efeito de contexto ao promover a seleção de uma forma de resposta, onde pode ser usada outra resposta verbal, exemplificada a causação múltipla que a variável auditório sempre envolve e que será discutida posteriormente no capítulo 9. Vimos que não há sinônimos verdadeiros, pois quando todas as variáveis foram especificadas não sobra escolha de termos. Todavia, uma de duas formas alternativas pode ser evocada por parte de uma situação dada, dependendo do resto dessa situação. O comportamento verbal adjacente pode ser relevante. Assim, num

exemplo familiar dizemos "peixe" quer como coisa comestível, ao discutir os costumes da quaresma, quer, em zoologia, como uma classe de vertebrados, mas dizemos "porco" quando nos referimos a uma fazenda e dizemos "leitão" quando nos referimos à cozinha. Podemos nos referir a um grupo de animais como a um cardume, quando se trata de' peixes, e como a um rebanho, quando se trata de gado. Há muitos outros termos que variam entre espécies animais para traços que, de outra forma, são comuns. Temos, por assim dizer, diferentes línguas para falar de animais diferentes. Falando na língua dos lobos, dizemos que um grupo de lobos forma uma alcatéia e na língua dos porcos dizemos que um grupo de corpos constitui uma vara.[55]

Pequenos grupos de respostas, entre as quais outras variáveis, podem fazer uma seleção, às vezes são reforçados diferen-cialmente por motivos especiais, como veremos no capítulo 10. Por exemplo: o *mando "Dê-me o nome de um Presidente dos Estados Unidos"* proporciona um estímulo intraverbal para uma pequena família de respostas (o nome dos presidentes) entre as quais uma variável, possivelmente trivial, efetuará uma escolha. Escolher um tópico para um ensaio tem mais ou menos o mesmo efeito, e o escritor pode aumentar a extensão e a coerência de seu comportamento encontrando um título de sucesso e mantendo-o bem visível diante de si. Ainda que, neste caso, o processo seja idêntico ao estabelecido por um auditório como uma variável de controle, não seria conveniente ampliar a noção de auditório para cobrir tais casos, ou usar a noção de operante intraverbal para abarcar todos os efeitos do auditório.

[55] No original, o exemplo refere-se a raposas e coelhos, e não apenas são apresentadas palavras especiais para designar um grupo de tais animais, como também palavras especiais para designar o rabo de cada espécie. (N. da T.)

Capítulo 8

O OPERANTE VERBAL COMO UNIDADE DE ANÁLISE

Os seis tipos de relações funcionais no comportamento verbal definidos até aqui podem ser resumidos da seguinte forma:

No *mando,* uma dada forma de resposta, que caracteristicamente produz um dado reforço, varia em força de acordo com o estado de privação ou de estimulação aversiva apropriada a esse reforço. Nenhum estímulo anterior determina a forma específica da resposta.

No comportamento *ecóico, textual* e *intraverbal* a resposta é determinada por um estímulo verbal anterior — auditivo, no primeiro caso; escrito ou impresso, no segundo; e ambos, no terceiro. O controle concentra-se no estímulo mediante a generalização do reforço. No comportamento ecóico e textual existe perfeita correspondência entre as propriedades do estímulo e da resposta, correspondência que torna possível um repertório de unidades mínimas. Não há repertório comparável de unidades intraverbais, desde que as relações de controle são, geralmente, coincidentes, conflitantes e usualmente fracas.

No *tacto,* o estímulo que controla a forma de resposta costuma ser não-verbal. O controle de estímulos é salientado pela generalização do reforço. O controle é partilhado por todas as propriedades do estímulo, e um novo estímulo que possua uma ou mais das mesmas propriedades pode ser eficaz. Respostas controladas por algumas das propriedades de um estímulo podem apresentar uma extensão genérica, metafórica, metonímica ou solepcista. Todavia, através de um processo especial de reforço diferencial, o controle pode restringir-se a uma propriedade ou a um grupo de propriedades em abstração.

Certas conseqüências especiais podem afetar a relação de *tacto.* Uma medida especial de reforço generalizado pode alterar a extensão ou a exatidão do controle de estímulo, e isso tende a ocorrer mais como resultado sobre o ouvinte, de efeitos

especiais, relacionados com condições específicas de privação ou estimulação aversiva no falante.

O *auditório* é um estímulo anterior, usualmente não-verbal, que controla grupos de respostas. Quando duas ou mais respostas estão sob o controle do mesmo estímulo, o auditório age para selecionar uma delas. O repertório sob o controle de um auditório pode ser uma língua, um jargão, uma gíria profissional ou alguma subdivisão do comportamento do falante menos bem definida.

Essas relações funcionais são úteis, primeiramente apenas como um esquema classificatório, funcionando nesse sentido um pouco como os esquemas classificatórios da gramática. Não se trata de uma classificação das formas de respostas, uma vez que não podemos dizer, a partir apenas da forma, em que classe uma resposta se encaixa. *Fogo* pode ser 1) um *mando* para um pelotão de fuzilamento; 2) um *tacto* para uma conflagração; 3) uma resposta intraverbal ao estímulo *Pronto, Pontaria;* 4) uma resposta ecóica ou 5) uma resposta textual aos estímulos verbais apropriados. É possível que propriedades formais da resposta vocal, especialmente sua entonação, possam sugerir um tipo de variável de controle, mas não podemos fazer uma análise partindo apenas dessa evidência interna. Para classificar eficazmente o comportamento, precisamos conhecer as circunstâncias sob as quais ele é emitido. (Isso é verdade igualmente para as classificações da gramática tradicional, não obstante os múltiplos esforços para estabelecer sistemas puramente formais. A prática gramatical padronizada, quando confrontada com um registro do comportamento verbal, consiste em reconstruir um plausível estado de coisas que represente um controle.)

As contingências de reforço surgidas das relações entre falante e ouvinte também contam para outras distinções na gramática, na sintaxe e no vocabulário leigo. Assim como poderíamos classificar mandos como ordens, pedidos, conselhos, etc, recorrendo a diferentes aspectos do comportamento do ouvinte, assim também os tactos podem ser classificados como elementos que mencionam, anunciam, proclamam, nomeiam, relatam, etc. O vocabulário leigo tem termos que não estão comprometidos com o tipo de comportamento {diga, note, observe), que distinguem estados de força {insisto, asseguro, duvido, adivinhe) [e] que se referem a arranjos sutis do falante e do ouvinte [afirmar, dar testemunho, falar em nome de, alegar, renegar, ahjurar, protestar, promulgar, confirmar, confessar, tagarelar, revelar, mentir, mencionar, denunciar, prometer, proclamar, apostar, confessar, conceder, admitir, pleitear). Essas distinções costumam ser atribuídas à "intenção" do falante ou a algum outro estado ou atividade psicológica. Podemos definir subclasses desse tipo recorrendo às mesmas contingências de reforço que caracterizam os tipos principais de operantes verbais. Aqui todavia, não temos razão para entrar nesses detalhes.

A classificação não é um fim em si mesma. Mesmo que qualquer exemplo de comportamento verbal possa ser apontado como uma função de variáveis numa ou mais dessas classes, há outros aspectos a serem tratados. Tal formulação permite-nos aplicar ao comportamento verbal conceitos e leis que emergem de uma análise mais geral. Todavia, antes de voltar a essa extensão da análise, seria bom que considerássemos alguns aspectos adicionais da classificação do comportamento verbal e certos problemas tradicionais que eles trazem à baila.

A "Mesma Palavra" Em Diferentes Tipos De Comportamento Verbal

Tradicionalmente, dir-se-ia que a mesma palavra pode ocorrer em todos os tipos de operantes verbais. Assim, a palavra neve pode aparecer como um mando, um tacto ou uma resposta intraverbal, ecóica ou textual. Diz-se também que uma palavra pode aparecer, quer em sua forma vocal, quer em sua forma escrita. Sobretudo, como vimos, é característico da teoria semântica tratar com o ouvinte e com o falante ao mesmo tempo e dizer que a resposta de um contém a mesma palavra que o estímulo para o outro. A prática tradicional pode levar-nos a procurar uma nova unidade de análise — algum elemento comum, em nossos diferentes tipos ou modos de comportamento verbal, ou no comportamento do falante e do ouvinte — e supor que o indivíduo adquire espontaneamente um tipo de comportamento enquanto está adquirindo outro. Vejamos se a admissão tradicional se justifica e se podemos estabelecer algum conceito com a mesma generalidade.

A Mesma Forma de Resposta em Diferentes Tipos de Operantes

Na terminologia do significado, dizemos que a palavra *boneca é* usada num momento para "pedir uma boneca" e em outro "para descrever ou nos referirmos a uma boneca". Todavia, quando a resposta *Boneca* foi adquirida como um *mando,* não esperamos que a criança possua espontaneamente um *tacto* correspondente de forma semelhante. Se encontramos os dois tipos de operante no repertório da criança, precisamos explicá-los separadamente. Isso parece tornar mais difícil, a tarefa de explicar o comportamento verbal, mas a vantagem que parece ser obtida pelo conceito tradicional da "palavra *boneca" é* contrabalançada pelo problema remanescente de explicar como uma criança pode aprender a usar uma palavra, quer para "expressar um desejo", quer para "descrever um objeto". A formulação como um todo não foi simplificada; parte da tarefa foi apenas adiada. Se vamos aceitar a responsabilidade total de criar uma explicação para o comportamento verbal, precisamos aceitar o fato de que o *mando* "boneca" e o *tacto* "boneca" envolvem relações funcionais distintas, que só podem ser explicadas descobrindo-se todas as variáveis relevantes.

Ao explicar tais casos, não devemos cometer o engano de explicar demais. A mesma forma exata de resposta, raramente para não dizer nunca, é encontrada em dois operantes. O foneticista hábil perceberá diferenças entre o mando *Fogo!* e o tacto *fogo.* Mais ainda: nem todas as formas existem nos dois tipos de resposta. Por exemplo: parece que não há *tactos* que correspondam aos mandos *Psst! Oh!,* e veremos que isso também ocorre numa classe de respostas a ser tratada no capítulo 12. Respostas que *tactam* propriedades sutis dos estímulos podem não ocorrer nunca na forma de *mando* ou, pelo menos, só ocorrerão em circunstâncias nas quais os *mandos* podem ser tomados com incluídos numa forma de especificação que não está longe de um *tacto.*

Todavia, uma resposta verbal de uma dada forma às vezes parece passar facilmente de um tipo de operante para outro. O falante comumente começa com um *tacto* e em seguida parece possuir um *mando* correspondente. Uma criança numa loja de brinquedos, incapaz de identificar um brinquedo particular, pergunta O *que é isso?* e lhe respondem *Um joão-bobo.* Isso é um estímulo para uma resposta *ecóica* — do tipo usado comumente para reforçar a resposta como um *tacto.* Mas a criança diz imediatamente *Me compra "um joão-bobo".* Ela nunca fora reforçada a dar essa resposta da maneira necessária para construir um *mando.* Representará isso a origem espontânea de tal tipo de operante? O adulto engaja-se num comportamento semelhante quando, em país estrangeiro, consulta o dicionário para evocar uma resposta textual que, emitida na presença de um vendedor, produz um resultado semelhante. O lojista faz o mesmo ao consultar a lista de itens a serem adquiridos. Mas tal comportamento tem uma história bastante complexa. O *mando* não surge espontaneamente, mas apenas com o auxílio de um comportamento adequado de transcrição ou translação. A criança que "não sabe o nome de um brinquedo" pode ser comparada com um carpinteiro que está segurando um prego no lugar quando seu martelo está fora de alcance. Uma resposta verbal para seu aprendiz produz o martelo. Tal comportamento é constituído passo a passo. O comportamento de "perguntar pela palavra necessária para pedir um brinquedo" é um *mando reforçado* (e assim especificado) pelo comportamento do auditório da parte do ouvinte, o qual, quando repetido, produz caracteristicamente, o brinquedo. Ocorrido isso, a resposta existe como um *mando* independente, porque foi reforçada como tal. A resposta geral O *que ê isso?* também é reforçada e será mais forte em ocasiões posteriores. (É esse tipo de situação que reforça a noção de palavra como um instrumento, mas a analogia é de pouco auxílio na formulação do caso. Basicamente, não é mais simples afirmar que "a criança descobre qual é a palavra para o brinquedo e, em seguida, a utiliza para pedir o brinquedo".)

É possível que todos os *mandos* reforçados pela produção de objetos, ou por outras situações, possam ser interpretados como *"mandando"* o comportamento do ouvinte

e *"tactando" o* objeto ou a situação a ser produzida. Classificações de respostas são úteis apenas na separação de vários tipos de relações de controle, e algumas respostas podem apresentar traços tanto de *mando* como de *tacto.* De qualquer forma, temos que conhecer a história de uma forma particular de resposta e de todas as variáveis que adquiriram controle sobre ela.

Uma conexão pode surgir do fato de que os acontecimentos que reforçam um *mando* freqüentemente se assemelham aos estímulos discriminativos que controlam um *tacto.* O leite que uma criança obtém com o *mando* leite assemelha-se ao leite que controla o *tacto* "leite", emitido quando se responde à pergunta *O que é isso?* Isso pode facilitar a aquisição de qualquer operante adquirido em segundo lugar. Pode estabelecer-se o *mando* "Leite!" mediante o reforço com leite como um estímulo táctil, olfativo e gustativo, alimentando uma criança exclusivamente por meio de uma garrafa opaca. Ao mesmo tempo, pode estabelecer-se um *tacto* da mesma forma por meio de uma estimulação visual do leite numa garrafa transparente. Em tais circunstâncias, uma criança presumivelmente não revelaria nenhuma tendência em transferir a resposta de um tipo de operante para outro.

Outra ligação possível pode surgir do fato de que a presença do objeto reforçador é uma condição ótima para o reforço. Assim, a presença do leite constitui parte de uma ocasião ótima na qual o "mando" *leite!* será reforçado. Apesar de a resposta permanecer um *mando* e estar primariamente sob o controle da condição de privação, a presença do leite como estímulo discrimi-nativo não é de todo irrelevante. O *mando* tenderá mais provavelmente a ocorrer na presença do leite. Isto é um passo rumo à produção de um *tacto* que, presumivelmente, facilitaria o eventual controle da resposta por esse estímulo sob reforço generalizado.

Se não há desenvolvimento espontâneo de um tipo de operante como resultado da montagem de outro, então o único problema que surge a partir da presença da mesma forma em operantes de diferentes tipos é um problema relacionado com a comunidade verbal. A "palavra", como unidade de análise, é mais apropriada às práticas da *comunidade* do que o comportamento de cada falante.

Os operantes ecóicos e textuais não apresentam problemas semelhantes, em parte porque a forma da resposta é determinada mais de perto pelo repertório mínimo em cada área. Se é usualmente seguro admitir que o falante que possui uma resposta textual possui também uma resposta ecóica, isso ocorre apenas porque o comportamento ecóico é quase que inevitavelmente adquirido antes do textual. A transferência em direção contrária nunca é alegada; ser capaz de repetir uma resposta não é garantia de que uma resposta semelhante será evocada por um texto. Nem tampouco se afirma que, porque alguém é capaz de ler ou de repetir uma palavra corretamente, esse alguém seja capaz de usá-la corretamente num *mando* ou *tacto.* A única outra conseqüência importante envolve o comportamento

intraverbal, o qual costuma ser tão semelhante ao *tacto* que se admite a transferência espontânea de um tipo para outro. Por exemplo: muitas vezes se argumenta que uma resposta adquirida intraverbalmente, ao estudar um manual, torna-se automaticamente disponível como um *tacto* em relação ao assunto do texto. Mas uma análise semelhante mostraria, provavelmente, que isso não é verdade, e essa suposição pode muito bem explicar a fraqueza de muitas práticas educativas.

A condição patológica do comportamento verbal chamada afasia, salienta amiúde diferenças funcionais dificilmente compreendidas em termos da explicação tradicional. O afásico pode não ser capaz de nomear um objeto, apesar de emitir o nome imediatamente ao *mandá-lo;* ou pode ser capaz de nomear um objeto apesar de não ser capaz de repetir-lhe o nome após alguém tê-lo lido num texto, como era capaz de fazê-lo anteriormente. Mas isso surpreende apenas na teoria tradicional. O afásico perdeu algumas das relações funcionais que controlam seu comportamento verbal. Uma resposta com uma dada forma pode não estar mais sob o controle de uma relação funcional, mas permanecer sob o controle de outra.

Não importa quão útil possa ser o conceito de palavra na análise das práticas reforçadoras de uma comunidade verbal; nem por isso ela representa uma unidade funcional no comportamento do falante como indivíduo. Precisamos aceitar a responsabilidade de dar uma explicação independente de como respostas de idêntica forma aparecem em diferentes tipos de operantes.

A Mesma Resposta por Meios Diferentes

A noção de que a "mesma palavra" pode ser escrita ou falada pode levar-nos a dizer que a mesma resposta verbal pode ocorrer por meios diferentes. Mas falar e escrever são, obviamente, tipos diferentes de comportamentos que utilizam de modo diferente diferentes partes do corpo. Para poder parafrasear "a mesma palavra usada de maneira diferente" como "a mesma resposta em tipos diferentes de operantes" precisamos ligar o comportamento da fala com o da escrita, apontando algo comum quer nas ocasiões em que o comportamento ocorre, quer entre os efeitos que eles produzem no ouvinte ou no leitor. Mas variáveis comuns de controle, que agem quer antes do comportamento na situação estimuladora, quer após o comportamento como parte do acontecimento chamado reforço, não nos autorizarão a passar de uma forma de resposta para outra. As duas formas de comportamento devem ser condicionadas em separado.

Há, todavia, outra possibilidade. Toda pessoa alfabetizada possui um comportamento de transcrição mediante o qual ele se move rapidamente de uma resposta, num meio, para uma resposta correspondente, em outro meio. Que a possibilidade de conversão contribui para a noção de "a mesma resposta por meios diferentes" torna-se claro quando vemos que não tendemos a recorrer a tal noção

em línguas que usam hieroglifos em sua escrita. Nesse caso, o processo de transcrição perde a correspondência exata do repertório mínimo da escrita e da leitura fonética. Mais ainda: o hieroglifo, com seus vestígios sobreviventes de uma construção de modelos, tem maior afinidade com a ocasião para a resposta do que com a própria resposta.

Não se alegue, portanto, que, dada a forma falada, "conhece-se" em seguida a forma escrita. Nem tão pouco está implícito que para toda forma escrita existe uma forma falada, e vice-versa. Isto pode ser encarado como uma falha de transcrição. Muitos alfabetos são fonéticos apenas grosseiramente, e escrever torna-se, então, uma transcrição grosseira. Muitas línguas escritas contêm muitas formas essencialmente ideográ-ficas ou logográficas — isto é, respostas escritas que estão sob o controle direto de estímulos (usualmente) não-verbais, mas que correspondem a unidades relativamente amplas de comportamento vocal, sem a menor correspondência fonética. Em alguns casos, a resposta escrita não é controlada apenas pela forma de resposta vocal (como pode ser verdade no comportamento de um bom taquígrafo), mas por suas relações com as variáveis de controle. Assim, a resposta vocal *segunda* leva à resposta escrita 2.ª apenas quando a resposta vocal é dada diante de um numerai ordinal, e não diante de uma das unidades do mostrador do relógio.

Às vezes, parece estar implícito que a forma falada *é* a palavra e que a forma escrita é apenas uma forma de representá-la. Isso torna o processo de transcrição unilateral. Mas não temos motivos para supor que haja qualquer meio básico de comportamento verbal. Uma forma de resposta tende a ser aprendida por um dado falante, e pode permanecer tão forte que ocorrerá primeiro em qualquer ocasião; mas o inglês escrito, por exemplo, é estabelecido à parte de qualquer comportamento vocal nos surdos-mudos, e pode continuar como uma língua em pleno desenvolvimento por si mesma numa comunidade de surdos-mudos. Mesmo onde há um paralelo vocal, é muitas vezes evidente que partes de um repertório escrito ainda são primordiais. Vocabulários escritos e falados separados constituem a regra, e não a exceção. Algumas partes do comportamento matemático são predominantemente escritas, e respostas vocais correspondentes são usualmente textuais em sua natureza, pelo menos para alguns matemáticos.

Uma vez que estão envolvidos músculos diferentes, o comportamento escrito e o falado podem ser executados ao mesmo tempo. Quando alguém está falando alto e ao mesmo tempo escrevendo "a mesma coisa", o último comportamento pode ser encarado como uma transcrição do primeiro, ou o comportamento vocal como uma "leitura" do último. Uma ordem explícita de ocorrência — digamos, do vocal para o escrito — pode ser detectada, mas os erros às vezes revelam a superficialidade desse controle. Num desses exemplos, a resposta *Uma segunda variável* foi emitida vocalmente, enquanto que *Uma certa variável* foi escrita quase que simultaneamente. Se as respostas tivessem seguido as regras de transcrição, qualquer

possibilidade de controle independente poderia ter passado despercebida; mas há, evidentemente, uma relação intraverbal separada controlando a resposta escrita, mesmo quando ela revela correspondência de transcrição no padrão de acentuação, no som da consoante inicial e no som *n* na segunda sílaba.

Mesmo que os repertórios escrito e falado sejam adquiridos de forma separada e possam ser exibidos concorrentemente, permanece a questão de se saber se os reforços de uma área podem ter efeito em outra. Por exemplo: uma criança que aprendeu a escrever e que adquiriu o *mando* vocal *Água!* por meio de reforço com água será capaz de demonstrar espontaneamente o *mando* escrito *Água!* sem qualquer condicionamento específico da resposta escrita? Algo parecido parece claro na transferência geral para o comportamento escrito que ocorre quando o comportamento vocal, por qualquer razão, é impossível — por exemplo, quando o aparato vocal do falante foi danificado ou quando o ouvinte está fora do alcance da esti-mulação auditiva Mas é difícil interpretar isso enquanto o comportamento de transcrição não puder ser excluído. É perfeitamente possível que uma criança que tenha aprendido a escrever apenas no sentido de copiar outras coisas escritas seja incapaz de realizar essa transferência, ou que a criança que tenha aprendido a escrever a partir de um ditado precise também aprender a "transcrever seu próprio ditado". Uma criança pode muito bem aprender a escrever; todavia, pode nunca "ocorrer a ela" deixar um bilhete para alguém ou recorrer à forma escrita quando o comportamento vocal é, por alguma razão, impraticável ou passível de punição. Tradicionalmente, dir-se-ia que a criança precisa aprender a *usar* a escrita, bem como aprender a escrever. Mas o "uso da escrita" suscita todos os problemas presentes.

Quando o comportamento escrito foi modificado substancialmente através do reforço, pode-se notar uma mudança no repertório vocal correspondente. Por exemplo: pode-se adquirir um repertório particularmente eficaz com relação a um correspondente que nunca se viu. Quando o correspondente é encontrado em pessoa pela primeira vez e torna-se auditório para o comportamento vocal, o efeito do reforço diferencial anterior será aparente, apesar de que ele pode não ser tão grande quanto seria se o correspondente tivesse sido sempre um auditório para o comportamento vocal. De qualquer forma, o exemplo não apresenta dificuldade, a menos que se possa demonstrar que o repertório escrito é completamente autônomo — como seria o caso de uma correspondência entre surdos-mudos. Respostas vocais ou subvocais devem ser eliminadas, como precursoras ou concomitantes do comportamento do escritor de cartas, ou como o próprio comportamento do leitor de cartas antes de a modificação independente do repertório vocal precisar ser admitida.

Podemos explicar as transferências aparentes para outros meios da mesma maneira. Apontar uma palavra num dicionário é uma forma de comportamento verbal que

surge comumente sem qualquer condicionamento especial, quando o comportamento vocal, por alguma razão, é ineficaz. Assim, podemos apontar para um cartaz onde está escrito SILÊNCIO para fazer alguém parar de falar num salão de leitura onde uma resposta vocal não seria apropriada. Podemos pedir uma refeição anotando numa lista os itens desejados, lista esta que depois é mandada para a cozinha. Tal comportamento pressupõe respostas textuais tanto no "falante" como no "ouvinte". Pressupõe também certas respostas verbais por parte do falante, respostas que têm a função do comportamento transcritivo ou de translação do capítulo 4. Muitas vezes, os diferentes estágios podem ser de difícil observação. Quando uma refeição é ordenada por meio de uma lista, um homem pode começar por emitir (possivelmente de forma inaudível) um comportamento textual, isto é, ele lê a lista. Algumas de suas respostas suplementam respostas latentes sob a forma de *mandos.* A lista "aprofunda" seu repertório de *mandos* na forma descrita no capítulo 10. O indivíduo observa isso quando descobre "aquilo que ele quer pedir". Conferir os itens apropriados numa lista é outro passo, que, com certeza, deve ser aprendido separadamente.

Esses estágios são óbvios quando os dois mecanismos ocorrem em 2 indivíduos: *A* lê o *menu* para *B* e as respostas de *B* são agora mais ecóicas que textuais. Algumas delas suplementam respostas sob a forma de *mandos.* B, ou repete todas as respostas de *A,* e demonstra alguma força especial ao repelir algumas com especial energia, ou pode repetir alto apenas as respostas particularmente fortes. Ele mesmo pode comentar a força especial de certos itens dizendo *Isto é o que eu quero* ou *A* pode fazer isso para ele (como quando *A é* o pai e *B* uma criança pequena).

O processo de aprender a apontar é, às vezes, bastante explícito. Aprendemos a "apontar" pressionando o botão da campainha que está ao lado do nome de um amigo nosso no vestíbulo de um prédio de apartamentos. "Apontamos" o nome de uma peça musical que queremos ouvir apertando o botão correspondente numa vitrola automática. Apontamos números numa ordem seriada quando discamos o número de um telefone. Uma resposta textual audível pode freqüentemente ser detectada em tais casos, mas uma resposta de apontar autônoma poderia ser construída. Não há nenhum problema em explicar o comportamento verbal de apontar os objetos ou os modelos imperfeitos dos objetos chamados imagens, e quase nunca se alega que tal comportamento é uma seqüência espontânea do estabelecimento de outras formas verbais. (Aqui, as possibilidades podem ser observadas nos diferentes tipos de máquinas automáticas de vender. Empurramos um embolo para indicar (a) o artigo desejado (visto através de um vidro); (b) uma amostra do artigo desejado (também visto através de um vidro); (c) uma fotografia do artigo desejado ou (d) um nome impresso. Só no último caso precisamos considerar um comportamento verbal paralelo de outro tipo.)

O controle funcional independente do comportamento em dois ou mais meios é novamente demonstrado nos comportamentos dos afásicos. O comportamento vocal pode ser perdido, enquanto que o comportamento escrito sobrevive, ou vice-versa, nos casos em que o defeito não é devido à paralisia dos mecanismos apropriados de resposta. Ás vezes, ambos os repertórios sobrevivem, apesar de um ser mais lento ou menos acurado que o outro. Do ponto de vista tradicional, isto nos deixa perplexos; segundo tal ponto de vista, o comportamento verbal é encarado como o uso de linguagem independente de qualquer meio particular. O que foi danificado nos casos de afasia é claramente o controle funcional do comportamento, e o dano afeta as linhas de controle.

Ainda que seja difícil provar que mudanças numa resposta num meio acarretarão mudanças nas respostas em outro meio, apenas pela mediação do processo de translação e de transcrição, o contrário pelo menos não foi provado. Conexões funcionais entre dois meios devem ser cuidadosamente especificadas e analisadas na explicação de cada exemplo, e o ponto de vista tradicional não fornece nenhum auxílio na simplificação dessa análise.

A Mesma Resposta Falada ou Ouvida

Embora as teorias semânticas costumem admitir que o significado é idêntico para falantes e ouvintes, o processo mediante o qual um homem se torna ouvinte difere, como vimos, daquele mediante o qual ele se torna falante. Ao adquirir um repertório verbal, o falante não se torna necessariamente um ouvinte e, ao adquirir o comportamento característico do ouvinte, ele não se torna espontaneamente um falante. Após "ter aprendido o significado de uma palavra", como ouvinte, ninguém poderá usá-la como falante, ou vice-versa. Amplas diferenças no tamanho e na composição dos repertórios falados e auditivos são em geral reconhecidos. Uma vez que as respostas do falante se transformam nos estímulos verbais do ouvinte, respostas e estímulos possuem formas similares. Além do mais, algumas das condições sob as quais um homem fala são relevantes para o efeito de seu comportamento sobre o ouvinte. Mas esses são fatos que se relacionam com as práticas de uma comunidade verbal, e devem ser explicados em termos de um significado mais amplo de tal comportamento. Eles não sugerem, no falante, nenhum processo, que seja derivado de sua posição como ouvinte, ou vice-versa, exceto através dos canais explícitos identificados numa análise do comportamento. (Aqui novamente o afásico revela em geral a importância de se insistir nessas distinções. O fato de o indivíduo poder perder sua capacidade de falar, embora continue a ser um ouvinte eficaz, só nos deixa perplexos se tivermos admitido que um processo especial de "compreensão do significado da palavra" é comum ao ouvinte e ao falante.)

A Mesma Resposta em Línguas Diferentes

É possível "dizer a mesma coisa" em línguas diferentes (por exemplo, em francês e inglês, num jargão técnico e numa língua não-técnica, ou com expressões sinônimas de uma mesma língua) no sentido de que uma situação levará a respostas diferentes, diante de contextos ou auditórios diferentes. Isso não quer dizer, é claro, que tendo adquirido uma resposta numa língua, nós, automaticamente, possuímos a forma correspondente que diz a mesma coisa em outra língua. Mas quando respostas apropriadas a duas línguas foram adquiridas separadamente, surgem certos problemas. Tendo "aprendido algo" em francês, "saberá" o falante bilíngüe o mesmo em inglês? Ou pode o cientista descrever ao leigo algo acerca do qual ele só tenha falado empregando um repertório técnico? Em caso afirmativo, o que é esse "algo" que, digamos assim, parece criar o comportamento numa segunda língua, sem o processo usual de condicionamento explícito?

Nem todos os tipos de operantes apresentam esse problema. No comportamento de repetição e no comportamento textual, o repertório mínimo é suficiente para ligar todas as sublínguas no mesmo sistema fonético ou ortográfico. Tendo melhorado nossa habilidade para falar ou escrever numa subdivisão de um repertório, não nos surpreendemos ao encontrar uma melhora comparável em outras subdivisões. Todavia, quando sistemas ortográficos diferentes estão envolvidos, uma mudança numa subdivisão pode antes atrapalhar do que ajudar na outra. Uma prática continuada de ler ou falar o francês pode aumentar os erros ao ler e falar o inglês.

Os casos importantes são aqueles em que não há um repertório mínimo comum às duas línguas. Tendo aprendido como pedir satisfatoriamente num dado restaurante, podemos transferir esse "conhecimento" para outra língua, pedindo a um garçom diferente. Tendo lido um livro em francês, podemos expor seus tópicos principais em inglês ou, tendo aprendido a taboada em inglês, percebemos que é possível multiplicar em francês. Um caso especial é a substituição "errada" de um sinônimo ao lembrar um poema ou uma passagem.

Muitos desses exemplos podem ser traduções completas, que se tornaram possíveis apenas por meio de uma aquisição prévia de um repertório intraverbal explicitamente estabelecido para tal fim. É possível também que, embora comumente apenas uma resposta seja emitida sob o controle de uma dada variável, muitas respostas sejam caracteristicamente reforçadas por ela, e tal reforço pode ter um efeito futuro. Vimos, por exemplo, que num experimento de associação de palavras a palavra estímulo tem um efeito demonstrável sobre muitas palavras-respostas. O leitor pode emitir apenas uma resposta textual para cada palavra impressa numa passagem, mas muitas respostas colaterais intraverbais podem ser reforçadas. Muitas de tais respostas pertencem ao repertório de translação, já

considerado. Numa ocasião posterior, alguma mudança na variável auditório ou em alguma fonte auxiliar de força pode produzir a lembrança de uma resposta intraverbal, em vez da resposta textual efetivamente emitida na ocasião anterior.

Uma explicação completa desse processo depende de variáveis colaterais que serão discutidas adiante, mas podemos dar um exemplo aqui: a jovem que aprendera uma canção que continha o verso *Run, run, run, with ali your might* [Corra, corra, corra, com toda a sua força], mais tarde cantou-a assim: *March, march, march, with ali your might* [Marche, marche, marche, com toda a sua força]. Este é o tipo de recordação errada, que mostra o que ela aprendeu em primeiro lugar foi a "idéia", e que, mais tarde, ela poderia expressá-la de outra forma. Mas uma clara conexão intraverbal entre *march* e *run* é estabelecida por uma comunidade que fale inglês. (Nesse caso particular, havia outras variáveis que poderiam ter reforçado o *march.* O nome da canção era *March Wind,* e a criança estava acostumada a marchar enquanto cantava essa música). Não é difícil explicar de que modo um "fato" aprendido numa língua pode ser exposto em outra. Um falante que observa uma menina de vestido vermelho e descreve o vestido como *vermelho,* mais tarde, quando interrogado por alguém de língua francesa, pode responder *rouge.* Não precisamos supor que isso seja uma translação intraverbal, ou que a resposta anterior em português seja essencial para a resposta posterior em francês. O falante pode não fazer qualquer comentário ao ver o vestido e, todavia, ser capaz de descrevê-lo corretamente mais tarde, em qualquer língua.

Uma transferência aparente de uma língua para outra pode resultar do fato de que respostas em duas línguas podem ter o mesmo efeito sobre o ouvinte. Uma vez que o falante é amiúde seu próprio ouvinte, ele pode construir uma resposta verbal que terá um efeito particular sobre si mesmo. A resposta *Marche, marche, marche, com toda a sua força* provavelmente exercia o mesmo efeito sobre a jovem que a resposta original. O fato de que a passagem "faz sentido" — e, na verdade, o mesmo "sentido" que a original — era certamente relevante não apenas para completar (ver abaixo) o processo de lembrança, mas possivelmente para reforçar a própria lembrança. A criança enfrenta o problema da tarefa de construir uma resposta verbal que preencha certas especificações (ver a V Parte). Uma conexão intraverbal concebível entre *run* [correr] e *drip* [pingar], estabelecida por meio de relações comuns com torneira, poderia ter gerado a resposta errada *Drip, drip, drip, with ali your might,* mas, além do fato de as variáveis do contexto, presente no momento, favorecerem o *march* de preferência ao *drip,* a resposta não satisfaria o teste da criança como seu próprio ouvinte. Ao relatar os pontos essenciais de algo que leu num livro ou que ouviu descrito por alguém, numa mesma língua ou numa língua diferente, o falante freqüentemente se vê às voltas com a geração de comportamento que tenha o mesmo efeito sobre si mesmo e, em caso de malogro, ele se corrige. Assim como o professor hábil adquire um conjunto de paráfrases que usa para

"explicar um ponto à classe", assim o falante adquire paráfrases especiais, que considera úteis para explicar tal ponto para si mesmo. Ao ler material técnico pouco familiar, podem-se desenvolver paráfrases simples, desenvolvidas para tais fins, assim como ao ler um material difícil em outra língua podemos recorrer amiúde a respostas de translação para os termos difíceis. Quando se pede que alguém interprete uma passagem ouvida em outra língua, a resposta mais simples pode não ser a tradução, mas a construção de outro conjunto de respostas que tenham o mesmo efeito.

Não podemos desconhecer a possibilidade de que o comportamento verbal numa língua possa dar nascimento a acontecimentos privados no indivíduo, acontecimentos que ele poderá descrever em seguida em outra língua. Um comportamento *não verbal* encoberto ocorre freqüentemente na solução de problemas, na criação de obras de arte, no comprometimento num autocontrole e na manipulação de variáveis que, de outra forma, podem afetar nosso próprio comportamento. O jogador de xadrez pode "pensar" em seu próximo movimento, mesmo na ausência do tabuleiro de xadrez, e seu comportamento, ao fazer isso, pode ou não ser verbal. Quando não o é, ele pode ainda assim descrever o movimento, presumivelmente como se ele fosse feito num tabuleiro de verdade. Operações matemáticas de tipo simples não precisam ser verbais. Confrontado com um problema verbal em aritmética, um homem pode simplesmente "ver" uma escala de número e acrescentar por antecipação um dado número de passos ao longo de tal escala. O resultado pode então ser lido como se ele tivesse manipulado uma escala física. Uma peça de um engenho mecânico pode ser designada não verbalmente sem o suporte de acontecimentos ambientais, e o resultado pode ser descrito como se o inventor tivesse desenhado o mecanismo no papel ou construído um modelo. Tais acontecimentos privados trazem à baila problemas difíceis para uma análise do comportamento dentro dos quadros de uma ciência natural,[56] mas podemos dar algumas indicações ao menos, dos diferentes tipos de variáveis que levam ao pensamento não verbal e que, por isso, pode estar envolvido na transferência de uma língua para outra.

Propriedades Dinâmicas

Uma relação funcional é mais do que uma simples conexão. Os estímulos que controlam uma resposta verbal não apenas determinam sua forma, fornecendo assim um equivalente para o sentido, mas também aumentam a probabilidade de que a resposta seja emitida. Outras variáveis que têm o mesmo efeito incluem o

[56] Science and Human Behavior, capítulo 17.

reforço, a privação, a estimulação aversiva e certas condições emocionais. Todos estes são acontecimentos independentemente manipuláveis e por isso diferem de modo relevante das idéias, tensões, habilidades, faculdades, motivos e outros conceitos semelhantes, freqüentemente usados para explicar o comportamento verbal. A vantagem é que agora podemos nos deslocar de uma classificação dos operantes verbais, na qual nosso principal interesse é semelhante ao da teoria semântica ou da gramática, para os processos complexos, tradicionalmente descritos como o "uso da língua". Em particular, temos que analisar os efeitos da combinação de variáveis, a composição de amplas amostras de comportamento verbal e atividades comu-mente chamadas pensamento verbal. Ao reconhecer a natureza comportamental das relações discutidas, preparamos o terreno para estes fenômenos mais complicados e poderemos manipulá-los servindo-nos dos mesmos princípios e leis. Antes de ampliar nosso inquérito, todavia, será necessário considerar outras condições que afetam a força do comportamento verbal como um todo, bem como certos processos nos campos do condicionamento, da motivação e da emoção, aos quais o comportamento verbal, simplesmente como parte do comportamento total do organismo humano, está sujeito. Este é também o momento conveniente para levantar a questão sobre o que leva o comportamento verbal a um fim.

A Força do Comportamento Verbal Como um Todo

Algumas variáveis reforçam o comportamento verbal independentemente da forma. A atenção do ouvinte como um reforçador é um exemplo. Qualquer comportamento verbal que evoque a atenção é reforçado independentemente de outras ações específicas do ouvinte. Os *mandos* que especificam esse reforço incluem o *a-hã,* relativamente informe, que pode prender a atenção apenas por ser um antecedente comum do comportamento verbal surgido da prática de se limpar a garganta antes de falar, e as respostas emitidas no fim das sentenças, apenas com o fito se "manter a atenção", tais como ... *e* ... , ou ... *isto é, quero dizer* ... etc. Lidamos aqui, todavia, não com formas específicas assim reforçadas, mas sim com o fato de que qualquer comportamento verbal tende a ser forte por causa de tais conseqüências.

Pode-se fazer uma distinção entre manter a atenção e ficar com a palavra. No último, caso o comportamento verbal é forte porque evita que os outros falem. Os exemplos dados podem ter esse efeito, bem como o *mando* explícito *Espere um pouco, eu ainda não acabei!* Tal comportamento pode ocorrer quando o falante tem realmente algo a dizer, mas ele tende a ser generalizado, de forma que o falante continua a falar apenas para evitar que outra pessoa o faça. Um exemplo formal disso é a técnica de obstrução, em que as regras do processo parlamentar tornam explícito o efeito reforçador. Aqui não há um *mando* comparável, a única maneira de continuar com a palavra é continuar falando. O "conteúdo" de uma obstrução

demonstra usualmente o principal efeito de tal variável: o comportamento emitido é muito fraco para ocorrer em outras circunstâncias.

Ficar com a palavra é um exemplo de comportamento sob controle aversivo. O reforço de uma obstrução é o de evitar uma ação legislativa por parte da oposição. Outra condição aversiva evitada pelo comportamento verbal independentemente da forma é o simples silêncio. Há muitas situações como vimos no capítulo 6, nas quais o silêncio é usado como punição, e por isso convém evitar os silêncios que podem ser interpretados como punição. Certas respostas-padrão — comentários sobre o tempo, a saúde do ouvinte, etc — apresentam uma freqüência relativamente alta, principalmente porque evitam o silêncio. A ameaça do silêncio leva, de um lado, a grunhidos informes, a resmungos, murmúrios etc, e, de outro, a uma probabilidade aumentada de que *qualquer* tipo de comportamento verbal seja emitido.

Um tipo de silêncio aversivo para o ouvinte, apesar de não ser usado como punição, é a interrupção de um discurso continuado. O falante pode estar distraído, esquecido ou confuso, A força da condição aversiva firmada no silêncio resultante é revelada na energia da resposta que, finalmente, se torna disponível. Quando um falante esquece um nome, algo semelhante a isto pode ocorrer: *Encontrei ontem um amigo seu chamado ... hã ... eu sei o nome dele muito bem ... ha ... Jones! Jones! Isso mesmo: Jones!* A força pouco comum indicada pela força e repetição da resposta *Jones* pode nos confundir à primeira vista, uma vez que a resposta só foi lembrada depois de algum tempo e, portanto, deve ter sido *fraca.* Mas tal discrepância é explicada pelo aumento da pressão aversiva surgida durante o silêncio que interrompe a sentença. Uma forma de fuga é proporcionada pelos *hã! hã!* e *Eu sei o nome dele muito bem!*

Um modo especial de evitar o silêncio é ser evasivo, procurando ganhar tempo. Respostas explícitas que "procuram ganhar tempo" são freqüentemente construídas. O trovador tem um sortimento de versos e refrões cuja principal função é a de permitir-lhe lembrar ou organizar o material que será emitido em seguida. Já foi demonstrado que muitos versos de Homero provavelmente serviram para este fim.[57] Vimos como o comportamento ecóico permite que o estudante ganhe tempo para uma resposta (capítulo 4); o mesmo efeito pode ser obtido com algumas respostas padronizadas *{Deixe-me pensar, Você quer dizer* ... , etc), ou por meio de uma fala confusa que provocará um pedido de repetição, após a qual uma resposta de forma mais clara pode tornar-se disponível. O cômico de televisão tem comumente alguma reserva de material para ser usado caso o material programado termine antes

[57] Parry. Milman, "Homer and Hugo: I, The Singer's Rest in Greek and Southslavic Heroic Song", T.A.P.A., 46 (1935).

da hora marcada, assim como o professor experiente dispõe sempre de algum material para o caso de sua exposição ter sido muito rápida. Mas, além das respostas explícitas reforçadas através dessas conseqüências, tais ocasiões tendem a reforçar qualquer forma de comportamento verbal.

Outra realização do comportamento verbal relativamente independente da forma é a supressão ou ocultação de outras atividades. Um exemplo explícito é o da arenga do mágico, que é capaz de desviar do movimento essencial o observador. Um exemplo menos padronizado é a observação de Freud de que um paciente pode falar sobre uma coisa para evitar falar de outra mais aversiva. Respostas explícitas podem ser adquiridas por essa razão, mas as mesmas conseqüências tendem a reforçar qualquer comportamento, independentemente da forma.

O comportamento continua sem muito respeito à forma, sob condições aversivas mais triviais. O falante usualmente termina uma sentença, mesmo quando está claro, pelo comportamento do ouvinte, que ele já está satisfeito. Ele termina a sentença para evitar conseqüências aversivas que se seguiram em outras situações, quando o fim era importante. A pressão para completar uma estrutura metafórica, mesmo quando nenhuma resposta metafórica é reforçada no momento, foi notada no capítulo 5. Ao começar uma sentença *Ele era tão cordial quanto* ... o falante se compromete com uma conclusão, a qual, de outra forma poderia ser indeterminada. Há um sortimento de frases disponíveis *{como você bem pode imaginar),* mas, nessa ocasião, todo comportamento verbal pode gozar de uma probabilidade ligeiramente maior. O comportamento também é emitido simplesmente porque é verbal ao fornecer exemplos — como ao discutir o comportamento verbal, ao dar um exemplo da caligrafia de alguém para ser analisado, esboçando o texto impresso ao desenhar uma ilustração de revista ou jornal, ou ao testar um sistema de alto-falantes para audições públicas. Respostas padronizadas costumam desenvolver-se sob todas essas circunstâncias (compare-se a fórmula do técnico para testar um microfone), mas o comportamento também tende a ser forte, independentemente da forma específica.

Os efeitos de tais variáveis são bem conhecidos. Quando uma resposta armazenada não está disponível, o comportamento, comumente, é fraco ao nível de energia, e quase informe. O falante que, obviamente, já deve ter atingido o ponto desejado, termina por murmúrios que se extinguem aos poucos. Ao manter a atenção, ou ao ser evasivo para ganhar tempo, o falante pode recorrer aos sons informes *há!* ou *hum ... hum ...* Sons vocais são produzidos, mas o comportamento do resto do aparelho fonador, que comumente os modela, está faltando.

Um segundo resultado é a emissão de um comportamento vazio trivial ou tolo. Muitos de tais comportamentos tornam-se padronizados, como na fórmula *Bem, vejamos* ou *Quer dizer.* A conversa fiada e a tagarelice podem receber um

condicionamento explícito, pois têm esse efeito. Ao preencher um silêncio embaraçoso, nosso comportamento tende particularmente a ser desimportante. Como disse Stendhal, *Le nombre des sottises que j'ai dites depuis deux ans pour ne pas me taire me met au désespoir quand j'y songe.*[58]

Um terceiro resultado possível é que o comportamento verbal emitido sob tais circunstâncias será incorreto, não gramaticalmente, no sentido do capítulo 13, ou sujeito às distorções formais do capítulo 11. Um tipo de distorção sob tal pressão é exemplificado pela conhecida história do nariz de Mr. Morgan.[59] O comportamento reforçado, independentemente da forma, tende a ser determinado por outras variáveis na história do indivíduo e, assim, encarado como "revelador". Os psicanalistas acostumaram-se a prestar particular atenção ao comportamento verbal emitido sob tais circunstâncias. O princípio constitui a base da análise de obras literárias. O escritor é reforçado por muitas coisas — entre elas, dinheiro, prestígio e várias formas de auto-estimulação. Algumas delas podem ser contingentes para respostas particulares, mas há uma ampla medida de reforço generalizado para o comportamento verbal simplesmente enquanto tal. O escritor, é claro, se encontra sob muitos tipos de controle externo, mas a pressão para produzir um comportamento verbal simplesmente enquanto tal fornece rédea livre às variáveis em sua história. Os trabalhos literários podem então ser analisados pela informação que fornecem em relação a tais histórias.

Material comparável obtido de escritores não-profissionais pode ser conseguido por meio de várias formas de Testes de A percepção Temática nos quais o comportamento verbal é reforçado independentemente de sua forma, talvez mediante uma redução na estimulação aversiva semelhante à proporcionada pelos *mandos* rudes *Diga alguma coisa!* ou *Escreva alguma coisa!* Nesses testes, o universo das respostas disponíveis pode ser limitado pela suplementação de figuras, de música, de odores, etc, para se "escrever sobre". A finalidade do teste é gerar um comportamento independente da forma, para que as variáveis controladoras da forma tenham oportunidade para se fazerem sentir. As respostas disponíveis são limitadas de um modo diferente pela "Somatória Verbal" *[Verbal Summator]* na qual se emprega um estímulo semelhante, brandamente aversivo. O *modus operandi* desses testes é discutido no capítulo 10.

---

[58] Stendhal, *De VAmour* (Éditions Hypérion), p. 42.

[59] Uma mulher que havia convidado J. P. Morgan para almoçar, advertiu à filhinha para que não mencionasse seu enorme nariz. O resultado imprevisto foi que a menina permaneceu durante todo o almoço com os olhos fixos no nariz de Mr. Morgan. Quando a situação se tornou insustentável, a mãe mandou que a criança se retirasse da mesa e tentou apressadamente disfarçar seu constrangimento com uma observação maneirosa. Apanhando o pote de creme, ela disse "Mr. Morgan, desejaria passar creme em seu nariz?". Essa mulher, erradamente, tem sido identificada com a Mrs. Dwight Morrow.

Uma falta de controle formal é acentuada por reforços que dependem da velocidade da resposta. Tais contingências surgem nos exames ou debates escolares: o estudante que responde primeiro é diferencialmente reforçado pelo fato de obter créditos pela resposta. O estudante ansioso em demasia tende a começar com um informe *hum ... hum!* ou com frases evasivas e, sendo tudo o mais igual, com maior probabilidade de uma resposta errada. A mesma contingência é vista em ação quando dois falantes param de falar numa discussão animada e recomeçam a falar ao mesmo tempo. Isso acontece com tanta freqüência que o fato de se reiniciar a conversa ao mesmo tempo não pode ser sempre uma coincidência. O comportamento verbal encoberto está em andamento nos dois falantes, embora não seja suficientemente forte para ser emitido de forma audível. Alguma leve indicação de que o outro falante vai iniciar uma resposta, proporciona uma contingência temporal adicional que leva qualquer resposta disponível até um nível audível. O comportamento assim gerado tende freqüentemente a ser informe, trivial, impreciso ou distorcido.

Processos Gerais De Comportamento Relevantes Para O Comportamento Verbal

Condicionamento Operante

O processo de condicionamento operante representa naturalmente um importante papel no comportamento definido em termos de uma forma especial pela qual ele obtém seus efeitos. O reforço diferencial modela todas as formas verbais e, quando um estímulo anterior entra na contingência, o reforço é responsável pelo controle resultante. Contingências apropriadas de reforço definem os repertórios de comportamento ecóico, textual e intraverbal, e colocam o comportamento verbal sob o controle do ambiente não-verbal. O reforço diferencial modela esse controle em abstração.

É costume dar-se destaque à *marcha* na qual tais mudanças se dão e anotar cada caso numa "curva de aprendizagem". O processo de aprendizagem constitui um efeito claro do reforço e os problemas práticos da educação tornam importante a marcha de aquisição do comportamento verbal. Mas o comportamento complexo é adquirido em diferentes velocidades, não por causa das grandes diferenças no efeito do reforço, mas por causa das interações entre respostas e estímulos. Não há uma "situação típica" que produza uma curva geral de aprendizagem.

Ao salientar o efeito do reforço operante no estabelecimento de um repertório verbal, é fácil desprezar o fato de que o reforço continua a ser eficaz depois de adquirido o comportamento. A disponibilidade do comportamento, sua probabilidade ou força, dependem de o reforço *continuar* em ação e de acordo com

que esquemas.[60] Quando os reforços são abundantes, o indivíduo tende a ser chamado de enérgico, de entusiasmado, de interessado ou, no caso do comportamento verbal, de volúvel ou falador. Quando os reforços são escassos, ele tende a ser chamado de fleumático, de não-inspirado, de letárgico, de tolo, de desacorçoado ou, no caso do comportamento verbal, de taciturno ou silencioso. Essas diferenças amiúde são pensadas como diferenças de motivação mas, à medida em que são devidas à diferença de quantidades ou de esquemas de reforço, podem ser distinguidas dos efeitos das mudanças no nível de privação ou de estimulação aversiva.

O reforço do comportamento verbal através da mediação de um ouvinte implica certas condições, com efeitos importantes sobre as propriedades dinâmicas do comportamento. Por exemplo: não há relação entre a energia do comportamento e a magnitude do efeito alcançado. Às vezes gritamos para obter ação, mas um sussurro conseguirá o mesmo efeito em outras circunstâncias. A extensão do reforço depende da energia do comportamento do *ouvinte,* mas só indiretamente da do *falante.* Isso não é verdade no que tange ao comportamento não-verbal. Uma martelada mais forte afunda mais o prego. A distinção diminui de importância quando a ciência desenvolve sistemas de energia armazenada, mediante a qual o comportamento humano adquire uma força e um controle em expansão. (É possível que a crença na magia verbal — o poder especial das palavras — decline pela mesma razão. A máquina é a inimiga da palavra.)

Normalmente, o comportamento verbal é também muito rápido, excedendo de muito a velocidade do comportamento não-verbal com idêntica variedade de formas e conseqüências. O limite parece depender da massa de músculos posta em movimento. A fala é mais rápida que o gesto, e um meio externo, como escrever, bater à máquina ou fazer sinais com fumaça, cobra seu preço. A velocidade também é encorajada pela rápida série de cadeias de comportamento, série esta que é possível porque o falante não precisa esperar pela reação física do ouvinte em cada estágio. Segmentos extensos de comportamento verbal só são reforçados quando se completam. Uma vantagem da velocidade é que os padrões temporais tornam-se compactos e, assim, mais eficientes sobre o ouvinte ou sobre o próprio falante. Esta vantagem se perde quando somos obrigados a falar muito devagar ou a ouvir alguém que fala devagar. Falando cruamente: precisamos falar depressa para expressar grandes pensamentos.

Outra conseqüência é que o reforço do comportamento verbal não é inevitável, nem algo parecido. O comportamento prático não-verbal usualmente tem um

---

[60] Ferster. C B. e Skinner B. F., Schedules of Reinforcement (Nova Iorque, 1957).

efeito imediato e certo. Conseguimos pegar o que buscamos, subimos escadas com uma velocidade que é quase sempre a mesma para um dado número de degraus, etc. Nem sempre encontramos o que procuramos, mas pelo menos encontramos o lugar em que procuramos. A exceção são as situações ambíguas, como uma casa de espelhos num parque de diversões, coisa tão pouco usual que se torna divertida. No comportamento verbal, a exceção é a regra. Um efeito depende da presença e da atividade de um organismo reforçador cujo comportamento não é inevitável ou freqüentemente previsível. Como resultado, o comportamento verbal recebe reforço intermitente, fato que tem conseqüências numerosas e importantes. Por exemplo: comportamo-nos verbalmente com muito menos segurança do que não - verbalmente, mas ficamos menos perturbados com as falhas ocasionais.

Uma vez que o organismo de reforço exige tempo, mesmo a mediação mais rápida introduzirá uma demora suficiente para reduzir a força do comportamento do falante. Demoras mais prolongadas levam a uma extrema fraqueza. O reforço último do comportamento escrito pode ser retardado por dias, semanas ou anos, e o comportamento desse tipo pode ter pouca força. Quando encontramos um velho amigo, vamos logo contando as novidades, talvez com grande excitação, mesmo que não tenhamos escrito a ele recentemente. Falar, obviamente, é mais fácil, mas é também mais prontamente reforçado, e esta última condição pode ser mais importante. A "abulia" de muitos escritores profissionais é lendária; a do escritor mal sucedido, que não recebe qualquer reforço, não é tão bem conhecida.

O fato de os efeitos do comportamento verbal poderem mulitplicar-se, expondo muitos ouvidos às mesmas ondas sonoras ou as mesmas páginas a muitos olhos, constitui de certa forma uma compensação para os efeitos enfraquecidos do reforço intermitente ou retardado. Mesmo sem o auxílio do instrumental moderno, o comportamento verbal pode alcançar milhares de ouvintes ou de leitores ao mesmo tempo, e sobreviver durante séculos. O escritor pode não ser reforçado com freqüência ou de imediato, mas seu reforço pode ser grande. A condição final de força será determinada por todos os fatores num dado caso. Nesse aspecto, a diferença entre o comportamento verbal e o não-verbal é reduzida, pois a tecnologia amplia e estende o âmbito do último.

Extinção

Se o indivíduo muda de uma comunidade para outra, ou se a comunidade muda suas práticas, o comportamento pode extinguir-se. As respostas ocorrem sem que obtenham reforço. Isso produz o efeito inverso do processo construído pelo reforço operante. Devemos distinguir isto da perda do comportamento verbal pela simples passagem do tempo (ver abaixo) e da punição que, como vimos, tem um efeito mais complexo.

O comportamento verbal em relação a outros ouvintes extingue-se quando um homem se encontra entre estrangeiros que não falam a sua língua, ou quando ele está a sós com um surdo. Seu comportamento verbal pode primeiramente mostrar toda a força resultante de um reforço anterior, mas as respostas tornam-se menos comuns e, eventualmente, ele pode não exibir um comportamento verbal aberto, exceto se este for reforçado por ele mesmo como seu próprio ouvinte. A extinção é um processo muito mais comum em seu uso no reforço diferencial. Para se modelar uma forma de resposta, precisamos extinguir outras formas de respostas. Para modelar relações controladoras com estímulos temos que extinguir respostas na presença de outros estímulos. Este é particularmente o caso da limitação do controle de estímulo na abstração.

Esquecimento

A diferença entre extinção e esquecimento é, em parte, uma diferença no processo atual. O comportamento pode tornar-se fraco com a passagem do tempo, mesmo quando as respostas não são emitidas. A presença ou ausência de reforços não está em questão. Quando o comportamento verbal foi extinto na presença de um auditório, o fato de ele não ter sido esquecido pode ser visto pela produção diante de um auditório diferente. O esquecimento que estamos discutindo aqui deve ser distinguido do esquecimento devido à punição (capítulo 6): neste, uma resposta pode faltar numa ocasião em que seria adequada, apesar de ser emitida em outras ocasiões.

Uma resposta extinta não é esquecida. Ela simplesmente não *é* emitida nas circunstâncias nas quais foi extinta. Isso pode ser visto alterando-se as circunstâncias. Assim, podemos não ser mais reforçados por uma história já conhecida; ela pode desaparecer inteiramente de nosso repertório, sendo revivida apenas por um novo auditório, ou pela moderada pressão aversiva de uma pergunta como *Qual é aquela história que você costuma contar?* A extinção produz um real enfraquecimento, enquanto que a punição ou mascara uma resposta com outra ou, por meio da diferenciação, reduz o comportamento a um nível de energia no qual ele não gera mais a estimulação aversiva condicionada, que leva o falante a fazer ou a dizer algo diferente em seu lugar.

A perda do comportamento verbal com a mera passagem do tempo tem sido objeto de estudos psicológicos da memória. Tais estudos, geralmente, têm-se restringido ao comportamento intraverbal, em parte porque o comportamento intraverbal se perde mais rapidamente, e em parte por motivos que veremos logo mais. Quando não há interferência de formas semelhantes de comportamento, ou comportamento apropriado a circunstâncias semelhantes, um operante que tenha sido bem estabelecido revela ter perdido pouco com o passar do tempo. Quando voltamos a

um ambiente especial depois de muitos anos. Podemos ver que muitos comportamentos verbais apropriados a esse ambiente ainda estão intactos, desde que tenham sido extensamente reforçados na primeira ocasião.

Os operantes verbais que menos tendem a ser esquecidos são o ecóico e o textual. A possibilidade de se esquecer tal comportamento não costuma ser considerada. Mas se podemos repetir uma palavra não ouvida há vinte anos, ou ler uma palavra não vista há vinte anos, é apenas porque temos repetido e lido muitas respostas que empregam o mesmo repertório mínimo nesse intervalo de tempo. É o repertório mínimo que torna o esquecimento tão improvável que a possibilidade de que isso venha a ocorrer é freqüentemente desprezada. Ora, algo semelhante a um repertório mínimo pode ser detectado no caso dos *tactos.* A relação de controle entre um objeto específico e seu nome *comum* é corroborada por todos os exemplos nos quais objetos similares levam a qualquer tipo de *tacto* ampliado, e por todas essas extensões reforçadas em seu direito próprio e que formam, assim, parte do repertório-padrão do falante. Além do mais, partes separadas das mesmas respostas podem encontrar suporte alhures. Podemos reter tal operante como *intratável,* com força suficiente para um uso ocasional, por causa do número enorme de outras respostas que começam por *in* — as quais têm a ver com a ausência de uma propriedade, mostrando o número enorme de respostas que acabam por *"àvel"* a mesma força adjetiva, bem como um número substancial de respostas (distração, tratável, extração, tração), cujas circunstâncias partilham em comum com a situação presente algum traço do desenho, da construção ou do prolongamento.

O desagradável esquecimento de nomes próprios pode ser explicado, em parte, pela relativa raridade de reforço, pela freqüente interferência de nomes semelhantes ou de ocasiões semelhantes que têm o mesmo nome. Mas os nomes próprios representam um tipo especial de *tacto* apenas porque comumente não partilham de um repertório mínimo. Como vimos, o sistema mnemônico para a retenção de nomes próprios procura freqüentemente relacionar um nome com um repertório mínimo de *tactos* comuns — como, por exemplo, detectando-se algum traço de um homem que possa ser encarado como descrito por seu nome ou algum traço que evoque uma resposta que, por sua vez, proporcione um estímulo intraverbal para seu nome.

Memória Verbal

Nos estudos clássicos sobre a memória, a interferência do uso normal é minimizada pela escolha de estímulos e respostas tão diferentes do comportamento-padrão quanto possível, e por isso chamadas de "disparates". As respostas inicialmente são geradas como comportamento ecóico ou textual, mas são submetidas ao controle intraverbal, fazendo com que algum tipo de reforço generalizado passe a depender

da emissão de uma resposta particular na presença de um estímulo particular. Muitas vezes, tal reforço não é identificado claramente, nem se torna clara a correspondente privação ou estimulação aversiva.

O controle que sobrevive depois de um dado período de tempo, ou depois que outras respostas foram adquiridas da mesma maneira, ou depois que outras condições foram alteradas, é testado por medidas que se relacionam de perto com a força da resposta. Por exemplo: quando um conjunto de operantes intraverbais foi cuidadosamente condicionado, o número de respostas evocadas pelos estímulos apropriados numa data posterior é tomado como medida da força sobrevivente. Admite-se que, nessa condição de força fracionada, fatores incidentais trazem a lembrança de alguns membros, mas não de outros. Presumivelmente, cada conexão intraverbal foi enfraquecida até a extensão indicada pela razão do número de respostas controladas antes e depois da passagem do tempo. Algumas vezes, o número de reforços adicionais, necessários para colocar todas as respostas sob o controle de estímulos apropriados, é comparado com o número de reforços necessários para estabelecer as séries em primeiro lugar. Tais estudos são úteis, não tanto por permitir-nos traçar a curva de acordo com a qual as conexões intraverbais são enfraquecidas com a passagem do tempo, mas por mostrar como vários operantes intraverbais interagem uns com os outros com vistas a facilitar o controle de estímulos a interferir com eles.

O controle exercido por um *auditório* e pelas condições semelhantes às de um auditório que facilitam o comportamento verbal também declina com a passagem do tempo, mas o efeito usualmente não é marcado. Ele deveria ser distinguido da perda de respostas intraverbais e de *tactos* apropriados a um campo especial. Esquecer o termo técnico de alguma coisa ou não ser capaz de lembrar uma linha técnica de argumento pode não se dever a uma falha do auditório técnico. Entretanto, o efeito de um auditório, ao tornar um repertório dado mais acessível, provavelmente declina com o tempo.

Contingências que Determinam a Forma

As propriedades de uma resposta operante são especificadas pela contingência de reforço no sentido de que apenas respostas que possuem certas propriedades obtêm reforço. Uma resposta pode mostrar propriedades supérfluas; entretanto, ela pode possuir propriedades de que não "necessita". Estas costumam surgir acidentalmente nos estágios iniciais do condicionamento. Se uma resposta é executada consistentemente com uma dada propriedade, ela é também reforçada consistentemente com essa propriedade, mesmo que a propriedade não seja especificada pelo sistema de reforço. Muitos exemplos seriam chamados de "supersticiosos". Respostas desnecessárias, ou propriedades de respostas, são

mantidas mediante um reforço fortuito, mas não menos eficaz. As formas das respostas verbais podem conter elementos não exigidos pela comunidade verbal e que podem persistir por longos períodos de tempo.

Em geral, porém, as respostas assumem uma forma próxima do mínimo satisfeito por uma contingência. Ela se torna tão curta quanto possível e tão simplesmente estruturada quanto possível. *Por que* as formas mudam nessa direção é algo que nem sempre é claro. O reforço positivo remanescente é provavelmente maior para a resposta mais simples que satisfaz as contingências, uma vez que tal resposta evita o esforço de executar uma forma mais complexa. Observamos freqüentemente que uma forma simples emerge precisamente porque uma forma mais complexa é punida. Redatores de títulos, expedidores de telegramas e todos os que precisam escrever mensagens com material inadequado evitam respostas longas, e seu comportamento verbal revela as propriedades que devem ser notadas num momento. O mesmo ocorre com falantes nos quais o comportamento vocal tornou-se automaticamente punitivo — por causa de uma dor de garganta, por exemplo, ou pelo perigo de ser ouvido casualmente por um auditório punitivo. Se o efeito relativamente maior da forma mais complexa pode em geral ser encarado como uma conseqüência aversiva muito leve, mas eventualmente eficaz, a tendência para as formas mais simples está explicada.

Detectamos os efeitos de uma contingência abrandada em diferentes níveis. A mudança pode ocorrer no simples som da fala, no operante, ou nas seqüências do operante a serem discutidas na IV Parte. Precisamos distinguir cuidadosamente entre mudanças que ocorrem *em cada falante,* por causa das mudanças possivelmente temporárias das exigências de uma comunidade verbal, e mudanças nas *práticas de reforço da comunidade como um todo,* as quais podem requerer muitas gerações. As últimas, freqüentemente chamadas de mudanças *na língua,* em geral parecem constituir acúmulos de pequenas mudanças no comportamento de cada falante junto com mudanças permanentes correspondentes nas práticas de reforço da comunidade. Se os ouvintes de uma geração reforçam um pequeno desvio da fala-"padrão" até que este se torne padrão, então pequenos desvios mais extensos podem ser tolerados por ouvintes das gerações posteriores. Presumivelmente, não há limites para as possíveis mudanças de forma em tal sistema — como sugere, por exemplo, a transição do latim para o francês.

A mudança nos critérios de reforço responsáveis pela deterioração da forma é exemplificada pelo relaxamento geral dos reforços educacionais precoces, os quais são caracteristicamente usados para modelar o comportamento verbal. Os que organizam os reforços educacionais realizam usualmente um esforço para observar certas propriedades da resposta que entram nas contingências. Os sons são "pronunciados de forma correta", insiste-se sobre o padrão do operante em todos os detalhes e constroem-se seqüências intraverbais explícitas. O meio verbal encontrado pelo

falante numa data posterior pode não respeitar essas contingências. Seu repertório de sons vocais pode tornar-se simplificado e "relaxado"; ele pode começar a cortar o *r* final das palavras, por exemplo. Daí não se segue que o rumo da deterioração será a mesma em todo falante, pois a mudança é determinada, em parte, pela comunidade verbal. Acima do nível do som vocal, observamos simplificações dos operantes mais amplos na omissão de sílabas não-acentuadas, especialmente no começo ou no fim das formas, no aparecimento de apelidos ou de outras expressões "abreviadoras", no desaparecimento de uma dentre duas sílabas idênticas (haplologia), etc. Se a resposta *foto é* tão eficaz quanto *fotografia,* a forma mais curta tende a ser mais forte. Pequenas mudanças nessas direções são acumuladas historicamente nos exemplos bem conhecidos das mudanças lingüísticas. O efeito disso em cada falante é descrito pelos termos retóricos de "síncope" e "apócope".

Observamos a deterioração de passagens mais longas nos casos descritos acima, nos quais comprimento ou complexidade são automaticamente punidos. O comportamento verbal sob pressão do tempo tende a mostrar encaixes, omissões, reduções na ordem de variações do grau de intensidade, etc. Falas memorizadas que se deterioram quando as contingências são relaxadas podem ser exemplificadas por comportamentos verbais rituais padronizados, como, por exemplo, o resmungar *a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade.* As preces rituais estão sujeitas a tal deterioração. Na Idade Média, as pessoas religiosas costumavam resmungar as orações e outros serviços religiosos para terminá-los rapidamente. "Eles deixavam de lado sílabas iniciais, omitiam as pausas entre os versos... , pulavam sentenças murmuravam e pronunciavam indistintamente certos sons... "[61] A possível punição por esses lapsos era personificada por um demônio especial (Titivillus) do qual se dizia que colecionava "erros de negligências, sílabas e palavras", para serem posteriormente usadas contra o culpado.

Todas essas tendências para uma forma deteriorada continuarão até que as contingências do reforço não sejam mais satisfeitas. Quando o reforço educacional dá lugar às contingências do discurso quotidiano e, particularmente, quando estas dão lugar ao autoreforço do falante, a deterioração pode tornar-se ampla. O ponto em que o reforço não está mais disponível, ou em que as conseqüências aversivas podem estar disponíveis em seu lugar, não é determinado pela mera simplificação da forma. Por exemplo: ao longo da deterioração, uma forma pode começar a se assemelhar a outra e a produzir um reforço irrelevante para a atual condição do falante. A forma da resposta pode então ser cuidadosamente elaborada com o fim de evitar tal confusão. Na verdade, a elaboração com o fito de multiplicar formas dis-

[61] Power, Eileen, *Medieval People* (Boston, 1929), p. 83.

tintas de resposta constitui possivelmente uma tendência mais poderosa e opõe-se obviamente à deterioração devida às contingências de reforço relaxadas.

Motivação

Quando um indivíduo exibe comportamento num estado prolongado de força, é comum a gente descrevê-lo como "altamente motivado". Mas uma condição de força pode resultar de muitos tipos diferentes de variáveis, e o termo motivação não se aplica apropriadamente a todos eles. Como vimos, o comportamento pode variar em sua força, entre extremos opostos, simplesmente como resultado das condições de reforço, permanecendo constantes as demais variáveis; mas classificar isto como efeito de mudanças na privação, por exemplo, é desnecessário e desconcertante. O termo será usado aqui como uma classificação conveniente para variáveis tais como saciação e privação, para a estimulação aversiva usada para gerar comportamento de evitação e fuga, para os efeitos de certas drogas e processos não-controlados de maturação ou da idade em geral.

A privação apropriada a um dado reforço proporciona meios para mudar a força do comportamento verbal. Podemos evocar uma resposta reforçada por comida tornando o organismo faminto, sendo o resto igual. Mas o reforço generalizado destrói a possibilidade de controle *por meio* de privações específicas. Apenas o *mando* e o *tacto* impuro permanecem dentro do alcance dessa variável. Há, porém, outras condições que afetam o nível geral da força verbal, freqüentemente de comum acordo com o nível do comportamento não-verbal. A pessoa ativa tende a ser ativa tanto verbal quanto não-verbalmente, bem como a pessoa quieta tende a ser quieta em todos os sentidos. Na condição especial chamada sono, muitos comportamentos estão em declínio e isso se aplica também ao comportamento verbal. Mudanças cíclicas durante as horas de vigília, mudanças que podem ou não estar relacionadas com a ingestão ou outras atividades do indivíduo, são vistas tanto no comportamento verbal como no comportamento não-verbal. Uma criança pequena que brinca ativamente também tende a vocalizar. Em crianças mais crescidas, ou no adulto, uma probabilidade semelhante de comportamento verbal é chamada de "humor tagarela" — mas esta, freqüentemente, é uma condição na qual muitos tipos de comportamento não-verbal são prováveis. Se nenhum ouvinte está presente ou se nenhum controle específico é exercido sobre formas específicas de resposta, o indivíduo pode cantar ou cantarolar uma melodia.

Condições aversivas que geram o comportamento verbal como uma forma de evitação ou fuga costumam generalizar-se para todo o comportamento verbal, independentemente da forma, bem como para o comportamento não-verbal. As características do homem compulsivo ou decidido mudam como um todo à medida em que muda a estimulação aversiva.

Os escritores profissionais revelaram um interesse compreensível pelas condições que modificam o comportamento verbal e relataram muitos efeitos interessantes. Alguns descobriram que uma vigorosa caminhada era benéfica para a produtividade verbal. Shelley despertava-se verbalmente superaquecendo a cabeça diante do fogo. Vários estágios do processo de digestão parecem relevantes para a produtividade verbal, embora nenhuma regra geral esteja estabelecida. Certos tipos de jejum parcial, resultantes de dietas especiais ou de programas especiais de alimentação, parecem ser favoráveis (algumas dessas relações podem estar ligadas com a privação. Quando o comer está intimamente associado ao comportamento social, que é, em grande parte, verbal, o controle pode ser mais apropriado ao tipo de variável descrito no capítulo 7).

Certas drogas têm efeitos importantes sobre o comportamento verbal. Os assim chamados "soros da verdade" parecem reduzir a ansiedade ou a estimulação aversiva condicionada, gerada pela punição. O comportamento torna-se mais provável reduzindo-se seus efeitos punitivos automáticos. O soro da verdade original, o álcool, foi amplamente usado para o mesmo fim. A. E. Housman[62] relata que uma única caneca de cerveja no almoço produzia um efeito notável sobre sua atividade poética. De Quincy[63] e Coleridge [64] descreveram o efeito do láudano sobre o comportamento verbal e Aldous Huxley[65] relatou recentemente os efeitos da mescalina. J. M. Barrie [66] preferia a nicotina. As drogas afetam também o modo de execução do comportamento verbal, falado ou escrito. A fala do bêbado — com seus sons distorcidos, suas mudanças explosivas de velocidade e volume — é facilmente imitada e motivo de diversão para muitos auditórios, e tem sido amplamente usada para fins dramáticos.

A idade é outra variável importante. Os esquemas segundo os quais o comportamento verbal amadurece num meio verbal--padrão têm sido extensamente estudados. A idade na qual uma criança emite pela primeira vez os sons da fala, ou adquire pela primeira vez respostas reconhecíveis sob o controle da comunidade verbal, e o crescimento de tipos diferentes de respostas verbais em seu repertório foram registrados. No outro extremo da faixa de idade, encontramos o comportamento verbal da senilidade: a fala claudicante e lenta sob um controle defeituoso de estímulo, os intraverbais "esquecidos", a incoerência dos intraverbais e auto-ecóicos triviais, a redução do controle do auditório, que produz repetições irrelevantes e irrefletidas, etc.

---

[62] Housman, A. E., *The name and nature of boetry* (Cambrid-ge, 1945).
[63] De Quincy, T., Confessions of an English Opium Eater (Londres, 1899).
[64] Coleridge, S. T., Note in *Kubla Khan* (Londres, 1816). 1954)
[65] hauxley» Aldous, *The Doors of Perception* (Nova Iorque, 1954)
[66] Barrie, J. M., *My Lady Nicotine* (Londres, 1890).

Emoção

As condições que levam um organismo a ser "emotivo" nunca foram estudadas exaustivamente ou mesmo satisfatoriamente classificadas. Muitas se relacionam claramente com o reforço e com estados apropriados de privação e de estimulação aversiva. Assim, estímulos perigosos ou prejudiciais não apenas tornam possível o reforço de evitação ou de fuga como também geram condições emocionais, em virtude das quais tal comportamento é mais eficiente. Condições de reforço altamente favoráveis produzem uma reação característica (como em "alegria") e o comportamento sexual é acompanhado por mudanças emocionais marcadas. A existência de um forte comportamento que não pode ser executado ou, se executado, é repetidamente ineficaz, gera o padrão familiar chamado "frustração". E assim por diante.

As mudanças corpóreas mais estudadas na emoção são as respostas das glândulas e dos músculos lisos. Estas mudanças estão basicamente envolvidas com a economia interna do organismo, apesar de algumas vezes produzirem "expressões visíveis de emoção", tais como empalidecer ou chorar. A musculatura vocal não costuma ser ativada, apesar de as respostas vocais poderem ser modificadas, como quando a pessoa está "chocada", por raiva ou pesar. Essas "expressões da emoção" podem ser condicionadas de acordo com a fórmula de Pavlov: uma resposta pode eventualmente ser eliciada por um estímulo que era originalmente ineficaz mas que acompanhava um estímulo eficaz. Tal condicionamento não transforma o comportamento em verbal, de acordo com nossa definição. Se alguém pode aprender a "chorar lágrimas de verdade" por causa do efeito produzido sobre outrem, o processo ilustraria o condicionamento operante e teríamos que chamar esse comportamento de verbal. Mas é provável que todos esses esforços tenham que ser alcançados indiretamente.[67]

Um segundo tipo de expressão emocional envolve os sistemas musculares mediante os quais o organismo trata com o mundo exterior. As assim chamadas expressões faciais constituem exemplos disso, assim como certas respostas de todo o corpo, como o tremer ou o encolher-se. O aparato vocal pode participar. A inalação ou exalação violenta de ar tende a produzir sons como se fosse um "arfar" de susto, um grunhido de "desgosto" ou os gritos de uma grande dor. Enquanto estes são observados em condições emocionais extremas, eles também ocorrem quando a interferência de um efeito emocional é mal conduzida. Assim, o grito do epilético costuma ser interpretado como um grito de angústia e o grito do recém-nascido

[67] Science and Human Behavior, p. 114.

como um protesto contra o nascimento, mas é mais provável que ambos sejam apenas subprodutos de uma contração espasmódica e violenta do aparelho respiratório. O grito do recém-nascido parece ser reflexo. Tanto o choro lacrimal como o vocal, que ocorrem na dor, na tristeza ou na surpresa, bem como o curioso comportamento chamado gargalhada, são formas comparáveis, que sobrevivem na vida adulta.

Este segundo tipo de "expressão emocional" pode ser condicionado no padrão pavloviano. Uma resposta é evocada por um estímulo que originalmente não estava sob controle. A careta, feita inicialmente ao se tomar um remédio amargo, é feita eventualmente à simples apresentação da garrafa, e o riso de surpresa, originalmente evocado por um novo estímulo, pode ser eventualmente controlado por um novo trejeito numa história engraçada. Usualmente, todavia, o que ocorre é o condicionamento operante. Isso é especialmente claro quando a forma de tais respostas sofre uma mudança. Expressões faciais para as emoções são peculiares de uma dada cultura. Em certa medida, cada comunidade verbal tem seu próprio grito de dor, *(Ai! Ui! Ouch!),* suas próprias formas de rir, suas próprias expressões de desrespeito *(Uh! Uh!),* etc. (As expressões de desrespeito são em geral relativamente informes, indicando que, no momento, nenhum comportamento bem formado, quer favorável, quer desfavorável, é forte.)

A extensão na qual as assim chamadas expressões emocionais se tornam verbais — isto é, adquirem forma definida por causa das práticas reforçadoras da comunidade — é difícil de se estabelecer. *Ui!* pode ser uma pequena mudança num grito de dor ou pode ser totalmente verbal se, na ausência de dor, é emitido para fazer deter a mão de um dentista. Estados extremos de dor usualmente produzem formas mais primitivas. É possível que a maioria das respostas deste tipo obtenham força de, pelo menos, duas fontes (capítulo 9).

As variáveis emocionais têm ainda outro efeito. Quando "provocamos uma emoção", alteramos as probabilidades de certos tipos de resposta. Assim, quando enfurecemos um homem, aumentamos a probabilidade de comportamento abusivo, amargo, ou de qualquer outro tipo de comportamento agressivo, e diminuímos a probabilidade de comportamento generoso ou cooperativo. O efeito assemelha-se ao do estado de privação ou de saciação, ou a uma condição de estimulação aversiva. A única diferença está na composição das classes de respostas afetadas. Pois um conjunto particular de respostas que variam todas juntas como uma função da condição que torna um homem raivoso tem que ser explicado em termos de suas conseqüências. Em geral os comportamentos exibidos na raiva são prejudiciais aos outros, só que esses comportamentos prejudiciais a X tornar-se-ão mais fortes quando um homem estiver com raiva de X. Estabelecemos um ponto semelhante quando dizemos que um homem tem fome de doces. Ambos os comportamentos podem ser generalizados. Apesar de estar furioso com X, um homen pode mostrar-

se agressivo com Y, da mesma forma que, não obstante estar com fome de doces, podemos encontrá-lo comendo outras coisas.

Uma forma de expressão emocional pode ser simplesmente uma probabilidade aumentada de agir de certa forma ou de obter certo efeito. Alguns efeitos são verbais, embora não-vocais. Assim, uma postura ameaçadora e um punho fechado são expressões de raiva como parte de um comportamento de ataque. (Elas podem ser reforçadas, se ameaçarem o "ouvinte" em seus próprios direitos.) Respostas vocais que expressam raiva também incluem *mandos* que especificam condições aversivas do ouvinte (por exemplo, amaldiçoando-o), *tactos* descritivos do ouvinte, com efeitos aversivos (xingando-o ou aplicando a ele adjetivos pejorativos) e respostas diretamente punitivas (uma risada irônica). Estas são mais claramente "expressivas" do que outras formas de comportamento verbal, que podem ser igualmente punitivas para o ouvinte, como ao transmitir-lhe más notícias ou ao trazer à baila assuntos que lhe são desagradáveis. Uma vez que essas respostas dependem das histórias de cada falante e de cada ouvinte, qualquer especificação objetiva de tais expressões parece inútil. Todavia, quando inferimos de uma única resposta que um "homem está zangado", isso implica que a resposta é um membro de uma ampla classe, sendo que outros membros dessa classe seriam observados sob outras circunstâncias. Fazemos a afirmação ulterior de que sua inclinação para portar-se dessa maneira se deve a uma circunstância específica incitadora, como causa de sua emoção. É esta relação entre o comportamento verbal e as variáveis emocionais que está envolvida quando, como na composição da poesia lírica, o nível de produtividade é sensivelmente afetado pelas circunstâncias emocionais. Um grande amor, ou dor, ou ódio, pode causar o "extravasamento" do comportamento verbal, com um efeito, sobre o ouvinte ou o leitor (talvez o falante ou o próprio escritor), apropriado à emoção.

Algumas características do comportamento verbal, freqüentemente atribuídas à emoção, são características de um estado extremo de força. Alguém pode transbordar de alegria ou ficar emudecido pela surpresa ou pela dor, mas estados comparáveis de comportamento podem surgir por motivos não-emocionais. Respostas verbais intimamente associadas com esses estados emocionais são freqüentemente classificadas como exclamações ou interjeições, uma categoria ou "parte da fala" que nunca foi muito bem aceita pelos gramáticos. J. H. Tooke chamou-a de "a interjeição inarticulada e irracional, que nada tem a ver com a fala e que é apenas o miserável refúgio dos mudos".[68] Tais respostas são usualmente breves, freqüentemente mal formadas, raramente flexionadas e costumam ocorrer nas situações "não--comunicativas", como quando se fala consigo mesmo. Muitas,

[68] Tooke, J. H., *Diversions of Purley* (Edição de 1857), p. 30.

de fato, associam-se com fortes variáveis, particularmente nos campos da motivação e da emoção. Mas em cada caso pode-se detectar uma função explícita, examinando-se as variáveis controladoras. Como vimos no capítulo 3, algumas exclamações são *mandos* — por atenção *(Hei!),* para dirigir o comportamento do ouvinte (*Oi!)*, para obter confirmação (*Eh, o quê}*) e assim por diante. Outras, como vimos no capítulo 6, funcionam como reforços *(Bom!),* punições *(Xü),* ou são úteis para restabelecer condições passadas de tipo semelhante. Em todos estes casos, a conexão com a emoção é acidental.

A *maneira* pela qual o comportamento é executado depende de sua força. Algumas emoções, como condições extremas de privação ou de estimulação aversiva, caracterizam-se por um comportamento descoordenado. O falante pode gaguejar, pronunciar mal, cometer erros de gramática, revelar extensões solecistas do *tacto* e exibir outros sinais de "confusão". Uma tensão muscular excepcional no aparelho fonador pode aumentar o grau de intensidade e o nível de energia do comportamento. Mas tudo isso pode ocorrer na ausência da emoção.

Outra classe de respostas verbais geradas por uma condição emocional serve muito bem para descrever o comportamento do falante. Uma resposta como *Estou zangado é* raramente chamada de expressão de emoção. Os estímulos públicos ou privados no controle de tal resposta podem enquadrar-se dentro de qualquer uma das classes que acabamos de relacionar (cf. a discussão de *Estou zangado,* no capítulo 5). Assim *Estou zangado* pode ser descritivo das mudanças glandulares e dos músculos lisos estudados na fisiologia da emoção; pode ser o relato de uma expressão facial (vista talvez num espelho) ou um grito de raiva, possivelmente modelado por uma comunidade particular, ou o relato de uma inclinação para emitir tal grito, ou pode ser uma descrição da própria inclinação do falante para agir de forma agressiva. A comunidade construiu a resposta *Estou zangado* com base nos aspectos observáveis de tal comportamento, ou de outros concomitantes públicos, e o indivíduo maduro pode usar a expressão com alguma acuidade quando os estímulos controladores são privados.

Comportamento Verbal "Danificado"

Os estragos da idade podem ser antecipados por outros tipos de estragos do organismo. Os efeitos verbais dos danos cerebrais (produzidos por tumores, ferimentos, hemorragias) são comumente discutidos sob o tópico da afasia. Como notamos, os fenômenos muitas vezes são surpreendentes para quem tenha aceitado as explicações tradicionais do comportamento verbal. Quando uma pessoa pode pronunciar uma palavra "depois" que o médico o fez, mas não pode usá-la para fins práticos, ou não pode nomear um objeto quando solicitado, mas logo em seguida usa esse nome em outra conexão, ou não pode "ler", mas pode seguir instruções

escritas, ou pode seguir instruções escritas só depois de tê-las lido em voz alta, uma classificação funcional do comportamento verbal é dramaticamente apresentada.

Mudanças no comportamento verbal como um todo vão desde a perda completa de qualquer comportamento (devida possivelmente, mas não necessariamente, à anartria ou a uma paralisia do aparelho fonador) até a um estado de superexci-tação, no qual o comportamento é emitido de forma rápida e contínua, possivelmente durante dias. No último caso, quando o comportamento verbal é forte por alguma razão *geral,* as variáveis de controle podem ser triviais — a fala pode ser superficial, não-gramatical, ilógica e mal formada. Alguns efeitos podem surgir da danificação dos sistemas sensoriais, mas o comportamento não-verbal pode continuar sob controle sensorial. Assim, da mesma forma que um falante, não sendo cego, pode sofrer de uma "agnosia visual" — ele pode não ser capaz de identificar cores ou objetos, apesar de ser capaz de lidar com eles na prática. Há defeitos comparáveis em outras modalidades sensoriais: Estes afetarão, é claro, tipos diferentes de operantes verbais de forma diferente; o comportamento textual sofrerá na agnosia visual (quando é chamado "alexia") o comportamento de repetição na agnosia auditiva, e assim por diante. Mas os sintomas afásicos parecem também respeitar nossa classificação por outros motivos, muitos de uma natureza ligada à motivação.

Os fenômenos da afasia dificilmente podem ser resumidos porque o comportamento verbal pode ser danificado em muitos pontos e de muitas maneiras. Em geral, podemos arriscar a generalização de que, ao lado dos danos motores e sensoriais específicos, a afasia é uma condição de baixa probabilidade de resposta. Os sintomas da afasia são preciosos ao destacar a propriedade da "dificuldade" inerente a todos os tipos de operantes. Os danos, em geral, são severos no comportamento verbal que recebe reforço generalizado. A ordem dos danos parece seguir a ordem de "dificuldade" dedutível da disponibilidade de um repertório mínimo. O comportamento textual e o de repetição muitas vezes sobrevivem (a menos que defeitos sensoriais relevantes estejam envolvidos) enquanto que o com-portamento intraverbal e o *tacto* parecem ser mais vulneráveis. Embora o nome das letras possam ser repetidos ou lidos em voz alta, o alfabeto, por exemplo, pode não ser recitado corretamente. Conexões intraverbais triviais podem perturbar a cadeia de respostas. Quando um simples *tacto* não pode ser emitido, a pressão generalizada do silêncio como condição aversiva pode trazer à baila uma série de respostas relacionadas. Em tal série, e talvez em outras, o primeiro termo não pode ser um intraverbal se não tiver havido (pelo menos encoberto) um estímulo verbal. Em tais casos, a resposta deve ser encarada como um *tacto* na extensão metonímica. Sendo tudo o mais igual, a extensão do condicionamento pode afetar o resultado: uma segunda língua pode ser perdida primeiro, e assim por diante.

O comportamento verbal reforçado com relação a algumas condições especiais de privação ou de estimulação aversiva (inclusive os efeitos sobre outros, apropriados a

várias emoções) permanecem relativamente acessíveis. O *mando* e o *tacto* impuro muitas vezes podem ser evocados arranjando-se as variáveis apropriadas. Por outro lado, o comportamento punido tende a ser relativamente fraco (por exemplo: pode ser difícil para o paciente repetir uma declaração mentirosa).

Adicionalmente, para salientar a relativa facilidade ou dificuldade dos vários tipos de operantes verbais, os danos no organismo podem afetar as atividades de segunda ordem, que serão discutidas na IV Parte. As atividades gramaticais e sintáticas podem ser excessivas e usualmente confusas (paragramaticismo) ou podem estar ausentes (agramaticismo). O paciente pode ser afetado distintamente como falante e como ouvinte e, entre seus comportamentos como ouvinte, alguns podem ser afetados e outros não. Em casos graves, todo o comportamento do ouvinte desaparece; em tais casos, diz-se que o paciente não compreende mais a fala ouvida. Todo comportamento apropriado para um leitor pode perder-se, mas há casos mais brandos, nos quais o comportamento textual está totalmente ausente, ou em parte, mas o paciente é capaz de seguir corretamente instruções escritas. Quando as instruções podem ser seguidas apenas se elas puderem ser lidas em voz alta e corretamente pronunciadas, parece que respostas não-verbais diretas a um texto estão faltando, enquanto que respostas a um discurso ouvido sobrevivem. Lendo alto o texto, o paciente pode gerar os estímulos de que necessita.

Quando Cessa O Comportamento Verbal?

Apesar de estarmos interessados em variáveis que geram e mantêm o comportamento verbal, é útil considerar as condições sob as quais o comportamento chega ao fim. Em certas ocasiões, uma resposta verbal é emitida várias vezes, quer como resultado de uma força excepcional, quer porque ela proporciona seus próprios estímulos para um comportamento ecóico, mas a regra geral é que ela é emitida apenas uma vez. Evidentemente, a própria resposta altera alguma das variáveis que a controlam e, assim, muda imediatamente sua própria probabilidade. Quais são essas variáveis e como elas são mudadas?

Uma resposta verbal pode mudar o nível da privação apropriada. O reforço de um *mando,* por exemplo, costuma ter esse efeito. A forma do comportamento pode não declinar de imediato. *"Para um prazer de verdade, sirva-me um copo de cerveja gelada,* diz o homem num cartaz publicitário, embora ele já esteja empunhando um copo. A criança que emite o "mando" *Eu! Eu!* para alguém que está distribuindo presentes, pode ainda emitir uma ou duas respostas após receber seu presente. A força em declínio pode ser evidente na energia decrescente da resposta, sendo o último caso apenas murmurado. Mais freqüentemente, um reforço produz uma condição na qual outro comportamento é evocado, e o *mando* não é repetido por causa dessa competição.

Os estados de privação associados com reforços generalizados não podem ser alterados dessa maneira. O ouvinte pode reduzir instantaneamente uma ameaça, ou outra forma de estimulação aversiva, como conseqüência de uma única resposta, mas um único caso de reforço *positivo* generalizado deve ter apenas um efeito de saciação negligenciável. Por conseguinte, a mudança acarretada por tal comportamento para prevenir suas próprias repetições deve ser de outro tipo. Já vimos que a comunidade não continua a reforçar *tactos,* exceto em certas ocasiões pouco comuns. Ela também deixa de reforçar mais de um caso, quer de um *tacto,* quer de um comportamento textual, ecóico ou intraverbal. Ela age assim porque a função do comportamento verbal para o ouvinte é usualmente realizada com um único exemplo. Uma vez emitida uma resposta desse tipo, ela estabelece automaticamente uma condição sob a qual, tendo em vista as práticas reforçadoras da comunidade, ela não pode ser emitida e reforçada de novo. Esse aspecto das contingências reforçadoras da comunidade pode não ser de igual eficácia sobre o comportamento de todos os falantes. A pessoa muito falante não foi tocada por ela; a pessoa lacônica pode falhar ao repetir tão freqüentemente quanto necessário para a obtenção de um efeito. (Essas características do comportamento verbal podem ser devidas em parte a práticas deficientes da comunidade, apesar de elas também exemplificarem outros efeitos.) No sentido do capítulo 6, podemos dizer que um caso de uma resposta transforma o ouvinte de alguém que não sabe em alguém que sabe. A condição de auditório de um dado ouvinte pode ser vaga, mas um ouvinte para quem já emitimos um *tacto é* obviamente alguém que não está propenso a reforçar um segundo caso. Isso ocorre especialmente se o ouvinte torna sua condição clara com alguma resposta tal como: *Sim, eu vejo! Tá-tá* ou *Verdade?* Quando ordens importantes são dadas (o cirurgião para a enfermeira, o capitão à tripulação, o garção ao chefe de cozinha) é uma prática comum do ouvinte repetir a ordem como uma indicação de sua nova condição de auditório. Se ele não o faz, a ordem é repetida. Pelo mesmo motivo, os alunos costumam ser solicitados a repetir as respostas dos professores.

Ao falar sobre uma situação complexa ou ao apresentar um argumento intraverbal envolvido, nem sempre é claro que uma única resposta tenha tido o efeito requerido, e o comportamento verbal desse tipo tende a ser altamente ecóico. (Ele também tende a ser marcado por respostas interpostas, que essencialmente *mandam* a condição do ouvinte chamado, "indicando o ponto em questão" — tais como *Você está vendo! Ah! você está aí!)* Auditórios não-vistos encorajam a repetição: ao se escrever uma carta, ao se falar de improviso na televisão ou ao se escrever um livro para o qual não há meios de prever a reação do leitor. O ouvinte pouco atento produz uma fala ecóica. Auditórios atípicos, tais como crianças pequenas, cachorros e bonecas, que não mostram os sinais de um efeito, podem evocar um comportamento através de uma generalização de estímulos, e esse comportamento

tende a ser caracteristicamente ecóico. *Você é uma coisinha linda, sim, você é, sim senhor, você ê uma coisinha linda, não? Uma coisinha linda...* O ouvinte que quer fazer cessar um falante ecóico o faz por meio de um claro sinal de que o comportamento já produziu efeito, dizendo: *Sim, eu sei. Você já me disse isso!*

A reação da parte do ouvinte que leva o comportamento verbal a cessar pode ser muito específica. O falante pode não parar, caso o ouvinte tenha qualquer outro tipo de reação. Suponhamos, por exemplo, que o falante emita uma resposta em voz alta em circunstâncias em que se exige silêncio, e que a única resposta do ouvinte seja *Psiu!* O falante pode então *sussurrar* uma resposta idêntica. Isto parece ilógico, uma vez que a primeira resposta foi obviamente ouvida, mas a reação do ouvinte foi apenas em relação à intensidade da resposta, seguindo-se então a repetição.

As contingências estabelecidas pela comunidade para se oporem à repetição afetam obviamente o uso da freqüência da resposta como medida de força. Desde que as críticas não se aplicam necessariamente a formas sinônimas de resposta, variáveis fortes podem levar a uma espécie de repetição com variações. As crianças não apenas repetem a mesma forma; elas amiúde emitem formas essencialmente sinônimas num grupo temático. Dois exemplos fornecidos por uma criança de dois anos: *They match just the same alike* ["Eles emparelham o mesmo igual"] e *Vm not through with it still quiet jet* ["Eu ainda não acabei com ele ainda"]. Os adultos freqüentemente aderem a padrões mais estreitos, mas são culpados do mesmo lapso quando, respondendo a um único estado de coisas, exclamam: *Ótimo! Excelente! Muito bem!* em vez de *Ótimo! Ótimo! Ótimo!* Conrad era sensível a isso no caso de falantes que não estão usando a língua natal. Por exemplo, *Plenty too much enough of Patusan, he concluded with energy* ["Bastante demasiadamente muito suficiente de Patusan, concluiu ele com energia], O emparelhamento de sinônimos é um expediente literário comum, que aumenta a probabilidade de uma resposta eficaz por parte do leitor, além de evitar o tabu contra a repetição. Em Shakespeare há muitos exemplos *{the slings and arrotos of outrageous fortune* ["as flechas e dardos do destino ultrajante"]), como diz a Bíblia na versão do rei James *(Rebuke me not in Thine anger, neither chasten me in Thy displeasure* ["Não me censures em tua cólera, nem me castigues em tua indignação"]). É muito provável que a prática seja reforçada não apenas para escapar à repetição, mas porque ela provoca uma reação mais unívoca no ouvinte, qualquer que seja o controle comum possuído por tal grupo de estímulos. A repetição encorajada quando estamos descrevendo um estado de coisas difícil ou complexo, ou quando estamos insistindo num argumento difícil, costuma adotar esse tipo de variação. Os tratados de metafísica às vezes são reduzíveis a séries de variações de umas poucas respostas elementares.

O comportamento verbal que é forte por causa de algumas conseqüências especiais, discutidas no capítulo 6, sobre e acima da conseqüência especial de "informar o ouvinte", é levado a um fim mediante uma redução em estados relevantes de

privação, como ocorre com o comportamento sob a forma de *mando.* O menino que grita *Lobo!* pára de gritar quando vê que os vizinhos chegam. O comportamento emocional do ouvinte não é apenas uma conseqüência especial, que não pode ser efetivamente *mandada;* nem sempre é óbvio. Nem tampouco a condição subjacente se altera muito por uma única resposta. Raramente estamos satisfeitos quando obtemos uma risada ou arrancamos uma lágrima. O comportamento que tem esse tipo de efeito é caracteristicamente ecóico. Assim como o comportamento com efeitos mais sutis... *num esquecido canto empoeirado de um esquecido quarto*[69] ou *algo parecia avolumar-se e crescer e avolumar-se em seu peito.*[70] Compare-se, do último autor, O *mundo pode ser mau, cruel e estúpido, mas é paciente. Neste ponto, não serei contestado. Ele é paciente; eu sei do que estou falando; afirmo que a palavra ê paciente.* Aqui, como no refrão poético e em outros tipos de repetição retórica, os expedientes estilísticos são possíveis porque a comunidade literária não pune, ou falha em reforçar a repetição da resposta com o mesmo zelo que a comunidade verbal prática. A repetição também é encorajada porque na comunidade literária as respostas ocorrem com menos força.

O comportamento verbal pode cessar simplesmente porque umas poucas respostas revelam o caráter de auditório do ouvinte. Alguém, a quem falamos pela primeira vez, pode mostrar, por meio de sua primeira reação, que é um exemplo de auditório que não reforça o comportamento verbal: é surdo, por exemplo, ou não fala a nossa língua. Em tais casos, o comportamento cessará muito mais depressa do que através do próprio processo de extinção. (A extinção está originalmente envolvida, é claro, ao colocar o comportamento sob o controle negativo de tal auditório.) Não é necessário extinguir todo o nosso repertório verbal cada vez que descobrimos alguém que fala outra língua, O comportamento verbal que, antes de tudo, é eficiente sobre o próprio falante só cessa quando se conseguiu um efeito. Quando não há um auditório punitivo, ou qualquer variedade de auditório negativo, o comportamento pode não cessar, como revelam os diários e os livros de anotações. O falante que está falando para si próprio por meio de outra pessoa não pode ser detido pelo ouvinte ostensivo só pela indicação de que seu comportamento foi eficaz. As confissões podem requerer um ouvinte externo, mas elas só têm eficácia sobre o próprio falante. Como nos diz Rousseau em suas *Confissões, Je sais bien que le lecteur n'a pas grana besoin de savoir tout cela, mais j'ai besoin, moi, de le lui dire}*[5] O comportamento verbal que surge principalmente da ansiedade, ou de outra condição aversiva do falante não atenuada eficazmente pelo comportamento, pode ser ecóica na forma descrita pela rainha, em *Hamlet,* como "protestando demais".

Situação feliz é aquela em que o falante, que basicamente está falando para si mesmo, obtém sobre si próprio um efeito quase simultâneo ao causado sobre seus ouvintes. O tipo mais comum de falha contribui para a repetição. Apesar de o ouvinte externo há muito tempo ter sofrido a mudança apropriada, o falante continua a falar para si mesmo. Quando o efeito sobre o próprio falante ocorre

---

[69] Moore, George, *Confessions of a Young Man* (Nova Iorque, 1901).
[70] Machen, Arthur, *The Hill of Dreams* (Nova Iorque, 1927).

antes do que no ouvinte externo, seu comportamento é chamado de lacônico. O ouvinte externo aproveitaria bem uma repetição e uma ampliação.

Quando existe uma razão prática para evitar a cessação do comportamento verbal, evitam-se conseqüências limitativas. O problema do escritor profissional é o de continuar a reagir verbalmente. Muitos escritores acham bom não falar sobre o material acerca do qual estão escrevendo. Contar a trama de uma novela ou expor os detalhes de uma cena enfraquecem o comportamento e tornam difícil para o escritor a execução de sua tarefa. Da mesma forma, o psicólogo, ansioso para manter o cliente falando, pode evitar qualquer sinal de que seu comportamento está sendo eficaz, não apenas para evitar que se "modele" o comportamento do cliente ao longo de certas linhas temáticas (ver capítulo 6), como também para evitar que ele se cale, como quem concorda ou compreende.

Apuro Da Definição De Comportamento Verbal

Agora que já examinamos as variáveis das quais a resposta verbal é função, será útil restringir nossa definição pela exclusão de casos de "fala" que são reforçados por certos tipos de efeito sobre o ouvinte. Tal exclusão é arbitrária, mas ajuda a definir um campo de pesquisa que possui certas propriedades unitárias.

Quando o "ouvinte" mediador participa apenas em seu papel de objeto físico, não há razão para se distinguir um campo especial. O pugilista ou o médico obtêm certos resultados apenas "por meio da participação de outra pessoa", mas um soco no queixo ou uma extração do apêndice não devem ser encarados como verbais.

Dizer que só estamos interessados no comportamento que tem efeito sobre o *comportamento* de outrem não vai assim tão longe, pois a definição abrangeria todo comportamento social. O artista, para tomar Um caso particular, é reforçado pelos efeitos de seu trabalho sobre as pessoas — ele mesmo ou outrem — mas, neste caso, muito de seu comportamento é irrelevante. Uma restrição preliminar seria limitar o termo verbal aos casos em que as respostas do "ouvinte" tenham sido condicionadas. Poderíamos então excluir o comportamento de pintar cuidadosamente a representação de uma paisagem como não-verbal e aceitar o uso de um símbolo convencional numa pintura como uma resposta verbal. Mas o artista que pinta uma mãe com o filho de forma realística para evocar reações apropriadas a tal assunto está apelando para um comportamento condicionado de seu auditório, apesar de seu comportamento não ser proveitosamente descrito como verbal. Se estabelecemos a condição ulterior de que o "ouvinte" deve estar respondendo de uma forma já condicionada *precisamente com o fim de reforçar o comportamento do falante,* limitamos nosso assunto ao que tem sido tradicionalmente reconhecido como campo verbal.

Essas distinções podem ser ilustradas considerando-se as diferentes maneiras pelas quais se faz com que um cavalo se vire. Quando se usa a força física — quando o cavalo é simplesmente empurrado para o lado — o resultado não reforça aquele que empurra, em virtude do movimento do cavalo como organismo vivo. Podemos puxar um cavalinho de pau da mesma maneira, mas tal comportamento não tem aqui nenhum interesse. Se se faz com que o cavalo refugue para um lado sacudindo-se um objeto que o assusta ou, se o atraímos para o outro lado segurando-se outro objeto, o efeito é obtido pela provocação de um comportamento *não-condicionado.* Da mesma forma, quando se espanta uma mosca da salada, esta voa por causa de uma resposta não-condicionada característica de um objeto que se move. As técnicas e manobras do toureiro têm resultados facilmente previsíveis, por causa da maneira pela qual os touros em geral tendem a se comportar, embora, na arena, ocorra algum condicionamento específico. Publicitários e especialistas em mercado exercem um controle semelhante sobre o comportamento humano: a campainha que toca na vitrina é um estímulo originaria-mente não-condicionado, que leva os passantes a olhar a vitrina. Limpar a garganta ou dizer *Psiu!* para chamar a atenção pode ser eficaz pelas mesmas razões. Usam-se igualmente estímulos condicionados. Um torrão de açúcar pode induzir o cavalo a voltar-se, primeiramente porque voltar-se e aproximar-se de objetos semelhantes foram eventualmente seguidos pelo contacto reforçador de açúcar na boca. Parece que não há nenhuma razão para considerar o "uso" de tais estímulos como verbal, pois as relações de controle não apresentam problemas especiais.

Um homem se entrega a um comportamento que exige uma análise posterior quando faz um cavalo voltar-se deixando as rédeas tocarem de leve no pescoço do animal. O toque das rédeas, diferentemente do aceno de um objeto que assusta, não causa originalmente o movimento do cavalo para uma dada direção, não havendo o condicionamento *incidental,* como no caso do torrão do açúcar. O cavalo foi condicionado pelo toque das rédeas *especialmente para criar meios de controle.* Mais particularmente, ele foi submetido a certas contingências, que envolvem um toque no pescoço e a fuga ou a evitação a estímulos aversivos produzidos pelo chicote ou pelo calcanhar.

Esse condicionamento especial confere eventualmente ao comportamento do cavalheiro propriedades de interesse especial, da mesma forma que circunstâncias semelhantes da história do ouvinte fazem surgir características importantes no comportamento do falante.

O condicionamento especial do ouvinte é o x do problema. O comportamento verbal é modelado e mantido por um meio verbal — por pessoas que respondem de certa maneira ao comportamento por causa das prática do grupo do qual elas são membros. Essas práticas e a interação resultante entre o falante e o ouvinte produzem os fenômenos aqui considerados sob a rubrica de comportamento verbal.

Parte III

VARIÁVEIS MÚLTIPLAS

CAPÍTULO 9

CAUSAÇÃO MÚLTIPLA

De nosso estudo sobre as relações funcionais do comportamento verbal emergem dois fatos: 1) a força de uma única resposta pode ser, e usualmente é, função de mais de uma variável e 2) uma única variável costuma afetar mais de uma resposta.

Um exemplo do primeiro fato já foi dado. A resposta *fogo* pode ser um *mando* ou um *tacto.* Pode ser também uma resposta ecóica, textual ou intraverbal. (Uma vez que a forma das respostas ecóicas e textuais é determinada pelos estímulos verbais, elas quase sempre possuem a mesma forma que outros ope-rantes.) A coincidência formal não precisa ser completa. Num exemplo a ser considerado em seguida, veremos a resposta *desconto* sob o controle de uma variável e o fragmento *desc-* sob o controle de outra.

Há evidências igualmente boas de que uma única variável pode afetar a força de muitas respostas. Partes diferentes da comunidade verbal, ou a mesma comunidade em ocasiões diferentes, podem reforçar respostas diferentes da mesma maneira. O repertório adulto contém muitos *mandos,* que variam de acordo com o estado de privação ou de estimulação aversiva; quando um homem é privado de comida, não é simplesmente o mando *Comida!* que revela uma probabilidade crescente. As práticas reforçadoras relativas ao comportamento intraverbal são ainda mais complexas. Assim como uma dada palavra-estímulo evocará grande número de respostas diferentes numa amostra da população em geral, cresce também a probabilidade de emissão de muitas respostas num único falante. Muitas propriedades, cada uma das quais controlando um *tacto* abstrato, são apresentadas juntas naquilo que chamo de apresentação de estímulo ou situação de estímulo e, por extensão metafórica, metonímica ou por solecismo, cada uma delas pode encorajar a emissão de muitas outras. Apenas o comportamento ecóico ou textual deixam de revelar uma variável isolada que controle muitas formas de resposta.

Às vezes são emitidos vários membros de um grupo de respostas reforçadas por uma única variável. Certas expressões idiomáticas, constituídas por pequenos grupos "temáticos" *(sobre e acima, ótimo e bom, vias e meios, partes e parcelas, a seguro e a salvo, restos e fins).* Quando o comportamento verbal é ineficaz na alteração das circunstâncias responsáveis por sua força, uma resposta pode produzir outra (especialmente quando a simples repetição é punida), e o grupo temático surge como uma espécie de repetição com variações. Grupos de respostas sob uma variável comum são formalmente reconhecidos sob rubricas tais como "atitude" ou "opinião". Quando usamos uma medida de opinião para prever um comportamento, argumentamos que, porque foi dada uma resposta num grupo temático, outras respostas do mesmo grupo serão prováveis. Não é necessário identificar as circunstâncias da história e da condição atual do falante responsável.

Um grupo temático é a contrapartida de comportamento de uma proposição. Na expressão "a mesma coisa pode ser dita de várias maneiras", "a mesma coisa" refere-se a um conjunto comum de variáveis e "várias maneiras" a um grupo temático de respostas. Às vezes é mais fácil prever que um homem "responderá negativamente" do que dizer que ele emitirá uma resposta particular, por exemplo, *Nunca!,* porque as variáveis que controlam um grupo temático são apenas parte daquilo que deve ser considerado na previsão de uma resposta específica.

Nem o fato de uma única resposta pode ser controlada por mais de uma variável, nem o fato de uma variável poder controlar mais do que uma resposta violam qualquer princípio do método científico. Daí não se segue que uma relação funcional específica não seja legal, nem tampouco que o comportamento que ocorre numa dada situação não seja totalmente determinado. Isto significa apenas que precisamos ter certeza de que levamos em conta *todas* as variáveis relevantes ao fazer uma previsão ou ao controlar o comportamento.

Estes dois fatos tornam altamente provável que qualquer amostra do comportamento verbal seja função de muitas variáveis que operam ao mesmo tempo. Qualquer resposta sob o controle de uma variável tem uma boa probabilidade de estai relacionada com outras variáveis também presentes. Ora, há um princípio bem estabelecido para o comportamento não-ver-bal, princípio que afirma que fontes separadas de força se somam. (Uma vez que certas variáveis *reduzem* a força do comportamento verbal, a adição deve ser algébrica.) Como resultado, uma causação múltipla produz muitos efeitos verbais interessantes, inclusive o jogo de palavras, o humorismo, o estilo, a invenção poética, as distorções formais, os lapsos e muitas técnicas do pensamento verbal.

Já recorremos à causação múltipla ao tratar o auditório como uma variável (capítulo 7). Um amplo grupo de respostas tem uma força maior na presença de um auditório particular, e certos membros do grupo têm uma força aumentada na pre-

sença de um dado objeto. O falante emite a resposta que é ao mesmo tempo "apropriada ao auditório" e "descritiva do objeto". Usamos também o princípio para explicar certos efeitos especiais no capítulo 6. Um *tacto* sob o controle de um estímulo particular, e que adquire efeito especial sobre o ouvinte, será emitido como muito mais probabilidade. O "tacto" *leite,* que é forte na presença de leite, será mais provavelmente emitido quando o falante está sedento de leite e inclinado a emitir o "mando" *leite!* Exceto quando o controle de estímulo foi totalmente destruído, como na ficção ou na mentira, temos que considerar duas fontes de força.

Chegamos agora a um tipo diferente de controle múltiplo, no qual as relações funcionais, estabelecidas separadamente, se combinam possivelmente pela primeira vez numa dada ocasião. Há dois tipos de evidência a serem consideradas. No estudo do comportamento verbal, freqüentemente nos vemos limitados a registros do comportamento do falante ou do escritor, sendo que as condições nas quais ocorreu o comportamento não são conhecidas. Este é comumente o caso do estudo crítico de textos, da análise lingüística de amostras gravadas da fala e da explicação das obras literárias ou científicas. Podemos reconstruir uma provável história verbal do falante ou do escritor, mas só raramente nossas inferências acerca das variáveis relevantes podem ser verificadas de forma direta. Contudo, as inferências muitas vezes são plausíveis e a análise é útil. Um tipo de informação mais direta pode ser obtido a partir da manipulação deliberada das variáveis, na qual o comportamento resultante é previsto ou mesmo controlado.

Neste capítulo, predomina o primeiro destes dois tipos de evidência. As relações funcionais demonstradas na II Parte e a noção de causação múltipla são usadas para interpretar casos registrados de comportamento verbal. Ao julgar a validade da análise, o leitor deveria ter em mente a possibilidade de um tipo mais direto de informação, que será discutido no capítulo seguinte, no qual as variáveis controladoras do comportamento verbal são diretamente manipuladas por motivos práticos.

Auditórios Múltiplos

Além da causação múltipla, que ocorre quando um auditório se combina com um tipo diferente de variável, temos que considerar os auditórios múltiplos. O controle exercido por cada um dentre dois ou mais auditórios se desenvolve em circunstâncias apropriadas, e os auditórios ocorrem então juntos, talvez pela primeira vez.

Num caso relativamente trivial, dois ou mais auditórios têm o mesmo efeito sobre a mesma resposta. A força verbal do orador de praça pública, que cresce à medida em que seu auditório se amplia, é quase sempre um caso de intensificação de uma única

variável. Um aumento semelhante de tamanho de um auditório negativo é responsável pela completa supressão do comportamento verbal no "pânico do palco", se este termo puder ser ampliado e aplicado a qualquer situação em que um indivíduo está falando para muitas pessoas potencialmente críticas ou negativamente reforçadoras.

Os auditórios múltiplos que controlam respostas diferentes, ou a mesma resposta de diferentes maneiras, produzem outros efeitos interessantes. Quando o reforço final, assim como a situação externa, exceto no tocante ao auditório, é o mesmo, diferentes formas de resposta são estabelecidas por comunidades verbais diferentes. Em seguida, os auditórios que controlam formas de resposta separadamente se unem. O resultado será uma severa redução do repertório disponível, se apenas as respostas comuns aos dois auditórios forem fortes. Por exemplo: é "difícil" discutir um assunto perante um auditório técnico e não-técnico ao mesmo tempo. Podemos interpretar esse "difícil" de duas maneiras. A palavra pode indicar apenas a pobreza do repertório disponível, como quando achamos difícil uma língua com a qual não estamos familiarizados. Ou pode referir-se às contingências punitivas que, provavelmente, estarão presentes em tal situação; o falante está sujeito às críticas do auditório técnico se suas respostas forem imprecisas ou ineficientes, bem como às críticas do auditório não-técnico, caso elas sejam obscuras ou ininteligíveis.

A presença de um auditório negativo só pode ser detectada em combinação com um auditório positivo, uma vez que seu efeito, se faz sentir por uma redução da força do comportamento apropriado ao segundo dos auditórios. Respostas obscenas reforçadas pelos companheiros de uma criança, por exemplo, são punidas pela família. Enquanto esses auditórios permanecerem separados, não haverá dificuldade, mas os dois auditórios reunidos apresentam um dilema: as respostas deverão ou ser emitidas e punidas por um auditório ou contidas, o que acarretará, digamos assim, perda de prestígio junto ao segundo auditório. Dois cientistas podem deixar de falar de sua profissão num elevador lotado se forem sensíveis ao auditório adicional, que pode reagir a seu comportamento verbal como diante de uma algaravia incoerente. Se o auditório negativo não é predominante, o resultado pode ser uma perda da eficácia diante de auditório positivo. Quando um improvisado orador subversivo de praça pública vê, à distância, um policial que se aproxima, seu comportamento decresce em força, à medida que o auditório negativo torna-se relativamente mais importante, chegando eventualmente a cair abaixo do nível aberto. O estudante que murmura uma resposta, de forma a que ela não seja suficientemente clara para ser errada, revela o efeito de um auditório positivo (que exige *alguma* resposta vocal) e de um auditório negativo, mais sensível aos detalhes, ambos representados pela mesma pessoa. Às vezes, a combinação dos auditórios positivo e negativo reduz a energia do nível de resposta, de forma a que apenas um auditório seja afetado, como ao cochichar ou ao passar notas sub-

repticiamente. O comportamento assume um nível de energia ou uma forma tal que apenas um dos auditórios é afetado. O "aparte" no teatro é um expediente formalizado para se falar apenas a um dos auditórios, e no qual o auditório excluído pode produzir conseqüências punitivas.

Nesses exemplos, admitiu-se uma resposta verbal como sendo eficaz em dois auditórios de maneira diferente. Quando duas ou mais formas de resposta são eficazes para o auditório positivo, mas apenas uma delas o é para o auditório negativo, a forma que é eficaz apenas para o auditório positivo surge quando os dois auditórios ocorrem juntos. Os pais podem falar uma língua estrangeira para evitar efeitos sobre os filhos, efeitos estes que seriam punitivos para os pais. Uma das funções da gíria do submundo é a de servir de linguagem secreta. Um ladrão londrino do século XVIII poderia dizer *Stow it, the cove's awake [Deixe disso, o camarada está acordado],* e desta forma avisar seu comparsa de que a vítima em questão está de sobreaviso, não tendo a resposta qualquer efeito sobre os passantes inocentes. Da mesma forma, ele poderia informar um amigo de que *The kiddy clapped his persuaders to his prad, but the traps boned him* [O *gajo se arrancou com seu cavalo, mas os tiras o fisgaram']* com menos perigo do que se dissesse *The highway-man put spurs to horse, but the police caught him* [O *salteador esporeou o cavalo, mas a polícia o apanhou]*[71] Houve época em que era comum os médicos transmitirem instruções aos farmacêuticos por intermédio do paciente numa linguagem secreta que este comumente não poderia entender. Assim, as marcas tinham

r/

Sodii bicarbonatis

Sacchari a a 3 i j

Spiritus amonii aromatici m x L

Aquae menthae piperitae q.s. ad f 3 viij

sobre o farmacêutico um efeito semelhante ao das marcas *solução de sodamenta,* mas esta poderia ter sobre o paciente um efeito aversivo em relação ao médico. Numa bem conhecida história de O. Henry, um telegrama foi composto em gíria americana, de forma a não poder ser decifrado pela polícia sul--americana que o interceptasse, mesmo com o auxílio de um dicionário inglês. A gíria muda de forma tão rápida que é provável que o leitor americano contemporâneo fosse igualmente enganado. O telegrama dizia: *His nibs skedaddled yesterday per jackrabbit Une with*

[71] Estes exemplos são de Grose, F., A Classical Dictionary of the Vulgar Tongue (Londres, 1785).

ali the coin in the kitty and a bundle of muslin he's spoony about. Os termos vagos nos quais conduzimos uma conversa íntima num trem lotado ou na presença de um bisbilhoteiro compreendem também uma espécie de língua secreta. O termos que empregamos têm um efeito especial sobre o auditório imediato, por causa das outras informações, de que só ele dispõe.

Uma resposta isolada pode ter efeitos diferentes sobre diferentes auditórios. Um distinto acadêmico costumava acusar cortesmente o recebimento de exemplares de livros escrevendo imediatamente a seu autor: *Não vejo a hora de ler o livro que você, tão gentilmente, me enviou.* Com relação ao auditório do qual o autor era membro, isto queria dizer *Estou ansioso por ler seu livro* ou *Lerei seu livro tão logo seja possível.* Com relação a outro auditório, do qual o próprio acadêmico era membro, isto queria dizer *Não perderei meu tempo com tal tolice.* Vários tipos de ironia exemplificam este tipo de auditório múltiplo. Sócrates encoraja um inocente recém-chegado com uma resposta que tem um efeito sobre este (sinônimo de *Estamos ansiosos por ouvir o que você tem a dizer)* mas um efeito diferente sobre o grupo (sinônimo de *Mostre-nos quão mal informado você é).* Na ironia dramática, o dramaturgo põe na boca de uma personagem uma observação que tem um efeito sobre as personagens que estão no palco e outro muito diferente sobre os espectadores. Quando Macbeth se reassegura de sua invencibilidade, repetindo a profecia de que permaneceria incólume enquanto a floresta de Birnam não viesse a Dunsinane, ele produzia um efeito diferente no auditório, para quem a expressão não era mais sinônimo de impossível. Na ironia dramática, a realização artística exige que o espectador responda, em certa medida, como membro dos dois auditórios.

Numa forma de zombaria, o comportamento do falante parece estar sob o total controle de um auditório, mas ele é tão extravagante ou tão ultrajante para um segundo auditório que o controle exercido pelo primeiro parece espúrio. Digamos que um crítico deva apreciar uma nova peça escrita pela esposa do editor de seu jornal. O que ele diz é, em parte, determinado pela peça que ele vê, mas seu efeito especial sobre seu empregador não é irrelevante. Recorrendo a um elogio excessivo e de mau gosto, ele pode satisfazer à contingência representada pelo efeito sobre seu empregador e, todavia, salvaguardar sua reputação de crítico junto a seus colegas e junto a parte de seu público, os quais, percebendo o exagero de sua crítica, tirarão outras conclusões sobre sua reação à peça.

A fábula, a sátira e a alegoria são compostas de respostas emitidas para um auditório, mas agirão sobre outro auditório de maneira diferente. Na época em que foi escrito, *As Viagens de Gulliver* tiveram um efeito muito diferente sobre o leitor jovem e sobre o leitor adulto socialmente sofisticado, apesar de não ter sido escrito numa linguagem secreta. Enquanto descrição, digamos de uma condição social perturbadora, uma sátira pode ser encarada como extensões metafóricas ou

metonímicas extremas. Uma descrição mais estrita seria punida e as condições, por conseguinte, estão maduras para a extensão metafórica. Mas a sátira não é apenas extensão metafórica; ela toma a forma apropriada a outro auditório. Muitos detalhes podem ser apropriados para uma história infantil e serem incapazes de explanação enquanto extensão metafórica no tocante ao primeiro auditório. De um ponto de vista prático, a parte da sátira dirigida à criança enquanto auditório age como garantia adicional contra a punição. Mas os dois auditórios são importantes para o efeito satírico. O escritor não teria escrito apenas para o segundo auditório, e um membro inocente desse auditório não apanharia "o ponto em questão". O leitor que "aprecia a sátira" deve ser membro dos dois auditórios.

A alegoria se refere comumente a dois ou mais auditórios, nenhum dos quais necessariamente negativo. O *Pilgrim's Pro-gress* de Bunyan, enquanto discussão metafórica de preceitos morais, dirige-se a um auditório que pode não requerer a forma alegórica, mas é também uma história de aventura pessoal e, como tal, o livro se dirige diretamente a um auditório desinteressado por preceitos morais. A estratégia da alegoria é a de induzir o segundo auditório a responder com um comportamento apropriado ao primeiro. A extensão na qual os leitores são membros dos dois auditórios pode variar de forma considerável. Ao ler a história, uma criança, pode ser pouco afetada pelos preceitos morais; um moralista, lendo-a como extensão metafórica, pode ser pouco atingido pelas personalidades e episódios.

A fábula, a sátira e a alegoria assemelham-se ao comportamento do falante que se dirige a alguém "através de um segundo ouvinte. O nível de energia, e outras características do comportamento verbal, numa sala de espera lotada podem indicar que o falante também está falando aos que não podem escolher, mas apenas ouvir. Tal técnica é útil com relação a auditórios potencialmente negativos. Às vezes é possível falar a uma pessoa de importância real ou cerimonial, com quem somos proibidos de falar diretamente, falando a um segundo auditório, dentro do alcance de seu ouvido. Uma pessoa pode queixar-se de injustiças na presença de um magistrado, mas sem dirigir-se diretamente a ele. O segundo auditório pode ser o próprio falante; a queixa pode ser murmurada, sem estar sendo dirigida a alguém em particular. Uma criança punida por ser implicante pode simplesmente dizer a si mesma *Eu gostaria de comer alguns doces* ou *Doce ê uma coisa muito boa.* Uma boneca ou um animal de estimação podem servir de segundo auditório.

Variáveis Múltiplas No Tacto Impuro

Sob um reforço cuidadosamente generalizado, o tipo de operante verbal chamado *tacto* aproxima-se da condição na qual sua forma é determinada apenas por uma variável. Mas, à medida em que a resposta tende a ter um efeito especial sobre o

ouvinte, ela varia em força de acordo com os estados de privação ou de estimulação aversiva associadas com esse efeito. O controle de estímulo é reduzido, como vimos, e na pura ficção pode até deixar de existir. Entre esses dois extremos, estamos necessariamente tratando com variáveis múltiplas. O efeito especial de "deixar o ouvinte saber" — em particular, indu-zindo-o a se comportar de forma apropriada a um dado estado de coisas — pode combinar-se com o simples controle de estímulos. A resposta *Acredite-me, é verdade* contém um *mando* e um *tacto*. A função do *mando,* de coagir o ouvinte a reagir "com maior crédito" ao *tacto,* pode ser exercita mediante uma forma mais urgente de *tacto* (É VERDADE/) que deve ser atribuída a múltiplas fontes.

Uma conseqüência especial pode afetar a escolha de outras formas, aliás, equivalentes. A seleção de um repertório de preferência a outro assemelha-se ao efeito dos auditórios múltiplos. Um cartaz exposto numa mercearia e no qual se lia *Nosso serviço de pesos é feito por balanças sem mola* sugere que o autor estava respondendo a certas propriedades das balanças, mas estava sendo também diferencialmente reforçado por certas formas de resposta associadas com certas classes de falantes ou de escritores. A própria condição das balanças poderia ter evocado outras respostas, na ausência de uma conseqüência especial — por exemplo *Usamos balanças sem mola.* Fowler[72] classifica os efeitos especiais que influenciam na escolha de sinônimos em muitos tipos: *dentifricio* em lugar de *pasta de dentes* é um "refinamento", *meticuloso* em lugar de *exato* exemplifica o "amor pelas palavras longas", *contestação* em lugar de *negação* é uma "palavra literária", *superiorizar* em lugar de *melhorar* revela uma "procura da novidade", e assim por diante.

Punição Na Causação Múltipla

As conseqüências negativas são, talvez, mais eficientes na determinação da escolha entre formas sinônimas. Uma vez que a mera dificuldade de execução é uma punição inerente, a resposta curta é preferida à longa (exceto quando uma conseqüência especial de comprimento é impediente, como no "Humor Polissilábico", de Fowler). Podemos preferir o concreto ao abstrato pela mesma razão. As respostas em níveis mais baixos de abstração são relativamente mais fortes, em parte por causa do reforço mais freqüente, mas em parte também porque a extinção ou a punição são mais comuns na história do termo abstrato. A hierarquia de abstração corresponde à hierarquia de conseqüências negativas potenciais, e a

[72] Fowler, H. W. *Modem English Usage* (Londres, 1930).

maior probabilidade do operante menos abstrato revela o efeito da variável adicional.

No caso extremo, o comportamento automaticamente punitivo pode simplesmente ser "esquecido", no sentido freudiano. Casos nos quais há "algum motivo de recordação" bem como "algum motivo de esquecimento" revelam a adição algébrica de variáveis que possuem efeitos opostos.

Uma das duas respostas possíveis é diferencialmente selecionada, porque a outra, em certa medida, também é punidora, quando o falante usa uma expressão "eufêmica". A resposta eufêmica tem menos efeitos aversivos sobre o falante, quer direta quer indiretamente, por meio do ouvinte. O lapso freudiano revela o mesmo efeito — quando, por exemplo, um antigo pretendente chama uma mulher casada por seu nome de solteira, porque o nome de seu marido é aversivo a ele. O efeito diferencial de uma conseqüência semelhante é revelado na resposta que "evita ferir os sentimentos do ouvinte". Um oficial, ao se dirigir a um grupo de soldados durante a batalha, pergunta *Quem é o encarregado aqui?* mas, da maneira que Tolstoi descreve a cena em *Guerra e Paz,* ele quis dizer e foi compreendido como tendo dito *Você está em pânico?* Sua pergunta *manda* certas respostas verbais da parte do ouvinte, respostas que são relevantes para a condição do grupo, sem sugerir covardia ou falta de disciplina.

As punições explicitamente arranjadas pela comunidade verbal têm o mesmo efeito. Quando uma resposta foi emitida, ela pode ser punida se for novamente emitida, e respostas alternativas no grupo temático tornam-se por isso relativamente fortes. Há um efeito reverso. Quando o comportamento verbal costuma ser criticado ou punido de outra forma, as *primeiras* respostas podem ser rejeitadas em favor de outras (ver capítulo 15). A primeira resposta (possivelmente encoberta) é automaticamente punida, porque partilha de uma propriedade com os apressados "primeiros pensamentos", mas qualquer resposta que se seguir é forte, porque partilha da propriedade das respostas ponderadas ou aperfeiçoadas.

Considerando a soma algébrica dos efeitos de reforço e punição, não devemos desprezar o reforço de manter-se em silêncio. A criança é aprovada por estar em silêncio e o homem colérico é reforçado se seu silêncio fere alguém. Estas "forças negativas" entram nos efeitos combinados das variáveis múltiplas quando, por exemplo, não falamos com quem estamos brigados, porque isso anularia nossa finalidade de punir pelo silêncio.

Tactos Múltiplos E Intraverbais

Um exemplo de *tacto* duplo é o nome próprio que cai bem em seu portador. Na Nomeação (capítulo 5) um nome próprio costuma estar no controle parcial da

pessoa ou coisa à qual ele se aplica quando o nome lhe é "dado" pela primeira vez. Quando o nome próprio foi reforçado independentemente, como ele será, quer descreva o objeto quer não, a relação original pode sobreviver. A personagem Mrs. Coiler[73] de Dickens "tinha um modo coleante de se aproximar... que era ao mesmo tempo serpentino e de língua bipartida". Seu nome é uma resposta que revela uma extensão nominativa semelhante à metáfora e, ao mesmo tempo, um *"tacto* apropriado", cujo controle teria sido o mesmo se seu nome fosse, digamos, Mrs. Smith. O efeito não requer nomeação. Se conhecemos um homem de cabelos brancos chamado Mr. Leblanc, o *"tacto* comum" tornará mais provável que o chamemos pelo nome e menos provável que esqueçamos o seu nome, e assim por diante.

Os intraverbais misturados são exemplificados por um número de telefone ou uma placa de automóvel que contenha a seqüência 1, 2, 3, 4. Podemos aprender tal número mais facilmente por causa das contingências anteriores que estabelecem a mesma seqüência.

A combinação momentânea de dois *tactos,* de dois intraverbais ou de um *tacto* e de um intraverbal pode forçar a seleção de uma resposta contra formas alternativas. Em geral, é difícil provar as fontes múltiplas, mas os exemplos são tão comuns que qualquer pessoa que se tenha preocupado em notá--los, não poderá por certo questionar a realidade do processo. Numa discussão sobre filosofia política, a resposta *Se você estiver suficientemente faminto, será capaz de engolir qualquer coisa* poderia conter formas alternativas tais como aceitar, acreditar ou ser enganado. A forma *engolir* parece ter prevalecido, ou por causa de uma conexão intraverbal com *faminto,* ou como um *tacto* ampliado descritivo da situação. O termo *é* irrelevante nessa conexão e poderia ter como efeito a confusão do ouvinte. No aviso *Estes ovos de açúcar pô-lo-ão na horizontal,* o sinônimo para *ficar doente,* mostrando aparentemente uma conexão intraverbal entre *ovo* e *pôr, é* suficientemente incomum para sugerir uma fonte adicional de força; mas na resposta *Estes avisos de entrada proibida são muito proibitivos* seria difícil provar as fontes múltiplas de *proibitivo.* Às vezes, não se faz necessária uma prova. Um jovem que se queixava da comida servida num refeitório estudantil, insistia para que os estudantes organizassem uma *dieta* a fim de considerar o assunto. *Dieta é* um sinônimo tão pouco usual para *conferência* ou *encontro* que não precisamos de outra evidência acerca de uma fonte adicional de força. (Talvez a *Dieta de Worms* não fosse de todo irrelevante.)

Todos estes exemplos são "falados", mas há abundante material escrito do mesmo naipe. Uma legenda sob uma fotografia numa revista, fotografia esta tirada da

---

[73] *Coil,* em inglês, significa espiral ou enrolar. (N. da T.)

cozinha do Primeiro Ministro inglês, dizia: *A bad meai cooked here can deran-ge British history* ["Uma refeição mal feita aqui pode desar-ranjar a história britânica"], na qual "desarranjar" *[derange] é* um membro tão pouco comum do grupo temático, que inclui *mudar, perturbar, desviar* e *alterar,* que seu emprego indica a ajuda auxiliar de um grande fogão de cozinha *[range],* visível no centro da fotografia.

Num cartaz de propaganda, no qual se viam algumas notas musicais com a legenda *Música Notável,* a resposta *notável* parece ter sido selecionada, obviamente, de um grupo que continha *excepcional, excelente, extraordinária* e *eminente*. Nesses dois exemplos, a força suplementar poderia ter sido um *tacto* para a figura que acompanha, mas em geral, exemplos tirados de textos tendem a ser intraverbais. Quando um escritor ao comentar a morte de uma famosa aviadora, disse *The round-the-world flight was to have heen her last grave undertaking* ["O vôo ao redor do mundo deveria ter sido sua última grave tarefa"], estas duas últimas palavras, *[grave, undertaking]* usadas como sinônimo de *serious enterprise* ["séria empreitada"] possuem conexões intraverbais adicionais com morte. *Grave* [subst. "sepultura"; adj. "grave"] parece particularmente forçada pela relação extrínseca.[74] Uma inferência razoável de forças múltiplas parece justificar-se num exemplo como *One night, with the ship loaded with dynamite, a terrific storm hlew up* ["Uma noite, com o navio carregado de dinamite, explodiu uma terrível tempestade"] ou *This, the borers-from-within feel, augurs well for them* ["Isto, os perfuradores internos sentem que é bom augúrio"], mas é menos convincente pelas três últimas palavras em *Most theories of language run aground at this point* ["Muitas teorias da linguagem encalham neste ponto"], mesmo que seja especialmente fácil encalhar perto de um *point* ["ponto" ou "cabo"].

Às vezes, a fonte adicional de força se combina com uma variável que não controla uma forma específica de resposta. Ao escolher inesperadamente um exemplo de comportamento verbal, revelamos provavelmente uma fonte auxiliar de força que, de outra forma, seria muito fraca para produzir tal comportamento. Não podemos emitir uma série de números ao acaso por causa dos fortes estímulos intraverbais gerados por nosso comportamento, assim, como não podemos criar puros disparates. Mesmo o mais belo trabalho de Gertrude Stein, como veremos nos capítulos 14 e 15, revela vários grupos temáticos que sugerem ou proporcionam fontes suplementares triviais que, dadas as circunstâncias, foram suficientemente fortes.

---

[74] Em inglês, *grave* também quer dizer sepultura e *undertaking,* além de, empreendimento, também quer dizer serviço funerário. (N. da T.)

Os lapsos reveladores são, freqüentemente, intromissões violentas de respostas que revelam apenas uma fonte isolada de força. Quando Pórcia diz *One half of me is yours, the other yours/Mine own I would say* ["Uma metade de mim é sua, a outra sua/Meu ser, eu diria"], o uso revelador de *yours* ["sua"] pela segunda vez se deve a uma fonte externa de força, mas não a fontes múltiplas. Todavia, quando a palavra que se intromete assemelha-se à que foi deslocada, existem múltiplas fontes fragmentárias do tipo a ser discutido no próximo capítulo. Apesar disso, a resposta que se intromete não é distorcida e é classificada apropriadamente com o presente material. Um ministro religioso foi convidado a realizar o casamento da filha de um grande amigo, a qual, para grande desapontamento de sua família, ia casar-se com um tipo inútil. Ao ler as linhas, tão familiares para ele, que deveriam ser repetidas pelo noivo: *With ali my worldly goods I thee endow* ["Com todos os meus bens terrenos eu te doto"], ele substitui *worldly* ["terreno"] por *worthless* ["sem valor"]. Eis aqui uma combinação de um fragmento do intraverbal ou textual *worldly* com uma resposta plenamente desenvolvida para outra variável. Uma visita, que se viu forçada a olhar um álbum de fotografias tiradas durante as férias de verão de seu anfitrião, exclamou durante um pausa, tão prolongada que já se estava tornando embaraçosa: *Eis um caminho fatigante de se olhar.*

Causação Múltipla Na Literatura

A noção de licença literária, à qual já recorremos, leva-nos a esperar na arte verbal interconexões temáticas especialmente ricas. Quando T. S. Elliot escreve

> *... What will the spider do, Suspend its operations,... [... O que fará a aranha, Suspender suas operações,...]*

suspend aparece como sendo determinado tanto por uma variável que poderia ter sugerido uma resposta como *cessar* ou *desistir,* como uma conexão intraverbal com aranhas. No mesmo poema, a linha

> *The tiger springs in the new year [O tigre salta no Ano Novo]*

parece revelar múltiplas fontes para *springs* [de *to spring,* saltar, e *spring,* primavera]. *Pounces* ["salta sobre a presa"], por exemplo, careceria de uma conexão verbal com *year* ["ano"].[75]

---

[75] *Leaps* ["salta"] teria outra conexão intraverbal com *year.*

Alguns dos melhores exemplos das fontes múltiplas de força são os trocadilhos e outras formas de humor. O efeito sobre o ouvinte, ou sobre o leitor (ver o próximo capítulo), pode ser divertido ou agradável, particularmente num período em que os trocadilhos estão em moda, ou então pode partilhar da sóbria profundidade da ironia dramática. Jesus por certo não estava brincando quando disse *Tu és Pedro e sobre esta pedra construirei minha igreja.* Nem tampouco Shakespeare quando escreveu

Golden lads and girls ali must, As chimney-sweepers, come to dust. [Rapazes e moças ditosos todos deverão, como os limpadores de chaminé, volver ao pó.]

Às vezes uma resposta é repetida como se estivesse sob o controle de múltiplas variáveis que atuam uma de cada vez. Assim Otelo diz *Put out the light and then put out the light* ["Apague a luz e então apague a luz"], respondendo a variáveis separadas, como se estivesse para dizer *Snuff the candle and smother Desdemona* ["Apague a vela e sufoque Desdêmona"].

O comportamento não-verbal pode, é claro, ter múltiplas fontes de força. Por exemplo, alguém pode bater uma porta, em parte para fechá-la, e em parte para fazer barulho sob a influência de variáveis emocionais. Se o efeito emocional for para ser sentido por uma segunda pessoa, as fontes de força são verbais e não-verbais. Um trocadilho verbal, mas não vocal, é executado pelo administrador de empresa que rejeita uma proposta voltando o "polegar para baixo", como um imperador romano nas lutas entre gladiadores e, com a ponta do polegar, aperta um botão para que levem seu visitante até a saída. Fazer trocadilhos é mais fácil no comportamento verbal, porque as formas de resposta dependem menos do meio ambiente.

No momento, o trocadilho como forma de humor caiu em descrédito. Seu desprestígio pode dever-se ao fato de que, sob causação múltipla, as fontes triviais e irrelevantes se fazem sentir. O trocadilho irrelevante é uma caceteação. A diferença entre bons e maus trocadilhos parece ser exatamente a diferença de relevância das variáveis. Comunmente, num trocadilho "forçado", uma fonte de força não teria efeito. Mas se um comportamento devido a fontes múltiplas é especialmente reforçado — se o falante é aplaudido por fazer trocadilhos, por exemplo — as fontes fracas obtêm sua oportunidade. O limpador de chaminés, na citação de *Cymbeline, é* posto à força no verso para dar a *volver ao pó* uma segunda fonte de força; possivelmente *volver ao pó* é que reforçou *limpador de chaminé.* Mas as duas fontes de *Apague a luz* são relevantes. Quando o Dr. Johnson se ofereceu para fazer um trocadilho sobre qualquer assunto [em ingl. *subject* = assunto, súdito] e lhe foi sugerido o tema "O Rei", ele imediatamente respondeu *The King is not a subject* ["O rei não é um súdito"]. Este é um "bom" trocadilho, porque as duas fontes de força são relevantes. O Dr. Johnson estava entre aqueles que consideravam o trocadilho como

a "menor excelência de uma conversa animada". Muitas pessoas adotaram o ponto de vista oposto, apesar de que poucos foram tão radicais como um personagem de Victor Hugo ao dizer: *Le calembour est la fiente de Vesprit qui vole* ["O trocadilho é o excremento do espírito em vôo"].

Há exemplos literários de causação múltipla muito mais sutis. A importância do "significado múltiplo" tem sido amplamente reconhecida. Prescott, em *The Poetic Mind*[76] discutiu esse princípio, elaborado por Riding e Graves,[77] por I. A. Richards[78] e por William Empson.[79] Esses autores trataram especialmente dos efeitos sobre o leitor, efeitos que serão discutidos no capítulo seguinte. Riding, Graves e Empson destacaram a contribuição de práticas menos rígidas de pontuação. Na frase de Webster *Cover her face; mine eyes dazzle; she died young* ["Cubra sua face; meus olhos se ofuscam; ela morreu jovem"], a resposta *mine eyes dazzle* pode ser relacionada com a frase anterior, que seria sinônimo de *she is too beautiful to look upon* ["ela é muito bela para ser olhada"], ou com a frase que se segue vista como sinônimo de *I am weeping because she died so young* ["Choro porque ela morreu tão jovem"]. Antigamente, discutia-se qual o sentido que o autor tinha em mente — isto é: que fonte de força era provavelmente eficaz — mas a doutrina do significado múltiplo permite ao crítico admitir que as duas fontes são relevantes.

O livro de Empson contém muitas paráfrases engenhosas, que sugerem fontes múltiplas em poesia. Sua "ambigüidade" refere-se ao efeito produzido no leitor, mas suas análises de exemplos podem ser interpretadas como uma tentativa de reconstruir algumas das conexões temáticas responsáveis pelo comportamento do poeta. Consideremos, por exemplo, o fragmento de um dos sonetos de Shakespeare.

That time of year thou mayst in me behold When yellow leaves or none or few do hang Upon the boughs which shake against the cold, Bare ruined choirs, where late the sweet birds sang.

["Nesta época do ano vós podeis observar em mim / Quando nenhuma ou poucas folhas amarelas pendem / Sobre os ramos, que oscilam contra o vento, / Ruínas de coros desfolhados, onde tardiamente os doces pássaros cantam."]

Bare ruined choirs é uma extensão metafórica que descreve os ramos das árvores. Empson aponta as seguintes propriedades como possivelmente responsáveis pela extensão, e sugere que talvez todas elas estejam envolvidas: 1) coros são lugares onde se canta, como eram as árvores em estação anterior; 2) os meninos do coro sentam-

76 Prescott. F. C, The Poetic Mind (Nova Iorque, 1926).
77 Riding, L. e Graves, R., A survey of Modem Poetry (Londres. 1927).
78 Richards, L. A., Practical Criticism (Nova Iorque, 1929).
79 Empson, William, Seven Types of Ambiguity (Londres, 1930).

se em fila em bancos, como os pássaros nos ramos, por causa de uma geometria básica; 3) árvores e coros são feitos de madeira, e os coros, freqüentemente, são entalhados, para se assemelharem a folhas, nós de árvore, e assim por diante; 4) um coro em ruínas, como uma árvore no outono, não está mais encerrado num abrigo protetor — as folhas da árvore são o teto da catedral; 5) ao menos as catedrais góticas são, estruturalmente, semelhantes a uma floresta de árvores altas; 6) os vitrais da catedral assemelham-se às flores e a outras manchas coloridas da floresta no verão, mas agora, bem como o coro, parecem desolados.

Em outro tipo de "ambigüidade", Empson considera o seguinte exemplo, *That specious monster, my accomplished sna-re* ["Este monstro enganador, minha armadilha consumada"], onde *accomplished* ["consumada"] pode ser o equivalente de *success fui* ["bem-sucedida"] ou de *talented* ["talentosa"]. O duplo sentido seria irrelevante, a menos que o contexto revelasse prováveis candidatos para as duas fontes.

Uma importante fonte adicional de força, em literatura, surge da história literária do escritor, e tem um sentido para o leitor que partilha de história semelhante. Na tragédia grega, por exemplo, "Tanto o diálogo como a lírica são permeados de associações literárias que controlam a escolha de palavras".[80] Isto não indica referências explicitas a outros trabalhos literários, mas uma espécie de causação múltipla que age sobre o poeta no momento da composição. Um exemplo, do qual o poeta estava consciente, é o poema de T. S. Elliot:

> *The chair she stat in, like a burnished throne,*
>
> *Glowed on the marble, where the glass*
>
> *Held up by standards wrought with fruited vines...*
>
> *["A cadeira sobre a qual ela sentou-se, como um trono polido, / Brilhava no mármore, onde o espelho / Sustentado por colunas ornamentadas com vinhas... "]*

no qual há uma fusão de respostas intraverbais, incluindo padrões de acento fonético derivados da descrição que Shakespeare faz de Cleópatra[81] e um material adicional que serve de tema ao poema de Elliot.

O falante não precisa estar consciente de uma fonte extra de força, no sentido do capítulo 5. Quando uma resposta está sob o controle de um único estímulo, ele

---

[80] Pearso.i A. C, Verbal Scholarship and the Growth of Some Abstract Terms (Cambridge, 1922).

[81] The barge she sat in, like a burnish'd throne, Burn'd on the water. The poop was beaten gold;"
["A barca sobre a qual ela se sentava, como um trono polido,/ Brilhava sobre a água. O tombadilho estava polvilhado de ouro;"] ANTHONY AND CLEÓPATRA, Ato II, Cena II.

pode usualmente identificar o estímulo e a relação controladora respondendo à seguinte pergunta *Por que você disse isso?* Em geral, o leitor tem consciência daquilo sobre o que está falando no sentido de estar preparado para tal questão. Mas apenas em comunidades verbais muito adiantadas são propostas questões relativas a fontes múltiplas de força, questões que costumam passar despercebidas. É quase certo que não se viu uma fonte literária nos versos de Wordsworth *Prophetic spirit that inspir'st the hu-man soul of universal earth dreaming on things to come* ["O espírito profético que inspira a alma humana de orbe universal a sonhar com as coisas vindouras"], que certamente foi tomada de empréstimo a Shakespeare, *lhe prophetic spirit of the wide world dreaming on things to come* ["O espírito profético do mundo amplo sonhando com coisas vindouras"]. Respostas intraverbais fragmentárias adquiridas com a leitura de Shakespeare devem ter-se combinado com outros comportamentos correntes, mas o verso provavelmente teria sido rejeitado provavelmente, (capítulo 15) se este fato fosse claro. As possíveis razões pelas quais este fato não estava claro serão discutidas no capítulo 16.

Para "provar" que parte de um trabalho literário foi tomado de empréstimo, precisamos não apenas mostrar uma passagem semelhante num trabalho que o autor poderia ter lido, mas mostrar que o comportamento não é provável por outras razões. Os mais conspícuos exemplos de empréstimo são intraverbais. Depois que uma passagem foi lida, ou melhor, memorizada, qualquer resposta componente tende a trazer à luz respostas próximas. O comportamento intraverbal pode aparecer quando uma ocasião verdadeira está sendo descrita. O estudo de Lowes sobre o *Ancient Mariner*[82] é especialmente convincente, porque Coleridge não estava escrevendo a partir de uma experiência marítima de primeira mão. Suas descrições devem ter sido intraverbais, se não foram diretamente ecóicas ou textuais. O empréstimo de um enredo é, da mesma forma, mais facilmente estabelecido como intraverbal se tal enredo é pouco comum e, assim, não é provavelmente a descrição de um acontecimento real, e se ele é complexo e não tende a surgir por acaso. Velhos enredos, metáforas gastas e lugares-comuns quase nunca são mais "tomados de empréstimo" que qualquer outra parte de um repertório verbal. Disposições pouco comuns, todavia, revelam o processo intraverbal em ação.

O empréstimo revela comumente não apenas a combinação de múltiplas fontes de força, mas também certa distorção da forma, processo adicional que será discutido no capítulo 11. As paródias e as caricaturas também revelam uma fusão de material corrente e de intraverbais gerados. O resultado provavelmente será distorcido. Fontes literárias múltiplas tornam-se claras em títulos tomados de empréstimo. O efeito sobre o leitor é importante, mas nós também podemos considerar o

[82] Lowes, J. L. *The road to Xanadu* (Boston, 1930).

comportamento do autor no momento em que ele deu o nome a sua obra. Frente a um livro cujo título *A Tale Told by an Idiot* ["Uma história contada por um idiota"] é apropriado, o autor tende a preferir este título a um equivalente sem fontes literárias, por causa das conexões intraverbais adquiridas com a leitura de *Macbeth.*

Um dos usos da arte verbal é o de dar força adicional a respostas que, se executadas por outras razões, provavelmente seriam punidas. O comportamento de uma jovem que, tendo rompido o noivado, canta *Lover, come back to me* ["Meu amor, volte para mim"], é por um lado um *mando* ampliado e, por outro, uma seqüência intraverbal de respostas adquiridas ao aprender a música. O malogrado, saudoso de casa que canta *Home, home on the range... where seldom is heard a discou-raging word* ["Lar, lar a meu alcance... onde nunca se ouve uma palavra desencorajadora"], ou o jovem solitário que canta *I wish I had someone to love me* ["Eu gostaria de ter alguém que me amasse"] são igualmente afetados por causação múltipla, onde respostas diretas, sob o controle das mesmas variáveis primárias, seriam mais provavelmente punidas. O cantor pode ser um incômodo, mas ele não será considerado "lunático" ou "covarde", ou tomado de autocomiseração.

O comportamento que é reforçado por esses elementos suplementares não precisa ser aberto. A leitura silenciosa de formas preferidas de arte verbal pode revelar uma causação múltipla semelhante, como veremos no próximo capítulo.

Contribuições Formais De Força

Em muitos desses exemplos é indiferente classificar-se uma fonte de força como um *tacto* ou como uma resposta intraverbal. É conveniente agrupar tais variáveis sob a rubrica "temática". Duas respostas são tematicamente relacionadas quando controladas por uma variável comum, com a qual não têm a correspondência exata encontrada no comportamento ecóico e textual. Podemos referir-nos às fontes que envolvem as respostas ecóicas e textuais como contribuições "formais" à força. A diferença importante diz respeito à unidade mínima de relação disponível no caso formal.

Se um estimulo ecóico ou textual age quando uma resposta é forte por motivos temáticos, a probabilidade de emissão é aumentada. O estímulo suplementar pode simplesmente fazer com que o falante pronuncie alto uma resposta que já tivesse ocorrido subvocalmente. Freqüentemente, a distinção aberto--encoberto não está em questão. Assim, um nome esquecido que está "na ponta da língua" é imediatamente recordado (não apenas lido) quando o é visto de relance num impresso. Numa conversa barulhenta, podemos ouvir por acaso uma resposta verbal correntemente forte em nosso comportamento, e a resposta pode então "ocorrer-nos", embora, de outra forma, ela pudesse permanecer latente. Dizemos que nos

"lembramos" de algo. Um exemplo textual é fornecido por um homem que, tendo esquecido de desligar um ferro de soldar em sua oficina, no porão de sua casa, trinta e quatro horas depois, ao ler a palavra *soldar,* imediatamente saltou e correu ao porão e desligou o ferro. "Lembre-se do ferro" não foi necessariamente verbal, mas o efeito do estímulo textual sugere que alguma resposta — tal como *O ferro de soldar! Esqueci de desligá-lo!* — foi reforçada. A resposta poderia ter ocorrido a qualquer momento durante essas trinta e quatro horas, mas a instigação textual proporcionada pelo texto impresso provou ser um suplemento necessário.

Contribuições Fragmentárias De Força A Partir De Fontes Temáticas E Formais

Uma variável pode controlar apenas parte da resposta controlada por outra. Num exemplo já mencionado, a observação *I know a store where you can buy disks at a discount* ["Conheço uma loja onde você pode comprar discos com desconto"] mostra o sinônimo de *phonograph record (disk),* sinônimo este pouco usual, aparentemente sob a influência da variável responsável por *discount* ["desconto"], mas *disk* e *discount* não são respostas idênticas. A resposta fragmentária *lat* parece estar em ação em *The new rules for lateral passes will provide a greater latitude for the development of new plays* ["As novas regras para passes laterais proporcionarão maior latitude para o desenvolvimento de novos jogos"]? No clássico trocadilho *traduttori traditori* ["os tradutores são traidores"] as formas partilham apenas dos fragmentos *trad-* e *-tor-* e, por isso, ambas formas devem ser emitidas. Em outro trocadilho clássico *Barbari Bar-berini*[83] as duas respostas contêm apenas um fragmento comum.

Em muitos casos de etimologia popular, um elemento ecóico fragmentário (de um estímulo ecóico relativamente pouco familiar) é suficiente para evocar uma resposta de força relativamente permanente, possivelmente da natureza do *tacto.* Quando *sparrowgrass* foi emitido pela primeira vez do lugar de *asparagus,* um *tacto (grass* sob controle de *grass sprouts)* parece ter-se unido à resposta ecóica. *Detect-thief* por *detective, beef-eaters* por *bouffetiers* e *stunk* por *skunk* podem receber explicação semelhante. Formas sem um claro controle de estímulo não-ecóico podem não revelar múltiplas fontes de força (ver o exemplo de *Rain Cloud* por *Reine Claude* no capítulo 4). Estamos considerando, é claro, a origem da etimologia popular no comportamento de um falante, e não o uso da forma estabelecida. Tendências

[83] Referência à família Barberini, que confiscava monumentos Públicos para uso privado, A forma completa é Quod non fecerunt bar-oeri fecerunt Barberini.

semelhantes em muitos falantes podem ser relevantes para a sobrevivência da forma num meio verbal.

Respostas vocais não-condicionadas se introduzem às vezes, no comportamento verbal que possui causas múltiplas. A forma da resposta *Ai! é* modificada por um meio verbal particular; todavia, um caso pode ser amplamente um grito de dor não--modelado. Contribuição semelhante tem sido reconhecida na tragédia grega, no aparecimento de palavras que contêm o som do grito "alai". Há quem argumente [84] que uma fonte semelhante pode ser vista nos versos de Burns:

The wan moon is setting ayout the white wave. And Time is setting with me, O.

O ouvido sensível seria capaz de captar o som do *i* em *Time,* em parte, como um grito de desespero.

Uma evidência de reforço de parte de um sinônimo por intermédio daquilo que poderíamos chamar de comportamento auto-ecóico aparece na ocorrência freqüente de pares idiomáticos tais como: *por fas e por nefas, beltranos e sicranos,* ou em provérbios e motes, tais como *Não confundir alhos com bugalhos*[85] Apesar de esses pares serem, indubitavelmente, adquiridos pela maioria dos falantes como unidades em si mesmos, o segundo membro do par rimado ou aliterado parece ter sido escolhido, de preferência a alguma outra forma alternativa, por um ele mento ecóico o qual, no entanto, é menos que a resposta completa. Algumas metáforas padronizadas, porém superadas, tais como: *As bold as brass* ou *As fit a fiddle,* também parecem mostrar fontes ecóicas de intensidade. A evidência é maior ainda quando o termo afetado mostra-se, de outra maneira, pouco plausível *(As pleased as Punch).*

Na giria rimada,[86] uma resposta verbal é substituída por outra com a qual ela tem tanto conexões temáticas quanto formais. Assim, o cabelo [hair] de uma jovem pode ser chamado lindo e louro *[bonny fair]. A* conexão não é estabelecida apenas por meio de um *tacto* ampliado (metonímico) ou de uma resposta intraverbal, mas possui a conexão parcial ecóica da forma comum *air.* A expressão *cheese and kisses,* em lugar de *the Mrs* revela uma conexão intraverbal ou metonímica semelhante, além da coincidência formal da rima.

Padrões rítmicos ouvidos por acaso podem construir respostas que afetam a escolha de sinônimos. As respostas são determinadas por múltiplas fontes, inclusive pelo estímulo ecóico. "Sua conversa teria sido outra" diz Tolstói de dois personagens de

---

[84] Rylands, George. *Words and Poetry* (Nova Iorque, 1928), p. 53.

[85] Os exemplos fornecidos em inglês são wear and tear, high and dry, Spick and span, rack and ruin. O exemplo de provérbio é: Haste makes waste. (N. da T.)

[86] Maurer, D. W., "Australian Rhyming Argot in the American Underworld", *American Speech,* XIX (1944), pp. 183-195.

Guerra e Paz, "se eles não estivessem conversando enquanto a música tocava... 'Estou contente', Dolokov deu uma resposta breve, brusca, tal como exigia o tom da música". O efeito é comparável ao da "somatória verbal" descrita no próximo capítulo.

O Reforço Formal Na Prosa E Na Poesia

Ao analisar o efeito dos suplementos formais internos sobre o estilo não podemos admitir que todos os casos de agrupamento de sons exemplifiquem múltiplas fontes de força. Muitos casos surgirão casualmente. Em poesia, o maior rigor da forma torna mais fácil a prova da operação de um processo especial. Todavia, uma análise estatística dos padrões formais em poesia tem produzido resultados surpreendentes.

O padrão sonoro da poesia é um dos elementos mais importantes do efeito sobre o ouvinte ou leitor. Como esquema puramente formal, a poesia algumas vezes tem sido comparada à música, mas, comumente, o "significado" não é omitido. Tem-se argumentado que a padronização sonora é eficaz se o som se "ajusta ao sentido", não de forma onomatopaica, mas na medida em que apresenta correspondência de "qualidade" entre a descrição e a coisa descrita. A causação múltipla do comportamento verbal torna possível ainda outra interpretação.

Em literatura, o efeito da causação múltipla formal, deveria ser uma carência de acaso nos sons de uma dada seleção. Os sons, em certa medida, deveriam ser reunidos em grupos ou padrões. Alguns grupos surgiriam das variáveis de que o comportamento é função; qualquer resposta, repetida por causa de algum aspecto da situação ou de um estado de privação, perturbaria o caso. Mas os principais mecanismos da poesia são usualmente pensados como portadores, de relações formais além das relações devidas ao tema. Um poeta "usa a aliteração" à medida em que seus escritos apresentam grupos de respostas nos quais as sílabas tônicas começam com a mesma consoante. A chamada assonância é inferida de um agrupamento similar de sons vocais. A rima envolve comumente tanto a vogai como a consoante que se segue, geralmente no fim da frase, e o ritmo é a ausência de acaso nos padrões acentuados. (Não precisamos nos preocupar aqui com propriedades formais mais sutis, como o emparelhamento da extensão das orações, nem é possível, no momento, considerar de forma proveitosa o comportamento que leva à composição de respostas mais amplas, com propriedades formais complexas, tais como os "acrósticos" ou os "palíndromos".)

A prática usual na crítica literária é a de demonstrar tais propriedades formais na prosa ou na poesia, apontando exemplos. Há uma justificativa para isso quando consideramos o efeito sobre o leitor ou sobre o ouvinte, de quem o crítico é um exemplo. Mas, antes de se inferir qualquer processo no comportamento do escritor,

é necessário admitir que a modelagem de seu comportamento verbal se deva ao acaso. Talvez não possamos, em nenhum caso, dizer que um exemplo de aliteração ou de qualquer outro tipo de semelhança formal se deve a um processo especial, mas podemos demonstrar um padrão geral. A aliteração, por exemplo, pode ser detectada por uma análise estatística do arranjo das consoantes iniciais numa amostra razoavelmente ampla. Uma tendência para aliterar é revelada pela extensão na qual as consoantes iniciais, num dado trabalho literário, não estão distribuídas ao acaso.

Apesar de sermos freqüentemente afetados por acontecimentos casuais, algumas das coisas que podem ocorrer por acaso permanecem inesperadas. Períodos de sorte no jogo podem não ser mais do que episódios de séries casuais, mas, possivelmente por serem tão importantes face às exigências do jogo, eles atraem a atenção. O montante de aliteração ocorrida por acaso é igualmente surpreendente. Se dividirmos qualquer amostra de comportamento verbal em palavras ou sílabas, registrarmos cada parte em pedaços de papel e em seguida "compusermos" um trecho, tirando os papéis de um chapéu no qual eles foram bem misturados, criaremos muitos exemplos que seriam indubitavelmente atribuídos à aliteração no caso de um poeta.

Uma sentença como *O rato roeu a roupa do rei de Roma* [87] ocorre tão raramente ao acaso que estamos provavelmente certos quando suspeitamos de que haja um processo especial em ação, e isto é também verdade da poesia na qual as respostas aliteradas ocupam lugares especiais. Na poesia anglo-saxã, por exemplo, temos que considerar as possibilidades, não apenas de que duas consoantes iniciais ocorram muito juntas, mas de que ocorram em certas posições na linha ou na estrofe. Todavia, em muitas poesias consideradas aliteradas, uma análise estatística produziu pouca evidência de reforço formal. Uma centena dos sonetos de Shakespeare[88] foram escandidos de acordo com regras arbitrárias para determinar as principais sílabas acentuadas. As consoantes iniciais dessas sílabas foram então tabuladas e fez-se o cálculo do número de linhas que se esperava que contivessem duas, três ou quatro das mesmas consoantes iniciais. Comparando-se as freqüências encontradas com as freqüências calculadas, a evidência de um processo explícito de aliteração no comportamento do poeta reduziu-se ao seguinte:

Apesar de haver um número considerável de linhas contendo quatro consoantes iniciais iguais (por exemplo, *Bom on tbe bier with tvhite and bristly beard)* apenas uma vez em vinte e cinco sonetos, ou em 350 linhas, Shakespeare parece ter acrescentado ou alterado uma palavra com o objetivo de mudar uma linha de três

---

[87] O exemplo no original é: Peter Piper picked a peck of pickled peppers. (N. da T.)

[88] B. F. Skinner: "The alliteration in Shakespeare's Sonnets: a Study in Literary Behavior" Psychological Record, 3 (1939), 186.

consoantes iguais para uma linha de quatro consoantes iguais, exceto em raras ocasiões, quando ele repete uma palavra completa, presumivelmente por motivos temáticos Há muitas linhas que contêm três consoantes iniciais iguais (por exemplo, *Save that my soul's imaginary sight)* mas não há evidência de que Shakespeare tenha feito qualquer mudança com o objetivo de ampliar uma linha de duas consoantes iguais para uma de três mais do que uma vez em vinte e cinco sonetos, exceto quando repetiu uma palavra inteira. Há muitas linhas que contêm duas consoantes iniciais iguais, mas há menos do que seria de se esperar do mero acaso, quando corrigimos os resultados no caso de repetição de palavras completas. Deixando de lado as poucas linhas em que aparecem três ou quatro ocorrências, parece que mais ou menos uma vez em três sonetos Shakespeare *pôs de lado* uma palavra porque sua consoante inicial já havia sido usada na mesma linha.[89]

Estes números não devem ser levados muito a sério, particularmente porque não temos meios de avaliar as contribuições formais e temáticas para a repetição de uma palavra inteira. Mas, mesmo assim, há escassas evidências de que haja algo semelhante a um processo especial no comportamento do poeta. Os sonetos permanecem, é claro, exatamente tão aliterados quanto sempre o foram no que respeita aos padrões sonoros que afetam o leitor ou o ouvinte, mas a prova de um processo de aliteração, na forma de um reforço formal fragmentário das respostas, é bastante inadequada.

Num poeta como Swinburne, que podia escrever:

> *The faint fresh flame of a young year flushes From leaf to flower and flower to fruit*
>
> *["A frouxa e fresca flama do ano novo / Flui da folha à flor e desta ao fruto"!*

esperamos outro resultado e é o que ocorre. Aqui a aliteração não é apenas evidente, mas uma análise estatística permite-nos também representá-la como função da distância entre a primeira e a segunda ocorrência do mesmo som. Um exame de cada par de sílabas adjacentes num bloco de 500 linhas de *Atalanta in Calydon* revelou um excesso de 55% de pares semelhantes sobre o número de freqüências esperadas do puro acaso. Nos pares de sílabas separadas por *uma* sílaba interveniente, o excesso caía para 47%. Quando havia duas sílabas interve-nientes, o excesso era de 32% e, no caso de *três,* 20%. Todos esses números são

[89] Um estudo semelhante de vinte e cinco sonetos de Words-worth revelou um número pouco maior de linhas que contêm três consoantes iguais e um número bem menor de linhas que contêm duas consoantes iguais.

estatisticamente significativos para a demonstração de um reforço fragmentário de uma resposta em cada par.[90]

Uma análise semelhante pode ser feita para a assonância, na qual as vogais é que se repetem, e não as consoantes. A prova de um processo especial determinando a ocorrência de *rima* é favorecida pelo padrão temporal ou espacial da rima no verso inglês. Há muito pouca probabilidade de que o poeta use a rima adequada e no momento apropriado por pura sorte. O ritmo também raramente requer provas estatísticas.

O comportamento real do poeta, aceitando ou rejeitando uma resposta aliterada, assonante, rimada ou rítmica, envolve algo mais do que o mero reforço dessa resposta em seu comportamento. Discutiremos isso no capítulo 15. As técnicas que ele pode empregar para favorecer o aparecimento de respostas dotadas de tais propriedades constituem ainda outra questão a ser discutida no capítulo 17. É claro que é tarde demais para reconstruir o processo de composição de forma acurada. Não conhecemos a ordem na qual as partes de um poema foram emitidas ou escritas pela primeira vez, quais as mudanças foram efetuadas, quantas oportunidades para conexões temáticas foram fornecidas ou em que ordem fontes auto-ecóicas, ou quaisquer outras fontes formais de reforço poderiam ter sido úteis. Quando há evidência de um processo tal como o demonstrado no uso de Swinburne faz da aliteração, pode notar-se todavia duas interpretações possíveis. Uma resposta pode ser dada, e constituir o estímulo para uma resposta fragmentária auto-ecóica, que torna mais provável a ocorrência de outra resposta contendo o mesmo fragmento. Assim, tendo dito *flame, é* mais provável que digamos *flushes* em lugar de formas sinônimas ou, se *flushes* foi de fato escrito antes, é mais provável que digamos *flame,* ou que escolhamos essa palavra como substituta de outra, rejeitada. Por outro lado, tais exemplos podem ser *tactos* mínimos, no sentido do capítulo 5. O estímulo que evoca *flame* como um intraverbal ou um *tacto* pode agir separadamente sobre a inicial *FL* e o silábico *ame.* Em tais circunstâncias, a resposta *flame* ocorre com alta probabilidade, porque se compõe desses dois elementos, mas a possibilidade de separação dos elementos deve ser considerada e veremos, particularmente no capítulo 11, que encontraremos outras evidências de tal possibilidade. Por isso, embora talvez não possamos demonstrar uma conexão "significativa" entre o estado de coisas responsável por *flame* e a resposta *flush,* há razões para acreditar que *flush* ocorrerá mais provavelmente, por exemplo, na presença de uma chama *[flame]* real do que em qualquer outra ocasião. O grupo

[90] Uma análise das primeiras 500 linhas de *O Prelúdio,* de Wordsworth, semelhante à tabulação feita para Swinburne, também proporcionou considerável evidência de que Wordsworth pôs de lado palavras aliteradas.

consonantal precisa ser uma unidade *ecóica:* ele pode ser controlado pelas mesmas circunstâncias que levam à forma completa *flame.*

Evidência semelhante é proporcionada pela chamada recordação parcial. Talvez nos lembremos apenas de que o nome de um objeto começa com *t* ou rima com *carne.* Os exemplos são mais comuns quando nos lembramos de um nome próprio, em parte por causa da ausência de um repertório mínimo, mas não há nada aí que seja privativo dos nomes próprios. Uma situação que não evoca adequadamente uma resposta completa sob a forma de um *tacto* pode evocar parte da resposta, talvez em combinação com outros fragmentos. Dizemos que um nome que não conseguimos recordar "tem um *a"* ou "rima com certa palavra", somente por causa de certa sofisticação; o resultado mais comum é lembrar outro nome ("errado"). Podemos dar dois exemplos tirados do comportamento de uma criança pequena. Uma menina de cinco anos, a quem serviram macarrão *[noodles]* pela segunda vez em sua vida, chamou-os de *Yankee Doodles* [nome de uma canção popular norte-americana], onde a força separada do fragmento *-oodles* é evidente. Mesmo que a resposta *Yankee Doodle* fosse forte por outras razões, sua única conexão com a presente situação surgiu do fato de a resposta *noodles* ter sido previamente reforçada em situação semelhante. Outra criança, de dez anos, disse *merry-go-round* ["carrossel"] em lugar de *ferry boat* ["balsa"]. A resposta foi emitida fracamente, com indicação de que a criança "sabia que estava errada" (Ver capítulo 15); todavia, ela foi emitida em circunstâncias que, se fossem mais claras, teriam evocado *ferry boat.* O reforço separado de *-erry* é evidente.

Não há problema paralelo na explicação da fonte ecóica fragmentária porque, como vimos, o comportamento ecóico ou é construído como um repertório mínimo ou desenvolve tal repertório como resultado do reforço independente de respostas mais amplas. Demonstramos a eficácia de um suplemento ecóico quando dizemos a alguém *Dê-me uma rima para "amigo"* ou *Dê-me uma palavra que comece com "t".* Trata-se, aqui, de *mandos* para a ação verbal, e as respostas que eles geram mostram a combinação de uma resposta ecóica, que preenche as condições do *mando,* e de um comportamento determinado, sem referência à forma que está sob o controle das variáveis eventuais da situação.

No exemplo acima, uma pessoa mais sofisticada poderia simplesmente ter dito que o nome tinha o som *-erry,* mas a recordação errada demonstra tão claramente o funcionamento separado de um *tacto* fragmentário quanto a identificação do elemento. Tal identificação costuma ser impossível. Se, ao tentar lembrar o nome *Denman Ross,* nós nos lembramos de *Russel Sage,* pode ser impossível nesse estágio

(antes que *Denman Ross* tenha sido lembrado) assinalar o padrão e o alcance relevantes ou o elemento importante *R-ss.*[91]

Ao reunir exemplos de recordação errada ou parcial, temos a tendência de notar os casos interessantes e desprezar os triviais, ou os que parecem não ter "significado". Não possuímos dados adequados para mostrar a importância relativa das consoantes, das vogais, da posição, dos padrões significativos, e assim por diante. Uma procura de tais dados seria prejudicada por fontes adicionais de força gerada pelo comportamento da pessoa que lembra. Por exemplo; ao tentar lembrar o nome *Hale,* contido numa lista de alunos, um professor inicialmente disse *D ale,* em seguida *Day,* que era um dos nomes contidos na mesma lista. Em seguida, disse *Hale.* Parece que a forma competitiva *Dale* poderia ter tirado força tanto de *Hale* quanto de *Day;* essa a razão de *Dale* ter surgido primeiro. Ao notar apenas a semelhança formal de *Hale* e *Dale,* poderíamos passar por cima da outra contribuição de força proporcionada ao último nome. Uma interferência mais extensiva desse tipo, gerado pelo comportamento da lembrança, pode ser notada quando dizemos *Estou pensando em "X", mas não é dele que se trata.*

Fontes múltiplas de força possuem um efeito familiar sobre o discurso continuado. Assim que um homem começa a falar ou a escrever, seu próprio comportamento gera estímulos para respostas ecóicas, textuais ou intraverbais. Quando estas se tornam muito fortes, ou quando agem em conjunto com variáveis fracas, o resultado pode ser prejudicial; uma contribuição intraverbal muito poderosa pode transformar a fala num simples vôo de idéias. Uma contribuição formal muito poderosa convertê-la-á numa cantilena monótona, ou numa algaravia. A repetição auto-ecóica de uma resposta como um membro improvável de um grupo temático *diferente* costuma ser desconcertante para o ouvinte ou o leitor.[92] Por outro lado, múltiplas fontes de força podem contribuir para certa integração ou solidez da fala continuada e tendem a ter um efeito sobre o ouvinte (como veremos no próximo capítulo), efeito reforçador para tudo o que está envolvido.

O princípio da causação múltipla tem seu lugar nas formas mais rigorosas do comportamento verbal, que são as encontradas na lógica e na ciência. A comunidade lógica e científica dedica-se à eliminação de ambigüidades e equívocos, mas não eliminou totalmente as extensões metafóricas, ou mesmo solecistas, nem tampouco proporcionou defesa contra a causação múltipla. Veremos, mais tarde, que alguns dos dispositivos do pensamento verbal envolvem necessariamente o

---

[91] Exemplos interessantes de recordação errada de nomes próprios são dados por "Woodworth, R. S., *Psychology* (Nova Iorque, 1934).

[92] Ver Fowler, *Modem English Usage,* no capítulo "Repetition of Words and Sounds: Two Accidentally but no Parallel Uses of a Word".

reforço suplementar de respostas por meio de variáveis colaterais. Em qualquer caso, o cientista ou o lógico está sujeito à limitação imposta a ele por seu papel de organismo dotado de comportamento, e mesmo aqui devemos levar em conta a possibilidade de fontes múltiplas.

CAPÍTULO 10

ESTIMULAÇÃO SUPLEMENTAR

Uma razão para se tentar aperfeiçoar uma análise do comportamento verbal feita em termos de idéias, significados, informação, atitudes, opiniões, traços, habilidades, etc, decorre do fato de que tais variáveis, mesmo quando definidas de forma aceitável, possuem pouca relevância para o controle prático do comportamento verbal.

As descrições formais da lógica e da gramática também omitem qualquer explicação acerca da determinação do comportamento verbal. Todavia, as variáveis e as relações de controle, às quais recorremos nesta análise, podem ser aplicadas ao problema da evocação do comportamento verbal. Como sugerimos nos capítulos anteriores, duas ou mais dessas variáveis, quaisquer que elas sejam, serão mais eficazes na obtenção deste resultado que uma delas isoladamente.

Suponha-se que aceitamos a tarefa de evocar determinada resposta em determinado ouvinte em determinado momento. Para tornar o resultado importante, suponhamos que tenha sido feita uma aposta bem alta: um sujeito, cuja língua natal é o português, inconsciente do experimento, deve ser levado a emitir uma resposta comum, digamos, *lápis.* Se dispusemos de um grau de liberdade suficientemente amplo para arranjar as circunstâncias externas a nosso bel-prazer, como devemos agir? Obviamente, a forma mais rápida de ganhar a aposta seria *mandar* a resposta dizendo ao sujeito *Por favor, diga "lápis". A* história da maioria das pessoas que falam português diante de tal estímulo verbal produziria quase certamente o resultado desejado. Mas, se este procedimento foi excluído por decisão prévia, teremos que introduzir outras variáveis características de outros operantes que tenham a mesma forma de resposta.

Se a aposta foi considerável, nós, provavelmente, introduziremos muitas dessas variáveis, ao mesmo tempo visando a aumentar ao máximo a probabilidade da resposta.

Para reforçar desta forma um *mando,* poderíamos nos assegurar de que não há nenhum lápis disponível, ou qualquer outro instrumento que possa ser usado para escrever; entregamos, em seguida, a nosso sujeito um pedaço de papel de desenho e oferecemos a ele uma recompensa caso ele seja capaz de desenhar uma figura parecida com um gato. Não "criamos a necessidade de um lápis" no sentido de gerar um estado de privação, mas reforçamos um comportamento que só pode ser executado com um lápis. Em circunstâncias semelhantes, a resposta "lápis" tem sido freqüentemente reforçada e, assim, tornou-se mais provável. Simultaneamente, poderíamos reforçar igualmente outras respostas, proporcionando estímulos ecóicos

(ocasionalmente, uma vitrola repete a palavra *lápis)* e estímulos textuais (cartazes nas paredes apresentam a palavra LÁPIS). Espalhamos outros estímulos verbais entre esses, para produzir respostas intraverbais: o fonógrafo diz, ocasionalmente, *caneta e...* e há outros sinais nos quais se lê CANETA E... Criamos a ocasião para um *tacto* com a forma de *lápis,* colocando um lápis bem grande, ou de aspecto pouco comum, num lugar inusitado, bem à vista — digamos, parcialmente mergulhado num grande aquário, ou flutuando livremente no ar, junto ao teto da sala. Indicamos nossa condição de auditório como pessoa que fala português pelo simples expediente de falar português. Em tais circunstâncias, é altamente provável que nosso sujeito venha a dizer *lápis.*

É claro que nem sempre não chegamos a tais extremos para provocar uma resposta, mas muitas vezes temos interesse em evocar um comportamento verbal, e todas as técnicas disponíveis estão ilustradas nessa amostra. Ao descobrir as variáveis independentes das quais o comportamento verbal é função, colocamos o comportamento sob controle prático. As técnicas de controle que usam a causação múltipla são aplicáveis sempre que desejarmos evocar com alguma força um comportamento já existente.

Controle Prático

Acrescentamos uma variável suplementar a fontes de força já existentes quando, por exemplo, é importante que alguém lembre um nome ou um fato, ou que alguém fale no momento apropriado, ou "desabafe". Não importa a razão pela qual o comportamento não é suficientemente forte para ser emitido sem suplementação. O que pode ocorrer é que a resposta pode ter sido condicionada pobremente, ou controlada por estímulos usualmente fracos, ou relacionada com estados de privação ou de estimulação aversiva moderados ou fracos, ou deslocada por outro comportamento, em resultado de uma punição anterior, ou ainda confundida por outras variáveis correntes. Às vezes, o problema consiste apenas em tornar vocal um comportamento que antes era subvocal; mas freqüentemente trata-se de evocar um comportamento que de outra forma não seria emitido, mesmo subvocalmente. Não podemos simplesmente *mandar* o comportamento requerido, ou porque não sabemos em que ele consiste ou porque ele não seria eficaz se fosse devido inteiramente a tal variável.

O processo de evocação suplementar pode ser classificado da seguinte maneira. Quando o operador pode identificar a resposta a ser evocada (por exemplo, quando o sujeito esqueceu uma palavra que o operador conhece), o estímulo suplementar é uma "deixa". Quando o operador não conhece a resposta, ainda que ela possa ser nitidamente especificada por outras circunstâncias (por exemplo, quando nem o sujeito nem o operador conhecem uma palavra que, quando descoberta, permitirá a

ambos localizar outra informação num dicionário), o suplemento é uma "indagação". O material empregado também pode ser dividido, de acordo com a distinção entre reforços formais e reforços temáticos discutida no último capítulo.

Temos então que examinar: 1) as deixas, sugestões ou estimulações [ingl. *prompt]* formais; 2) as deixas temáticas; 3) as investigações tingi, *probes]* formais e 4) as investigações temáticas.

As Deixas Formais

Sugestões Ecóicas

No ensaio de uma peça, o ponto mantém o texto em seu colo e está sempre pronto a dizer a próxima linha mediante um comportamento textual. O ator, no palco, está agindo intraverbalmente e com muito menos segurança. Quando uma conexão intraverbal é inadequada (quando o ator esquece uma fala), o ponto fornece a ele um estímulo ecóico *parcial.* Quando o ator, em seguida, diz sua fala, seu comportamento retira sua força de duas fontes: o condicionamento intraverbal original e o suplemento ecóico. Sc o ator não sabe absolutamente sua fala, falta uma fonte intraverbal e sua resposta ao ponto é então um comportamento ecóico em pleno desenvolvimento, e não é sugerido. Os dois casos podem ser distinguidos convenientemente em função do tamanho do estímulo ecóico. Quando o ponto fornece menos do que uma fala completa (talvez apenas alguns sons ou uma ou duas palavras) é óbvia a presença de uma fonte adicional responsável pela fala completa. Quando a fala completa é fornecida pelo ponto e corretamente repetida pelo ator, houve obscurecimento da evidência do condicionamento intraverbal. (Apesar de as sugestões constituírem, convencionalmente, o começo de uma resposta verbal, uma sugestão rimada pode ser eficaz, e às vezes um simples padrão sonoro é suficiente.)

As técnicas educativas que dão ênfase à memorização de material verbal apóiam-se fortemente na sugestão. É comum o professor pouco se interessar pela forma de aquisição de comportamento verbal por parte do aluno. Algumas linhas de um poema, por exemplo, são dadas ao aluno para que ele as "aprenda". De forma pouco clara, que o aluno deve descobrir por si mesmo, ele deverá converter respostas textuais em respostas intraverbais. O professor pede então ao aluno que recite o poema, e recompensa-o, caso ele o faça corretamente, e o pune, caso ele se mostre incapaz de fazê-lo ou caso o faça incorretamente. Com o fim de produzir respostas que em seguida possam ser reforçadas, o professor pode recorrer a uma série de sugestões. Um poema parcialmente aprendido é, assim, evocado e reforçado. O comportamento passa eventualmente por uma série de respostas

textuais, por meio de um comportamento ecóico, para finalmente chegar a um controle intraverbal. A quantidade de sugestão exigida em cada estágio depende da força adquirida pelo comportamento.

Naquilo que podemos chamar de sugestão formal disfarçada, um estímulo ecóico oculta-se no interior de uma resposta verbal mais ampla. Assim, para evocar a resposta *adição,* uma instigação disfarçada pode assumir a forma *Would you like a bite of Advice* ["Você gostaria de um conselho?"] Se a parte encoberta *ad-* [de *advice]* é menos eficaz que a parte não-disfarçada *ADD* — é porque ela não produz de imediato um comportamento ecóico. A não-disfarçada não é apenas um estimulo formal para o comportamento ecóico: ela é essencialmente um *mando,* equivalente a *Diga "add" e veja se a resposta não lhe ocorre.* A sugestão disfarçada produzirá algo do mesmo efeito se o *ad-* for destacado ou pronunciado maliciosamente, à moda dos animadores de programas de perguntas e respostas na televisão.

Um uso semelhante de sugestão ecóica consiste em restringir o comportamento do ouvinte a um pequeno número de respostas, entre as quais a determinação é deixada por conta de outras variáveis. Um exemplo trivial é o "mando" *Dê-me uma rima para "azul".* Um uso prático mais importante da sugestão ecóica (ou textual, no caso do leitor) é exemplificado pelo "mando" *Este objeto é azul ou verde?* ou *Responda "Sim" ou "Não".* As respostas a tais perguntas estão sob o controle aversivo implicado no *mando,* mas um repertório ecóico pequeno está além das contingências aversivas. O "mando" *Repita comigo é* uma ocasião em que apenas uma forma específica de comportamento ecóico é reforçada.

Na vida social a sugestão é tão comum que somos especialmente inclinados a repetir qualquer estímulo verbal nas condições em que a esta é útil. Nem sempre o resultado é bom. Por exemplo: um falante começa assim: *Ultimamente tenho me interessado pela situação do... hã...* Quando um ouvinte assopra *Egito,* o falante repete energicamente, mas em seguida se corrige: *Bem, não, não do Egito... hã... eu estava pensando na... Turquia.* Aqui a força de *Egito* deveu-se exclusivamente a uma fonte ecóica. A frase incompleta do falante e as condições gerais do momento tornaram uma resposta ecóica extremamente provável por causa das inúmeras ocasiões nas quais tal resposta serviu como sugestão formal útil.

Sugestões Textuais

O falante que apenas passa os olhos por suas anotações está usando uma sugestão textual que tem o mesmo efeito que a sugestão ecóica [a "deixa"] no teatro. A televisão produziu pontos mecânicos que mostram textuais sugestões não visíveis para o auditório, mas acessíveis ao falante. Se o material é apenas lido, o comportamento não é sugerido, mas a função de tais estímulos geralmente é a de suplementar um comportamento intraverbal fraco.

A publicidade costuma usar tanto a sugestão ecóica quanto a textual. Um expediente muito comum consiste em providenciar para que o nome de um produto surja diante de um freguês numa loja. Uma tabuleta, na porta ou no balcão de uma tabacaria, anuncia o nome de uma marca de cigarros ou o nome, seguido de *Por favor,* ou talvez a frase completa *Um maço de Continental, por favor.* O anúncio é um suplemento textual que aumenta a probabilidade de o freguês pedir determinada marca. A sugestão pode ser disfarçada por meio da apresentação de um retrato em que alguém emite essa resposta. *Mandos explícitos (Peça "Continental"* ou *Diga "Continental", por favor)* não só proporcionam um estímulo suplementar para o nome de um produto, como também fornecem algumas das condições que, em outros momentos da vida do falante, estão associadas com o reforço do comportamento ecóico. Uma forma disfarçada de *mando* pode ser exemplificada por *Peça "Continental",* forma que pode funcionar como um *mando,* apesar de estar disfarçada, como a resposta do vendedor que apregoa o produto. (O comportamento mediante o qual se apregoam mercadorias tem, provavelmente, um efeito ecóico semelhante. O vendedor de amendoins num estádio grita: *Amendoim! Pipoca!* não apenas para indicar que ele possui tais mercadorias para vender, mas também para aumentar a probabilidade de que os fregueses em potencial apresentem um comportamento claro e peça amendoim e pipoca.)

As abreviações tornam-se eventualmente estímulos textuais padronizados, que controlam respostas verbais na ausência de uma estrita correspondência ponto por ponto, mas muitas vezes elas começaram como sugestões textuais. O texto *Sr.* pode evocar a resposta *Senhor,* por causa de um condicionamento envolvido não-relacionado com o fato de *Sr.* ser parte de *Senhor* (assim como *e* foi posto sob controle do texto &). Mas *Sr.* controla a resposta *Senhor* em parte por causa do repertório textual e, provavelmente, deve ter surgido como uma abreviação por esse mesmo motivo. O escritor apressado descobriu que *Sr.* produzia o mesmo efeito (tanto sobre si como sobre outros leitores) que a forma mais longa.

Assim como a sugestão ecóica, muitas abreviações são meros inícios de respostas padronizadas mais longas, mas algumas podem ser o começo e o fim (como Sr.), ou amostras de letras ou sons que cobrem toda a resposta (art. por artigo). Iniciais em vez dos nomes próprios para pessoas (J. K. para Juscelino Kubistchek), ferrovias (S. P. R., a antiga São Paulo Railway) ou organizações (a O.N.U.) adquirem o *status* de estímulos verbais desenvolvidos de pleno direito, mas funcionam também como sugestões textuais, possivelmente como fonte adicional de força depois de a resposta independente ter sido adquirida. Abreviações faladas e iniciais também servem como sugestões ecóicas, antes que se tenham estabelecido como estímulos verbais desenvolvidos, e depois, possivelmente, como uma forma de estimulação suplementar. Uma vez que as abreviações constituem expedientes usados principalmente para evitar o trabalho de formas mais longas, elas tendem a ocorrer

no comportamento verbal escrito. Elas são menos comuns hoje do que antigamente (por exemplo, nos manuscritos) por causa da invenção de métodos simplificados de produção de estímulos verbais escritos.

Sugestões Temáticas

Uma sugestão temática é uma fonte suplementar de força sob a forma de *tacto* ou de resposta intraverbal. Ela é mais conhecida como um "palpite". Assim, podemos estimular nossa anfitriã para que nos pergunte *Mais chá?* ou examinando nossa xícara vazia, ou sorvendo visivelmente a última gota, ou proporcionando um estímulo intraverbal que contenha formas tais como, *beber, bebida, café,* e assim por diante. Admite-se que a resposta *Mais chá?* existe com alguma força; se o estímulo suplementar é suficientemente forte para gerar o comportamento desejado, então a sugestão é excessivamente ampla para ser chamada de sugestão.

O funcionamento da sugestão temática costuma assemelhar -se ao da sugestão formal. Se um companheiro concordou em trazer à baila um assunto para ser discutido numa reunião do conselho, e não o faz, podemos recorrer à sugestão. Uma sugestão formal seria uma palavra sussurrada ou rabiscada num papel. Uma sugestão temática consistiria em estímulos verbais, comumente evocando termos do tópico a ser discutido como respostas intraverbais. Uma temática pode ser encoberta por outro comportamento verbal menos óbvio que uma sugestão formal, mas é menos provável que ela determine um comportamento específico por parte do ouvinte. Todavia, o tom apropriado de voz ou um olhar malicioso podem servir, em lugar de um explícito *Você vai dizer algo sobre tal assunto.*

As sugestões temáticas também são comuns na educação. O professor "dirige" uma discussão, ou encoraja o aluno a falar sobre um dado assunto de certa maneira, principalmente por meio do uso de sugestões temáticas. Estas também podem ocorrer de forma acidental, como quando somos "lembrados de um tópico acerca do qual pretendíamos falar". Podemos traduzir uma expressão elíptica desse tipo dizendo que "o comportamento, que já existe com alguma força, recebe um suplemento acidental de materiais temáticos relacionados".

Em condições nas quais a sugestão foi particularmente eficaz (quando o ouvinte está "procurando uma sugestão"), o efeito pode depender de pelo menos duas respostas ligadas, encadeadas. Um elo temático pode ser seguido por um elo formal, ou vice-versa. Ao fortalecer a resposta *adição,* por exemplo, o estímulo verbal *uma determinada impressão de um livro* pode levar a um certo número de respostas intraverbais, entre as quais *edição,* a qual pode agir como uma sugestão formal para dar à resposta *adição* a força suficiente.

Investigações Ecóicas

Nem sempre o estímulo ecóico evoca uma resposta semelhante. O próprio estímulo pode não ser claro, o ouvinte pode ter dificuldade para ouvir, o repertório ecóico pode não ter sido bem condicionado, e assim por diante. É comum ouvir-se mal um estímulo verbal. Mas, se o estímulo ecóico é fraco, daí não se segue que a resposta seja indeterminada. Simplesmente, é provável que outras variáveis sejam mais eficazes como fontes suplementares de força. Quando tais variáveis são aparentes, dizemos que o ouvir mal é "revelador" no sentido freudiano. Assim, se alguém ouve o próprio nome mencionado em meio a uma conversa ruidosa, quando é claro que, de fato, não havia um estímulo verbal correspondente, podemos perguntar pelas outras variáveis que teriam sido responsáveis por essa tendência em ouvir o próprio nome. Os pais orgulhosos ouvem muito mais palavras no balbucio do filho do que o vizinho cético. Um fato relevante na interpretação de tais casos é que aquilo que é ouvido é reforçador para quem o ouve. A sugestão ecóica fragmentária combina-se com algumas outras variáveis para produzir uma resposta verbal que não poderia ser evocada por quaisquer das variáveis que atuam de modo isolado.

Padrões sonoros, ainda mais deficientes como estímulos ecóicos, servem às vezes como variáveis suplementares, especialmente se repetidos de forma ritmada. Uma vez que a fraqueza do estímulo ecóico deve ser emparelhada pela força especial de outra fonte, exemplos desse tipo são mais claramente "reveladores". Eles foram usados amiúde como expedientes literários. Em *Guerra e Paz,* de Tolstói, "pareceu ao príncipe Andrey (que estava parado na amurada de uma balsa) que o marulho da água constituía um refrão das palavras de Pierre: 'É a verdade. Acredite' ". O livro *Old Wives' Tales,* de Arnold Ben-nett, descreve uma jovem num trem, fugindo de casa: "E o barulho longo e constante do trem sobre os trilhos repetia o falar ritmado da voz irrespondível que em seu peito dizia: 'Por que você está aqui? Por que você está aqui?'

O caso isolado de um padrão não-vocal auditivo desse tipo raramente evoca uma resposta verbal ecóica. O fato de padrões ritmicamente repetidos provocaram tal evocação constitui exemplo de um processo chamado "soma", comumente observado tanto no comportamento reflexo como no operante. Ele pode ser demonstrado no comportamento verbal da seguinte maneira: chamar um homem pelo nome pode ser inútil, caso ele esteja muito distante, ou caso ele esteja num ambiente muito barulhento, ou ainda caso ele esteja preocupado com outro comportamento. Mas há um nível de intensidade no qual tal estímulo, ineficaz quando apresentado uma única vez, tornar-se-á eficiente se for apresentado ritmicamente, com a mesma intensidade, várias vezes. Se falamos com alguém que

está lendo um jornal e ele não responde, tendemos a falar outra vez em voz mais alta, mas podemos obter o mesmo efeito falando com a mesma intensidade várias vezes. É esta soma de estímulos ineficazes que evoca uma resposta ecóica parcial a um estímulo-padrão não-vocal. Quando o estímulo é eficaz mediante a soma, em muitos casos é ainda necessário que outras fontes de estimu-lação estejam presentes para determinar a forma da resposta.

Uma investigação ecóica baseada nesse princípio é a chamada "somatória verbal". Ela consiste num fonógrafo ou num gravador que repete um vago padrão de sons da fala, em baixa intensidade, ou contra um fundo de ruídos, tão freqüentemente quanto seja necessário para evocar uma resposta. O material soa como os fragmentos da fala natural ouvidos através de uma parede. Por motivos que serão discutidos no capítulo 15, este expediente evoca mais depressa o comportamento se o falante desconhece a verdadeira natureza do arranjo. Em condições experimentais satisfatórias, um sujeito geralmente ouvirá algo do que está sendo dito em cada amostra, e muitos sujeitos não exigirão mais do que dez ou quinze apresentações de cada estímulo. Centenas de respostas podem ser coletadas em poucas horas. Estas respostas conservam pouca relação formal com os estímulos ecóicos (sujeitos diferentes raramente dão a mesma resposta) e, por isso, permitem certas inferências acerca das outras variáveis. As respostas tendem a ser não-corrigidas no sentido do capítulo 15, porque o sujeito permanece inconsciente das fontes de controle e é freqüentemente convencido de que está apenas repetindo o que ouve, apesar de fazê-lo, possivelmente, com alguma imprecisão.

Segue-se uma lista parcial das respostas obtidas de um sujeito num experimento desse tipo.[93]

Barley; agarrou-se a isto; não faça isso; substitua o grupo; você o espancou; como vai você; boa noite; você conhece uma parte; bolacha; você tem algo; dois quatro um oito; estação de chamada; picles azedos; acalme-se; mantenha-se fora disto; vagabundo; faça-o novamente; você é meu; eu a conheço; face a face com Manheim; Lita bateu... ; ultrapassou a barreira principal; você os tentou; ele o tem; ele nunca o fere; Heidi; um Bilder-buch; retardando um; por que você?; Tabelletuch (relatado apenas depois que a repetição cessou); se eu fosse você; você já tem idade bastante; você se esqueceu; quem é você?; eu não poderia imaginar; o qual eu sou; América; poderia eu continuar com você?; quem é você?; você voltará?; não posso... fazer isso; Dumas; não vá lá; observe minha margem; depois de todos os meus deveres; voa como uma mosca;

Algumas das variáveis não-ecóicas, que participaram da determinação de tais comportamentos podem ser identificadas. Uma vez que é impossível conduzir tal experimento no vácuo, o meio ambiente imediato proporciona alguns estímulos de

[93] Skinner, B. F., ""The Verbal Summator and a Method for the Study of Latent Speech", *Journal of Psychology,* 2 (1936), 71-107.

controle. Após observar o experimentador ajustar dois pequenos botões no aparelho, um sujeito relatou que o fonógrafo havia dito Em qual das rodas você tocou? Um relógio distante que batia uma hora levou um dos sujeitos a registrar meia-hora. Condições de privação ou de estimulação aversiva, associadas com tal experimento, também são relevantes e parecem ser responsáveis por respostas tais como Chame-os mais alto; Faça-o mais perto; Force-os com mais energia; Cuidado: você vai dormir.

Tão logo sejam emitidas algumas respostas, começam a ocorrer respostas auto-ecóicas e auto-intraverbais. A resposta Hire a bootblack ["Alugue um engraxate"] foi seguida imediatamente por Have a bluebook ["Pegue um livro azul"]. Ambas as respostas possuem o mesmo padrão fonético, e as consoantes iniciais são as mesmas, exceto pela inversão de b e bl. Além disso, bootblack e bluebook são palavras cujas sílabas separadas constituem palavras em si mesmas. Ambas terminam com k e contêm o elemento boo. Possivelmente, uma força adicional foi proporcionada por uma forte conexão intraverbal entre black [negro] e blue [azul]. Um reforço auto-ecóico acentuado pode ser visto em rimas freqüentes: Blow that fuse up ["Faça explodir essa espoleta"]; No shoes up ["Não atire os sapatos]; Trial by another ["Julgamento por outrem"], Is he your bro-ther ["É ele seu irmão"] e O ver golden seas ["Sobre mares dourados"], There are men at ease [Há homens descansando]. As fontes múltiplas produzem, às vezes, uma compreensão insatisfatória. Harry Goldman foi seguido por In a gold mine ["Numa mina de ouro"] e as formas higher ["mais alto"] e hire ["alugue"] foram trocadas numa longa série de respostas. Após ter respondido Three or four years ago ["Três ou quatro anos atrás"], um sujeito deu a resposta An historical article ["Um artigo histórico"] e a justaposição incongruente de three or four year e historical pode explicar uma resposta posterior no experimento Slightly historical ["Levemente histórico"], que em si mesma pode ser uma forma distorcida da expressão, comum na época, Slightly hysterical ["Levemente histérica"].

Agrupamentos temáticos de respostas sem reforço formal são exemplificados por Dois quatro um oito, Estação de Chamada (telefonando); A música ultrapassou você, Que motivo é este? (música); Orquestra Principal, Você é musical (música); Deus de amor, Aproxima-te da terra (religião); Pare, Movimento lento (velocidade). (O último par foi seguido por Vá ao cinema, e as três respostas, tomadas juntas, abrangiam um vôo de idéias em miniatura.)

As conexões intraverbais entre algumas respostas sucessivas sugerem padrões da conversa cotidiana. Aonde você vai? Para casa, como sempre; Quem é você? Eu não posso imaginar; Você quer chá? Está bem, eu tocarei a campainha; Meu olho encontra-se em mau estado, O que ele fez? Ele puxou a corda; Eu te amo, você me ama?

Ocasionalmente, há evidência de uma seqüência intraverbal, que não está inteiramente aberta. Um dos sujeitos deu a resposta You are a peanut ["Você é um amendoim"] num dos dias do experimento e no dia seguinte You are a peacock ["Você é um pavão"]. Esta última foi então seguida pela resposta You are a nut? ["Você é uma amêndoa?"] É possível que a resposta You are a peacock ["Você é um pavão"] tenha recordado a resposta You are a peanut e um comportamento verbal encoberto mais distante levou à pergunta Are you a nut?

A complexidade do entrelaçamento formal e temático de respostas sucessivas, na ausência de qualquer "significado da prosa", deve ser notado por causa de sua aplicação a uma análise poética. Uma série de respostas dadas pelo sujeito responsável pela lista acima fornece-nos um bom exemplo.

elle n'est partie ["ela não partiu"]

do not say your part ["não diga sua parte"]

take leave of it ["despedir-se disto"]

oh, are you ["oh, é você"]

got your visa ["obtenha seu visto"]

elle ne sait pas ["ela não sabe"]

p-p-partie ["partiu"]

are you going ["você vai"]

who are you ["quem é você"]

vis-à-vis ["frente a frente"]

Semelhanças formais entre essas respostas, independentes de conexão temática (e, por isso, podem ser encaradas como uma espécie de trocadilho), podem ser vistas em: partie, part; not say part, ne sait pas; e visa, vis-à-vis. Tanto a força temática quanto a formal estão evidentes nos pares: elle ne, elle n'est; partie, partie; are you, are you; e assim por diante. Um entrelaçamento temático com superposição formal pode ser visto em: partie, take leave, are you going, e talvez em got your visa. O p-p-partie gaguejado (o sujeito afirmou que o disco estava gaguejando) pode dever-se ao fato de que, ao transcrever a primeira resposta na série, o experimentador perguntou se o sujeito havia dito partie ou pas partie.

Podemos evocar respostas em crianças pequenas por meio de vagos estímulos ecóicos, mas o material é determinado gran demente pelas condições do experimento ou, desde que algumas poucas respostas tenham sido emitidas, por

uma forte conexão formal e temática. Uma menina de cinco anos deu as seguintes respostas:

Consegui meu disco; Consegui meu disco (ele está fazendo barulho); Meu disco faz muito barulho, mas eu gosto dele; Estou sentada num banco; Tenho uma escrivaninha bonita, puxa; Nossa Senhora, estou escrevendo tão firme; Credo, esqueci meu disco; Quem são estas pessoas que estão batendo à porta?; Puxa, minha escrivaninha é linda e meu disco também; (Eu acho que ele está tocando uma canção muito bonita); Puxa, onde está minha mulher? Onde está ela? Ela deixou minha filhinha sozinha;

seguidas por outras dezenove respostas, num total de 10 minutos. Este sujeito iniciava quase todas as respostas dizendo *Acho que ele está dizendo...* Outra menina, de cinco anos, registrou *Pomba* para o primeiro estímulo, e praticamente todas as respostas ulteriores foram nomes de pássaros.

Uma vez que fontes identificáveis de força não explicam a maioria das formas de resposta observadas no experimento da "somatória verbal", o restante deve ser atribuído a outras variáveis, que fazem parte da história do sujeito. É precisamente por permitir-nos inferir essas variáveis que este esquema tem um uso clínico enquanto "teste projetivo". Quando respostas obtidas dessa maneira são fragmentadas em grupos temáticos, e sua estrutura gramatical é analisada, podem aparecer predisposições verbais que não seriam descobertas no comportamento normal do sujeito por causa do processo de correção a ser discutido no capítulo 15. No experimento da somatória, para falar claramente, o sujeito não precisa assumir a responsabilidade pelo que diz. Todavia, aqui, o que se pode afirmar é que este estratagema funciona. Proporcionando um estímulo ecóico muito vago como fonte suplementar de força, pode-se evocar um comportamento verbal, que de outra forma permaneceria indeterminado. Relações diversas com outras variáveis, incluindo o reforço ecóico interno e o reforço intraverbal, servem apenas para confirmar a formulação.

O estímulo ecóico está em seu ponto mínimo (e, por isso, outras variáveis são relativamente mais importantes) no comportamento psicótico em que "se ouvem vozes" O entender mal uma fala entreouvida é um traço comum. As respostas dos psicóticos à somatória verbal são relativamente livres do padrão do estímulo ecóico.[94] Ao ouvir vozes, não podemos admitir que não haja estímulo ecoico, uma vez que ruídos produzidos por processos fisiológicos do próprio ouvinte podem bastar; em muitos casos, tais alucinações parecem encorajadas por estímulos externos, como o farfalhar das folhas.

---

[94] Rosenzweig, S., e Shakow, D., *Character and Pers.,* 8 (1940), 216-226.

Investigações Textuais

Apesar de o estímulo verbal textual ser, normalmente, mais estável que o ecóico, ele muitas vezes evoca respostas que não apresentam uma exata correspondência do repertório textual. O professor primário está familiarizado com esse efeito. Mas mesmo leitores que desenvolveram um repertório textual extenso podem *ler mal* quando o estímulo textual for vago ou muito breve. Quando guiamos um carro, podemos vislumbrar um estímulo textual "com o canto dos olhos", ou enquanto esse estímulo *é* ultrapassado rapidamente. Num laboratório, os estímulos textuais podem ser apresentados durante frações de segundo com um taquistoscópio. Sob todas essas condições, a resposta textual pode ser controlada, em parte, por outras variáveis.

Uma forma visual dessa somatória verbal baseada nesse processo foi projetada por W. K. Estes.[95] Expõem-se padrões de letras, ou por um breve período de tempo ou fora de foco, e pede-se que o sujeito dê uma resposta textual. Segue-se parte do registro da amostra.

Deixado comigo; sua esposa; fale-me sobre; atingido no braço; culpado do crime; pegar-lhe o braço; ilumine meu caminho; bota nivelada; sobre meu braço; apanhado pelo braço - sinta o dedo do pé; apertado no braço; amarrado no braço; ao lado; letra manual; em minha cabeça; real como o fizeram; estátua à minha esquerda; transplantado no lado; encontrado em sua cabeça; brigar com; menininhas todas bem; corre colina abaixo; homem grande no poço.

Respostas auto-ecóicas e auto-intraverbais são de novo evidentes, bem como suas combinações, na causação múltipla.

Quando, no começo de uma sessão experimental, permitiu-se que o sujeito visse claramente um texto significativo, ostensivamente apresentado como uma amostra do material a ser apresentado mais tarde em condições menos favoráveis, o tema da amostra persistiu por pouco tempo e, aparentemente, mais como resultado de respostas intraverbais sucessivas do que por causa de algum "conjunto" permanente. A estrutura gramatical da amostra persistiu por um período de tempo mais longo. Assim, se a amostra fosse constituída por uma pergunta, as próximas cinco ou seis respostas mostravam a tendência de se transformar em perguntas.

Outros Tipos de Investigações Formais

---

[95] Estes, W. K., *The Psychol. Record,* IV, (1940), 174-180.

Podemos produzir um comportamento verbal por meio de qualquer variável que reforce o comportamento, independentemente da forma, ou por meio de qualquer variável combinada com variáveis puramente formais. Assim, podemos pedir que nosso sujeito componha uma lista de palavras tão rapidamente quanto ele o possa fazer, ou escreva um poema segundo um padrão sugerido, ou escreva passagens com um alto nível de aliteração, usando consoantes iniciais sugeridas, ou registre todas as palavras que lhe ocorram e que comecem com uma dada letra, ou rimando com certa palavra, e assim por diante. Estas são investigações no sentido de que o material obtido não está sob um forte controle externo. Todo esse material será "corrigido" pelo falante no sentido do capítulo 15, desde que, diferentemente da soma verbal de forma auditiva ou visual, o sujeito deva "assumir a responsabilidade" pelas respostas produzidas.

Investigações Temáticas

Um exemplo antigo de investigação temática é o texto de associação de palavras de Jung.[96] Uma série de estímulos verbais são apresentados ao sujeito e pede-se que ele registre a "primeira palavra que lhe ocorrer", exceto respostas formalmente determinadas. Os estímulos e as respostas podem ser vocais ou escritos, sem que isso afete seriamente os resultados. Alguns aspectos do comportamento assim gerado são significativos quando separados das respostas geradas ou da evidência, que oferecem, de múltiplas fontes de força. Se o sujeito "bloqueia" (isto é, se não dá uma resposta rápida), pode-se inferir daí um comportamento encoberto do tipo a ser discutido no capítulo 15. Saber se suas respostas são típicas da comunidade verbal a que ele pertence — ou se elas revelam respostas intraverbais "normais" — também pode ser de interesse. As respostas apresentadas (o "conteúdo" do comportamento) podem revelar variáveis colaterais. Sujeitos diferentes dão respostas diferentes, presumivelmente por causa de diferenças em suas histórias verbais ou nas circunstâncias ou condições correntes. Meninas e meninos dão respostas diferentes, como vimos no capítulo 4, bem como estudantes de direito e estudantes de medicina. Respostas idiossiricrásicas, especialmente no caso de palavras-está-mulos com "entonação emocional", podem ser especialmente úteis. Podem-se observar relações auto-ecóicas ou auto-intra-verbais entre respostas sucessivas, bem como a persistência de relações gramaticais ou sintáticas com a palavra-estímulo.

[96] Jung, C. G., *Studies in Word Association* (Londres, 1918).

Num teste planejado por John B. Carroll,[97] palavras-chaves são omitidas de uma passagem em prosa, apesar da preservação das relações sintáticas. Eis aqui o primeiro parágrafo desse teste:

O céu estava _____ enquanto eu caminhava para
(adjetivo)
_____. No caminho encontrei Alison que parecia muito
(substantivo)
_____. _____ falou comigo muito _____.
(adjetivo) (pronome) (advérbio)
A última vez em que eu vira Alison foi no dia em que minha
mãe tinha _____, e este encontro trouxe de volta a memó-
(verbo)
ria do _____ acontecimento. Pensar nisso causou um senti-
(adjetivo)
mento de _____ em mim e eu me perguntei quando algo
(substantivo)
semelhante ocorreria novamente.

A estimulação intraverbal proporcionada pela passagem é, de certa forma, menos específica que no teste de associação de palavras. Todavia, uma vez que tenha as respostas preenchido os claros, elas passam a ter uma função mais importante na determinação de outras respostas.

O experimento de associação de palavras evoca respostas intraverbais. Estímulos apropriados aos *tactos* podem desempenhar uma função semelhante. No teste de Apercepção Temática (T. A. T.)[98] pede-se ao sujeito que conte uma história acerca de uma gravura, ou que escreva algo apropriado para uma dada música, cheiro ou sabor, e assim por diante. Assim como no teste de associação de palavras, algumas características do comportamento assim evocado não são relevantes aqui, mas esse teste ilustra a prova do comportamento por meio de estímulos inadequados, permitindo-nos inferir que o comportamento tem uma causação múltipla e, algumas vezes, podemos também inferir fontes adicionais de força.

Comparados com a investigação formal, tanto o teste de associação de palavras quanto o de Apercepção Temática se iniciam com estímulos muito fortes. O simples fato de serem temáticos sugere que virão a exercer um controle relativamente poderoso. As variáveis colaterais, todavia, ainda possuem um alcance relativamente amplo. No teste de Rorschach, as "manchas de tinta" coloridas, ou em branco e preto, são selecionadas precisamente porque não evocam respostas

[97] Carroll, John B., *Psychometrika,* 6 (1941), 279-307.
[98] Murray, H. A., *Exploration in Personalitv* (Nova Iorque, 1938).

padronizadas que possuam alguma consistência. O resultado do teste de Rorschach não dá ênfase ao "conteúdo" do comportamento gerado; todavia, ilustra o uso da causação múltipla na investigação do comportamento verbal. A eficácia de padrões visuais vagos na evocação de respostas que, sintaticamente, nomeiam ou descrevem a configuração ou os traços de tais padrões, só pode ser explicada em termos de fontes colaterais de força. Grande parte desses resultados pode ser atribuída aos próprios estímulos visuais, no sentido de que muitas dessas respostas representam extensões metafóricas ou nominativas dos *tactos.* O material é, pois, relevante no que toca às tendências do sujeito em "ver" padrões de determinada forma.

A Questão da Consciência nas Investigações Formais e Temáticas

A utilidade clínica de uma investigação temática depende da extensão da "inconsciência" do sujeito acerca da ação das variáveis colaterais. Quando o sujeito "precisa assumir a responsabilidade pelo que diz", ele tende a corrigir seu comportamento da maneira que será discutida no capítulo 15, e frustra o objetivo do teste. Quando a fonte pessoal do comportamento não pode ser dissimulada com facilidade, como no Teste de Rorschach, o material temático é minimizado na "contagem", em favor de outros aspectos do comportamento. A sofisticação também pode levar à correção em outros testes. Um sujeito que compreenda o ponto em questão no teste de Apercepção Temática costuma ter consciência de estar corrigindo seu comportamento e pode tornar-se incapaz de responder livremente. Quando a verdadeira natureza da somatória verbal é revelada, o teste muda do ponto de vista do significado clínico. A correção do comportamento gerado não coloca em pauta a questão da realidade das fontes formais ou temáticas de força, ou a causação múltipla do comportamento. Ela significa simplesmente que esses processos podem ser obscurecidos por uma atividade adicional do falante.

Na forma auditiva da somatória verbal, um prefácio padronizado pode ocorer para cada resposta, ou pode estar implícito nas condições do experimento. Quando a resposta do sujeito é forte, ele pode iniciar seu relato com *Diz-se...* ou *Ele diz...* Quando a resposta é mais fraca, ele pode começar a narração dizendo *Parece-me que se está dizendo...* Quando o estímulo ecóico é claramente não-verbal, como, por exemplo, ao ouvir o barulho das rodas do trem, o sujeito pode registrar *Quando ouço as rodas, eu me surpreendo dizendo...* Apenas numa metáfora óbvia é que o relato apresentará uma forma tal que *As rodas estão dizendo*... Da mesma maneira, na forma visual da somatória, as respostas podem começar com *Diz-se... , Parece que se diz... Eu li isso como... ,* ou *Para mim isso quer dizer...* Respostas deste tipo, a serem discutidas no capítulo 12, constituem uma descrição do próprio comportamento do falante ou das variáveis que controlam esse comportamento, emitidas para qualificar o efeito da resposta sobre o ouvinte.

Uma série semelhante de prefácios pode estar implícita nas respostas ao teste de Rorschach. O sujeito pode estar dizendo essencialmente *É um... , Parece-se com... ,* ou *Eu vejo um... lá.* Há expressões paralelas quando o sujeito está consciente de que *nenhum* estímulo é responsável pelo comportamento: *Ouço vozes, Vejo palavras, Palavras passam por minha mente,* ou *Mesmo com meus olhos fechados, vejo um...* Podemos notar, todavia, uma peculiaridade da forma vocal da somatória verbal. A expressão *Eu disse para mim mesmo* não tem um paralelo exato nas respostas dadas aos estímulos visuais, verbais ou de outro tipo. Não dizemos *Li... para mim mesmo,* ou *Vi... para mim mesmo.* (É claro que não estamos falando da leitura silenciosa de um texto.) O termo *visualizar* sugere uma noção relacionada de arranjo da estimulação visual para si mesmo. Mas quando, em condições nas quais o toque do telefone é altamente reforçador, um homem ouve o telefone no chocalhar de um maço de chaves, ele não relata esse fato dizendo *Toquei para mim mesmo.* Uma pessoa pode envolver-se num comportamento verbal "consigo mesma" porque o falante pode ser seu próprio ouvinte.

Fortalecendo O Comportamento Verbal Do Ouvinte

Os estímulos suplementares desempenham um papel importante no comportamento do ouvinte (ou do leitor). Esse papel, todavia, muitas vezes tem sido negligenciado. As análises tradicionais de "significado" usualmente se restringem às atividades do receptor do comportamento verbal que classificamos aqui quer como reflexos condicionados (principalmente emocionais), quer como operantes discriminados. O falante que responde aos estímulos verbais com um comportamento ecóico, textual ou intraverbal é também, obviamente, um ouvinte e pode apresentar comportamento reflexo ou operante em acréscimo às respostas verbais do capítulo 4. O uso prático dos estímulos verbais como variáveis suplementares — como sugestões formais ou temáticas — permite-nos analisar ainda outro aspecto do comportamento do ouvinte ou do leitor.

Freqüentemente, o falante "leva o ouvinte a dizer algo que, de outra forma, ele não diria". Tanto o falante como o ouvinte estão sob controle de variáveis que são essencialmente as mesmas (estão, digamos assim, de posse do mesmos fatos) e nada de novo é "comunicado", mas o falante gera um comportamento no ouvinte, para "tornar algo claro para ele" ou para "levá-lo a perceber o ponto em questão", ou ainda "para ajudá-lo a compreender" um determinado estado de coisas. Em vez de relatar ao ouvinte algo que só ele vê, leva o ouvinte a ver algo à sua maneira". Ele "diz algo para" o ouvinte. O processo, freqüentemente, é exemplificado pelos discursos relativamente intelectuais, científicos ou filosóficos, e é por isso, talvez, que é mais surpreendente o fato de ele poder ser reduzido a uma suplementação ecóica, textual ou intraverbal.

É fácil demonstrar que o ouvinte diz ou pode dizer amiúde aquilo que o falante está dizendo e, aproximadamente, ao mesmo tempo. O ouvinte não tem dificuldade em fornecer uma resposta ausente, quando o comportamento do falante é momentaneamente obscurecido por algum ruído ou por uma falha da comunicação telefônica, da mesma forma que o leitor é capaz de completar o fragmento rasgado de uma página. O ouvinte reage de forma correta, mesmo que o comportamento do falante seja distorcido por qualquer motivo (capítulo 11) e pode, inclusive, não ter consciência da distorção. Ele completa uma sentença para o falante se seu comportamento for mais rápido ou se o falante, por alguma razão, for interrompido. Ele se associa ao falante na emissão de alguma palavra ou frase importante. Mesmo quando não emite a resposta, o ouvinte pode reconhecer sua própria participação dizendo "Ele tirou a palavra da minha boca".

Se falante e ouvinte possuírem o mesmo repertório verbal, pode haver pouca informação para se tirar desse episódio verbal; mas em casos suficientemente úteis para serem reforçadores para o ouvinte (e, por isso, na maior parte das vezes, indiretamente reforçadores para o falante) as respostas dos falantes, por algum motivo, são ligeiramente mais fortes. O ouvinte pode não ter sido tão cuidadosamente condicionado, ou pode ter esquecido de algum modo. Quando, durante uma visita ao zoológico, o falante fornece o nome de um animal que o ouvinte possui, mas com força inadequada, ele não está "instruindo" o ouvinte (no sentido a ser discutido no capítulo 14) porque ele não cria uma nova relação funcional. Ele apenas acrescenta uma fonte suplementar de força suficiente para evocar uma resposta.

O fato de a resposta, nesse exemplo, ter tido anteriormente força suficiente não é em si mesmo essencial. Dois homens podem possuir o mesmo conjunto de respostas para um conjunto muito complexo de variáveis (uma situação política difícil, por exemplo), mas, se um deles revelar uma motivação mais poderosa, digamos, uma "composição" mais ativa (no sentido do capítulo 14), ou um "pensamento" mais extensivo (no sentido da V Parte), ele se torna o falante e o outro, o ouvinte. O falante caracteriza a situação de uma forma imediatamente adotada pelo ouvinte, porque este quase deu, ele próprio, a mesma resposta. Um caso semelhante surge quando o ouvinte "vê" imediatamente que uma metáfora é adequada porque as propriedades responsáveis pela extensão no comporta mento do falante, também em certa medida, se mostraram eficazes para ele. Da mesma forma, duas pessoas que trabalhem juntas num problema de álgebra podem alcançar a solução pelo mesmo caminho e podem ter histórias intraverbais semelhantes, mas a que emitir a solução em primeiro lugar será o falante. O outro será um ouvinte bem preparado, afetado quase tão fortemente pelas mesmas variáveis de controle.

Neste efeito importante sobre o ouvinte, o comportamento do falante pode ser encarado como uma soma *ótima* de estímulos. Pelo fato de ele concordar, em todos

os detalhes, com o comportamento do ouvinte, exige-se, em geral, apenas a apresentação de um estímulo, não obstante algumas vezes serem necessárias repetições para que o ouvinte "perceba o ponto" em questão. O paralelo com a somatória esclarece vários traços do processo. É claro que falante e ouvinte não emitem as respostas de forma simultânea. O tempo necessário para uma resposta ecóica pode ser da ordem de uma fração de segundo. Há apenas um ato verbal por parte do ouvinte: ele contém a resposta ecóica e a resposta já existente com alguma força. Ela em geral é subaudível e, por isso, difícil de ser examinada. O *leitor* comumente participa de uma forma mais óbvia; ele pode estar mais claramente consciente de seu comportamento verbal subaudível, talvez porque diferentemente do ato comparável por parte do ouvinte, ele não se confunde com o estímulo verbal.

Em qualquer instância dada, o comportamento do falante não foi ainda afetado, nem tampouco depende do comportamento apropriado por parte do ouvinte. O falante pode falar, mesmo que seu ouvinte, presente, não revele qualquer reação ou dê uma resposta incorreta. Da mesma forma, o ouvinte pode reagir de maneira apropriada, apesar de o estímulo verbal ser gerado em circunstâncias irrelevantes. O efeito suplementar do estímulo verbal também independente de uma função útil corrente. Num caso, o ouvinte pode ser descrito "dizendo a outra coisa com as mesmas palavras". Quando o personagem Lord Jim, de Joseph Conrad, era levado para longe da cena do julgamento, ele ouviu casualmente alguém dizer *Olhe esse cão miserável.* O falante estava respondendo a um cachorro que vagava por entre a multidão, mas Jim interpretou tal resposta como uma referência a si próprio. Ele não viu o cachorro e, portanto, não tinha a resposta sob esse controle, mas comportamentos semelhantes em relação a si mesmo eram usualmente fortes por outras razões. É o que chamamos de "eisegese". Um exemplo excelente, apontado por Upton Sinclair e citado por Ogden e Richards,[99] é devido a Lyman Abbott.

> *Jesus não disse "Não acumuleis para vós tesouros na terra." Ele disse "não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a poeira e as traças poderão corrompê-los e onde os ladrões poderão alcançá-los e roubá-los". E nenhum americano sensato o faz. As traças e a poeira não alcançam os poços de petróleo de Mr. Rockefeller e os ladrões não alcançam nem roubam uma ferrovia. O que Jesus condenou foi a riqueza acumulada.*

Um tipo de "eisegese" fragmentária é responsável pela dificuldade do leitor que começa a dizer algo com as primeiras palavras de um trecho e descobre que o restante não se adapta àquilo com que começou. Ele interpretou erroneamente o começo de uma sentença e se vê desemparado quando tenta continuar a seguir o texto. Fowler[100] chama isto de "falso odor". O processo também ocorre

---

[99] Ogden. C. K., e Richards, I. A., The Meaning of Meaning (Nova Iorque, 1923).
[100] Fowler, H. W., Modern English Usage (Londres, 1930).

erroneamente quando se interpreta mal aquilo que é ouvido. Um exemplo disso é a experiência infeliz de um jovem cortês que havia dançado, mais do que se podia esperar, com uma dama de companhia de meia-idade. Esta, parando no meio de uma dança e conduzindo o jovem para fora de recinto, exclamou: *l'm just too danced out* ["Eu já dancei demais"]. Em resposta, o jovem disse: *I wouldrít say you werc stout at ali* ["Eu não diria, absolutamente, que a senhora é gorda"].

O caso extremo de variáveis de controle diversas é aquele que George Moore chamou de eco-adivinhação: "palavras ouvidas num local inesperado, mas que se aplicam perfeitamente bem à dificuldade dominante no momento".[101] Aqui o estado simultâneo de reforço, quer no falante quer no ouvinte, deve-se ao acaso e, como costuma ocorrer de forma casual, o ouvinte pode ficar especialmente impressionado e chegar a agir sobre a resposta com uma crença especial. Uma observação ouvida ao acaso e que tenha alguma semelhança com o nome de um cavalo de corridas é aceita como uma "informação segura". Algo dessa mesma superstição está envolvida na expressão *Vaiar no diabo,* apropriada para as situações em que alguém aparece *depois* de mencionado o seu nome. O mesmo efeito é sentido quando um objeto se move logo depois que seu nome é mencionado.

Quando as mesmas variáveis afetam o comportamento do falante e do ouvinte, a extensão em que a mesma coisa está sendo dita é crucial. Não nos agrada ouvir alguém dizer algo que pretendíamos dizer com força total. Se um conferencista diz algo que já vínhamos "dizendo há tempo", isto nem nos ajuda nem nos agrada. Observações óbvias não são nem úteis nem agradáveis. O mesmo ocorre com doses maciças de chavões, com histórias muito conhecidas, e assim por diante. Poderíamos ter dito a mesma coisa, e só não o fizemos porque não surgiu uma ocasião em que o comportamento fosse reforçado. No outro extremo, não podemos usar e não "apreciamos" um comportamento que não tenha paralelo em nosso repertório. A discussão de um detalhe obscuro, a descrição de um assunto totalmente desconhecido, alusões literárias irreconhecíveis, metáforas forçadas, seqüências intraverbais que não se seguem dos usos contíguos de nossa própria experiência, para não mencionar formas verbais totalmente desconhecidas, são ao mesmo tempo obscuras e inúteis. A algumas respostas desse tipo podemos dizer *Não compreendi,* no sentido de *Não posso me ver dizendo algo semelhante.* A outras podemos simplesmente não responder e, eventualmente, deixar de ouvir. (As mesmas condições governam o comportamento não-verbal. Não somos auxiliados quando nos mostram como fazer algo que já fazemos, e podemos opor--nos a que nos mostrem como fazê-lo. Por outro lado, também nos opomos a que nos mostrem como fazer algo que nunca conseguimos fazer, ou que não temos interesse

[101] Moore, G., *Confessions of a Young Man* (Nova Iorque, 1901)

em fazer.) Entre esses extremos, o falante pode ser de grande ajuda. Tenta-se encontrá-lo, pois fornece estímulos que permitem que nos envolvamos num comportamento útil. Também somos especialmente reforçados por falantes e escritores que dizem aquilo que estamos *quase* prontos a dizer — que tiram as palavras que estão "na ponta de nossa língua". É muito significativo o fato de chamarmos tais falantes e escritores de "estimulantes". Isto não significa que eles nos façam salivar, ou que nos encarreguem de alguma incumbência prática; eles apenas nos fazem pensar, no sentido de nos comportarmos verbalmente com relação a algum estado de coisas.

Também achamos útil, apesar de momentaneamente menos reforçador, da parte do falante uma resposta verbal, que nós mesmos, provavelmente, emitiríamos. Se estamos confusos diante de uma situação complexa e, de repente, alguém faz uma observação claramente apropriada, fazemos a observação com o auxílio dessa suplementação como se tivéssemos chegado por nós mesmos a idêntica conclusão. Da mesma forma, a boa meta fora ou a observação apropriada pode não estar na ponta da língua do ouvinte, embora ela seja imediatamente aceita por causa de outras fontes de força consideráveis. O ouvinte pode recusar o mérito e exclamar *Por que não pensei nisso?*, mas ele deve ter "pensado nisso" de certa forma, se o aceita imediatamente como uma metáfora eficaz ou como uma observação apropriada. Um estímulo meramente ecóico não seria valioso ou reforçador porque não levaria à "apreensão do ponto em questão".

Falante e ouvinte seriam muito semelhantes se falassem, não apenas a mesma língua, mas, também, as mesmas sublín-guas. Um vocabulário comum é vantajoso, não apenas no nível da palavra, mas também, nas respostas unitárias, funcionalmente mais amplas, que "dizem algo". Pequenas diferenças nas formas preferidas interferirão no efeito total, mesmo que o ouvinte possa reagir apropriadamente de outras maneiras. Tendências intraverbais semelhantes são de grande auxílio, particularmente na ordenação das respostas e na adição de finais gramaticais, que serão discutidos no capítulo 13. Por exemplo: o inglês mal falado pode malograr na suplementação eficaz do comportamento do ouvinte que fala o inglês corretamente, ainda que ele seja eficaz para as demais funções dos estímulos verbais. Uma igualdade aproximada da velocidade de emissão é importante. Ficamos para trás com um falante muito rápido e nos tornamos impacientes com um muito lento — fato que acarreta um problema especial para o falante lento ou gago. O comprimento da resposta também é um fator; sendo tudo o mais igual, quanto mais longo for um estímulo verbal, menor a probabilidade de encontrar um padrão correspondente no comportamento do ouvinte. O fato de o estímulo ser vocal ou escrito também é importante, pois pode haver diferenças consideráveis de sensibilidade diante de fontes suplementares de força nas duas modalidades.

Correspondências Temáticas Entre Falante e Ouvinte

Os temas da literatura foram extensamente analisados, especialmente dentro dos quadros da psicanálise. A "personalidade" do escritor se reflete naquilo que ele escreve na medida que o comportamento a partir do qual julgamos tanto a personalidade quanto o comportamento literário são funções das mesmas variáveis na história do escritor. Antes de Freud, não era comum o reconhecimento de que a relação entre um trabalho literário e o *leitor* fosse, em parte, do mesmo tipo. Podemos apreciar um poema ou um livro simplesmente por causa das reações discutidas no capítulo 6, mas é provável que nossa apreciação advenha, em larga escala, do fato de a obra literária dizer aquilo que nós, leitores, somos inclinados a dizer. A literatura capacita o leitor a comportar-se verbalmente de forma apropriada. Ao amante basta ler ou recitar os sonetos de Elizabeth Barrett Browning para falar como um amante de forma apropriada e eficiente. Assim como a moça que, tendo rompido o noivado, tem um razão especial para cantar "Oh! meu amor, volte para mim", o leitor apaixonado pode ser particularmente afetado por uma novela acerca de alguém que esteja apaixonado e cujo comportamento verbal, transcrito como parte da "conversação", proporcione o mesmo tipo de estímulo auxiliar.

Entre as razões pelas quais o leitor não fala sem um auxílio textual, está a simples falta de oportunidade, particularmente a falta de um auditório apropriado. Sob um forte estado de privação, um homem pode falar consigo mesmo sem auditório; mas ler um texto para si mesmo não está sob o controle de um auditório em qualquer nível emocional. Outra razão comum é a de que o leitor é verbalmente menos vigoroso ou, então, menos bem dotado ou imaginativo. É mais fácil emitir o comportamento de outrem instigado por um texto do que engajar-se no mesmo comportamento sem auxílio. A psicanálise pôs em evidência outra razão. Algumas formas de comportamento verbal — relacionadas, por exemplo, com sexo ou com ações agressivas dirigidas a outra pessoa — costumam ser punidas na vida diária, enquanto que as mesmas formas de comportamento, geradas por um texto, permanecem impunes. Assim, alguém pode ser punido por causa de um ataque verbal a um de seus genitores ou irmãos, mas não por ler um ataque semelhante numa novela. Para Freud, o comportamento "reprimido" pela punição era liberado por meio da "identificação" com um dos personagens de uma novela, mas os fatos podem ser descritos sem se usar o esquema conceptual freudiano.[102]

Embora a punição em tela esteja geralmente associada às práticas éticas do grupo, alguns fundamentos são relativamente simples. A repetição excessiva é um exemplo. Uma pessoa pode queixar-se apenas algumas vezes por ter perdido o seu amor, até

[102] Science and Human Behavior. capítulo 24.

que algum tipo de punição se manifeste; mas essa mesma pessoa pode cantar inúmeras vezes uma canção de amor ou ler inúmeros livros que tratam do mesmo tema sem correr um risco comparável. Alguns dos expedientes empregados pelo falante ou pelo escritor para fugir à punição serão discutidos na V Parte. À medida em que o leitor está simplesmente dizendo aquilo que o escritor diz, a mesma análise se aplica a ele.

O envolvimento pessoal do escritor e do leitor numa obra literária produziu várias análises dos temas literários, de acordo com os sistemas particulares da psicologia pessoal. Os psicanalistas analisaram centenas de trabalhos literários, quer para exemplificar os princípios da psicanálise, quer para demonstrar uma correspondência entre a biografia do escritor e os temas de seu trabalho. Os detalhes dessas correspondências só são de interesse quando relacionados com um sistema particular de psicologia pessoal. Saber quais os temas mais importantes e por que eles são mais importantes são questões que independem do processo verbal que determinou sua expressão na literatura.

Um leitor procura outras obras de um dado escritor, ou outra literatura de um certo tipo, por causa do reforço que recebeu. O reforço depende de seu próprio comportamento verbal. Uma correspondência temática entre um leitor e um trabalho literário tende a envolver uma combinação de variáveis nos campos da motivação e da emoção. A universalidade de uma obra literária depende do número de leitores em potencial propensos a dizer a mesma coisa, pelo menos em certa medida. O escritor que busca a universalidade procurará combinar repertórios verbais latentes que sejam fortes. Mas os livros "universais" tendem a não ser "favoritos" ao adaptar de maneira mais acurada as idiossincrasias de um leitor particular. Gordon Allport[103] salientou que as autobiografias seriam especialmente interessantes porque satisfazem o amor que o leitor tem por si mesmo. Podemos traduzir isso dizendo que muitas pessoas possuem fortemente o comportamento de falarem sobre si mesmas e que apenas as autobiografias ou as novelas escritas na primeira pessoa proporcionam a suplementação verbal apropriada.

A ambigüidade, no sentido de Empson,[104] deveria aumentar as possibilidades de uma combinação bem sucedida entre o leitor e a obra literária. Se pelo menos dois conjuntos de variáveis são responsáveis pelo comportamento do escritor, o leitor terá maior probabilidade de partilhar pelo menos de um conjunto. Todavia, a causação múltipla no comportamento do falante ou do escritor tem, em geral, outro efeito, mais apropriado, sobre o ouvinte ou o leitor, como veremos logo mais.

---

[103] Alport, G. W., The use of Personal Documents in Science, Soe. Sei. Res Council Buli, 49 (1942), p. 78.
[104] Empson, W., Seven Types of Ambiguity (Londres, 1930).

A Construção de uma Correspondência Entre o Comportamento do Falante e do Ouvinte

Falante e escritor podem tentar persuadir o ouvinte ou o leitor com o fim de aumentar a probabilidade de que uma resposta posterior seja uma combinação bem sucedida. Um romance obtém um de seus efeitos principais quando prepara o leitor para tomar parte nos comentários de seus personagens. Romances com "muitos diálogos" são especialmente eficazes nesse sentido. Quando lemos a descrição de um acontecimento não-verbal ou uma citação indireta, nosso comportamento verbal não é devidamente suplementado com estímulos textuais; mas quando lemos um diálogo, a suplementação textual tem maior probabilidade de ser eficaz. O criador de grandes personagens prepara o leitor de tal forma que um certo comentário parece inevitável. Nesse caso, as condições para uma boa combinação tornam-se ideais e a "identificação " é fácil. Efeito semelhante é obtido no teatro, onde o espectador é preparado para respostas que posteriormente serão reforçadas por um suplemento ecóico, quando ele ouve um dos personagens falando.

A construção de um comportamento verbal semelhante no ouvinte ou no leitor é freqüentemente reconhecida como um objeto explícito. Quando um ouvinte "concorda" ou "coopera", ele pode tomar várias providências práticas que são importantes para o falante; mas antes de tudo ele "diz a mesma coisa". *Eu concordo* pode, em geral, ser traduzido por *Eu também digo. O* mesmo objetivo pode ser pensado como criação, reforço ou mudança de uma "opinião", mudança que pode ser definida como um grupo temático de respostas emitidas diante de uma dada situação de controle. O falante revela seu interesse em fazer com que o ouvinte responda de forma conveniente quando emite o *mando* simples *Diga a você mesmo...* , seguido pela resposta verbal particular que ele deseja reforçar. Ele pode controlar seu êxito perguntando *Você não acha?* ou *Você não diria o mesmo?* Pode tentar criar uma sensação espúria de força, mediante freqüentes respostas, tais como *É claro* ou *naturalmente.* Se tais respostas forem repetidas pelo ouvinte, elas poderão ir muito longe, encobrindo o fato de que uma dada resposta é talvez quase totalmente ecóica e, portanto, nem normal nem natural.

O falante ou o escritor podem recorrer a expedientes retóricos. Dentre tais expedientes, o mais comum é a repetição. Como revela a somatória verbal, um estímulo repetido pode, eventualmente, ser eficaz, mesmo que seu poder somatório seja originalmente pequeno. As crianças amiúde reagem de forma cada vez mais apropriada a relatos repetidos de uma história, e podem insistir numa repetição precisa. Quando a simples repetição tem efeitos colaterais indesejáveis, o falante com propensão retórica deve repetir de forma disfarçada. Fragmentos da resposta requerida — especialmente certas palavras-chaves — são trabalhadas em outras

sentenças. A retórica clássica possuía nomes para muitos expedientes nos quais respostas repetidas se misturavam com outros elementos, tendo em vista finalidades persuasivas ou ornamentais. A simples repetição era chamada "epanalepse"; a repetição de uma palavra ou oração após outros elementos era chamada "epístrofe"; uma repetição dupla, no começo e no fim de orações sucessivas, era chamada "simploce"; a repetição de uma palavra num quadro sintático diferente era chamada "poliptoto", e assim por diante.

Muitas vezes, a criação de uma combinação do comportamento do ouvinte e do falante também é útil para fins posteriores. Um suplemento ecóico ou textual prepara o ouvinte para dizer a mesma coisa, mas não "por boas ou suficientes razões". As variáveis envolvidas nos *tactos* e as respostas intraverbais podem ser usadas com maior justificação: quando o falante produz um comportamento apropriado, acentuando os aspectos importantes de uma situação, ou quando ele reorganiza várias características para produzir afirmações bem definidas, ele pode estar reforçando um comportamento útil. O ouvinte eventualmente concorda e, se o fizer, será por uma boa razão. Nesse sentido, também se justifica o caso mais comum em que o falante faz preparativos intraverbais — revendo dados, descrevendo casos, etc. Um exemplo respeitável é a fábula ou a parábola, nas quais uma história é contada para construir uma forte disposição para associar-se ao falante quando a moral da história é alcançada. Na tragédia grega, um episódio prepara o auditório para concordar com o clímax do coro. Mas estas preparações "temáticas" também podem ser espúrias, como quando a concordância com a proposição final torna-se mais provável mediante o uso de um material temático totalmente irrelevante.

Compreensão

Pode-se dizer que o ouvinte compreende o falante pelo simples fato de ele se comportar de maneira apropriada. O comportamento pode ser uma resposta emocional condicionada. Quando, por exemplo, o ouvinte se ruboriza à menção de uma incorreção social, pode-se dizer que ele compreendeu o que foi dito na medida em que sua reação foi apropriada em relação ao acontecimento original. Uma observação numa língua que ele não "compreende" não o teria afetado da mesma maneira. Um estímulo verbal que constitui ocasião para uma ação bem sucedida é compreendido, *grosso modo,* da mesma maneira: o ouvinte compreende na medida em que tende a agir de forma apropriada. Na "instrução" (capítulo 14) veremos que ele compreende na medida em que seu comportamento futuro revela uma mudança apropriada. Estas são as formas em função das quais dizemos que "compreendemos" uma língua; nós respondemos de acordo com uma exposição anterior a certas contingências num ambiente verbal.

Mas outro processo está envolvido quando compreendemos ou chegamos a compreender uma observação acerca de algo que nos é familiar. Num sentido trivial, "compreender" é "ser *capaz* de dizer a mesma coisa". Este é o sentido quando dizemos que podemos ou não ouvir num telefone barulhento. Os cientistas que estudam as condições da comunicação vocal em geral aceitam uma reformulação acurada como evidência de que uma resposta vocal foi compreendida. Esta é, possivelmente, algo mais do que uma resposta puramente ecóica, quer como imitação do auditório, quer como reprodução dos sons convencionais da fala. O ouvinte, provavelmente, diz *Vou compreendendo* apenas quando pode emitir um comportamento correspondente, tal como pode ocorrer na linguagem em resposta a estímulos não-verbais ou intraverbais.

Os melhores exemplos estão na área do discurso científico e filosófico. Imaginemos que estamos começando a ler uma obra extremamente difícil. Respondemos corretamente a todas as palavras nele contidas, pelo menos no que respeita aos significados constantes de um dicionário, estamos familiarizados com o assunto tratado e, todavia, não compreendemos o texto. Podemos dizer que não o "apreendemos", ou que "não percebemos o que o autor pretende dizer", ou por que ele diz o que diz. O que queremos dizer é que não somos capazes de nos ver respondendo da mesma maneira. O texto não suplementa em nós um comportamento verbal que exista com alguma força considerável. Possuímos cada uma das respostas no sentido de que elas fazem parte de nosso repertório verbal, mas não tendemos a emiti-la nas mesmas circunstâncias que o autor do texto. Este sentido de compreensão, coincide com o uso leigo da palavra. Compreendemos qualquer coisa que nós mesmos teríamos dito em relação ao mesmo estado de coisas. Não compreendemos o que não dizemos e compreendemos *mal* quando dizemos *outra* coisa com as mesmas palavras — isto é, quando nos comportamos de certa maneira por causa da operação de variáveis diferentes.

Suponhamos, agora, que voltamos ao texto — como deveremos fazer se temos que chegar a compreendê-lo. Que processo explicará as mudanças ocorridas? Seqüências intraverbais estabelecidas durante a primeira leitura terão, é claro, deixado sua marca: agora, o texto será familiar. Por isso, numa certa medida, nossa tendência será dizer as mesmas coisas. Apenas por meio desse processo poderemos decorar eventualmente o texto. Mas isto não será suficiente; podemos ainda dizer que não compreendemos o texto, embora digamos que agora nós o compreendemos numa certa medida. Outros processos devem ocorrer para que possamos chegar ao ponto desejado pelo autor. Provavelmente ocorrerá uma instrução, no sentido especial que será discutido no capítulo 14. Algumas sentenças do texto apresentarão dois ou mais estímulos juntos naquilo que chamamos de definição; a mudança resultante em nosso comportamento será sentida quando essas respostas ocorrerem separadamente em outro local do texto. Outras sentenças, por meio da predicação,

produzirão outras transferências de respostas, aumentando nosso "conhecimento". Nosso comportamento será alterado com as leituras subseqüentes no sentido de uma compreensão crescente, porque nosso uso estará então mais próximo do uso do escritor. Haverá também um efeito semelhante ao da somatória verbal: "chegaremos a compreender" o texto, assim como chegamos a produzir respostas textuais adequadas, que suplementam respostas produzidas por outras razões e, no caso ótimo, essas razões serão melhores. Leves tendências temáticas a responder (isto é, a emitir *tactos* ou respostas intraverbais) por meio da repetição associam-se a si mesmas e, eventualmente, se formam por si mesmas, com ou sem suplementação ecóica ou textual. O processo é óbvio quando ouvimos uma metáfora sutil muitas vezes antes de percebermos que ela é apropriada. Ele também é claro quando estamos tentando entender uma caligrafia indecifrável, um estímulo vocal fracamente recordado ou uma passagem numa língua conhecida apenas parcialmente. Nosso único recurso em tal caso consiste em reler ou ouvir novamente, até que nos encontremos dando uma resposta "plausível" — isto é, uma resposta sob o controle de outras variáveis. O resultado da simples releitura é que chegamos a dar respostas não apenas como comportamento textual, mas por outras razões.

Uma observação ou um texto são relativamente fáceis de serem compreensíveis se o ouvinte ou o leitor recebem o auxílio de seqüências intraverbais incidentais. Um texto que seja revisto arduamente pode carecer do fluxo de intraverbais encontrados na primeira versão. Um estilo como o de Conrad é freqüentemente difícil porque uma palavra, suficientemente correta num único sentido, pode carecer de suporte intraverbal — possivelmente nesse caso, porque Conrad estava escrevendo numa segunda língua.

A análise de uma passagem, como na crítica literária, torna-se mais difícil pelo mesmo processo que torna a passagem mais fácil de ser compreendida. Quando o crítico relê um poema ou um romance muitas vezes, ele não é mais capaz de reagir a eles como um leitor ingênuo. Portanto, não é mais capaz de julgá-lo em seus efeitos originais como obra de arte. Aquilo que ele tem a dizer sobre o romance ou o poema só pode ser compreendido por quem esteja disposto a relê-lo um número de vezes suficiente para gerar o mesmo conjunto de condições.

É claro que o ouvinte pode compreender uma observação numa língua que ele não fala, mas sua compreensão tem menor probabilidade de incluir o "dizê-lo ele mesmo". O processo de chegar à compreensão mediante maior familiaridade com a observação pode ser claro. Pode haver um estágio intermediário no qual o leitor é capaz de partilhar a reação de Alice diante de Jabberwocky. "Por alguma razão, ele parece encher minha cabeça de idéias — só que eu não sei exatamente quais."

Estou compreendendo, assim como a forma mais casual *É,* descreve a força de uma resposta verbal em relação às fontes dessa força. As condições exatas nas quais ela é emitida não são facilmente especificadas (mas veja o capítulo 12). *Estou compreendendo* não *é* apenas uma descrição de força, tais como *Tenho certeza* e *Eu sei,* nem tam pouco uma questão de correspondência com o comportamento do falante, como *Concordo.* Ele exige uma sutil distinção entre as variáveis responsáveis pelo próprio comportamento do ouvinte. O ouvinte só pode dizer *Estou Compreendendo* após ter identificado as variáveis que foram as principais responsáveis por ele ter produzido a mesma resposta. Ele precisa assegurar-se particularmente de que não "compreendeu" por causa de técnicas espúrias de retórica ou de estilo, técnicas que teriam construído uma predisposição para responder por meio de expedientes irrelevantes.

Um dos efeitos principais do comportamento verbal é, então, o de reforçar o comportamento correspondente no ouvinte. O estímulo verbal não fornece uma informação aproveitável apenas ao falante, por causa de sua vantagem especial, bem como não cria um novo comportamento no ouvinte. Em vez disso, esclarece e reforça um comportamento que, em um certo grau já estava disponível. Isto ocorre amiúde, em proveito do ouvinte; mas pode exercer um efeito indireto na modelagem e manutenção do comportamento do falante. Aprendemos a falar para sermos compreendidos.

O processo é especialmente importante quando se está falando consigo mesmo. Na medida em que a comunicação e a instrução estão envolvidas, o falar consigo mesmo seria inútil, se não patológico, uma vez que o comportamento verbal raramente é produtivo quando realizado dessa forma, isto é, quando falante e ouvinte são a mesma pessoa. Mas o efeito suplementar sobre o auto-ouvinte pode ser importante. A extensão total desse processo só pode ser avaliada quando tivermos considerado algumas das realizações especiais do comportamento verbal no campo do pensamento (V Parte).

Artifícios de Força

Além de promover a "compreensão", o falante (ou escritor) pode estar interessado em alterar a força do comporta mento do ouvinte (ou do leitor) por outras razões. Pode até mesmo ser importante enfraquecer sua resposta, ou produzi-la em seu lugar, antes que ele esteja pronto. O falante é mais eficaz se simular as características verbais do ouvinte tão acuradamente quanto possível, no processo que a retórica clássica chamada de "schesis". Pela antecipação das objeções ("pro-lepse") ou pela resposta a objeções imaginárias ("antipófora"), o falante reduz a tendência do ouvinte para emitir respostas capazes de provocar discórdia ou má compreensão. Na

técnica do anticlímax, ligeiramente diferente, uma resposta é produzida para parecer fraca, fazendo-a contrastar com um material verbal forte.

Outra técnica consiste em deixar que o ouvinte produza sozinho uma resposta-chave. Este é, de fato, o único recurso do falante que prepara seu caso com perfeição e constrói um comportamento além do ponto em que sua resposta seria recebida como útil ou agradável. A frase feita, o lugar-comum, costuma ser abreviado porque a resposta completa encontraria o ouvinte excessivamente bem preparado. Podemos dizer *Para bom entendedor meia palavra,* mas omitir *basta,* porque seu suporte intraverbal é muito forte. Da mesma forma, quando se pode supor que o ouvinte possui a resposta a uma "pergunta retórica", parte do efeito per4er-.se-á se o escritor a fornecer. Na alusão, na indireta, na insinuação e na implicação, a força de uma resposta é elevada até o ponto em que ela pode seguramente ser deixada por conta do ouvinte. O falante pode simplesmente deixar inacabada uma sentença, suspendendo-a no ponto em que o leitor é capaz de completá-la por si mesmo (a técnica clássica da "aposiopese" ou das reticências). (Na "paralipse", o falante pretende passar por cima do material que o ouvinte, presumivelmente, pode dizer por si mesmo, mas sua afirmação contém o comportamento em questão numa instigação levemente disfarçada.) O "final surpreendente", do tipo de alguns contos de Maupassant, consegue seu efeito pelo reforço de uma resposta que o leitor deixa de emitir sem um auxílio textual. O efeito é maior se a resposta nunca é dada de fato. Algo se perde quando o leitor ingênuo completa o ponto em questão. *As jóias eram falsas? Ora essa! Então a pobre mulher passou todos esses anos pagando sua reposição à toa!*

Em outro tipo de técnica, o escritor estabelece uma passagem tão fraca que o leitor é levado a negá-la ou a corrigi-la, ou tão ridícula que o leitor é levado a protestar. Na ironia ou no sarcasmo, por exemplo, são feitas afirmações obviamente falsas, ou o oposto de uma verdadeira: uma dificuldade incômoda leva a *Bonita situação!,* e uma injúria pessoal a *Devo dizer que é muita bondade sua.* Na narração incompleta, ou "meiose", o escritor diz menos do que o leitor está preparado para dizer. A colocação humorística de um termo (*plumas de cavalo),* vôos de idéias sem sentido, "oxímoros" (*a gentil arte do homicídio)* ou o epigrama à maneira de Oscar Wilde, no qual uma resposta cuidadosamente preparada é substituída por sua contrária, tira vantagens do fato de o leitor *não* estar propenso a emitir tal comportamento. Ele é levado a emitir uma resposta mas, ao ouvi-la, se surpreende pelo fato de ele próprio tê-la produzido. Obtém-se algo semelhante numa *reductio ad absurdum,* na qual, por meio de um processo que parece constituir-se de passos lógicos, o leitor eventualmente se surpreende concordando, por um momento, com uma proposição absurda. (Ao reconsiderar as premissas, ele vai além do processo presente.) Há inúmeros jogos nos quais as crianças induzem os companheiros a emitir um

comportamento verbal que surpreende a seus próprios autores. Uma criança pode, por exemplo, ser solicitada a ler depressa e várias vezes as seguintes palavras:

bell-lie-mud-um

apenas para se surpreender dizendo *l'm a dumbbell* ["Sou um bobo"].

Estilo

A preparação antecipada das respostas do ouvinte ou do leitor relaciona-se com o chamado estilo. Não vamos nos deter no estilo que é "o homem"; todo mundo tem idiossincrasias de comportamento verbal, mais ou menos úteis e reforçadoras para os demais. O estilo que, de acordo com Walter Pater, é "certa maneira incondicional e singular de exprimir uma coisa em toda a sua intensidade e cor" representa uma tentativa de lidar com o problema como uma questão de expressão bem sucedida. Várias formas de expressão serão mais ou menos exatas, mais ou menos difíceis de serem compreendidas, e podemos escolher entre estilos a partir dessa base. Mas a maioria das formas pelas quais o estilista tenta persuadir o leitor devem ser classificadas como exemplo do presente processo. O escritor brinca de gato e rato com a força verbal do leitor — desenvolvendo-a, permitindo que ela se enfraqueça, mantendo-a latente (como na sentença periódica) ou exaurindo-a subitamente com uma observação apropriada. A "frase feliz" não é a que expressa bem uma coisa (o leitor não dispõe, em geral, de uma evidência independente disso), mas é uma frase que se adapta exatamente às atuais tendências verbais do leitor. Se estas se devem à mesma coisa, tanto melhor; mas outras razões são mais comuns para essa perfeita combinação. *Le mot just* não é a palavra que melhor descreve algo fora do contexto, mas a palavra para a qual estamos excepcionalmente bem preparados por tudo quanto a precede. A preparação, em grande parte, é uma questão de tendências intraverbais. Uma vez que a disposição do leitor para responder deve alcançar um valor crítico assim que uma palavra é obtida, a interpretação explica por que a escolha do momento oportuno é tão importante no estilo, por que perdemos o "fio da meada" quando somos interrompidos e por que não podemos começar no meio de um parágrafo e obter um efeito estilístico, mesmo que o conteúdo esteja perfeitamente claro.

Muitos artifícios estilísticos são mais facilmente demonstrados nos expedientes da rima, do ritmo, da aliteração e da assonância. A causação múltipla, que produz esses efeitos no comportamento do poeta, serve de auxílio ao leitor ou ao ouvinte sob a forma de força fragmentária, por meio de respostas ecói-cas ou textuais. O leitor já está preparado, por exemplo, para emitir a segunda palavra de um par rimado por causa de uma resposta fragmentária textual (ou auto-ecóica) ao primeiro elemento do par. Ao ouvir o par de versos

*Heróicas, abafando os soluços e as queixas, As mulheres, tecendo os fios das madeixas,**

a resposta ecóica para *madeixas* combina-se com um fragmento ecóico de *queixas,* que o precede. *Madeixas* não é determinada apenas tematicamente pelo *tecendo os fios* precedente, mas é determinada também formalmente. Essa preparação pode ser demonstrada pedindo-se às pessoas que completem pares de versos nos quais se omitiu a última palavra. Praticamente, todos os leitores de

"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes Em que mundo, em qu'estrelas tu te... "

Serão capazes de acrescentar *escondes,* no qual a preparação temática de *em que mundo, estás, que não respondes é* somada à preparação formal de *respondes.* Apesar da "qualidade" da poesia depender de muitas coisas, a superpreparação da palavra rimada é, em geral, condenada, assim como há rimas que são forçadas, no sentido de que suas conexões temáticas são pouco plausíveis, ou porque empregam termos que pertencem a uma tradição literária antiga e, por isso, não alcançam o efeito desejado.

A contribuição ecóica do primeiro par de rimas seria eficiente, independentemente da posição do segundo membro, mas o "esquema de verificação" aumenta o efeito por meio de um expediente verbal especial. O leitor inveterado de poesia desenvolve uma discriminação temporal que torna a contribuição ecóica maior num ponto particular. O especialista em Alexander Pope, por exemplo, obtém um resultado a partir de pares de versos rimados, que falta ao noviço que lê Pope pela primeira vez. O repertório verbal do especialista contém um conjunto de versos básicos que caracterizam a última sílaba. *Grosso modo,* trata-se do mesmo repertório intraverbal que possibilita que" a pessoa talentosa produza com facilidade pares de versos rimados.

Na aliteração e na assonância, o primeiro caso de um som concorre com alguma força para o caso seguinte que, em certa medida, o leitor, por essa razão, pode dizer "por si mesmo". O reforço antecipado, proporcionado pelo ritmo, é mais ou menos vago e não predispõe o leitor a produzir qualquer resposta. Por conseguinte, o estímulo rítmico deve ser repetido, como na somatória verbal. Um caso de padrão de acentuação ʁɔ — contribui pouco para reforçar respostas com padrões semelhantes, mas várias repetições ɩ/— o — U — podem estabelecer uma tendência tão forte que a resposta que não apresentar tal padrão é pouco provável. A aliteração, a assonância e a rima são aperfeiçoadas por meio da repetição, mas elas não exigem tal repetição.

Uma preparação temática paralela revela o sentido múltiplo da faceta do leitor. Por causa das variáveis entrelaçadas no comportamento do escritor, o leitor tende a ser afetado por, pelo menos, uma das fontes de força; mas fontes múltiplas estão disponíveis para o leitor com um comportamento semelhante. O leitor pode achar

que o nome descritivo de Mrs. Coiler ou de Cel. Bully são úteis para o escritor. Quando a segunda palavra de um par rimado é, em certa medida, reforçado pelo material temático que o precede, dizemos que se trata de uma resposta apropriada, ou que "faz sentido". Se um fragmento textual é acrescentado a partir da primeira palavra rimada, três variáveis contribuem para o comportamento do leitor quando ele lê a segunda palavra rimada. Ao ler os versos de T. S. EIliot, citados no capítulo 9,

The tiger springs in the new year

A preparação para *ano novo* a partir da resposta intraverbal a *spring* ["saltar" ou "primavera"] é somada à preparação temática da passagem completa. A resposta textual no momento em que o poema é lido constitui a terceira fonte de força.

Nem todas as respostas que apresentam variação múltipla preparam *antecipadamente* o leitor. Assim, a resposta *Cut this knot intrinsicate* ["Corte este nó intrinsecado"] pode ser forte no leitor pelas mesmas razões que em Shakespeare, pois fontes separadas das formas combinadas de *intrinsicate (intricate* e *instrinsic)* [em port., *intrincado* e *intrínseco]* podem ser descobertas no texto. O comportamento resultante não é construído passo a passo, como nos expedientes formais da poesia. Um escritor como James Joyce, todavia, constrói predisposições temáticas da mesma forma que um poeta constrói predisposições formais. As análises feitas de *"Ulisses"* e *"Finnegans Wake"* revelam a extensão na qual fontes temáticas múltiplas integraram o comportamento do escritor. Estas obras também revelam a fraqueza relativa do jogo verbal temático. A suplementação intraverbal depende, em geral, da semelhança das histórias verbais do escritor e do leitor, a qual pode não existir, enquanto que o poeta, trabalhando com uma suplementação formal, pode contar com repertórios apropriados, sejam eles ecóicos ou textuais.

A preparação formal do ouvinte ou do leitor que se desenvolve à medida que um poema é ouvido ou lido enquadra-se num problema há muito discutido pela crítica literária. Admite-se geralmente, de acordo com as concepções tradicionais do comportamento verbal, que num trabalho literário há apenas dois elementos: a forma e o conteúdo. Algumas obras, particularmente os poemas, parecem agradar por causa de sua forma; eles são constituídos por belos sons e, nesse sentido, podem ser apreciados mesmo por alguém que não conheça a língua. As obras literárias também podem ser apreciadas por seu conteúdo: elas descrevem coisas ou fatos interessantes. Mas, obviamente, há algo mais na boa literatura, algo que não está longe da compreensão e do jogo verbal. Já se disse que esse algo mais decorreria de uma sutil conexão entre forma e significado, mas o mais provável é que esse algo mais decorra da maneira pela qual o comportamento do leitor é preparado ou liberado por um texto. Fez-se uma distinção paralela[13] entre a "melopéia", ou a arte musical da literatura, a "fonopéia", ou a arte das imagens e significados, e a

"logopéia", o uso artístico da disposição do leitor para emitir palavras. Na logopéia, o escritor utiliza padrões fortes, originários da história verbal do leitor, e constrói outros impulsivamente. A Unha de Joyce *Wring out the clothes, wring in the dew* ["Torçam as roupas, torçam no sereno"] obtém força da seqüência intraverbal latente *Ring out the old, ring in the new* ["Anuncie com sinos a saída do antigo e a chegada do novo], bem como do tema comum de mulheres lavando roupa ao ar livre. A frase pode ou não ser musical; ela pode ou não evocar respostas emocionais ou práticas, mas ela manipula claramente uma força verbal. Esse jogo de palavra é que é reforçado para o leitor e, por isso, indiretamente, transforma-se em reforço para o escritor.

Estimulação Suplementar e Humor Verbal

A logopéia é mais óbvia no gracejo ou no jogo de palavras. O efeito reforçador de um estilo brilhante é difícil de ser analisado; nós simplesmente registramos nosso prazer e damos provas dele voltando ao mesmo escritor para obter mais estimulação. Mas o riso gerado pelo jogo de palavras é mais objetivo. As risadas podem ser contadas e até mesmo medidas em decibéis, como se faz nos auditórios de televisão. Cada um dos efeitos literários já descritos tem um paralelo no campo do humor, no qual a resposta do ouvinte ou do leitor pode ser seguida mais de perto.

Há muitas razoes que levam os homens a rir e nem todas se aplicam aqui. Mesmo no campo verbal, certos comportamentos podem provocar risadas simplesmente por serem desajeitados, inoportunos, surpreendentes ou, de qualquer modo, divertidos. Os dialetos marcados, bem como o gaguejar ou o cecear, são expedientes de que pode lançar mão o escritor humorístico. As distorções provocadas pelo enrolar da língua, e que serão discutidas no próximo capítulo, também provocam o riso. O comportamento verbal também é divertido quando descreve um episódio cômico. Tais efeitos sobre o ouvinte foram discutidos no capítulo 6. Todavia, o efeito do gracejo como forma de jogo verbal, envolve o comportamento do ouvinte.

Usualmente, a evocação suplementar de qualquer resposta *fraca* é engraçada. Um traço banal de uma situação estimulante pode ser responsável por uma extensão metafórica tênue, como na clássica anedota do dentista que, ao consertar seu carro, prendeu firmemente uma das velas com um alicate e disse *Bem, isto vai doer um pouco.* Seqüência intraverbais forçadas, que são quase vôos de idéias sem sentido, são em geral divertidas, e muitas conclusões falsas são engraçadas. O "disparate" clás-[1] sico nos dá um exemplo. A troca de palavras:

SOLDADO: EU *capturei um tártaro.*

SAROENTO: *Traga-o.*

SOLDADO: *Não posso.*

SARGENTO: *Então venha você sozinho.*

SOLDADO: *Ele não me deixa.*

é engraçada não por ser ilógica mas porque esse *Ele não me deixa* seguindo-se a *Eu o capturei* é muito fraca. Descrevemos a condição do leitor dizendo que ele não "esperava" a resposta.

As variáveis múltiplas produzem resultados engraçados, não porque são variáveis, mas porque a suplementação encoraja uma fonte tênue de força. O recorte de jornal:

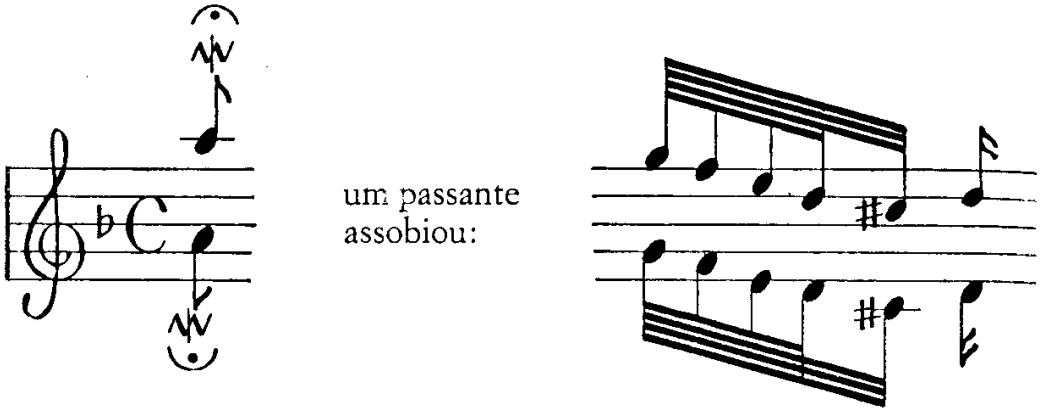
Fértil, Minnesota, 27 de junho — Aos 83 anos

Henry L. Gaylord, advogado de Fértil, tornou-se

pai de um vigoroso menino, seu décimo oitavo filho...

é engraçado por causa de uma remota suplementação temática.

O gracejo que depende de um artifício de força é, em geral, muito sutil para ser reconstruído facilmente. Quando um bonde parou com um rangido que podia ser escrito assim:



Seu companheiro, também familiarizado com a *Tocata e Fuga em Mi Menor* de Bach, achou engraçado por causa de uma tendência similar, e igualmente forçada, para completar a frase. Tendências muito fracas definem o humor grotesco: quando a orquestra, num concerto ao ar livre, começou a tocar *O vôo do zangão* de Rimsky-Korsakov, um ouvinte começou a afastar uma abelha imaginária. Estes exemplos encontram-se no limiar do campo verbal. O "falante" emite uma resposta muito fraca, que suplementa uma resposta imitativa no "ouvinte", resposta esta que era muito fraca para surgir sem auxílio. Se não houvesse no comportamento do ouvinte uma tendência paralela, os resultados não teriam sido engraçados. Insinuações,

narrações incompletas e o costume de "descarregar" o comportamento do ouvinte com uma observação surpreendente constituem técnicas familiares, tanto no humor como no estilo. A importância da força da resposta do ouvinte é revelada pela possibilidade de se "estragar" uma anedota ou uma observação espirituosa emitindo uma resposta-chave antes da hora, no curso da narração.

Todos os expedientes da poesia são divertidos quando as contribuições múltiplas de força se encontram dentro de limites apropriados. A rima, em geral, não é engraçada mas, quando forçada, pode tornar-se cômica. As rimas polissilábicas tendem a ser forçadas nesse sentido e raramente são usadas pela poesia séria.

W. S. Gilbert, seguindo o respeitável precedente das *Ingol-dsby Legends* explorou ao máximo esse tipo de humor:

> *I know the Kings of England and I quote the fights historical From Marathon to Waterloo in order categorical. I'm very well acquainted, too, with matters mathematical, In understand equations, both simple and quadratical...*
>
> *[Conheço os reis da Inglaterra e cito as lutas históricas De Maratona a Waterloo em ordens categóricas. / Estou também familiarizado com questões matemáticas, / Compreendo equações, tanto as simples quanto as quadráticas...]*

A distorção produzida por uma rima muito forte, como no efeito de Ogden Nash (ver capítulo 11), é quase sempre engraçada. Ritmos extravagantes e aliterações tornaram-se parte do humor popular: *O rato roeu a roupa do rei de Roma** A escansão rítmica da poesia apresenta oportunidades para jogar com a força de uma resposta. Uma demora forçada em obter uma resposta forte, como no último verso, indevidamente prolongado, de uma quintilha humorística costuma ser cômica.

Não obstante o reforço suplementar de respostas verbais fracas parecer reforçador em si mesmo, e explicativo de muitos gracejos, bem como do sucesso das pessoas espirituosas, não devemos desprezar uma função mais séria. Freud acentuou o fato de que respostas espirituosas são amiúde: a) automaticamente reforçadoras para o falante e b) puníveis pelo ouvinte ou pela comunidade. O humor preocupa-se com assuntos proibidos, particularmente com o sexo, e com o fato de ter efeitos aversivos sobre o ouvinte ou sobre os demais. Freud argumentava que o gracejo permitia a "liberação" de respostas reprimidas, mas podemos chegar ao ponto desejado dizendo que a resposta que recebe um suporte suplementar é fraca, por causa da punição. As duas interpretações deixam de lado um ponto importante. Consideremos a observação espirituosa de uma inglesa que muito havia auxiliado Napoleão III, quando de seu exílio na Inglaterra, e que fora virtualmente ignorada por ele após sua volta ao trono. Num encontro casual, ele, de passagem, perguntou-lhe *Restez-vous longtemps à Paris?* e ela, depois de responder, acrescentou *Et vous, sire?* A natureza agressiva da observação, sem dúvida alguma, explica muito de sua

força; a função do gracejo foi a de tornar isenta de punição uma resposta agressiva. Mas não basta dizer que o falante poderia apelar para um "significado inofensivo" numa justificação formal *(Eu estava apenas acrescentando uma observação impensada)* porque o "sentido agressivo" *(Você pode não ocupar mais o trono dentro em breve ou você em breve estará de novo na Inglaterra, pedindo minha ajuda)* era claro para qualquer um. Antes, teríamos que apelar para uma característica particular da comunidade verbal dada a gracejos. Assim como a comunidade literária tolera fracos determinantes de força, assim também a comunidade galhofeira exige um qüiproquó no lugar de um comportamento que, de outra forma, seria ofensivo.

É quase como se a comunidade tivesse convencionado: você pode ser agressivo, *desde que* também seja divertido. Este é, agora, um costume estabelecido, mas podemos buscar suas origens no fato bem conhecido de que o divertido é geralmente apenas uma pequena medida do irritante e de que um acontecimento é menos irritante quando é aceito com senso de humor. A pessoa que graceja pode ser agressiva ou ofensiva de alguma forma induzindo o ouvinte a "rir" de seus gracejos.

Os Quebra-Cabeças E Os Jogos Verbais

Muitos jogos e quebra-cabeças verbais parecem ser eficazes tão-somente como arranjos complexos de sugestões e investigações. Um enigma ou uma adivinhação costuma ser algo mais que uma mera pergunta cuja solução venha a revelar fontes pouco usuais de força. Muitos enigmas exigem simplesmente uma solução metafórica, que é reforçadora exclusivamente por essa razão:

> *Lá embaixo no prado há uma novilha vermelha Dê-lhe feno e ela o comerá, Dê-lhe água e ela morrerá.*[105]

Algumas vezes, duas ou mais sugestões temáticas são dadas e a solução deve ser uma única resposta intraverbal para ambas. As sugestões formais são comuns. Um elemento formal é introduzido quando são dadas sugestões temáticas separadamente para cada sílaba, bem como para a solução como um todo, desde que qualquer parte da solução forneça então uma sugestão formal para a outra parte.

As charadas são enigmas que usam estímulos não-verbais como sugestões temáticas. As respostas do solucionador começam principalmente com *tactos,* metafóricos ou de outro tipo. Sugestões separadas são "representadas" para cada sílaba e para a solução total. Numa versão, a solução é uma passagem familiar curta. Cada palavra

---

[105] Taylor, Archer, *English Riddles from Oral Tradition* (Ber-keley, Calif. 1951). A resposta é *fogo.*

é "representada", enquanto admite-se que a resposta como um todo possui alguma força repousante.

Muitas adivinhações são propostas, não para obter uma solução mas apenas para preparar terreno para a graça da solução dada por quem pergunta. Não é provável que alguém chegasse a solucionar a adivinhação *What is the difference between a cat and a comma?* ["Qual a diferença entre um gato e uma vírgula"] dizendo *A cat shows claws at the end of its paws while a comma shows a pause at the end of a clause* ["O gato tem garras na extremidade de suas patas, enquanto uma vírgula indica uma pausa no final de uma oração"]. A intraverbal proporcionada por *cat* e *comma é* inadequada. Todavia, alguém que tenha feito um esforço para aprendê-la será um ouvinte ideal, uma vez liberada a solução. As charadas difíceis e, em particular, aquelas cujas soluções envolvem trocadilhos forçados, são amiúde planejadas para chamar a atenção para o lado cômico da solução e não para evocar tal solução.

O enigma das palavras cruzadas consiste num padrão de quadros que restringe as propriedades formais das respostas emitidas para sua solução. Um grupo de definições proporciona estímulos intraverbais para respostas que devem ser introduzidas em fileiras e colunas. Quando o enigma é solucionado, sugestões formais são geradas por letras partilhadas pelas palavras que se cruzam. As respostas intraverbais mais difíceis captam uma força formal suplementar. Assim, o estímulo intraverbal "um dito" pode ser ineficaz até que a estimulação

formal *PR-E—BIO* seja composta, em conseqüência da qual

surge a resposta PROVÉRBIO — para reforçar quem está empenhado na solução. Nos enigmas difíceis de palavras cruzadas (especialmente o tipo popular na Inglaterra) as respostas utilizadas em geral só são obtidas por meio de cadeias de respostas intraverbais ou ecóicas.

O complexo "Duplo Acróstico" de Mrs. Elizabeth Kingsley começa com um conjunto de definições que funcionam como estímulos intraverbais para respostas de comprimento especificado. As letras que compõem as respostas a estas são então redistribuídas em séries de espaços que representam as letras de uma passagem curta de um livro ou de um poema, como num criptograma. Estímulos formais parciais gerados por sugestões intraverbais mais fáceis levam a um completamente experimental de partes da passagem. Letras acrescentadas no processo fornecem então suplementos formais para respostas intraverbais que satisfaçam as definições remanescentes. As letras iniciais das palavras definidas apontam o autor e o título da obra de onde a passagem foi extraída. Estas respostas podem surgir quer mediante um processo crescente de reconhecimento da passagem e, nesse caso, elas são intraverbais, quer mediante o número crescente de letras iniciais e, nesse caso, elas surgem de uma sugestão formal.

No jogo de anagramas, um grupo de letras deve ser reorganizado até que se componha o texto para uma resposta verbal padronizada. Quando um grupo de letras é identificado como o anagrama do "nome de um animal", por exemplo, acrescenta-se uma variável temática.

Um enigma simples relacionado com os anagramas, no qual as respostas são geradas, quer por sugestões temáticas, quer por sugestões formais, é a pirâmide de palavras. Uma única letra é dada ou adivinhada. Em seguida acrescentam-se outras letras, uma de cada vez, para compor uma série de palavras que satisfaça um conjunto de definições. O solucionador está sujeito à sugestão formal proporcionada pelas letras já obtidas num dado estágio e à sugestão temática proporcionada por uma definição.

Um enigma mais ou menos parecido é ilustrado pelo seguinte exemplo: todos os espaços vazios, nos dois versos, deverão ser preenchidos pelo mesmo grupo de letras reordenadas de maneiras diversas.

Come, waiter, fill the - until the •--- run over.

Today we - upon this -, tomorrow - for Dover.

O quebra-cabeça contém apenas sugestões temáticas, exceto pela especificação de que as mesmas letras devem ser usadas para cada espaço. Nas sugestões formais contribuem para a solução. Uma resposta intraverbal em cada um dos espaços fornece uma sugestão formal que, combinada com outro material intraverbal, pode [se for correta] fortalecer uma resposta apropriada para outro espaço. Uma vez que a sugestão temática é relativamente fraca, a solução pode exigir inúmeras tentativas (O comportamento do solucionador ao experimentar, rejeitar, reorganizar, etc. será devidamente classificado com o material do capítulo 15).

A "força tranqüilizante" de uma passagem familiar — por exemplo, um provérbio — é usada num jogo no qual cada membro de um grupo dá uma sentença que contém uma palavra da passagem. Ás palavras podem ou não aparecer em ordem. Em geral, é necessário repetir esta sugestão formal, inadequadamente disfarçada, muitas vezes para que o trecho em questão seja evocado. Uma solução fácil é uma passagem que existe com força considerável.

O jogo das "Categorias" usa tanto o material temático quanto o formal. Pede-se ao jogador para que escreva vários nomes de flores, cidades, animais etc, que comecem com uma determinada letra selecionada arbitrariamente. A "categoria" é uma sugestão intraverbal que se combina com a sugestão textual da letra inicial para evocar as soluções exigidas.

Materiais formais e temáticos também são empregados em outro jogo, que tem um efeito particularmente próximo ao do gracejo ou do jogo verbal. Dá-se uma

definição para uma resposta composta de duas palavras que devem rimar. Se, por exemplo, a definição é *Little difficulty* ["Pequena dificuldade"], o solucionador deve dar uma resposta intraverbal quer para *little* quer para *difficulty* para obter uma sugestão formal que, combinada com uma resposta intraverbal para a palavra remanescente, completará a solução — nesse caso *slight plight* ["ligeiro apuro", ou "pequena dificuldade"]. Numa seqüência real de fatos, *difficulty* pode evocar a resposta intraverbal *plight,* a qual proporciona um suplemento auto-ecóico para *slight* como uma resposta intraverbal para *little.* O jogo, em geral, é eficaz por causa da surpreendente velocidade com que a definição evoca uma resposta única e complexa.

Alguns jogos envolvem sugestões temáticas apenas. No jogo familiar das "Vinte Perguntas", as respostas do tipo *sim* ou *não* a perguntas exploratórias criam uma série de sugestões intraverbais que progressivamente reduzem o universo do discurso. Se a primeira pergunta revela que "aquilo" que se busca adivinhar é um animal, as questões ulteriores são tematicamente relacionadas com animais. Eventualmente, uma resposta será determinada unicamente pelos estímulos assim gerados. Várias formas do jogo exigem a identificação de um personagem histórico ou imaginário. Quando se dá a primeira letra do nome, uma pequena fonte formal é eficaz na redução do universo do discurso. Cada questão, com sua solução, cria outros estímulos intraverbais, que progressivamente reduzem o número de possibilidades.

Em outro jogo, uma pessoa deve ser identificada a partir de respostas a perguntas que exigem grosseiras extensões metafóricas ou metonímicas. As respostas a perguntas tais como *Que música essa pessoa te lembra? Por qual flor interessar-se-ia essa pessoa, ou que flor ela usaria?* podem proporcionar estímulos intraverbais que se combinam para determinar um nome. Uma variação consiste em determinar a ocupação de uma pessoa desconhecida a partir de uma série de trocadilhos. Diz-se ao jogador que X é "um dos melhores encaixotadores da cidade", que ele "é o último homem pelo qual você quer ser servido", e assim por diante. A partir disso o jogador deve identificar X como um agente funerário.

Num jogo comumente chamado "Teakettle" ["Chaleira"], conta-se uma história na qual uma única palavra ocorre freqüentemente; mas esta palavra é substituída por *teakettle.* Em cada caso são geradas fontes intraverbais que eventualmente acabarão por determinar a palavra que foi substituída por *teakettle.*

Jogos e enigmas que envolvem apenas material formal não são comuns. No jogo familiar da "escada de palavras", o jogador deve construir uma série de anagramas, cada um diferente do anterior apenas por uma letra, mas produzindo outra palavra específica num número especificado de passos. Por exemplo: devemos ir de *copa* a *rota* em 3 passos. A solução é

COPA — COLA — ROLA — ROTA.*

Não há determinantes temáticos enquanto tais, mas a especificação de que cada passo deve consistir numa palavra reconhecível vai um pouco além de uma simples manipulação formal.

Artifícios formais, como os "palíndromos", podem explorar múltiplas fontes de força, mas só indiretamente e, em geral, apenas com o auxílio do comportamento manipulador da V Parte. Grande parte do prazer de um bom palíndromo — por exemplo, *Um homem, um plano, um canal — Panamá* — pode remontar à força formal do comportamento de lê-lo do fim para o começo derivado do comportamento de lê-lo do começo para o fim, mas há, evidentemente, outras coisas envolvidas. Apenas por meio de um processo muito complexo de verificação podemos estabelecer a beleza formal do entrelaçamento da sentença latina

Sator arepo teret opera rotas

na qual a primeira palavra é composta pelas cinco primeiras letras das palavras que compõem a sentença, a segunda palavra pelas cinco segundas letras, a terceira palavra pelas cinco terceiras letras, e assim por diante, sendo que a sentença também é um palíndromo.

CAPÍTULO 11

NOVAS COMBINAÇÕES DE RESPOSTAS FRAGMENTÁRIAS

A operação de duas ou mais variáveis na causação múltipla do comportamento verbal torna-se especialmente clara quando o comportamento é composto de fragmentos de respostas. Quando dois operantes são aproximadamente da mesma força ao mesmo tempo, suas respostas parecem combinar-se ou fundir-se numa única forma nova, em geral aparentemente distorcida. Um material desse tipo não apenas suplementa a análise da causação múltipla nos capítulos 9 e 10 como também nos revela algo mais acerca do controle de todas as formas verbais. As unidades mínimas ou fragmentárias de resposta aparecem sob nova luz.

Nem todas as formas distorcidas ou novas de comportamento são recombinações de respostas fragmentárias. A *execução* deficiente do comportamento verbal, como o falar arrastado, o cecear, o escrever ao contrário, ou o fenômeno da afasia motora, em geral não *é* relevante. O gaguejar, o balbuciar e a escrita manual "neurótica" podem relacionar-se com variáveis suplementares, mas a forma usual pela qual eles são estudados não contribui para o conhecimento do processo em discussão. No momento, também não estamos interessados por novas formas de respostas resultantes de um malogro do processo de composição, que será discutido na IV Parte. A intrusão de uma resposta totalmente irrelevante no comportamento verbal em curso será discutida mais adequadamente alhures (capítulos 15 e 16).

Uma resposta feita de fragmentos sob o controle de variáveis separadas correrá o risco de jamais ser observada se o falante ou o escritor a rejeitarem no curso do processo de correção. O fato de a maioria dos exemplos considerados ser vocal não significa necessariamente que o comportamento vocal seja mais vulnerável à fragmentação; é que ele simplesmente apresenta menos oportunidades de correção. Por outro lado, embora o comportamento escrito deixe um registro mais permanente e proporcione uma "realimentação" menos evanescente ao escritor, a

estimulação visual pode ser interrompida mais facilmente que a auditiva. Por isso, é mais fácil reduzir a realimentação do comportamento escrito para produzir as condições especiais de correção, tais como as da escrita automática, discutidas no capítulo 16. Sob tais condições, respostas fundidas ou combinadas são tão comuns sob a forma escrita quanto sob a forma falada.

Recombinações de fragmentos de resposta são usualmente sem sentido e interrompem ou perturbam a dissertação, motivo pelo qual o ouvinte aprende eventualmente a ignorá-las ou a desprezá-las, assim como despreza o balbucio, as repetições afetadas, etc, a não ser que se trate de um caso excepcional. Uma teoria psicológica pode inverter o processo. Quando, por exemplo, respostas distorcidas ou "lapsos verbais" são considerados "reveladores", eles são notados e registrados, como tem ocorrido no caso da influência freudiana. Trata-se de uma observação seletiva, se apenas são registrados os casos que podem ser concebidos como reveladores. Da mesma forma, lapsos que foram coletados por terem relação com a origem das formas ou das mudanças lingüísticas tendem a se restringir a casos úteis e sobreviventes. Lapsos engraçados ou distorções constituem, obviamente, uma amostra tendenciosa. Ao analisar os processos relevantes normais, devemos descontar os casos criados pela manipulação rotineira das respostas fragmentárias, especificamente por causa da estilística resultante, do chiste ou das conseqüências cômicas. Distorções como "mirth quake" (descrevendo uma comédia)[106] e *Renovado* (descrevendo alguém que obteve divórcio em Reno) não representam os mesmos processos que a recombinação espontânea de fragmentos de resposta.

Um estudo cuidadoso de amplas amostras de registros de fala seria necessário para determinar a freqüência relativa de tipos diferentes de recombinação fragmentária e a extensão de tal recombinação na dissertação normal. Parte do material que se segue provém de artigos e livros sobre o comportamento verbal distorcido ou sobre "lapsos lingüísticos". Grande parte desse material foi inferido de uma observação casual. Nenhuma recompensa foi concedida às formas distorcidas que, por serem úteis ao ouvinte, podem tornar-se parte de uma linguagem estabelecida, nem tampouco às distorções reveladoras ou divertidas. Não obstante, a observação casual é necessariamente seletiva.

As condições necessárias para a produção de uma combinação foram descritas por Lewis Carroll no prefácio de *The Hunting of the Snark.*

> *... Tome as duas palavras "fumeiro" e "furioso". Decida-se a dizer as duas palavras, mas deixe em suspenso qual das duas você enunciará primeiro. Agora, abra a boca e fale. Se seus pensamentos se inclinarem, por pouco que seja, para "fumeiro", você dirá "fumeiro, furioso"; se elas se voltarem, nem*

[106] Trocadilho construído a partir de *earth quake,* terremoto. (N. da T.)

que seja pela espessura de um fio de cabelo, para "furioso", você dirá "furioso, fumeiro"; mas se você tiver o mais precioso dos dons, que é uma mente perfeitamente equilibrada, você dirá "frumioso".

Uma vez que, no momento, não possuímos medidas quantitativas da força verbal, suficientemente delicadas para pôr à prova uma mente perfeitamente equilibrada, não estamos certos de que duas respostas devam ter a mesma força para se combinarem numa forma distorcida. Concordamos porém que, se as forças fossem muito diferentes, uma resposta deveria ser emitida em sua totalidade antes da outra.

As condições nas quais as respostas fragmentárias se recombinam são, de certa forma, de mais fácil identificação. Podemos presumir que respostas pobremente condicionadas são mais sujeitas à fragmentação. As recombinações são freqüentes no comportamento das crianças pequenas, bem como no dos adultos que estão aprendendo uma língua pela primeira vez. Um repertório bem estabelecido pode sofrer recombinação em condições de fadiga ou de doença, bem como por efeito de certas drogas, a mais conhecida das quais é o álcool. Um comportamento competitivo forte, como quando o falante está prestando "pouca atenção" ao que está dizendo, tem um efeito semelhante. A fala emitida sob uma forte pressão aversiva ou como função de qualquer das variáveis que fortalecem o comportamento, independentemente da forma (capítulo 8), tende a sofrer esse tipo de distorção. Estas variáveis podem agir diretamente sobre o processo de fusão ou sobre o comportamento de correção e rejeição, ou ainda encorajando tais produtos.

Foram muitos os motivos pelos quais demos atenção a respostas recombinadas. Aqui, preocupamo-nos com três coisas:

(1) os tipos de operantes que contribuem para os fragmentos, (2) a geometria ou a mecânica da recomposição e (3) o possível efeito sobre o leitor das formas resultantes, do qual o próprio falante pode ser um exemplo.

A Mecânica Da Combinação

As combinações podem ser estudadas como meras formas de resposta, separadamente das variáveis ou controle. Uma resposta pode conter aproximadamente partes iguais de respostas concorrentes, ou pode haver o predomínio de uma resposta. *Intricate e tntnnúc* estão igualmente representadas na resposta *intrinsicate,* de Shakespeare, assim como *winding* e *wandering* na forma *wind'ring* do mesmo autor. Mas em *grapeline,* combinação de *grapevine,* no sentido de sistema secreto de comunicação, e *Une* (de comunicação), ou em *taunts* (de *haunts* e *teases)* a primeira fonte contribui com a maior parte da forma resultante. Geralmente, uma resposta contribui com a primeira parte da combinação e outra resposta com a segunda, como quando *snarl* e *tangle* formam *snangle.* As formas combinadas contêm amiúde um elemento comum mais amplo — como no

Hindian rope trick, ou no prolixo *especified,* formado por *especial* ou *especially* e *specified.* Um elemento comum menor *é* visto em *mizzling* (de *mist* e *drizzling),* em *scap* (de *scalp* e *cap),* e *blàge* (de *blazing barge).* Em *interturb* (de *interrupt* e *disturb)* as sílabas combinadas *-rupt* e *-turb* contêm os mesmos sons, exceto pelo som de *b,* mas em ordens diversas.

Algumas respostas fundidas são recombinações de sílabas que tendem a ter *status* independente como respostas autônomas. Assim, a resposta *wasteling* parece ser uma recombinação de elementos de *wasteful* ou *wastrel,* e *changeling;* mas a possibilidade relativa de saparação de *-full* e *-ling* pode ter encorajado a nova forma. Na forma excêntrica *beguincement,* as formas combinadas de *beginning* e *commencement* apresentam apenas o *n* em comum.

Embora a combinação seja discutida amiúde apenas no nível da palavra, talvez um resultado mais comum seja a fusão de respostas mais amplas que contêm várias palavras. A combinação de frases é tão comum no linguajar das crianças muito pequenas que em geral ela é desprezada. Uma criança de dois anos e meio, que adquirira as respostas *you made a mistake* ["você cometeu um engano"], e *you missed it* ["você falhou"], disse *you miss-take* numa ocasião em que alguém falhou ao tentar agarrar uma bola que ela havia atirado. Esta resposta provavelmente não seria emitida por um adulto por causa da violação das normas gramaticais padronizadas. Os exemplos seguintes podem ser distinguidos da distorção devida ao malogro do processo de composição pelo fato de que em cada caso duas respostas mais amplas que a palavra única podem ser identificadas:

in favor with (in favor of, in sympathy with)

you're probably true (you're probably right, it's probably true)

do you matter (do you mind, does it matter)

a nice piece of job (a nice job, a nice piece of work)

for that matter of fact (for that matter, as a matter of fact)

you'll have more end of fun (you'll have no end of fun, you'11

have more fun). you have been telling whispers (you have been whispering, you

have been telling secrets) in the nick of his teeth (in the nick of time, by the skin of bis

teeth)

a turning stone in his career (a turning point, a milestone). put any weight in his opinion (give any weight, put any faith in) there is no crime against it (it's no crime, there's no law against it)

I say to hang with it (I say hang it, I say to hell whith it) scores of more (scores more, scores of others).

[Com o apoio de (ser a favor de, simpatizar com)

você está provavelmente com a verdade (você está provavelmente

certo; é provavelmente verdade) você se importa (você se preocupa com; isso importa) quanto a esta questão, na verdade (quanto a isso, na verdade) uma bela peça de trabalho (um belo trabalho, uma bela peça de

artesanato)

você terá mais alegrias sem fim (você terá uma alegria sem fim;

você terá mais alegrias) você esteve contando cochichos (você esteve cochichando; você

esteve contando segredos) na marca do dente (na hora H; por um triz) uma pedra giratória em sua carreira (momento decisivo; marco

de quilometragem) pôr peso em sua opinião (dar peso, confiar em) não há crime contra isso (não é crime; não há lei contra isso) Eu digo maldito seja (Eu digo enforque-o; vá para o inferno)]

Se estes exemplos ocorrem mais freqüentemente que as combinações de palavras isoladas é porque talvez tenham menor probabilidade de rejeição por parte do falante no processo de correção.

As combinações de frases explicam muitas impropriedades sutis. Seguem-se inúmeros exemplos de comportamento verbal escrito que escaparam ao processo de correção. Num cartaz de restaurante em que se lia *We are zealous of our reputation* ["Somos zelosos de nossa reputação"], *zealous* ["zelosos"] parece ter surgido de duas situações que levariam separadamente a *We are jealous of our reputation*. ["Somos ciosos de nossa reputação"] e a *We are zelous in maintaining our reputation* ["Somos zelosos em manter nossa reputação"]. No relatório de uma comissão, a sentença *We were besieged to arrange inter-views* ["Fomos sitiados para arranjar entrevistas"], *besieged* ["sitiados"] parece ter sido controlada por duas situações que, separadamente, poderiam levar às respostas *We were beseeched to arrange interviews* ["Fomos solicitados a arranjar entrevistas"] e *We were besieged by persons requesting interviews* ["Fomos sitiados por pessoas que solicitavam entrevistas"]. Em *Can You Forgive Her,* Trollope [107] escreve: *She could not refrain herself from making it* ["Ela não podia abster-se de fazê-lo"], onde *refrain* ["abster-se"] parece ser uma combinação de *refrain from making it* ["abster-se de fazê-lo"] e *restrain herself from*

[107] Trollope, A., *Can You Forgive Her* (Londres, 1864), II, p. 156.

making it ["reprimir a si mesma para não fazê-lo"]. Uma combinação aparente de duas frases que não seria detectada na fala vocal ocorre no prólogo de uma peça[108] escrita por C. M. Dodg-son (Lewis Carroll), que começa assim: *"Ladies and Gentlemen" seems stiffened cold',* ["Senhoras e senhores" parece formal e frio], onde *stiff and cold* sugeririam fontes menos mórbidas de força. A fusão prolixa de frases é exemplificada por *That's what I think so* ["Isto *é* o que eu penso"], (de *That's what I think* ["Isto é o que eu penso"] e *I think so* ["Eu penso isso"]) e *For that matter of fact* ["Quanto a isso, na verdade"] (de *For that matter* ["Quanto a isso"] *e as a matter of fact* ["no tocante a "].

A causação múltipla é responsável por uma combinação formal que envolve elementos abaixo do nível fonético. *Whitting* ["choramingando"] parece ser uma combinação de *crying* ["chorando"] e *speaking* ["falando"]. Uma resposta onomatopaica acentuada pode funcionar tanto como um *tacto* convencional quanto como uma imitação, como quando a palavra *sizzling* ["chiante"] é pronunciada de forma a soar especialmente como algo que chia. Fontes múltiplas de força podem ser responsáveis por distorções menores de força no comportamento escrito. Isto em geral é verdade na escrita por hieróglifos ou pictogramas, na qual as respostas convencionais combinam-se com o repertório representativo do artista. Às vezes, nos livros infantis, usa-se uma fusão de uma resposta padronizada e um elemento pictórico, como, por exemplo, quando se imprime a palavra *alto* em letras altas e esguias. Já se observou que os matemáticos revelam amiúde seu ofício pela caligrafia, mudando as formas das letras a ponto de torná-las semelhantes a figuras, enquanto os músicos tornam-nas semelhantes a notas, pausas e outras marcas musicais. Numa prova objetiva, na qual as soluções deveriam ser indicadas com um D ou um O, as respostas assumiram freqüentemente uma forma combinada, que não podia ser identificada pelo instrutor nem como *D* nem como O, provavelmente porque ambas as respostas eram igualmente fortes (isto é, o aluno não sabia a solução). Combinamos um padrão de acentuação e uma resposta verbal quando escandimos corretamente um verso. Combinamos o padrão de entonação de uma resposta com os sons da fala de outra quando lidamos com uma interrupção, continuando o comportamento verbal em andamento de uma forma que teria sido apropriada à resposta: *Fique quieto um instante.* O autor de *A Few French Words* estava exemplificando uma combinação de *few* ["algumas"! e o comportamento de capitalizar apropriado à palavra seguinte. A grafia ou a soletração incorretas podem ser uma espécie de combinação. A sentença *Perspiration oozed from his pours* ["A transpiração exsudava de seus poros"] revela fontes múltiplas de *pours* ["poros"] que se perderiam (ou, possivelmente, não existiriam) numa resposta vocal.

---

[108] Dodgson, C. M., *Logical Nonsense* (Nova Iorque, 1934), p. 159.

Em muitos dos exemplos dados acima, as respostas combinadas são formas alternativas apropriadas para uma única ocasião. Normalmente, apareceria apenas uma resposta. Na combinação haplológica, os fragmentos que se juntam constituem partes de uma resposta mais ampla, as quais seriam todas normalmente emitidas. A combinação resulta da omissão do material interve-niente. Às vezes, o resultado assemelha-se à combinação "cogná-tica", como em *Sarling* por *Sorry, darling* ["Perdão, querida"], *quiddy* por *quite ready* ["bem pronto"], *slatter* por *slightly fatter* ["ligeiramente mais gordo"], *honorship* por *honorary membership* ["sócios honorários"] *generalities por general uni-formities.* Estes casos parecem exemplificar a combinação de formas de resposta que possuem fontes separadas de força. Isto não é verdade, todavia, no caso dos exemplos padronizados de síncope. Distorções como *crism* por *criticism,* ["crítica"], *nonse* por *nonsense* ["sem sentido"], bem como as formas agora aceitas *narcism* ["narcisismo"] e *pacifism* ["pacifismo"] revelam a omissão de elementos, mas não a fusão de respostas diferentes. Pela mesma razão, uma categoria separada é necessária no caso das assim chamadas "braquiologias", nas quais um ou mais elementos são simplesmente omitidos. A resposta *Today is to do it* ["Hoje é para fazer isso"] não é uma combinação de frases, mas o resíduo de uma resposta mais longa *Today's the day to do it* ["Hoje é o dia de fazer isso"] uma parte da quai foi omitida. Haplologias excêntricas, como *cinetnactor,* também podem ser distinguidas das genuínas combinações de frases ou palavras.

F. L. Wells,[109] em *Linguistic Lapses,* sugere uma classificação dos lapsos em: Assimilação Regressiva e Progressiva, Dissimulação Regressiva, Metátese, Omissão e Substituição. Os termos regressivos e progressivos referem-se à ordem consecutiva normal das formas combinadas (um exemplo de assimilação regressiva é *blass plate)* mas muitas combinações envolvem respostas que normalmente não ocorreriam cm qualquer ordem de seqüência, e a própria ordem parece ser menos importante que o fato de duas respostas serem fortes ao mesmo tempo. A metátese se refere a um deslocamento recíproco, que será discutido mais tarde. A omissão incluiria muitos dos exemplos que acabamos de dar. A substituição inclui uma distorção intrusa, que será discutida mais tarde.

Fontes Dos Fragmentos Integrantes Das Recombinações

Duas respostas tendem a ser fortes ao mesmo tempo. Se ambas forem funções da mesma variável. Muitas combinações resultam de misturas de dois ou mais *tactos* sob o controle do mesmo estímulo — por exemplo: *lore,* de *lame* ["manco"] e *sore*

[109] Wells F. L., Archives of Philosophy, Psychology and Scien-tific Method, n.° 6 (Nova Iorque, 1906).

["ferida"], ou *rone* de *rock* ["rocha"] e *stone* ["pedra"]. Diferentes aspectos do mesmo estimulo podem evocar respostas diferentes, mas estas raramente parecem combinar-se. Quando uma única propriedade é vaga, duas ou mais respostas não-sinônimas podem ser reforçadas. A resposta *teablespoonful* (de *tea* - chá, *table* = mesa, *spoon* = colher e *full* = cheia) ocorreu em circunstâncias nas quais uma dada magnitude não era suficientemente grande para evocar *tablespoonful,* nem suficiente pequena para evocar *teaspoonful.* A resposta *Eu creio que ele se graduou com "cumma"* parece indicar incerteza entre *summa* e *cum laude,* indicativos dos graus que tal pessoa poderia ter obtido. Propriedades ligeiramente diferentes dos mesmos estímulos geram os componentes do jocoso *twinfants* [de *tivin* ("gêmeos") e *infant* ("criança")], assim como o comportamento da criança pequena que relatou que *Esquimós eat slobber* ["Os esquimós comem baba"]. Algumas etimologias populares são reorganizações de fragmentos. Há evidência interna de uma fonte intraverbal que explica o lapso na seguinte sentença extraída de um jornal: *Quebrando a vidraça com uma cadeira, ele passou pela janela e segurou-se no peitoril com suas impressões digitais* [em ingl., *fingerprints,* "impressões digitais, por *finger-tips,* "pontas dos dedos"] *até que três detetives pediram-lhe que pulasse.* Talvez seja relevante o fato de todas as letras de *tips* ["pontas"] estarem contidas em *prints* ["impressões"].

Muitas combinações mostram a interação de *tactos* e de intraverbais, ou de dois ou mais intraverbais. Uma criança, ao recitar o nome dos dias da semana, terminou *Thursday* ["5.ª--feira], *Friday* ["6.ª-feira"], *Sixday,* combinando *Saturday* ["sábado"] e a resposta *six* ["seis"] intraverbalmente determinada pela semelhança entre *four* ["quatro"], *five* ["cinco"] e *-ur, Fri-. A* recordação errada *Vain, inglorious Milton* ["Fútil, inglório Milton"] parece fundir *Mute, inglorious Milton* ["Mudo, inglório Milton"] com *vangloria.* A maneira errada pela qual uma criança se lembrou da música "Old Macdonald had a form", *C-I, C-I-0* revela pelo menos duas fontes intraverbais: a versão correta E-I, E-I-0 e a C-I-O, organização trabalhista cujo chefe, na ocasião, estava procurando formar um sindicato de fazendeiros. A sentença que começa por *Há dois conjuntos de condições anteriores que dão ao caso adulto* foi escrita com *resultado (result)* ao invés de *adulto {adult),* no qual a força temática de *resultado* parece estar relacionada com os termos *anteriores* (anterior) e *dão* (give). A resposta escrita *populário uso* (populary usage) parece conter uma combinação de *popular* (popular) e *vocabulário* (vocabu-lary) como sinônimo de *uso*.

Impropriedades são em geral combinações que contêm material de fontes temáticas adjacentes. A Senhora Imprópria[110] torna-se vítima de uma barragem de respostas intraverbais que compõem um tema gramatical, como vemos a seguir:

Long ago I laid my positive conjunctions on her, never to think on the fellow again; — I havè since laid Sir Anthony's preposition before her; but, I am sorry to say, she seems resolved to decline every particle that I enjoin her.

["Há muito tempo propus minhas conjunções positivas a ela: nunca mais pensar no camarada. Posteriormente, submeti à sua consideração a preposição de sir Anthony; mas, lamento dizê-lo, ela parece resolvida a declinar todas as partículas com que eu a deleitei"] (grifo meu).

Combinações intraverbais múltiplas incluem casos nos quais uma resposta é distorcida pela antecipação de uma resposta posterior. Quando um ator amador lê uma linha como *Cecere — Cecelia, por favor considere-me seriamente,* as respostas amplamente separadas *Cecelia* e *seriamente* parecem ter-se emaranhado: *The white rat in the maze* ["O rato branco no labirinto"] emitida como *the white raze,* e as respostas corrigidas *Will the gentleman from Yale — from Maine — yield* ["Será que o senhor de Yale — do Maine — concederá"] e *The many strong cases — courses — given by Professor Chase* ["Os muitos casos — cursos — dados pelo professor Chase"] são outros exemplos.

Estímulos ecóicos e textuais podem contribuir com fragmentos se ocorrerem estímulos apropriados no momento certo. Numa conversa da qual participavam várias pessoas, um falante começou a dizer *When you were bom* ["Quando você nasceu"] mas, ouvindo outro falante falar em *birth* ["nascimento"], disse *When you were birthed* ["Quando você "nascimentou"]. Numa discussão semelhante *The last straw* ["A última gota"], tornou-se *The last word* ["A última palavra"] porque a palavra *word* estava "no ar". Um homem discou o número do telefone de um certo Mr. Brenner e quando o telefone foi atendido, ele ouviu que diziam: *Linwood falando,* e então ele disse *Eu gostaria de falar com Mr. Brenwood.* A manchete de jornal *Mercury rising after dipping to 30 in north west* ["Mercúrio subindo após ter baixado a 30 no Noroeste, foi lido *after dripping* [de *drip,* gotejar pingar], provavelmente, por ser uma resposta mais característica para mercúrio, combinando-se com a resposta textual *dipping.*

As tendências auto-ecóicas e autotranscritivas podem produzir distorções perseverantes *(idle chattle).*[111] Combinações de formas sinônimas podem ser atribuídas a uma mistura de auditórios ou à fraqueza do controle do auditório.

---

[110] Sheridan, *The Rivais,* Ato III, Cena 3

[111] *Idle chatter* = conversa ociosa e inútil. (N. da T.)

Ocasionalmente, isso é óbvio. Uma canção que em alemão começava por *Morgen Rot* e em inglês *Morning red* foi cantada *Morgen red.*

Audição e leitura falhas usualmente representam uma recombinação de fragmentos, sendo que uma das fontes é constituída pelo estímulo ecóico ou textual, "mal ouvido" ou "mal lido". Um simples erro — uma resposta ecóica ou textual sob controle de estímulo inadequado — não precisa apresentar outra fonte de força; mas quando um vago estímulo ecóico, tal como o que é proporcionado pela somatória verbal é "ouvido" como, digamos, o próprio nome do sujeito, uma fonte especial de força pode ser inferida. O mesmo é verdade ao ouvirmos nosso nome quando, na verdade, outro nome foi pronunciado.

Na audição defeituosa, nem sempre é claro que a forma distorcida é antes o comportamento ecóico do ouvinte do que "aquilo que ele ouve" e relata em seguida, mas, no caso textual paralelo, a resposta costuma ser identificada mais facilmente. Quando a fonte auxiliar de força é clara, podemos dizer que a resposta é "reveladora" no sentido freudiano. Assim, após ter escapado de um grave acidente, um motorista espantou-se ao ver um cartaz que dizia: *ONE MILE TO DEATH* ["Uma milha para a morte"]. Após examiná-lo mais de perto, ele viu que o que o cartaz realmente dizia era ONE MILE TO BATH ["Uma milha para BATH (Note-se que o B contém um *E* ou dois DD). Grosseiros arranjos geométricos costumam ser relevantes. Após ler a notícia da morte de Bernard De Voto, um de seus amigos assustou-se ao ver o nome De Voto em letras cromadas num automóvel que passava. Um exame mais cuidadoso revelou que se tratava de *De Soto,* com um grande V de permeio:



Um embaralhamento geométrico geral dos fragmentos de um estímulo textual, mais uma forte contribuição intraverbal de força, foi revelado quando as palavras *A Strange Idyll* ["Um estranho idílio"] foram lidas como *The Strange case of Dr. Je-kyll and Mr. Hyde* ["O estranho caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde"] logo depois da leitura do livro de Robert Louis Stevenson. Variáveis mais triviais são aparentemente responsáveis pela reorganização que levou à leitura do cartaz de estrada *Sahara Coal* ["Carvão do Saara"] como *Scarlet 0'Hara,* ou *Butternut Coffee* como *Peanut Butter Coffee.*

A recordação errada de um poema é o paralelo intraverbal da audição e da leitura falhas. A fusão de um material mal recordado sob causação múltipla cria novas formas. Às vezes, as variáveis colaterais fornecedoras de fragmentos são óbvias. Na recordação incorreta *Feed pepper to your boy and beat him when he sneezes* ["Sirva pimenta a seu filho e bata-lhe quando ele *espirrar"], Feed pepper* tomou o lugar de *Speak roughly* ["Ralhe com"] por causa de outras partes da passagem original e,

possivelmente, por causa também da presença de *sneezes* ["espirrar"] (compare o exemplo de *Run, run, run* ["Corra, corra, corra"], no capítulo 9).

Talvez o tipo mais conhecido de distorção seja a torção lingual — por exemplo, *quem desmafagafizar os mafagafos será bom desmafagafizador*[112] — que só pode ser pronunciado corretamente com grande esforço ou bem devagar. O estímulo real pode ser ecóico (quando se pede a alguém que repita tal frase), textual (quando se pede a alguém que a leia), ou intraverbal (quando alguém a memoriza). A forma original de estimulação não é importante porque as fontes múltiplas que levam a distorções surgem do próprio comportamento como suplemento auto--ecóico.

A momentânea tendência auto-ecóica na torção lingual é responsável por outras distorções. Uma meninazinha, que passava o verão no campo, explicou a uma nova amiga: *I have a prettier doll wich I left in the citier* ["Eu tenho uma boneca lindíssima que eu deixei na cidadíssima]. A mesma menina também se referiu, certa vez, a seu *pocket-booket* [em lugar de *pocket-book,* "livro de bolso"]. O presidente de uma organização defensora da temperança começou certa vez, a explicar seu novo programa com as palavras: *Our old slogan was "The saloon tnust go"; our new saloongan is...* ["Nosso antigo *slogan* era 'O salão de bebidas deve desaparecer'; nosso novo salãogan e... J.

Entre as fontes múltiplas de força que produzem distorção colocam-se certas variáveis "negativas" — isto é, variáveis que operam no sentido de suprimir partes de uma resposta e, por isso, encorajam o aparecimento de outros fragmentos. O efeito da punição, encorajando recombinações de fragmentos, envolve o processo de correção, a ser discutido no capítulo 15, mas aqui o material que se apresenta para correção é relevante. Na resposta *I knew that person peopally* ["Conheci este sujeito sujeitamente"] a punição pela repetição suprimiu um segundo caso de *person (I knew that person personally:* "Conheci esta pessoa pessoalmente") e fez surgir o substituto característico *people.* Processos semelhantes de correção podem explicar a resposta distorcida *pawl pearing* escrita na descrição de um aparelho que continha um *pawl bearing* ["lingüeta de suporte"]. A distorção poderia ser um simples exemplo de reforço auto--ecóico, mas há várias maneiras pelas quais a resposta *bali bearing* ["rolamento"], usual em tais circunstâncias, poderia ter afetado o resultado. Em inglês, particularmente entre pessoas que originalmente falavam alemão, existem dialetos nos quais o *b é* surdo. *Vali pearing* é a forma germano-americana de *bali bearing.* Ao aprender a imitar o dialeto, aprende-se a substituir um *p* mudo por um *b* em cada caso. A correção necessária para evitar que se substitua *pawl bearing* por *bali bearing* pode ter adquirido força suficiente para produzir uma segunda

[112] No original: rubber buggy bumpers.

mudança de *b* para *p.* A distorção perseverante (por exemplo, ao escrever *slame* em vez de *same* ["o mesmo"] logo após ter escrito *slander* e *slain)* ["calúnia" e "morto"] pode ser apenas efeito de tendências auto-ecóicas ou autotranscritivas, responsáveis pela aliteração, mas não se pode desprezar a possibilidade de que tais tendências revelem também um processo de substituição corretora.

Os Resultados Da Recombinação

Geralmente, fragmentos recombinados de respostas não têm sentido. Surge uma nova forma completa e ineficaz de resposta ou, então, se o falante percebe em tempo que ela não tem sentido, tal forma é suspensa antes de ser completada. O que pode parecer gaguejado ou balbuciado é, às vezes, o começo de um fragmento em processo de recombinação. Ao responder à pergunta *What time is it?* ["Que horas são?"], um homem olhou o mostrador do relógio que marcava 5:16, e começou a responder *Fif- [Quin-]* e em seguida corrigiu-se e disse *Five-sixteen* ["Cinco e dezesseis"]. É possível que a resposta corrigida *fifteen* fosse uma combinação de *five* ["cinco"] e *sixteen* ["dezesseis"], talvez baseada numa resposta vagamente controlada pela posição do ponteiro dos minutos, embora não-utilizável no momento. Da mesma forma, uma resposta sem sentido foi corrigida quando a palavra *riduc-* permaneceu inacabada e foi corrigida para *ridiculous* ["ridículo"].

Às vezes, o resultado é uma forma padronizada de resposta que, no entanto, é imprópria. Assim, fragmentos de *heresy* ["heresia"] e *sacrilege* ["sacrilégio"] podem compor *heritage,* que não só não tem sentido no caso, como também é uma forma possivelmente enganadora. Outros exemplos são *table,* por *telegraph cable* ["cabo telegráfico"] e *became* por *because I carne* ["porque eu vim"]. É bem possível que a forma padronizada contribua para a recombinação, agindo nesse sentido como uma terceira fonte de força. A forma distorcida contém seqüências intraverbais que foram estabelecidas anteriormente por reforços heterogêneos.

Ocasionalmente, os fragmentos podem recombinar-se para produzir uma forma padronizada que possa ser atribuída à variável corrente. Uma moça, ao ser levada para jantar por um jovem que era um bom partido em perspectiva, olhou para o cardápio e exclamou *I am simply ravished* ["Eu estou simplesmente embevecida"]. Podemos encarar isso apenas como uma combinação normal de *famished* ["esfaimada"] e *ravenous* ["voraz"], mas é difícil não considerar a possibilidade de que *ravished,* possivelmente mesmo o *simply ravished* ["simplesmente embevecida"], tivesse alguma força corrente. Não há quase dúvida de que houve uma variável

colateral responsável pela combinação de frase relatada por 'Brill.[113] Um conviva, ofendido com o repasto frugal para o qual havia sido convidado, começou a fazer comentários sobre uma personalidade política. *Ho-wever,* ele concluiu, *he always gives you a square meai* ["Todavia, concluiu, ele sempre lhe fornece uma refeição substancial"] expressão que foi apressadamente corrigida para *square deal* ["um negócio limpo"].

Ocasionalmente tanto o falante como o ouvinte permitem que uma resposta permaneça, embora ela seja encarada como um neologismo e possa ser eficiente. Isto é especialmente verdade no caso de combinações de frases. Numa discussão acalorada, uma frase tal como *Tbis is a cold-boiled violation of hu-man rights* ["Esta é uma violação cozida a frio dos direitos humanos"] pode ser autorizada a permanecer, embora *cold--boiled* pareça ser uma recombinação de fragmentos de "hard--boiled" ["insensível"] e de *cold-blooded* ["a sangue frio"]. (Note-se que *cold-boiled* ["cozida a frio"] é também uma expressão padronizada quando se refere a alimentos).

A combinação é mais gritante quando fornece uma nova resposta. Muito tardiamente, na história da civilização ocidental, a combinação de *smog* ["fumaça"] e *fog* ["nevoeiro"] tornou-se bastante comum para gerar a resposta *smog,* mas agora essa resposta-padrão é útil, e a palavra passou a integrar a língua. A resposta pode não representar mais a recombinação de fragmentos, embora, provavelmente, ganhe força a partir de sua semelhança formal com *smoke* ["fumaça"] e *fog* ["nevoeiro"].

Em geral, os acompanhamentos normais das respostas fragmentárias que participam de uma recombinação não são emitidos. Às vezes, porém, eles emergem. Quando o estímulo textual a distinguished path in psychology ["uma orientação notável em psicologia"] é lido como a distinguished man in pa-thology ["um homem notável na patologia"] devemos notar não apenas a substituição de path por man, numa possível combinação de a distinguished path e a distinguished man, mas a combinação desse fragmento com o final ology, de psychology, para produzir pathology. Exemplos em que todos os fragmentos ocupam um lugar nas novas combinações são familiares a todos. Uma criança de seis anos falou de uma thown of crorns [por crown of thorns, "coroa de espinhos"]; um conferencista que falava sobre economia teve dificuldade para evitar a frase ways rages; um locutor de rádio recomendou uma maneira de preparar muttered buffins (buttered muffins = bolinhos aman-teigados); um homem que presidia a um banquete apresentou Hoobert Herver [recombinação originária de Herbert Hoover] como o conviva que iria falar em seguida; um professor citou certa vez uma passagem do Omayat de

---

[113] Freud S., *Psycopathology of Everyday Life* (Pelican Books, 1938), trad. de Brill.

Rhubar Kyam e numa conferência sobre astronomia o conferencista afirmou que certo efeito upon the orth's erbit would tnain a retninor problem [por upon the earth's orbit would remain a minor problem ("sobre a órbita da terra permaneceria como um problema menor")].

Quando estas assim chamadas metáteses produzem padrões eficazes, embora irrelevantes, elas são comumente associadas ao nome do Reverendo W. A. Spooner, que foi diretor do New College, na Universidade de Oxford, e era famoso por seu talento em produzir recombinações de formas padronizadas. Apesar de serem atribuídos a ele muitos exemplos divertidos, mas sem sentido (many thinkle peep so I believe) [por many people think so, I believe, "muita gente pensa assim, creio eu"] ele é mais conhecido pelos exemplos nos quais os fragmentos recom-binados compõem formas padronizadas [the queer old Dean, a glutton dropped from above) [por the dear old queen, a glut-ton dropped from above]* uma viagem a Londres on the town drain ["no esgoto da cidade"] por on the down train ["no trem que vai para o interior"].

Efeitos Estilísticos e Cômicos

O trocadilho, cuja forma é distorcida, pode ligar-se facilmente a múltiplas fontes de força. Sendo mais provavelmente sem sentido, ele em geral só aparece quando o processo de correção é fraco (capítulo 16), exigindo maior habilidade na manipulação dos problemas de construção de sentenças (capítulo 14). Aqui só nos interessa a produção do material de onde a brincadeira é extraída. Quando um barco, que custou mais do que seu dono podia pagar, é batizado com o nome de Spindthrift, reconhecemos um conflito pessoal entre duas fontes relevantes: spendthrift ["perdulário"] e spindrift ["espuma do mar"]. Também não é difícil explicar a conclusão de uma carta enviada a uma amante que havia repelido o escritor:

> *... for I am with the greatest ad-whoration, most deivine creature, your most passionate admirer, adwhorer and slave. Jonathan Wilde.*[114][115]

Uma combinação espirituosa de frase, *Para onde vai o Maine, Vermont vai também,* foi reivindicada por vários escritores após a eleição presidencial americana de 1936, quando apenas dois Estados, Maine e Vermont, votaram no candidato republicano. As circunstâncias eram ótimas, uma vez que a frase *Para onde vai o Maine, a nação*

---

[114] *The dear old queen* = a querida velha rainha; *the queer old Dean* = o bizarro velho Deão. (N. da T.)

[115] "Pois, com a maior adoração, mui divina criatura, sou o seu mais apaixonado admirador, adorador e servo. Jonathan Wilde." Fill-ding joga com as palavras *adoration* e *adores,* nas quais introduziu o elemento *whore* "prostituta", e *deign* "digna". (N. da T.)

também vai, era um aforisma familiar apropriado a uma eleição nacional e vários *tactos* intraverbais correntes continham *Maine* e *Vermont.*

Quando uma distorção humorística torna-se de uso corrente numa comunidade verbal, ela não precisa mais representar este processo. Houve época em que era moda entre os jovens usar distorções de nomes geográficos, em vez das expressões convencionais.

Ao despedir-se de alguém, um falante pode dizer *Abis-sinia* em vez *de Vil be seeing you* ["Até mais tarde"]. Embora uma resposta como esta possa continuar a produzir parte de seu efeito original sobre o ouvinte e possa representar um estado especial de correção por parte do falante, tais casos não revelam o processo de fusão. (Trata-se de uma brincadeira de "má" qualidade, por causa da irrelevência da resposta geográfica, embora haja uma relevância espúria se a prática está na moda).

Um exemplo original de combinação de frases no qual se gastou pouco tempo para se chegar à resposta espirituosa depende de material intraverbal tomado de empréstimo a um soneto de Keats, que termina assim:

> *Or like stout Cortez, when with eagle eyes He star'd at the Pacific — and ali his men Look'd at each other with a wild surmise — Silent, upon a peak in Darien.*[116]

Um jovem estava certa vez descrevendo, a um eminente lógico, um episódio ocorrido durante um passeio ao longo da costa do Maine. Ele havia saído do meio de um grupo de árvores e viu-se de pé sobre um penedo, no alto de uma ribanceira, com a arrebentação batendo na praia rochosa a seus pés. *There I stood,* disse ele, *looking out over the sea, silent on a peak in Darien. Suddenly I felt the boulder under me begin to move* ["La estava eu, olhando para o mar, calado, sobre um pico em Darien. De repente, senti o penedo mover-se sob meus pés... O lógico imediatamente exclamou, *Imagine your wilde surprise!* [Imagine sua violenta surpresa!] A fusão do intraverbal *wild surmise* ["feroz suspeita"] e do *tacto* convencional *imagine your surprise* ["imagine sua surpresa"]! deve ter ocorrido em coisa de um ou dois segundos.

Vimos que as rimas forçadas, especialmente as que envolvem muitas sílabas, possuem algo do efeito humorístico da metáfora forçada, evocada na causação múltipla. Quando as fontes formais de força produzem uma distorção completa, não há dúvida acerca do processo subjacente. Num tipo de verso leve, popularizado por Ogden Nash, o poeta parece mergulhar em fontes múltiplas do tipo responsável pela rima normal.

---

[116] ["Ou corno o corpulento Cortez, quando, com olhos de águia / Lançou-se sobre o Pacífico — e todos os seus homens / Entreolha-ram-se com feroz suspeita — / Calado, sobre um pico em Darien."]

// called by a panther Don't anther [117]

["Se você for chamado por uma pantera / Não antere."]

A poesia escrita antes da padronização da grafia inglesa parece-nos sofrer comumente do efeito de Ogden Nash. No par de versos

For gain, not glory, wing'ed his rowing flight, And grew immortal in his own despight

ao leitor moderno *despight* parece ter sido grafado erradamente, em virtude de uma irresistível tendência autotranscritiva de se assemelhar à forma anterior.

Ceder às forças da distorção é característico de um tipo de humor "burlesco". S. J. Perelman forneceu muitos exemplos: *lhe hickory l've been lickory for, I mean the hickory I've been looking for* ["... a nogueira que eu andava procurando"]. Este é também um ingrediente do humor empregado em televisão: a pergunta *Do you enjoy Debussy?* evoca a resposta *De-who-ssy?* ["De-ru-o-quê?"].

As fontes múltiplas do comportamento do escritor sério produzem formas distorcidas, como já foi sugerido por alguns exemplos dados de combinações ou recombinações de fragmentos. Alguns dos exemplos analisados por Empson envolvem distorções, embora mudanças de pronúncia ou de grafia, ou ambas, possam ocultar este fato. Assim, ao analisar o verso

In the dead vast and middle of the night ["Na vastidão morta e no meio da noite"]

Empson argumenta que *vast* ["vastidão"] pode ser determinada por fontes múltiplas, as quais, separadamente, teriam evocado *vast, waste* e *waist* ["vastidão, ermo, cintura ou estreitamento central"]. Algumas das respostas que Coleridge adotou na composição de *Ancient Mariner*[118] entram na composição de frases. O material adotado poderia simplesmente ser o ritmo ou a cadência de uma passagem, mais alguns termos-chaves, ou um arcabouço gramatical no qual outras respostas usuais foram classificadas.

Às vezes, é plausível argumentar que um arcabouço gramatical foi preservado a partir de um material intraverbal anterior, mesmo que todas as formas importantes tenham sido substituídas. A força incomum necessária para manter tal arcabouço em conjunto pode ser avaliada num material meticulosamente memorizado. Assim, paradigmas gramaticais proporcionam às vezes uma espécie de pano-de-fundo figurado, contra o qual novos temas são tocados, como no poema lido no

---

[117] *Anther,* "antera" *(Bot.* Parte do estame onde se situam os sacos polínicos), em lugar de *answer,* "responder". (N. da T.)

[118] Ver capítulo 9.

julgamento do Valete de Copas em *Alice no País das Maravilhas.* Tanto Ger-trude Stein como James Joyce usaram paradigmas gramaticais da mesma maneira.

Um empréstimo literário mais óbvio, com distorção, é a paráfrase ou paródia. O grau de divertimento de uma paródia depende da extensão da contribuição da passagem parodiada e de quão divertida, por outras razões, é a recombinação de fragmentos resultante. O uso de conexões intraverbais a partir de trabalhos literários anteriores foi elevado à posição de uma filosofia da composição, particularmente nos versos de Ezra Pound e de T. S. Elliot:

But at my back from time to time I hear

The sound of horns and motors, wich shall bring

Sweeney to Mrs. Porter in the spring...

["Mas, às minhas costas ouço, de vez em quando / O som de buzinas e motores, os quais trarão / Sweeney para a Sra. Porter na primavera... "]

Os quais contêm respostas determinadas por outras partes do poema e pelas circunstâncias nas quais ele foi escrito, mas contêm também fragmentos de dois outros poemas — de Andrew Marvell

But at my back I always bear

Time's ivinged chariot hurrying near...

["Mas às minhas costas ouço sempre / O carro alado do tempo aproximando-se rapidamente... "]

e do Parliament of Bees, de Day,

A noise of horns and hunting, wich shall bring Actaeon to Diana in the spring.

["Um ruído de trompas de caça, que trarão / Acteão para Diana na primavera."]

Outro tipo de combinação envolvendo seqüências intraverbais tiradas de trabalhos literários é a escrita imitativa. Robert Louis Stevenson advogava o uso deliberado de material verbal tomado de empréstimo ao aprender a escrever. Bancando o "macaco diligente", o jovem escritor amplia seu próprio repertório escasso e inadequado com padrões de resposta característicos de um autor consagrado. A imitação intraverbal pode servir como investigação para elevar o comportamento fragmentário acima da força necessária para a emissão. Um fortalecimento posterior, possivelmente permanente, pode seguir-se ao auto-reforço (capítulo 6). Ao lado da questão de seu modo de operação, a prática representa uma combinação de respostas fragmentárias provenientes de duas fontes: a fonte literária dos arcabouços e seqüências

intraverbais e as variáveis que controlam o comportamento verbal, possivelmente original, do escritor.

Finnegans Wake, de James Joyce, é e pode bem continuar a ser o exemplo clássico de recombinações de fragmentos verbais tomados de empréstimo e, inclusive, de molduras intraverbais ampliadas. Em

Hadn't he seven dams to wive him, and every dam had her seven crutches, and every crutch had its seven hues, and each hue had a differing cry,

["Não tinha ele sete mulheres para desposá-lo, e cada mulher tinha suas sete muletas e cada muleta suas sete formas, e cada forma tinha um grito diferente"],

combinam-se vários temas locais e seqüências intraverbais padronizadas com a moldura intraverbal da canção rimada infantil

As I was going to St. Ives ["Quando eu estava indo para Saint Ives"].

Noutra conhecida passagem, através de uma notável série de trocadilhos e de misturas, Joyce conta duas histórias ao mesmo tempo: uma, de Nuvoletta, uma menina que sobe a uns balaustres e cai; e outra, a de uma gota de chuva que se precipita de uma nuvem e cai num rio. Algumas das respostas que contam ambas as histórias simultaneamente são as seguintes:

Then Nuvoletta reflected for the last time... ["Então Nuvoletta refletiu pela última vez... "]

(Nuvoletta *thought* ["refletiu"] e a nuvem *shone* ["brilhou"])

... she made up ali her myriads of drifting minds in one, she cancelled ali her engauzements.

["minguou todas as suas miríades de pensamentos num só. Cancelou todos os compromissos."]

(Nuvoletta reduziu todos os seus planos a um; as partículas turbilhonantes c diáfanas da nuvem reunidas numa só gota.)

She climbed over the bannistars ["Subiu pelos balaustres"]

(-sters para a criança, stars ["estrelas"] para a nuvem) ... A light dress fluttered. She was gone.

["Um tule ondulou. Ela passou."]

(Night dress ["camisola"] para a menina, *light dress* ["vestimenta leve"] para a nuvem.)

And into the river that had been a stream... there fell a tear ... a leaptear...

["E dentro do rio que fora uma corrente... cai uma lágrima, minúltima lágrima... "]

(força tomada de empréstimo de *leap year* ["ano bissexto"], que poderia ter uma possível conexão com *despera-tion* ["desespero"] e com *leap* ["saltar"], captando o tema anterior de *jumping* ["pulando"].

> *But the river tripped on her by and by, lapping as though her heart was hrook.*
>
> *["Mas o rio escorregou logo por ela, sorvendo-a de um trago, como se mágua fosse água."]*

(Esta parte tem fontes extraordinariamente complexas, algumas das quais podem ser notadas. *Lapping* ["sorvendo"] e *brook* ["córrego"] estão tematicamente relacionadas com *river* ["rio"]. *As though her heart was brook é* uma distorção de *as though her heart was broken* ["como se seu coração estivesse partido"]. *Crying* ["Chorando"] é um intraverbal inferido que parece ser deslocado por *lapping* ["sorvendo"], distorção de *laughing* ["rindo"]. Um rio que ri age como se tivesse o coração de uma criança, isto é, de um rio-criança ou córrego, *brook.* A mistura histérica de *rindo* e *chorando,* de ser ao mesmo tempo jovem e velho, refere-se a toda a passagem.)

Distorção Formal E Unidade Operante

Os operantes verbais fragmentários passíveis de separação são subentendidos pelos repertórios mínimos do comportamento ecóico e textual, e os fragmentos de *tactos* e de comportamento intraverbal podem estar sob controle funcional separado, ainda que estes nem sempre apresentem unidades mínimas comparáveis. Um intraverbal amplo ou um *tacto* podem ser reforçados como um todo; por exemplo, quando se compõem de partes separáveis que também são reforçadas independentemente. Os fatos adicionais da causação múltipla apresentadas no capítulo 9, o *modus operandi* dos expedientes práticos do capítulo 10, e a autonomia funcional das respostas fragmentárias que integram as recombinações do presente capítulo ampliam a evidência dessas unidades mínimas do comportamento verbal.

Samuel Butler acentua a causação múltipla de seu próprio comportamento verbal no prefácio da segunda edição de *Erewhom:*

> *Pode-se dizer que citei errado de propósito, por ignorância, ou por um lapso de escrita; mas certamente naquele tempo seria considerado duro atribuir limites ao açambarcamento ilimitado da verdade e seria mais razoável admitir que cada uma das tres causas possíveis da citação incorreta tenha desempenhado o seu papel no erro aparente.*

Parte IV

A MANIPULAÇÃO DO COMPORTAMENTO VERBAL

CAPÍTULO 12

O AUTOCLÍTICO

Os capítulos precedentes apresentaram o comportamento verbal como um repertório de respostas, algumas de dimensões mínimas, outras complexas, mas suscetíveis de divisão, existindo em vários estados de força sob o controle de variáveis do ambiente e da história do falante. Mas o falante em si parece que ficou ausente da explicação. Não tivemos que admitir a existência de alguém que "sabe o que está falando" ou "quer falar", ou "como falar isto".

A conversão do falante em espectador interessado é por certo o primeiro caminho a ser tomado por uma análise do comportamento. Como um agente causai responsável pela estrutura e caráter do comportamento verbal, o falante é ameaçado pelas relações causais identificadas ao longo de uma análise científica. Sempre que demonstramos que uma variável exerce controle funcional sobre uma resposta, reduzimos a suposta contribuição de um agente interior. Por exemplo: se podemos mostrar que a ocorrência de uma resposta se deve à presença de um estímulo de propriedades especificadas, não é mais necessário dizer que o falante usa a resposta para descrever o estímulo. Se podemos mostrar que uma resposta é mais forte quando privamos o indivíduo de comida, então não precisamos dizer que o falante usa a resposta para descrever ou revelar sua necessidade. Se podemos mostrar que a extensão metafórica ocorre porque uma propriedade particular do estímulo adquiriu o controle da resposta, não precisamos dizer que um falante inventou uma figura de retórica para expressar a percepção da semelhança entre dois estímulos. Se podemos mostrar que um auditório reforça uma subdivisão particular de um repertório verbal, não precisamos dizer que o falante escolhe as palavras adequadas a seu auditório. Mesmo se encararmos cada um desses pares de afirmações como traduções permutáveis, nas quais se presume que todos os termos são definíveis com relação ao comportamento, o papel do falante é claramente reduzido ou obscurecido no primeiro item de cada par.

Mas nós não nos livramos por completo do falante. Há ainda respostas verbais a serem explicadas — tais como *se, que, como, portanto* e *alguns* — muitas das quais sugerem amplamente o comportamento de um sistema diretor, organizador, avaliador, seletor e produtor. É tão penoso formular correspondências semânticas para esses termos que, comumente, eles são explicados por meio de uma referência às "intenções" do falante, de suas "atitudes proposítais", e assim por diante. Até agora, ainda não demonstramos qualquer superioridade no trato desses termos.

Resta igualmente a considerar o aspecto do comportamento verbal chamado "asserção". O operante verbal é uma unidade viva, em contraste com o signo ou o símbolo do lógico, ou a palavra ou sentença do lingüista, mas ela não explica totalmente a natureza ativa do comportamento verbal. Podemos demonstrar que uma *cadeira* como um estímulo talvez evoque a resposta *cadeira* e aumente a probabilidade de tal resposta, mas nem por isso podemos dizer que a resposta "assevera a existência da cadeira". A mera emissão de uma resposta, não importa quão dinâmica ela seja, não serve como substituto para a asserção e não dá a razão de respostas como *é* ou o *s* [119] final de muitos verbos.

Também não discutimos ainda a ordem a ser observada em amplas amostras do comportamento verbal, bem como outras evidências do que poderia ser chamado de "composição deliberada". Alguma ordem entre as respostas verbais poderia surgir de suas forças relativas, de suas ligações intraverbais e de certas ordens correspondentes no ambiente e na história do falante; mas o plano mais amplo, evidente na maior parte do comportamento verbal, não pode ser explicado dessa forma.

Os operantes verbais que examinamos podem ser considerados a matéria bruta com a qual se fabrica o comportamento verbal continuado. Mas, quem é o fabricante? Não podemos responder satisfatoriamente a esta pergunta indicando uma subdivisão especial do falante, que seria um *ego* controlador ou uma personalidade, porque dessa forma não lograríamos uma explicação definitiva. Teríamos ainda que explicar o comportamento de tal "falante", e nosso problema só se teria tornado mais difícil porque *esse* falante é inacessível. Plano, ordem e composição "deliberada" são traços observáveis do comportamento verbal que podem ser estudados mais eficazmente com os instrumentos de análise que possuímos. Quais são os dados positivos e o que podemos fazer a seu respeito?

As propriedades importantes do comportamento verbal que ainda devem ser estudadas referem-se aos arranjos especiais das respostas.[120] Parte do comportamento de um organismo torna-se, por sua vez, uma das variáveis que

---

119 Em inglês, terminação da 3.ª pessoa do singular. (N. da T.)

120 O capítulo 18 de Science and Human Behavior é relevante para esta discussão.

controla a outra parte. Há pelo menos dois sistemas de respostas, um baseado no outro. O nível superior só pode ser compreendido em termos de suas relações com o inferior. A noção de um eu interior constitui um esforço para representar o fato de que, quando o comportamento é composto desta forma, o sistema superior parece guiar ou alterar o inferior. Mas o sistema de controle também é em si mesmo comportamento. O falante pode "saber o que está dizendo" no sentido de que "conhece" qualquer parte ou traço do ambiente. Parte de seu conhecimento (o "conhecido") serve como variável no controle das outras partes ("conhecendo"). Tais "atitudes propositivas", como a asserção, a negação, a quantificação, o plano obtido por meio da revisão, da rejeição ou da emissão de respostas, a geração de certa quantidade de comportamento verbal apenas enquanto tal e as manipulações altamente complexas do pensamento verbal podem, todas elas, como veremos, ser analisadas em termos de comportamento, que é evocado por outro comportamento do falante ou atua sobre ele.

O falante é o organismo que se engaja num comportamento verbal ou que o executa. É também um lugar no qual certo número de variáveis se reúnem numa única confluência para produzir um acontecimento também único.

Autoclíticos Descritivos

O falante pode adquirir um comportamento verbal descritivo de seu próprio comportamento. Embora a comunidade possa estabelecer tal repertório apenas fundamentando suas contingências reforçadoras num comportamento observável, o falante o exibe eventualmente sob o controle de acontecimentos privados. O comportamento assim descrito pode ser verbal: o falante pode falar sobre si mesmo enquanto falante. Ele pode descrever as respostas que deu, que está dando ou que dará. Por exemplo: pode dizer *Eu disse "Cabeças"* ou *Eu agora estou dizendo "Cabeças"* ou *Eu direi "Cabeças".* Ele também pode descrever o estado de força de tal resposta, bem como suas relações de controle. Ao fazê-lo, ele pode usar qualquer vocabulário delineado para a descrição do comportamento verbal, inclusive este, no qual este livro está escrito. Os fatos de que pode dispor como estímulos são constituídos pelos produtos de seu próprio comportamento enquanto falante. Ele pode ouvir-se a si próprio e reagir a estímulos privados associados com um comportamento vocal, possivelmente de forma encoberta, ou mesmo incipiente. Num caso mais óbvio, ele pode ler o que escreveu. Já recorremos à auto-sugestão ao discutir o comportamento auto-ecóico, autotextual e auto-intraverbal, bem como certos efeitos do falante que atua como seu próprio ouvinte e auditório. Tal estimulação também pode assumir o controle do operante verbal chamado *tacto.*

As contingências necessárias para o comportamento auto-descritivo são organizadas pela comunidade quando esta tem motivos para perguntar "O que é que você

disse?" "Você disse isto?", "Por que você disse isto?" c assim por diante, pois as respostas são úteis de várias maneiras. Não é provável que tal comportamento surgisse sem a presença de um reforço explícito; todavia, ele permanece raro, mesmo quando fortemente encorajado pela comunidade, como diz Russell:[121]

Quando você vê um objeto preto e diz "isto é preto", regra geral você não está reparando que você disse essas palavras: você sabe que o objeto é preto, mas não sabe que você disse que ele o é.

Ainda que seja possível que tal "conhecimento" possa ser não-verbal, as contingências que geram uma resposta às próprias respostas verbais de alguém são improváveis na ausência de reforço social. Como já vimos, é porque nosso comportamento é importante para os outros que ele se torna eventualmente importante para nós.

A possibilidade de que possamos *tactar* nosso próprio comportamento verbal, incluindo suas relações funcionais, não exige um tratamento especial. Podemos estudar e descrever o que dissemos ou escrevemos ontem, assim como podemos estudar e descrever o que outra pessoa disse ou escreveu em outra ocasião qualquer. È verdade que nossa posição é especialmente vantajosa quando descrevemos nosso comportamento atual ou potencial, mas podemos também descrever o comportamento atual ou potencial de outra pessoa acerca da qual tenhamos informações semelhantes. O tipo de comportamento autodescri-tivo que exige um estudo suplementar surge de um efeito especial no ouvinte. A explicação definitiva de qualquer tipo de comportamento verbal depende da ação que o ouvinte executa em relação a ele. Uma ação eficaz requer um estímulo verbal que é "inteligível" no sentido de claro e bom som, e que permanece numa relação razoavelmente estável com as condições nas quais ele foi emitido. Quando perguntamos "Você viu o que aconteceu, ou alguém lhe disse?" estamos pedindo informações suplementares acerca das relações de controle. Em suma, estamos perguntando: "Sua resposta foi um *tacto* ou uma resposta ecóica ou intraverbal ao comportamento verbal de outra pessoa?" Pelo fato de as relações de controle serem tão importantes, os ambientes verbais bem desenvolvidos encorajam o falante a emitir respostas colaterais que as descrevem. Tais respostas, num sentido, assemelham-se a outros *tactos* descritivos do comportamento do falante (no momento ou em outro momento qualquer), ou mesmo do comportamento verbal de outra pessoa qualquer, mas o efeito imediato sobre o ouvinte, modificando sua reação ao comportamento de que ele participa, estabelece um padrão característico. Nós nos referimos a essas respostas quando associadas com outro comportamento verbal eficaz sobre o mesmo ouvinte e, ao mesmo tempo, como "autoclíticos" descritivos. O termo "autoclítico" pretende

[121] Russell, Bertrand, *An Inquiry into Meaning and Truth,* Nova Iorque, (1940) p. 72.

sugerir um comportamento que se fundamenta em (ou que depende de) outro comportamento verbal.

Um tipo de autoclítico descritivo informa o ouvinte acerca do tipo de operante verbal que o acompanha. Se um falante está lendo um jornal e observa *Vejo que vai chover,* esse *Vejo* informa o ouvinte de que *vai chover é* emitido como uma resposta textual. O comportamento adquirido como um comportamento textual ou ecóico, mas que é conservado e emitido como intraverbal, é precedido muitas vezes por *Vejo* ou *Ouvi,* sem indicação da fonte original, *Eu me lembro* ou *Lembraram-me.* Um *mando é* mais claramente eficaz se precedido por *Eu lhe peço* ou *Exijo,* e vários tipos de *tactos* são prefaciados por *Eu lhe digo, Eu lhe estou dizendo, Eu declaro (um estado de guerra), Eu observei (que ele estava ausente hoje), Eu considero (uma vergonha),* e *Eu os declaro (marido e mulher). Eu me lembro* indica um *tacto* (ou uma resposta intraverbal) dada a um estímulo que não está mais presente. *Eu me lembro* tende mais a indicar a ação de um estímulo *verbal* anterior. Em cada caso, o autoclítico que descreve o comportamento do falante poderia ser omitido, mas a resposta seria menos eficiente para o leitor.

Outro grupo de autoclíticos descreve o estado de força de uma resposta. *Julgo, Calculo, Creio, Imagino e Suponho* indicam que a resposta que se seguirá baseia-se numa estimulação insuficiente, ou que foi pobremente condicionada. *Não posso dizer, Hesito em dizer, Desejo acrescentar* sugerem outras fontes de fraqueza. *Proponho, Sugiro, Suponho* revelam a natureza experimental da resposta que se segue. Um autoclítico de fraqueza, muito controvertido e ao qual voltaremos no capítulo 19, *é Penso.* A força da resposta que se segue e, por isso, indiretamente, a inadequação das variáveis responsáveis por ela, é sugerida pelos autoclíticos *Eu sei, Eu lhe asseguro, Insisto, Juro, Prometo* e *Direi.* Todos estes autoclíticos de força poderiam ser omitidos sem mudar a *natureza* do efeito sobre o ouvinte, mas eles tornam esse efeito mais preciso por permitirem que o ouvinte modifique conseqüentemente, e de forma apropriada, a sua ação.

Outro grupo de autoclíticos descreve as relações entre uma resposta e outro comportamento verbal do falante ou ouvinte, ou outras circunstâncias nas quais o comportamento é emitido. Exemplos importantes são Eu concordo, Confesso, Espero, Concedo, Infiro, Prevejo, Ouso dizer, Devo dizer, Posso dizer, Replico, Eu diria e Eu quero dizer. Todos esses exemplos permitem que o ouvinte relacione a resposta que se segue a outros aspectos da situação em curso e, por isso, permitem que o ouvinte reaja a ela de forma mais eficiente e bem-sucedida. Outro autoclítico controverso é Eu desejo. Quando a resposta que se segue especifica o comportamento do ouvinte {Eu desejaria que você me dissesse o que quer), ele tem o efeito de um mando atenuado que eqüivale a Queira dizer-me, o que você deseja? ou Sinto-me inclinado a perguntar-lhe o que você deseja. Quando a resposta que se segue descreve simplesmente uma condição {Eu desejaria que já estivéssemos na

primavera), o autoclítico sugere um mando ampliado ou mágico, semelhante a O to be in England now that April's there ["Oh! estar na Inglaterra agora que é abril"].

Outro grupo de autoclíticos descritivos indica a condição emocional ou motivadora do falante, mas afeta o ouvinte não tanto no que tange à modificação de sua reação à conseqüente resposta como no que diz respeito à acentuação de sua relação pessoal com o falante. São exemplos Sinto-me feliz em dizer, Sinto informá-lo, Detesto dizer e Devo dizer-lhe (que não concordo com você).

É tão importante para o ouvinte ter alguma indicação acerca das fontes do comportamento do falante, que em muitas comunidades é apenas uma questão de boas maneiras começar a falar com um desses autoclíticos. Às vezes o caráter do comportamento do falante é óbvio e não há necessidade de nenhum autoclítico; mas ao "iniciar" uma conversa em circunstâncias que poderiam ser chamadas de neutras, um autoclítico descritivo é quase que exigido. Dizem, Lembro-me ou Ouvi outro dia (acerca de um novo plano...).

Quase todos esses exemplos contêm palavras que se referem ao comportamento verbal, como dizer, repetir, admitir, etc. Todas elas são aplicáveis ao comportamento de outros falantes e ao comportamento do próprio falante, quando não exercem uma função autoclítica. Por exemplo: todas elas podem descrever o comportamento passado do falante, ou o comportamento do falante em relação a outros ouvintes. Em Estou hesitando em lhe dizer que você pode não falhar no exame, a resposta hesitando em dizer não esclarece nem modifica a reação do ouvinte ao exemplo original Você pode falhar no exame. Isto inclusive, poderia ser verdade quando conjugado no presente. Estou pronto a dizer que você será bem sucedido no primeiro exame, mas hesito em dizer que você seja aprovado no segundo {isto lhe dará uma idéia da incerteza de meu estado de espírito) pode não apresentar o efeito autoclítico da forma normal Hesito em dizer, uma vez que é apenas o relato de um estado de coisas relativamente não-afetado pela possível reação do ouvinte.

Os autoclíticos negativos qualificam ou cancelam a resposta a que eles se seguem, mas envolvem o fato de que a resposta é forte por alguma razão, por exemplo, de que foi produzida por outrem. Mesmo o autoclítico negativo simples em *Não penso que ele tenha ido é* mais do que *Penso que ele não foi,* uma vez que é característico de circunstâncias nas quais alguém pode ter dito *Ele foi.* Alguns autoclíticos sugerem que a resposta a que eles se seguem não é forte, mas apenas exagerada. Por exemplo, *Eu não iria ao ponto de dizer... , Eu não o chamaria (de temerário rematado), Eu não digo (que seja sério).* A referência a outras fontes de respostas é mais explícita em *Eu não me lembro* e *Eu não admitiria.*

Entre os autoclíticos indicativos de que o falante não está emitindo uma resposta de acompanhamento própria incluem-se *Eu duvido* e *Eu nego.* As formas negativas

desses casos *(Eu não duvido* e *Eu não nego)* indicam, por conseguinte, que a resposta de acompanhamento é afirmada pelo falante, apesar de ter sido posta em dúvida por outras circunstâncias.

Os autoclíticos negativos funcionam às vezes, em conexão com o processo de correção para *permitir* que o falante produza uma resposta, embora, nas presentes circunstâncias, ela possa ser punida, ao menos brandamente. Assim *Não suponho que você tenha fósforos é* uma forma encoberta de *Pode dar-me um fósforo?* a qual, por sua vez, é uma forma suave do "mando" *Fósforos, por favor! Eu não preciso lhe dizer...* retarda a força do comportamento do ouvinte e evita a punição contingente ao fato de ser excessivamente óbvio. Um expediente semelhante consiste em descrever nosso próprio comportamento relatando-o a outro ouvinte: *Eu, às vezes, digo a mim mesmo* ou *Eu, às vezes, digo a minha mulher,* mas aqui o efeito não é informar o ouvinte acerca de nossos hábitos verbais, mas deixá-lo ouvir a resposta que se segue. Em algum grau, todos estes expedientes são equivalentes ao autoclítico *Eu gostaria de perguntar, Eu gostaria de mencionar* ou *Eu gostaria de dizer.*

Embora muitos autoclíticos sejam normalmente seguidos por sentenças, eles também podem ser seguidos por formas pronominais que ocupam o lugar das sentenças (tal como *isto* em *Eu nego isto* ou *assim* em *Eu penso assim)* ou por sentenças isoladas, cuja posição numa fala mais ampla é clara *(Eu digo Sim, Eu voto Não).*

Os autoclíticos que não descrevem o tipo, a força ou o modo de uma resposta, mas apenas indicam que a resposta está sendo emitida, podem exercer várias funções. A forma quase idiomática *Eu disse* como em *Eu disse, meu velho é* pouco mais que um *mando* para a atenção do ouvinte. Trata-se de um aviso de que o falante está se preparando para falar. Às vezes, isso é um gesto de deferência e chama a atenção para o fato de que o que está sendo dito só está sendo dito pelo falante. Nesse caso, o pronome *Eu* freqüentemente é omtido: *Em minha maneira de pensar, Em minha opinião.* Por outro lado, um autoclítico pode indicar que aquilo que é dito não é apenas uma contribuição do falante, mas é também aceito pelo ouvinte ou pelas pessoas em geral *{Eles dizem, Pode sugerir-se, Você pode dizer, Você concordará, Assim para falar, Pode-se dizer, É verdade que, Como minha mulher sempre diz).* Formas negativas são *Espero que você não pense* e *Você não pretende dizer.* A referência para com o ouvinte é indicada por *Deixe-me dizer, Deixe-me perguntar, Se eu puder sugerir, Pode parecer a você, Sem querer contradizer, Embora você esteja indubitavelmente certo, ainda assim...* Uma antecipação do comportamento verbal do ouvinte é indicada em *Você talvez não concorde, Você pode imaginar, Poder-se-ia responder, Podemos dizer, Você teria a tentação de responder, Posso ouvi-lo dizendo.*

Alguns autoclíticos indicam ao ouvinte que aquilo que vai ser dito deve ter o mesmo efeito que o que acabou de ser dito *(digamos assim, em outras palavras, quer*

dizer). Outro autoclítico comum indica que o que se segue mantém uma relação de subordinação com o que foi dito *(por exemplo, exemplificando).*

Como em alguns destes exemplos, o falante não precisa ser mencionado especificamente. Advérbios ou adjetivos que "modificam" a resposta que acompanham, e que são claramente autoclíticos em sua função, seriam os seguintes: *felizmente, seriamente, afortunadamente, é inútil dizer. Por assim dizer* indica que a expressão que se segue é pouco usual, ou talvez não deve ser entendida literalmente, enquanto que *cunhar uma frase* indica que a resposta que se segue ou é um neologismo ou, ironicamente, é muito conhecida. Uma fonte intraverbal é indicada pelo começo *Falando em transporte de vegetais* e, num auditório restrito, *Entre ele e mim.* A função autoclítica também pode ser exercida por um olhar malicioso ou por certo tom de voz. Um certo tipo de risada nervosa tem uma função autoclítica equivalente a *Eu digo, mas espero que você não pense que eu quis dizer...*

Já se fez, algumas vezes, distinção entre uma linguagem que fala de coisas e uma linguagem que fala de linguagem. Esta é essencialmente a força da distinção que Carnap estabelece entre uma linguagem-objeto e uma metalinguagem.[122] Não é, todavia, a distinção estabelecida pelo termo autoclítico. Uma vez ocorrido o comportamento verbal, ele se torna objeto do mundo físico e, por conseguinte, pode ser descrito como qualquer outro objeto. Não há nenhuma razão para distinguirmos o vocabulário especial ou a sintaxe com que tal descrição é feita. As formas de respostas usadas nas expressões autoclíticas também são usadas na descrição do comportamento verbal como um objeto, e isto torna difícil a distinção autoclítica. Todavia, trata-se de uma distinção extremamente importante, como veremos a seguir. Ortograficamente, cancelamos a função autoclítica com aspas. *Eu digo que ele está certo* contém um autoclítico. *Ele està_ certo* pode subsistir sozinho e ser eficaz, mas o acompanhante *Eu digo* especifica um efeito usual especial sobre o ouvinte. *Eu digo "Ele está certo"* transfere a ênfase para *Eu digo;* o falante está dizendo ao ouvinte algo sobre seu comportamento verbal comum, mas pode não estar interessado em saber se o falante reage à situação descrita por *Ele está certo.*

O *Eu digo,* na citação indireta *Eu digo que ele está certo,* também não é estritamente um autoclítico, embora possa ocorrer como tal. Um teste conveniente consiste em perguntar se a resposta poderia ocorrer da mesma maneira numa declaração, ao se descrever, por exemplo, um comportamento verbal passado. *Eu disse "Ele está certo" é* uma resposta idêntica, sob todos os aspectos, a *Eu digo "Ele está certo".* A citação indireta *Eu disse que ele estava certo,* com a mudança de tempo dos dois verbos, revela a função não-autoclítica do caso no presente. Isto pode parecer uma distinção

---

[122] CARNAP, Rudolph, *Logical Sintax of Language,* Nova Iorque (1934).

excessivamente sutil, mas um único exemplo mostrará quão necessária ela pode ser algumas vezes. A resposta *É verdade que eu estava ausente* contém um autoclítico (*É verdade)* que modifica o efeito do acompanhante *Eu estava ausente* ao indicar que ele é emitido apesar das variáveis que tendem a suprimi-lo. Nesse sentido, está muito próximo do *Eu admito.* Mas *verdade* ocorre em outras circunstâncias muito importantes. Uma vez que se refere ao comportamento verbal, ela não pode situar-se na linguagem primária ou dos objetos, como Tarski mostrou pela primeira vez. Nos termos de Carnap, ela pertence a uma metalinguagem. Mas a metalinguagem não é necessariamente autoclítica, embora partilhe os mesmos termos e possa conter respostas que têm uma função autoclítica. A sentença *Minha observação "Eu estava ausente" é verdadeira é* diferente de *É verdade que eu estava ausente.* A primeira é planejada para obter sobre o leitor um efeito relacionado com a verdade de uma sentença, enquanto que a última é planejada para obter sobre o leitor um efeito relacionado com a ausência do falante. Em circunstâncias menos controvertidas, a distinção é clara. A sentença *Admito que eu estava ausente é* autoclítica, mas a sentença *"Eu estava ausente" é uma admissão;* não só não *é* autoclítica como, obviamente, exerce uma função diferente. Da mesma forma, a sentença *Hesito em dizer que ele é um mentiroso* tem uma função autoclítica, enquanto que *"Ele é um mentiroso" é dito com hesitação* tem sobre o ouvinte um efeito relacionado com o comportamento do falante. (Como veremos dentro em pouco, a distinção que Bertrand Russell faz entre linguagem primária e linguagem secundária está mais próxima da distinção entre comportamento autoclítico e não-autoclítico do que a distinção de Carnap entre linguagem-objeto e metalinguagem.)

Os lógicos se interessaram pelas linguagens que descrevem a linguagem, em parte com o fim de resolver certos paradoxos. Consideremos, por exemplo, o paradoxo heterológico. Algumas palavras parecem descrever a si mesmas. Assim *short* ["curto"] é uma palavra curta e *English* ["Inglês"] é uma palavra inglesa. Chamemos tais palavras de homológicas. *French* ["Francês] não é uma palavra francesa, e *infinitesimal* não é uma palavra muito curta. Chamemos tais palavras de heterológicas. Então, *homológica é,* em si mesma, *homológica;* mas, o que dizer sobre *heterológica?* Se *heterológica é* heterológica, então ela não descreve a si mesma e deve ser homológica, mas, nesse caso, ela *é* heterológica. Este problema nada tem a ver com o comportamento autoclítico. A dificuldade surge da afirmação de que uma palavra pode descrever a si mesma. Nenhuma palavra descreve coisa alguma; na melhor das hipóteses, ela "é usada para descrever algo"; mas vimos que mesmo esta expressão tem suas dificuldades. Numa análise do comportamento verbal, deveríamos proceder aproximadamente da seguinte maneira. Consideremos um pequeno universo de palavras impressas, tais como *SHORT, INFINITESIMAL, ENGLISH* e *FRENCH* e admitamos um falante que possua tantos *tactos* como as respostas textuais. Então, com relação a alguns desses estímulos verbais, tanto as

respostas textuais como os *tactos* possuem a mesma forma. Alguém pode ler os tipos *SHORT* dizendo *short,* e pode descrevê-los dizendo *short.* Alguém pode ler os tipos *FRENCH* dizendo *French,* mas descrevê-los dizendo *English.*

Todavia, isto não resolve o paradoxo heterológico. Há certos *tactos* relacionados com o comportamento verbal que descrevem não apenas a forma, mas também as relações com as variáveis de controle. Por exemplo: uma palavra é *"apropriada",* não apenas em função de sua forma, mas também em função de sua relação com uma situação. Embora possamos ler a palavra *APROPRIADA* dizendo *apropriada,* não podemos dizer que a palavra é apropriada antes de saber algo mais sobre ela. *Homológica* e *heterológica* são palavras desse tipo. A pessoa alfabetizada pode ler estes dois exemplos dizendo homológica e heterológica, mas não pode descrevê-las com esses termos sem conhecer as circunstâncias em que elas ocorrem.

Mandos Sobre O Ouvinte

A função autoclítica começa a surgir de forma mais clara quando se particulariza uma ação mais específica sobre o ouvinte. O autoclítico começa a funcionar especificamente como um *mando,* A forma moderada *Eu anuncio* pode ser substituída, em certas circunstâncias, por *Veja!* ou *Olhe!* O *mando* generalizado *Oh!* pode ser encarado como uma ênfase em relação à função de mando daquilo que se segue. Um *tacto* forte pode ser precedido, em certas circunstâncias, por *Saiba, então...* A forma idiomática *I say* ["Eu digo"], como já indicamos, assemelha-se a *Ouça* ou *Olhe aqui,* que possuem a forma de mandos. Da mesma forma, *Pode crer, repare bem, Veja [por exemplo)* e *Entenda a coisa desta maneira.* A pontuação é um expediente autoclítico e, às vezes, é usada no discurso vocal com uma função claramente autoclítica. A resposta *Citado, Não-citado* inserida ao lado de uma palavra, eventualmente pronunciada com uma entonação especial, modifica claramente a reação do ouvinte, e uma sentença que termina por *Ponto final!* poderia, da mesma forma, terminar com o autoclítico *Isto é tudo o que eu tinha a dizer; façam o que quiserem com isto.*

Alguns *mandos* obrigam o ouvinte a construir um comportamento verbal adicional e a reagir a ele como se ele tivesse sido emitido pelo falante. O uso excêntrico de *Idem,* em lugar de repetição de uma frase é um exemplo. O refrão... *e vice-versa* obriga o ouvinte a construir uma sentença na qual os termos principais são trocados e a reagir a ela como se o falante também a tivesse emitido.

Uma classe especial de respostas que não especificam diretamente o comportamento do ouvinte, mas que possuem uma função semelhante ao desencadear, paralisar ou desviar suas reações muitas vezes é difícil de ser parafraseada e é quase impossível traduzi-la de uma língua para outra. Tais respostas também tendem a ser usadas

pelos diferentes falantes. Alguns exemplos são *Pois bem! Então! Ora! Então...* (como em *Então, seu patife!) Não! Não diga!* e a expressão terminal *Então, a coisa é essa* que tem o efeito de *Agora reaja a isto, por favor.*

Um tipo mais sistemático de *mandos* sobre o leitor especifica certo comportamento envolvido no pensamento verbal (capítulo 19): *Supondo-se ... , Digamos que X é igual a ... , Consideremos a equação ...* e assim por diante.

Autoclíticos Qualificados

O autoclítico descritivo indica algo acerca das circunstâncias nas quais uma resposta é emitida, ou algo acerca da condição do falante, incluindo a força de seu comportamento verbal. *Mandos* um pouco mais explícitos sobre o ouvinte estão envolvidos com o problema prático de tornar uma resposta eficaz sobre ele, ainda que eles não alterem a natureza de sua reação. O ouvinte pode reagir de forma mais positiva ou mais hesitante, mas a ação que ele empreende permanece inalterada, porque os autoclíticos não qualificam a relação entre a resposta que se segue e uma dada situação. Um grupo muito importante de respostas, grupo que já foi objeto de amplas análises lógicas e lingüísticas, exerce esta função autoclítica de qualificação do *tacto,* de tal forma que a intensidade ou a direção do comportamento do ouvinte são modificadas.

Negação

O exemplo mais discutido é possivelmente o não. Qual é o referente desta resposta (ou de suas formas relacionadas *nem, nunca* e *nada)?* Numa análise lógica ou lingüística, podemos dizer que o referente de *não-cbuva* é a ausência de chuva, mas isto é claramente impossível numa descrição causai. Se a ausência de chuva evoca esta resposta, por que não emitimos um dilúvio tremendo de respostas sob o controle de ausência de milhares de outras coisas? A solução tradicional, que parece aplicar-se aqui, é a que afirma que deve haver alguma razão para dizer *ESTÁ chovendo* todas as vezes que dizemos *NÃO está chovendo,* Russell acha que a razão é sempre verbal. Alguém pergunta *Está chovendo?* e nós respondemos *Não, não está chovendo.* "Assim", diz Russell, "as proposições negativas surgirão quando você é estimulado por uma palavra e não por aquilo que usualmente estimula a palavra".[123]

Mas, em geral, o estímulo que controla a resposta à qual se acrescenta o *não é* não-verbal. *Chuva* pode ser uma resposta a um estímulo semelhante: algumas gotas de

[123] RUSSELL, op. cit., p. 62.

um regador de grama do outro lado da sebe, por exemplo. A resposta *está chovendo* revela então uma extensão genérica ou metafórica. Ou um acompanhamento comum da chuva — digamos, um céu ameaçador — pode evocar a resposta como um exemplo de metonímia. A natureza ampliada do *tacto* é sugerida pela resposta alternativa mais comum: *PARECE que é chuva* (ver abaixo). Outras respostas às quais se acrescenta o *não* podem ser intraverbais; alguma contigüidade irrelevante de uso pode ter fortalecido uma resposta que, se não-qualifiçada, teria um efeito impróprio sobre o ouvinte. Em cada caso, é emitida uma resposta com alguma força, mas ela o é em circunstâncias nas quais ela não é reforçada como um *tacto* pela comunidade verbal e pode até mesmo ser punida. Esta condição adicional, agindo sobre o falante, é a ocasião para acrescentar o autoclítico «5o.

O efeito do «5o é claro quando ele é emitido como um *mando* que especifica a cessação do comportamento não-verbal por parte do ouvinte. Observamos que alguém está prestes a realizar um ato perigoso e gritamos nao! Uma cantora falha numa nota alta e emite um semitom, e nós também gritamos não! Dizemos não! às crianças para que interrompam ações indesejáveis — por exemplo, o manuseio de objetos frágeis. Por uma espécie de extensão mágica, também emitimos o *mando* quando é tarde demais e o objeto já se despedaçou. A resposta estende-se, naturalmente a atos verbais. Uma criança diz *Dois mais dois são cinco,* e nós dizemos *Não!* Isto não anula o caso presente, da mesma forma que não salva o objeto quebrado, mas pode evitar que tais casos se repitam, permitindo uma resposta correta. (Pode também funcionar como punição, como vimos.) Nas mesmas circunstâncias, podemos ampliar o mando para a forma *Não diga isto!* Como veremos no Capítulo 19, às vezes nós mandamos nosso próprio comportamento como ouvintes, como quando procuramos pegar um confeito ou um cigarro e dizemos *Não!* e nos detemos. Fazemos o mesmo com relação a nosso comportamento verbal, como na resposta: *Foi durante a administração do Presidente Roosevelt - não, de Truman ...* onde o *não* serve para cancelar a resposta *Roosevelt* e abrir caminho para *Truman.*

A resposta é adquirida a partir das práticas de reforço da comunidade verbal. A criança ouve o *Não* pela primeira vez numa ocasião em que alguma atividade em curso deve ser suspensa, para receber reforço positivo ou para evitar uma estimulação aversiva. Quando, posteriormente, a criança se dedica à mesma atividade, ela recria uma ocasião na qual a resposta *Não! é* forte. Em tais ocasiões, ela está especialmente propensa a receber um reforço generalizado para a resposta verbal. Se, como resultado de seu próprio *Não!,* a criança deixa de se comportar de uma maneira específica, ela pode ser automaticamente reforçada pela redução de uma estimulação aversiva condicional. Uma criança de dois anos foi ensinada a não tocar nos objetos pelos pais que, em vez de dizerem *Não!,* sacudiam a cabeça em sinal de não. A criança adquiriu o comportamento de, ao se aproximar de um objeto

proibido, tocá-lo, parar e sacudir a cabeça. O movimento de cabeça foi transferido para seu próprio comportamento verbal, da mesma forma que o *Não é* transferido.

Mais tarde, o comportamento de dizer *Não* estende-se às respostas verbais. Se a criança se surpreende dizendo *Vermelho* em circunstâncias nas quais a resposta é caracteristicamente seguida pelo *Não!* do ouvinte, ela mesma dirá *Não!* Isto funcionará inicialmente como uma correção, seguindo-se a emissão real da resposta, mas poderá, mais tarde, acompanhar uma resposta como um autoclítico genuíno. Por causa das práticas padronizadas da comunidade verbal, uma resposta como *Vermelho -não* ou *Não-vermelho* assume eventualmente a forma *Não vermelho.* No exemplo que acabamos de citar, a criança emitiria a resposta — p. ex., *Isto é meu* — em circunstâncias impróprias e a faria acompanhar por um sacudir de cabeça. A resposta combinada seria equivalente a *Isto não é meu.* (Os estímulos que continuam a reforçar o *Vermelho* e que por isso continuam a produzir o qualificativo *Não vermelho* são apenas as situações semelhantes a vermelho. O azul não só não evocará *Vermelho,* como também não evocaria *Não vermelho.* Uma laranja forte e avermelhada poderá, todavia, produzi-los. Uma estimulação verbal adicional — por exemplo, a sugestão ecoica *vermelho* — pode, é claro, evocar a resposta *Não vermelho* na presença de um objeto azul.)

A resposta *Não,* como um exemplo de autoclítico qualifi-cador, tem a força de um *mando. Grosso modo,* ela poderia ser traduzida por *Não aja em relação a esta resposta como se ela fosse um tacto não-ampliado.* A resposta torna-se intimamente associada à resposta que ela qualifica, mas sua independência sobrevive, como se pode ver quando ela é usada "de forma absoluta", como nos exemplos dados acima. Podemos ver que ela não "se refere a uma propriedade ou a uma situação, mas a uma resposta dada a uma situação", considerando três exemplos: *a) Jones está doente;* b) *Jones não está bem;* c) *"Jones está bem" é inexato*[124] Embora as três resposta possam ser emitidas diante da mesma situação no que diz respeito a Jones, elas não constituem exemplos da mesma resposta, e apenas uma delas, (b), contém um autoclítico. Tais respostas diferem em seus efeitos momentâneos sobre o ouvinte (e, indiretamente, sobre o falante) bem como nas circunstâncias colaterais que as geram. Em (a), *doente* refere-se a uma propriedade observável de um estímulo, assim como *alto,* ou *equilibrado sobre a cabeça,* (b) pode ser evocada pela mesma situação, mas envolve uma tendência para dizer *bem.* Uma tendência para evitar *doente* pode bastar. Por exemplo: o falante assegurou previamente o ouvinte de que Jones não estava doente e, por isso, *Jones está doente* tem conseqüências punitivas especiais; ou outra pessoa pode ter dito que *Jones está bem.* (O autoclítico *não* tem funções ligeiramente diferentes

[124] Ver uma discussão semelhante em QUINE, W. V., *Journal of Philosophy, 39* (1942), pp. 68-71.

nos dois casos, que funcionam como *Eu admito que estava errado ao dizer que Jones estaria bem,* no primeiro caso, e como *Nego que Jones esteja bem,* no segundo.) A resposta (c) é emitida quando o falante está discutindo a resposta *Jones está bem* como algo objetivo. Ele próprio pode tê-lo dito, o ouvinte pode tê-lo dito, ou pode tratar-se de uma notícia corrente. Nada, no comportamento do ouvinte em relação a Jones, ou à doença de Jones, precisa ser importante para o falante no momento. Um ouvinte que esteja agindo com base na suposição de que Jones está bem poderá mudar seus planos ao ouvir a resposta *"Jones está bem" é inexato* e, em circunstâncias excepcionais, o falante pode emitir essa resposta por causa de seu efeito sobre o ouvinte; mas as circunstâncias nas quais as três respostas são dadas normalmente permitem uma distinção útil.

Os autoclíticos descritivos e qualificadores podem combinar--se, e mais de um caso de cada um deles pode ocorrer numa única resposta. Em geral as distinções são de natureza prática. Assim, *É verdade que ele não é simpático* e *Não é verdade que ele seja simpático* são respostas diferentes dadas em circunstâncias diferentes. Não há razão para que continuemos a analisar ou a parafrasear esse material.

Expressões padronizadas que incluem *não* e que tenham sido adquiridas como respostas unitárias podem não indicar qualquer atividade autoclítica num caso dado. *Ele não está nada bem* pode funcionar como uma resposta padronizada sob o controle de uma situação que pode controlar também *Ele está enfermo.* Tal resposta também pode levar à sugestão de "uma certa relutância em dizer *doente"*, mas isto não é essencial. Se, ao comentar um desempenho, alguém diz *Nada mal! Nada mal!* em lugar de *Bom! Bom!* (a figura retórica chamada "litotes"), isto pode revelar alguma tendência sobrevivente para dizer *mal,* embora seja provável que tal não aconteça. Além das formas padronizadas de respostas contendo *não,* há muitas seqüências intraverbais responsáveis por respostas nas quais, ou não existe uma função autoclítica, ou tal função é insignificante. A negação genuína talvez seja quase tão rara quanto a verdadeira extensão metafórica ou metonímica. Os afixos que desempenham uma função autoclítica tendem particularmente a serem assimilados pelas formas padronizadas. Um céu sem sol é um tipo de céu, e a resposta *sem sol* pode ser determinada simplesmente quanto *nublado.* A resposta deve ter-se originado em circunstâncias (que, indubitavelmente, ainda ocorrem) nas quais a resposta *sol* foi emitida e à qual, em seguida, o falante acrescentou o autoclítico *sem.* Eventualmente, a resposta é controlada, não pela ausência de sol, mas pela presença de um céu cinzento.

Asserção

Assim como um *Não!* pode fazer com que o ouvinte pare, um *Sim!* o encoraja a continuar. *Não!* serve como punição, *Sim!* como reforço positivo. Asssim como *Não!*

anula uma declaração *(Vota em X? Não!), Sim* destaca essa declaração (*Vota em X? Sim).* Infelizmente *Sim* preserva sua individualidade, pois só aparece em posição "absoluta". Suas funções autoclíticas são desempenhadas em amostras mais amplas de comportamento verbal mediante respostas fragmentárias, difíceis de serem interpretadas, porque também desempenham outras funções. A afinidade de *é* com *Sim é* aparente no acoplamento comum *Sim, é.* Sua função, enquanto autoclítico descritivo, é revelada comparando-se exemplos tais como *acho que é Joe* e *É Joe.* A primeira resposta sugere fraqueza, por meio do autoclítico descritivo *acho. A* segunda sugere força, por meio do enfático *é.* Usualmente, a função assertiva simples de *é* é clara quando ocorre em respostas tais como *É* ou *Há. (É um antigo marinheiro* e *Há um homem à sua procura.)*

Mas *is* ["é"], assim como os outros autoclíticos de afirmação [em inglês, *is;* em português, *é* e *está],* desempenha outras funções. Por exemplo: ele é controlado, em parte, por características temporais de estímulo (indica, como vimos, o presente). As duas funções podem ser separadas. A força assertiva é comum a *é* e a *era,* mas diferentes aspectos temporais do estímulo controlam as duas formas. Se alguém diz *It was raining* ["Estava chovendo"] e respondemos *It is raining* ["Está chovendo"] nossa resposta é equivalente a *It is raining NOW* ["Está chovendo AGORA"]. Nós acentuamos o *is* ["está"] para descrever um aspecto temporal. Mas quando alguém diz *It isn't raining* ["Não está chovendo"], e respondemos *It Is raining* ["ESTÁ chovendo"], nós o acentuamos, assim como poderíamos acrescentar a forma coloquial *so (It is so raining)* para trazer à luz a função autoclítica. Tanto o *so* como um *is* ["é, está"] produzem o efeito de *certainly* ["certamente"] *(certainly it's raining),* e de *of course* ["é claro"] *(Of course it'is raining!),* e de outros autoclíticos descritivos já mencionados.

Embora a resposta *is* ["é"] seja uma função de outras variáveis, algumas das quais ainda temos que discutir, o componente autoclítico atua sobre o ouvinte para reforçar sua reação à resposta que ele acompanha. O autoclítico afirmativo obriga o ouvinte a aceitar determinada situação. Ele deve, por isso, assim como o *não,* ser classificado como um tipo especial de *mando.* Qualquer condição colateral que tenda a enfraquecer a resposta do ouvinte (por exemplo, uma recusa por parte de alguém ou um conjunto duvidoso de circunstâncias) leva o ouvinte a intensificar o autoclítico afirmativo. As crianças, menos coagidas pelos paradigmas gramaticais intraverbais que serão vistos no Capítulo 13, usam o *é* em sua função puramente assertiva numa contradição lógica como (A): *Ele é assim!* (B): *Ele não é!* (A): *Ele é!* (B): *Não é!* (A): *É ...* Tal comportamento continua forte, mesmo depois que a resposta afirmada e negada foi esquecida.

Já se disse algumas vezes que a palavra é inanimada, mas que a linguagem adquire vida na sentença. As palavras por si mesmas nada dizem; é a sentença que contém uma asserção. Não é disto que trata a presente distinção. As respostas primárias, às

quais se acrescenta uma autoclítico afirmativo, não são de forma alguma inertes. Elas são operantes verbais, resultantes de uma história de reforço e existem em certos estados de força. Em circunstâncias apropriadas, as respostas ocorrem sem qualificação autoclítica. Isto é reconhecido por Russell,[125] que afirma que, na linguagem dos objetos, "cada palavra isolada constitui uma asserção", mas este uso do termo tende a confundir duas funções. Russell argumenta que a asserção de uma única palavra é diferente da asserção da linguagem secundária, porque não tem antítese, mas este é um expediente lógico, sem paralelo próximo na análise funcional. Mediante as contingências de reforço analisadas na II Parte, a comunidade. verbal torna provável que, em certas circunstâncias, o falante venha a emitir formas específicas de respostas. Basta pois de "asserção da palavra". Qualquer exemplo dado de tal resposta é de pequena importância para o ouvinte, se for dado sem qualquer indicação das circunstâncias nas quais ela foi emitida. Se eu souber que alguém disse *lobo,* e nada mais, a resposta será de pouca utilidade. O falante pode estar gritando por socorro, descrevendo um animal no zoológico, lendo um cartaz, repetindo algo que ouviu, ou completando a frase *Grande e mau...* Um autoclítico aguçará o efeito, indicando algumas fontes de força, bem como o grau de força. O autoclítico afirmativo tem a função específica de indicar que a resposta é emitida como um *tacto* ou, em certas circunstâncias, como um intraverbal. Outros operantes verbais são caracteristicamente não-afirmativos. O *mando* não precisa ser afirmativo, por causa das contigências reforçadoras responsáveis por ele e, no comportamento ecóico e textual, as condições importantes para o ouvinte são as que prevalecem quando o estímulo ecóico ou textual foi produzido por outra pessoa. O autoclítico afirmativo indica também que certos limites de controle do estímulo foram respeitados — no caso presente, indicam que a resposta não foi produzida apenas a partir da figura de um lobo, de algo parecido com um lobo, de uma sombra, e assim por diante. (A situação é descrita mais extensamente na predição e na construção de sentenças mais elaboradas, como veremos no capítulo seguinte.)

Outro tipo de autoclítico afeta a reação do ouvinte indicando o tipo ou o grau de extensão de um *tacto.* Quando respondemos a um estímulo novo com uma resposta sob o controle de uma propriedade contingente, embora o estímulo seja de outro modo fora do comum, indicamos a extensão com um autoclítico tal como *uma espécie de* ou *um tipo de (É uma espécie de cadeira* ou *É um tipo de marrom).* Pode-se observar a adequação dos termos *tipo* e *espécie* à extensão *genérica.* Um autoclítico como esse afirma a presença de uma cadeira ou da cor marrom, mas qualifica a asserção de uma maneira tal que o ouvinte fica preparado para um caso pouco

[125] RUSSELL, *op. cit.,* p. 92.

comum. A extensão do *tacto* ao longo de um série contínua de intensidade ou grandeza é indicada pelo uso coloquial. *É mais ou menos duro. É quase pesado.* Quando a extensão é metafórica, usamos um autoclítico tal como *tão* ou *como,* ou o sufixo — *mente* ou *como, parecido, semelhante, igual.* Assim, uma *aparição semelhante a um fantasma* adverte o ouvinte de que a aparição não é realmente um fantasma. *Ele ê como um leão* sugere que a propriedade que levou à resposta *leão* não é a propriedade considerada numa classificação zoológica. Em *brilhante como o sol, como* qualifica o *sol,* mas não *brilhante;* o que quer que esteja sendo descrito *é* brilhante, mas é apenas *como* o sol.

Há autoclíticos que sugerem outros tipos de aproximação. Quando a correspondência com um estímulo apropriado é, em certa medida, uma questão de acaso, uma forma de *por acaso* tende a ser usada. Muitos exemplos envolvem a "descrição de acontecimentos futuros". Em inglês, a forma coloquial obsoleta *happen* ["talvez"] como em *Happen he won't come* ["Talvez ele não venha"] sobrevive na forma obsoleta *may hap* ["quiçá"], e em *perhaps* ["talvez"]. Os autoclíticos descritivos, que indicam o estado de força do comportamento do falante, também podem ser mudados para indicar a probabilidade do evento descrito. *Ele é verdadeiramente nobre* pode ser interpretado como *Verdadeiramente, ele é nobre* ou mesmo *Eu diria que ele é nobre,* no qual a ênfase é dada à inclinação do falante a emitir a resposta *nobre* com relação ao sujeito objeto da consideração. Eles podem também sugerir, de forma mais direta, a razão pela qual o falante está inclinado a fazê-lo: as aparências do comportamento do sujeito são claramente de nobreza. Esta é a distinção entre *verily, he is noble* ["Verdadeiramente, ele é nobre"] e *He is very noble* ["Ele é muito nobre"]. Respostas tais como *provavelmente, certamente, talvez, indubitavelmente, verdadeiramente,* etc, são, na maioria das vezes, autoclíticos qualificadores, mais do que descritivos. A distinção depende de se o efeito sobre o leitor se relaciona com as inclinações do falante ou com as propriedades dos estímulos responsáveis por estas inclinações.

Autoclíticos Quantificadores

Um autoclítico afeta o ouvinte indicando quer uma propriedade do comportamento do falante, quer as circunstâncias responsáveis por essa propriedade. Tal distinção é importante na interpretação do processo lógico. Numa análise lógica ou lingüística da resposta *Todos os cisnes são brancos,* pode ser admissível dizer que *todos* se refere ou modifica *cisnes.* Contudo, numa descrição científica do comportamento verbal, não podemos supor que alguém responda a *todos os cisnes.* Na melhor das hipóteses, um homem pode responder a todos os cisnes em sua história pessoal. Ao descrever tal história *todos* é, de forma mais apropriada, considerado como equivalente a *sempre* ou a *é sempre possível dizer.*

Como um autoclítico, ele "modifica" toda a sentença e não apenas *cisnes.* Da mesma maneira, *alguns* pode ser traduzido por *algumas vezes é possível dizer* e *não,* como em *Nunca é possível dizer. A* lógica se interessa pelas inter-relações existentes entre os autoclíticos, em geral sem considerar o comportamento verbal primário ao qual eles se aplicam. A lógica não se interessa pelos cisnes, mas pelas sentenças. No momento, só estamos interessados em notar que *todos, alguns* e *não* possuem efeitos autoclíticos ao modificar a reação do ouvinte as respostas que eles acompanham. A predicação não é essencial. Se. depois de examinar um aviário, um homem diz *Todos os cisnes,* ele sugere a extensão na qual sua resposta *cisne* se aplica à situação. Se ele diz *alguns cisnes* ou *Nenhum cisne,* ele sugere extensões diferentes. (Na predicação, como veremos, surgem problemas de quantificação porque a extensão dentro da qual duas ou mais respostas são dadas às propriedades do estímulo, bem como a extensão de sua associação devem ser indicadas ao ouvinte.)

Como em todos os autoclíticos, quando várias respostas que envolvem formas quantificadoras são adquiridas como unidades, nenhuma atividade autoclítica corrente está necessariamente envolvida. *Posso servir-me de um pouco de manteiga?* é um mando disfarçado que produz um efeito especial, no qual *um pouco* funciona no lugar de uma quantificação mais nítida de montante. *Pode dar-me 400 gramas de manteiga?* produz uma conseqüência diferente. Ambos podem ser emitidos em certas ocasiões, sem uma atividade autoclítica específica.

Os artigos *um* e *o* são autoclíticos quantificadores muito comuns, que funcionam no sentido de estreitar a reação do ouvinte ao indicar a relação entre uma resposta e o estímulo de controle. As circunstâncias em que dizemos *livro* são diferentes daquelas em que dizemos *o livro,* e ambas são diversas daquela em que dizemos *um livro.* Todas estas diferenças podem ser importantes para o ouvinte.

Algumas vezes, acrescentamos autoclíticos ao comportamento verbal de outro falante: acentuamos o que ele disse, dizendo *Verdade!* Qualificamo-lo, dizendo *Não!* Aplicamos também todas estas formas ao nosso próprio comportamento. Uma forma especial de autoclítico assertivo usado com respeito a outro falante é a modificação da forma *é* na forma *Assim seja* ou no *Amém* hebraico.

Na ausência de qualquer outro comportamento verbal, nenhum autoclítico pode ocorrer. Não dizemos simplesmente *quase, talvez, algum* ou *o.* Só depois de estabelecidos, com força, os operantes verbais do tipo discutido na II Parte é que o falante se vê sujeito às contingências adicionais que estabelecem o comportamento autoclítico.

Embora os autoclíticos sejam montados pela comunidade verbal, por causa de sua utilidade para o ouvinte, não devemos esquecer que o próprio falante é um ouvinte e pode, eventualmente, na condição de ouvinte, achar úteis seus próprios auto-

clíticos. Eles têm, por exemplo, um efeito importante no pensamento verbal, como veremos no capítulo 19.

CAPÍTULO 13

A GRAMÁTICA E A SINTAXE COMO PROCESSOS AUTOCLÍTICOS

Uma extensão da fórmula autoclítica permite-nos lidar com certas respostas verbais remanescentes (por exemplo *de, mas, senão* e *"shall"* [126]) e certos fragmentos de respostas que ocorrem nas "flexões", e nós permitirá também lidar com a ordem na qual respostas aparecem em amostras mais amplas do comportamento verbal. Estas, tradicionalmente, incluem o tema da gramática e da sintaxe. Não faz parte de nosso plano analisar detalhadamente as práticas gramaticais e sintáticas de qualquer língua, mas é preciso chamar a atenção para a natureza de tais práticas.

As análises puramente formais da gramática e da sintaxe (na qual, por exemplo, partes da fala são definidas em termos de propriedades formais, incluindo a freqüência ou a ordem da associação com outras partes assim definidas) são de pouco interesse para a nossa análise, pois, para nós, nenhuma *forma* de comportamento verbal é significativa quando separada de suas variáveis de controle. As visões tradicionais da gramática e da sintaxe, quando relacionadas com o "estudo das relações de idéias compreendidas num pensamento", encontram-se talvez mais próximas de nossa preocupação; contudo, mais uma vez, pouco lucraremos com o tratamento tradicional. Hoje se reconhece amplamente que a mistura da gramática com a lógica foi infeliz para ambas. Os traços acidentais da gramática grega e latina imprimiram sua marca sobre a lógica durante muitos séculos, e a lógica teve o desditoso efeito de sugerir a racionalização da gramática em termos de processos de pensamento. Podemos efetuar um tratamento novo dos dois campos mediante a

---

[126] Não temos em português o equivalente de *shall,* que é usado para: 1) formar o futuro normal dos outros verbos; 2) exprimir intenção ou dever; 3) formar frases interrogativas em que *shall* será usado na resposta e 4) formar orações subordinadas condicionais. (N. da T.)

análise das atividades de comportamento envolvidas na emissão de amostras mais amplas de comportamento verbal. Além disso, enquanto explicamos os operantes verbais e as atividades que compõem o tema da gramática, assentamos as bases para um tratamento do pensamento verbal.

Os autoclíticos discutidos no capítulo anterior descrevem, qualificam ou comentam o comportamento verbal e, assim, elucidam ou alteram seu efeito sobre o ouvinte. Algumas respostas que, nesse sentido também, "modificam" o comportamento verbal não possuem, de forma alguma, uma função tão óbvia. Elas não ocorrem, exceto quando acompanham outro comportamento verbal — em si mesmas, elas são "sem sentido" — mas sua função autoclítica costuma ser obscura. Como exemplo, podemos apontar as respostas tradicionalmente fragmentárias empregadas na "flexão". Muitas delas servem como tactos mínimos, mas possuem também uma função autoclítica importante.

A manipulação do comportamento verbal, particularmente o agrupamento e a ordenação de respostas, também é autoclítica. As respostas não podem ser agrupadas ou ordenadas até que tenham ocorrido ou, pelo menos, até que estejam prestes a ocorrer; o processo de ordená-las tem sobre o ouvinte o efeito de um autoclítico. Parte do comportamento relevante, como a pontuação, tem as dimensões de *respostas* verbais; mas nem sempre é este o caso. Em geral, os esquemas autoclíticos são permutáveis. Um certo efeito pode ser obtido de diversas maneiras, embora não necessariamente dentro de uma única língua.

A função autoclítica dos esquemas da gramática e da sintaxe deve ser distinguida das demais funções. Na resposta verbal *The boy runs* ["O menino corre"], o *s* final em *runs é,* em parte, um *tacto* fragmentário sob o controle de traços específicos de uma dada situação. As propriedades relevantes são sutis, mas incluem 1) a natureza de correr como uma *atividade,* e não como um objeto ou propriedade de um objeto, 2) a singularidade daquilo que está correndo e 3) o curso da atividade. Como uma análise do controle do estímulo de *-s* dificilmente poderíamos dizer que esta afirmação constitui um progresso sobre a afirmação tradicional de que *run* ["corre"] é um verbo na 3ª pessoa do singular do presente. Ela serve, todavia, para distinguir a função referencial da autoclítica. O fato de o **S** final, em inglês, indicar afirmação foi apontado no capítulo anterior. Resta ainda tratar de outra função autoclítica.

A ordenação e agrupamento de resposta também tem várias funções. Em primeiro lugar, os sons da fala são ordenados na modelagem das respostas. Além do espectro dos simples sons da fala, a única dimensão do comportamento verbal é temporal e, por isso, a ordem é uma propriedade importante. *Tip* ["ponta"] e *pit* ["cova"] são respostas diferentes, bem como *lookout* ["vigilância"] e *outlook* ["perspectiva"]. Em segundo lugar, as respostas verbais podem ordenar-se para corresponder à ordem dos estímulos relevantes. As respostas de um falante ao descrever uma luta de box

são dispostas numa ordem temporal bastante simples, que acompanha os acontecimentos descritos. As três respostas *Veni, vidi, vici* ocorrem nessa ordem por boas razões.[127] Em terceiro lugar, a ordem pode surgir a partir da ordem de estimulação *verbal no* comportamento do falante. Um "fio de idéias", na associação livre, segue a ordem na qual os estímulos verbais evocam outras respostas verbais. Na recita de uma passagem longa, a ordem é devida a uma cadeia intraverbal semelhante. Em quarto lugar, a ordem pode acompanhar a força relativa das respostas no repertório corrente do falante. Sendo o mais igual, a resposta forte ocorre em primeiro lugar. E finalmente, devemos notar a ordem retórica. Na resposta *A ele eu desprezo* a posição de *a ele* pode ser em parte uma função da força relativa, mas o padrão retórico foi planejado tendo em vista um efeito especial sobre o ouvinte. A sentença periódica constitui um expediente bem conhecido, no qual uma palavra importante é omitida até que o ouvinte ou o leitor estejam preparados para ela, no sentido do capítulo 10.

Autoclíticos De Relação

Uma função autoclítica adicional de remates gramaticais, como o i final em *rum* ["ele corre"] é a de indicar "concordância" de número entre o verbo e o substantivo que lhe serve de sujeito. Em nosso exemplo o **-J** indica que o objeto descrito como *the boy* possui a propriedade de correr. O fato de o menino e de a corrida estarem juntos, e o fato de não serem estas respostas isoladas que ocorrem juntas por acidente fica claro ao ouvinte pelo expediente gramatical. Na resposta *The boy runs,* o *-s* tem outras funções como um *tacto* mínimo, mas ele serve também como um autoclítico de relação em sua "concordância" com a forma do verbo. Em *The boy's gun* ["O revólver do menino"], o *'s,* diferente do *s', é* um *tacto* mínimo que indica singularidade, mas que exerce também a função autoclítica de denotar "posse". É o menino que possui o revólver. (A "concordância" em número, gênero e caso entre o substantivo e o adjetivo numa língua como o latim constitui um exemplo melhor de autoclítico de relação).

As flexões apropriadas ao "modo" raramente são envolvidas nos autoclíticos de relação. Muitas vezes, o modo constitui um simples expediente para classificar tipos de operantes. Como vimos, os imperativos e os interrogativos constituem duas classes de *mandos.* O modo também se refere às vezes à força de uma resposta (indicativo *versus* subjuntivo) e pode até sugerir uma condição responsável pela

[127] As violações deste princípio são classificadas, em retórica, como "histerologia" ou "hísteron-próteron", inversões de ordem que 'transmitem significado", como algo que se opõe a uma ordem meramente convencional ou autoclítica.

diferença. Assim, o modo optativo descreve *mandos* que "expressam desejos", mas a resposta *Ele pode ir,* como afirmação de probabilidade de sua ida, contém um autoclítico de força comparável ao autoclítico de descrição em *É provável que ele vá.* Usamos o modo como autoclítico descritivo que especifica uma condição causai quando dizemos que um subjuntivo particular implica uma condição "contrária ao fato".

Mesmo dentro de uma única língua, tal como o inglês, há uma liberdade considerável para permutar expedientes. A posse pode ser indicada por um arremate, como acabamos de ver, ou por uma frase prepositiva *The gun of the boy* ["O revólver do menino"]. Os arremates que indicam a posse conjunta do substantivo e do verbo precisam de algum suporte no agrupamento. As respostas não podem estar muito afastadas, porque o final inglês é fraco e não permite uma separação ampla do sujeito e do predicado, como no latim.

Em latim, a ordenação e o agrupamento servem muito menos freqüentemente como autoclíticos de relação. Eles são usados primordialmente para objetivos retóricos. Os efeitos retóricos baseados na ordem excedem de muito qualquer coisa possível em inglês, onde ordem e agrupamento foram esgotados com objetivos autoclíticos obtidos no latim pelos remates. Robert Bridges comentou da seguinte forma o uso da ordem em latim:

> *... um exemplo da segunda coleta na Oração da Noite no Livro de Orações [Igreja da Inglaterra] — Give unto thy ser-vants that peace which the world cannot give ["Dai a Vossos servos aquela paz que o mundo não pode dar"] ... é uma tradução ... do latim da servis tuis illam quam mundus dare non potest pacem. "O inglês é bom [diz Bridges] mas a ordem artística das palavras latinas, que, em inglês, seria uma desordem ininteligível, está presente e mantém em vigor o significado sem a menor obscuridade, e as palavras se agrupam como numa espécie de dança, em lugar de um "passo de marcha"!* [128]

Predicação

A predicação é executada por um autoclítico de relação ao qual se acrescentou um autoclítico de asserção. Digamos que um único objeto evoca os dois *tactos: chocolate* e *bom.* Estes podem ser efetuados separadamente *{Chocolate!* e *Bom!)* em circunstâncias que nos levam a classificar as respostas como "proclamações" separadas ou como uma espécie de proclamação de efeito duplo *{Chocolate! Bom!).* A fonte comum das duas respostas, o fato de elas serem dadas ao mesmo objeto, pode ser indicada pelo autoclítico de relação de ordem. *Chocolate bom é* uma resposta apropriada para um único tipo de situação apenas; trata-se de uma resposta para um chocolate bom. Tal resposta não revela nem asserção, nem predicação. O

---

[128] Citado por Logan Pearsall Smith, *Milton and his Modem Critics,* Londres, 1940.

chocolate é bom revela um autoclítico de relação de ordenação e agrupamento, e contém igualmente um autoclítico de asserção. Tomados juntos, eles o transformam numa predicação. A função do autoclítico de asserção e de relação da predicação foi sugerida por Thomas Hobbes desta maneira: "Talvez uma *Sentença* seja apenas a composição e a reunião de *dois nomes de coisas ou modos* por meio do verbo É".[129]

A predicação pode envolver mais do que dois termos; nesse caso, os autoclíticos de relação tornam-se especialmente importantes. A sentença *The boy runs a store* ["O menino corre uma cortina"] está sob o controle de uma situaçao-estímulo extremamente complexa, muitos traços da qual podem ser importantes para o ouvinte. Em inglês, o autoclítico de relação de ordem carrega um fardo pesado: de algum modo, precisa ficar claro que é o menino quem executa o ato e que a cortina é que corre. Numa predicação de dois termos, a ordem pode ser invertida sem maiores violações da ordem-padrão; mas, no caso de uma predicação de três termos, a inversão pode ser desastrosa *Good is the chocolate* ["Bom é o chocolate"] é permitido em inglês e constitui uma resposta concebível se um efeito retórico sobre o ouvinte ou uma poderosa inspiração ecóica ou temática estiverem envolvidos. *The store runs the boy* ["A cortina corre o menino"], ainda que seja inglês, não é reforçada quando evocada pela mesma situação como a ordem inversa. Numa língua que emprega mais os finais do que o agrupamento e a ordenação, uma mudança na ordem não é tão perturbadora.

Comportamento do Autoclítico de Relação

Não basta apontar a presença de formas autoclíticas numa língua. Quais os processos que levam à sua emissão? Devemos fazer aqui, de novo, uma distinção entre os objetivos de uma análise lingüística ou gramatical e os de uma análise do comportamento verbal. Uma propriedade muito importante do ope-rante verbal da II Parte é seu tamanho. Temos apenas que demonstrar uma contingência unitária de reforço para sugerir a função unitária de uma parte do comportamento verbal. Freqüentemente, a parte não corresponde à unidade léxica ou gramatical. Embora *menino* e *chapéu,* em ocasiões apropriadas, possam ser simples *tactos,* daí não se segue que O *chapéu do menino* seja por isso uma expressão composta. Ela pode ter uma simples unidade funcional. Na resposta *o livro sobre a mesa,* a frase *sobre a mesa* tem o mesmo controle dinâmico simples exercido por uma propriedade do ambiente exemplificado por *vermelho* em *o livro vermelho.* Todavia, a expressão completa *o livro sobre a mesa* ou *o livro vermelho* pode funcionar como uma

---

[129] Citado por LEE, I. J., *Language Habits in Humain Affairs,* (Nova Iorque, 1941).

unidade. O comportamento do cozinheiro de acampamento ao chamar *Venham e peguem!* é tão unitária quanto a resposta *Comida!* ou o bater num triângulo de metal. Não precisamos analisar os processos gramaticais ou sintáticos na explicação desse comportamento. *Tally ho!* é o equivalente inglês de *Eis a raposa!* E seria ocioso especular acerca da função do fragmento *"ho"* ou de *Eis* no comportamento do falante comum. Podemos imaginar uma situação na qual a resposta *Tally ho!* Requereria uma análise gramatical, embora, no caso, isso seja improvável. Em geral, à medida que o comportamento verbal se desenvolve em cada falante, respostas cada vez mais amplas adquirem unidade funcional e não precisamos estar sempre a especular acerca da ação autoclítica quando uma resposta parece incluir uma forma autoclítica. Parece também razoável supor que, à medida que o meio verbal passa por um desenvolvimento histórico, ele reforça unidades cada vez mais extensas. O ambiente deve estar, pelo menos, preparado para reforçar unidades mais amplas como unidades, antes que venha a ocorrer o processo paralelo no desenvolvimento de cada falante.

Algo menor que o comportamento autoclítico de relação plenamente desenvolvido está implicado quando "arcabouços" autoclíticos parcialmente condicionados combinam-se com respostas apropriadas a uma situação específica. Tendo respondido a muitos pares de objetos com comportamentos tais como *o chapéu e o sapato, a arma e o chapéu,* o falante pode produzir a resposta *o menino e a bicicleta* numa nova ocasião. Se ele adquiriu uma série de respostas, tais como *a arma do menino* e o *chapéu do menino* podemos supor que o arcabouço parcial *do menino* está disponível para recombinação com outras respostas. A primeira vez que o menino adquirir uma bicicleta, o falante pode compor uma nova unidade: *a bicicleta do menino.* Esta não é uma simples emissão de duas respostas adquiridas separadamente. O processo assemelha-se ao da causação múltipla do capítulo 9. Os aspectos relacionadores da situação fortalecem um arcabouço e os traços específicos da situação fortalecem as respostas adequadas a ela.

Os autoclíticos de relação específicos são compreendidos mais facilmente quando a situação é complexa e vários operantes verbais são fortalecidos. Se os traços separados de uma situação evocam respostas apropriadas numa ordem determinada apenas pela força relativa, é provável que o resultado seja incoerente. O comportamento eficiente exige, falando *grosso modo,* que se escolha primeiramente uma resposta apropriada e que outras respostas sejam relacionadas com esta, e com cada uma das outras, por meio de autoclíticos apropriados. Se, quando uma ou duas respostas tiverem sido emitidas, forem geradas respostas intraverbais, estas devem ser levadas em consideração e devem ser acrescentados autoclíticos relacionadores apropriados na composição da amostra mais ampla.

No inglês, a prática padronizada confere prioridade aos objetos sobre a ação e às propriedades isoladas sobre os objetos. Há uma probabilidade razoável de que um

objeto proeminente numa situação evoque a primeira resposta ou, se o objeto possuir uma propriedade distintiva, que também reforce a resposta, que esta última seja emitida em primeiro lugar. Devem ainda ser acrescentados arremates gramaticais. Em inglês, os tipos de estímulos chamados coisas ou objetos usualmente evocam respostas com arremates apropriados a substantivos, enquanto que os tipos de estímulos chamados ações em geral evocam respostas com arremates que indicam verbos. Isto não é, de forma alguma, inevitável.

Já se observou que, embora geralmente digamos *The horse neighs* ["O cavalo relincha"], poderíamos igualmente dizer *The neigh horses* ["Os cavalos relinchantes"].[130] Em última análise, a distinção é inexpressiva. É apenas porque as palavras que se referem à ação apresentam convencionalmente distinções de tempo, pessoa, etc. que nós as conjugamos; é apenas porque as palavras que se referem a coisas precisam "concordar" com os adjetivos que as descrevem, ou precisam ser designadas como ativas ou passivas, etc, que nós as declinamos. É apenas por causa das práticas gramaticais e sintáticas da conjugação e da declinação que chamamos as respostas de verbos e substantivos, respectivamente. O falante responde a uma propriedade comum da situação e lhe dá um rótulo. Isto altera a categoria das respostas que perduram, bem como as práticas gramaticais disponíveis relativas a tais respostas. Se a primeira resposta foi rotulada como substantivo, um padrão intraverbal fragmentário proporcionará o arremate apropriado para o verbo que se segue.

O papel desempenhado pela convenção é revelado pela diferença entre os cabeçalhos de jornais ingleses e americanos. Quando um rei morre, dois aspectos da situação, o rei e a morte, controlam respostas fortes. Nos cabeçalhos ingleses, sempre que possível, costuma-se, relatar uma ação com um substantivo, e o cabeçalho dirá *Death of the King* ["A Morte do Rei"]. Nos Estados Unidos a forma verbal é usada para a ação e dá-se a prioridade à resposta a um objeto ou, nesse caso, a uma pessoa. O cabeçalho correspondente diria *King Dies* ["O rei morre"].

No capítulo 3 vimos que um *mando* pode especificar um reforço final (freqüentemente, um estado ou um objeto) ou o comportamento do ouvinte na mediação desse reforço. Na resposta *Dê-me um cigarro, cigarro* é chamado de substantivo. Na resposta *Cigarro!* ele talvez ainda seja um substantivo. Mas na forma excêntrica *Cigarre-me!* ele se transformou num verbo, comparável aos verbos em *Ágüe os cavalos!* ou *Areje o quarto!* Numa língua com flexão mais marcada, a resposta começaria captando finais apropriados aos verbos, à medida em que se faria a transição do objeto para a ação.

---

[130] GARDINER, A. H., The Theory of Speech and Language, Oxford (1932).

Diante de um céu azul, o falante inglês não hesita em pôr a resposta na ordem *the blue sky,* assim como o falante francês não hesita em pôr sua resposta na ordem *le ciei bleu* (indicando a concordância em gênero, o escritor francês se reassegura, de forma bastante desnecessária, de que é o céu que é azul, e não outra coisa qualquer que possa ter sido mencionada). O fato de que se trata de um padrão estabelecido, e não de um ato explícito de composição numa dada conjuntura se revela quando o processo malogra. *French Paris* [o francês falado em Paris] foi emitido por engano, no lugar de *Paris French,* possivelmente porque *French é* usualmente um *adjetivo* e, portanto, tem prioridade, enquanto que *Paris é,* em geral, um *substantivo,* e por isso ocupa o segundo lugar.[131]

O controle inicial, exercido por uma propriedade da situação que costuma evocar uma primeira resposta, pode estar sujeito a muitas influências perturbadoras, tais como as conseqüências especiais da ordem retórica ou os traços do reforço formal e temático que surgem de um comportamento anterior. Quando um verso é invertido para que a palavra rimada fique no fim, uma reduzida contribuição formal de força é dada a uma ordem particular de respostas.

Em circunstâncias complexas, a primeira resposta evocada pode revelar-se inaproveitável, ou totalmente mal sucedida, na geração de um material novo. O falante deve recomeçar para que uma amostra mais ampla de comportamento verbal se complete com sucesso. Grande parte do reescrever consiste em tentar diferentes começos, no sentido de responder a diferentes aspectos da situação e de acrescentar diferentes fechos gramaticais. Na sentença Before the reinforcement of a verbal response can be effected, the response must he elicited ["Antes que o reforçamento de uma resposta verbal possa ser efetuado, a resposta deve ser eliciada"], uma ação que evoca a resposta reinforce assumiu antecipadamente o controle, e acrescentou-se um fecho {-ment), apropriado a um substantivo. Isto forçou o resto do comportamento a uma forma incômoda. A resposta vazia can be effected ["possa ser efetuado"] tornou-se necessária para compensar a ação perdida ao dizer-se reinforcement "[reforçamento"] em lugar de reinforce ["reforço"]. A sentença foi remodelada: Before a verbal response can be reinforced, the response must be elicited ["Antes que uma resposta verbal possa ser reforçada, a resposta deve ser eliciada"]. Esta forma contém uma repetição infeliz de resposta, que não seria muito aperfeiçoada se substituída por um pronome. Um melhoramento adicional surge quando se abandona o Before ["Antes"], enquanto autoclítico relacionador explícito que se refere às propriedades temporais dos dois acontecimentos, e se permite que a ordem temporal das respostas obtenha o mesmo efeito: A response must be elicited to be

---

[131] Possivelmente também por causa da força intraverbal de Chaucer: "For Frenssh of Parys was to hir unknowe" t"Pois o francês de Paris era desconhecido para ele"].

reinforced ["Uma resposta deve ser eliciada para ser reforçada"]. (Por motivos que se tornarão claros no próximo capítulo, o apelo à ordem pode tornar-se explícito acrescentando-se, de forma significativa, a resposta in order to ["a fim de"] — formando a sentença A response must be elicited in order to be reinforced ["Uma resposta deve ser eliciada a fim de ser reforçada"].) Para manter a noção de reforço numa posição proeminente, a nova forma poderia ser remodelada para que se lesse To be reinforced a response must be elicited ["Para ser reforçada, uma resposta deve ser eliciada"]. A força de before ["antes"] foi reconquistada acrescentando-se a resposta first ["primeiramente"] com o seguinte resultado To be reinforced a response must first be elicited ["Para ser reforçada, uma resposta deve primeiramente ser eliciada"]. É muito tarde para reconstruir os materiais que originalmente integravam a sentença, mas a forma "quebrada" Elicit response, then reinforce "[Resposta eliciada, resposta reforçada"] provavelmente apresenta-os todos. A relação temporal necessária representada no inglês then ["então"] é expressa mais comumente por um autoclítico diferente *No elicit, no reinforce* ["Não eliciada, não reforçada. O exemplo revela o alcance, bem como o caráter relativamente arbitrário da atividade autoclítica de "encaixar em moldes gramaticais".

Ocasionalmente, uma amostra do comportamento verbal sugere gramáticas alternativas que seriam mais aceitáveis para o leitor. Num trecho de uma história policial *They know Vm too much for them with my good common streak of hard sense and determination* ["Eles sabem que eu sou demais para eles com meu bom e comum traço de sólido bom senso e determinação"], as respostas *good, common, streak, hard, sense and determination* poderiam ter sido dispostas em várias outras ordens, algumas das quais mais próximas do inglês-padrão. De uma história de Sinclair Lewis a frase *then he discovered with aghast astonishment* ["então ele descobriu com um assombro consternado"] ... sugere outra ordem na qual *aghast* ["consternado"] relaciona-se com *he* ["ele"] e não com *astonishement* ["assombro"]: *then he discoverd, aghast with astonishment* ["então ele descobriu consternado com assombro"]. A frase de Shakespeare *sicklied o'er with the pale cast of trought* ["tor-nou-se doentio com o pálido olhar do pensamento"] poderia facilmente ter assumido outras ordens, nas quais a ação descrita poderia ser *overcast with thought* ["nublada com pensamento"] e por isso *sickly and pale* ["doentio e pálido"]. Alguém que tenha começado uma sentença com *As a matter of fact* ["Na verdade... "] esteve provavelmente próximo de começá-la com *The fact of the matter is...* ["A verdade é que... "].

Percebe-se claramente o efeito de um final gramatical em construir outro final com uma espécie de resposta intraverbal reduzida quando o processo malogra na produção de uma "má gramática". O exemplo clássico *The wages of sin is death* ["O salário do pecado é a morte"] revela a conexão intraverbal entre *sin* ["pecado"] e *is* ["é"] sobrepujando a relação, mais remota, entre *wages* ["salário", no pl., em inglês]

e *are* ["são"]. Numa sentença escrita rapidamente no início de um exame e que começa com *Paresis increase rapidly* ["A paralisia (pl. em inglês) aumenta rapidamente"] ... *os* final de *paresis* controlou um verbo apropriado a um sujeito plural porque em inglês [como em português], *-s é* o final comum das palavras no plural. Quando uma sentença está bem encaminhada com os finais irrevogavelmente estabelecidos, há freqüentemente certos pedaços de respostas sobrando e que precisam ser encaixados. Às vezes, é preciso gerar novas respostas para preencher os vazios, mas, além disso, os materiais disponíveis precisam ser arranjados segundo alguma ordem. Várias figuras de retórica, ou "tropos", recorrem a soluções mais ou menos aceitáveis. A "tmese", a "anástrofe" e o "hipérbato" recorrem a uma ordem pouco comum nas respostas, ordem que poderia ser perturbadora numa língua que usasse a ordem com fins autoclíticos. Ao dizer *He carne to uswards* em lugar de *He carne towards uns* ["Ele veio em nossa direção"], a força excessiva de *to us* parece quebrar a resposta *towards,* emitindo-se a segunda metade no momento em que foi possível. No exemplo clássico, *that whiter skin of hers than snow* ["esta sua mais branca pele do que a neve"], a força especial de *mais branca pele,* determinada em parte pelo autoclítico relacionai de agrupamento, fragmentou a expressão metafórica *whiter than snow* ["mais branca que a neve"], deixando que o fragmento sobrevivente surgisse no final.

Autoclíticos De Manipulação

Um livro extraordinário, escrito no século XVIII por John Home Tooke, constitui a melhor introdução aos autoclíticos que ainda temos que considerar.[132] Tooke . sustentava que os "dois grandes propósitos da fala" eram realizados, respectivamente, por dois tipos de palavras. Em primeiro lugar, ele reconhecia os substantivos e os verbos como "necessários para a comunicação". Ele se referia ao controle de estímulo do comportamento verbal segundo o modelo do *tacto.* Como vimos, a distinção gramatical entre substantivo e verbo é arbitrária e desnecessária no que respeita à referência. Todas as demais palavras eram para ele "abreviações" usadas visando à rapidez. Esta noção está representada no título grego de seu livro eπea πtctepoenta *("Palavras Aladas").* Para Tooke, o termo "abreviação" trazia consigo algo do sentido de "dizer muito mais do que parece". Isto era importante para ele, pois Tooke pretendia revelar os significados ocultos dessas palavras. O termo parece referir-se também a um processo histórico pelo qual formas mais antigas e freqüentemente muito mais longas aos poucos foram mudando e se contraindo. O método de Tooke consistia em demonstrar a função de uma

[132] TOOKE, J. H., EIÍEA UTEPOENTA: *The Diversions of Purley,* (Londres, 1857).

abreviação recorrendo à etimologia. Ele foi um dos pioneiros da etimologia, se bem que não fosse infalível. Ele próprio dizia que a etimologia não era essencial para sua argumentação. Ao desdobrar as abreviações, para que sua função fosse reconhecida mais facilmente, bastava identificar o que poderia ser aceito como expressões equivalentes de uma espécie mais óbvia. Era tranqüilizador verificar que muitas das palavras analisadas revelam essas formas desdobradas em sua história etimológica.

Tooke parece não ter percebido o significado pleno de seu trabalho. Ele desconhecia o ponto de vista moderno, de que algumas partes da língua se relacionam com outras partes da língua, e que suas abreviações não passavam de termos relacionados com a manipulação dos substantivos e dos verbos, reconhecidos por ele como ligados primordialmente à comunicação.[133]

As palavras analisadas por Tooke relacionam-se com respostas a situações muito complexas, nas quais se prescreve ao leitor para que organize e relacione suas reações da forma mais eficiente. Assim, a palavra *but* ["mas"] que, segundo Tooke, é etimologicamente derivada de *be out* ["estar fora"] prescreve ao leitor que ele exclua algo ou que faça exceção de, pelo menos, uma resposta *(Ali but Henry left the room* ["Todos menos Henry saíram do aposento"] poderia ser "ampliada" e lida *Ali — except Henry — left the room* ["Todos — exceto Henry — saíram do aposento"]) ou uma sentença *(Ali left the room, but Henry remained* ["Todos saíram do aposento, mas Henry ficou"]). O primeiro *but* faz exceção para um substantivo, o segundo, para um verbo. No segundo, *and* pode ser substituído, com uma simples perda de ênfase, na oposição entre sair e voltar. No primeiro caso, todavia, a substituição de *but* por *and* tornaria a sentença redundante e errada.

A resposta *e* obriga o ouvinte a acrescentar, ao que já foi dito, ou uma única resposta *(Isto é para você* e *para mim)* ou outra sentença *(Isto é para você* e *isto é para mim).*

If ["se"], de acordo com Tooke, remonta a *give* ["dar"]. *We shall go tomorrow given if does not rain* ["Iremos amanhã, caso não chova"]. A relação lógica *se — então* apresenta outros problemas. *Se você vir um homem honesto, então você viu um homem*

---

[133] Indubitavelmente, Tooke foi influenciado pelas discussões de seu tempo sobre as partes da fala, mas, ao tentar reduzir as preposições, conjunções, partículas, etc, a substantivos e verbos ele acabou por obscurecer sua função especial. Vale a pena reproduzir uma amostra de *The Diversions of Purley,* que revela sua preocupação com a interpretação contemporânea da função da fala.
"Primeiro, ele (Harris) define a *Palavra* como sendo um 'som significativo'. Em seguida, ele define as *Conjunções* como sendo palavras (isto é, *sons significativos)* 'desprovidos de significação'. — Depois, ele concorda em que elas possuam 'um tipo de significação'. Mas esse tipo de significação é *'-obscuro'* (isto é, um significado desconhecido) . .. Não satisfeito com estas inconsistências, que pareceriam suficientes para um homem de menos luzes, Mr. Harris vai além e acrescenta que elas são — *'uma espécie de seres intermediários'* — talvez entre signi-cação e não-significação) — 'que partilham dos atributos de ambos' — (isto é, da significação e da não-significação) e — *'que leva à união de ambos* — (isto é, significação e não-significação) *juntos'."*

feliz pode ser parafraseado assim: *Se você pode dizer "honesto", você pode sempre dizer "feliz".* A forma equivalente *Todos os homens honestos são felizes* contém o autoclítico quantificador *todos,* em vez de *se.* Ambos lidam com respostas verbais, mas de uma forma falaz. Ninguém pode emitir um *tacto* em resposta a todos os homens honestos ou a todos os casos em que se diz *honesto.* Na verdade, a declaração diz respeito às propriedades definidoras dos estímulos que controlam as respostas *feliz* e *honesto* ou a alguma relação entre elas.

(Tooke está interessado em explicar a força de certas palavras bem conhecidas, particularmente as preposições e as conjunções. Ele nada tem a dizer acerca da função de manipulação do autoclítico quando exercida pela ordem ou agrupamento. A expressão *If we had world enough and time* ["Se tivéssemos espaço suficiente e tempo"] pode ser transmitida, mediante uma mudança de ordem, sem o autoclítico /'/: *Had we but world enough and time* ["Tivéssemos apenas espaço suficiente e tempo"].)

Como um exemplo bastante diferente, vejamos como Tooke apresenta o caso da preposição *through* ["através"].

> *Mas que objeto real é nomeado por through?... Na verdade, um objeto muito comum. Assim como a peculiar preposição francesa chez nada mais é que o substantivo italiano Cara ou Ca, assim a preposição inglesa Thorough, Thourough, Tho-roui, Through ou Thro, bem como o substantivo gótico annke, ou o substantivo teutônico Thuruh; e, como eles, significa Porta, portão, passagem...*
>
> *Desse modo, após ter visto de que maneira o substantivo House ["Casa"] tornou-se uma preposição em francês, ninguém se espantaria.em ver Door ["Porta"] tornar-se uma preposição em inglês.*[134]

O objetivo da análise de Tooke não é encontrar uma paráfrase de equivalência lógica, nem tampouco reduzir todas as expressões a um mínimo de termos lógicos. Seu objetivo é simplesmente voltar a uma forma de resposta que tenha um efeito mais prontamente identificável sobre o ouvinte. Em geral, a paráfrase converte uma resposta breve de função obscura numa resposta mais longa e mais explícita e, de certo modo, mais equivalente do ponto de vista muscular. Tooke, em geral, é apoiado pela lingüística moderna e por correntes lógicas. A análise que Sapir[135] faz da palavra *for* ["para"] coaduna-se com o espírito de Tooke, assim como a *Lógica*

---

[134] TOOKE, *Op. cit.,* pág. 180. Poderíamos analisar um exemplo dado como *The dog went through the hedge* ["O cachorro passou através da cerca viva"] dizendo que a relação entre o cão que passa e a cerca viva é caracterizada pela emissão de uma resposta comum, *door* ["porta"] intimamente associada com uma relação semelhante. A resposta que está sob o controle desta relação pode sofrer mudanças históricas, que não precisam afetar a mesma resposta controlada alhures pelo estímulo genérico original.

[135] SAPIR, Edward, Language, Nova Iorque (1921).

Elementar[136] de W. V. Quine, muito esclarecedora, na qual muitos autoclíticos importantes são cuidadosamente analisados. Tanto Sapir quanto Quine estão voltados para uma análise empírica da função do comportamento verbal. Precisamos porém, fazer, uma distinção entre as explicações a que eles chegaram e esta análise.

Tooke não dispunha de uma concepção de comportamento enquanto tal. Ele estava ainda sob a influência do empirismo inglês e da gramática, não obstante sua heróica declaração de independência em relação a esta última. Talvez ele se tenha aproximado da atual posição quando escreve:

> *"A função da mente, à medida em que envolve a linguagem, me parece ser muito simples. Ela não vai além do recebimento de impressões, isto é, das Sensações ou Sentimentos. O que chamamos de suas operações são meras operações da Linguagem. Uma consideração das Idéias ou da Mente ou das Coisas (relativa às partes da Fala) não nos levaria além dos Substantivos, isto é, dos sinais dessas impressões, ou dos nomes das idéias. A outra Parte da Fala, o Verbo, deve ser explicada por seu uso, necessário na comunicação. De fato, o verbo é a comunicação em si mesma: e daqui por diante será denominado "ρημα, Dictum. Pois o verbo é QUOD loquimur; o substantivo, DE QUO.*

Aqui, lutando novamente contra o peso enorme da tradição, Tooke está falando acerca do comportamento verbal. Ele "desabreviou" os termos enigmáticos que não podem ser explicados como palavras-objetos ou pelo recurso a imagens — termos que aqui classificaríamos como autoclíticos — e descobriu que eles são verbos. Isto o levou a uma importante generalização, que poderíamos parafrasear desta maneira: algumas respostas verbais são evocadas por estados externos de coisas. A estes Tooke pretende chamar de substantivos. Outras respostas constituem comunicações em si mesmas. Elas afetam o ouvinte e não têm outra função além deste efeito. Tooke quer chamá--las de verbos. Tendo escrito há mais de 150 anos, ele talvez não tivesse outra alternativa; mas hoje é possível uma nova formulação.

Muitos exemplos de comportamento verbal que contém autoclíticos gramaticais ou sintáticos podem não representar uma atividade verdadeiramente autoclítica. Na verdade, não afirmamos ao ouvinte que deixamos algo fora da narração quando dizemos *Li tudo, menos os dois últimos capítulos.* A resposta *tudo, menos os dois é* freqüentemente uma forma padronizada controlada por uma situação padronizada. Uma expressão alternativa seria *Eu ainda tenho que ler os dois últimos capítulos.* Apenas em ocasiões genuinamente novas é que *mandamos* especificamente que o ouvinte modifique seu comportamento. Mas essas ocasiões ocorrem, e a atividade autoclítica explícita do falante ao manipular seu comportamento deve ser levada em

---

[136] QUINE, W. V., *Elementary Logic,* Boston (1941).

conta como uma função verbal importante. Atividades ulteriores desse tipo, bem como um resumo de seu efeito sobre o ouvinte, serão descritas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 14

A COMPOSIÇÃO E SEUS EFEITOS

Estamos interessados aqui pelo que Emerson chamou de "embaralhamento, separação, ligadura e cartilagem" das palavras. O falante não apenas emite respostas verbais apropriadas a uma situação ou a sua própria condição, como esclarece, arranja e manipula esse comportamento. Sua atividade é autoclítica, porque depende de uma suplementação de respostas verbais já disponíveis.

A explicação definitiva do comportamento autoclítico repousa no efeito que ele exerce sobre o ouvinte — incluindo o próprio falante. Em geral, as reações do ouvinte em questão são as reações que podem ser erradas, — isto é, que podem ser ineficazes ao lidar com o ambiente responsável pelo comportamento do falante. Grande parte do comportamento emocional e imaginativo do ouvinte (e do leitor) pouco tem a ver com a gramática e a sintaxe. Uma palavra obscena produz seu efeito independentemente de sua posição ou da gramática. O mesmo ocorre com a maioria das palavras que dão um caráter emocional à fala. T. E. Eliot afirmou que a função do significado em prosa de um poema é a de induzir o leitor a continuar a leitura para que os efeitos colaterais, que não dependem do significado em prosa, possam ter sua oportunidade. A poesia pode ser totalmente não-gramatical no que respeita a parte de seu efeito, mas raramente o leitor lerá a poesia apenas por causa desta parte; ele deve ser incentivado por um significado em prosa.

O comportamento autoclítico relaciona-se com ações práticas ou com respostas da parte do ouvinte que dependem de uma correspondência entre o comportamento verbal e um estado de coisas estimulador. A mistura desordenada da poesia, tal como a do exemplo de Lord Chesterfield no capítulo 6, destrói tanto a ordem autoclítica quanto o efeito das respostas autoclí-ticas. O "significado" que ela destrói *é* o significado segundo o qual o poema pode ser certo ou errado — isto é, em relação ao qual o leitor pode empreender uma ação efetiva, mesmo que esta seja apenas verbal. Os "significados" que sobrevivem são emocionais, são respostas

condicionadas conotativas, incluindo as apropriadas a um escrito do século XVII e ao verso didático.

Em geral, os segmentos mais amplos de comportamento verbal resultantes da atividade autoclítica chamam-se sentenças. Diz-se comumente que a sentença, e não a palavra, constitui a unidade da fala, mas não há razão para se usar a noção de sentença com o fim de obter uma unidade de comportamento verbal mais ativa que a palavra. O comportamento verbal é caracteristicamente dinâmico, independentemente de seu tamanho ou complexidade. O autoclítico "asserção", do capítulo 12, assim como o autoclítico "predicação", do capítulo 13, também não exigem um novo termo. Já se procurou definir uma sentença nos termos do que ela afirma. O *Concise Oxford Dictio-nary* define sentença como um "conjunto de palavras, completo em si mesmo, que contém um sujeito e um predicado (cada um, ou parte de cada um, ou ambos, às vezes omitidos por elipse), e que transmite uma afirmação, uma pergunta ou uma ordem". Note-se que a própria resposta verbal (ou o registro que ela deixa) não é a afirmação, a pergunta ou a ordem, mas que ela apenas as "transmite". Isto sugere a expressão de uma idéia ou de uma proposição. Caracteristicamente, diz-se que uma sentença está completa apenas quando o "pensamento" está completo, e assim por diante. Mas enquanto podemos encontrar critérios para as propriedades de uma sentença, possivelmente em seus efeitos sobre o ouvinte com relação a um dado estado de coisas, a definição não ajuda a explicar como as sentenças são emitidas.

Algumas sentenças são geradas simplesmente pelo acréscimo de autoclítico a operantes verbais disponíveis. Admitamos que um falante observa um homem faminto e que haja um ouvinte disponível interessado em homens famintos — isto é, que reforce o falante que lhe fala acerca de homens famintos, ou que faça coisas acerca de homens famintos, coisas indiretamente reforçadoras para o falante. As principais propriedades da situação fortalecem as respostas *homem* e *faminto.* Num inglês irregular, o falante pode dizer apenas *hungry man* ["um faminto homem"] como um anúncio (admitindo uma predisposição especial por parte do ouvinte) ou *man hungry* ["homem faminto"] como uma predicação rudimentar. Recorrendo à tendência de ocorrerem pronomes na predicação, ele pode ampliar essa forma para *Man, he hungry* ["Homem, ele faminto"]. Qualquer pessoa com mais prática da língua inglesa usará o autoclítico assertivo mais apropriado *is [é* ou *está]: Man is hungry* ["Homem está faminto"]. É preciso mais um designa-tivo autoclítico. *Man is hungry* pode ser uma generalização amplificadora, mas a especificidade da situação atual pode ser indicada pelo autoclítico *the* ["o"]. A forma completa *The man is hungry* ["O homem está faminto"] é otimamente eficaz sobre o suposto ouvinte.

Não ocorre necessariamente nada tão explícito quando uma sentença é proferida. Algumas sentenças constituem respostas padronizadas a situações, respostas essas comparáveis a versos bem memorizados, a máximas ou a imprecações. Outras são

quase que "arcabouços" reduzidos, sobre os quais uma ou duas respostas excepcionais podem apoiar-se. Em geral, somos reforçados por sentenças completas e punidos por expressões fragmentárias ou mutiladas, e por variáveis que fortalecem apenas algumas respostas que tendem a evocar sentenças completas mediante a causação múltipla. Este é claramente o caso, quando não há fontes externas de força para as respostas adicionais. Por exemplo: se ouvimos por acaso os estímulos verbais *homem* e *faminto,* nesta ordem, e se a situação exige uma resposta ecóica (se alguém nos perguntou *O que foi que ele disse?)* nós, mais provavelmente, responderemos O *homem* ou *Algum homem está faminto* e não apenas *faminto homem.* Da mesma forma, ao lembrar versos, ou prosa, que tenham sido mal decorados, nós, mais provavelmente, emitiremos sentenças erradas, mas completas, e não apenas os fragmentos de que nos lembramos. O empréstimo literário se transforma em sentenças completas mesmo quando apenas algumas palavras-chaves foram tomadas de empréstimo.

A comunidade verbal que estabelece a distinção transmitida pelos vários tipos de autoclíticos gera essa tendência a responder por amplas unidades características. Algumas sentenças são mais do que simples respostas-chaves montadas sobre fortes arcabouços reduzidos, ou respostas fragmentárias completadas pela pressão para produzir unidades completas. Um conjunto de variáveis pode ser tão incomum ou tão complexo que o comportamento verbal passado do falante não produz nenhum padrão apropriado. Ele precisará então manipular suas respostas com o auxílio de autoclíticos especiais.

A conseqüente criação de segmentos mais amplos de comportamento verbal é uma atividade que pode ser chamada de composição. A asserção e a predicação não são necessariamente composições porque, embora costumem estar envolvidas na organização do comportamento verbal em resposta a arranjos complexos de variáveis, elas em si mesmas não caracterizam nem a unidade mais ampla nem o estado particular de coisas que lhe dá origem.

Apenas a evidência formal deixará de revelar quais as sentenças que foram compostas. Nesse sentido, as sentenças memorizadas emitidas como seqüências puramente intraverbais, as sentenças reproduzidas como comportamento ecóico ou textual, ou as combinações de algumas respostas-chaves com padrões em estoque não são compostas. A "unidade" que reconhecemos em muitas sentenças pode ter alguma base na unidade dos "fatos" descritos ou das "idéias" expressas, mas grande parte dessa unidade é convencional.

As respostas evocadas por uma situação são essencialmente não-gramaticais, até que sejam tratadas autocliticamente. Elas já podem estar ordenadas ou finalizadas, por causa de outras considerações, ou as unidades padronizadas não exigem nenhum final especial no caso presente. Às vezes, o comportamento é emitido dessa forma

essencialmente não-gramatical. O falar apressado, quando não há tempo para fornecer autoclíticos, nem sempre é completamente ordenado e pode carecer de finais gramaticais. Ao compor um cabograma, pode ocorrer o fato de não podermos pagar os autoclíticos, embora a ordem seja livre. Nos cabeçalhos, muitas vezes a falta de espaço comprime os autoclíticos. Um maxilar dolorido produz o mesmo efeito. O inglês deformado aproxima-se muitas vezes da forma latente, pois muitos autoclíticos não são adquiridos nas primeiras fases de aprendizagem de uma língua. Na fala de Mr. Jingle, em *Pickwick Papers,* aparecem alguns autoclíticos apenas: *Played a match once—single wicket—friend the Colonel—Sir Thomas Blazo—who should get the greatest number of rum—won the toss—first innings—seven o'clock A. M.—six natives to look out —went in; kept in—heat interne—natives ali fainted—taken away—...* ["Disputei uma vez uma partida—um único arco— amigo Coronel—Sir Thomas Blazo—que deveria obter o maior número de pontos—venci o arremesso—primeiro turno—sete horas da manhã—seis nativos para vigiar—entrei—mantive a guarda—calor intenso—todos nativos desmaiaram—levados embora"].

Aqui a ordem é determinada, primeiro, pela sucessão original dos acontecimentos; os autoclíticos de manipulação e de asserção são poucos e o ajuste do comportamento ao ouvinte é mínimo.

Assim como ocorre com os autoclíticos de relação e de manipulação em geral, há grande liberdade de ação para se aplicar a gramática e a sintaxe ao material latente. Suponhamos um falante primordialmente interessado pelo "fato" de que "Sam alugou um barco furado". As respostas em "bruto" são *aluga, barco, furado* e *Sam.* As relações importantes podem ser transmitidas numa linguagem estropiada mediante um agrupamento ou uma ordenação autoclítica: *Sam aluga barco — barco furado.* Se acrescentarmos o final *ou* a aluga como um *tacto* mínimo para indicar o passado, e os artigos *um* e *o* para exercer a função sutil de qualificar *barco* — em resposta a uma indagação antecipada, digamos *Que barco?* — teremos: *Sam alugou um barco. O barco furado.* Outros autoclíticos de manipulação, incluindo a pontuação, produzem pelo menos 7 outras versões.

Os pronomes são autoclíticos quando possuem antecedentes no próprio comportamento verbal; como as abreviações de Tooke, eles são usados para uma transmissão rápida, como em *Ele alugou um barco. O barco está furado.* Um leve auxílio adicional é fornecido ao leitor quando são destacadas as relações entre as duas partes do comportamento: *Ele alugou um barco, mas o barco está furado.* Ou *Ele alugou um barco, e ele estava furado.* Se o segundo *ele* for substituído por *o qual* — função autoclítica mais forte na junção da condição *furado* e da condição *alugar* — teremos *Ele alugou um barco, o qual estava furado. A* relação expressa anteriormente por *e* e *mas* deve ser estabelecida por outros autoclíticos (tais como *de mais a mais* ou *todavia).* Uma relação ainda mais próxima é sugerida pela supressão da vírgula:

Ele alugou um barco o qual estava furado, onde quase não há mais lugar disponível para um autoclítico representado por *e* e por *mas.* Finalmente, excluindo a possibilidade de qualquer equivalente de *mas* e de *que,* podemos evitar o pronome usando o expediente de uma relação substantivo-adjetivo: *Ele alugou um barco furado.*

As mudanças que podem ser executadas em quatro operantes verbais num exemplo como esse não podem ser comparadas às possibilidades existentes em comportamentos verbais mais complexos. Consideremos, por exemplo, a seguinte sentença: *Em seu longo aprendizado do dogma teológico, o humanismo clássico criou um tipo de filosofia inimiga do caráter da investigação científica.* Talvez haja aqui apenas três respostas básicas, *humanismo, oposição* e *ciência,* as quais, expressas numa forma mutilada, seriam *O humanismo opõe-se à ciência.* Mas seria melhor observar que *opõe é* o resultado de uma associação com *teologia,* e que *dogma* e *filosofia* do humanismo teológico se opõem a *investigação científica.* Grande número de sentenças pode ser composto com esse material, dependendo da escolha de autoclíticos menores: *O humanismo clássico é inimigo da ciência, porque sofreu um longo aprendizado do dogma teológico, O dogma teológico comunicou ao humanismo clássico um caráter oposto ao caráter da investigação científica,* e assim por diante. Todas essas sentenças "dizem a mesma coisa" se os operantes básicos forem mantidos e se os autoclíticos possuírem a mesma força.

Muitos erros de construção de sentenças discutidos nos trabalhos de gramática e sintaxe ilustram a fraqueza da atividade autoclítica: um pronome sugere uma relação com uma resposta não-relacionada; os autoclíticos são usados de forma excessiva: *(He saw that when he arrived at his destination that he found. ..* ["Ele viu que quando ele chegou ao destino dele é que ele. .."] ou *He may perhaps have gone* ["Ele pode talvez ter partido"], ou *He denied that he had not said it* ["Ele negou que não tenha dito isto"], por *He denied saying it* ["Ele negou tê-lo dito"]); ou os autoclíticos não concordam *(I am sure that perhaps he went* ["Tenho certeza de que talvez ele tenha saído"], e assim por diante. Trata-se, aqui, de problemas relativamente sofisticados. Dificuldades mais grosseiras são enfrentadas pelo falante jovem. Seguem-se cinco exemplos de uma menina de dois anos e meio: *When you untry to do it (try to do it)* ["Quando você destcnta fazer isso (tenta desfazer isso)"], *Shoes are to put on — to keep the floor cold from* ["Sapatos são para vestir — para afastar o frio do chão do"], *Why did you put milk and coffee to the same together? (together in the same cup)* ["Por que você pôs leite e café na mesma junto (juntos na mesma xícara)?"], *I will buy a great big big big bug as you are* ["Vou comprar um micróbio grande, grande, grande como você"], *I use my red toothbrush to my night* ["Uso minha escova de dentes vermelha para minha noite"] (depois de lhe terem dito "I used my yellow toothbrush this morning and I will use my red one tonight" ["Usei minha escova de dentes amarela esta manhã e usarei minha escova vermelha

esta noite"]. Infelizmente, tal fraqueza nunca é superada de todo. Eis aqui alguns exemplos recolhidos na fala quotidiana de adultos: *What business of it is theirs? The own course of your ideas. If for nothing just but to talk. On there in the table. What begins with your name? Things about the papers in them. A nice group of looking children* ["Não é deles a conta disso? O seu próprio curso de idéias. Se para nada apenas para falar. Naquele lugar na mesa. O que começa com seu nome? Coisas acerca dos papéis neles. Um belo grupo de crianças de aparência"].[137]

As contingências especiais que envolvem sentenças completas exigem amiúde que um material adicional seja desobstruído para se obter um produto aceitável (Onde e como se encontra o material adicional será discutido no capítulo 17). Um bom exemplo de composição que exige enchimento é a produção de "comerciais" para rádio e televisão. Muitas vezes a única especificação consiste em que o nome do produto, e dois ou três adjetivos relevantes, são emitidos um certo número de vezes, num trecho curto. As sentenças devem ser compostas de forma a conter o nome e os adjetivos, mas o resto do material é essencialmente indeterminado. Uma tarefa mais ou menos semelhante foi discutida no capítulo 5, no preenchimento de esquemas metafóricos, onde se começava uma comparação, embora nenhuma resposta que a satisfizesse tivesse sido sugerida. A façanha do falante espirituoso não consiste apenas em produzir respostas que possuam múltiplas fontes relevantes de força, mas consiste igualmente em compor sentenças nas quais essas respostas se encaixem perfeitamente bem. Para tanto, é necessário descobrir um material verbal adicional.

Análise de segmentos do comportamento verbal

De uma forma bastante especulativa, podemos reconstruir o processo de composição analisando um segmento de comportamento em (1) seus operantes essenciais, (2) nos intraverbais que, possivelmente, surgem desses operantes no curso da emissão (freqüentemente compondo grupos temáticos de respostas), e (3) na estrutura autoclítica. Numa passagem bem conhecida da versão da Bíblia feita pelo rei Jaime, podemos isolar uma resposta *blesséd* ["abençoado"], colocada em oposição às respostas *ungodly, sinner* e *scornful* ["ímpio, pecador e desde-nhoso"]. Um segundo grupo temático não-relacionado contém as três respostas *walketh, standeth* e *sitteth* ["seguir, colocar, sentar"], e cada uma destas tem um par intraverbal *counsel, way* e *seat* ["conselho, caminho e assento"], respectivamente. A passagem diz: *Blesséd is the man that walketh not in the counsel of the ungodly, nor standeth in the way of sinners, nor sitteth in the seat of the scornful* ["Abençoado o homem que

[137] Os erros de sintaxe referidos acima não são os que se cometem comumente em português. A tradução buscou apenas dar o sentido das frases em inglês, e não sua equivalência na prática lingüística do Brasil. (N. da T.)

não segue o conselho do ímpio, nem se coloca no caminho dos pecadores, nem se senta no assento do desdenhoso"]. A força dessa passagem é, em grande parte, devida à preparação temática que se constrói firmemente à medida que os grupos temáticos vão surgindo.

Grupos de resposta podem ser rearranjados autoclitica-mente, embora os autoclíticos de manipulação e de relação não atendam a seus objetivos usuais. Em outras palavras, pode não haver uma relação declarada ou predicada entre os operantes básicos de seus grupos intraverbais. Gertrude Stein proporcionou um grande sortimento de exemplos:

> *Seat a knife near a cage and very near a decision and more nearly a timely working cat and scissors. Do this temporarily and make no more mistake in standing. Spread it ali and arrange the white place, does this show in the house, does it not show in the green that is not necessary for that color, does it not even show in the explanation and singularly not at ali stationary.*

["Assente uma faca perto de uma gaiola e muito perto de uma decisão e mais perto ainda um gato que funcione a tempo e tesouras. Faça isso temporariamente e não cometa mais erros de pé. Espalhe-os todos e arranje o local branco, mostre-se isso na casa, não se mostre no verde porque não é necessário para essa cor, nem se mostre sequer na explicação e singularmente de modo algum estacionário."]

A passagem consiste principalmente numa série de *mandos: seat a... , do make, spread,* seguida por três pedidos ou *mandos* para uma ação verbal: *does this shotv, does it not show, does it not even show.* O resto da passagem pode ser dividida em vários grupos temáticos: (a) *near, very near, more near;* (b) *timely, temporalily;* (c) *seat, standing, stationary;* (d) *knife, scissors;* e (e) *white, green, color.* Algumas sugestões formais foram provavelmente, eficazes. Há quatro palavras terminadas em *-ly,* duas em *ary,* com um caso de um *-ari-* no meio de uma palavra. Parece haver também um excesso de letras iniciais em *n* e de sílabas acentuadas em *s.*

Como outro exemplo, a partir do qual podemos tentar inferir alguns dos processos envolvidos na composição, consideremos agora o soneto de Shakespare:

> *Th'expense of Spirit in a waste of shame*
>
> *Is lust in action, and till action, lust*
>
> *Is perjured, murd'rous, bloody, full of blame,*
>
> *Savage, extreme, rude, cruel, not to trust.*
>
> *Enjoyed no sooner but despisèd straight,*
>
> *Past reason hunted, and no sooner had*
>
> *Past reason hated, as a swallowed bait,*

On purpose laid to make the taker mad;

Mad in pursuit and in possession so;

Had, having, and in quest to have, extreme;

A bliss in proof, and proved a very woe;

Before, a joy proposed; behind, a dream.

Ali this the world well knows; yet none knows well To shun the heaven that leads men to this hell.

["Gasto de espírito é a luxúria consumada,

E gasto vergonhoso; até passar à ação

Ela perjura e mata; é bárbara e culpada,

Rude, extrema, sangrenta e cheia de traição;

Relegada ao desprezo logo que fruída;

Buscada além do juízo, e, assim que desfrutada,

Acima da razão odiada; isca engolida,

Só para enlouquecer o engolidor armada;

Insana ao perseguir, e assim na possessão,

Extrema ao ter, depois de ter, e quando à espera,

Bênção na prova, mas, provada, uma aflição,

Antes uma alegria, após, uma quimera:

Tudo isso o mundo sabe, embora saiba mal Como evitar o céu que leva a inferno tal."] [138]

Aqui a principal atividade autoclítica consiste em acentuar um conjunto de oposições condensadas na oposição entre *hea-ven* ["céu"] e *hell* ["inferno"] e repetidas em *enjoyed-despised* ["fruída-desprezada"] e *hunted-hated* ["buscada-odiada"]. Do lado do *inferno* está a *luxúria,* por sua vez associada com quatro grupos temáticos: (a) *waste, shame, expense, full of Mame* ["gasto, vergonha, perda, culpada"]; (b) *perjured, not to trust* ["perjura, indigna de confiança"]; (c) *murderous, bloody, sa-vage, cruel* ["assassina, sangrenta, rude, cruel"], e (d) *extreme, rude*

[138] Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos.

["extrema, rude"]. Do lado do *céu* temos *bliss* e *joy* ["beatitude e alegria"]. Outro grupo de oposições trata da passagem do tempo: *in action-till action; no sooner-straight; in pursuit-in possession; had-having; before-behind* ["na ação-(pas-sada) a ação; logo que -apenas; ao perseguir-na possessão; tido--tendo; antes-após"]. A moral é introduzida por meio de uma terceira oposição, entre *world well knows* ["o mundo bem sabe"] e *none knows well* ["ninguém conhece bem"]. Este é o material a partir do qual, junto com as fontes formais de força advindas da experiência do escritor com os sonetos tradicionais e as fontes formais de força geradas no local, o poema parece ter sido composto. Há muitas variações autocríticas possíveis no material de qualquer linha dada. A primeira linha, por exemplo, poderia ter sido *A waste of spirit in the expense of shame* ["Um desgaste do espírito da perda da vergonha"], *A sbamefutt and expensive waste of spirit* ["Um vergonhoso e perdulário desgaste do espírito"], ou *A shamefull and expensively wasted spirit* ["Um espírito vergonhosa e perdulariamente gasto"]. A seleção final foi fortemente influenciada pelo padrão reduzido de acentuação do pentâmetro jâmbico.

Como exemplo final consideremos a passagem seguinte no *Notebooks* de Thoreau: [139]

Enquanto permaneço de pé abaixo da colina, além da casa de J. Hosmer e olho a oeste para Acton através das planícies e vejo as casas das fazendas afastadas quase meia milha, poucas e solitárias casas, nesses grandes campos entre esses bosques espalhados, fora do mundo, onde as crianças têm que percorrer grandes distâncias para ir à escola; o campo silencioso, estagnado, devorador de corações, de vida eterna, o campo deteriorado, tão distante da agência do Correio onde chega o jornal semanal, onde a recém-casada não pode viver por causa da solidão e onde o jovem depende de seu cavalo para encontrar companhia; ver a casa do jovem J. Hosmer para onde ele voltou com sua mulher em desespero após ter vivido na cidade, — ou permanecendo parado na estrada de Tarbell que apenas ele não pode abrir, — o mundo no inverno para muitos viandantes reduzia-se a um rastro de trenós que serpenteava ao longe através dos montes de neve, todas as fontes vedadas e sem distrações; onde o velho pensa que possivelmente será capaz de não se deixar atingir, não tendo muito que viver ainda, mas onde o jovem, ansioso por aproximar-se do Correio e do Liceu, está inquieto e resolve ir para a Califórnia, porque o armazém está a uma milha de distância (ele ouve o barulho dos carros à distância e pensa que o mundo está partindo e abandonando-o) ; onde os coelhos e as perdizes se multiplicam e os ratos almiscarados são mais numerosos do que nunca, onde nenhum dos filhos do fazendeiro deseja ser fazendeiro e as macieiras estão decadentes e os buracos das adegas são mais numerosos do que as casas e os trilhos estão cobertos de liquens e as solteironas querem vender seus teares e mudar para a vila e tendo esperado vinte anos em vão por tal objetivo nunca terminaram mais do que uma peça da casa, nunca rebocaram, nem pintaram, nem por dentro nem por fora, terras de que os índios foram desalojados há muito tempo e das quais os fazendeiros são agora expulsos, e onde havia florestas, há campos de plantio e onde havia campos de plantio, pastos; moradias nas quais apenas estes Arnolds das imensidões solitárias, estes "coureurs de bois", o padeiro e o açougueiro visitam, nas quais pelo menos este último penetra à procura do bezerro do ano — e após sua volta, a vaca muge, — onde o aldeão nunca entra a

[139] SHEPARD, Odell, The Heart of Thoreau's Journals, Boston (1927).

não ser no tempo das amoras, por acaso, e se ele não entra, quem o fará? — onde o bafo de alguns homens cheira a bebida, tendo contrabandeado algumas botijas para aliviar sua miséria e solidão, onde as corujas regularmente fazem serenata; — Eu digo, em pé ali e vendo essas coisas eu não posso conceder que esta é a jovem e esperançosa América, famosa em todo o mundo por sua atividade e iniciativa e que esta é a sua parte mais yankee e mais abundantemente colonizada.[140]

A estrutura autoclítica da passagem começa com o escritor relatando as circunstâncias nas quais está falando: Permaneço de pé, Olho, Vejo. Termina com o autoclítico Não posso conceber (que talvez possamos traduzir por Não me vejo dizendo ou Não posso dizer). Thoreau não pode afirmar dois grupos temáticos incompatíveis. O primeiro deles pode ser fragmentado em vários subgrupos: (solidão e isolamento) casas distantes meia milha, poucas, solitárias, grandes campos, bosques extensos, fora do mundo, longe da escola, tão longe, isolamento, o cavalo para encontrar companhia, rastros de trenó serpenteando ao longe, o armazém a uma milha, solidão, apenas a visita do açougueiro e do padeiro ou do aldeão no tempo das amoras; (quietude) quieto, estagnado, todas as fontes seladas e nenhuma digressão; (miséria e desespero) homens cheirando à bebida, miséria, devorador de corações, vida eterna, desespero, homens velhos mantendo-se em ação, os jovens ansiando pelo Correio e pelo Liceu, o mundo partindo, abandonando-o, os filhos não querendo ser fazendeiros, as solteironas desejando vender e as vacas mugindo por causa do bezerro que se vai; (a deterioração do tempo), deteriorado, árvores podres, trilhos, cobertos de li-quens, fazendas de que se ê expulso, florestas que se transformam em campos de plantio, campos de plantio que se trans-mam em pastos, os índios desalojados há muito tempo, coelhos, perdizes e ratos almiscarados se multiplicando e as corujas fazendo serenata. O outro grupo temático que Thoreau acha impossível de descrever nas mesmas circunstâncias consiste na jovem e esperançosa América, famosa por sua atividade e iniciativa, sua parte mais yankee e colonizada?

Ao analisar uma amostra de comportamento verbal escrito, não podemos, é claro, identificar a ordem efetiva em que uma resposta evocou a outra. Por exemplo, não podemos dizer, dentre duas respostas relacionadas intraverbalmente, qual delas foi o estímulo e qual a resposta. O material pode ter sido retrabalhado extensivamente e algumas fontes intraverbais podem ter-se perdido. Em suma, carecemos do material necessário para realizar qualquer coisa que não seja uma interpretação superficial. Todavia, alguma noção do complexo processo de composição pode ser sugerida por um desdobramento temático e autoclítico.

---

[140] Thoreau tinha consciência de seu gosto por paradoxos aparentes. Suas anotações do dia 2 de setembro de 1854, contêm este item: ""Minhas faltas são: paradoxos, que dizem exatamente o contrário, um estilo que pode ser imitado."

Articulações Mais Amplas

Além desta parte da composição que lida com as relações autoclíticas entre as partes de um segmento substancial do comportamento verbal, temos que considerar o difícil problema enfrentado pelo falante ou pelo escritor ao trabalhar dentro de limites estreitos. O comportamento verbal vocal só tem uma dimensão importante: o tempo. Dentro dessa dimensão, o falante deve descrever cenas ou episódios de múltiplas dimensões e apresentar argumentos complexos. Pará tal fim, ele pode usar autoclíticos de manipulação especiais que conectam respostas remotas, ou digressões temporárias extraordinárias, pode captar linhas oscilantes, etc. Incidentalmente, a propósito, entre-mentes, voltaremos a isto num minuto, mas, primeiro, parente-ticamente, voltar por um momento são exemplos. Às vezes, uma resposta é repetida após outro comportamento, com o fim de apanhá-la para ser usada em conexão com outras respostas, como na figura clássica chamada "anadiplose": Ele conserva suas virtudes em meio a todas as suas desgraças — desgraças que nenhuma prudência poderia perceber ou prevenir. Uma função semelhante é exercida pelos pronomes especiais que se referem ao comportamento verbal — por exemplo, o anterior, o posterior ou isso, como na expressão Ele disse ISSO?

Várias ordens incomuns de palavras foram identificadas e rotuladas na retórica clássica. Na "hipálage", um adjetivo pode modificar o substantivo errado who rushed like lions to the roaring slaughter ["aquele que fugia como leões a matança ruidosa"] (de e.e.cummings). No "hipérbato", as palavras ocorrem fora de ordem, sem sugerirem necessariamente outras relações — como no exemplo, já observado; that whiter skin of hers than snow ["a pele mais alva dela do que a neve"]. Na "anás-trofe", a ordem normal é simplesmente invertida — the country over ["do campo através"]. Qualquer efeito reforçador demons-trável da passagem sobre o ouvinte deve ser levado em conta para explicar o uso de tais expedientes; mas, como características comuns do trabalho literário, podemos tomá-los para demonstrar como algumas das circunstâncias da composição literária rompem com os processos normais. Entre estas, o efeito do reforço formal é óbvio: dos exemplos que acabamos de dar, o primeiro poderia ser favorecido pela aliteração de like lions ["como leões"], o segundo pelo fato de que a ordem normal fugiria à métrica, e o terceiro pelo fato de a ordem inversa colocar uma palavra rimada na posição requerida.

O "quiasma" pode revelar o efeito de um intraverbal forte: Em A Boston man and a woman from New Bedford ["Um homem de Boston e uma mulher de New Bedford"] a conexão intraverbal entre homem e mulher pode ter invertido a ordem normal: A Boston man and a New Bedford woman. É claro que não devemos dizer que o falante — ou, mais provavelmente, o escritor "mudou a ordem para obter um

efeito". Dadas certas variáveis formais suplementares, a ordem pouco comum tem maior probabilidade de emissão. (Se "o escritor tentou várias ordens e selecionou uma por causa de seus efeitos sobre si mêsmo ou sobre outrem", seu comportamento, ao fazê-lo, é do tipo que será discutido no capítulo 15.) Em literatura, a freqüência de uma ordem pouco comum, e não necessariamente eficaz, constitui uma indicação adicional dos critérios frouxos da comunidade literária. Ordens raras, ilógicas ou confusas tendem a aparecer (não tendem a ser corrigidas) por causa do ambiente verbal especial do mundo das letras.

A ordem das partes de uma sentença tem sido objeto de muita especulação. Já se observou que em chinês a ordem é o inverso do endereço num envelope; o termo mais geral é seguido por uma sucessão de respostas mais específicas. Uma sentença já foi caracterizada como um exercício de "correção progressiva": dá-se uma resposta e, em seguida, corrigem-se possíveis equívocos. Todavia, temos poucas razões para supor que todas as sentenças venham a revelar tal padrão ou que elas sejam planejadas para desempenhar qualquer função geral. Numa sentença, os operantes primários são devidos a variáveis complexas e mutáveis, e muitas outras, respostas são fortalecidas assim que a sentença começa. O falante pode se surpreender mais tarde com respostas não-habituais, que precisam incorporar-se de alguma forma à sentença, ou com lacunas, que precisam ser preenchidas pela procura de material novo. Provavelmente, não vale a pena honrar o resultado de todas essas atividades com um nome especial, que poderia ser interpretado como implicando um único processo.

O comportamento verbal escrito pode ser de duas dimensões ou, raramente, de três. Tabelas, listas, gráficos, sistemas de índices, etc. são expedientes verbais nos quais os arranjos autoclíticos são executados no espaço. Na Tabela Periódica dos Elementos, as relações espaciais servem para representar a adjacência dos elementos, a identificação entre um peso atômico e um elemento, as propriedades comuns dos subgrupos (por exemplo, as terras raras), etc. Estas relações poderiam ser expressas vocalmente apenas com o uso abundante de autoclíticos de articulação.

É claro que as propriedades espaciais das formas pictóricas da escrita são óbvias. Ocasionalmente, um elemento pictórico pode ser introduzido na escrita fonética. No poema a seguir, de e. e. cummings, a resposta *slowliest* ["mais lentamente"], está interligada a uma resposta mais complexa, e todo o poema caminha lentamente, à medida em que o leitor faz leves pausas no fim de cada linha.

un	["a
der fog	o toque
's	dos
touch	de
slo	len
ings	dos
fin	da
gering	né
s	voa
wli	tam
whichs	quês
turn	vi
in	ram
to whose	quems
est	ente
people	gente
be	se
come	torna
un	a"] * [141]

Autoclíticos de Composição

Algumas respostas autoclíticas obrigam o ouvinte ou o leitor a produzir um comportamento verbal dotado de certas propriedades específicas. *Vice-versa* eqüivale a *mude a ordem e reaja.* Em *Isso é discutido no terceiro ou no quarto capítulo, ou em ambos,* o *ambos* obriga o ouvinte a combinar as respostas separadas que o precederam numa sentença ou frase adicional. *E assim por diante* manda que o leitor acrescente respostas do mesmo tipo, à vontade. *Tomemos a Inglaterra, por exemplo,* "manda" uma reação diante de um dado assunto ou tema. Um ato especial de articulação é ordenado quando dizemos *pelo contrário* ou *por outro lado,* que prepara o ouvinte para uma resposta contrária.

A "pontuação" do comportamento verbal escrito é talvez o melhor exemplo do comportamento autoclítico de composição. Ela satisfaz nossos critérios porque não pode ocorrer até que o comportamento primário esteja disponível para ser pontuado, e amplia, esclarece e modifica o efeito sobre o leitor. A pontuação corresponde, em parte, aos padrões temporais e de entonação no comportamento verbal vocal, padrões que também devem ser encarados como autoclíticos. A pontuação é "lida" em tais padrões.

A possibilidade de separação dos operantes verbais é revelada pelas pausas leves do comportamento vocal e pelo espaçamento na linguagem escrita. Padrões convencionais mascaram de certa forma essa evidência da unidade das partes de uma observação. Uma passagem memorizada, como um único ope-rante, tem a probabilidade de ocorrer junto no comportamento vocal, mas, convencionalmente,

[141] Tradução de Augusto de Campos.

ela é separada quando é escrita, exceto nos casos em que, ocorrendo junto, é usada caprichosamente, ou com licença literária, para sugerir unidade de resposta. Vírgulas, pontos e vírgulas, pontos, letras maiúsculas no começo das sentenças, etc, correspondem a pausas mais marcadas na fala, separando segmentos mais amplos de comportamento.

Algumas pontuações exercem uma função autoclítica de menor importância ao indicarem o tipo de operante (.' e ? indicam tipos especiais de *mandos)* ou de relação de controle (os substantivos próprios começados, em inglês, por letra maiúscula, bem como todos os substantivos, em alemão). Sinais de citação associam-se obviamente ao autoclítico *ele disse.* O efeito é produzido vocalmente pela entonação e pelo tempo. Os dois pontos têm uma função sofisticada equivalente à do autoclítico *como se segue.* A apóstrofe, quer no possessivo [em inglês] *'s* ou *s'* é um autoclítico de relação que não possui paralelo vocal. Os parênteses têm um caráter quase pictórico ao separar uma resposta de outra, tal como os travessões, usados quer como um equivalente dos parênteses, quer como sinal de interrupção.

Diferenças Na Densidade Dos Autoclíticos

A extensão na qual as comunidades encorajam os autoclí-tivos varia muito. O inglês literário revelou períodos em que as sentenças eram longas e abundantemente articuladas, e outros nos quais deixava-se ao leitor a tarefa de supor as relações entre as respostas. Hemingway e Proust diferem tanto no que toca à densidade dos autoclíticos quanto Mr. Jingle e o inglês padronizado da conversação.

As subdivisões especiais de uma determinada comunidade verbal podem agir como auditórios separados na determinação do nível de comportamento autoclítico, como veremos no capítulo 16, Além das práticas da comunidade, cada falante pode empregar ou evitar os autoclíticos por motivos especiais. Por exemplo: é característico do tímido ou da pessoa conservadora qualificar tudo quanto diz, a fim de evitar possíveis equívocos. Vimos também que as condições momentâneas podem influenciar a densidade dos autoclíticos quando, por exemplo, não há tempo ou espaço para algo além dos operantes básicos.

Condicionando O Comportamento Do Ouvinte

No comportamento do ouvinte (ou do leitor), como já foi amplamente examinado, os estímulos verbais evocam respostas apropriadas a algumas das variáveis que

afetaram o falante. Estas podem ser os reflexos condicionados do tipo pavloviano, ou operantes condicionados. O ouvinte reage ao estímulo verbal com reflexos condicionados, geralmente de um tipo emocional, ou executando uma ação apropriada a uma dada situação. O autoclítico de asserção torna tal ação mais provável. Os autoclíticos de relação, especialmente quando combinados com a asserção para compor a predicação, produzem um efeito diferente e muito importante. Uma vez que não envolve qualquer atividade imediata por parte do ouvinte (embora respostas de outros tipos, já observadas, possam concorrentemente tomar-lhe o lugar), detectamos a mudança apenas em seu comportamento *futuro.*

Condicionamento Respondente

Num experimento-padrão de reflexo condicionado, uma resposta glandular — digamos, a transpiração na palma das mãos (o "reflexo galvânico da pele") — é condicionada pela apresentação repetida de um estímulo neutro — digamos, o toque de uma campainha — mais ou menos ao mesmo tempo que um estímulo não-condicionado, tal como um choque elétrico bastante forte. O som neutro anterior da campainha traz à tona, eventualmente, uma resposta de certa forma semelhante à provocada apenas pelo choque. É claro que podemos substituir por um estímulo verbal — digamos, o *choque* — pela campainha. O resultado será mais previsível se proporcionarmos uma ampliação autoclítica *Quando eu disser "choque", você sentira isto.* O comportamento *futuro* do ouvinte será então modificado. Respostas apropriadas para impedir um choque serão evocadas pelo estímulo verbal *choque.*

Quando *choque* se tornar um estímulo condicionado eficaz, poderá emparelhar-se com outro estímulo numa situação totalmente verbal. Dizendo *Quando eu disser "três" você receberá um choque,* modificamos o comportamento futuro do ouvinte ante o estímulo *Um, dois, três.* Noutra variação deste tema, o emparelhamento dos estímulos verbais pode tornar um estímulo *não-verbal* subseqüentemente eficaz. Ao dizer *Quando você ouvir uma campainha, você sentirá um choque,* construímos uma resposta futura a uma campainha. O novo estímulo, aqui, é não-verbal, como no exemplo original da campainha e do choque, mas uma resposta a ele foi construída sem usar a campainha ou o choque numa situação condicionadora.

Uma vez que esse efeito segue o padrão do reflexo condicionado, ele é de grande importância no campo da emoção. Exemplos na vida diária constituem lugar-comum. Se *X* for alguém que desperta em nós uma forte reação emocional, a observação *X vai chamá-lo ao telefone em breve* alterará nossa resposta subseqüente ao som da campainha do telefone. A mera justaposição de respostas verbais tem esse efeito. Os governos tomam cuidado de associar o nome de seus heróis com notícias de jornais que provoquem reações emocionais favoráveis, e os anunciantes revelam a

mesma preocupação com o nome dos produtos. Uma história ou um poema podem criar fortes reações emocionais a nomes próprios, inteiramente dentro da estrutura verbal da história ou do poema, mediante um emparelhamento semelhante de estímulos. Pode-se fazer isso apenas com o fim de obter efeitos literários de tipo emocional, ou visando à propaganda. Numa passagem bem conhecida de James Joyce em *The Portrait of the Artist as a Young Man,* uma resposta emocional à palavra *eternidade* é gerada com a seguinte passagem:

> *Para sempre! Para toda a eternidade! Não por um ano ou por um século, mas para sempre. Tente imaginar o horrível significado disso. Muitas vezes você já viu a areia na praia. Quão finos são seus grãos diminutos. E quantos destes miúdos e pequenos grãos são necessários para formar a pequena quantidade que uma criança apanha em seus folguedos. Imagine agora uma montanha dessa areia, com um milhão de milhas de altura, indo da terra ao mais remoto firmamento, e com um milhão de milhas de largura, estendendo-se pelo espaço remoto, e um milhão de milhas de espessura: e imagine essa enorme massa de partículas incontáveis de areia multiplicada tão freqüentemente quanto são as folhas de uma floresta, as gotas d'água do poderoso oceano, as penas dos pássaros, as escamas dos peixes, os pêlos dos animais, os átomos na vasta expansão do ar; e imagine que, ao fim de cada milhão de anos, um pequeno pássaro venha à montanha e leve embora em seu bico um diminuto grão dessa areia. Quantos milhões e milhões de séculos passariam antes que esse pássaro tivesse carregado um simples pé quadrado dessa montanha, quantas eternidades e eternidades de séculos antes que ele a tivesse carregado toda. Ao fim desses bilhões e trilhões de anos, a eternidade mal teria começado.*

Enfileirando palavras que se referem a períodos de tempo e palavras que descrevem coisas que ocorrem em grande número, dá-se ao estímulo verbal *eternidade* (dificilmente capaz de definição ostensiva) um poder que, depois, poderá ser usado em frases tais como uma *eternidade de delícias* ou *uma eternidade de castigos,* com objetivos de controle religioso.

O Condicionamento dos Estímulos Discriminativos

O estímulo verbal *Quando eu disser "três", vá!* pode não ter um efeito imediato classificável como resposta, mas modifica o comportamento subseqüente do ouvinte face ao estímulo *Três.* Não nos interessa aqui uma resposta condicionada trazida à tona, como no exemplo dado acima, mas comportamento operante de "indo" evocado pelo estímulo discriminativo *três.* Num exemplo um tanto diferente, modifica-se o efeito posterior de um estímulo não-verbal. Assim *Quando o fogo extinguir-se, feche o regulador da chaminé* leva a um comportamento subseqüente sob o controle de um estímulo não-verbal originado pela condição do fogo. Esses dois exemplos constituem aquilo que se pode chamar de *mandos* condicionais: o comportamento *mandado é* posto sob o controle de um estímulo futuro. Todavia, um *tacto* pode proporcionar um estímulo discriminativo para o comportamento operante. Dizendo *Quando eu disser "a sopa está na mesa", o jantar estará pronto,* damos ao estímulo verbal *a sopa está na mesa* a mesma função discriminativa que *O*

jantar está pronto. O mesmo controle é conferido a um estímulo não--verbal quando dizemos *Quando a chaleira apitar, o chá estará pronto.*

Um estímulo verbal não-composto pode ter sobre o ouvinte outros efeitos. Entre estes, incluem-se algumas das propriedades mais sutis, e ao mesmo tempo mais importantes, do comportamento humano. Ali Babá surpreende um ladrão, diante de uma porta, dizendo "Abre-te Sésamo"! e vê a porta abrir-se. Não há qualquer efeito imediatamente observável sobre Ali Babá enquanto ouvinte, mas, mais tarde, sozinho, diante da porta, ele repete "Abre-te Sésamo!". Dizer que ele agora descobriu como abrir a porta é elíptico. Ele possui agora o comportamento que abrirá a porta, e esse comportamento tende a ocorrer em qualquer ocasião em que abrir uma porta seja reforçador. Mas o jovem Ali Babá deve ter aprendido a executar respostas imita-tivas, bem como quando realizá-las. Já vimos esse processo em ação na aquisição do comportamento ecóico, e vimos como ele pode ser limitado ao ponto de a criança repetir apenas quando há uma probabilidade de ela ser reforçada por fazê-lo. Mas o exemplo atual não e um comportamento ecóico, embora possa ocorrer um comportamento ecóico oculto. Ali Babá adquire um *mando* útil simplesmente ao ouvir alguém emitir uma resposta da mesma forma que quando esse acontecimento é seguido pela abertura da porta, que é reforçadora.

Conferimos um comportamento desse tipo a um falante com o auxílio de autoclíticos. Assim, Ali Babá pode explicar a um cúmplice *Para abrir a porta, diga "Abre-te, Sésamo!" ou Se você quiser abrir a porta, diga "Abre-te, Sésamo!".* Isto só será eficaz se o novo ouvinte possuir um repertório ecóico e se ele tiver sido condicionado a responder apropriadamente ao esquema autoclítico *Se... ... ... , diga... ...*

Um *tacto* pode ser adquirido da mesma maneira. Assim, ouvimos alguém chamar a um homem de *Jones,* e o vemos responder apropriadamente a este "vocativo". Como resultado, nós também podemos dirigir-nos a ele chamando por *Jones,* ou mais tarde responder *Jones* quando nos perguntarem *Quem esteve aqui?,* ou designá-lo corretamente quando nos perguntarem *Qual destes homens ê Jones?* Mas isso não ocorre com o falante ou o ouvinte ingênuos; tal resposta constitui o resultado final de um longo processo de condicionamento verbal. Uma criança pequena que ouve alguém ser chamado de *Jones* várias vezes, não passa, por isso, a chamar essa pessoa de *Jones,* nem tão pouco relata que *Jones esteve aqui,* nem o aponta em resposta à pergunta *Qual destes homens é Jones?* Todos esses estágios são desenvolvidos mediante o uso de autoclíticos. Uma "introdução" é uma espécie de autoclítico que obriga o ouvinte a responder de certa maneira diante de um nome próprio. *Este é o Sr. Jones* contém o autoclítico *é,* que torna a sentença mais eficaz do que a mera emissão da resposta *Jones* na presença de Jones. Um autoclítico mais explícito é a forma *Eles o chamam de Jones. Chame-me de Ismael é* o equivalente de *Meu nome é Ismael, ou de Eu sou Ismael.*

A definição ostensiva opera pelo mesmo processo. Captamos o nome dos objetos sem auxílio autoclítico quando observamos alguém que manipula objetos nomeando-os ao mesmo tempo; assim, podemos "aprender o nome de" uma tomada observando alguém trabalhar com o sistema elétrico, enquanto descreve o próprio comportamento. A mesma correlação de acontecimentos verbais e não-verbais, mais um autoclítico, ocorre na definição ostensiva: *Isto é uma tomada.* O efeito sobre o ouvinte não consiste apenas em estabelecer *Tomada* como um *tacto* apropriado, mas em estabelecer um comportamento não--verbal em resposta a estímulos semelhantes; por exmplo, com-portando-nos corretamente quando nos pedirem *Por favor, passe-me uma tomada.*

Uma definição puramente verbal parece usar o mesmo processo. Assim, *Uma ânfora é um vaso grego com duas asas* tem pelo menos três efeitos sobre o ouvinte. Como resultado de ter ouvido essa resposta, ele pode 1) dizer *ânfora* quando lhe perguntarem *Como se chama um vaso grego com duas asas? 2)* dizer *Um vaso grego com duas asas* quando lhe perguntarem *O que é uma ânfora?* e 3) pode indicar apropriadamente quando lhe perguntarem *Qual destes objetos é uma ânfora?* Estes resultados também não ocorrem espontaneamente num falante ingênuo, mas constituem antes o produto de uma longa história de condicionamento verbal. A educação está amplamente envolvida na construção de um comportamento necessário para permitir a ocorrência de tais modificações.

Uma tradução interlinear tem o mesmo efeito que uma definição, assim como as traduções mais canhestras chamadas "vocabulários". Ao ver uma palavra francesa e uma portuguesa justapostas (com o autoclítico implícito - *significa -),* o leitor adquire um comportamento apropriado, embora, possivelmente, tal aquisição não se faça com eficiência, 1) como leitor do termo na nova língua e 2) como falante do termo na nova língua.

Um indício do processo verbal adicional que teria esse efeito sobre o ouvinte é a vantagem obtida quando são usados autoclíticos explícitos. Voltando a um exemplo que envolve um condicionamento simples, quando levamos um sujeito ingênuo a um laboratório e apresentamos a ele toques de campainha e choques acoplados, ele pode levar algum tempo para "aprender a conexão", como dizemos. Podemos conseguir um resultado mais rápido dizendo-lhe *Quando você ouvir a campainha então receb*ɐ*ra um choque.* Esta resposta contém a importante estrutura autoclítica *Quando... , então...* Num certo sentido, o autoclítico obriga o ouvinte a responder de certa maneira. Isto se torna especialmente claro num *mando* condicional. *Quando eu chamar seu nome, responda "Presente" é* um *mando* comparável a *Diga "Presente",* a não ser que o ouvinte suspenda a resposta até que a condição expressa pela cláusula *Quando* seja satisfeita. Isto só pode ocorrer se tais cláusulas se tiverem tornado efetivas no comportamento verbal do ouvinte, como resultado de um processo longo e difícil. O processo não é obscuro. Compreendemos como uma

criança, enquanto membro de um grupo, chega a responder a um *mando* apenas quando este se encontra unido a seu nome. Originalmente, há um tendência para ficar de pé sempre que o estímulo verbal *levante-se é* ouvido, mas eventualmente a criança só se levanta quando ouve *Charlie, levante-se.* Isto quase não difere de uma resposta ao *mando* condicional *Se seu nome é Charlie, levante-se. O mando* condicional do tipo *Quando você conseguir a solução, levante-se* está a apenas um pequeno passo adiante. A criança só responderá apropriadamente caso a função discriminativa de conseguir uma solução controle a resposta de levantar-se por causa da instrução condicional *Quando você conseguir a solução...*

Aquilo a que podemos chamar de *tacto* condicional opera mediante um processo idêntico. O estímulo verbal *Quando a luz está acesa, a porta está destrancada* afeta o ouvinte, colocando o comportamento apropriado a uma porta destrancada sob o controle de uma luz como estímulo discriminativo. A estrutura autoclítica poderá ser substituída por uma forma mais óbvia: *"Luz acesa" significa "porta destrancada",* resposta que poderá ser ampliada para a forma *Resposta à luz acesa como ao estímulo verbal "A porta está destrancada".*

A função da predicação é a de facilitar a transferência da resposta de um termo para outro, ou de um assunto para outro. Um cartaz num telefone no qual se lê *Não funciona* tem sobre o leitor um efeito simples: ele não usará o telefone. Se lhe dizem *O telefone não está funcionando* (digamos, quando o telefone não está presente), esta união dos dois estímulos verbais *telefone* e «5o *funcionando* com o autoclítico *está* tem o mesmo efeito: ele não se aproximará do telefone, nem se empenhará em qualquer comportamento apropriado a seu uso. Se este é o resultado de ocasiões anteriores nas quais uma situação semelhante foi associada com o mesmo estímulo verbal, a resposta inteira *O telefone não está funcionando* atua como uma unidade. Mas quando tal resposta é eficaz pela primeira vez, *não está funcionando* já deve ter-se transformado num estímulo verbal importante, possivelmente em respostas como *O rádio não está funcionando* ou *O carro não está funcionando.* A resposta O *telefone* também já deve ter sido eficaz em combinações tais como *O telefone está tocando* ou *O telefone está sendo usado.* O estímulo verbal *O telefone não está funcionando,* ouvido dessa forma pela primeira vez, põe o comportamento previamente controlado pelo estímulo *não está funcionando* sob o controle do estímulo *telefone* e do estímulo não-verbal proporcionado pelo próprio telefone. Como resultado da audição dessa resposta, o falante não só não usa o telefone, como também pode avisar uma terceira pessoa de que o telefone não está funcionando. Da mesma maneira, quando dizemos *Este tipo de cogumelo é venenoso,* alteramos efetivamente o comportamento do ouvinte colocando sob o controle de um tipo particular de cogumelo qualquer comportamento previamente controlado por venenos. O efeito sobre o ouvinte é verbal, se em seguida ele simplesmente repetir o que dissemos, ou falar acerca dos cogumelos como venenosos. O efeito será prático e não-verbal se ele

evitar comer tal espécie de cogumelo e se assegurar de que os outros também o evitam.

Instrução E Conhecimento

A mudança assim ocasionada no comportamento do ouvinte é chamada adequadamente de "instrução". Este é o sentido no qual o termo é usado nas instituições educativas. O estudante chega a emitir certos tipos de resposta, quer verbais, quer não--verbais, por causa dos estímulos verbais que ocorrem em circunstâncias específicas. Conferências, demonstrações, textos e experimentos aumentam os repertórios verbal e não-verbal do ouvinte ou do observador por intermédio de processos desse tipo. No campo da história, o efeito é quase exclusivamente uma modificação do comportamento *verbal* futuro do estudante, produzindo grande parte dessa mudança em seu comportamento, como falante, sob a forma de seqüências intraverbais. Nas ciências práticas, um efeito mais importante pode ser o de estabelecer modos nãc--verbais de resposta.

Um efeito imediato é descrito tradicionalmente quando se diz que o leitor "sabe agora algo que antes desconhecia". Voltando a um exemplo descrito no capítulo 5, podemos dizer que o resultado mais importante de ouvir alguém dizer *Raposa,* em circunstâncias em que se txata claramente de um *tacto* ou com

o suporte autoclítico, *Há uma* ... ... é que o ouvinte

"agora sabe que há uma raposa na vizinhança". Mas o que queremos dizer com "sabe"? Em que sentido nosso ouvinte sabe o nome de Jones, ou o nome de uma tomada, ou que o telefone não está funcionando? O termo "sabe" refere-se a uma condição intermediária hipotética, que só é detectada mais tarde. Dizemos que sabemos que um telefone não está funcionando antes mesmo de exibir um comportamento apropriado a telefones que não funcionam. Dizemos que sabemos que o nome de um homem é Jones antes de exibir um comportamento apropriado a um homem chamado Jones. Mas este uso do termo não se limita a mudanças induzidas verbalmente. Podemos descobrir que um telefone não está funcionando tentando usá-lo, e podemos descobrir que há uma raposa nas redondezas vendo uma raposa. Na medida em que os dois tipos de mudança são iguais, podemos dizer que ouvir que há uma raposa na vizinhança tem o mesmo efeito que ver uma raposa, assim como ouvir que o telefone não está funcionando tem o mesmo efeito que descobrir tal fato ao tentar usar o telefone. Nos dois casos, há um comportamento potencial chamado conhecimento. (Um estímulo verbal pode levar o

ouvinte a "ver" a coisa descrita numa espécie de "visão condicionada",[142] o que tem sido identificado com "conhecimento". Todavia, tal condição nem sempre prevalece quando se aplica o termo conhecimento. Podemos inferir que a visão condicionada, quando ocorre, proporciona outra semelhança entre os casos verbais e não-verbais.)

Mas haverá algum efeito mediato? Pode ser que o leitor de um romance jamais faça algo acerca do que leu. Mudanças em seu comportamento futuro — tal como a alteração de atitude gerada por um romance de propaganda — são eventuais. Todavia, o efeito imediato não se compõe totalmente de reações condicionadas e discriminativas a estímulos verbais separados. Ante a descrição de uma nova cena, o leitor se comporta mais ou menos como se comportaria diante da própria cena: com um comportamento novo. A descrição se "compõe" de ingredientes verbais separados, assim como a cena se compõe de acontecimentos separados, e a reação de alguém diante de ambos é, em parte, determinada pela forma pela qual elas são postas juntas neste exemplo . Quando Dickens relata que a pequena Nell está morta, a reação emocional do leitor não é constituída apenas pelos reflexos condicionados separados evocados por *Pequena Nell* e *morta.* Este problema é mais do que meramente verbal. Nós reagimos à morte de um cachorro de estimação com algo mais do que as respostas condicionadas separadas a cachorro e morte.

Diz-se que o conhecimento, mais do que o comportamento de conhecer, é *comunicado* num episódio lingüístico. A noção de comunicação, de certa forma, é mais apropriada aqui do que em seus efeitos sobre o ouvinte, discutidos nos capítulos 5 e 6. Contudo, ela persiste como numa metáfora enganadora. Consideremos o "fato" de que há ouro em Klondike. Pode-se dizer que uma pessoa conhece tal fato não verbalmente se, ao precisar de ouro, ele vai até Klondike. Uma evidência mais comum desse conhecimento é que ela diz *Há ouro em Klondike.* A resposta verbal pode ter surgido de um ato de composição no próprio local, em Klondike, de forma ecóica ou textual (possivelmente produzido intraverbalmente) a partir do comportamento de outra pessoa. A resposta pode ser valiosa simplesmente enquanto tal, quer para o falante, quer para outrem, se ela produz uma mudança vantajosa no comportamento de alguém que precisa de ouro. A resposta *Há ouro em Klondike* altera o comportamento com relação ao *fato* de que há ouro em Klondike, mas isto nada mais é do que a circunstância estimuladora original responsável pela união autoclítica das respostas *ouro* e *Klondike.* O fato não se transmite de um falante para outro. O que "se tornou comum" ao ouvinte e ao leitor (considerando a etimologia de *comunicar)* é ou uma resposta verbal ou uma tendência não-verbal resultante (ir para Klondike quando o ouro é reforçador).

---

[142] Science and Human Behavior, capítulo 17.

Como vimos no capítulo 10, a noção de comunicação, se destrói quando falante e ouvinte estão de posse "dos mesmos fatos" ou, mais precisamente, "do mesmo comportamento". A concepção tradicional de linguagem levar-nos-ia a acreditar que, em tal caso, prevaleceria um silêncio total, embora talvez a maior parte do discurso filosófico e científico seja desse tipo. Trataremos desse efeito extraordinariamente importante da auto-instrução no capítulo 19.

Ao comparar o comportamento do falante e do ouvinte num determinado caso, devemos notar também que o comportamento de um é relativamente independente do comportamento do outro. Um falante pode instruir o ouvinte mesmo que ele próprio não possua o "conhecimento" transmitido. Alterando ligeiramente um exemplo clássico,[143] quando o Padre Fulano diz a um grupo que a primeira pessoa que o havia procurado como confessor era um assassino e o Sr. Y, entrando em seguida, diz que o Sr. X havia sido a primeira pessoa a quem o Padre Fulano havia dado confissão, a mudança acarretada no comportamento do grupo com relação ao Sr. X (diante de quem revela-se agora um comportamento apropriado a um assassino) pode não ocorrer no próprio Sr. Y. A distinção entre um padrão estabelecido mais amplo de comportamento verbal e um primeiro exemplo de composição desse padrão também não precisa se aplicar ao falante e ao ouvinte em conjunto. Uma resposta engendrada dolorosamente pelo falante, num padrão que ocorre portanto, pela primeira vez em seu comportamento, pode revelar-se como um estímulo-padrão ao qual o ouvinte reage sem exemplificar o processo de instrução. Por outro lado, o mais grosseiro chavão por parte do falante é capaz de alterar profundamente o comportamento do ouvinte. Isto pode acontecer até mesmo quando o falante é seu próprio ouvinte, como quando ele "vê- subitamente o significado de" um livro de máximas. Nesse caso, uma cadeia intraverbal de longa duração — digamos, *a pressa é inimiga da perfeição* — de repente se torna eficaz ao induzir o leitor inclinado a evitar a imperfeição para que também evite a pressa.

Condições Limitadoras da Instrução do Ouvinte

Além dos fatores usuais que afetam o comportamento do ouvinte (tal como a clareza do estímulo verbal ou a extensão do condicionamento de respostas separadas), uma instrução bem sucedida está sujeita a várias condições. Uma delas é o "prestígio" do falante ou a "crença" do ouvinte acerca do que o falante diz. O ouvinte reage ao comportamento de um dado falante numa extensão determinada pelas conseqüências das reações passadas. O falante pode inspirar confiança ou crédito, dizendo muitas coisas que são obviamente verdadeiras ou rapidamente

[143] Tackeray em "On Being Found Out" *(Roundabout Papers) o* chama de uma "velha história".

confirmadas, ou ainda recorrendo a expedientes retóricos. O ouvinte é instruído pela repetição, pelas técnicas de instigação e investigação do capítulo 10 e — o que é de especial relevância aqui — pelo uso hábil de autoclíticos *Você concordara ... , Não preciso dizer... , É claro...* , e assim por diante. Outros autoclíticos relevantes são os *mandos,* e o ouvinte reage de formas resultantes de contingências previamente arranjadas pelo falante atual ou por alguém como ele. O ouvinte responde a uma definição (chamemos este tipo de operante de *tacto)* ou a um *mando* condicional ou a um *tacto (se o número resultante for inferior a 2 000, tente novamente*) como responde a qualquer ordem. A eficácia do ensino depende, em parte, da habilidade do professor para gerar relações de prestígio, relações que tornam seus *mandos* eficazes nesse tipo de instrução.

O comportamento freqüentemente dramático do ouvinte sob hipnose é um caso extremo de instrução. As técnicas para induzir o estado hipnótico são ricas em *mandos* e as sugestões hipnóticas costumam assumir a mesma forma. Se damos ao sujeito hipnotizado um mata-moscas e dizemos *Isto ê um guarda-chuva,* ele transfere aquilo que poderíamos chamar de comportamento-guar-da-chuva para o mata-moscas. Nossa resposta é uma espécie de instrução ou definição ampliada: *Aja como se isto fosse um guarda-chuva.* Se em seguida dissermos *Está chovendo,* ele pode transferir seu comportamento apropriado aos dias de chuva para a cena atual e talvez segure o mata-moscas como se fosse um guarda-chuva. (Estas afirmações não constituem, é claro, uma *explicação* sobre a hipnose, melhor ou pior do que as afirmações precedentes sobre o comportamento verbal; elas apenas classificam as instruções hipnóticas de acordo com contingências verbais mais generalizadas. Os processos hipnóticos intensificam o controle verbal, com exclusão de outras formas de estimulação. Os resultados excepcionais obtidos sob hipnose não diferem em espécie do comportamento normal do ouvinte.)

A instrução verbal é limitada pela extensão da mudança requerida. À medida que uma resposta verbal se torna cada vez mais complexa, atingir-se-á um ponto no qual o ouvinte será incapaz de agir de forma apropriada. Os exemplos discutidos pelos lógicos costumam ser bons. O ouvinte pode indicar a instrução recebida dizendo *certo* à afirmação *Paris é a capital da França* ou a *Paris é a capital da França é certo.* Ele pode também responder *é errado* à frase *Paris é a capital da França, ê errado,* mas pode achar difícil responder, pelo menos imediatamente, a arranjos mais complexos desses autoclíticos. Isso não é mais surpreendente do que qualquer falha ao responder a instruções complexas. O ouvinte que responde corretamente a *Coloque a mão direita no ouvido esquerdo,* pode revelar sinais de confusão ao responder a *Encoste a mão esquerda no ouvido direito, a mão direita no nariz, pisque o olho esquerdo e ponha o pé direito à frente.* A adequação de *direito* e *esquerdo depende* da ordem e da adjacência dos termos e, em algum ponto, o comportamento resultante se destrói. Em algumas formas de afasia semântica, a capacidade do indivíduo' em manter até

mesmo padrões de tamanho normal é danificada e o alcance das velocidades efetivas é diminuído.

A extensão da instrução que ocorre, pode depender em parte da instrução necessária. Um especialista compreende facilmente um noviço, porque ele precisa realizar poucas mudanças em seu comportamento. O lugar comum é compreendido mais facilmente do que a novidade. *"Malheur a qui invente en parlant".*[144] O tempo de que o leitor dispõe também afeta a extensão da mudança instrutiva de que ele é capaz. Um material difícil pode ser compreendido nesse sentido, se for apresentado lentamente. Sob esse aspecto, os estímulos verbais escritos têm grande vantagem sobre os vocais, pois o leitor pode controlar a marcha da apresentação. Praticamente, qualquer material que envolva instrução torna-se ininteligível nesse sentido, se for apresentado (ou lido) muito depressa — mesmo que permaneça inteligível no sentido de que qualquer uma de suas partes pode ser repetida de forma correta. Testes de velocidade de leitura medem a velocidade ótima em que podem ser efetuadas mudanças desse tipo.

A "dificuldade" de um estímulo verbal — digamos, de um texto — pode significar obviamente muitas coisas: sua clareza, a familiaridade dos termos que contém, a força suplementar que gera com estímulos ecóicos, textuais e intraverbais e a densidade e natureza de seus autoclíticos. A estas, podemos acrescentar os tipos de mudança que ele planeja realizar no comportamento do ouvinte ou do leitor.

---

[144] Atribuído a "Faublas", de Sthendhal, Le Rouge et le Noir: "Une idée un peu vive y l'air d'une grossièreté, tant on y est accou-tumé aux mots sans reliet. Malheur a qui invente en parlant!"

Parte V

A PRODUÇÃO DO COMPORTAMENTO VERBAL

CAPÍTULO 15

A AUTOCORREÇÃO

As respostas verbais são descritas e manipuladas pelo falante com autoclíticos apropriados que aumentam e modelam seu efeito sobre o ouvinte. Muitas vezes elas também são examinadas por seus efeitos sobre o falante ou sobre o ouvinte em perspectiva, e em seguida rejeitadas ou liberadas. Esse processo de "correção" constitui uma atividade adicional do falante.

A Rejeição Do Comportamento Verbal

Uma resposta emitida de forma aberta pode ser lembrada ou anulada por uma resposta adicional. Um registro externo claro do comportamento verbal *escrito* pode afetar o "falante" antes que ele atinja o "ouvinte", e pode ser cortado, rasurado, cancelado ou arrancado. O escritor reagiu a seu próprio comportamento e o rejeitou. O processo tem interessado aos críticos literários. Ridley,[145] por exemplo, após um exame cuidadoso dos manuscritos de Keats, concluiu que "a maior parte das correções de Keats foi feita no momento da composição; uma palavra era rejeitada antes mesmo de ser totalmente escrita". Quando o escritor não rejeita, ainda assim é necessário distinguir entre o ato de autorizar que o texto atinja o leitor e o comportamento original de escrevê-lo.

Uma "correção" comparável do comportamento *vocal é* mais efêmera e, por isso, de descrição mais difícil. Impedir uma fala audível pode parecer nada mais que uma simples não» -emissão. Algum comportamento restritivo pode, todavia, ser detectado, tal como morder os lábios ou a língua, ou ainda levar a mão à boca. Em

---

[145] RIDLEY, M. R., Keats' Craftmanship: A Study in Poetic Development, Oxford (1933).

casos extremos, as pessoas mordem os lábios ou a língua, para evitar um comportamento verbal que possa ser prejudicial a si ou a outrem.[146]

O ato é eficaz apenas numa pessoa analfabeta. Uma recusa formal a falar numa corte de justiça ou num comitê legislativo é tida como desacato à autoridade.

Caso uma resposta vocal não seja ouvida, ela pode ser "anulada" pela simples não-repetição, quando solicitada. Assim, a resposta é eliminada. Uma resposta que já atingiu o leitor pode ser "reavida" mediante um apropriado "autoclítico" de manipulação. A um estenógrafo, no escritório ou no tribunal, o falante pode dizer simplesmente *Corte isso.* Ao ouvinte comum, ele pode dizer *Esqueça isso* ou *Pule isso.* Pode ainda acrescentar um *Não* retardado, ou substituir por uma versão corrigida começando por um autoclítico como *Eu quis dizer...* [147] Quando Falstaff, zangado com o príncipe Hal, diz *God save thy Grace, Majesty I should say, for grace thou wilt have none* "Deus salve Vossa Graça, Majestade eu deveria dizer, *pois graça vós não tendes nenhuma",* a resposta *Grace* como parte de uma seqüência intraverbal tem um efeito automático incongruente sobre o falante, o qual a rejeita em seguida, substituindo-a pelo igualmente comum *Majestade,* que, porém, está livre do efeito colateral. A revogação formalizada do comportamento verbal é exemplificada por retratações e retrações.

É evidente que o comportamento subvocal pode ser revogado antes de ser emitido de forma audível. Como veremos logo mais, esta é uma de suas vantagens. O falante testa seu comportamento em si próprio antes de oferecê-lo ao ouvinte. Um impedimento inadequado, quando há fortes razões para se emitir uma resposta, pode levar a um comportamento sussurrado, murmurado ou hesitante, e de baixa energia e velocidade. Ao "falar com os lábios" à distância ou através de uma janela a alguém que está longe — isto é, comportando-nos com os lábios como se estivéssemos falando — a vocalização pode ser impedida inadequadamente; algumas

---

[146] W. E. Lecky, em A History of European Morais, II, p. 296, cita Plutarco De Garrulitate, e Plínio, o Velho, Historia Naturalis, XXXIV 19, ao referir-se a um cortesão que, evidentemente, fez isso para evitar a revelação da trama a um amigo.

[147] Como é possível, do ponto de vista de uma teoria funcional do significado, alguém "dizer algo que não corresponda àquilo que queria dizer" ou "não dizer algo que queria dizer"? A expressão autoclítica Não é isso o que eu queria dizer é facilmente explicada quando o ouvinte reage de forma não-apropriada, como se se tratasse de outra resposta. I meant 'light' in the sense of illumination not as opposed to "heavy" [Eu quis dizer 'light' no sentido de iluminação, e não como oposto a "pesado"], é uma especificação adicional das variáveis responsáveis pelo comportamento do falante, especificação que, provavelmente, terá um efeito mais apropriado sobre o ouvinte. Mas não é provável que o falante interprete mal a si mesmo nesse sentido. Quando ele descobre que não disse o que pretendia dizer, está interpretando seu papel de auto-ouvinte. Seu lapso verbal constitui uma surpresa, e ele registra que "pretendia dizer" outra palavra. Ou quando um estado de coisas sutil ou difícil exerce apenas um controle tênue de estímulo, mas, não obstante as condições gerais de força, produzem um comportamento verbal, ele pode comentar a inadequação de seu comportamento dizendo Não é bem isso o que eu queria dizer. Ele reage à propriedade de seu comportamento a certas variáveis de controle e tece comentários a respeito.

palavras podem ser vocalizadas, ou os movimentos exagerados dos lábios podem ser acompanhados mediante uma vocalização sustentada de baixo nível de energia ou, ainda, com pouca ou nenhuma mudança de entonação. Às vezes é possível observar um comportamento audível no próprio ato de produção de efeitos imprevistos, uma retração para um nível subaudível — como, por exemplo, quando alguém inicia uma anedota grosseira e pára na metade. A expressão "fazer um homem engolir o que disse" não é assim tão metafórica. o comportamento não testado subvocalmente costuma ser tão aversivo para os outros que o falante que não cuida de testá-lo pode receber uma ordem de "parar e pensar" antes de falar.

Grande parte da auto-estimulação requerida na descrição autoclítica e na composição do comportamento verbal parece ocorrer antes mesmo da emissão subaudível. Tanto no comportamento escrito como no vocal são feitas mudanças no momento e tão depressa que não podemos atribuí-las razoavelmente a uma revisão efetiva das formas ocultas. Esse tipo de correção algumas vezes também é acompanhado por movimentos físicos de auto--restrição, como ao morder a língua ou ao atirar para longe a pena com que escrevemos. Evidentemente, a estimulação associada com a produção de comportamento verbal é suficiente para capacitar alguém a rejeitar uma resposta antes que essa resposta tenha assumido sua forma final. o assunto é difícil, porque tem todas as desvantagens de uma estimulação pessoal.

Por que o Comportamento é Rejeitado

O falante rejeita amiúde uma resposta porque ela foi punida. Como vimos no capítulo 6, a punição não enfraquece diretamente o comportamento; ela apenas fortalece formas incompatíveis.[148] Uma criança adquire uma resposta obscena na escola, emite-a em casa e é punida. O efeito não é a redução da probabilidade dessa resposta, mas torná-la, bem como as circunstâncias nas quais ela tende a ser emitida, um estímulo aversivo condicionado. Quando a resposta torna a ser fortalecida até o ponto de emissão, ela gera uma estimulação aversiva (a "ameaça" de punição). Essa conseqüência especial altera a aparente força do operante verbal, mas tem outro efeito distinguível ao gerar um tipo de comportamento convenientemente chamado rejeição. Rejeitar uma resposta reduz a estimulação aversiva condicionada gerada por ela e é reforçada por isso. O comportamento deve ser classificado quer como fuga, quer como evita-ção, dependendo do fato de a estimulação aversiva incondicio-nada já ter ocorrido. Tapar a boca com a mão para prevenir uma

[148] Science and Human Behavior, capítulo .12.

resposta aberta é claramente uma evitação, assim como o fato de se dizer algo em seu lugar. "Reaver uma resposta" constitui uma forma de fuga.

Além da montagem do comportamento de evitação e de fuga, a estimulação condicionada gerada pela punição tem um efeito emocional. Nós não apenas "reavemos" uma resposta passível de punição, ou a seguramos na "ponta da língua", como também suportamos uma reação de medo ou de culpa. Como Conrad escreve em *Lord Jim, I... was afraid to speak, in the same way that one dares not move for fear of losing a slippery hold* [Eu... estava com medo de falar, da mesma maneira que alguém tem medo de se mover para não perder um ponto de apoio escorregadio"]. Ao reduzir os aspectos aversivos de uma situação, podemos, ao mesmo tempo, reduzir a reação emocional, o que pode constituir um reforço adicional. Mas a emoção (quer ela seja "sentida" ou não) não é essencial à rejeição; ela é muito lenta para produzir uma correção subvocal instantânea. (Ela pode alterar a força da resposta punida pelo fato de entrar em conflito com variáveis motivadoras ou emocionais de que a resposta é função.)

Não é preciso que ocorra o subproduto emocional da punição quando os efeitos aversivos previnem a emissão da resposta, mesmo na forma subvocal. Isso é o que os psicólogos freudianos chamam de repressão "bem-sucedida". A resposta punida nunca atinge o estágio no qual ela gera o padrão emotivo de ansiedade, e a repressão bem-sucedida é, por conseguinte, menos perturbadora que uma forma menos eficaz. Ela também é mais bem sucedida do ponto de vista de quem pune, uma vez que pode eliminar um comportamento censurável de um repertório sem criar efeitos daninhos colaterais. Mas se nesse estágio não há uma estimulação aversiva condicionada, não há, provavelmente, nenhum ato de eliminação para ser considerado aqui.

O efeito da punição na redução da freqüência das respostas punidas por um tipo de correção pode ser demonstrado nos organismos mais elementares. Num experimento de demonstração, ensina-se um pombo a "nomear" quatro cores bicando palavras impressas. Se uma área colorida é vermelha, o pombo faminto é reforçado com comida por bicar a palavra *vermelho;* se a cor é amarela, reforça-se o ato de bicar a palavra *amarelo,* fazendo--se o mesmo com o azul e o verde. Sob tais condições, o pombo é reforçado, em média uma vez em cada quatro bicadas, independentemente da cor e, assim, um "nomear" preciso se desenvolve de forma muito lenta, se é que se desenvolve. Há duas maneiras de solucionar esse problema. O pombo pode ser forçado a "olhar" a cor antes de responder ao nome apropriado: por exemplo, os nomes impressos podem ser mantidos inacessíveis, até que o pombo bique a área colorida. Esta prática garante um forte estímulo logo antes que uma resposta possa ser dada a um nome, desenvolvendo-se desse modo, rapidamente, um controle de estímulo. Outra técnica consiste em punir respostas erradas. Quando o pombo bica a palavra certa, recebe comida; mas quando bica a

palavra errada, o aparato é mudado de posição e o pombo é obrigado a esperar alguns minutos antes de dar outra resposta. Esta punição suave tem um efeito dramático. O pombo começa a hesitar em golpear a palavra e começa então a olhar para a cor antes de responder às palavras. Seu desempenho melhora muito. Aqui a punição melhora a relação entre uma resposta e suas variáveis de controle, de forma que a correção é, eventualmente, desnecessária.

Por que o Comportamento Verbal é Punido

O comportamento verbal pode desagradar ao ouvinte simplesmente como um barulho. Por essa razão, a punição leva freqüentemente o comportamento verbal das crianças para o nível encoberto. Quando a comunidade já se assegurou de que a criança possui um repertório eficiente, ela costuma desinteressar-se pelo que a criança diz. Segue-se então um período em "que as crianças devem ser vistas e não ouvidas", e em que a punição costuma ser invocada. *Tactos* inúteis de estímulos vulgares, comportamentos verbais não-controlados sob a forma de tagarelice fútil, seqüências intraverbais idiossincrásicas e, portanto, "difíceis de serem seguidas", são suprimidas. As contingências que constróem o comportamento ecóico não têm por objetivo estabelecer tais respostas a todos os estímulos verbais; e a criança pode precisar ser punida por repetir, em lugar de responder a uma questão, ou por repetições excessivas. Tão logo é ensinada a ler, já a ensinam a ler em silêncio, e muitas vezes recebe castigos por ler alto. Nas bibliotecas, igrejas, teatros, etc, as pessoas, numa certa medida, são punidas por qualquer comportamento verbal, independentemente da forma dos mesmos.

Certas propriedades das respostas são aversivas para os outros e tendem a acarretar punição. Entre estas situam-se a voz muito alta, o tom ríspido, o sibilar, a aliteração pesada na dicção, melopéias monótonas e realizações defeituosas, como a má soletração, o gaguejar ou falas incompletas.

O comportamento verbal costuma ser punido por causa de *um controle de estímulo* deficiente. Condicionamento pobre, esquecimento, interação entre respostas de algum modo semelhantes, e outras condições, podem levar á "palavra errada" — a *mandos, tactos* e respostas intraverbais, ecóicas e textuais, que não satisfazem as contingências reforçadoras da comunidade. O controle deficiente do *tacto* impuro — mentiras, exageros, desejos expressos como tais, etc. — acarreta punição em muitas comunidades, o comportamento que é forte primeiramente por causa de seus efeitos sobre o próprio falante, porque ele está "falando consigo mesmo", tende a ser punido pelos outros. Falas "ilógicas", seqüências intraverbais afetadas ou

forçadas e as respostas intraverbais irrelevantes chamadas "vôos de idéias" são comumente punidas, especialmente por comunidades verbais práticas e científicas. O "medo de proferir tolices"[149] daí resultante cria problemas para a técnica da psicanálise. Respostas tiradas do comportamento verbal de outro sem autorização, como se dá no plágio, são também passíveis de punição.

O comportamento verbal costuma ser punido — quando mais não o seja, por sua ineficácia — quando está sob um *controle pobre de auditório.* Expressões vulgares ou intelectualizadas são punidas nos meios que não condizem com elas. Algumas respostas — como as obscenidades, as blasfêmias, etc. — são geralmente punidas, é claro que não pelo ambiente verbal que as construiu. Em geral, os movimentos de um grupo para outro fomentam a punição. A criança de uma família de imigrantes descobre que a linguagem de seu lar é considerada ridícula, ou sofre de outras desvantagens na comunidade exterior. Muitas crianças passam pela mesma experiência com a "linguagem infantil" que usam em casa. Expressões familiares apropriadas para nossos iguais são punidas quando usadas para um ser superior. A fraqueza do controle do auditório pode ser uma questão de forma ou de tema — exemplificado, no primeiro caso, por um empréstimo excessivo de palavras de uma língua e, no segundo caso, pela revelação de segredos comerciais ou governamentais, ou pela "delação" ou pela "tagarelice". Outra insensibilidade punível diante de um auditório é exemplificada pela resposta muito óbvia, muito comum ou gasta, ou ainda simplesmente muito repetida pelo falante atual.

O comportamento verbal pode ser punido numa forma de retribuição quando tem conseqüências punitivas para o ouvinte. A referência a um estado de coisas desagradáveis, que "fere os sentimentos do ouvinte", é uma forma de "ruptura", que é revogada se gerar em tempo uma auto-estimulação aversiva. Uma vez emitida, ela pode deixar o falante com uma reação emocional condicionada de culpa. A satisfação com a qual a "ruptura" é revogada está em profundo contraste com a insensibilidade com a qual o falante pode continuar a ferir o ouvinte com críticas ou sobrecarregá-lo com *mandos* ecóicos. A punição dada em troca em tais casos parece muitas vezes substancial *[Pelo amor de Deus, pare de me aborrecer!)* e muito além de qualquer demonstração de "sentimentos feridos" após uma observação sem *tacto.* Quando este é o caso, devemos concluir que ferir o ouvinte com críticas e aborrecê-lo não é punitivo para o falante. Pelo contrário, isso parece constituir uma forma especial de reforço positivo, apropriado à condição emocional chamada agressão.

O comportamento verbal pode ser automaticamente auto-punitivo. Os nomes de pessoas não apreciados e as respostas apropriadas para episódios embaraçantes,

---

[149] Freud, Sigmund, *Basic Writings* (Modern Library), p. 718.

perigosos ou assustadores geram conseqüências punitivas no processo de emissão. O falante (especialmente uma criança ou uma pessoa supersticiosa) freqüentemente rejeitará ou revogará de forma óbvia uma resposta quando solicitado a emitir uma sentença na qual o nome de uma pessoa amada esteja associado com um adjetivo pejorativo ou obsceno, ou na qual o ser amado é amaldiçoado. A resposta ou não será emitida ou, tão logo emitida, será revogada com um autoclítico tal como *Eu não quis dizer isso,* amiúde com sinais evidentes de ansiedade gerados pela estimulação aversiva condicionada automática. Da mesma forma, pode ser difícil conseguir-se que uma criança abençoe um inimigo ou o descreva em termos elogiosos ou afetivos.

Formas sutis de punição costumam emergir quando uma resposta "estraga algo": quando estraga uma piada, por precipitar seu desfecho jocoso, quando revela um motivo oculto numa propaganda ou apresenta o ponto básico de um ensaio de uma forma tão óbvia que o resto do ensaio se torna supérfluo. O comportamento verbal é igualmente punido quando expõe o falante à punição por outras razões — como quando um pecado ou um crime é confessado ou revelado inadvertidamente. Em especial desde Freud, as respostas podem ser punidas porque expõem a operação a variáveis objetáveis. Ao passar por uma pocilga em companhia de um amigo, uma pergunta repentina sobre os filhos desse amigo não será muito apropriada. A escolha de um tema por um escritor pode ser objeto de conseqüências punitivas por parte dos críticos influenciados pela psicanálise. Mas se os pós-freudianos têm uma razão adicional para medir as palavras, a mudança é apenas de grau. "Revelações" grosseiras provavelmente sempre foram motivo para correções. No livro *The Last Chronicle of Barset,* de Anthony Trollope, publicado em 1867, Grace Crawley recebe um pedido de casamento, por escrito, do Major Grantly. Por causa do infortúnio e da desgraça de seu pai, de todos conhecida, ela se vê obrigada a recusá-lo e a ocultar seus sentimentos. Grace, então, escreve a ele:

"I know that a gentleman ought not to marry any girl to do himself or his family an injury by it, and I know that if I should make such a marriage, I should be unhappy ever after-ward, even though I loved the man ever so dearly with ali my heart." These last words she had underscored at first, but the doing so had been the unconscious expression of her own affec-tion and had been done with no desire on her part to convey an expression to him. But on reading the words, ske discovered their latent meaning, and wrote it ali again.

["Sei que um cavalheiro não deve se casar com uma moça se, por esse casamento, ele estiver ofendendo sua família e a si mesmo, e eu sei que se eu realizasse tal casamento seria sempre infeliz, mesmo que eu amasse esse homem profundamente e com todo o meu coração." Inicialmente ela havia sublinhado essas última palavras, mas tal fato representava a expressão inconsciente de seu afeto e

ocorrera sem que de sua parte houvesse qualquer intenção de revelar a ele tais sentimentos. Mas, ao ler essas palavras, ela descobriu seu significado latente e tornou a escrevê-las.][150]

Os Efeitos da Punição

Disfarce da identidade do falante. Num grupo, o falante pode *murmurar* sua discordância ou protesto, ou então *vaiar,* em sinal de desaprovação. Essas respostas não usam o aparelho fonador de forma clara e não se pode determinar facilmente a fonte do som. (O *assobio é* um tipo diferente de modificação de resposta, porque envolve múltiplos auditórios). A carta anônima é a contrapartida escrita do murmúrio ou da vaia, mas suscetível à variedade normal de formas. Em todos esses casos, o falante evita a punição. Técnica semelhante é o manuscrito que é deixado para ser publicado após a morte do autor. Os testamentos romanos continham freqüentemente comentários ácidos acerca dos homens e dos assuntos públicos.

Recessão para o nível encoberto. No capítulo 19, veremos que há muitas razões pelas quais o comportamento cai abaixo do nível de alcance ou de energia pelo qual ele afeta o mundo exterior; mas muitos comportamentos são encobertos simplesmente porque seriam punidos se fossem aparentes. O falante fala consigo mesmo para evitar as punições infligidas pelo meio exterior. As crianças geralmente falam alto, até serem punidas por isso, e os adultos, caracteristicamente resistentes à punição — por exemplo, certos tipos psicóticos — também o fazem.

Falar sozinho. As contingências usuais de punição permitem certos modos de evitação ou de fuga nos quais o comportamento é emitido. O comportamento pode ser aparente, e continuar oculto em relação ao ouvinte ou ao leitor. Podemos falar alto quando a sós, podemos manter um diário num local fechado. O comportamento aberto pode restringir-se ao escritor como único auditório, se ele for codificado. Samuel Pepys poderia não escapar às várias punições sutis que o ameaçavam se apenas falasse de uma forma encoberta, ou se trancasse seu diário a chave; por isso ele recorreu a uma forma de redação que permaneceu indecifrada por muitos anos.

Fala disfarçada. A punição baseada na forma da resposta pode gerar outras técnicas de evasão. Um desses métodos é ilustrado pela história das duas freiras que compraram um asno para, afinal, descobrir que a única palavra que o fazia andar era obscena. Felizmente, a palavra era composta de duas sílabas diferentes, que sozinhas não eram censuráveis. As freiras resolveram então o problemas pela divisão do trabalho: uma emitia a primeira sílaba e a outra a segunda. Outro expediente é pos-

---

[150] TROLLOPE, Anthony, *The Last Chronicle of Barset* (Every-man's Edition), p. 324.

sível quando um eco possui um tempo curto de repercussão e pode ser ouvido como a repetição apenas de uma ou duas das sílabas finais. Erasmo usou essa técnica de forma irônica: "ele usou duas vezes formas oblíquas de ovos (forma grega de *asno)* como um eco, primeiro para *eruditionis* e depois para *Cicerone"*[151] Outra forma de evasão é exemplificada pelo acróstico: o amante tímido oculta o nome da amada nas letras iniciais de um poema.[152] Outras formas são possíveis recorrendo-se a auditórios múltiplos —como na sátira (capítulo 9). Daí até a metáfora ou o simbolismo a distância é pequena — expediente estudado pormenorizadamente por Freud. Em geral, o comportamento simbólico carece das propriedades puníveis de seu equivalente não-simbólico, mas retém propriedades positivamente reforçadoras.

Os Autoclíticos Da Correção

Todos os efeitos relacionados podem ser vistos como o resultado imediato da ação combinada das conseqüências positivas e negativas do comportamento. Não é preciso supor que o falante faça qualquer esforço deliberado para evitar a punição. Sob condições nas quais prevalecem tanto conseqüências de reforço como conseqüências de aversão, certas formas de comportamento são relativamente fortes como resultado de uma soma algébrica. Freqüentemente, porém, o falante só chega a essas formas depois que o comportamento punível atingiu pelo menos um estágio incipiente de desenvolvimento e foi rejeitado. (O modo pelo qual o falante descobre ainda um comportamento razoavelmente apropriado à situação e que não precisa ser rejeitado será discutido no capítulo 17.) Quando isso ocorreu, a punição fêz mais do que gerar uma "força negativa", que deve ser avaliada na causação múltipla.

Uma forma de correção que envolve um processo óbvio de revisão e recapitulação consiste na emissão da resposta, embora qualificando-a com um autoclítico que reduz a ameaça de punição. Tendo rejeitado uma resposta porque ofende o ouvinte, podemos, todavia, emiti-la se ela for antecedida pelos autoclítico *Se eu estivesse com um ânimo mais agressivo, eu poderia dizer...* Muitos autoclíticos expressam a crença, por parte do falante, de que ele recebera um *nihil obstat: Talvez você não me considere inoportuno se eu disser... , Com o perdão da palavra...* etc. A composição de autoclíticos de qualificação mostra de forma tão óbvia que o falante é sensível à possibilidade de conseqüências aversivas que se torna um instrumento poderoso

---

[151] HUDSON, W. H., citado em notas por Leonard Dean em Erasmo, *The Praise of Folly* (University Classics, Chicago, 1946).

[152] Um hino de formatura escrito por um formando de Harvard era um acróstico deveras embaraçador. Só depois de sua publicação é que se descobriu que as letras iniciais das 4 estrofes de 4 linhas compunham um comentário escatológico sobre todos os hinos de formatura.

para a descrição dos caracteres. No Dr. *Thorne* de Trollope o doutor disse apenas "Eu não sei se você seria capaz de ser cortês com Thumble. Eu não seria." O sr. Robarts responde: "Não sei se a descortesia não seria mais eficaz". Podemos reconstruir uma série de respostas, desde a mais audaciosa até a mais hesitante, da seguinte forma:

a) A descortesia é mais eficaz (quando usada)

b) A descortesia poderia ser mais eficaz (se usada)

c) Afirmo que a descortesia seria mais eficaz (mas posso estar errado).

d) Não digo que a descortesia não seria mais eficaz.

e) Não digo com certeza (não estou bem certo) que a descortesia não seria mais eficaz.

O expediente retórico chamado "paralepsis" consiste na emissão de uma resposta junto com um autoclítico que afirma que a resposta não está sendo emitida: *Eu não mencionaria a óbvia falta de lógica daquilo que meu oponente acaba de dizer.* Outro expediente é o pretenso lapso. Na Campanha Presidencial de 1952 foi feita uma tentativa para associar o candidato democrata Adiai Stevenson com Alger Hiss, que havia sido condenado por perjúrio ao testemunhar num inquérito sobre o comunismo. Um falante republicano fingiu um *lapsus linguae* ao chamar Stevenson de Alger.

Uma resposta que poderia ser suavemente punida — porque ligeiramente imprecisa ou pouco apropriada para uma comunidade verbal particular — é amiúde emitida acompanhada de um autoclítico: uma "risada nervosa" que indica para o ouvinte que o falante sentiu o efeito da punição, mas que apesar disso, está respondendo. Pessoas inseguras podem qualificar muitas de suas observações, pelo menos diante de ouvintes potencialmente punitivos, com uma risadinha autoclítica.

Às vezes uma resposta que "sabemos errada" será emitida com uma entonação descolorida, ou com uma baixa modulação. Quando várias pessoas estão tentando lembrar um nome, alguém pode, "esperançosamente", emitir uma resposta obviamente incorreta. É assim que as crianças emitem ocasionalmente respostas inoportunas, especialmente quando tais respostas são devidas a óbvias fontes fragmentárias de força. No exemplo notado no capítulo 9, a criança que vira uma balsa pela primeira vez e que ainda não tinha adquirido um *tacto* bem definido para a mesma, referiu-se a ela como a um carrossel, de uma forma que indicava claramente que a expressão era incorreta.

Ao descrever esse efeito da punição, expressões tais como *permissão, repressão, rejeição, remissão, impedimento* são em geral figurativas. Nem sempre podemos apontar uma atividade especial do indivíduo que fisicamente constranja o comportamento verbal, que o empurre ou o liberte. O que usualmente acontece é

que uma resposta incompatível desloca uma resposta punida, sendo o efeito claro da punição o de proporcionar o reforço de formas incompatíveis de resposta. Esse princípio é às vezes usado para explicar a força do comportamento verbal para o qual não há outra explicação: o comportamento é forte porque desloca respostas puníveis. Esta é a explicação do paciente que na terapia fala excessivamente de um assunto para não falar de outro; mas esse processo foi reconhecido muito antes de Freud. O herói Adolfo, de Benjamin Constant, registrou que, à medida em que aumentava a tensão entre ele e sua amante, *"nous parlions d'amour de peur de nous parler d'autre chose".*

Às vezes é necessário, como já vimos (capítulo 6), encarar o "fazer nada" como uma resposta, se isso tiver conseqüências reforçadoras identificáveis. Mas fazer nada é obviamente incompatível com um comportamento punível e, entre as conseqüências do "não falar", está freqüentemente a evitação à punição. Há uma diferença, embora tênue, entre premiar uma criança por ficar quieta e puni-la por falar; mas no segundo caso a punição prepara o reforço automático para o ficar quieto. Ao "calar-se", uma pessoa pune a outra recusando-se a falar com ela. O efeito do calar-se está muito próximo do insulto, mas ambos esses comportamentos devem ser descritos respectivamente como "não falando" e "falando". Quando uma criança pune os pais permanecendo quieta, ela pode entregar-se a um falar não-corri-gido quando ocorre um fato excitante, mas isso, automaticamente, pune a criança, destruindo a vantagem de que ela gozava punindo com o silêncio. Uma pessoa pode continuar a se manter calada diante de um amigo a fim de evitar a punição gerada automaticamente pela perda da vantagem de calar-se.

Os vários efeitos da punição não parecem justificar o uso extensivo dessa técnica para reduzir a força das respostas verbais. Se a punição é administrada de forma suficientemente hábil para produzir uma "repressão bem sucedida", o resultado pode ser satisfatório e, em geral, há uma vantagem considerável se a punição gerar um processo de correção por meio do qual o comportamento verbal seja emitido com "deliberação". Isto é particularmente verdadeiro com relação às conseqüências práticas do comportamento verbal a serem consideradas no capítulo 18. O valor da "deliberação" é observado no experimento no qual um pombo "dá nome" a cores. O desempenho do falante humano também é melhorado por uma punição leve. Se todas as respostas verbais das pessas fossem invariavelmente reforçadas, elas estariam constantemente ocupadas com comportamentos verbais. Uma simples redução na freqüência relativa do reforço[153] reduziria essa atividade, embora, provavelmente, não a um nível razoável. O processo de extinção, como é empregado na discriminação, coloca o comportamento verbal sob um controle apropriado de estímulos,

[153] Ferster. C. B. e Skinner, B. F., *Schedules of Reinforcement,* Nova Iorque, (1957).

mas as condições sob as quais o comportamento verbal é reforçado são tão extensas e confusas que talvez seja necessário algo mais. O processo de correção gerado pelo castigo aumenta muito a adequação do comportamento verbal a todas as circunstâncias de uma situação, incluindo-se o auditório.

Infelizmente, porém, as conseqüências nem sempre são tão satisfatórias, seguindo-se, às vezes, o gaguejar, o balbuciar, o mutismo, o medo de falar em público, a confusão emocional e uma diminuição geral do nível do comportamento verbal, com perda de suas vantagens. Conhecem-se conseqüências mais brandas. Em geral, simplesmente por causa da rejeição de uma primeira resposta que uma segunda forma censurável tem oportunidade de ocorrer. Por causa da punição pela supressão do *g* final, a resposta correta *mountain* ["montanha"] pode ser rejeitada em favor de *mounting* ["montagem"]. No capítulo 11, vimos que a rejeição de formas repetidas e monótonas leva a neologismos distorcidos. A frase empolada revelou-se muito forte no cartaz solicitado por uma companhia de seguros: *Por favor, coloque este cartaz em sua garagem com vistas a obter sua cooperação na minimização dos acidentes automobilísticos* quando uma versão comum (que terminasse talvez com *ajude--nos a evitar os acidentes automobilísticos)* parece claramente ter sido rejeitada.

Conseqüências Positivas Que Levam À Liberação Da Resposta Verbal

O reforço automático do comportamento verbal também representa um papel no processo de correção. Se o teste subvo-cal revela simplesmente que uma resposta gera uma estimulação aversiva não-condicionada, então, a resposta é "liberada". Mas o teste pode ter um efeito positivo que encoraja uma emissão aberta. Isso será importante quando a resposta encoberta é fraca porque pobremente condicionada ou porque sofreu extinção, ou ainda porque o falante está cansado ou doente, ou porque a situação de controle, incluindo o auditório, não está clara, e assim por diante. Reforçando-se o falante no nível encoberto, a resposta adquire força adicional e pode ser emitida abertamente.

Os "testes de correção" constituem um desses casos. Uma pessoa que tenha adquirido uma segunda língua, principalmente como leitor ou como ouvinte, e depois comece a falá-la, será por muito tempo um ouvinte mais discriminador do que falante. Ele produz respostas nessa língua com alguma dificuldade, mas distingue prontamente entre formas ou padrões eficazes e padrões ineficazes. Isto o leva a rejeitar erros, mas um resultado igualmente importante é o de que as respostas corretas são reforçadas. Ao se falar a língua natal de alguém com relação a circunstâncias novas ou confusas, pode ocorrer um reforço comparável do comportamento efetivo. Os autoclíticos, as normas e disposições da gramática, as

disposições da retórica, etc. podem ser testadas subvocalmente, e instâncias bem sucedidas podem ser reforçadas até o ponto de serem emitidas abertamente. Ao rever o comportamento no nível encoberto, pode-se, pela primeira vez, "ver o que se tem a dizer e julgar se vale a pena dize-lo".

Muitas outras conseqüências positivas entram em cena quando o comportamento verbal é produzido para satisfazer determinadas especificações (ver capítulo 17). Um exemplo conhecido, apesar de não necessário, é a imitação do comportamento de outra pessoa. O imitador mal sucedido possui um repertório ecóico inadequado; contudo, ele é capaz de distinguir se a imitação é boa ou má. Seu único recurso é o de emitir uma variedade de respostas e selecionar as que têm o efeito apropriado sobre ele. Ainda que as tentativas mal sucedidas sejam automaticamente punidas, a melhora é obtida principalmente pelo reforço das tentativas bem sucedidas. O paralelo verbal é claramente um comportamento de repetição. Quer na aquisição original de um repertório verbal, quer muito mais tarde, na aquisição de uma nova língua, o comportamento ecóico do falante se desenvolve depois de seu comportamento como ouvinte. Isso torna possível o reforço automático discutido no capítulo 4 e proporciona igualmente um reforço momentâneo, que pode afetar o resultado de uma revisão da correção. Os efeitos especiais do capítulo 6 também podem alterar a força do comportamento no reforço momentâneo.

O Processo De Correção

Embora os manuscritos originais forneçam alguma informação acerca do comportamento escrito, a correção encoberta do comportamento vocal, não pode ser observada facilmente. Há freqüentes evidências externas — por exemplo, o tempo requerido pelo processo de revisão — e o falante pode descrever pelo menos parte do processo com observações auto-clíticas quando o comportamento é eventualmente emitido. O processo geral parece ser o seguinte. Primeiro vem a produção de um comportamento verbal grosseiro, seguindo os princípios esboçados nas partes II e III deste livro. Ocorrem então respostas autoclíticas ou atividades (IV Parte). O comportamento resultante pode não atingir de imediato o ouvinte definitivo. Por causa da punição de outros comportamentos, ele é suspenso, para ser revisto pelo falante ou pelo escritor. No ato da revisão, ocorrem mudanças que levam à rejeição, à emissão em forma qualificada ou a uma emissão madura. Em geral, o processo só estará completo quando o falante recorrer a outras atividades para produzir formas alternativas de respostas (capítulo 17).

As funções do falante ao gerar e corrigir o material grosseiro de seu comportamento verbal sugerem a distinção tradicional entre a concepção extática e a euplástica. Todo comportamento não-corrigido é extático. O produto final, altamente elaborado e considerado em seu todo, é euplástico. Às vezes, tais funções são

separadas satisfatoriamente em tempo. Um escritor pode achar mais eficiente produzir uma ampla quantidade de comportamento sob as condições relaxadas de correção, a serem discutidas no próximo capítulo e, em seguida trabalhar esse material sob circunstâncias totalmente diversas. Há uma separação análoga em tempo quando um escritor remodela o material com o qual sonhou — como dizem que R. L. Stevenson fazia. Drogas que favorecem a emissão do comportamento verbal agem principalmente sobre a fase de êxtase. Tácito conta que os germanos tomavam suas decisões à noite, quando bêbados, e agiam de acordo com elas quando sóbrios, no dia seguinte. Algo semelhante é feito pelo poeta que, numa fase de êxtase, produz um material que depois será amplamente remodelado.

As vezes ambas essas atividades ocorrem em indivíduos diferentes. A maneira pela qual Talleyrand preparava habitualmente documentos de Estado é um exemplo.

Ele se limitaria a dar a seus auxiliares uma idéia geral do documento que ia ser redigido. Podia indicar certas expressões, que deveriam ser inseridas no texto, que seria submetido a ele, e limitava-se a isso a sua atuação. Quando o trabalho lhe era apresentado, ele o lia cuidadosamente. Se não ficava de todo satisfeito, dobrava o papel e, devolvendo-o a seu auxiliar, dizia Não é isso ou Não i isso ainda ou, possivelmente, Não i bem isso, sem qualquer explicação adicional. Cabia ao redator adivinhar como poderia alcançar o triunfo supremo: Ê isso.[154]

[154] Lacour-Gayet, G. Talleyrand, 1754-1838, Paris (1830).

Capítulo 16

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AUTOCORREÇÃO

O comportamento verbal nem sempre está sujeito à revisão discutida no último capítulo. Algumas variáveis são fortes demais para esperar pela correção. Uma resposta "escapa" e o falante pode dizer depois *Eu não pude resistir e disse...* Comportamentos de força mais moderada também permanecem não--corrigidos por motivos que passaremos a examinar.

Realimentação Deficiente

Se a correção deve ocorrer, o falante terá de reagir como um ouvinte a seu próprio comportamento. Caso não o consiga fazê-lo, não poderá corrigir. Quando o comportamento *é* corrigido depressa, ou porque é muito forte, ou porque a velocidade foi diferencialmente reforçada, (compare-se o aluno que responde rapidamente a uma pergunta para ser o primeiro a respondê-la), a resposta afeta o ouvinte tão rapidamente quanto o próprio falante. O falante não pode evitar a resposta, apesar de, mais tarde, poder revogá-la. O lapso que não é "percebido", mas que é visto imediatamente após a emissão, é característico da fala rápida.

A realimentação do próorio comportamento do falante pode ser fisicamente interrompida. Pessoas surdas tendem a falar alto, particularmente quando sozinhas, porque é mais difícil para elas estabelecer a diferença entre comportamento aberto e comportamento encoberto, sobre a qual se baseia a punição. Uma surdez momentânea pode ter o mesmo efeito. Os salões de cabeleireiro constituem um exemplo conhecido. O "salão de beleza" reviveu a etimologia do termo de uma forma curiosa. O secador de cabelos estimula a freguesa com aquilo que recebe o nome técnico de "barulho branco". o som do ar usado para secar o cabelo é uma máscara eficiente para o estímulo do auditório. Quando a auto-estimulação é assim eficazmente obstada, a freguesa poderá começar a falar alto, para diversão das

demais, cuja audição não foi afetada pelo secador. o comportamento escrito é usualmente realimentado com o estímulo visual, mas o escritor pode escrever no escuro, ou pode não olhar para o que escreve. Tal condição comumente encoraja a "escrita automática" descrita acima. O movimento de uma prancheta que traça letras no papel ou soletra palavras à medida em que se move num "quadro Ouija"[155] apresentando letras do alfabeto, pode ser creditada a respostas insignificantes, de que o próprio operador não tem consciência. Quando duas pessoas colocam as mãos sobre a prancheta, cada uma delas facilmente poderá atribuir qualquer movimento à outra.

Auto-Observação Deficiente

Mesmo quando há uma estimulação de retorno, e não há tempo para responder a ela, o falante pode falhar ao fazê-lo. Ele não corrige porque, para dizer francamente, "não sabe o que está dizendo". O que ocorreu é que a estimulação gerada pelo próprio comportamento do falante, quer seja público, quer privado, simplesmente não foi eficaz. O lapso verbal não só pode deixar de ser visto quando emitido, como até mesmo pode ser negado quando apontado mais tarde. Isso não é particularmente surpreendente, uma vez que apenas uma pequena parte dos estímulos exercidos sobre o organismo evoca respostas verbais ou de outros tipos. Todavia, as contingências de reforço desempenham seu papel. Alguns meios verbais não exigem muito comportamento autodescritivo, enquanto outros produzem o tipo conhecido da pessoa "introspectiva". Contingências semelhantes podem explicar diferenças na correção. Num meio relativamente permissivo, a estimulação gerada pelo comportamento do falante não é suficientemente aversiva paar levar à correção. Quando a falha na correção é devida à falta de tais contingências, não dizemos usualmente que o falante não *pode* descrever o próprio comportamento, porque, uma vez introduzidas as contingências apropriadas, ele em geral o faz.

Sob tais condições, o falante costuma aceitar a correção do "que pretendia dizer". Ocasionalmente, seu próprio comportamento posterior proporciona estímulos adicionais, que levam a uma correção atrasada. Uma repetição da resposta que emergiu como um lapso despercebido pode ter esse efeito: *In the north you had a leader of humble origin like Lee; in the south, a man like Lee — I mean, in the north you had a man of humble origin like Lincoln...* ["No Norte, você tinha um líder de origem humilde como Lee; no Sul, um homem como Lee — quero dizer, no Norte você tinha um homem de origem humilde como Lincoln... "]. Aqui a resposta

[155] Trata-se de uma prancheta especial, usada em sessões espiritas. O quadro Ouija apresenta o alfabeto e vários sinais escritos. Usado concomitantemente com a prancheta, que se move quando os dedos dos participantes se apoiam sobre ela, o quadro traduz mensagens mediúnicas. (N. da T.)

errada *Lee* passou despercebida, até que a mesma resposta é dada uma segunda vez em circunstâncias apropriadas. O fato de o falante descobrir que ela já havia sido reforçada por fontes auto-ecóicas parece agir como uma suplementação suficiente para gerar uma retração.

Talvez seja freqüente permitir-se mais a manutenção dos erros textuais do que a dos falados. Um psicólogo preparou uma questão para uma prova, organizando uma lista de nomes de homens importantes, nomes estes que deveriam ser arrolados pelos alunos segundo uma ordem histórica. A questão foi assim intitulada: *Who follotved whom* ["Quem se seguiu a quem?"]. O nome Hume estava na lista. Uma hora depois de preparar a prova, ocorreu ao psicólogo que ele poderia animar a prova substituindo a questão pelo trocadilho *Who follotved Hume?* ["Quem se seguiu a Hume?"].[156] Voltando ao manuscrito, ele descobriu que havia escrito *whom* ["quem"] como Hume. Outro exemplo, fornecido pelo mesmo psicólogo, envolve a sole-tração incorreta. Ao escrever uma comunicação na qual se referia especialmente a alguns experimentos realizados com macacos antropóides, o psicólogo se queixou das formas desorganizadas e oportunistas pelas quais se atacava o problema de uma ciência do comportamento. "Em lugar de uma campanha organizada *(an organized campaign)"* ele escreveu "Tais investigadores se contentam com uma espécie de guerra de gorilas *{a gorilla war-fare)."* Muitas semanas depois um colega levantou o problema de se saber se o humor de *gorila* [por "guerrilha"] era apropriado a uma comunicação científica, mas o autor não havia percebido o erro de soletração ou as variáveis múltiplas.

Os erros de soletração, ou de impressão, envolvem uma correção deficiente, mas eles são de pouco interesse, exceto quando revelam a operação de outras variáveis. A correção de um livro muito conhecido de psicanálise contém a passagem *A ação do pai* (no coito) *pode ser interpretada como sádica — a postura, talvez, seja associada a uma luta... Essa concepção sádica do coito pode afetar posteriormente as relações marciais.* Os autores podem ter permitido a permanência de *marcial,* quando parece que se tratava de um substituto para *marital,* por causa de sua conexão temática com luta.

Respostas Deficientes às Variáveis de Controle

Talvez seja mais comum o falante responder a seu próprio *comportamento* do que às variáveis que o controlam. A relação com as variáveis de controle pode ser tênue ou obscura, ou ainda não-percebida, porque a punição recebida foi contingente.

---

[156] Em inglês, a pronúncia de *whom* e *Hume é semelhante.* (N. da T.)

Alguém acostumado a explicar o próprio comportamento pode expressar sua confusão dizendo *Não compreendo o que me levou a dizer tal coisa.* Mais freqüentemente, todavia, não se sente necessidade de qualquer explicação. Muitos lapsos freudianos envolvem o malogro em perceber mais a variável de controle do que o próprio comportamento. O fenômeno era conhecido antes de Freud. Trollope descreve muitos casos. Em *The Last Cho-ronicle of Barset,*[157] por exemplo, a dominadora Mrs. Proudy morre subitamente, deixando o marido dono de sua casa pela primeira vez.

He could have [his letter bag], when he pleased noto; — either in his bedroom or left for him untouched on the break-fast table till he should go to it. "Blessed be the name of the Lord", he said as he thought of ali this; but he did not stop to analyse what he was saying.

As variáveis de controle costumam ser desprezadas nos empréstimos literários. O escritor possui comumente extensos repertórios verbais gerados pela leitura de outros autores. Estes usualmente são rejeitados, ou emitidos apenas com autoclíticos apropriados que reconhecem a fonte. Quando se infere que o escritor tinha consciência da fonte, mas não a mencionou para obter vantagens por seu comportamento, o resultado é chamado de plágio.

As variáveis de controle tendem especialmente a ser esquecidas quando entram na causação múltipla. Já havíamos notado como o teste projetivo pode ser usado para evocar o comportamento verbal que tem menor probabilidade de ser corrigido pelo falante, pois este não reconhece a posição das variáveis de controle. Na somatória verbal, por exemplo, o sujeito tem menor probabilidade de corrigir o próprio comportamento se acreditar que está repetindo acuradamente o que ouviu. A repetição tem menor probabilidade de ser punida do que o comportamento emitido pelo sujeito em relação a outras variáveis.

Dois movimentos intelectuais da cultura ocidental aumentaram muito a sensibilidade individual para as variáveis de controle, reforçando o comportamento descritivo de tais variáveis e punindo-lhe a ausência. Um deles foi o movimento literário de auto-análise, que culminou com a obra de Proust. Como resultado desse movimento, o leitor é levado a procurar as causas de seus estados de espírito, ainda que passageiros, de suas memórias caprichosas ou de seu comportamento verbal fragmentário. Logo depois de ler as palavras *gutta-percha,* o escritor se surpreendeu repetindo *With love's light wings did I o'erleap these walls* ["Com as leves asas do amor eu saltei estes muros"]. Este trecho foi identificado como um verso de *Romeu e Julieta,* mas parecia não haver razão para ser lembrado. Só após um longo e

---

[157] Trollope, Anthony, *The Last Chronicle of Barset* (Every-man's Edition), p. 248.

minucioso exame é que se descobriu que a forma *0'erleap* era incorreta, e que a palavra certa era *o'erperch* ["ultrapassar"]. Não fosse o prestígio de Proust, e esta relação causai tortuosa poderia passar despercebida.

O outro movimento cultural, é claro, foi a psicanálise. A interpretação de Freud em relação aos lapsos reveladores e a outros comportamentos anômalos da vida cotidiana forçou o falante a reagir mais sensivelmente às variáveis que podem ser inferidas de seu comportamento e, como vimos no capítulo anterior, a rejeitar respostas que revelam variáveis passíveis de serem objeto de censura. É possível que hoje Samuel Butler não desse razão a seu sentimento de ódio pelo pai de forma tão óbvia, escrevendo um livro em que um pai aparece tão desfavoravelmente; é possível também que Lewis Carroll não torturasse crianças no tormento verbal que se intitula *Alice no País das Maravilhas.* Numa explicação causai, temos apenas que explicar por que um comportamento desse tipo é emitido. Quer se apresente sob um disfarce literário ou não, o comportamento é forte por motivos que podem ao menos ser sugeridos, apesar de não-provados. Se é ou não corrigido, trata-se de um problema à parte.

O estímulo é uma das variáveis que controlam o comportamento e ao qual podemos ser incapazes de responder. Um estímulo pode ser suficientemente eficaz para evocar uma resposta, embora a relação entre ambos não possa ser identificada. Quando dizemos *Ele me faz lembrar fulano, mas não sei por quê,* estamos dizendo essencialmente *Quando eu o vejo, me surpreendo dizendo "Fulano", mas não posso identificar os traços controladores de sua aparência.* Da mesma maneira, nem sempre podemos retraçar os passos intraverbais que nos levaram à solução de um problema ou a lembrar o verso de uma poesia.

Comportamento Verbal "Automático"

Uma inabilidade em responder ao comportamento verbal de alguém ou a variáveis de controle apresenta-se de maneira muito marcado em certas condições do organismo, das quais o sono é o exemplo mais comum. Muitas pessoas falam ocasionalmente quando adormecidas; mas o comportamento não afeta o falante enquanto ouvinte, e não é corrigido. Condições semelhantes existem no transe espontâneo ou induzido hipnoticamente. O comportamento verbal executado em tais circunstâncias é chamado "automático". O caso mais comum é a escrita automática, na qual é fácil evitar que o sujeito seja estimulado por seu próprio comportamento e no qual o resultado está mais prontamente disponível para a análise; mas a fala automática também é possível. A escrita automática espontânea sugere amiúde uma fuga de forças repressivas poderosas. Um estudante que se havia saído bem num pequeno colégio, no qual mantinha relações de amizade com membros da faculdade, foi para um curso de doutoramento, que se revelou bem

mais problemático e cujo corpo docente se mostrava bastante indiferente a seus problemas. Durante uma conferência particularmente difícil, ele parou de tomar notas e, lentamente, cobriu uma página de seu caderno de anotações com rabiscos feitos com letras grandes e infantis: *Eu não posso continuar, por favor, quero voltar.* No fim da conferência ele olhou para a página e exclamou *Veja o que eu fiz!* Aquilo que ele havia escrito "automaticamente", é claro, seria rejeitado, antes de sua emissão, em condições "normais", Todavia, a escrita automática nem sempre é claramente punível. Hadamard[158] relata que, na escola secundária, diante de um problema que não o interessava, percebeu que havia escrito no alto da página: *Mathéma-tiques* — o nome de seu assunto predileto. A resposta era forte, mas não porque não pudesse ser emitida em outro lugar qualquer.

Escrever sob hipnose pode não afetar o escritor como leitor e muitas vezes assume formas que no estado de vigília seriam rejeitadas, como potencialmente puníveis. A realimentação do braço que escreve também pode interromper-se, ainda que o indivíduo não tenha perdido contacto com outros traços do ambiente. Num experimento psicológico realizado na Universidade de Harvard, Gertrude Stein e Leon W. Solomons descobriram que era possível gerar escrita automática permitindo que o sujeito apenas fizesse movimentos de escrita ao acaso, ao mesmo tempo em que se dedicava a outras atividades, tais como ler um livro. Já dissemos alhures[159] que as produções automáticas registradas referentes a Gertrude Stein apresentavam acentuada semelhança com alguns de seus últimos trabalhos literários. Por exemplo, a passagem automática

Hence there is no possible way of avoiding what I have spoken of, and if this is not believed by the people of whom you have spoken, then it is not possible to preveni the people of whom you have spoken so glibly. ..

["Portanto, não há possibilidade de evitar aquilo de que falei, e se as pessoas de quem você falou não acreditam nisso, então não é possível prevenir as pessoas de quem você falou tão loquazmente. .."]

assemelha-se à passagem inicial de *Seat a Knife near a cage,* analisada na página 418.

O fato de o escritor automático ficar eventualmente surpreso ao descobrir que escreveu sugere que ele não estava sendo estimulado pelo que escreveu no momento em que o fazia. Como rsultado, a escrita automática é freqüentemente falha do ponto de vista gramatical; é infantil, obscena, vulgar ou trivial. Todos esses traços teriam determinado a rejeição de tal comportamento na escrita normal.

---

[158] Hadamard, Jacques, The Psychology of Invention in The Mathematical Field (Princeton, 1945)
[159] Skinner, B. F. "Has Gertrude Stein a Secret?" Atlantic Monthly (January, 1934).

Todavia, a escrita automática muitas vezes é *composta.* A auto-estimulação necessária para as funções autoclíticas da IV Parte deve estar disponível. O que está faltando é a auto-estimulação associada com a punição. Mas há condições nas quais a auto-estimulação é reduzida, e por isso a correção é deficiente, envolvendo uma deterioração na composição. O "delírio" quase poderia ser definido como um comportamento não-corrigido. o comportamento verbal na doença, ou em estado de grande cansaço, tem menos probabilidade de ser corrigido, não apenas por não ser caracterizado de forma suficiente clara, mas também porque a função corretora está enfraquecida. Parte do mesmo efeito é produzido por várias drogas, inclusive o álcool e o assim chamado soro da verdade, que também têm o efeito de diminuir a ansiedade associada com o comportamento punido e que, por isso reduzem a tendência para reter respostas.

Parte da patologia do comportamento verbal pode envolver a correção. O paciente afásico pode ser incapaz de reter uma resposta inadequada, apesar de a inadequação ser óbvia para ele. Na palilalia (mencionada no capítulo IV) há uma inabilidade semelhante em reprimir o comportamento, apesar de propriedades obviamente passíveis de punição. Em estado de total insanidade fisiológica, um paciente pode falar continuamente, durante dias. O comportamento verbal não-reprimido também é comum depois dos ataques epiléticos.[160] Não está claro se o comportamento é que é muito forte para submeter-se à correção ou se o processo de retenção é que é deficiente.

O Falante E O Ouvinte Como "Personalidades Separadas"

Quando não há realimentação do comportamento verbal no momento da emissão e quando o falante ou o escritor encaram a evidência desse comportamento, eles tendem a atribuí-lo a outra pessoa. Eles não só não se lembram de tê-lo produzido como também o material não-corrigido pode ser estranho ou censurável demais, a ponto de ser irreconhecível. No livro *Great Expectations,* de Dickens, Joe, o ferreiro, compõe um par de versos para uma lápide funerária:

> *"Eu fiz isso", disse Joe, "sozinho". Eu fiz isso num momento. Foi como moldar uma ferradura com um único golpe... Eu não podia crer em minha própria cabeça — para dizer a verdade, foi minha própria cabeça.*

Da forma semelhante, diz-se de Keats

---

[160] Rosett J. "Synthetics conceptions in Neuropsychology". Sei. Mon., N. Y., 53 (1941), 417-426.

que ele nem sempre tinha consciência da beleza de certos pensamentos e expressões, até que os tivesse composto e escrito. Nesse momento, tais pensamentos e expressões chocavam-no e deixavam-no atônito — e pareciam-lhe antes produção de outra pessoa do que sua. Esta foi a sensação de espanto e prazer de Keats quando produziu os versos "Suas brancas melodias", etc.[161]

Quando a evidência da participação pessoal é inegável, há uma tendência em atribuir o trabalho a forças sobrenaturais. Os oráculos gregos e romanos, que amiúde falavam como se estivessem num transe semelhante ao da escrita automática, eram considerados porta-vozes dos deuses. Admitiu-se, muitas vezes, que os poetas estavam possuídos por deuses ou demônios. O médium moderno costuma declarar que está usando a voz de um morto. As grandes obras religiosas quase sempre são consideradas como ditadas por Deus.

Em obras não claramente proféticas ou reveladoras, o caráter sobrenatural do outro falante é visivelmente uma figura de retórica. Escritores, do mais enlevado ao mais prosaico, testemunharam o sentimento de que alguém escrevia por eles. De tempos em tempos, é moda "invocar" as musas no início de trabalhos literários, apelando para que a personalidade criativa apareça e se ponha a trabalhar. Costuma-se dizer que os poemas surgem do espaço, ou do nada, já construídos, e muitas vezes de forma surpreendente para o escritor. Assim, George Russell (A E)[162] escreve

... Para mim, só após um longo devaneio é que uma canção surgia tal como um pássaro pode voar para nós saído dos vastos vazios do espaço... Sempre havia um elemento inesperado na própria poesia, pois ela irrompia sobre o fluxo normal da consciência, desviando-o. Eu me surpreendia tanto com o surgimento, em mim, de palavras cuja combinação me parecia bela, quando me surpreenderia se um nenúfar subitamente tivesse florescido no fundo de um lago para produzir um brilho em sua superfície escura. As palavras muitas vezes se precipitam rapidamente das profundezas insondáveis da consciência e são modeladas por uma arte na qual o cérebro tem pouca participação.

A. E. Housman[163] descreve essencialmente o mesmo processo com termos menos imaginativos, como vemos a seguir:

Depois de beber uma caneca de cerveja ao almoço — a cerveja é um sedativo para o cérebro, minhas tardes são a parte menos intelectual de minha vida — eu saía para um passeio de duas ou três horas. Enquanto caminhava, sem pensar em nada em particular, apenas olhando as coisas a meu redor e acompanhando o avanço das estações, ocorriam à minha mente, com uma emoção súbita e inexplicável, às vezes um verso ou dois, às vezes uma estrofe completa de uma só vez, acompanhada, mas não precedida, por uma vaga noção do poema de que esses versos viriam a fazer parte. Então, comumente, haveria um hiato de uma ou duas horas, depois das quais a fonte tornaria a borbulhar digo borbulhar por que, de acordo com o êxito de tal processo, a fonte das sugestões assim oferecidas ao

---

[161] Woodhouse, citado por C. I. Finney em *The evolution of Keat's Poetry,* II, p. 532, de um manuscrito da Coleção Lowell na Harvard College Library.

162 Russell, George, Song and Its Fountains (Londres, 1932).

[163] Housman, A. E., *The Nome and Nature of Poetry* (Cam-bridge, 1945).

cérebro era um abismo, que já tive ocasião de mencionar, um buraco no estômago. Quando voltava para casa, eu os escrevia, deixando lacunas, desejoso de que outra inspiração se apresentasse num outro dia.

Mesmo um novelista relativamente prosaico como Gals-worthy[164] registra um fenômeno semelhante:

Eu me afundava em minha cadeira matinal, um borrador sobre os joelhos, as últimas palavras ou feitos de um personagem escritos diante dos olhos, uma caneta na mão, um cachimbo na boca e nada na cabeça. Eu me sentava. Eu não pretendia, não esperava nem sequer desejava... De repente, minha pena anotava um movimento ou uma observação... , Quando o resultado era lido do começo ao fim, ele me surpreendia, por parecer surgir daquilo que ocorreu antes e por servir a algum possível tipo de futuro.

Prescott, em *The Poetic Mind,*[165] apresenta muitos exemplos. Alguns são tratados de forma quase mística pelos que os relatam; outros (por exemplo, Goethe) tratam-nos naturalmente em termos de sonambulismo. Muitas vezes, o "outro escritor" recebe um nome, ou é personificado de outra maneira — amiú-de, sem dúvida, de forma extravagante ou figurativa, mas de modo a indicar uma tendência substancial. George Eliot falava de um "não-eu" que se apossava dela. Alfred de Musset descrevia o ato de escrever como se estivesse ouvindo, "como se algum desconhecido estivesse falando em seu ouvido". James Barrie deu o nome de McConnachie à sua "metade escritora". Milton mencionou uma protetora celestial que lhe ditava os poemas.

Muitas vezes, como a contribuição do "outro" é resultado de um rebaixamento dos padrões de correção, ela apresenta imperfeições que estão sujeitas a uma correção posterior por parte do "eu". O extático chega a um acordo com o euplás-tico. Como Robert Graves teve ocasião de descrever:

Muitos poetas que conheço observaram que ao descansar a pena após o primeiro excitamento da composição, sentiram o mesmo tipo de surpresa que nos assalta ao despertar de uma "fuga", descobriram que haviam produzido uma obra da qual não se julgavam capazes, ao mesmo tempo em que se apercebiam de insignificantes defeitos superficiais, antes imperceptíveis.

Mesmo o trabalho do "sonhador" de Stevenson exigiu reparos:

As histórias devem agora ser modificadas, desbastadas, devem apoiar-se em seus próprios pis. Devem fluir do começo ao fim e ajustar-se (a moda de) às leis da vida; o prazer, numa palavra, tornou-se um negócio; e isto não apenas para o sonhador, mas também para o pequeno público de seu teatro. Este compreendia a mudança tão bem quanto ele. Quando ele se deitava, não procurava mais por diversão, mas por contos aproveitáveis e publicáveis.

---

[164] Galsworthy, John, *The Creation of Character in Literature,* Romapes Lecture (Oxford, 1931).
[165] Prescott, F. C, *The Poetic Mind* (Nova Iorque, 1926), p. 34.

Em estudos clínicos de resultados semelhantes, tornou-se comum, durante algum tempo, identificar várias "personalidades" no mesmo indivíduo. Um exemplo clásico é o *The Dissociation of Personaliiy,* de Morton Prince. Uma paciente, Miss Beau-champ, escreve, primeiro sob hipnose e depois espontaneamente, com uma personalidade jovem e socialmente desafiadora, a personalidade de Sally. As produções verbais de Sally eram infantis, com erros ocasionais de ortografia e preocupada com certos temas simples, tais como o ressentimento por ser reprimida, a atração por doces e por um certo Mr. W. J. O fato de Miss Beauchamp não ser estimulada — por seu comportamento — falando claramente, o fato de ela não o "notar" no momento da emissão — parece estar relacionado com o fato de que tal comportamento teria gerado uma estimulação aversiva, condicionada com estados concomitantes de culpa e ansiedade. Ela ter-se-ia punido se "o notasse". Na medida em que não o notava, seu comportamento é chamado de "automático". O termo é infeliz, pois sugere a ausência de um autor, e não de um crítico.

O comportamento verbal ocorre amiúde no sonho. Como Dickens afirma: "A linguagem tem um grande papel nos sonhos. Creio que, ao acordar, o cérebro está cheio de palavras".[166] A descrição que Coleridge faz da composição de Kubla Khan durante um sono produzido pelo ÓDÍO é bastante conhecida. O *alter ego* de Robert Louis Stevenson, como já se observou, costumava compor enquanto Stevenson dormia; o tema central de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde,* por exemplo, ocorreu-lhe, pela primeira vez, num sonho. Embora a fala sonhada possa ser corrigida no estado de vigília (como quando não a relatamos a outros), a produção original está relativamente livre dos efeitos da punição e, nesse aspecto, assemelha-se à escrita automática. As funções de falar e ouvir são, por assim dizer, atribuídas a personalidades diferentes. O sonhador é o ouvinte. Os sonhos, em geral, são mais "desfrutados" do que "produzidos". O "trabalho do sonho" é realizado por outrem, e o "ouvinte" não é ameaçado.

O "outro eu", a quem o falante real atribui o comportamento verbal pode não ser extravagante, ainda que identificado erradamente. No experimento da somatória verbal, a resposta é atribuída ao disco ou ao falante que o gravou. Na audição defeituosa, a resposta é atribuída ao falante ouvido por acaso. Um caso curioso é relatado por Brill.[167] A observação de uma paciente a seu médico *Do not give we any big bills; I cannot swallow them* ["Não me dê "contas" (em lugar de "pílulas") muito grandes, que eu não posso engoli-las"] é analisada como um lapso revelador de uma preocupação financeira. Uma vez que *p* e *b* diferem apenas na articulação e uma vez que a palavra anterior *big* ["grande"] poderia explicar facilmente a introdução do

[166] Nonesuch Dickens, XII, Letter to Dr. Stone, p. 269.
[167] Brill, A. A. (Jr.) *Freud's Psychopathology of Every day life* (Pelican Books), p. 70.

lapso *bills* ["contas"], seria difícil provar tal contribuição específica. É possível, além do mais, que, na realidade, a mulher tenha dito pills ["pilulas"] e que o lapso fosse do médico ao ouvir erradamente — talvez por causa de uma força suplementar devida ao temor de ser acusado de apresentar "contas" demasiado altas. Se este foi o caso, o médico evitou com sucesso o reconhecimento um tanto punitivo dessa possibilidade, atribuindo o lapso à paciente.

A Correção Como Função De Auditórios Especiais

As tradições e práticas de correção que prevalecem numa comunidade verbal são em parte responsáveis pela extensão de comportamento verbal apresentada por seus membros. O reticente ou lacônico difere do volúvel ou do efusivo, parcialmente, ao menos, por causa das diferenças das conseqüências do comportamento verbal. Numa dada comunidade, um falante apresentará vários graus de correção na presença de vários auditórios especiais. Este fato é usado pelo próprio falante para encorajar seu comportamento verbal quando ele procura um auditório favorável, como veremos no próximo capítulo. No momento, estamos tratando apenas de certos auditórios, que se distinguem pela extensão na qual um falante é libertado da correção usual de seu comportamento verbal.

Quando um falante serve como seu próprio auditório, ele está relativamente livre da ameaça de punição. O comportamento subvocal é corrigido de forma menos aguda que o vocal, e é mais livre ao falar consigo mesmo do que com outros. Os diários escritos apenas para o escritor tendem a ser familiares e francos. Todavia, mesmo falando consigo mesmo, o falante não está inteiramente livre da punição feita a seu comportamento pelas outras pessoas. "A consciência" judaico-cristã, assim como o superego freudiano, representam um mecanismo interno de controle que se relaciona com a autopunição automática condicionada pelas punições infligidas pela sociedade. O controle exercido pelo próprio eu como auditório pode ser reduzido se o falante desenvolver uma discriminação mais aguçada entre tal auditório e os outros auditórios. Essa discriminação é desenvolvida quando uma fala privada, extensa, permanece livre de conseqüências aversivas externas, ainda que a fala pública seja passível de punição.

O "confidente" é um auditório não-punitivo: pode ser qualquer pessoa compassiva a quem se possa falar com um medo menor de punição do que aos ouvintes casuais. O psicoterapeuta comumente se estabelece como confidente nesse sentido. Os efeitos de um auditório não-punitivo sobre o comportamento verbal e não-verbal

do paciente foram interpretados desse ponto de vista em outra obra.[168] A associação livre ("livre" da punição normalmente atribuída aos intraverbais ilógicos ou excessivos) é encorajada por um auditório permissivo.

As crianças comumente punem o comportamento verbal de forma menos drástica que os adultos. Disparates completos podem ser tolerados como, por exemplo, quando duas crianças são acometidas por um ataque de "bobeira". No adulto, o comportamento verbal jocoso é encorajado quando o ouvinte está com disposição para rir. Livros e artigos humorísticos são destinados a leitores desse tipo. Uma espécie de licença, semelhante à licença poética, permite a emissão de um comportamento que de outra forma seria corrigido pelo escritor. As distorções de Ogden Nash e S. J. Perelman (ver capítulo 11) exemplificam um efeito do baixo nível de correção nos escritos humorísticos. Fowler[169] relaciona vários outros tipos de efeitos sob a rubrica Enganos Ridículos (por exemplo, uma resposta textual incorreta — *Eyetalian* [por ***Italiana*** — é emitida, embora punível em outras circunstâncias), Etimologia Popular (da mesma maneira, respostas textuais falhas — *highstrikes* por *hyste-rics),* Latim Macarrônico (principalmente seqüências intraverbais irrelevantes, tomadas de empréstimo do latim — *bocuspocus),* e muitos outros.

O bobo da corte beneficiava-se de um auditório divertido e complacente. Como vimos no capítulo 7, o rei costuma ser um auditório negativo, diante do qual quase todas as formas de comportamento verbal são puníveis. O bobo da corte, porém, podia falar sem receber punição. Em conseqüência do auditório não-punitivo, seu comportamento muitas vezes se tornava agressivo, obsceno ou de um tipo que normalmente seria alvo de punição. Nem sempre, porém, ele estava inteiramente a salvo da ameaça de punição, e isso pode ser percebido pelo fato de ele recorrer à sagacidade quando uma observação era passível de punição apenas quando relacionada com uma, duas ou mais variáveis de controle. Num sentido mais precisamente legalista, como vimos, uma observação desse tipo permite que o falante fuja da punição negando a relevância da variável em relação à qual a resposta é ofensiva e pleiteando um controle exclusivo da fonte inofensiva.

O Auditório Literário

O mundo da literatura apresenta especiais características de reforço; tais características encorajam um baixo nível de correção. Os efeitos literários sobre o leitor não dependem, em geral, da manutenção de uma correspondência entre o comportamento do escritor e um dado estado de coisas. O leitor não empreende

---

[168] Science and Human Behavior, capítulo 24.
[169] Fowler, H. W. Modem English Usage, p. 164.

uma ação prática; por conseguinte, não é induzido a erro de uma forma séria, e não desenvolve qualquer esforço para impor ao escritor um controle estrito de estímulo. Vários resultados devem ser diferenciados.

Em primeiro lugar, o comportamento literário se caracteriza pela "licença". Ele é rico em magia verbal, em variáveis triviais de controle e em efeitos múltiplos. Por essa razão, como vimos, constitui uma excelente fonte de exemplos de efeitos sutis de comportamento. Ele é igualmente rico em metáforas, não apenas em imagens pitorescas, que explicam grande parte do comportamento emocional e imaginativo do leitor, como também em extensões genéricas forçadas, ou metafóricas, semi-intelectualizadas em seus efeitos, mas que não seriam toleradas dentro dos padrões mais estritos da ciência. Nos escritos científicos, é permitida apenas uma modesta extensão metafórica. A entusiástica metáfora de Colleridge *The Birth of Time and Nature by the Voiarization of the Chãos* ["O nascimento do Tempo e da Natureza pela Polarização do Caos"] estende ao problema da criação de uma natureza ordenada um princípio familiar ilustrado, talvez, pelo comportamento de um conjunto de partículas esparsas de ferro colocadas junto a um imã. Como uma idéia criativa, ela teve uma produtividade potencial muito baixa. Foi antes um pensamento literário do que científico. O mesmo se pode dizer da extensão da idéia de cristalização para descrever um estágio do desenvolvimento de um caso amoroso usada por Stendhal. Mas talvez não haja uma diferença de espécie entre a metáfora literária e a científica. A distinção consiste em se saber até que ponto a metáfora foi "forçada", pois a comunidade verbal científica, como veremos, aprendeu que metáforas forçadas raramente produzem outros comportamentos verbais úteis ou ações eficazes.

A literatura é também o domínio do símbolo. Uma resposta simbólica é metafórica; mas quando a metáfora é útil por falta de uma resposta não-metáforica, a resposta simbólica emerge porque uma resposta não-simbólica está sujeita a punição. O símbolo representa a seleção de uma resposta, a partir de um grupo temático no qual outras respostas foram enfraquecidas por "fontes negativas de força". Quando um objeto é descrito com um termo simbólico, os t*actos alternativos,* ampliados ou de outro tipo, são em geral passíveis de punição, quer por sua forma apenas, quer quando emitidos em conexão com um estímulo particular. A emergência de uma forma simbólica é seguida da dinâmica da causação múltipla e não precisa representar qualquer processo especial de composição ou de correção. O que o ambiente literário tem a oferecer é uma tolerância em relação ao símbolo, tolerância que se assemelha à manifestada diante de metáforas "intelectuais" forçadas. Sendo um mundo no qual é permitida uma linguagem altamente metafórica, ele é também um mundo no qual o indivíduo pode falar acerca de estados de coisas em relação aos quais a maior parte de seu repertório verbal não é utilizável, por causa da punição.

Além das respostas de força trivial, das metáforas forçadas e dos símbolos, o ambiente literário tolera o comportamento verbal organizado em torno de temas fortes — comportamento que de outra forma seria excluído, não necessariamente por causa de uma punição anterior, mas simplesmente porque, de outro modo, não haveria ocasião para o comportamento.

Podemos acompanhar o desenvolvimento de comunidades literárias como auditórios tolerantes e não-punitivos ao longo do crescimento das formas de arte literária. De tempos em tempos, novos expedientes literários são descobertos, permitindo que o escritor evite a correção de seu comportamento. Com a descoberta do romance, que segue o fluxo da consciência, por exemplo, padrões de comportamento que comumente seriam rejeitados por motivos gramaticais, lógicos ou de ordem e elegância puderam ser emitidos livremente (como na associação livre). O romance escrito sob a forma de uma série de cartas constitui uma descoberta anterior que teve o mesmo efeito, pois as cartas são relativamente desestruturadas e não são corrigidas.

Recorrendo a variáveis múltiplas, a história da literatura também revela a descoberta de formas especiais de redação, como a fábula, a alegoria ou a sátira, que evitam a censura, ou outras formas de punição. O panfleto político escrito em forma de história infantil talvez não iluda ninguém que não fosse também iludido por um humor agressivo, mas permite ao escritor um comportamento verbal que, de outra forma, ele precisaria reter. O simbolismo freudiano foi explorado por muitos escritores com efeito idêntico.

Uma descoberta literária que permitiu a emissão de um comportamento verbal impune foi o romance. Contando a história de uma personalidade, o autor muitas vezes é capaz de se engajar num comportamento extensivo, que por si mesmo levaria possivelmente a uma severa punição. Se a natureza autobiográfica da personalidade descrita for muito clara, é óbvio que ela não escapará totalmente da punição. O mecanismo é útil em relação a variáveis "não-reveladoras". O autor empenhado na composição de uma novela é mais livre para agir de várias maneiras, muitas delas verbais. Seu comportamento enquanto escritor é mais livre do que seu comportamento na vida cotidiana. Talvez haja sempre um elemento acidental quando um escritor chega a descobrir uma personalidade que serve mais eficazmente a seus propósitos. O *leitor* também pode usar a personalidade da novela para fins semelhantes e também, geralmente, como resultado de um acidente feliz. Como vimos, num romance, a "conversa" é apreciada porque corresponde mais diretamente ao comportamento suplementar, tanto do escritor como do leitor. No romance moderno, o escritor pode expor várias "personalidades" no sentido de grupos de respostas organizados em termos de emoções, estados motivadores ou histórias de ambientes. O diálogo platônico permite que o escritor subdivida várias "linhas de pensamento" e se liberte de cada uma sob um nome apropriado.

A influência do ambiente literário ao permitir que a emissão de comportamentos que revelam temas pessoais fortes levou à "análise" de centenas de trabalhos literários, em grande parte dentro dos quadros da psicanálise. Foram feitos esforços para mostrar que os grandes temas da literatura são os grandes temas da vida, que a personalidade de um escritor explica sua obra, que um trabalho literário projeta luz sobre a personalidade do escritor. Não há razão para discutirmos aqui, pormenorizadamente, esses temas ou "arquétipos padronizados".[170]

O efeito do ambiente literário ao favorecer a emissão do comportamento sem correção tem paralelo no comportamento do leitor. Um texto constitui um universo onde alguém se comporta com um mínimo de esforço, não só por causa das sugestões e investigações discutidas no capítulo 10, ou porque o livro "certo" para um dado leitor reforça exatamente o comportamento forte, mas porque, comumente, o comportamento pode ser emitido sem correção. Podemos ler, sem nos sentirmos culpados, muita coisa que não poderíamos dizer por outras razões. O livro em si mesmo e o ato de ler constituem uma situação tolerante na qual o comportamento verbal é emitido livremente.

É claro que nem todas as diferenças de efusividade verbal podem ser atribuídas às diferenças de extensão da correção próprias de uma cultura ou de uma história pessoal. Corina, a heroína de Mme de Stáel, difere enormemente de outras heroínas suas contemporâneas no que respeita à extensão do comportamento verbal aberto. Antes de deixar sua bem-amada Roma, talvez para sempre, Corina passa toda uma noite indo de um ponto a outro da cidade, proclamando elaboradas despedidas para cada um desses logradouros. Uma mulher da mesma educação e formação de hoje provavelmente evitaria todas essas "cenas", e ocupar-se-ia, talvez, com questões banais para evitar qualquer verbalização no momento da partida. Mas não seria correto dizer que uma Corina moderna possui todos os comportamentos de sua antecessora de forma latente e que a diferença é apenas de correção. A Corina de Mme de Stael fora amplamente reforçada para emitir um comportamento verbal, não apenas por suas conversas de salão, mas também por suas improvisações — composições literárias feitas extemporaneamente a partir de um assunto arbitrariamente proposto. Por conseguinte, não se trata apenas de uma diferença da extensão momentânea da correção, ou mesmo da história da correção, mas da extensão em que os dois ambientes reforçaram diferentemente certo tipo de comportamento.

---

[170] Bodkin, Maud, Archetypal Patterns in Poetry (Londres, 1934).

A Noção de "Libertação"

Já dissemos muitas vezes que tanto os auditórios humorísticos quanto os literários "liberam" o comportamento verbal dos efeitos da correção e da repressão atribuíveis, em última análise, à punição. O comportamento verbal pode ser forte (por causa de uma história de reforço poderoso ou de extrema privação) ainda que tenha sido punido, mas não é emitido. Metaforicamente, dizemos que ele foi suprimido, deslocado, encoberto ou reprimido. Constitui uma simples extensão modesta da metáfora dizer que uma resposta emitida apesar de tal história — por exemplo, uma resposta verbal que emerge sem correção — "escapou ou se evadiu da censura" ou foi "liberada". Uma extensão ulterior descreve o comportamento antes da liberação como algo "encurralado ou represado". O material reprimido pode atingir ou não o ponto de abrir caminho através dos obstáculos que se opõem a ele mas, de qualquer forma, ele é incomodativo. "Parte, coração meu, pois preciso segurar minha língua." O objetivo da psicoterapia em geral é encarado como a liberação do comportamento reprimido e, por isso, perturbador — de certa forma, há uma analogia com a tarefa da remoção de um tumor, de drenagem de um ferimento infectado ou da administração de um laxante.

Um amigo afetuoso pode desempenhar o papel de psiquiatra. Tal como vemos em *Moll Flanders,* de Daniel Defoe,

> *Um segredo do momento deveria ter sempre um confidente, um amigo afetuoso, a quem pudéssemos comunicar a alegria, a tristeza ou o que quer que seja que ele produz em nós, ou ele pesará duplamente sobre nosso espirito.*

Só dessa maneira podemos evitar as conseqüências desagradáveis do comportamento reprimido.

> *Homens das maiores e melhores qualidades sob vários aspectos... não foram capazes de suportar o peso de uma alegria ou de uma tristeza secretas, e viram-se obrigados a revelá-las apenas para dar vazão a si mesmos... se tais homens tivessem lutado por mais tempo contra a opressão, sem dúvida tê-la-iam revelado ao dormir.*

Defoe sugere uma técnica para prevenir a ocorrência de comportamentos punidos: a emissão dos mesmos em circunstâncias não-punitivas. Ele descreve um ladrão que precisava trancar-se para que ninguém pudesse ouvi-lo ao revelar seus feitos enquanto falava durante o sono — técnica de autocon-trole comparável à de bater com a mão na boca. Mas "se ele tivesse contado todos os pormenores... a qualquer camarada, a qualquer comparsa ou a seus patrões... então tudo estava bem e ele poderia dormir tão tranqüilamente quanto qualquer outra pessoa".

A metáfora da repressão e da liberação *é* infeliz porque representa mal vários processos no ato de fundi-los num só. Os principais fatos relevantes podem ser relacionados como segue:

1. Estágios incipientes de comportamentos punidos geram estímulos aversivos e, possivelmente, o efeito emocional concomitante chamado ansiedade, e o falante foge deles e evita a punição "fazendo outra coisa qualquer" — inclusive, teimosamente, não fazendo nada. Contudo, o comportamento deslocado continua forte, pois emergirá quando na presença de um auditório não-punitivo — por exemplo, ao falar com um psico-terapeuta ou ao escrever um diário ou uma história — ou integrará a determinação múltipla do comportamento — como ao reforçar respostas aos estímulos textuais de um livro, aos estímulos ecóicos de uma peça ou a algum componente de um trocadilho ou de outro caso qualquer de "duplo sentido". Não precisamos admitir, todavia, que o deslocamento tenha aumentado a força da resposta.

2. O comportamento emitido muitas vezes muda as condições responsáveis por sua força (capítulo 8). O comportamento não-emitido não pode, é claro, produzir tal mudança. Já que as condições que tornam forte o comportamento verbal são em geral aversivas, uma pessoa que possua um forte comportamento verbal pode "fazer algo a respeito". Por exemplo: se o comportamento forte não é emitido por falta de auditório, o falante pode agir no sentido de conseguir um auditório. Talvez simplesmente *mandando* um auditório. Se o comportamento não é emitido por causa da correção, ele pode "procurar" uma forma de resposta que não seja punida mas que, ainda assim, altere a situação no sentido de reduzir a força das duas formas. Se nenhum comportamento é emitido por não haver um comportamento apropriado à situação, pode-se "procurar" uma resposta da mesma forma que se "procura" um nome esquecido. Mas isso não quer dizer que a emissão eventual se deva a algum processo especial mental ou de comportamento que não esteja incluído entre os que serão analisados no restante da V Parte.

3. Por causa da punição, estágios incipientes de comportamento costumam produzir estímulos aversivos condicionados que evocam reações emocionais, principalmente a ansiedade. A punição de um comportamento forte pode resultar em estímulos aversivos automáticos, que se repetem e que mantêm uma ansiedade crônica. Há duas conseqüências importantes possíveis:

a) As respostas reforçadas por uma redução parcial de tal estimulação podem ser aversivas para o indivíduo ou para outrem. Por exemplo: podem exaurir sua força ou "incomodar" a outros; b) a reação emocional crônica pode levar a sintomas "psicossomáticos". Em qualquer caso, diz-se que o indivíduo está doente. Uma inversão do efeito da punição na terapia pode reduzir a evitação penosa ou o comportamento de fuga de (a) ou a condição patológica de (b).

4. Às vezes, a mudança vem acompanhada por uma súbita demonstração de comportamento verbal forte. Centenas de páginas de escrita automática podem ser seguidas de um "alívio" psicológico. O paciente parece ter-se "esvaziado", parece

que lhe "tiraram um peso de cima". Por analogia com a catarse, afirma-se que o processo de esvaziamento é responsável pela "cura". Já se afirmou que várias neuroses, para não dizer psicoses, foram aliviadas por uma logorréia exaustiva. Mas daí não se deduz que, se o "esgotamento do assunto" é seguido de alívio, a inabilidade em falar tenha sido a causa da perturbação. Como toda terapia tem por fim levar o paciente a falar sobre seus problemas, a relação causai não está clara. Sempre que o comportamento verbal levar à saciedade ou a mudanças em qualquer das variáveis responsáveis por sua força anterior, pode-se dizer talvez que ele produziu uma condição aperfeiçoada. Mas se o moroso estabelecimento terapêutico de um auditório não-punitivo reduziu o efeito automaticamente punitivo do comportamento incipiente (e, com ele, os estímulos possivelmente responsáveis pela ansiedade crônica), então a emergência de um comportamento verbal vigoroso e prolongado, pode ser o *efeito* da "cura" e não sua *causa.* A noção de catarse, reforçada pela analogia médica, obscurece tal possibilidade. Todos os falantes tendem a emitir um comportamento verbal forte. Como sugere Samuel Butler, o poeta escreve um poema assim como uma galinha bota um ovo: os dois podem sentir-se melhor depois.

A noção de fuga tem outra implicação metafórica perigosa. Em geral, é mais fácil *mandar* um dado estado de coisas do que criar um por si mesmo. Aqueles que podem manter outros trabalhando para si, freqüentemente o fazem. No *mando* mágico, a resposta verbal é amiúde o *único* comportamento disponível. Mas o fato de o comportamento verbal, quando disponível e com grande força relativa, prevalecer sobre o não-verbal não pode ser descrito adequadamente como fuga. Quando o homem faminto fala em comida, ou o amante finge conversar com a amada, ou o covarde enfurecido fantasia um episódio no qual diz umas verdades ao inimigo, essas respostas verbais são emitidas porque não há outro comportamento sob o mesmo poderoso controle motivador disponível. Mas isto é simplesmente prepotência, e não o resultado de um processo especial de sublimação ou a procura de uma solução para uma dificuldade prática. É possível que Dostoyevsky, ao escrever um livro sobre um pai odiado e seus filhos, tenha criado oportunidade para emitir muitas respostas fortes em relação a seu próprio pai, da mesma forma que é possível que o leitor desse livro possa ficar profundamente comovido por achar nessas passagens a oportunidade de emitir um comportamento semelhante, comportamento que seria censurado em outras circunstâncias. Mas, embora tal comportamento escape à punição, ele é emitido simplesmente por ser o comportamento mais forte disponível. Ele não é inventado como um modo de fuga.

A punição que não permite fuga pode gerar revolta ou uma tenaz resistência.[171] O comportamento verbal pode revelar uma recusa pouco convencional em conformar-se ou um rompimento completo com as agências punitivas, como ocorre com os psicóticos. O comportamento verbal dos inconformistas, bem como dos psicóticos, tende a se envolver com material punível, isto é, é obsceno ou blasfemo. O comportamento verbal "normal" pode ter o efeito elementar de chocar o ouvinte ou o de tentar conseguir a punição numa escala menor caso falhe a punição que leva geralmente à correção e à rejeição.

[171] Science and Human Behavior, capítulo 24.

CAPÍTULO 17

O AUTOFORTALECIMENTO DO COMPORTAMENTO VERBAL

No processo de composição e correção, o falante organiza, qualifica, retém ou libera um comportamento verbal já existente e com certa força em seu repertório. Grande parte do comportamento emitido em qualquer ocasião "apenas cresce": ele brota das mudanças comuns no ambiente e de outros comportamentos verbais em curso. Temos agora que considerar certas atividades específicas cujo efeito é o fortalecimento de respostas do comportamento do falante e, conseqüentemente, o aumento da provisão de comportamento a ser composto e corrigido. Por ora, limitar-nos-emos aos processos usados pelo falante para aumentar a disponibilidade do comportamento já existente com certa força. As técnicas envolvem muitas das variáveis discutidas até aqui. Uma pessoa controla o próprio comportamento verbal, ou de qualquer outro tipo, da mesma forma que controla o comportamento dos demais.[172]

Há ocasiões em que dizemos que o falante "precisa de uma resposta verbal". As circunstâncias podem ser incompletas, como quando as variáveis que reforçam o comportamento, independentemente da forma, precisam de fontes suplementares de força. Contingências comuns deveriam ser satisfeitas por, praticamente, qualquer resposta, desde que verbal, mas nenhuma resposta dispõe de força suficiente. Assim, ao descobrir algo para dizer visando a preencher um silêncio embaraçoso, procuramos um estímulo — as condições do tempo, em geral, estão disponíveis — e respondemos a ele. A "procura" é o tipo de atividade em debate aqui.

---

[172] Science and Human Behavior, capítulo 15.

Outras ocasiões importantes para a procura fazem mais do que reforçar o comportamento verbal independentemente da forma. Exige-se uma resposta que tenha mais propriedades específicas. Há, por assim dizer, especificações antecipadas, que a resposta deve preencher, apesar de não serem suficientes para determinar-lhe a forma. Quando alguém aponta para um objeto e diz O *que é isso?,* pode não existir nenhuma resposta apropriada. Pode ser que o falante "nunca tenha conhecido o nome do objeto" e, caso deva responder, precisa dar certos passos para adquirir um novo comportamento verbal. Todavia, pode ocorrer que a resposta apropriada tenha sido adquirida, mas seja muito fraca para ser emitida: por exemplo, o falante simplesmente "esqueceu o nome". A "especificação" da resposta que ele procura é que será apropriadamente reforçada como o nome do objeto. O falante será capaz de julgar se a resposta, uma vez emitida, preenche a especificação, porque o comportamento do ouvinte se apresenta como disponível mais prontamente do que o do falante; ainda que não possa emitir uma resposta apropriada, ele pode, enquanto ouvinte, reforçá-la como "correta".

Os processos empregados para encontrar uma resposta também são úteis quando a resposta pode ser emitida, embora não com força suficiente para justificar um autoclítico forte — quando o falante "sabe o nome" mas não tem "certeza de sua correção". Nessa caso, técnicas relevantes aumentarão a força, até que a resposta possa ser emitida com um autoclítico tal como *Eu sei.*

Um *tacto* pode ser fraco por outras razões. Talvez ele não tenha sido esquecido, mas apenas tenha sido aprendido de forma inadequada. Ao encomendar uma refeição numa língua relativamente pouco familiar, por exemplo, pode tornar-se necessário recorrer a meios especiais, a fim de reforçar o comportamento, como a consulta ao estímulo textual de um dicionário. Um *tacto* também pode ser fraco porque o estímulo é inadequado: o falante poderia conhecer a resposta se tivesse mais informações sobre o estímulo. Num caso muito importante, como ao se comentar um estado de coisas muito confuso, o estímulo é tão complexo que nenhum *tacto* apropriado é forte.

Respostas intraverbais comumente são fracas, por causa de um condicionamento inadequado, por esquecimento ou por estímulos obscuros. O falante pode precisar engajar-se em atividades suplementares para encontrar termos equivalentes em outra língua, para recitar um poema ou para se lembrar de tabelas matemáticas. Respostas ecóicas e textuais raramente são "esquecidas", mas elas podem ser fracas por outras razoes. Algumas das técnicas empregadas para "aprender" o que alguém disse, ou para "decifrar um texto quase ilegível", ou para responder a um estímulo verbal remoto, funcionam diretamente para reforçar respostas fracas. Como um exemplo do último caso, temos uma situação na qual alguém nos pediu para que comprássemos algo numa loja, mas não somos "capazes de lembrar o que é que deveríamos comprar". Dentro de certos limites temporais, o comportamento

requerido pode ser ecóico, mas fraco, porque o estímulo é remoto. Um caso familiar é o comportamento auto-ecóico de lembrar aquilo que estávamos a ponto de dizer. É claro que os processos relevantes podem envolver a manipulação das variáveis que originalmente evocaram a resposta sob forma encoberta, mas eles também podem ser usados para fortalecer a resposta auto-ecóica remota. (É difícil, às vezes, especialmente em condições patológicas como a síndrome de Korsakoff, repetir ou lembrar aquilo que fora dito abertamente.) Um caso textual paralelo é o de lembrar algo que se leu recentemente. O escritor enfrenta muitos problemas desse tipo quando pega uma idéia no ar ou desembaraça um comportamento verbal semiformado.

As mesmas técnicas são relevantes, mesmo quando o falante não reconhece a resposta como "correta" tão logo ela seja encontrada. A adaptação às especificações deve ser testada externamente. Quando uma resposta tiver sido emitida, ela é aceita pelo falante, ou pelos demais, apenas em relação com outras variáveis. Ao descobrir uma rima, por exemplo, a especificação é a de que, a resposta rime e ao mesmo tempo satisfaça outras variáveis temáticas envolvidas num verso. Padrões aliterativos e de acentuação propiciam especificações semelhantes. Às vezes, o que o falante procura é uma resposta alternativa que seja menos inoportuna, menos difícil ou menos punitiva em algum outro sentido. O gago retém um padrão difícil e precisa encontrar um substituto. Alguém pode reter uma resposta porque ela seria ofensiva para o auditório presente e precisa buscar uma alternativa inofensiva. O poeta retém o termo literal e precisa procurar uma metáfora.

As especificações costumam ter algo a ver com a composição. As respostas fragmentárias disponíveis devem ser convertidas numa sentença aceitável ou a palavra espirituosa deve ser colocada numa composição sintática. O escritor experiente ou o humorista podem ter um sortimento de tais composições, enquanto o inexperiente pode recorrer à fórmula insatisfatória: Poder-se-ia dizer algo a respeito...

Técnicas

Manipulando Estímulos

Quando um falante é incapaz de nomear corretamente um objeto, ou é incapaz de descrevê-lo adequadamente, ele pode achar que é útil simplesmente aprimorar seu contacto com ele. Pode obter uma visão melhor em condições melhores. Pode ampliar o estímulo, possivelmente por meio de instrumentos óticos apropriados; pode também olhá-lo muitas vezes, ou estudá-lo durante algum tempo. Dessa forma, ele cria uma oportunidade favorável para respostas apropriadas, já existentes

em seu repertório metafórico ou de outro tipo. O comprador incapaz de responder de forma apropriada por não saber mais o que pretendia comprar pode descobrir que é útil simplesmente observar os objetos expostos nas prateleiras e vitrinas. Processos semelhantes são utilizáveis para respostas intraverbais fracas. Olhamos mais atentamente para os estímulos verbais, lemos uma passagem várias vezes, com velocidades diferentes, em voz alta, e assim por diante.

Auto-Sugestões: Os estímulos verbais comumente são usados como sugestões formais. Um comprador pode procurar um estímulo verbal apropriado percorrendo uma lista de lembretes de coisas a serem compradas. O memorando é um estímulo verbal construído para um uso futuro desse tipo.

As auto-sugestões formais explícitas são produzidas por expedientes mnemônicos. Um poema adquirido como comportamento intraverbal pode fornecer sugestões formais para uma lista de respostas de pouca força. O estudante de medicina pode lembrar melhor os nervos cranianos, na ordem correta, se aprendeu um refrão que começa assim: No *topo do velho Olimpo coberto de pinheiros...* Um dicionário de rimas proporciona sugestões formais fragmentárias para o versejador: a rima apropriada surge como resultado do reforço formal do dicionário e da força temática do poema. Usamos uma sugestão auto-ecóica para reforçar o comportamento textual quando, ao procurar um nome na lista telefônica, ficamos repetindo o nome à medida em que percorremos a lista. Isto pode ter o efeito colateral de prevenir respostas textuais a outros nomes, o que poderia causar confusão, mas tem como efeito primordial tornar mais provável a possibilidade de ler o nome apropriado com o "canto do olho".

As auto-sugestões temáticas são familiares para todos. Facilitamos a recordação de uma palavra repetindo sinônimos ou quase-sinônimos, na esperança de que uma relação intraverbal proporcione a força necessária. Podemos tentar recordar um nome esquecido respondendo a estímulos não-verbais relevantes: *Ah! qual é seu nome? Eu o encontrei em casa de fulano, que está estudando micologia!* Repetimos o verso que precede o verso esquecido para aumentar tendências intraverbais fracas por meio de uma soma. Resolvemos problemas verbais examinando detalhadamente um material relevante. Relemos o que havíamos escrito, para fornecer a nós mesmos um ponto de partida para o que segue e, assim, reconstruir a "idéia" que nos escapou, revisando o material, verbal ou de outro tipo, responsável originalmente por ela.

Auto-investigações: Uma investigação não-verbal comumente usada pelo falante para encorajar seu próprio comportamento verbal é a bola de cristal ou outra fonte de estímulos verbais vagos. O quiromante usa tais expedientes por causa do efeito que causa no observador. O quiromante é aceito mais rapidamente como "vidente" se estiver olhando para alguma coisa — talvez apenas para aquilo que ele vê com os

olhos fechados — porque isso sugere mais alguma variável *externa* do que variáveis do tipo que controlam a pura ficção. Mas o quiromante pode achar útil a bola de cristal na medida em que ela reduz o trabalho da invenção verbal. As deixas do auditório, que desempenham uma função semelhante para os oráculos e os profetas, incluem melopéias e sortilégios cabalísticos, que funcionam como uma somatória verbal.

Auto-investigações verbais são exemplificadas pelos padrões assumidos por folhas de chá ou por cartas de baralho, por dados astronômicos e numerológicos e por vários sinais e augúrios. Quando um padrão corresponde grosseiramente a respostas verbais já reforçadas parcialmente, ele funciona como uma investigação e um augúrio particular é "lido". Quando o imperador Augusto já estava velho, um raio borrou a letra C da palavra CAESAR numa estátua que o representava. O vaticínio foi interpretado da seguinte forma: *Ele viverá apenas 100 (C) dias e será divinizado* (AESAR = DEUS).

Estímulos verbais padronizados podem ser permutados e combinados de forma casual ou sistemática. Alguns escritores profissionais criam enredos e personagens novos permutando e combinando termos que descrevem características, relações e episódios pessoais, muitas vezes com o auxílio de instrumentos mecânicos. Uma lista de dez atividades profissionais (por exemplo, *açougueiro, corretor de seguros, vendedor, escritor),* de dez traços pessoais *{otimista, teimoso, irritado)* e de dez preocupações principais *{dinheiro, crianças, esportes),* produzem cem "tipos diferentes", por exemplo, "um açougueiro irritado interessado em crianças". Relações pessoais e material episódico podem ser produzidos da mesma forma. Os resultados são incompletos (isto é, meramente "sugestivos") mas são usados como investigações para fazer surgir outro comportamento do repertório do escritor. Algo semelhante ocorre também ao se escrever uma ficção menos mecânica. Assim, uma conversa da qual, por acaso, foram ouvidos alguns fragmentos pode provocar o desenvolvimento de um tipo plenamente desenvolvido. Julgamos o produto "bom" — isto é, admiramos ou reforçamos o escritor — em proporção inversa à contribuição da investigação. Uma produção totalmente mecânica não "fornece crédito para ninguém".

Certas práticas de recomposição com o fim de investigar o comportamento verbal foram identificadas na retórica clássica. Embora as figuras retóricas e os tropos costumem ser considerados por seus efeitos sobre o ouvinte, muitos deles constituem receitas para a produção do comportamento do falante. Um novo material pode ser gerado se as partes da sentença forem repetidas na ordem inversa:

Pensamos que ela estava morta quando dormia, E adormecida quando morreu.

Se a ordem inversa serve ao propósito de evocar um comportamento forte por outras razões (se ela "faz sentido"), o efeito pode ser o de levar o escritor a realizar

outras inversões explícitas. Uma sentença é escrita, os elementos são invertidos e, se o resultado "diz algo", ele será liberado; em caso contrário, será rejeitado. A prática não só fornece um material verbal adicional, mas a contribuição múltipla da segunda parte sugere humor ou estilo. O M. Dupin de Edgard Allan Poe expressa tal fato cinicamente ao dizer: "O grosso das pessoas encara como profundo apenas aquele que sugere penetrantes contradições da idéia geral."[173] Oscar Wilde era partidário de tal prática:

"Em Londres, a quantidade de mulheres que namoram seus próprios maridos é um completo escândalo. Isso não fica bem. Pois é o mesmo que lavar-se a roupa suja em público.[174]

Entre os expedientes que encorajam a produção do comportamento verbal pela manipulação de estímulos, devemos apontar a remoção das distrações. Se o comportamento verbal é fraco ou ausente porque "alguém não pode ouvir o próprio pensamento", o remédio é refugiar-se no silêncio. O escritor que procura a solidão está encorajando o próprio comportamento verbal pela eliminação de estímulos incompatíveis.

Mudança do auditório enquanto variável: O falante ou o escritor podem reforçar seu comportamento verbal ao encontrar um auditório apropriado a um certo repertório ou a um dado assunto. (Não se deve confundir esse fato com o encontro de um auditório na presença do qual um comportamento já reforçado possa ser emitido *abertamente.)* Assim, quando um falante, indevidamente "inibido", é punido por respostas blasfemas, obscenas ou ilógicas, ele pode encontrar um confidente ou outro auditório diante do qual ele se entrega francamente a tal comportamento. Se a punição das conseqüências não se seguir a tais circunstâncias, a estimulação aversiva condicionada será extinta. Este é, como vimos, o ponto característico de um dos procedimentos do psicanalista.

O escritor tende particularmente a sofrer de falta de clareza no auditório como variável de controle, mas ele muitas vezes pode compensar tal falha ao encontrar um leitor ou ouvinte que o reforce imediatamente. O auditório eficiente não apenas reforça seletivamente determinados tipos de comportamento, como aumenta a força do comportamento em geral. Algumas vezes, esse parece ser o único recurso do escritor que está sofrendo a "abulia" da extinção. Um escritor que encontra dificuldade para "pôr seus pensamentos no papel" pode ser capaz de emitir o comportamento na presença de um auditório favorável. Isto pode ser exemplificado

---

[173] Poe, E. A., The Mistery of Marie Roget, and Other Tales.

[174] Wilde, O., The importance of being Earnest. Cf. J. Marou-zeau, "Dire 'non'," Mélanges de Linguistiques Offerts à Charles Bally (Genebra, 1939).

pela maneira pouco usual pela qual um manuscrito do lógico Wittgenstein foi gerado. Quatro ou cinco alunos selecionados

> *... se encontraram com Wittgenstein duas vezes por semana — às vezes mais freqüentemente — para discussões que duravam duas ou três horas. A primeira parte do encontro era dedicada a questões propostas pelos estudantes; em seguida, Wittgenstein ditava, mantendo-se próximo das questões precedentes e esforçando-se para, na medida do possível, relacionar cada ditado com o anterior. Em seguida, um dos estudantes datilografava os ditados e submetia-os a Wittgenstein para correção. Os ditados eram mimeografados, para circulação limitada.*[175]

Dessa forma, um comportamento verbal, evidentemente muito fraco para ser emitido, tendo em vista os leitores definitivos de um livro, apesar disso era evocado e posto em forma permanente.

Outras condições de auditórios favoráveis podem ser manipuladas pelo falante ou pelo escritor. A relação com ouvinte ou leitores pode ser destacada mediante enfeites externos. Um traje formal, tão proveitoso para Buffon, não está muito distante do barrete e da toga, ou das vestes clericais. O "papel a ser desempenhado" ou outra "condição corretiva" favorável é construído fisicamente. Quando um escritor procura formas de escrita que se lhe coadunam, ao experimentar a própria habilidade para escrever histórias infantis, sátiras, obras que acompanham o fluxo da consciência e assim por diante ele estará experimentando tipos particulares de auditório no sentido mais amplo do termo.

Trollope, como vimos, construiu um ambiente que se assemelhava a um auditório, ambiente este apropriado à emissão e reforço de um tipo particular de comportamento verbal. Bastava-lhe penetrar nesse ambiente para reforçar o comportamento. Variáveis semelhantes a um auditório, mas que possuam dimensões físicas menos claras, não são tão eficazes. O escritor em geral precisa "animar-se", precisa escrever algo que sirva como estímulo discriminativo associado ao reforço de outro comportamento verbal. A primeira parte de um parágrafo, capítulo ou livro costuma ser a mais difícil; mas, uma vez escrita uma parte substancial, ela pode ser utilizada como variável que se assemelha a um auditório para reforçar um comportamento semelhante. Este é apenas um caso mais geral da modificação do repertório especial, no qual alguém se entrega a uma língua, jargão ou estilo particular.

Com o passar do tempo, todas as variáveis do auditório ampliam seu controle. O princípio de Trollope do *nulla dies sitie linea* não alcança todo o seu efeito num instante. Um romancista "apreende" o desempenho de um personagem com rapidez crescente, à medida em que progride na redação da história. Tal mudança

---

[175] De um manuscrito de circulação privada.

assemelha-se à facilidade crescente com que o paciente de hipnose cai em transe. No experimento de redação automática de Gertrude Stein, ela achou que era cada vez mais fácil responder verbalmente nas condições experimentais que ela havia construído.

As vezes é válido eliminar as variáveis do auditório, assim como eliminamos os estímulos que distraem. A maior freqüência e força do comportamento oculto se deve diretamente às conseqüências que podem ser atribuídas a um auditório especial. Assim como há falantes que requerem um auditório ótimo para seu melhor desempenho verbal, também há aqueles que só são verbalmente produtivos quando escrevem na solidão e para si mesmos. A solidão não representa apenas a libertação no que respeita às distrações: ela é também uma condição na qual o eu é um auditório importante.

Mudança do Nível de Correção

O falante ou, mais freqüentemente, o escritor pode encorajar o próprio comportamento verbal ao "cair" numa condição especial de correção. Os transes hipnóticos auto-induzidos representam, possivelmente, o caso extremo. Um exemplo mais comum é o de "dispor-se a". Nenhum deles foi bem compreendido. As variáveis relevantes devem ser construídas; e muitas vezes basta uma amostra de comportamento apropriada às condições. Quando duas crianças procuram assumir a disposição de "tolice" — que tanto as divertira dias antes, seus esforços consistem na repetição do comportamento tolo, quer verbal, quer de outro tipo. Algo semelhante pode ocorrer quando um adulto está com disposição para ser humorista ou jocoso — para dar rédeas largas a múltiplas fontes de força, provocar expressões não-corrigidas, não-distorcidas ou não-gramaticais, etc. Um tipo de expressão lida parte em francês e parte em inglês esteve em moda com o nome de *fractured french* ["francês quebrado"]. Por exemplo: *femme de ménage* ["arrumadeira"] traduzido como woman of my own age ["mulher de minha idade"]. É difícil que alguém, sob o controle de auditórios claramente definidos, produza tal material, e alguém que fale apenas francês ou inglês não poderá, é claro, produzi-lo. O falante cujo comportamento textual em resposta ao francês impresso não está claramente sob o controle de um auditório será mais bem sucedido. Tal pessoa nem sempre "quebra" a língua mas, quando solicitada a fornecer novos exemplos, ela pode "cair" no estado necessário. A construção de um controle de auditório misto constitui parte disto. Os passos que devem ser dados podem incluir a revisão de exemplos anteriores, a leitura do francês como se fosse inglês, etc. Mas é igualmente necessário um relaxamento das condições de autocorreção.

A Produção Mecânica do "Comportamento Verbal"

Um produto que se assemelhe a um registro de comportamento verbal pode ser criado por meio de uma manipulação ocasional ou sistemática de letras ou de palavras. Tal impulso pode provocar uma reação ou pode ser lido como um texto, sempre que se aproxime de um modelo padronizado. Este não é um modo muito eficiente de produzir "comportamento verbal". Eventualmente, poderia ocorrer que um macaco, ao bater ao acaso nas teclas de uma máquina de escrever, se imortal, viesse a produzir todas as obras do Museu Britânico. Mas o resultado não teria nenhum valor se não houvesse também um leitor que, dispondo de um tempo infinito, selecionasse as partes do produto capazes de satisfazer a determinadas especificações. Quando as recomposições mecânicas são usadas como sugestões ou investigações, como no engendramento de material temático para histórias, o produto eventual é um comportamento verbal plenamente desenvolvido; mas quando o único processo de "composição" for a recomposição, o comportamento não requer nenhuma análise. Uma sentença misturada é um universo limitado de respostas móveis, mas o comportamento que consiste na recomposição de palavras até que uma sentença completa "tenha sentido" assemelha-se à solução de quebra--cabeças pictóricos, e não precisa ser analisado (como verbal. Muitas das técnicas da criptoanálise também se situam fora de nossa abordagem atual, não obstante o de fato mensagem des-codificada ser verbal.

O "comportamento verbal" distorcido (para fins humorísticos, por exemplo) pode ser produzido desordenando-se os arranjos normais de respostas, de letras impressas ou de palavras como registros de respostas. Os *lapsus linguae* e o latim macarrônico podem ser produzidos por uma reorganização mecânica grosseira das consoantes iniciais ou, freqüentemente, com maior habilidade, no ato de emissão do comportamento verbal.

O "comportamento verbal" também pode ser gerado mediante recomposição mecânica das variáveis. Num jogo conhecido, palavras impressas em fichas são sorteadas para preencher os vazios de um texto; o resultado pode entreter crianças que se encontrem no estágio adequado de desenvolvimento, embora, como vimos, o ato de preencher os vazios não seja verbal. Os espaços poderiam ser preenchidos nomeando-se casualmente objetos encontrados em algum tipo de arranjo — isto é, selecionando ao acaso, a partir de um conjunto de variáveis que controlam respostas verbais. "Comportamentos verbais" novos podem ser gerados pela manipulação de tais variáveis. As crianças, compõem, às vezes, "comportamentos verbais ridículos, ao forçar variáveis substituíveis. Uma criança pode cortar o intraverbal *Jack e Jill subiram na* e dirigir sua atenção ao estímulo de um *tacto* como *bicicleta.* Os comediantes geram correntes de falsas conclusões ou vôos grosseiros de idéia mediante a recomposição, igualmente mecânica, das variáveis de controle.

Mudança das Variáveis de Motivação e de Emoção

Os níveis de privação e de saciação são ocasionalmente manipulados pelo falante com o fim de reforçar seu próprio comportamento verbal. Ele pode usar qualquer uma das relações de controle do capítulo 8. Já foram recomendados regimes ascéticos, por causa de seus efeitos sobre a produtividade verbal; entre eles, várias dietas (especialmente as vegetarianas), a abstenção sexual e a privação social resultante do isolamento pessoal ou de uma vida eremítica. Uma pessoa também pode gerar condições aversivas, das quais só poderá escapar empenhando-se num comportamento verbal, como, por exemplo, ao aceitar um convite para uma conferência ou ao receber um pagamento adiantado. O comportamento gerado é apropriado às contingências de evitação ou de fuga; escrevemos, seja o que for, para evitar a devolução do dinheiro ou a desaprovação contingente a uma conferência mal preparada. Um pouco menos específica é a auto--estimulação aversiva da vergonha ou da culpa, da qual o falante só foge respondendo verbalmente. O falante pode forçar seu próprio comportamento verbal mergulhando numa conversa, ainda que nada tenha a dizer, e submetendo-se dessa forma à ameaça de punição contingente a uma observação incompleta. Tal estimulação aversiva não produzirá, por si mesma, um comportamento verbal com forma aproveitável, mas o efeito pode somar-se a variáveis relevantes.

As variáveis emocionais também são manipuladas. Uma pessoa pode aumentar a probabilidade de vir a responder a uma carta relendo-a, gerando assim uma disposição emocional apropriada para consolar o escritor ou para atacá-lo. Ele pode rever o ultrajante comportamento da oposição com vistas a favorecer a composição de um discurso político. Pode sair para um passeio na chuva, ouvir música ou ler algo emocionante para colocar-se na "disposição" apropriada a um tipo particular de composição. Ameaçado pelo medo de enfrentar uma platéia, ele pode forçar sua coragem para penetrar no lugar temido, tendo consigo mesmo uma conversa animada.

O uso de drogas no controle do comportamento verbal de alguém tem uma longa história, como sugerem as referências do capítulo 8. Condições filosóficas manipuladas pela mesma razão incluem o mal-estar auto-induzido da ressaca e da indigestão, bem como a exaustão física extrema. A boa saúde e o exercício físico já foram defendidos como favorecedores de outros tipos de comportamneto verbal. A prática apropriada a cada caso é determinada pela natureza do comportamento a ser produzido e por outras variáveis da história do falante.

Incubação

Os assim chamados processos mentais inconscientes têm recebido uma atenção considerável, particularmente depois que Poincaré acentuou a apreensão súbita no pensamento matemático. Poincaré argumentou que o esclarecimento ocasional constituía "sinal manifesto de um longo trabalho anterior inconsciente".[176] Obviamente este ponto de vista, está relacionado com as doutrinas de um criador interior na explicação do comportamento verbal. Uma vez que não precisamos de um conceito explicativo desse tipo, no caso do "comportamento verbal" consciente, não há razão para argumentar com um processo de pensamento interior semelhante nos casos inconscientes. O com portamento verbal de um matemático, assim como o de qualquer outra pessoa, é presumivelmente uma função de variáveis do meio exterior e de outras partes de seu próprio comportamento. As descrições de inspirações profundas sempre mencionam um trabalho consciente anterior, em grande parte do tipo que será descrito no capítulo seguinte. O fato de esse trabalho não levar imediatamente à "idéia" luminosa não significa que seja necessário mais trabalho. Uma reclassificação das variáveis poderá bastar. Respostas verbais fracas têm, caracteristicamente, longos períodos da latência. Ainda que não possamos provar que o comportamento verbal inconsciente não prossegue durante um período de incubação, não há, no momento, razão para se admitir que isso ocorra.

O que é importante nessas observações é a relevância de um período de incubação. Certos expedientes práticos para o encorajamento do comportamento verbal consistem no arranjo de tais períodos. Um pensador hábil sabe quando descansar para permitir que as variáveis integrem um arranjo possivelmente mais favorável. Ele pode chegar a um comportamento verbal mais adequado, diante de circunstâncias complexas, "dormindo sobre ele". De forma mais imediata, ele pode encorajar a emissão do comportamento verbal fazendo algo diferente ou pensando em alguma outra coisa. Tal comportamento é adquirido, assim como o vigia hábil adquire o uso da visão periférica ao observar algo numa situação de pouca luminosidade.

Às vezes, podemos lidar diretamente com uma variável rival, do tipo que desaparece durante a incubação. Outras vezes, uma resposta preponderante interfere obviamente no comportamento verbal apropriado. Na tentativa de relembrar um nome, por exemplo, o falante pode emitir repetidamente o nome errado e comentar *Continuo pensando em fulano mas, obviamente, isso não está certo.* Reter respostas que interferem é um tipo de correção especial, às vezes descrito como "manter a mente vazia" (A instrução "não pense em nada" costuma fazer parte das sugestões hipnóticas). Possivelmente, o falante aprende a "manter sua mente vazia"

---

[176] Poincaré, H. Mathematical creation, traduzidos por G. Bruce Halstead em The Foundations of Science (Nova Iorque, 1913).

adquirindo "não-respondentes" como um operante específico. O comportamento descrito como "pensar em outra coisa" em geral é mais fácil de ser identificado. E é recomendado na máxima de Souriau: *Pour inventer, il faut penser à côté* (Stendhal).

Produção E Correção

As técnicas de que o falante usa para encorajar seu comportamento verbal estão, em geral, intimamente entrelaçadas com os processos de correção. A maior parte do que é produzido mediante a manipulação das variáveis seria provavelmente contido ou revogado por não se submeter às especificações. Embora alguém possa aprender a falar por chavões, construindo um "auditório" apropriado para essa linguagem especial, é comumente necessário emitir muitas respostas apropriadas a uma dada situação e suspender todas as respostas não suficientemente gastas. Inversamente, para escrever sem chavões, pode ser necessário suspender ou revogar muitas respostas, até que surja uma nova. Da mesma maneira, para escrever colocando-se no papel de um personagem exigente, pode ser necessário suspender ou revogar todas as formas suaves de *mandos.* Por outro lado, para ser menos exigente, pode ser necessário suspender ou revogar os *mandos* diretos. Para encontrar um trocadilho apropriado, pode ser preciso decompor inúmeras respostas intraverbais da mesma maneira que, para encontrar uma que obtenha um efeito especial sobre um dado leitor, pode ser necessário decompor inúmeras respostas. O falante ou o escritor procedem alterna-damente por produção e correção, e todo comportamento aceitável estará então sujeito à "composição" do capítulo 14.

Uma descrição convincente de um escritor que encoraja seu comportamento verbal é dada por Jules Romains no sexto volume de seu *Homens de Boa Vontade.*[177] Um poeta idoso, Strigelius, que não tinha sido muito reforçado por seu comportamento enquanto poeta, descobriu que a fonte de inspiração havia secado. Resolveu então tentar um processo relativamente mecânico de composição. Selecionou, ao acaso, pares de palavras num dicionário até que encontrou um par *(lesson* e *cenotaph)* que servia como investigação para sugerir o tema *The lesson of the Cenotaph* ["A lição do Cenotáfio"]. Em seguida, ele recorreu a processos de associação livre, de "manter a mente vazia", de apreensão de frases evanescentes no ar, de auto-estimulação, quer formalmente, com padrões acentuados *{te ta te ta te ta)* e sílabas rimadas, quer tematicamente, enumerando grupos de intraverbais. Eventualmente, ele conseguiu fazer um bom poema de dez linhas. Esse poema é composto de fragmentos que

[177] Romains, Jules, *Homens de boa vontade,* vol. 6, *As Profundezas e as Alturas.* A tradução inglesa do capítulo feita por Gerard Hopkins, é, em essência, um novo texto escrito para ilustrar o mesmo ponto, pois o capítulo original é impossível de ser traduzido, por causa da falta de intraverbais correspondentes em francês e inglês.

deviam fazer parte do repertório verbal de Strigelius, exceto as duas palavras selecionadas que desencadearam o movimento do comportamento; mas o padrão final do poema é criado por processos alternados de produção e correção.

Construindo Novas Respostas Verbais

As técnicas precedentes são impotentes, caso um conjunto de especificação não possa ser preenchido por nenhum comportamento no repertório do falante ou do escritor, independentemente da força. Pode ser necessário que surjam novas respostas. A atribuição da tarefa de escrever uma história sobre determinado assunto não será suficiente se o comportamento relativo a esse assunto estiver ausente. O escritor precisa então começar a adquirir o comportamento apropriado. Ele pode construir novos *iactos,* ampliando sua experiência. Assim, o repórter "examinará as condições" num certo campo, o investigador "obterá os fatos", o explorador descobrirá uma nova região ou um novo povo e o cientista fará experimentos. Todas essas atividades fazem surgir novas respostas verbais. O escritor pode também adquirir um novo comportamento intraverbal, lendo um livro ou estudando um texto. Quando lemos para obter conhecimento ou informação em geral, lemos em função do novo comportamento verbal que disso resulta.

Respostas verbais apropriadas a estímulos que já não estão presentes são adquiridas de maneira especial. Alguém pode responder *livro* a um livro que esteja no momento sobre a mesa quando ouve a pergunta *O que é isso sobre a mesa?,* mas é menos provável que a resposta seja emitida se a pergunta for O *que estava sobre a mesa há alguns minutos?* depois de se remover e esconder o livro. Podemos dizer que não "reparamos no livro". *É* possível uma análise mais técnica. No primeiro caso, a pergunta pode evocar uma resposta a partir de uma observação que aguce o efeito do livro como estímulo. Tal não será possível no segundo caso. Se, todavia, a segunda pergunta for repetida regularmente e, especialmente, se outras variáveis forem poderosas, podemos empenhar-nos num comportamento explícito de observação antes que nos sejam feitas perguntas. Podemos começar a "reparar nos objetos acerca dos quais existe a possibilidade de sermos inquiridos". Assim, o estudante que deve relatar o que viu numa viagem comporta-se de forma diversa do viajante casual. O comportamento (intravérbal aos estímulos passados é favorecido por uma "observação de perto" semelhante. O aluno "estuda" um texto e seu comportamento, ao fazê-lo, é diverso da leitura simples, à medida em que o comportamento intravérbal é construído.

O reforço explícito do comportamento dc "observação" só foi estudado experimentalmente há pouco tempo e, em grande parte, em organismos inferiores.[178] Todavia, o que se aprendeu foi o suficiente para justificar certas distinções. Qualquer comportamento é reforçado se esclarecer ou intensificar de alguma forma o efeito do estímulo que serve a uma função discrimi-nadora importante. Acender uma luz para permitir que se leia, ajustar o foco de uma imagem da televisão e limpar o pó de uma velha capa de livro no sótão são exemplos de comportamento de observação que envolvem a manipulação de objetos externos. Olhar para um objeto, concentrar-se nele e mover a cabeça para reduzir a luminosidade intensa são gestos com efeitos semelhantes, mas envolvem apenas o corpo do observador. A atividade sutil de prestar atenção, que tem o mesmo efeito, é mais difícil de ser observada.

As contingências de reforço do comportamento verbal estendem-se muitas vezes por longos períodos de tempo. Assim, manda-se um enviado para observar os acontecimentos num país estrangeiro e relatá-los após sua volta. Tais contingências podem ser bem sucedidas no desenvolvimento de um controle remoto de estímulo, provavelmente por meio do reforço automático do comportamento de observação. O enviado visitará lugares, que tenham sido palco de acontecimentos importantes, sentar-se-á perto de pessoas para ouvir o que elas dizem, etc. Dessa forma, ele gera ou facilita o comportamento verbal pela manipulação de estímulos.

Mas os estímulos distantes são variáveis fracas e as contingências que os envolvem em geral reforçam o comportamento de "apoio". O estímulo distante pode ser representado de uma forma que sobrevive até que a resposta possa ser construída. Fotografias e mapas permitem um *tacto* eventual a um estímulo imediato que satisfaz as contingências que envolvem o estímulo remoto. As respostas verbais podem ser registradas no local sob forma de notas e diários; as contingências finais serão então satisfeitas pelo comportamento textual (quando as notas ou o diário são lidos) ou por *tactos* à distância, suplementados por insti-gações textuais (quando os acontecimentos são descritos com o auxílio das notas).

O vácuo pode ser preenchido de outras maneiras. Memorizando uma série de *tactos* no local, o falante pode descrever posteriormente a cena com o comportamento intravérbal assim construído. O preenchimento da separação é realizado por alguma propriedade da situação final que provoca o início da resposta verbal, evocando a seqüência intravérbal. Breves períodos de tempo são freqüentemente interligados pela construção de cadeias auto-ecóicas, como ao se transferir um número de telefone da lista telefônica para o aparelho, repetindo-o até que ele seja discado.

---

[178] Ver, todavia, Holland, J. G. *Science,* 125 (1957), 348-350.

CAPÍTULO 18

O COMPORTAMENTO VERBAL LÓGICO E CIENTÍFICO

A comunidade literária do capítulo 16 surgiu com a descoberta e invenção de contingências que deram ao comportamento verbal um campo mais amplo, acentuando-se suas conseqüências não-práticas. O comportamento do escritor não é verificado em seu meio imediato e as conseqüências especiais discutidas no capítulo 6 e a multiplicação das variáveis discutidas na III Parte podem, portanto, dominar. Mas muitos comportanentos verbais têm a ver com a ação efetiva. Quando um falante descreve, identifica ou relata acuradamente um dado estado de coisas, ele aumenta a probabilidade de que o ouvinte venha a agir de forma bem-sucedida com relação a ele; e quando o ouvinte olha o falante para obter um aumento de suas capacidades sensíveis, ou um contacto com acontecimentos distantes, ou uma caracterização acurada de uma situação problemática, o comportamento do falante será mais útil para ele se o controle ambiental não tiver sido perturbado por outras variáveis. Esta é a distinção entre fato e fantasia, entre verdade e ficção, entre *Wahrheit* e *Dichtung.* Da mesma forma quando um falante intraverbalmente reconstrui instruções, regras de conduta e "leis de pensamento", ele aumenta respectivamente a probabilidade de comportamento prático ético e intelectual bem-sucedidos e seu sucesso nisso depende da "pureza" das relações de controle.

Na história da lógica e da ciência podemos traçar o desenvolvimento de uma comunidade verbal especialmente voltada para o comportamento verbal que contribui para o bom êxito da ação. O comportamento mantido por essa comunidade difere dos expedientes usados para mantê-lo, assim como um discurso eficiente, por exemplo, difere das regras para um discurso eficiente. Os últimos — as regras, as leis e as precrições da metodologia científica, que auxiliam na definição dos termos, na composição das sentenças, nos testes de consistência interna das sentenças, na determinação do valor de verdade, e assim por diante — surgem

relativamente tarde na história do comportamento verbal lógico e científico. Podemos abordar primeiro as características desse comportamento em si mesmo. As práticas da comunidade poderão então ser explicadas em termos de suas realizações especiais.

Aguçando O Controle De Estímulos

Estímulos Não-verbais

A comunidade científica encoraja o controle preciso do estímulo sob o qual um objeto ou propriedade de um objeto é identificado ou caracterizado, de tal forma que a ação prática será mais eficaz. Suas condições respondem sob circunstâncias favoráveis, onde propriedades relevantes e irrelevantes de estímulos usualmente podem ser manipuladas. Dispor de relações de controle irrelevantes é o mesmo que construir novas formas de respostas como substituições arbitrárias para o vocabulário leigo — não apenas o vocabulário especial da ciência, mas gráficos, modelos, tabelas e outras maneiras de "representar as propriedades da natureza". Estas são verbais dentro dos termos de nossa definição: representar uma equação nas coordenadas cartesianas, construir um modelo tridimensional de uma molécula complexa, marcar o ponteiro num mostrador são todas respostas verbais que suplementam os "leitores" científicos com "textos" que muitas vezes, com seus estímulos relevantes, correspondem num ou mais sistemas dimensionais. (Indicar um gráfico, modelo ou escala, ou "lê-los" para outro ouvinte são também respostas verbais comparáveis à indicação de uma palavra numa lista ou à leitura de um texto.)

A comunidade científica e lógica aguça o controle discriminativo das respostas verbais com esquemas classificatórios. O cientista chama o rato de roedor não apenas porque adquiriu um nome científico para um tipo particular de animal, mas porque seu comportamento verbal é controlado por uma propriedade genérica que a comunidade científica apontou pelo estabelecimento de um operante de classificação.

Na prática científica, são toleradas as extensões genéricas, mas extensões metafóricas, metonímicas e solecistas são usualmente extintas ou punidas. A extensão metafórica pode ocorrer, mas ou a propriedade de controle é rapidamente acentuada por contingências adicionais, que convertem a resposta numa abstração, ou retira-se à força da metáfora sua natureza por meio do advento de um controle de estímulo adicional. Assim, a teoria molecular dos gases deve ter começado, provavelmente, como uma metáfora, no sentido de que a pressão na parede de um recipiente foi descrita com termos apropriados ao bombardeio de uma parede com

pedras. Eventualmente, outros tipos de evidência removem ou reduzem de muito a natureza metafórica dos termos.

Ao arrolar os efeitos de outras conseqüências do comportamento verbal, as contingências estabelecidas pela comunidade científica agem com vistas a prevenir exageros, narrações incompletas, más representações, mentiras e ficções. As variáveis do auditório são esclarecidas especificando-se um "universo de discurso" como uma subdivisão do repertório a ser empregado, repertório do qual são especificamente excluídos termos apropriados a outros auditórios. O comportamento verbal científico é mais eficaz quando está livre de múltiplas fontes de força; e o humor, o estilo, os instrumentos da poesia, as recombinações fragmentárias e as distorções de forma não são reforçadas, quando não punidas pela comunidade científica.

A natureza do controle dos estímulos é descrita ao leitor com os autoclíticos apropriados. Os escritos lógicos e científicos contêm muitas descrições do comportamento do falante *{Eu observo, eu concluo),* freqüentes caracterizações ou qualificações *(É verdade. .., é provável... , é possível que...)* e autoclíticos quantificadores descritivos da gama de aplicações de uma resposta *{alguns, nenhum, todos, não,* etc). Grande parte dessas respostas está envolvida na natureza da asserção científica. Autoclíticos adicionais de predição dizem ao leitor como relatar as partes separadas dos estímulos verbais que eles acompanham.

As contingências de reforço que criam um repertório científico especial e aguçam seu controle de estímulo proporcionam um tipo de comportamento que serve o ouvinte como:

1) um *estímulo discriminativo* eficaz ótimo, ao evocar qualquer comportamento que ele já possa ter com relação à situação e

2) uma fonte de *instrução,* ao alterar seu comportamento com relação a situações novas.

Estímulos Verbais

A comunidade lógica e científica também aguça e restringe o comportamento verbal em resposta aos *estímulos verbais.* Assegurar a precisão do comportamento ecóico e textual é um exemplo óbvio; é importante saber o que foi realmente dito sob a forma vocal ou escrita. Contudo, práticas para esclarecer a relação entre uma resposta verbal dada a um estímulo verbal e as circunstâncias *não-verbais* responsáveis por ela são em geral apontadas. A comunidade está interessada em voltar ao estado de coisas original e em evitar qualquer distorção devida à intervenção da ligação verbal. Por exemplo: se um falante emite um *tacto,* que na prática da comunidade é controlado por um dentre dois estímulos diferentes (como quando ele diz *light* ["luz, leve"], que pode ser uma resposta a um objeto de pouco

peso ou de irradiação visível) e se um segundo falante responde a isso de forma ecóica (ou textualmente, se a primeira resposta foi escrita) seu ouvinte pode agir em relação a um estado de coisas errado. O falante original teria estado em posição de proporcionar autoclíticos proveitosos — por exemplo, ao emitir um sinônimo normalmente sob o controle de apenas um estímulo ou ao qualificar sua observação com *"Eu quis dizer 'light' no sentido de leve"* — mas ele não está em contacto com o ouvinte, para quem a distinção é importante e que pode não ser afetado pelas contingências que geram os autoclíticos. O falante que relata o comportamento é compelido pela comunidade lógica e científica a encontrar qualificadores apropriados. Em outras palavras, ao responder ecóica ou textualmente ao comportamento verbal de outro falante, o lógico ou o cientista está sob pressão especial para se "assegurar do sentido". Tal pressão é exercida pelas contingências de reforço que geram mais do que um simples comportamento ecóico ou textual.

(Quando falante e ouvinte são uma só pessoa, pode-se ainda responder "erroneamente" ao comportamento verbal de outrem. Exemplos extremos são fornecidos por afásicos, cujo "processo mental se extravia" quando uma resposta intravérbal trivial acarreta uma "mudança de significado" no meio do processo em curso; mas o efeito não é incomum no falante normal, especialmente quando o comportamento é escrito e a ação do leitor é retardada de tal forma que o falante "esquece o que pretendia dizer".)

A comunidade lógica e científica elimina as respostas intraverbais que interferem com uma "cadeia lógica de pensamento". Sells descreve alguns desses casos em seu estudo sobre o "efeito da atmosfera".[179] A comunidade defende-se de vários modos das respostas colaterais confusas ou enganadoras dadas aos estímulos verbais. Um vocabulário científico especial (usado dentro de um dado "universo de discurso") está relativamente livre de respostas sob outros tipos de controle de estímulos — isto é, de relações intraverbais supérfluas. Os símbolos que aparecem tão freqüentemente no comportamento lógico e científico (em geral como substituições de termos do vocabulário leigo) são especialmente importantes na eliminação de respostas ecóicas, textuais e intraverbais indesejadas.

Lógicos e cientistas têm, é claro, repertórios extensos de comportamento intravérbal, mas tais repertórios são compostos de itens que alcançaram resultados práticos satisfatórios. A aquisição de definições, de fatos memorizados, de tabelas de constantes, etc, constitui parte substancial do treinamento do cientista, assim como a aprendizagem do uso apropriado de definições escritas ou impressas, de fatos,

[179] Sells, S. B. *Arch. Psychol.,* Nova Iorque, 29 (1936), n.° 200.

tabelas ou outros estímulos verbais compostos especialmente, de forma a permitir que respostas textuais úteis possam ser emitidas em ocasiões apropriadas.

As regras do pensamento lógico e matemático, as Leis do Pensamento, as formas de silogismo, etc. têm um uso relacionado. A distinção entre a estrutura lógica de uma sentença e os termos particulares que nela ocorrem constitui a distinção entre respostas autoclíticas (particularmente as composições gramaticais do capítulo 14) e os operantes verbais simples. Ao engajar-se no comportamento verbal lógico e científico, o falante adquire lentamente seqüências intraverbais reduzidas, que se combinam com respostas apropriadas a uma dada ocasião. Assim como o poeta que, tendo escrito muitos pentâmetros jâmbicos, acha fácil "pensar" nessa métrica, também o lógico, que emitiu muitas respostas com uma dada estrutura lógica, achará fácil compor outras que tenham o mesmo modelo. Ele é ajudado pelo fato de operantes fragmentários ou reduzidos combinarem-se com outras respostas na causação múltipla, e também pelo fato de que respostas que não têm um padrão costumeiro são rapidamente rejeitadas como estranhas ou embaraçosas.

As práticas que restrigem as respostas aos estímulos verbais são suportadas por autoclíticos apropriados com os quais o falante representa a natureza do controle de seu comportamento. O papel dos estímulos verbais torna-se claro pela referência às "autoridades" tanto na declaração de fatos *(A descoberta de Harwey a respeito da circulação do sangue tornou claro que...),* como em leis *(Da 2.ª lei de Newton segue-se...*) e na citação de axiomas ou definições previamente arrolados (... O *que é verdade por definição).*

Construindo Um Novo Comportamento Verbal

A comunidade verbal lógica e científica acumulou lentamente um conjunto de técnicas para a construção de um comportamento verbal eficaz. O falante se desloca de um conjunto de respostas para outro conjunto, possivelmente mais útil.[180] Ele eventualmente pode emitir algo que se pareça com um *Tacto* ou uma resposta intravérbal por exemplo, resposta para a qual parece que faltam estímulos apropriados imediatos mas que levam a uma ação eficaz. As práticas que deram origem a isto parecem ter sido descobertas empiricamente. Elas nem sempre são bem sucedidas, mas o crescimento da comunidade verbal lógica e científica ampliou grandemente a probabilidade de êxito.

---

[180] A "composição de afirmações", que diz respeito à lógica, não deve ser confundida com a "composição" do capítulo 14.

Um exemplo conhecido de construção de resposta verbal é o ato de contar. Quando um falante diz *quatro* em resposta a quatro homens sentados a uma mesa, tal resposta pode ter sido controlada diretamente pela propriedade da situação de *homens* ou de *sentados.* Mas se ele diz *quatro* após ter verificado uma dúzia de quartos, alguns dos quais com homens, sua resposta não é um simples *tacto,* mas a resultante do uso especial da ligação intravérbal *um, dois, três, quatro,* na qual (por ter aprendido a "contar") ele emitiu conseqüentemente uma resposta sempre que viu um homem, e agora relata a última resposta feita dentro desses moldes. Uma resposta como *cem* sempre será construída — quer desta forma, se for construída pela contagem de 100 objetos, ou por outras operações. A matemática está amplamente envolvida com o comportamento verbal construído por contagem ou por processos derivativos.

Manipulando Respostas

Apesar de a noção de palavra como algo "usado" pelo falante ter tido resultados pouco felizes, é claro que registros ou traços de respostas verbais podem ser tratados como objetos independentes. Um comportamento verbal útil pode ser construído pela manipulação mecânica e pelo arranjo de tais objetos. Mesmo quando as respostas não estão em forma escrita, o comportamento é evidentemente "manipulado" no mesmo sentido. Para nos restringirmos a termos que pertencem a um universo limitado de discurso ou para empregar apenas um conjunto particular de axiomas, por exemplo, o lógico ou o cientista comumente estabelecem uma lista de respostas em forma escrita. Seu comportamento verbal subseqüente é reforçado por ele mesmo ou por outros apenas quando as respostas que ele emite também podem ser emitidas como respostas textuais aos estímulos em tal lista. Também se pode empregar lista de regras, no sentido de atividades permitidas na construção de novas respostas. Numa corte de justiça, regras de evidência restringem o comportamento verbal das testemunhas; no xadrez, as regras restringem o movimento das peças; as regras lógicas exercem um efeito parecido sobre o lógico. Construir tal lista, consultá-la, obrigar alguém a não emitir respostas que não estejam representadas nela, e assim por diante, são comportamentos extremamente complexos e devem ser laboriosamente condicionados pela comunidade verbal. O comportamento e os problemas especiais que ele levanta são semelhantes aos discutidos sob o título "Correção", no capítulo 15.

A manipulação produtiva de respostas verbais é ilustrada pela substituição de termos. Se palavras são escritas em pedaços de papel e se os pedaços que podem substituir-se mutuamente estão marcados, então o ato de substituição consiste simplesmente na remoção de um pedaço que é substituído por um outro apropriado. Riscar um conjunto de marcas num pedaço de papel e escrever outro

conjunto é um exemplo comum. Mesmo quando tal ato é mais difícil de ser observado, ele presumivelmente ocorre pelas mesmas razões e com as mesmas conseqüências. Outros exemplos de manipulação de respostas verbais consistem na escrita de uma expressão em "uma estrutura lógica equivalente", no transporte e simplificação de frações e na introdução de valores numa equação.

Muitos problemas de semântica e de lógica dedutiva relacionam-se com as regras de substituição de termos. Isto é óbvio nas discussões de sinonímia; mas muitos outros tipos de respostas — quantificação de autoclíticos, por exemplo — podem também simplesmente especificar a possibilidade da substituição. Em *The three hünd mice ali ran after farmer's wife* ["Os três ratos cegos, todos correram atrás da mulher do fazendeiro"], a resposta *todos* pode ser um *tacto* comparável à expressão infantil *Ali gone* ["Todos se foram"]. Mas *Todos os ratos são mamíferos* não pode ser um *tacto,* uma vez que ninguém jamais observou "todos os ratos". Acentuar a função autoclítica pela tradução *Sempre que se pode dizer "rato" se pode dizer "mamífero"* não resolve o problema, uma vez que ninguém observou todos os casos em que se diz *rato.* A resposta, em vez disso, é construída a partir das definições de *rato* e *mamífero* e de uma regra unilateral para a substituição derivada de tais definições.

O produto da manipulação de termos constitui usualmente um estímulo textual (uma nova equação, por exemplo, ou nova forma de uma expressão) que pode então levar a outro comportamento. Algumas vezes a nova expressão "resolve um problema", outras vezes corresponde a uma exposição anterior de uma hipótese ou teoria (esse resultado pode ser indicado como o autoclítico *Q.E.D.*), e às vezes o comportamento construído simplesmente leva a uma ação afetiva, possivelmente não-verbal. Constitui parte da descoberta empírica da comunidade verbal lógica e científica o fato de o comportamento assim obtido poder receber uma reação como se ele fosse um *tacto* ou uma resposta intravérbal ou ainda, alguma amostra mais ampla de igual natureza. O comportamento de reagir a ele desse modo também deve ser condicionado pela comunidade.

O comportamento verbal lógico foi condicionado explicitamente em alguns experimentos de Moore e Anderson,[181] nos quais sujeitos foram treinados para resolver problemas de cálculo de proposições. A um dos sujeitos foram dadas certas premissas, certas regras de transformação e uma conclusão a ser atingida. Seu comportamento em qualquer estágio consistia simplesmente em especificar uma regra, evocar-lhe o número e dizer ou apontar sua forma escrita. O resultado da aplicação da regra foi fornecido imediatamente e ele então especificou outra regra. (Ele próprio poderia ter chegado ao resultado de cada aplicação mediante o uso de

[181] Moore, O. K. & Anderson, S. B. J. *Psychol.,* 38 (1954), 151-160.

outras regras.) Descobriu-se que era possível criar hábeis manipuladores do cálculo de proposições mesmo quando a relevância do processo para o comportamento prático permanecia obscura — isto é, quando o sujeito não "conhecia o sentido" de sua operação. Uma criança pode aprender uma abertura de xadrez da mesma forma.

A construção de um novo material verbal é usualmente descrita pelos autoclíticos apropriados. Entre estes, incluem-se observações literais como *substituindo* ou *transpondo,* bem como *mandos* explícitos sobre o ouvinte para engajá-lo numa ação particular *{Digamos que x é igual ao número de tijolos que um homem pode assentar num dia).* Indicam-se freqüentemente certos autoclíticos quantificadores e de relação, muitos dos quais são familiares ao leigo, embora sejam usados de forma mais estrita no discurso lógico e científico. *Portanto* e *segue-se que...* são autoclíticos que apontam a natureza construída das respostas que eles acompanham.

Confirmação

Uma vez construído um novo comportamento verbal, ele muitas vezes deve ser "confirmado". O processo não se limita a sentenças construídas. Nós confirmamos qualquer resposta verbal quando geramos variáveis adicionais para aumentar sua probabilidade. Assim, nossa adivinhação de que algo visto à distância é um telescópio será confirmada aproximando-nos, até que a resposta fraca *{Penso) que é um telescópio* pode ser substituída pela resposta forte *{Sei) que é um telescópio.* Da mesma forma, nossa suposição de que um objeto não-familiar é um *tipo* de telescópio será confirmada se descobrirmos que ele pode ser usado como tal. Ao usá-lo com sucesso, proporcionamos uma estimulação adicional para o *tacto* não-ampliado *telescópio.*

Muitas vezes confirmamos uma resposta encontrando variáveis que controlam uma forma similar de resposta em algum outro tipo de operante. Assim, confirmamos nossa suposição de que um animal numa jaula do zoológico é um lemuróide lendo a placa da jaula; ao fazermos isso, acrescentamos uma resposta textual a um *tacto* fraco. (Sem dúvida, também nos aproveitamos de "instruções" acrescidas, e deixamos de "supor" mesmo quando deixamos de olhar para a placa.) Se, pelo contrário, perguntamos a um fucionário, a resposta suplementar é ecóica. Quando confirmamos a lembrança que temos de um fato "consultando" uma enciclopédia, acrescentamos uma resposta textual; quando a confirmamos consultando uma autoridade, acrescentamos uma resposta ecóica. A confirmação de novas respostas verbais construídas com os processos do comportamento verbal lógico e científico é importante quando a resposta emergente nunca foi possuída como um *tacto* ou como um intravérbal. A importância da confirmação cresce com a extensão da série de passos dados no ato de construção, uma vez que uma resposta gerada é emitida de forma cada vez mais hesitante, à medida que aumenta a possibilidade de erro.

É útil manter a distinção entre a confirmação de um *tacto* e a de um intravérbal. Se pusermos algo numa de duas caixas rotuladas *A c B e,* depois de olharmos a caixa *B,* dissermos como resultado *Não está em B,* podemos também construir a resposta *Está em A.* Isso tem a forma de um *tacto* complexo, tal como o que poderia ser emitido após ter olhado em *A,* mas é obtido por construção. Podemos usar um autoclítico para nos referirmos ao processo *(Concluo, por conseguinte, que está em A,* ou *Deve estar em A)* ou para indicar alguma fraqueza superveniente *(Provavelmente está em A).* Confirmamos a resposta construída gerando o estímulo para um *tacto* comparável, isto é, olhando em *A.* Confirmamos respostas a um estímulo *verbal* quando completamos uma palavra cruzada. Num quebra-cabeça, a adivinhação do sinônimo de uma dada palavra-chave (uma resposta intravérbal) é confirmada quando se mostra que ela corresponde às especificações (isto é, que nos permite dar uma resposta textual) das letras nos mesmos espaços fornecidos pelas palavras cruzadas. Por outro lado, os estímulos verbais fragmentários gerados pelas palavras cruzadas podem servir como um instigador formal para uma tentativa de resposta, resposta que depois será confirmada por uma resposta intravérbal a um sinônimo dado.

As respostas construídas do comportamento verbal lógico e científico são também confirmadas quer como *tactos,* quer como intraverbais. Uma série de manipulações verbais relativas às órbitas dos planetas conhecidos pode levar a uma afirmação acerca da posição e do tamanho de um planeta hipotético. Com o auxílio de um telescópio, uma resposta similar pode ser dada como um *tacto.* Subseqüentemente, o astrônomo pode emitir uma sentença tal como Há *um planeta de tal tamanho em tal lugar* como uma resposta com pelo menos duas fontes de força: os dados da observação, com relação aos quais a resposta é um *tacto,* e os cálculos que constróem uma resposta comparável. Quando, todavia, a confirmação pelo encontro do estímulo para um *tacto* não é possível, construções adicionais podem fornecer uma força adicional. Uma simples proposição é "provada" quando a resposta é construída de outra forma, assim como uma teoria é sustentada por várias linhas de evidência verbal, mas em nenhum dos casos encontramos um *tacto* comparável. A teoria da evolução não pode ser confirmada por um conjunto de *tactos* aos acontecimentos atuais ocorridos no passado remoto, mas um simples conjunto de respostas verbais que aparecem como *tactos* a tais acontecimentos torna-se mais plausível — é reforçado — por vários tipos de construção, baseados em respostas verbais, na geologia, na paleontologia, na genética e assim por diante. Apenas um acontecimento corrente da mesma natureza (por exemplo, o aparecimento ou produção de uma nova espécie sob circunstâncias apropriadas) geraria um *tacto* da mesma forma e, nesse sentido, converteria a teoria num fato.

Ao provar dedutivamente uma teoria, as posições da especificação e da pesquisa se invertem. A manipulação lógica e científica é, agora, um exemplo de construção de

comportamento previamente especificado. Ao estabelecer uma hipótese ou teoria, estabelecemos uma especificação completa do comportamento verbal a ser construído. É claro que hipóteses e teorias não surgem espontaneamente; muitas vezes, elas são *tactos* ampliados ou intraverbais fracos. Requer-se um comportamento verbal que tenha a mesma forma, mas que seja controlado por circunstâncias mais substanciais e, se possível, mais remotas. Assim, se começamos com um *tacto* composto (por exemplo, a descrição da órbita de um planeta) nossa tarefa consistirá em atingir um comportamento verbal comparável mediante a manipulação de respostas disponíveis relacionadas com outras órbitas e planetas, de acordo com um conjunto de regras. Se formos bem sucedidos, confirmaremos a utilidade das respostas e das regras utilizadas, entre as quais pode haver axiomas, postulados, hipóteses e teorias.

Um exemplo servirá para sintetizar o processo de confirmação. Suponhamos que alguém diga *Este livro contém 400 páginas.* O ouvinte pode agir sobre essa resposta com um máximo de confiança, se se tratar de um *tacto* atual: se o falante olhou a última página do livro e achou o número 400 (sua resposta é mais do que textual, porque a "leitura" do número na última página constitui a ocasião na qual a resposta é reforçada pela comunidade) ou se contou as páginas e, na última, disse para si mesmo *400.* A extensão pela qual o ouvinte julga verdadeira, válida ou correta uma resposta varia na proporção direta pela qual respostas comparáveis dadas pelo mesmo falante se haviam mostrado úteis no passado. No fato atual, todavia, a resposta pode ser de outro tipo. Tratar-se-á de um *tacto* vago, chamado adivinhação, se o ouvinte apenas registrou a espessura do livro ou apenas o pesou com a mão. Tratar-se-á de uma resposta ecóica se ele simplesmente repete o que ouviu. Tratar--se-á de uma resposta textual se ele simplesmente a está lendo. Pode tratar-se de um intraverbal possivelmente incompleto se ele o ouviu ou leu algum tempo atrás, ou se memorizou o número de páginas de uma série de livros, inclusive o desse livro. Pode tratar-se de uma resposta construída a partir das respostas: *O livro tem 10 capítulos e A extensão média de cada capítulo é de 40 páginas.* È concebível que a resposta seja também uma indução, se muitos livros anteriores do mesmo autor contives-sem todos, precisamente, 400 páginas (a resposta do falante será então um *tacto* vago ou uma adivinhação, na qual o maior estímulo de controle será o nome do autor, mais do que, por exemplo, a espessura do livro).

Em cada caso, o falante ou o ouvinte pode confirmar a resposta acumulando variáveis que elevem sua probabilidade ao máximo. Dá-se um passo nessa direção quando a resposta é construída por qualquer uma das duas razões acima apontadas. Mas o que se entende geralmente por confirmação é a geração da resposta como um *tacto* (ao número que aparece na última página) ou a uma resposta construída pela contagem do número de páginas. A tais respostas o ouvinte reage com a máxima (mas, é claro, não necessariamente completa) confiança.

Pesquisa Científica

A ciência empírica está apenas em parte relacionada com a construção e a confirmação do comportamento verbal. Em termos mais amplos, ela é um conjunto de práticas que produzem comportamentos úteis. Uma ampla parcela desse comportamento é verbal enquanto a outra parte é construída. A instrumentação, por exemplo, constitui um traço característico do método científico, que aumenta nossas respostas à natureza, ampliando e esclarecendo acontecimentos que podem servir como estímulos (como quando olhamos algo através do microscópio ou do telescópio), convertendo algumas formas de energia em outras, às quais somos capazes de reagir (como quando "ouvimos" um contador Geiger), e de muitos outros modos. Muito do que fazemos em resposta a estímulos assim gerados ou modificados é verbal.

Outros métodos experimentais colocam as respostas sob um controle de estímulos mais estrito por meio da manipulação de situações, de modo a destacar as propriedades relevantes. Se alguma propriedade de um estímulo foi responsável pela extensão metafórica que chamamos teoria, práticas experimentais podem permitir-nos isolar essa propriedade (talvez como o membro comum de vários estímulos) e, portanto, substituir a metáfora por uma resposta abstrata. Outros métodos se relacionam com a comprovação da série de respostas ou de leis amplamente generalizadas.

Avaliação

Uma parte importante da prática científica prende-se à avaliação da probabilidade de que uma resposta verbal seja "correta" ou "verdadeira": de que se possa agir eficazmente a partir dela. (A lógica se relaciona com isso em sua análise das relações internas, e eventualmente tautológicas, entre os padrões autoclíticos.) Respostas construídas nem sempre são totalmente confirmadas; *tactos* ampliados são controlados por estímulos desviados; respostas a classes de eventos mal definidos ou pobremente exemplificados sofrem desvantagens correspondentes; reforços generalizados minimizam, mas nunca destróem completamente o efeito da condição momentânea do falante, e assim por diante. Tais deficiências e sua significação para o ouvinte refletem-se na vida diária quando emitimos esse tipo de resposta com força apenas moderada e o qualificam com autoclíticos apropriados. A lógica tradicional esclareceu a força dos autoclíticos quantificadores e a prática científica acrescentou uma espécie de quantificação numérica. Como resultado, a escrita científica está fartamente recheada de expressões tais como *mais ou menos 2%* ou *num nível de 5% de segurança* as quais, como todo autoclítico, aumentam a probabilidade de que o ouvinte reagirá com a convicção ou a cautela apropriadas.

Metodologia Científica

O comportamento verbal lógico e científico difere do comportamento verbal do leigo (e particularmente do comportamento literário) por causa da ênfase dada às conseqüências práticas. Isto nem sempre é uma questão de tecnologia mundana. O teste da predição científica é, freqüentemente, como a palavra indica uma confirmação *verbal.* Mas o comportamento, quer do lógico, quer do cientista, leva enfim a uma ação efetiva não-ver-bal, e é aqui que precisamos encontrar as últimas contingências de reforço que mantêm a comunidade verbal lógica e científica. Limitar-nos-emos agora a especular acerca de como se fizeram sentir inicialmente as vantagens de certos tipos de comportamento verbal no tocante ao aumento da predição e do controle da natureza. Uma comunidade verbal chegaria a suprimir um comportamento exagerado ou desonesto, e a reforçar respostas sob um controle de estímulo mais acurado, assim como reforçaria a repetição correta e a recitação de regras de conduta (éticas ou de outro tipo), a correta recordação de fatos, etc, por causa das conseqüências práticas substanciais. Todavia, nesse caso, seus interesses devem ter entrado em conflito com o gosto pelo entretenimento verbal. Há uma diferença entre os tipos de vantagens obtidas pela comunidade que nos permite distinguir entre as subdivisões lógicas e científicas e a literária. Tais subcomunidades não são, é claro, necessariamente compostas de membros diferentes. Às vezes, uma comunidade modela e mantém o comportamento divertido dos poetas e dos contadores de histórias; outras, e muitas vezes diante de outros falantes, ela modela e mantém o comportamento verbal que leva a resultados práticos.

O comportamento verbal lógico e científico, bem como as práticas da comunidade que o mantêm e modelam, têm sido analisados na *metodologia lógica e científica.* Com o surgimento de uma comunidade especial com vistas a conseqüências práticas, ela se transforma num objeto próprio de estudos. Quais são as propriedades definidoras do comportamento verbal lógico e científico? Quando tal comportamento é eficiente ou válido? Como ele é gerado e mantido pela comunidade? Como atuam tais práticas? O comportamento verbal lógico e científico pode ser melhorado e, em caso afirmativo, que práticas trarão tais melhoras?

Três passos parecem levar a esse tipo de investigação metodológica:

1) alguns tipos de comportamento verbal, incluindo os autoclíticos de relação e de quantificação apropriados, demonstram possuir conseqüências práticas importantes, quer para o falante, quer para o ouvinte;

2) a comunidade descobre e adota práticas explícitas, que encorajam esse comportamento que, assim, é reforçado por conseqüências práticas ainda mais extensivas; e

3) as práticas da comunidade são então estudadas e melhoradas, presumivelmente também por causa das conseqüências cada vez mais bem sucedidas. Como um exemplo, em lógica 1) algumas respostas intraverbais revelam-se úteis ao leitor médio, 2) a comunidade encoraja então tal comportamento, constrangendo os falantes a observarem as leis do pensamento, a empregar fórmulas silogísticas aceitáveis, e assim por diante, e 3) as leis do pensamento, os silogismos e outras regras e fórmulas lógicas são então analisados por sua consistência e validez interna e com o olhar voltado para possíveis melhoras. Uma seqüência paralela na ciência poderia ser a seguinte:

1) respostas relativamente abstratas, especificando propriedades particulares dos estímulos, mostram-se úteis;

2) a comunidade científica providencia contingências de reforço, que constrangem o falante a responder a propriedades isoladas; e

3) as regras e os cânones do pensamento científico, que governam a classificação e a abstração, são estudados para explicar a eficácia de (1) e (2) e, possivelmente, para sugerir práticas e comportamentos melhorados. As disciplinas analíticas do estágio 3 podem ser consideradas como relacionadas com a "validez" última do discurso lógico e científico, no sentido de especificação das conseqüências definidoras do comportamento lógico e científico.

As técnicas da metodologia lógica e científica devem, é claro, adaptar-se ao fenômeno do comportamento verbal. No momento, as implicações globais do assunto costumam ser omitidas. A lógica tem evitado muitos dos problemas confusos de "significado", salientando as análises formais. As estruturas autoclíticas devem ser estudadas e as práticas devem ser planejadas, o que aumenta a validez tautológica ou a verdade a ser inferida das relações entre tais estruturas. Mas todas essas análises, juntamente com seus produtos, constituem comportamentos verbais e estão sujeitos a análises semelhantes a esta. Isto também é verdade no caso dos estudos das relações entre o comportamento verbal e os fatos extraverbais, quer em lingüística, quer na semântica lógica, bem como nas considerações estatísticas ou probabilísticas da metodologia científica. Os processos verbais do pensamento lógico e científico merecem e exigem uma análise mais precisa do que a que eles têm recebido até agora.

Uma das últimas realizações de uma ciência do comportamento verbal poderá ser uma lógica empírica ou uma episte-mologia científica descritiva e analítica, cujos termos e práticas serão adaptados ao comportamento humano como um tema.

CAPÍTULO 19

O PENSAMENTO

O lugar do comportamento verbal na coordenação grupai é discutido amiúde quando se especula acerca da origem da linguagem. Assim que os homens começaram a trabalhar juntos na caça, na pesca, na construção de abrigos ou na guerra, devem ter surgido situações nas quais seriam úteis respostas verbais rudimentares.[182] Num empreendimento cooperativo de pesca, por exemplo, um homem poderia colocar-se em posição de ver o peixe, enquanto outro colocaria a rede. Qualquer resposta que o primeiro pudesse dar ao ver o peixe melhoraria a escolha do momento oportuno por parte do segundo, possivelmente com vantagens para os dois. Funções coordenadas comparáveis são facilmente descobertas no comportamento de uma comunidade verbal bem desenvolvida.

Vantagens plausíveis não constituem, enquanto tais, uma explicação da origem e da manutenção do comportamento verbal, mas apontam para contingências de reforço que são explicativas. O comportamento verbal amplia tanto os poderes sensoriais do ouvinte, que agora pode responder ao comportamento de outrem mais do que diretamente às coisas e aos acontecimentos, quanto o poder de ação do falante, que agora pode falar em lugar de agir. Se, como resultado da divisão de trabalho, o fraco informado pode controlar o forte não-informado, as ações combinadas de ambos podem exceder a ação isolada de cada um. Empresas realizadas em cooperação nem sempre ocorrem para benefício das partes, mas as contingências de encadeamento necessárias para sustentar o comportamento verbal prevalecem mesmo nas relações extremamente assimétricas de senhor e escravo.

O comportamento verbal deve ter-se tornado muito mais valioso, tanto para o grupo como um todo quanto para seus membros individualmente, quando as

---

[182] Ver o apêndice de Malinowski no livro *The Meaning of Meaning* de Ogden, C. K. e Richards, I. A.

respostas começaram a ser transmitidas de uma pessoa para outra. A transmissão de "viva voz" tornou-se possível com o desenvolvimento do comportamento ecóico e intravérbal, enquanto que a invenção da escrita e o subseqüente desenvolvimento do comportamento textual permitiram um modo ainda mais eficiente. O "falante" que deixa um registro durável de seu comportamento pode afetar "ouvintes" em locais e tempos distantes e estes, por sua vez, podem beneficiar-se dos pontos especiais de vantagem do "falante" remoto. A aquisição da transmissão do comportamento verbal é vista hoje em códigos de leis, livros sapienciais, formulários e escritos religiosos, que ampliam quase ilimitadamente os efeitos do comportamento que originalmente os produziu, e nas histórias, biografias, diários e relatos experimentais, que dão ao leitor um contacto quase ilimitado com o meio ambiente de outras pessoas.

Emergência De Outras Funções

Uma útil divisão do trabalho não é a única vantagem do comportamento verbal. Desde cedo, outras funções deverão ter emergido dos *tactos* e dos *mandos* (e as correspondentes respostas verbais e não-verbais do ouvinte); *mandos* que foram inicialmente eficientes para facilitar a coordenação grupai. Os efeitos especiais discutidos no capítulo 6 muito cedo devem ter-se tornado possíveis com resultados que vimos resumidos na literatura, quando um trabalho particular despertou emocionalmente o leitor ou o entreteve de várias maneiras. Essas reações colaterais dos ouvintes logo devem ter alterado o comportamento dos falantes. Além do mais, tão logo o ouvinte, por sua vez, se transformou num falante consumado, o comportamento verbal pôde despertar nele reações "verbais" — divertindo-o com efeitos humorísticos ou estilísticos na causação múltipla, estimulando e aprofundando seu comportamento na persuasão ou estimulação reflexiva, e assim por diante.

Esses usos adicionais do comportamento verbal não resultam de uma extensão do poder sensório ou motor. Eles podem ou não ter base na coordenação grupai. Eles são mais interessantes quando um grupo não está envolvido — quando, em síntese, uma pessoa fala consigo mesma. Quando um falante também se torna ouvinte, abre-se o palco para o drama no qual uma só pessoa representa vários papéis. As vantagens iniciais para a coordenação do grupo estão ausentes, mas há vantagens compensadoras. Isso tem sido reconhecido tradicionalmente quando o comportamento de um falante consigo mesmo, como ouvinte, particularmente quando seu comportamento não é observável por outros, é posto de lado como uma realização humana especial chamada "pensamento".

Qualquer descrição do comportamento verbal estará incompleta enquanto sua relação com os demais comportamentos do organismo não tenha sido esclarecida. Isto pode ser feito convenientemente, discutindo-se o problema do pensamento.

O Comportamento Verbal Encoberto

Se alguém que está sentado quieto ouvir a pergunta *O que você está fazendo?,* ele poderá responder *Nada: só estou pensando.* Na terminologia do leigo (e de muitos especialistas), o pensar opõe-se amiúde ao fazer. Mas como organismo vivo, enquanto "Não está fazendo nada", o homem está se comportando de alguma forma, mesmo quando seu comportamento não pode ser facilmente observado por outros ou, possivelmente, até por ele mesmo. Efetivamente, não discutimos tais atividades porque elas, quase sempre, são acessíveis apenas ao "pensador" e respostas que lhes sejam aproveitáveis não podem ser desenvolvidas facilmente. Houve algum progresso na melhoria da observação pública por meio de instrumentos de ampliação do comportamento em pequena escala, mas o problema de explicar a ocorrência normal de tais comportamentos permanece.

Num sentido, o comportamento verbal que não pode ser observado por outros não constitui propriamente parte de nosso campo. É tentador evitar os problemas que ele coloca, limi-tando-nos aos fatos observáveis e deixando quem queira fazê-lo estender a análise a seu próprio comportamento encoberto. Mas, nesse caso haveria, algumas lacunas embaraçosas em nossa descrição. Na cadeia intraverbal, por exemplo, muitas vezes faltam elos necessários nos dados observáveis. Quando alguém resolve "mentalmente" um problema de "aritmética", a proposição inicial do problema e a resposta aberta final só podem relacionar-se inferindo-se acontecimentos encobertos. Temos também que descrever o comportamento verbal que está sob o controle do falar encoberto — que o relata (capítulo 5) ou o qualifica com autoclíticos (capítulo 12). O comportamento encoberto também terá de ser considerado ao discutir-se a gramática (capítulo 13), a composição de sentenças (capítulo 14), a correção (capítulo 15) e outros tópicos da V Parte. Requer-se, portanto, a discussão de algumas de suas dimensões.

O comportamento encoberto parece assemelhar-se ao comportamento aberto, exceto pelo fato de ocorrer em menor escala. Se recitarmos o alfabeto falando e sussurrando letras alternadas, será fácil observar a sonorização que estabelece a diferença: *A-b-C-d-E-f-G-h...* Se sussurramos algumas letras e enumerarmos mentalmente as demais, observaremos o que parece constituir uma diferença comparável entre formas encobertas e formas abertas: a-( )-c-( )-e-( )-g-()... Mas uma resposta silenciosa pode recuar para dimensões muito sutis. O envolvimento muscular demonstrado por meio da ampliação elétrica ou mecânica pode freqüentemente ser detectado se experimentarmos "pensar" uma resposta tal como

buble, buble ["bolha"] mantendo a boca o mais aberta possível. Mas isso muitas vezes pode ser feito, especialmente depois de alguma prática, e há outras dificuldades em admitir-se que o comportamento encoberto sempre é executado pelo mesmo aparato muscular responsável pela forma aberta. Oradores experientes, em especial os que têm de repetir a mesma coisa muitas vezes, parecem "pensar" uma resposta verbal enquanto proferem outra em voz alta; há pessoas que às vezes parecem ler alto mecanicamente, enquanto desenvolvem uma conversação "imaginária". A atividade muscular em pequena escala também parece não ser muito plausível na representação de um comportamento verbal incipiente. *Eu ia dizendo...* pode ser seguido de uma resposta ainda não previamente emitida, mesmo de forma subaudível. Um falante rápido pode compor uma sentença para proporcionar uma resposta que ainda tem que ser executada e é difícil explicar isso admitindo uma tentativa rápida feita em silêncio. Costumamos interromper um comentário infeliz antes que algum dano se produza, apesar de podermos completá-lo de forma subaudível, evidentemente antes que ele ocorra de fato.

Não precisamos fazer suposições acerca do substrato muscular ou neurológico dos acontecimentos verbais. Nós explicamos a razão da probabilidade ou da força de uma resposta suprimida ou manipulada, assim como a razão da probabilidade de qualquer comportamento. Em um caso de correção, por exemplo, observamos que o comportamento que é freqüentemente seguido por uma dada resposta é subitamente interrompido. O fato de ele ser seguido "freqüentemente" por essa resposta é um fato comportamental relativo a ocorrências passadas da resposta sob dadas circunstâncias. Processos fisiológicos medeiam a probabilidade de respostas encobertas e abertas de uma mesma forma, assim como, indubitavelmente, medeiam todas as relações descobertas numa análise funcional do comportamento; mas podemos falar acerca das duas formas de resposta "quando elas não estão sendo emitidas" sem identificar mediadores fisiológicos. Os dados que dão origem à noção do falar encoberto podem ser tratados como tais com o grau de rigor que prevalece em qualquer outra parte de uma ciência do comportamento verbal no momento presente.

Outras questões, todavia, continuam sem resposta. Por que uma resposta deveria tornar-se encoberta? Os operantes comportamentais quase sempre começam de uma forma que afeta o meio exterior, pois de outro modo não seriam reforçados. (As exceções seriam certas respostas automaticamente reforçadas pelo próprio organismo). Por que tal resposta não se mantém aberta?

O comportamento se torna encoberto quando, em primeiro lugar, sua força cai abaixo do nível necessário para uma emissão aberta. Tal emissão pode ser fraca, porque as variáveis de controle são deficientes. Quando dizemos *Pensei que era Jones, (mas vi que não era),* nós na verdade emitimos a resposta *Jones;* mas estamos descrevendo uma instância prévia encoberta, que era fraca porque o estímulo era

inadequado. Se a resposta *Jones* foi fraca, porque havia sido pobremente condicionada ou parcialmente esquecida, o relato poderia ter assumido a forma *Pensei que o nome dele fosse Jones.*

Todavia, o comportamento encoberto pode ser forte, como se vê pelo fato de que, sob outras circunstâncias, ele pode surgir em nível aberto. A resposta encoberta é simplesmente a mais fácil ou, por alguma razão, a mais própria no momento. O nível de energia do comportamento não-verbal declina usualmente à medida em que são mantidas as contingências de reforço. Quando Thorndike reforçou um gato a lamber a pata, o movimento tornou-se cada vez mais leve, até quase não poder mais ser detectado.[183] As contingências de reforço não poderiam ser mantidas além desse ponto. (Poderíamos dizer que o gato não poderia ser reforçado por "pensar" em lamber a pata.) Mas um considerável reforço sobrevive no comportamento *verbal* encoberto quando o falante é seu próprio ouvinte. Uma conseqüência importante de nossa definição é a de que, quando se fala consigo mesmo, não é necessário falar alto e é mais fácil não fazê-lo. Uma resposta subaudível, por motivos de conveniência, tornar-se-á audível se se obtiver alguma vantagem. Falamos alto conosco mesmos nas ocasiões em que, por exemplo, a resposta audível melhora a cadeia intravérbal. Na solução de um problema difícil de matemática ou de outro tipo recorremos a respostas abertas, vocais ou escritas. Pela mesma razão, comportamentos encobertos, tais como contar dinheiro ou somar cifras, tendem a tornar-se abertos na presença de estímulos que distraem.

Contudo, o falar encoberto não é nem total nem mesmo primariamente uma prática para poupar trabalho. Como vimos, o comportamento verbal costuma ser punido. Na criança, o comportamento audível é reforçado e tolerado até certo ponto; em seguida, ele se torna cansativo e a criança é punida por falar. Conseqüências aversivas comparáveis continuam a atuar na vida adulta. A punição nem sempre faz parte da natureza da censura, pois a fala que é ouvida por acaso pode ter outros tipos de efeitos indesejáveis, tal como a revelação de um segredo. A reserva do comportamento encoberto tem um valor prático. Enquanto uma resposta verbal é emitida primariamente por causa de seus efeitos sobre o próprio falante, ela se confina melhor a esse auditório. (Muitas vezes, o conteúdo do comportamento verbal autístico é significativo para o terapeuta só porque ele está relativamente livre do controle exercido por um auditório punitivo.)

Pode-se verificar que essa fuga à punição constitui uma explicação mais provável do que a conveniência pelo fato de o comportamento encoberto retornar ao nível aberto quando um auditório punitivo não exerce mais controle, apesar de a

---

[183] Thorndike, E. L., *Animal Intelligence,* Nova Iorque (1898).

conveniência não ter sido alterada. Muitas pessoas que vivem sozinhas se põem gradualmente a falar alto consigo mesmas. Na presença de outras pessoas, a volta ao nível aberto pode levar algum tempo, pois o caráter não-punitivo de um auditório não pode ser estabelecido num momento. Muitas vezes, é difícil levar as pessoas a "pensar alto" — isto é, a emitir na presença de um auditório externo comportamentos primariamente controlados pelo próprio falante. A extensão do controle especial exercido pelo auditório privado é vista no fato de que o comportamento aberto na ausência da um ouvinte externo costuma gerar ansiedade, ou outros efeitos emocionais. Muitas pessoas se sentem embaraçadas quando usam um gravador pela primeira vez ou quando ensaiam um discurso numa sala vazia. Uma completa liberação de um comportamento previamente encoberto para um nível audível pode ocorrer de forma muito lenta. O auditório não-censurador proporcionado pelo psicanalista não é imediatamente eficaz, apesar de, eventualmente poder ocorrer uma fala aberta sobre algo que em outra situação seria punível.

Há, então, variáveis importantes que determinam quando uma resposta será encoberta ou aberta. Mas essas variáveis não afetam muito as demais propriedades da fala. Elas não sugerem a existência de qualquer distinção importante entre os dois níveis ou formas. Nada se ganha, portanto, em se identificar o pensamento com o falar subaudível. Isso foi feito em certas análises behavioristas primitivas, aparentemente como resultado de um esforço para encontrar substituto para os assim chamados processos mentais. A visão tradicional de que primeiro ocorre a idéia e de que em seguida o falante a expressa tem de ser abandonada. Como vimos, os verdadeiros precursores da fala são as variáveis independentes, das quais ela é função, mas estes, na maior parte, são exteriores ao organismo e, portanto, não são substitutos muito plausíveis das idéias como causas internas. Era tentador supor-se que o falante "pensava acerca daquilo que ia dizer", no sentido de que ele o dizia primeiro a si mesmo. Mas a resposta encoberta, quando ocorre, não é de forma alguma a causa da resposta aberta. A força da expressão de idéias não pode ser obtida por uma mera seqüência de respostas encobertas e abertas.

Outros "processos mentais" rejeitados por uma análise beha-viorista não são facilmente substituídos pelo comportamento verbal encoberto, mas seu prestígio tradicional contribui, sem dúvida, para a necessidade de encontrar substitutos internos. Alguns deles são exemplificados quando um falante adquire ou retém uma resposta (os processos mentais de "aprendizagem" e "memória"), responde diferentemente a diferentes estímulos ("discriminação"), reage com uma forma de resposta de preferência a outra ("diferenciação"), responde de certa forma a um novo estímulo, que tem alguma semelhança com o antigo ("generalização", "metáfora" ou "pensamento analógico"), responde sob o controle de uma única propriedade ou de um conjunto de propriedades de um estímulo ("abstração"),

chega a uma resposta construída através de uma cadeia intravérbal controlada ("raciocínio"), e assim por diante. Estes não são *comportamentos* encobertos ou abertos, nas relações de controle ou mudanças de probabilidade, resultantes de alterações em tais relações.

A teoria de que o pensamento era apenas uma fala subaudível teve pelo menos um aspecto favorável: o de identificar pensamento e comportamento. Mas a fala nada mais é que um caso especial de comportamento e a fala subaudível, uma subdivisão ulterior. A gama de comportamentos verbais consiste, aproximadamente, numa ordem decrescente de energia, em gritar, falar alto, falar baixo, sussurar, resmungar, falar subaudível com uma ação muscular detectável, falar subaudível de dimensões pouco claras e talvez até mesmo o "pensar inconsciente", inferido algumas vezes em exemplos de solução de problemas. Nesse *continuum,* não há um ponto no qual seja proveitoso traçar uma linha distinguindo pensamento e ação. Na medida do que conhecemos, não possuindo os acontecimentos na extremidade encoberta propriedades especiais, eles não observam leis especiais, não se podendo, portanto, atribuir a eles realizações especiais.

O Falante Como Ouvinte De Si Mesmo

Podemos construir um caso que sirva melhor para identificar pensamento e comportamento, caso que afeta automaticamente o autor dos comportamentos e que, por isso, é refor-çador. Tal comportamento pode ser encoberto ou aberto. Podemos explicar a tendência para identificar o pensamento com o comportamento, encoberto chamando a atenção para o fato de que os efeitos reforçadores do comportamento encoberto *devem* surgir da auto-estimulação. Mas a auto-estimulação é possível, e até mais eficaz, no nível aberto.

Quando alguém fala consigo mesmo, em voz alta ou em silêncio, ele é um ouvinte excelente no sentido do capítulo 10. Fala a mesma língua e tem a mesma experiência verbal e não--verbal que o ouvinte. Está sujeito às mesmas privações e estímulos aversivos, e estes, de dia para dia, ou de momento para momento, variam da mesma forma. Enquanto ouvinte, ele está pronto para seu comportamento como falante no momento exato e está otimamente preparado para "compreender" o que vai ser dito. O tempo perdido na transmissão é pequeno e o comportamento pode adquirir dimensões sutis. Não deve causar surpresa, pois, o fato de a auto-estimulação verbal ter sido encarada como possuidora de propriedades especiais, a ponto de ser identificada com o pensamento.

O Solilóquio Simples

O próprio comportamento verbal do falante fornece automaticamente estímulos para o comportamento ecóico, textual ou intraverbal, e estes, por sua vez, geram estímulos para respostas ulteriores. O resultado é o "solilóquio", tal como é exemplificado em seu uso dramático e em alguns escritos que brotam do fluxo da consciência. Ele não é essencialmente um pensamento produtivo. Desvios inesperados podem ocorrer, mas o solilóquio subseqüente se modifica ligeiramente apenas, se é que ocorre alguma modificação. Dashiell[184] analisou o solilóquio de Hamlet *Ser ou não Ser* de acordo com este espírito. Uma conexão intraverbal entre *morrer* ou *dormir* levou a uma outra conexão entre *dormir* e *sonhar,* enquanto o *sonhar* reforçou então uma resposta incipiente, que surge com *Ah!, eis o tropeço.* Independentemente da respeitabilidade das conexões, tal "cadeia de pensamentos" constitui apenas uma ligação intraverbal ou auto--ecóica que quase não pode ser distínguida de um "vôo de idéias".

o pensamento é mais produtivo quando as respostas verbais acarretam conseqüências específicas e *são reforçadas por isso.* o comportamento autístico é um passo nesse sentido. A fantasia verbal, aberta ou encoberta, é automaticamente refor-çadora para o falante enquanto ouvinte. Assim como o músico toca ou compõe aquilo que o reforça auditivamente, e o artista pinta aquilo que o reforça visualmente, assim também o falante engajado numa fantasia verbal diz ou escreve aquilo que o reforça ao ser ouvido ou lido. Esse é o reino da fantasia verbal e de muita poesia, ficção e de outras formas de literatura. O escritor compõe estímulos verbais que provocam (nele e incidentalmente nos outros) respostas emocionais ou de outro tipo, ou que servem como indagações ou sugestões que permitem que ele se comporte verbalmente em ocasiões em que permaneceria calado, por falta de energia ou compreensão, em virtude de circunstâncias punitivas. O escritor estabelece consigo mesmo uma comunidade adequada para a produção contínua de comportamento literário e pode continuar a escrever por muito tempo, sem qual-quer outra contribuição por parte da comunidade exterior. As práticas da comunidade interior, todavia, costumam levar a idiossincrasias perturbadoras, como sugere o trabalho da poetisa Emily Dickinson.

Efeitos Práticos do Comportamento Verbal Sobre o Falante Enquanto Ouvinte

Além do comportamento autístico ou artístico, as respostas verbais podem ser automaticamente reforçadas por conseqüências práticas. Isso pode ocorrer mesmo quando o falante é o ouvinte de si mesmo. Ainda que ele não possa estender seus

[184] Dashiell, J. F., Fundamentais of Objective Psychology, Boston (1928).

poderes sensoriais ou motores, muitas das contingências mediadoras substanciais que geram e mantêm o comportamento verbal continuam a ter força.

Um *automando* não é tão inútil quanto a princípio pode parecer. Uma pessoa pode deleitar-se por sair da cama numa manhã fria, por parar quando comete um erro ou por estar seguro de que se lembra de um recado. Esses não são *mandos* inteiramente mágicos. A resposta verbal vem antes, porque tem menos conseqüências aversivas do que o comportamento *mandado.* O *Levante-se!,* por exemplo, é mais fácil de ser executado do que levantar-se da cama e menos provável de ser seguido por um choque de ar frio. Tal *mando* pode ser forte por indução de exemplos nos quais induzimos outras pessoas a se levantarem, e pode ser eficaz se aumentar a probabilidade de nos levantarmos da cama por indução a partir do comportamento relativo a outros falantes. Poder-se-ia supor que os *automandos* que se apoiam apenas na indução se extinguiriam eventualmente quando os dois auditórios são mais nitidamente discriminados; mas existem fontes contínuas de reforço. Suponhamos que alguém esteja aprendendo a caçar em circunstâncias tais que seja vantajoso manter-se quieto (para que a caça se aproxime) apesar de uma forte inclinação para reduzir mais rapidamente a distância entre ele e a caça, inclinação esta que o levaria a se movimentar. Um instrutor gera o comportamento correto dizendo *Fique quieto!* e o aprendiz de caçador pode obter o mesmo efeito *mandando* seu próprio comportamento. Ele pode ter adquirido a resposta verbal num estágio anterior — talvez num livro — ou ela pode ter sido aprendida mais depressa no local como uma resposta mais breve e mais claramente definida do que "fique quieto". De qualquer forma, o caçador que pode dizer a si mesmo *Fique quieto!* leva vantagem no que respeita a um autocontrole eficaz no campo. O resultado pode continuar a reforçar o comportamento verbal sob a forma de automandos.

A possibilidade de que o falante possa responder a seus próprios estímulos *verbais,* repetindo-se ou lendo anotações que tenha escrito já foi apontada. Ele também pode responder a seus próprios estímulos intraverbais, como abrir um cofre seguindo as instruções que ele próprio se dá ao recitar a combinação como uma cadeia intraverbal.

Uma pessoa usualmente "fala consigo mesma" ou "escreve para si mesma" sob a forma de *tactos.* Assim, em função de alguma vantagem momentânea, ela pode compor um texto, ao qual responde como um leitor em data posterior. Diários, memorandos e expedientes semelhantes ligam a separação temporal entre o comportamento e as variáveis de controle. O comportamento final pode ser verbal ou não. O *autotacto* tem um efeito imediato ao ajudar o falante a identificar ou a esclarecer a situação para a qual ele constitui uma resposta. Uma situação internacional confusa assume um modelo-padrão com a declaração oficial *Isto é Guerra.* O comportamento de alguém em relação a uma pessoa vagamente familiar muda quando o nome da pessoa finalmente é lembrado. Quando deparamos com

um objeto não-familiar numa loja de ferragens, podemos adotar um comportamento apropriado (e nos descartamos de um possível estado aversivo de confusão) se pudermos dizer, mesmo como tentativa, *É um abridor de latas.* Respostas cate-gorizadoras são especialmente eficazes nesse sentido. O zoólogo que descobre a classificação apropriada para um inseto não-familiar, a jovem mãe que identifica o comportamento do filho como exemplo de um padrão descrito por um psicólogo, ou o homem de negócios que, analisando um gráfico, decide que é chegado o momento de comprar certas ações, todas essas respostas revelam mudanças sustanciais de comportamento como resultado de respostas categorizadoras. *Nomina si nescis, perit et cognitio rerum.* ["Desconheceremos as coisas, se não lhe soubermos os nomes".]

O esclarecimento automático produzido pelo *tacto* é sem dúvida sustentado pela auto-instrução. O comportamento futuro do falante será diferente, ainda que a resposta não seja necessariamente emitida outra vez. Ao pensar num problema difícil, podemos reafirmar certas relações-chaves ou reidentificar fatos relevantes, especialmente quando estes tendem a ser esquecidos ou obscurecidos por outros assuntos, ainda que o efeito catego-rizador já tenha sido sentido. Assim, ao resolver um crime numa novela policial podemos nos surpreender insistindo na culpa de um personagem, apesar de uma prova pequena, mas conclusiva, em contrário. À medida em que voltamos sucessivas vezes à conclusão errada, podemos nos reinstruir. *Não, não pode ser Billingsly. Ele estava na sala conversando com o jardineiro.* Não estamos dizendo a nós mesmos nada que já não conhecêssemos, mas estamos alterando a *extensão* em que o sabíamos e tornamos menos provável a emissão de outras respostas que coloquem Billingsly na cena do crime.

Ainda que o falante possa achar suas respostas úteis quando elas têm a forma de *tactos,* as conseqüências especiais que destroem a pureza da relação (capítulo 6) tendem a ser operantes. Uma vez que o reforço automático não precisa respeitar as contingências que prevalecem no meio verbal externo, as relações de controle podem ser "ampliadas" à vontade, começando talvez com um leve exagero, mas chegando eventualmente até a ficção e a mentira. O comportamento verbal das pessoas que vivem sozinhos e falam muito consigo mesmas parece muitas vezes "estranho" ao ouvinte externo ocasional. O falante, enquanto seu próprio auditório, chegou a controlar uma subdivisão especial de seu repertório verbal, distorcido por efeitos especiais. As contingências públicas podem necessitar de reabastecimento, ainda que alguma correção automática venha a ocorrer caso a instrução de conseqüências irrelevantes destrua vantagens práticas eventuais.

As características especiais do comportamento verbal com múltiplas fontes de força prevalecem quando o falante é o ouvinte de si mesmo e proporcionam outras razões para que ele fale consigo mesmo. Na verdade, elas podem ser marcadas especialmente por causa da ótima correspondência da força verbal entre falante e ouvinte

quando reduzidos a uma só pessoa. Os autoclíticos e a ordem gramatical e sintática do comportamento verbal em composição são impostos ao comportamento verbal primariamente por seus efeitos sobre o próprio falante, e a principal atividade na correção pode ser especificamente atribuída a tais efeitos, particularmente quando estes resultam de punição anterior. As condições especiais sob as quais a correção se encontra no mínimo e o comportamento verbal "liberado", por essa razão, podem ser basicamente reforçadoras para o falante e podem levá-lo a arranjar ou a induzir tais condições.

Outra fonte de reforço automático está na "solução de problemas", quando o falante gera estímulos para *suplementar* outro comportamento que já integra seu repertório. Ele incita e provoca o próprio comportamento, como ao recordar um nome semi-esquecido ou ao propor uma resposta classificadora eficaz. Ele pode fazer isso porque foi reforçado por um comportamento similar de outros ouvintes, mas as conseqüências práticas automáticas podem fornecer as contingências necessárias. O comportamento científico "vale a pena" mesmo quando o cientista está falando consigo mesmo. Assim, muitas vezes, é automaticamente reforçador, num jogo de pôquer, calcular antes o improvável do que jogar de acordo com reforços acidentais. Muitas vezes é automaticamente reforçador contar os objetos em lugar de fazer uma estimativa. É automaticamente reforçador usar um relógio (um tipo especial de texto) em lugar de nos fiarmos em nosso "sentido de tempo". É automaticamente reforçador usar algoritmos ou sinais mnemônicos especiais na construção de um novo comportamento verbal em vez de confiar na miscelânia de intraverbais do momento.

A auto-suplementação verbal representa um papel importante na tomada de decisão. Foge-se de uma indecisão aversiva jogando uma moeda para o ar. Tendo substituído *Vã!* por *Cara!* e *Fique!* por *Coroa!,* ele constrói um desses textos (atirando a moeda), lê-o, faz a substituição apropriada e responde ao *mando* resultante.

O dinamismo freudiano descreve atividades automaticamente reforçadoras, em geral porque elas permitem que se escape de conseqüências aversivas em virtude de uma punição anterior. Algumas dessas atividades são verbais e outras são verbais quase que necessariamente. A "racionalização" é um exemplo. Em geral, os homens são punidos por ferirem os outros, mas permite-se que eles inflijam ferimentos em certas situações — por exemplo, quando punimos um comportamento indesejável ou quando damos más notícias que não podem ser escondidas. A comunidade distingue entre duas classes de comportamento bastante semelhantes, punindo apenas uma delas. Como resultado, quando uma situação emocional dispõe um homem a ferir alguém, um membro da classe não-punível de respostas injuriosas tende mais provavelmente a emergir. Em outras palavras: as pessoas tendem mais a punir ou a transmitir más notícias àqueles de quem não gostam. Quando duas

classes de comportamento não são facilmente distinguíveis, como ocorre freqüentemente, uma pessoa tende menos a ser punida pela comunidade externa, ou a sofrer a estimulação condicionada aversiva da "culpa", se puder caracterizar seu comportamento como pertencendo à classe não punível: *Eu o espanquei para seu próprio bem.*

Outro tipo de racionalização consiste em caracterizar um acontecimento como positivamente reforçador quando ele tende mais a ser aversivo. Inclinamo-nos a sofrer menos com uma desgraça quando a consideramos uma bênção disfarçada. Bos-well relata que o Dr. Johnson tinha consciência do processo:

> *Senhor, todos os argumentos propostos para representar a pobreza como não sendo um mal mostram que ela é evidentemente um grande mal. Não se vê nunca pessoas procurando convencer-nos de que se pode viver muito feliz com uma grande fortuna.*

Como tais exemplos sugerem, o comportamento verbal, reforçado porque altera o comportamento subseqüente do falante, tem muitas vezes um sentido ético. As expressões perturbadoras de dever *(ought* e *sbould)* podem ser interpretadas como descidos de contingências de reforço. Quando dizemos O *jovem deveria ter dito "não"* afirmamos que existiram conseqüências de reforço, não identificadas, por dizer *Não.* Talvez se ele tivesse dito *Não* tivesse sido poupado de um trabalho aversivo, ou de injúrias. No caso ético, quando a resposta *Não* é a "correta", a resposta poderia ter prevenido uma censura grupai ou acarretado elogios. Quando, então, um homem diz a si mesmo *Devo dizer "Não",* está afirmando que esse *Não* produziria certas conseqüências reforçadoras (não-especificadas). Sua resposta difere do "automando" *Diga "não"* na fonte de seu poder. O *mando* explora um velho paradigma de relações controladoras que podem afinal perder sua eficácia, mas a resposta que contém o *deve* identifica ou esclarece uma contingência refor-çadora mais durável e pode, com sucesso, aumentar seu efeito sobre o falante. O substituto da sociedade dentro do indivíduo, o superego freudiano ou a consciência cristã-judaica são essencialmente verbais. *É* a "pequena *voz* silenciosa".

Uma "resolução" é um tipo de *mando* sobre si próprio que se mascara como um *tacto. Não vou fumar nos próximos três meses* não é uma resposta a um acontecimento futuro. Seu valor para o autocontrole reside no fato de que esse *tacto* pode ser feito agora, quando as contingências apropriadas, possivelmente envolvendo acontecimentos aversivos, são poderosas, enquanto que "não fumar POR TRÊS MESES" requer três meses para sua execução, durante os quais a privação subjacente ou a estimu-lação aversiva podem mudar. A resolução cria um conjunto de condições sob as quais fumar é particularmente punido (como "quebrar uma promessa") quer pelo próprio falante quer por outrem. O efeito é maior se a resolução for anunciada publicamente durante o período em que ela tem força.

O exemplo seguinte de comportamento verbal auto-estimu-lador sustentado exemplifica muitos desses pontos. Trata-se de uma transcrição direta das respostas de uma menina de nove anos, dadas a si mesma enquanto estudava piano. O comportamento era aberto, mas do tipo que recuaria para o nível encoberto com um pouco mais de punição. A transcrição começa depois de vários minutos ao piano. Ela comete um erro. Não, espere! (Toca de novo de forma correta e vai até o fim da peça). Ah! (Toca algumas notas de uma nova peça). Deixe-me ver. Está correto? Vou repetir mais uma vez. (Termina a peça). Ah! agora eu posso estudar outra coisa. (Olha para uma nova peça.) Está escrita na clave de sol. (Toca e canta palavras ao mesmo tempo. Termina e olha para o relógio). Esta leva um minuto. Um minuto para tocar toda a canção. (Começa a outra peça e comete um erro.) Muito bem; agora começarei tudo de novo. (Comete outro erro.) Tenho que começar tudo de novo. (Peça difícil. Emite alguns Puxa! Exercita-se na passagem difícil. Comprime o dedo sobre a tecla correta.) Oh!, meu dedo, dói tanto! Mas eu vou fazê-lo trabalhar! (Força o dedo novamente contra a tecla. Olha para o dedo.) Ah! Faz bonitos desenhos nele. (Observa o relógio.) Nossa! Gastei parte do tempo destinado a outras coisas. (Olha para outra peça.) Ah! Eu não posso fazer isto! (Olha o relógio.) Só um minuto. (Toma o relógio.) Eu vou atrasá-lo cinco minutos. Pronto! Tenho muito mais tempo para praticar. (Toca, torna a olhar para o relógio.) Hei! Não, não faça isso. Você está andando muito depressa. (Acerta o relógio.) Bom. Cinco minutos. (Toca e comete um erro), Ah! (Consulta o relógio.) Vamos! (Acerta o relógio. Diz ao pai, que está na sala ao lado.) Papai, estou fazendo com que o relógio ande mais devagar. — Eu não tenho tempo para praticar. Eu o atrasei uma hora. Agora tenho muito tempo para praticar.

Neste exemplo de "pensamento audível", mandos como Não, esperem, só um minuto e Está certo? acompanham o comportamento de parar e olhar, sobre os quais eles podem atuar como reforço. As resoluções Vou fazer isto mais uma vez e Tenho que começar tudo de novo precedem o comportamento que elas parecem descrever. Elas podem ou não reforçá-lo, mas esclarecem cada ato como um ato de "começar tudo de novo por causa de um engano". O "tacto" Está escrito na clave de sol é provavelmente útil para o reforço do comportamento não-verbal apropriado. Meu dedo dói tanto dificilmente pode ser tão útil e parece ser um mero comentário — emitido por causa da força especial do estímulo. A justaposição de Vou atrasá-lo cinco minutos e Tenho muito tempo para praticar pode reforçar o comportamento ulterior em relação ao relógio. Um par semelhante de respostas ocorre mais tarde, e o ato de atrasar o relógio uma hora pode ser resultado do esclarecimento da conexão entre mexer no relógio e ter mais tempo para praticar. O mando mágico endereçado ao relógio Não faça isso! Você está andando muito depressa! também pode contribuir para o comportamento de atrasar o relógio. Há pouco encadeamento intraverbal na amostra porque ele está intimamente conectado com um comportamento não-verbal concorrente. O encadeamento vai do verbal para o não-

verbal e torna a voltar. Por esse motivo, o exemplo está mais próximo do pensamento verbal produtivo.

Há boas razões, portanto, para um falante, também condicionado pela comunidade verbal como um ouvinte, voltar seu comportamento para si mesmo. O resultado está muito próximo do "pensar" em muitos sentidos tradicionais do termo. Tal comportamento, é claro, pode ser útil e rápido, especialmente porque o falante está otimamente preparado para seu próprio falar enquanto ouvinte. Mas todas as propriedades importantes do comportamento devem ser encontradas nos sistemas verbais compostos de falantes e ouvintes separados. Uma conexão necessária entre o pensamento verbal e a auto-estimulação pode surgir do fato de que, no sentido mais estreito de nossa definição, qualquer comportamento reforçado por modificar o comportamento subseqüente no mesmo indivíduo é necessariamente verbal, independentemente de suas dimensões. O reforço é "mediado por um organismo", senão estritamente por outro organismo, e respostas que não possuem as dimensões usuais do comportamento vocal, escrito ou gestual, podem adquirir algumas das características do comportamento verbal. O *refinamento da definição,* dada no capítulo 8, permite-nos manter uma distinção semelhante à existente entre a fantasia verbal e a visual, excluindo-se, por exemplo, a última da categoria verbal. Em qualquer caso, apesar de o comportamento auto-estimulador poder ser, em certo sentido, necessariamente verbal, o comportamento verbal não precisa ser auto-estimulador. Quando Platão pergunta: "Não é o pensamento a mesma coisa que a fala, com esta exceção: o pensamento é a conversa inexprimível da alma consigo mesma?", não devemos autorizar a exceção.

O Pensamento Como Comportamento Verbal

Devemos contentar-nos com o resto da frase de Platão: "o pensamento é o mesmo que a fala"? Desconsiderando a distinção entre aberto e encoberto e a possibilidade de que o comportamento verbal possa ser especialmente eficaz sobre o próprio falante, devemos concluir que o pensamento é simplesmente um comportamento verbal? Segundo a opinião geral, esta é uma noção que atrai. "Ele deu ao homem a fala, e a fala criou o pensamento que é a medida do universo."[185] Uma inversão desta doutrina foi ativamente defendida pelos behavioristas, como uma solução para o problema psicológico do conhecimento, e pelos positivistas lógicos para seus

[185] Shelley, Percy Bysshe, *Prometheus Unbound.*

próprios propósitos episte-mológicos. Muito antes, no *The Diversions of Purley*[186] John Home Tooke atacou o empirismo inglês com o mesmo espírito:

> *Para a humanidade talvez tenha sido um feliz engano, pois foi um engano que Mr. Locke cometeu quando chamou seu livro de "Um ensaio sobre o entendimento humano", pois parte do inestimável beneficio produzido por esse livro foi conseguido apenas por causa do titulo, que atingiu um número muito maior do que o que teria atingido se o título fosse (o que na verdade ele é) um Ensaio Sobre a Gramática, ou Tratado das Palavras ou da Linguagem...*
>
> *... Desejo apenas que você leia o Ensaio outra vez com atenção e veja se tudo o que seu imortal autor concluiu justamente não continuaria tão verdadeiro ou claro se você substituísse a composição [associação], &c. de termos, em todos os casos em que ele supõe ser uma composição [associação] &c. de termos, em todos os casos em que ele supõe ser uma composição [associação], &c. de idéias.*[187]

Tooke, e outros que advogaram esta solução, estavam preocupados com um tipo de comportamento humano que, por ser verbal, possui certas propriedades relevantes para o problema do pensamento. É uma tentação supor que outras propriedades verbais peculiares resolverão o problema como um todo. Mas este não é, evidentemente, o caso. Os resultados do pensamento são em geral muito surpreendentes e aparentemente impossíveis de serem explicados. Podemos simpatizar com à urgência em encontrar uma explicação o mais cedo possível e com a crença de que o processo apresentará um toque misterioso, ou até mesmo miraculoso. O comportamento encoberto é um substituto moderno atraente para o processo de pensamento, por causa de suas dimensões difíceis, enquanto o comportamento verbal, que é auto-estimulador, é também um candidato promissor, pelo fato de que *pode* ser privado e de que, após um longo período de trabalho solitário, o pensador pode emitir um comportamento espantosamente eficaz (Sempre foi fácil para os "pensadores" alegarem poderes especiais).

O comportamento verbal, independentemente de sua forma aberta ou encoberta, ou da identidade do ouvinte sobre o qual ele é eficaz, tem também algo da magia que esperamos encontrar num processo mental. Ele é relativamente livre das condições ambientais e das restrições temporais. Diante de uma peça musical tocada ao piano, podemos reagir não verbalmente ao fato de ela estar na clave de sol (por exemplo, tocando-a de forma correta) mas não podemos fazê-lo de imediato. A res-

---

[186] Tooke, John Home, *The Diversions of Purley,* Londres (1857).

[187] Compare também a passagem seguinte (escrita, como quase todo o livro, na forma de diálogo) : B — Que diferença você imagina então que teria ocorrido no Ensaio do Sr. Locke se ele tivesse tomado consciência da inseparável conexão entre palavras e conhecimento mais cedo; ou, na linguagem de Sir Hugh, em Shakespeare, que os lábios são uma parcela da mente? H. — Muita. E, entre muitas outras coisas, creio que ele não teria falado em composição de idéias, mas teria visto que se tratava apenas de uma artimanha da linguagem; e que a única composição era de termos, e, conseqüentemente, que era impróprio falar em idéia complexa, tal como seria impróprio chamar uma constelação de estrela complexa. E que elas não são idéias, mas apenas termos, que são gerais e abstratos... "

posta verbal "ela está na clave de Sol" é pronta e rápida e adquire um resultado imediato por esclarecer a situação e aumentar a eficácia provável do comportamento não-verbal que se segue. Uma resposta unitária a algo que se dá num determinado período de tempo ou em mais de um lugar é quase sempre necessariamente verbal e parece transcender grandes obstáculos para obter esse resultado. Quando solucionamos um problema prático verbalmente, construímos um guia para uma solução não-verbal; mas, antes que tenhamos feito uso dele, encontramos imediatamente a solução *global* na forma verbal. Respostas relacionadas com números ilustram o mesmo ponto. Se há um ato que seja equivalente ou idêntico a "pensar em 100" é a resposta verbal *cem.* Quer ela seja construída contando-se com objetos ou de alguma outra forma (quando está sob o controle de outras variáveis) ela parece transcender a embaraçosa quantidade de cem coisas.

Uma resposta verbal torna possível "pensar acerca" de *uma* propriedade da natureza de cada vez. Desde que não existem respostas práticas apropriadas para todos os exemplos de vermelho, o *tacto* abstrato *vermelho* constitui uma realização verbal evidentemente única. Nesse sentido, a resposta *raposa é* abstrata, apesar do fato de ela se referir a um objeto usualmente chamado concreto, e nossa reação ao fato de alguém dizer *raposa* pode não ser nada mais que nossa própria resposta verbal *raposa,* particularmente se não tivermos um comportamento prático útil com relação às raposas. Uma peça musical pode levar-nos a dizer *Acho que é Mozart* e há pouco mais a ser feito diante da música de Mozart *enquanto* tal. O próprio Locke[188] estava ciente dessa função dos termos. "Em modos misturados", diz ele, "é o nome que liga a combinação e faz dela uma espécie". Assim, sem o termo *triunfo,* podemos ter tido descrições do "que se passou naquela solenidade; todavia, eu acho que o que une essas diferentes partes na unidade de uma idéia complexa é essa mesma palavra anexada a ela, sem a qual as várias partes não seriam pensadas como fazendo uma coisa... ". Para Locke, todavia, o termo é um mero fundamento da idéia.

Estas são funções importantes e distintivas do comportamento verbal, embora não sejam relevantes para uma definição de pensamento. Nem existem outras razões acidentais pelas quais tal solução seja obtida com tanta freqüência. Os que observam a si próprios pensando, testemunham freqüentemente um comportamento *verbal.* Guiados por filosofias triunfantes, na busca de processos interiores de pensamento, eles naturalmente ficaram impressionados com a conveniência de execução do comportamento verbal encoberto — em contraste com, digamos assim, paralelos não-verbais tais como girar a roda de uma carroça ou guiar um carro "silenciosamente", casos em que a coordenação de movimentos normalmente

[188] Locke, John, Essay o Human Understanding.

envolve o ambiente físico. O comportamento verbal é percebido facilmente porque é relativamente fácil de ser descrito. Posso dizer *Eu disse a mim mesmo: "Isto é ridículo"* muito mais rapidamente do que podemos descrever um comportamento não-verbal encoberto evocado sob as mesmas circunstâncias. Uma conclusão verbal "chega até alguém" ou "é atingida" de uma forma relativamente conspícua.

Mas nem todo comportamento encoberto é verbal. Muitas pessoas podem girar algum tipo de roda de carro elíptica privadamente, e descobrimos que estamos guiando do banco traseiro quando, numa emergência, passamos para o nível de comportamento aberto e pressionamos o pé contra o chão do carro para parar. O uso leigo de *Acho* cobre um comportamento não-verbal. *Acho que irei* pode ser traduzido por *Parece que irei* ou *Estou a ponto de ir.* Seria embaraçoso interpretar isto dizendo que o comportamento de ir dá origem à resposta verbal *Estou indo* e que esta é qualificada pela resposta *Acho.* O comportamento verbal encoberto é descrito em *Ocorreu-me ir.* "idéias" não-verbais e "pensamentos" são comuns em descrições da solução de problemas. Em *Ocorreu-me o pensamento* (ou a idéia) de *tentar a porta* o falante está relatando a aparência de um ato não-verbal.

o Pensamento Gomo Comportamento

O ponto de vista mais simples e mais satisfatório é o de que o pensamento é apenas *comportamento* — verbal ou não, encoberto ou aberto. Não se trata de nenhum processo misterioso responsável pelo comportamento, mas do próprio comportamento em toda a complexidade de suas relações de controle, relativas tanto ao homem que se comporta como ao meio em que ele vive. Os conceitos e métodos que surgiram da análise do comportamento, verbal ou de outro tipo, são mais apropriados para o estudo daquilo que, tradicionalmente, chamamos de mente humana.

O campo do comportamento humano pode ser convenientemente subdividido com relação aos problemas que apresenta e aos termos e métodos correspondentes a serem usados. Uma distinção útil pode ser feita entre reflexos, condicionados ou de outro tipo, e comportamento operante gerado e mantido pelas contingências de reforço num dado ambiente. Tradição e utilidade parecem concordar em confinar a análise do pensamento humano ao comportamento operante. Assim concebido, o pensamento não é uma causa mística ou precursora da ação, ou um ritual inacessível, mas a própria ação sujeita à análise com os conceitos e as técnicas das ciências naturais e, em última análise, a ser explicado em termos de variáveis de controle.

A ênfase dada às variáveis de controle é importante. A conseqüência prática é que essa explicação científica envolve uma tecnologia. Não há razão para que os métodos de pensar e do ensino do pensamento não possam ser analisados, tornan-

do-se, assim, mais eficazes. Mas há uma conseqüência teórica mais imediata. Não há nenhuma vantagem em se encarar o pensamento como comportamento no sentido de mera *forma* de ação. Nós não podemos progredir rapidamente no estudo do comportamento separado das circunstâncias sob as quais ele ocorre. Bertrand Russell tentou progredir por meio de uma análise meramente formal, mas nunca foi inteiramente bem sucedido, porque os métodos disponíveis para o lógico não são apropriados para o estudo do comportamento. Consideremos, por exemplo, a seguinte passagem do *An Inquiry into meaning and truth*[189]

> *O pensamento, à medida em que é comunicável, não pode ter maior complexidade do que a possuída pelos vários tipos possíveis de séries que podem ser feitas com 26 tipos de formas. A mente de Shakespeare pode ter sido maravilhosa, mas nossa evidência de seus méritos é inteiramente derivada de formas negras em fundo branco.*

Russell poderia ter dado um passo à frente e reduzido toda a "mente" de Shakespeare a uma série de traços e pontos, uma vez que suas peças e poemas poderiam ser recebidos ou enviados desta forma por um hábil telegrafista. É verdade que a evidência dos "méritos da mente de Shakespeare" deriva de sinais negros numa folha em branco, mas daí não se segue que o pensamento, comunicável ou não, não possua uma "complexidade" maior. O pensamento de Shakespeare era seu comportamento *ante seu ambiente extremamente complexo.* Não temos, é claro, um relato adequado desse ambiente nesse sentido. Não temos quase nenhuma informação independente acerca de seu ambiente e não podemos inferir muito acerca dele a partir de sua obra. Assim, ao discutir o pensamento de Shakespeare, nós apenas conjeturamos acerca de um conjunto plausível de circunstâncias ou lidamos com nosso próprio comportamento ao responder às suas obras. Isto não é muito satisfatório, mas não podemos melhorar a situação identificando o pensamento com uma simples forma de comportamento.[190]

Enfatizar a forma obscurece a significação do comportamento em relação às variáveis de controle. É óbvio que duas formas de respostas constituem "pensamentos" muito diferentes quando emitidas sob circunstâncias diferentes. Mais ainda: alguns exemplos aparentes de comportamento verbal, exemplos que satisfazem todos os critérios formais, podem não ser absolutamente "pensamentos". Assim, arranjos acidentais de anagra-mas ou sentenças construídas mediante a manipulação casual de palavras impressas não constituem registros de comportamento verbal, apesar de poderem ser lidas como textos. Em lógica, pode servir a

---

[189] Russell, Bertrand, *An Inquiry into Meaning and Truth,* Nova Iorque (1940), p. 413,

[190] Molière levou o argumento formalistíco um passo adiante e mais próximo do ridículo. Tudo o que há de mais belo na literatura, argumenta um de seus personagens, pode ser encontrado nos dicionários. 'Trata-se de uma simples mudança na ordem das palavras."

algum propósito dizer que "Para qualquer sentença, por mais longa que seja, podemos construir uma sentença ainda mais longa acrescentando 'e a lua é redonda' ", mas as sentenças resultantes podem ser explicadas em relação a variáveis triviais, que não autorizam que as chamemos de verbais. Uma negligência semelhante da relação de controle é vista na observação de Russell: "É difícil descrever uma declaração sem fazê-la." A emissão de uma resposta com a forma de declaração como uma resposta ecóica ou um *tacto* hipostático não deve ser confundida com a emissão da mesma forma de resposta sob circunstâncias tais que nos permitam chamá-la de declaração.

Essa preocupação com a forma deixou o estudo do conteúdo do pensamento numa situação insatisfatória, mas os "fatos", "proposições" è outros "referentes de declarações" encontram uma representação adequada entre nossas variáveis de controle. As relações funcionais entre comportamento e ambiente costumam ser complexas e, muitas vezes, confusas, mas não estamos em dúvida quanto às suas dimensões ou às técnicas mediante as quais elas podem ser estudadas. Podemos desprezar a penosa dissecação do pensamento humano segundo o modelo familiar de 1) um *homem* que possui 2) o *conhecimento* de 3) um *mundo.* Os homens constituem parte do mundo e interagem com outras partes desse mundo, incluindo outros homens, na medida em que seu comportamento se modifica, eles podem interagir mais eficazmente, ganhando controle e poder. Seu "conhecimento" é seu comportamento com relação a eles próprios e ao resto do mundo, e pode ser estudado enquanto tal.

É claro que os "efeitos da linguagem sobre o pensamento" devem ser reformulados. Se é "impossível expressar determinada idéia" numa dada língua por causa da falta de um termo necessário, o que temos a dizer é que as contingências organizadas por uma dada comunidade verbal falharam com relação a uma variável possível. Se é difícil "expressar a mesma idéia em duas línguas", basta dizer que as práticas de reforço de duas comunidades verbais diferem. Qualquer tipo de comportamento pode ser confuso e ineficiente. As contingências sutis de reforço, arranjadas por uma comunidade verbal, malogram facilmente: um *tacto* pode ser ampliado além do que se justifica; um auto-clítico importante pode ser omitido; respostas incompatíveis podem resultar de construções defeituosas. Do ponto de vista do ouvinte, o comportamento verbal pode ser deficiente para as circunstâncias não-verbais sob as quais ele surgiu; a coisa em si pode parecer muito diferente de sua descrição. Há uma beleza *indescritível* no sentido de que há cores que não podem ser nomeadas em determinada língua. Há pensamentos *inefáveis* no sentido de que as contingências de um ambiente não-verbal geram um comportamento sem paralelo entre as respostas verbais. Todo comportamento, verbal ou de outro tipo está sujeito ao *a priori* kantiano, no sentido de que o homem, enquanto sistema que se comporta, tem características e limitações inelu-táveis.

Quando estudamos o pensamento humano, estudamos o comportamento. No sentido mais amplo possível, o pensamento de Júlio César era simplesmente a soma total de suas respostas ao mundo complexo no qual ele viveu. Podemos estudar aqueles de que possuímos registros. Por motivos evidentes, o que sobreviveu primariamente foi seu comportamento verbal numa forma registrada, mas a partir deste e de outros registros conhecemos algo acerca de seu comportamento não--verbal. Quando dizemos que César "pensava que podia confiar em Brutus" não pretendemos dizer que ele jamais tenha dito isso. Ele se comportava, verbalmente ou não, como se Brutus fosse de confiança. O resto de seu comportamento, seus planos e realizações, constituem também parte de seu pensamento nesse sentido.

Desse ponto de vista, é uma conseqüência salutar, aceitar o fato de que os pensamentos dos grandes homens são inacessíveis a nós hoje. Quando estudamos grandes obras, estudamos o efeito *sobre nós* dos registros remanescentes do comportamento das pessoas. É o *nosso* comportamento com relação a tais registros que observamos; nós estudamos o *nosso* pensamento, e não o deles. Felizmente, o pensador contemporâneo pode ser submetido a um tipo diferente de análise. No que concerne à ciência do comportamento, o homem que pensa é simplesmente o homem que se comporta.

Não há nada exclusivamente ou essencialmente verbal no material analisado neste livro. Tudo faz parte de um campo mais amplo: o do comportamento de uma critura muito complexa em contacto com um mundo de uma variedade infinita. Para fins práticos, deu-se destaque a um campo especial em termos de características emprestadas a ele por variáveis especiais. É em termos de tais variáveis — das contingências arranjadas pela comunidade verbal — que o comportamento verbal pode ser definido e analisado.

DOIS EPÍLOGOS PESSOAIS

As *William James Lectures* do autor, proferidas na Universidade de Harvard em 1947, encerraram-se com um material que tinha essencialmente a seguinte forma.

I. A Validade Do Comportamento Verbal Do Autor

Quando vôo, eu sou as asas. EMERSON.

Algumas vezes, argumenta-se que, quando uma descrição científica do comportamento humano é correta, o cientista deve ser tão mecanicamente determinado quanto as pessoas que ele estuda, e assim seu comportamento verbal não pode ser "válido", "certo" e "verdadeiro". Russell[191] aponta algo semelhante da seguinte forma:

> *Quando o behaviorista observa as ações de um animal e decide quando ele está demonstrando conhecimento ou erro, ele não está pensando acerca de si mesmo como animal, mas como pelo menos um registro, hipoteticamente orientado, daquilo que então ocorre. Ele "sabe" que os animais são iludidos por espelhos e acredita que ele próprio "sabe" que ele não está sendo igualmente iludido. Omitindo o fato de que ele — um organismo como qualquer outro — está observando, ele dá uma falsa impressão de objetividade aos resultados de sua observação. .. Quando ele pensa que está relatando observações acerca do mundo exterior, na verdade ele está relatando observações acerca do que está ocorrendo em si próprio.*

Num sentido, esta é uma crítica justa. o mais radical determinista reconhecerá uma tendência em acreditar que aquilo que ele está dizendo, pelo menos no momento, situa-se fora do campo da ação determinada. Mas o estudioso do comportamento não é o único a enfrentar esse dilema. O comportamento acerca do comportamento acarreta a mesma dificuldade que o conhecimento acerca do conhecimento. Russell descreve o behaviorista decidindo se as ações animais revelam conhecimentos ou erro, em lugar de, como é mais provável, medir predisposições para agir diante de um dado conjunto de circunstâncias, e descreve o behaviorista como alguém que "relata suas observações acerca do mundo exterior", ainda que a observação se assemelhe suspeitamente a uma "idéia", ou pelo menos a uma "imagem", e seria provavelmente evitada em favor de uma expressão como "reação ao mundo exterior". Mas o ponto crucial do problema sobrevive na tradução. O presente estudo oferece um exemplo do caso em questão. Se o que eu disse é razoavelmente correto, considerando o estado atual do conhecimento da ciência do comportamento humano, que interpretação será dada de meu comportamento ao

[191] Inquiry into Meaning and Truth, p. 14.

escrever este livro? Eu estive me comportando verbalmente e, a menos que minha análise seja deficiente em algum ponto, meu comportamento deve ter seguido os processos já descritos, e não outros. O que isso significa com relação à certeza ou à verdade do que eu afirmei?

Este não é o momento de abandonar nosso programa. Vejamos o que eu *estive* fazendo. Para começar, eu me expus a uma grande quantidade de material do campo do conhecimento verbal. Isto foi o resultado de um interesse crescente pelo campo, interesse que surgiu de outras circunstâncias muito remotas para afetar este tema. Centenas de livros e de artigos que li não constituíam uma exposição direta do assunto do comportamento verbal em si mesmo, mas geraram tendências verbais com relação a ele, tendências que revelam uma enorme variedade e uma fabulosa inconsistência. Eu também li livros, não pelo que eles diziam *sobre* o comportamento verbal, mas como registros do comportamento verbal. Também contei vírgulas. Ouvi pessoas falando e anotei lapsos verbais, frases curiosas ou seqüências intraverbais interessantes, e observei sujeitos no laboratório respondendo aos padrões indistintos de somatória verbal, etc.

As notas que tomei disso tudo constituíram minha primeira reação — tanto ao comportamento verbal em si mesmo como ao comportamento verbal acerca do comportamento verbal. Ao longo do tempo, dispus e redispus esse material muitas vezes, usando vários tipos de sistemas mecânicos de preenchimento e uma notação decimal elaborada, de forma a que similaridades e diferenças pudessem ser detectadas e respeitadas. Abandonei muitas classificações e guardei algumas que pareciam funcionar. Dessa forma cheguei àquilo que pareciam ser as propriedades úteis e produtivas do comportamento verbal — propriedades acerca das quais valia a pena falar.

Minhas pesquisas nesse sentido foram ajudadas pelo trabalho no campo do comportamento não-verbal. De início, parecia que uma formulação inteiramente diferente seria necessária mas, à medida que o tempo passava, e à medida em que trabalhos concordantes no campo do comportamento em geral mostravam-se mais bem-sucedidos, foi possível que eu me aproximasse de uma formulação comum. Creio que este livro realiza uma síntese eficaz que representa o lugar do comportamento verbal no campo mais amplo do comportamento humano como um todo. Gradualmente, cheguei a um repertório mínimo, que separava os aspectos do comportamento verbal que pareciam úteis como variáveis dependentes e identificavam e classificavam vários tipos de circunstâncias nos meios passados e presentes do falante, que pareciam variáveis independentes relevantes. Na medida do possível, procurei me adaptar às contingências de reforço especiais da comunidade científica na representação e análise de tais relações.

Por outro lado, que efeito posso eu esperar ter sobre o leitor? Não procurei induzir um comportamento autônomo e não ficarei desapontado se o leitor não salivou, não corou ou não suou com as coisas que eu disse. Não procurei provocar uma ação imediata aparente e estou muito feliz pelo fato de o leitor não ter gritado *Abaixo Aristóteles!* ou não ter tentado queimar uma biblioteca. Os efeitos que esperei obter enquadram-se em outras categorias do comportamento do ouvinte.

Não descrevi muito material novo. Temo que o leitor não tenha aprendido muitos fatos novos e eu poderia facilmente ter--me limitado ao material com o qual qualquer pessoa inteligente pode estar familiarizada. Não foi minha intenção apresentar os fatos do comportamento verbal enquanto tal, e esta é a razão pela qual não me preocupei muito com provas experimentais ou estatísticas. Alguma "instrução" no sentido do capítulo 14 foi dada, eu espero, sob a forma de definições. Inventei alguns termos novos: *mando, tacto, autoclítico,* etc. — os quais agora, talvez, fazem parte do vocabulário do leitor, sem que eu ouse adiantar com que força. Usei repetidas vezes termos estabelecidos, que talvez agora sejam mais familiares ao leitor do que quando ele começou a ler o livro. Coloquei o leitor em con-tacto com uma série de exercícios, com o objetivo expresso de reforçar um repertório verbal particular. Expondo o assunto de forma mais egoísta, estive tentando levar o leitor a portar-se verbalmente como eu me porto. Que professor, escritor ou amigo não o faz? E como todos os professores, escritores e amigos, eu me alegro por descobrir alguma "influência" que eu tenha tido! Se reforcei o comportamento verbal do leitor com expedientes espúrios de persuasão e ornamentação, ele fará bem em resistir, mas eu não me considero culpado. Se eu estivesse apenas interessado em construir um repertório verbal, teria agido de outra forma.

Mas um repertório não é suficiente. As respostas que tentei obter do leitor funcionam escolhendo acontecimentos ou aspectos do comportamento verbal que tornariam seu comportamento subseqüente mais adequado. Dei ênfase a certos aspectos e ignorei outros. A justificativa para isso foi a de que os fatos a que dei ênfase parecem estar juntos e que, ao falar deles, com exclusão dos outros, houve um progresso maior no sentido de se obter uma explicação unificada. Talvez eu tenha querido que o leitor prestasse atenção a este campo e falasse acerca dele de uma maneira especial, principalmente porque eu mesmo o fiz com prazer e proveito. Adquiri um interesse comum pelo campo do comportamento verbal. Creio que algo como a presente análise reduz o vocabulário total necessário para uma descrição científica. Ela elimina mais termos do que cria, e os termos criados são derivados de alguns termos técnicos anteriores, comuns a todo o campo do comportamento humano. Como alguém que aplicou a análise a campos não cobertos por essas dissertações, creio poder dizer que ela funciona. Tal análise atingiu o estágio em que ela é mais útil para mim do que eu para ela. Centenas de

questões problemáticas e de proposições obscuras acerca do comportamento verbal podem ser dispensadas, enquanto que novas questões e proposições que surgem em lugar delas são suscetíveis de uma verificação experimental como parte de um padrão mais unificado.

De muitas formas, esta me parece ser uma maneira melhor de se falar acerca do comportamento verbal, e esta foi a razão pela qual tentei levar o leitor a falar também dessa maneira. Mas ter-lhei-ei eu dito a verdade? Quem poderá dizê-lo? Uma ciência do comportamento verbal provavelmente não nos assegura um futuro de verdade e certeza (mas nós não podemos sequer ter certeza dessa verdade).

Ii. Nenhum Escorpião Negro

Em 1934, jantando na Harvard Society of Fellows, vi-me sentado ao lado do Professor Alfred North Whitehead. Começamos então a discutir o behaviorismo, que naquela época era ainda um "ismo" e do qual eu era um ardente devoto. Tratava-se de uma oportunidade que não podia ser desprezada para defender a causa e comecei a expor com entusiasmo os principais argumentos do behaviorismo. O Professor Whitehead estava igualmente zeloso — não em defender sua própria posição, mas em tentar compreender o que eu estava dizendo (Era o que eu supunha) e em descobrir como eu poderia ser levado a dizê-lo. Eventualmente, assumimos a seguinte posição: ele admitiu que a ciência poderia explicar com sucesso o comportamento humano, com exceção porém do comportamento *verbal.* Nesse caso, insistia ele, algo mais devia estar em ação. Ele então encerrou a conversa com um cordial "Vejamos", disse ele, "explique meu comportamento enquanto estou sentado aqui dizendo: 'Nenhum escorpião negro está caindo sobre esta mesa'." No dia seguinte comecei este estudo.

Talvez tenha chegado o momento de considerar o desafio do Professor Whitehead. Na verdade, podemos explicar o fato de ele ter dito: "Nenhum escorpião negro está caindo sobre esta mesa"? Como exemplo particular de comportamento verbal, emitido num conjunto de circunstâncias já bastante esquecidas, não podemos. É tão injusto pedir-se à ciência do comportamento que dê tal explicação como seria pedir-se à física que explicasse as mudanças de temperatura que se dão, ao mesmo tempo, numa sala. Suponhamos que se tenha feito um registro termográfico, a partir do qual pudéssemos agora reconstruir essas mudanças tão acuradamente quanto a reconstrução que fiz do comportamento verbal do Professor Whitehead. O que se poderia fazer com isso agora? O registro forneceria uma descrição grosseira de uma série de mudanças numa variável dependente, mas não forneceria quase nenhuma informação acerca das variáveis independentes das quais essas mudanças constituem uma função. O físico está impotente, porque não possui a história completa.

Ele pode, é claro, *sugerir* que uma queda súbita de temperatura ocorreu porque alguém deixou a porta entreaberta, ou que a janela estava aberta nesse momento ou, ainda, que a calefação havia sido desligada. Mas é óbvio para o físico e para os demais que isso tudo são simples conjeturas.

Infelizmente, no caso do comportamento verbal, fomos levados a esperar algo diverso. Os lingüistas fazem um uso extensivo de registros de fala com pouca ou nenhuma informação sobre as condições nas quais ela foi registrada. Os lógicos analisam as sentenças como meras "formas". Os críticos interpretam os trabalhos literários escritos séculos atrás, apesar dos poucos fatos que sobrevivem sobre autor, quando sobrevivem. Qualquer pessoa poderá dizer o que uma passagem "significa". Isto só é possível porque o lingüista, o lógico e o crítico podem observar, além do

comportamento registrado, seus efeitos sobre si mesmos como ouvintes ou leitores. Esses dados são oferecidos em lugar das variáveis que faltam. Como os termó-grafos que freqüentemente reagiram da mesma forma, estamos muito mais aptos a dizer o que deve ter causado um desvio particular. Mas se fosse fácil verificar a validez de tais infe-rências — para descobrir, por exemplo, o que uma passagem "significa" no momento para o falante ou para o escritor — a prática poderia ter desaparecido há muito do comportamento das pessoas responsáveis.

Alguns fatos relevantes acerca das condições nas quais o Prof. Whitehead fêz sua observação estão disponíveis. Pelo que sei, nenhum escorpião negro estava caindo sobre a mesa. A resposta foi emitida para destacar um ponto, para fazê-lo surgir inesperadamente. Este foi, na verdade, o ponto do exemplo: mas por que o Prof. Whitehead não disse uma "folha de outono" ou um "floco de neve", em vez de um "escorpião negro"? A resposta pretendia ser um problema desconcertante exatamente porque ela *não* era obviamente controlada por um estímulo presente. Mas é claro que este é o tipo de material que os freudianos apreciam, pois é sob tais circunstâncias que outras variáveis podem surgir. A forma da resposta pode ter sido determinada fracamente, mas não era necessariamente livre. Talvez tenha havido um estímulo que evocou a resposta *escorpião negro caindo sobre a mesa,* resposta que por sua vez levou ao autoclítico *Não.* O estímulo pode não ter sido grande, mas num sistema determinado deve ter havido algum. Assim como o físico poderia sugerir várias explicações sobre a queda de temperatura, com a finalidade de mostrar que ela poderia ser explicada em termos legais, assim também não é fora de propósito fazer aqui uma conjetura. Eu sugiro então que *escorpião negro* foi uma resposta metafórica ao tópico que estava sendo discutido. O escorpião negro era o behaviorismo.

A ciência parece ser inevitavelmente iconoclasta. Ela usurpa o lugar das ficções explicativas que os homens criaram como expedientes pré-científicos para explicar a natureza. Por motivos que não são inteiramente desconhecidos para os psicólogos, as ficções explicativas são usualmente mais lisonjeiras que as explicações científicas que as substituem. À medida que a ciência avança, ela despe o homem de realizações elegantes. O sistema de Copérnico tirou o homem do centro do mundo, e a astronomia nunca parou de reduzir sua parte proporcional no universo. O darwinismo desferiu outro golpe na proeminência do homem, ao sugerir uma continuidade maior entre os homens e os animais, maior do que a que o próprio homem gostaria de reconhecer. Enquanto a química, por um lado, comprimia supostamente incomparáveis realizações dos sistemas vivos num espaço cada vez mais apertado, as ciências da antropologia e da religião comparada abalavam a confiança do homem em seu modo de comunicação com o sobrenatural. Era inevitável que a psicologia entrasse nesse rol. A ênfase do freudismo sobre o papel do irracional era ofensiva; mas, apesar de Freud ser um determinista, certas forças

de controle permaneciam dentro do próprio homem, por mais indignas que elas pudessem parecer. O ataque final à aparente soberania do homem veio com o deslocamento da atenção para os determinantes externos da ação. As ciências sociais e a psicologia atingiram esse estágio mais ou menos ao mesmo tempo. Sempre que algum traço do meio — presente ou passado — tiver algum efeito sobre a conduta humana, a contribuição caprichosa do indivíduo é reduzida. O programa de um behaviorismo radical não permite nenhum controle interior.

Aqueles que conhecem o Professor Whitehead perceberão que ele empregaria seus melhores esforços para compreender este ponto de vista e para interpretá-lo de forma mais generosa. Ele provavelmente ficaria feliz por descobrir que o assunto era de simples terminologia e que minha posição era idêntica a alguma anterior que, ou teria sido desaprovada, ou teria mostrado que deixava uma abertura para a responsabilidade e a criatividade humanas. É possível então que, à medida em que descrevi minha posição — sem dúvida alguma nos termos mais chocantes de que pude dispor — ele estivesse dizendo a si mesmo que o papel que ele havia desempenhado ao me encorajar como jovem acadêmico não tivesse sido inteiramente mal orientado, que eu provavelmente não era um representante típico de todos os jovens que trabalham em psicologia e ciências sociais, que *deveria* haver um lado mais favorável — em outras palavras, que naquela mesa agradável e estimulante não havia caído nenhum escorpião negro.

Se esta for a explicação — e trata-se, é claro, de uma conjetura bastante improvável — então a afirmação foi suficientemente apropriada. Não havia causa para alarme. A história da ciência é a história do crescimento do lugar do homem na natureza. Os homens ampliaram suas capacidades de reagir diante da natureza discriminadamente, inventando microscópios, telescópios e milhares de amplificadores, indicadores e testes. Eles ampliaram seu poder de alterar e controlar o mundo físico com máquinas e instrumentos de todo tipo. Uma grande parte dessas realizações foi verbal. As descobertas e os feitos dos homens como indivíduos foram preservados, melhorados e transmitidos aos demais. O crescimento da ciência é positivamente acelerado e nós atingimos elevado grau de progresso.

Não há razão para que os métodos científicos não possam agora ser aplicados ao estudo do próprio homem — aos problemas práticos da sociedade e, sobretudo, ao comportamento do indivíduo. Não devemos abandonar tal projeto só porque subitamente ele se torna ameaçador. A verdade pode ser estranha, ela pode destruir crenças caras mas, como nos mostra a história da ciência, quanto antes uma verdade é enfrentada, melhor. Nenhum progresso científico jamais prejudicou a posição do homem no mundo. Apenas caracterizou-o de forma diversa. Na verdade, num certo sentido, cada realização *aumentou* o papel representado pelo homem no esquema das coisas. Se nós eventualmente dermos uma explicação plausível para o comportamento humano como parte de um sistema legalmente determinado, o

poder do homem ampliar-se-á de forma ainda mais rápida. Os homens nunca se transformarão em centros originais de controle, porque seu próprio comportamento também será controlado, mas seu papel como mediador poderá ser ampliado, além de qualquer limite. Agora, as aplicações tecnológicas de tais realizações científicas não podem ser esquadrinhadas. É difícil prever os ajustes verbais que teremos que fazer. "Liberdade pessoal" e "responsabilidade" darão lugar a outros apelidos que, como é da natureza dos apelidos, revelar-se-ão suficientemente satisfatórios.

Achei necessário, às vezes, atacar os conceitos tradicionais, que atribuem controle espontâneo ao especial ser interior chamado falante. Só dessa forma pude abrir caminho para a explicação alternativa da ação, tarefa que deverá ser realizada por uma ciência do comportamento verbal. Mas não importa o que o leitor possa pensar do sucesso de tal empreitada; espero que ele concorde que a análise revelou respeito pelas realizações humanas e que ela é compatível com um sentido de dignidade — em suma, que nenhum escorpião negro *caiu* sobre a mesa.

APÊNDICE

A COMUNIDADE VERBAL

As "linguagens" estudadas pelo lingüista são as práticas reforçadoras das comunidades verbais. Quando dizemos que *also* ["também"] significa o mesmo que *in addition* ["além do que"] ou *besides* ["além disso"] em inglês, não estamos nos referindo ao comportamento verbal de um falante qualquer do inglês ou ao desempenho médio de muitos falantes, mas às condições sob as quais uma resposta é caracteristicamente reforçada pela comunidade verbal. (A definição léxica limita-se a mencionar outras respostas reforçadas sob as mesmas circunstâncias: ela não descreve as circunstâncias.) Ao estudar as práticas da comunidade antes que o comportamento do falante, o lingüista não se preocupou com o comportamento verbal no sentido presente.

Uma análise funcional da comunidade verbal não faz parte deste livro, mas alguns problemas padronizados exigem comentário. Um deles é a velha questão da origem da linguagem. É provável que o homem primitivo não fosse muito diferente de seus descendentes com relação aos processos de comportamento. Se criado numa comunidade verbal aberta, ele talvez desenvolvesse um comportamento verbal elaborado. O que lhe faltava não era uma capacidade especial para a fala, mas certas circunstâncias ambientais. A origem da língua é a origem dessas circunstâncias. Como poderia um ambiente verbal surgir de fontes não-verbais? Outros problemas clássicos têm seus paralelos. Como se perpetua uma comunidade verbal e por que e como ela se modifica? Como surgem novas formas de resposta e como novas relações de controle evoluem de forma a que uma língua se torne mais complexa, sensível, acolhedora e mais eficaz?

De que modo teria surgido o primeiro ambiente verbal provavelmente permanecerá sempre uma questão especulativa. Teoricamente, seria possível juntar um grupo de crianças socialmente isoladas para verificar como se desenvolveria o comportamento verbal, e qual seria ele, mas existem, é claro, problemas éticos óbvios. Um

experimento parecido foi tentado por Frederico, o Grande; nesse experimento, algumas crianças foram criadas à parte, com a finalidade de verificar se elas falariam o hebraico naturalmente. O experimento falhou quando todas as crianças morreram. Já aconteceu de duas ou mais crianças, por motivos acidentais, terem crescido parcialmente isoladas de comunidades verbais estabelecidas e desenvolverem sistemas verbais idiossincrásicos bastante extensos, mas o isolamento nunca foi suficientemente completo para se provar que o meio verbal surge espontaneamente na ausência de um comportamento verbal anterior.

Os Gritos dos Animais

Uma semelhança superficial entre o comportamento verbal e cs sistemas instintivos de sinais dos animais (muitos deles vocais) tem sido fonte de muita confusão. O comportamento vocal imitativo dos papagaios, dos tordos, etc, que duplica *as formas* da fala humana, aumentou ainda mais essa confusão. É verdade que as respostas vocais ou de outros tipos emitidas pelos animais constituem "sistemas de comunicação". O carneiro perdido bale e, ao fazê-lo, "diz à sua mãe onde ele está". O animal que está pastando "grita para dar o alarme" e "avisa assim o resto do rebanho que um perigo se aproxima". Os cantos de acasalamento aproximam macho e fêmea. A mãe afasta os predadores de sua cria com rosnados ou gritos de raiva. Os gestos animais também desempenham um papel neste sistema de comunicação e receberam recentemente atenção especial por parte dos etologistas.[192] A linguagem das abelhas foi analisada por Von Frisch.[193]

Tais respostas parecem ser eliciadas (ou libertadas) por situações características, como parte do equipamento de comportamento de uma dada espécie. Dizer que elas são instintivas é dizer apenas que cada forma é observada em muitos membros de uma espécie dada, quando não houve oportunidade para uma aprendizagem individual. Em tais casos, precisamos recorrer a uma explicação evolucionista. Como outras atividades do organismo, tais como digestão, respiração ou reprodução, algum comportamento em face do meio é adquirido através da seleção natural por causa de suas conseqüências para a preservação da espécie.

Há um paralelo entre a seleção natural e o condicionamento operante. A seleção de uma resposta instintiva por seus efeitos na promoção da sobrevivência de uma espécie assemelha-se, exceto por enormes diferenças na escala do tempo, à seleção de uma resposta mediante o reforço. A similaridade é notada na utilidade aparente das duas formas. Respostas inatas e adquiridas, ambas parecem ser emitidas com o

---

[192] Tinbergen, N., *The Study of Instinct,* Londres (1951).
[193] Von Frisch, K., Bees, Their Vision, Chemical Senses, and Language, Ithaca, Nova Iorque, (1950).

"objetivo de obter efeitos" — com o fim de obter o bem-estar da espécie ou do indivíduo. (Nos dois casos, pode-se mostrar que apenas instâncias *a priori* de tais conseqüências são necessárias para explicar o comportamento.) Quando a resposta instintiva adquire vantagem, afetando o comportamento de outro organismo (quando, por exemplo, se trata de um grito), o paralelo com o comportamento verbal se torna visível. Uma mãe-pássaro grita alarmada "para" avisar sua cria da aproximação do perigo, assim como, na rua, a mãe grita com o filho para livrá-lo de um carro que se aproxima. O passarinho reage ao grito da mãe "para" escapar ao perigo, assim como a criança responde ao grito da mãe para evitar um ferimento. Mas os sistemas entrelaçados nos dois casos devem ser explicados de forma bastante diversa. A mãe-pássaro grita, não "com o objetivo de avisar a cria", mas porque as crias dos membros primitivos das espécies que gritaram sobreviveram para perpetuar o comportamento. As crias não correm em busca de abrigo ao ouvir um grito "para escapar ao perigo", mas porque os pásssaros primitivos que correram em tais circunstâncias e viveram para criar seus próprios filhotes, possivelmente, mostraram o mesmo comportamento. Os comportamentos da mãe e do filho, por outro lado, foram adquiridos durante suas vidas por meio dos processos discutidos na II Parte. De Laguna,[194] engenhosamente traçou paralelos entre os dois sistemas, identificando as circunstâncias sob as quais um grito (ou outra resposta vocal ou não-vocal) pode ser classificado como uma ordem, uma declaração, uma proclamação, etc. Como na análise presente, as distinções dependem das situações do "falante" e do "ouvinte" e das conseqüências sobre ambos. Mas a analogia continua a ser uma analogia.

É improvável, além disso, que o comportamento verbal, no caso presente, se origine dos gritos instintivos. Emoções bem definidas e outras respostas inatas compreendem sistemas reflexos difíceis, se não impossíveis, de serem modificados pelo reforço operante. O comportamento vocal abaixo do nível humano é especialmente refratário. Apesar de ser fácil condicionar um gato a assumir posturas diversas, mover as patas, manipular coisas de seu ambiente mediante o reforço operante, parece impossível conseguir que ele mie ou que ronrone exclusivamente por meio do mesmo processo. Exceções aparentes revelam, quando examinadas, que se trata de amostras de um processo diferente. O gato que mia na porta "para que o deixem sair" pode estar miando porque *não* o estão deixando sair. O miado é uma resposta emocional numa situação frustradora. Ele ocorre aproximadamente ao mesmo tempo e com a mesma freqüência quanto um operante tal como escarvar a porta, mas as duas formas de comportamento estão sob formas diferentes de controle ambiental. Esse material refratário não parece propício como precursor do

---

[194] De Laguna. Grace A. *Speech, Jts Function and Development,* New Haven, (1927).

comportamento verbal no sentido presente. É difícil afirmar se as respostas *não-verbais* inatas podem ou não ser condicionadas segundo o padrão operante, porque a mesma musculatura pode ser posta sob o controle operante. O experimentador pode ser bem sucedido apenas por produzir um operante que imita a resposta inata. (Desde que as respostas inatas são comumente associadas com situações emocionais, o paralelo com o comportamento verbal tem sido muito forçado para explicar a "expressão" emocional. Todavia, às vezes, a doutrina da expressão é reservada para o comportamento verbal ou não-verbal sob o controle de variáveis emocionais. Teorias expressivas acerca da origem da linguagem foram construídas segundo esse modelo.)

Isto não é o mesmo que dizer que organismos inferiores são incapazes de comportamento verbal no sentido presente. Todas as relações de controle analisadas na II Parte podem ser demonstradas no comportamento não-humano, assim como o podem ser também algumas das mais complexas relações das últimas partes da análise. Com suficiente exposição a variáveis relevantes, seria concebível a construção de um comportamento verbal vocal. Mas o comportamento verbal adquirido pelo indivíduo sob as práticas de reforço de uma comunidade verbal não parece constituir uma modificação das vocalizações adquiridas pelas espécies por causa das conseqüências específicas que possuem valor de sobrevivência. O balbuciar relativamente indiferenciado da criança, a partir do qual o comportamento verbal vocal se desenvolve, é indubitavelmente um produto evolutivo, mas não é o tipo de comportamento evocado (ou "liberado") em formas específicas em ocasiões específicas. O mesmo se pode dizer do comportamento não-verbal. Em geral, o comportamento operante emerge de movimentos indiferenciados, não-dirigidos e não-organizados previamente.

Podemos explicar a origem de uma resposta verbal na forma de um *mando* se qualquer comportamento associado com um estado de privação for um estímulo importante para um "ouvinte" disposto a reforçar o "falante" com relação a esse estado de privação. Consideremos, por exemplo, uma mãe que amamenta o bebê. É possível que haja aqui uma resposta inata da fêmea humana aos gritos inatos do bebê faminto, semelhante aos sistemas de comunicação das outras espécies, mas não precisamos admitir que seja esse o caso. Se um bebê faminto age de alguma forma distintiva — digamos, chorando ou se contor-cendo como resposta à estimulação dolorosa do estômago — e se uma mãe está inclinada a amamentar o filho, talvez para escapar da estimulação aversiva de um peito cheio, então o choro do bebê (correlacionado como ele está com uma tendência para sugar) controlará eventualmente o comportamento da mãe em levar o filho ao seio. Uma vez adquirida esta discriminação, o comportamento da mãe ao amamentar o bebê é contingente em relação ao choro do bebê, e isto pode ser reforçador. A princípio o bebê chorava como uma resposta reflexa a uma estimulação dolorosa e ele agora

passa a chorar como um operante. Provavelmente, não é a resposta reflexa que é reforçada, mas o comportamento que se assemelha a ela. A forma da resposta é livre para sofrer uma mudança desde que a mãe mantenha o reforço. Eventualmente, a resposta pode não se assemelhar de perto com o reflexo-padrão.

Essa resposta é reforçada com comida, e sua força está em função da privação. A relação de controle que sobrevive é característica de um *mando* plenamente desenvolvido. Uma vez admitida uma predisposição por parte da mãe para reforçar, a espécie de *mando é* chamada de pedido. Mas, eventualmente, a mãe pode não estar mais disposta a reforçar com comida e o bebê precisa ser compensado criando uma condição aversiva da qual a mãe só pode escapar fornecendo o reforço apropriado. Os gritos do bebê tornam-se "importunos" e a mãe reforça porque o bebê então deixa de chorar. A resposta não é mais um pedido, mas uma ordem.

Um meio não-verbal pode produzir outro tipo de *mando,* relacionado com a "atenção do ouvinte". Digamos que *A* está servindo bebidas a um grupo, mas se esquece de *B.* Qualquer movimento de *B,* particularmente se produzir um ruído, chamará a atenção de *A,* que então poderá reforçar *B* com uma bebida, após o que o comportamento se torna verbal, semelhante a *mandos* explícitos da forma *Olhe aqui!* Comunidades verbais comumente reforçam *mandos* que tiveram uma origem não muito distante das formas originais não-verbais. Bater na porta de uma casa é uma resposta verbal convencional, que pode ser facilmente ligada a suas origens não-verbais; inicialmente, ela devia estar muito próxima do comportamento de um cão que escarva a porta "para que o deixem entrar". Tal resposta adquire um estilo especial (o número, velocidade e intensidade das batidas se aproximam de um padrão) sob o reforço apropriado do meio verbal. Bater num copo vazio na mesa de um restaurante é comparável ao chamado vocal *Ei! Ei!*

Qualquer comportamento que tenha um efeito sobre outra pessoa como um objeto mecânico (puxando, empurrando, batendo, bloqueando, etc.) pode adquirir um efeito de comportamento, se estágios incipientes do comportamento servirem como estímulos. O reforço contingente é usualmente uma evitação ou fuga dos últimos estágios do comportamento. Por exemplo: *A* impede a aproximação de *B* segurando-lhe o braço e colocando a palma de sua mão contra o peito de *B.* Nesse estágio, o comportamento de *A* seria mais ou menos se *B* fosse um objeto inanimado (se *B* estivesse oscilando na direção de *A,* por exemplo, na ponta de uma corda). Mas, se ser impedido por *A é* aversivo para *B,* ou se *A* detém *B* apenas quando se dispõe a tratar *B* aversivamente, *B* responde eventualmente ao braço estendido de *A* para evitar o contacto. Uma vez ocorrida essa mudança em *B,* a resposta de *A é* reforçada, não por seu efeito mecânico sobre *B,* mas pelo comportamento de *B.* Ele se torna um gesto e é classificada como verbal. Nem todos os ouvintes e falantes precisam passar por mudanças semelhantes, pois o gesto é eventualmente construído pela comunidade. O gesto de "pare" do policial de

tráfego é tão culturalmente determinado quanto a luz vermelha ou a resposta vocal *Pare!*

Tais gestos podem ganhar força corrente a partir de contingências não-verbais semelhantes. O "falante" pode estar mais' pronto a responder de uma dada forma e adquirir um efeito mais consistente sobre o ouvinte por causa de efeitos mecânicos relacionados. Mesmo o sinal ferroviário em sua posição de "pare" provavelmente adquire força por causa de sua semelhança com uma barreira real que bloqueia o caminho. Gestos familiares que têm aproximadamente o mesmo efeito de *Vá embora!, Venha cá!* (que podem apresentar um gesto feito ou com o braço inteiro ou com o dedo indicador), *Passe!, Sente-se!* (para um auditório) e *Levante-se!* estão sujeitos a interpretações semelhantes. Tais gestos são *mandos* que especificam um comportamento que se assemelha ao efeito mecânico das respostas não--verbais das quais eles se originam. (Pôr um dedo sobre nossos lábios revela algo semelhante à extensão metafórica de pôr o dedo sobre os lábios de outra pessoa. O último caso pode ocorrer se as partes estão unidas.)

Se, por motivos puramente físicos, *A põe* a mão em concha atrás da orelha para ouvir *B* mais claramente, isto se torna para *B* um estímulo na presença do qual um comportamento mais ruidoso (vocal ou não-vocal) é diferencialmente reforçado. Se *B* aumenta a intensidade *porque A põe a mão em concha,* curvar a mão torna-se um gesto e pode ser classificado como verbal.

Se B pode evitar uma punição nas mãos de *A* engajando-se numa forma particular de atividade, *A* pode modelar o comportamento de *B* liberando ou impedindo a estimulação aversiva. Por exemplo: se *A* afasta *B* de um suprimento de comida batendo nele, o punho erguido de *A* eventualmente leva *B* a retirar-se para se *esquivar* dos golpes antes de esperar para *fugir* deles. Quando isso acontece, *A* pode *gesticular* em vez de bater. Se *A,* algumas vezes, permite que B coma, *B* eventualmente responde ao punho de *A* como um estímulo a partir do qual a punição pela aproximação é contingente. *A* pode, eventualmente, usar um punho erguido para modelar melhor o comportamento. Por exemplo: *B* pode ser mantido ativo se *A* responde tão logo *B* pára. As contingências são as mesmas que as de um cavalo mantido em movimento pelo *estalar de um chicote.* Além das paradas e dos inícios, o comportamento de *B* também pode ser *guiado* em sua direção, ou no nível de intensidade.

Se *B* está predisposto a reforçar *A, A* pode modelar o comportamento de *B* com qualquer reação que indique seus efeitos reforçadores sobre ele. Por exemplo: um comportamento claro de ingestão da parte de *A* pode reforçar *B* a fazer ou servir um tipo especial de comida. O comportamento de *A* ao lamber os lábios pode tornar-se um gesto equivalente a *Me dê mais um pouco* assim como seu comportamento vocal *m-m* pode tornar-se o equivalente de *Um-um* modelado por uma comunidade

verbal particular. O comportamento não-condicionado de um auditório reforçado por um animador reforça, por sua vez, o animador. Parte do efeito de reforço é o contraste entre o intenso silêncio do auditório fascinado e a libertação ruidosa quando o animador pára. Se o auditório pode induzir o animador a continuar aumentando esse contraste, o barulho pode tornar-se um gesto. Palmas, assobios e outras formas de aplauso constituem repostas verbais equivalentes a *Outra vez! Mais! Bis!* Eventualmente, tal resposta pode ser usada para modelar o comportamento de um falante — como nos debates parlamentares.

Muitos dos *mandos* que podemos explicar sem admitir um meio verbal anterior são os gestos. Paget[195] tentou derivar paralelos vocais apontando o fato de que os movimentos da língua tendem a acompanhar os movimentos da mão. Uma criança, entretida numa tarefa manual, pode ser observada mastigando a língua ou movendo-a sobre os lábios. Paget sugeriu que os movimentos da língua que acompanham os gestos manuais poderiam modificar os sons respiratórios ou as vocalizações primitivas para proporcionar respostas vocais. Mas mesmo um tal processo ajuda pouco na explicação da diversidade das respostas vocais que especificam tipos de reforço.

Ao explicar o comportamento verbal sob a forma de *tacto,* precisamos procurar diferentes fontes de materiais não-verbais, pois o comportamento do "falante" deve relacionar-se com as *circunstâncias estimuladoras,* mais do que com a estimulação aversiva ou a privação.

O comportamento de um cão de caça "assinala" a presença da caça para o caçador, assim como o rosnar de um cão de guarda "assinala" a aproximação de um intruso. Na medida em que tais comportamentos são relativamente invariáveis e incondicionados, o caçador e o dono da casa respondem a eles como a qualquer estímulo associado com um dado evento — digamos, o ruído produzido pela caça ou pelo intruso. Apenas quando o cão é treinado como um "falante" é que surgem novos fenômenos. Tão logo o cão de caça *é reforçado* por apontar, ou o cão de guarda por latir, a topografia do comportamento pode tornar-se mais dependente das contingências de reforço do que dos sistemas de reflexos não-condicionados. Nesses exemplos, o comportamento nunca é muito mudado, mas em outros a forma é eventualmente determinada pela comunidade — isto é, torna-se convencional. Já apontamos a freqüência da inicial *M* nas palavras que significam *mãe,* observando que isso pode ter alguma relação com a freqüência desse som como uma resposta não-condicionada em situações nas quais a mãe aparece freqüentemente, sendo o restante da palavra presumivelmente modelado pela

[195] Paget, R. A., *Human Speech,* Nova Iorque, (1930).

comunidade particular. A escassez de respostas vocais não-condicionadas apropriadas para situações específicas constitui uma limitação óbvia para explicar-se desta forma um repertório extenso.

Outra explicação comum recorre à onomatopéia. Essa velha teoria acerca da origem da linguagem destaca as semelhanças formais entre o estímulo e a resposta que sobreviveram nos repertórios onomatopaicos ou "construídos segundo um modelo". Podemos "avisar alguém da aproximação de um cachorro" imi-tando-lhe o latido, assim como o turista desenha o artigo que quer comprar mas que não pode nomear, ou como o guia índio que anuncia uma boa pescaria movendo a mão sinuosamente. A resposta vocal, pietórica ou por gestos é eficaz por causa de sua semelhança física com a "situação descrita". Mas com isso não explicamos o "uso desses sinais" pelo "falante" ou pelo "ouvinte". Se admitirmos, todavia, que certos ouvintes em potencial fogem quando ouvem um cachorro latir e que isso é reforçador para certos falantes em potencial, temos apenas que esperar — alguns milhares de anos, se necessário — por alguém que emita uma resposta vocal suficientemente semelhante ao latido do cão para ser reforçado por seu efeito sobre o ouvinte. O resultado, na melhor das hipóteses, é um *tacto* impuro, que mal se distingue de um *mando.* Todas as respostas onomatopaicas sofrem pelo fato de suas propriedades formais distintivas afetarem o leitor de uma forma que está ligada de perto a uma situação particular. Mas os ouvintes podem reagir aos cães de muitas formas e por muitos motivos, havendo a possibilidade de se seguir algum tipo de reforço generalizado.

É provável que a origem de muitas formas de resposta permaneça obscura; mas, se pudermos explicar os começos do meio verbal, mesmo que ele seja o mais rudimentar, os bem estabelecidos processos de mudança lingüística explicarão a multiplicação das formas verbais e a criação de novas relações de controle. Felizmente, mudanças de contingências de reforço podem ser traçadas historicamente e observadas em comunidades atuais. Do ponto de vista da forma da resposta, não precisamos supor que as mudanças sigam qualquer padrão particular (tal como o da Lei de Grimm); todavia, para explicar a criação de grande número de formas, quanto mais acidentais forem as respostas, melhor. Do ponto de vista do "significado", a moderna lingüística histórica identificou inúmeras fontes de variação. Algumas estão relacionadas com acidentes ou falhas na transmissão. Outras surgem da estrutura da comunidade verbal. Novas relações de controle surgem quando uma resposta literal é tomada metaforicamente ou quando uma resposta metafórica, por meio de reforços restritos subseqüentes, se torna abstrata. Como exemplo do último processo, se admitirmos que a resposta--padrão *laranja* surgiu sob o controle estímulo de laranjas, então podemos imaginar a primeira ocasião na qual outro objeto da mesma cor evocou a resposta. Se ele se mostrar eficaz sobre o ouvinte, como pode ser sem condicionamento especial, ele poderá ser

reforçado com relação à cor apenas. Se for suficientemente útil para a comunidade, surgirá o termo relativamente abstrato *laranja.*

Abstrações mais sutis parecem surgir de igual modo. A *queda* de uma moeda ou de um dado leva ao conceito de *sorte* quando as propriedades definidoras estão livres de instâncias na qual algo cai. O método de John Horne Tooke é novamente relevante aqui. O livro *Conseqüência das Diversões de Purley,* de John Barclay (Londres, 1826) examina as origens dos termos relativos a *espírito* e *mente* numa primeira antecipação do behaviorismo do século XX, ligando-os etimologicamente a conceitos mais fortes no comportamento humano.

Tem-se apontado freqüentemente, em particular na explicação da origem dos mitos, que esse processo funciona de modo invertido: que uma resposta metafórica pode ser tomada literalmente. O relato metafórico de que o homem se transforma num *animal* quando bebe deu origem à história do homem transformado em animal ao beber uma poção mágica. Na elaboração de tais histórias, novas variáveis ganham o controle de velhas respostas.

O estudo do comportamento verbal do falante e do ouvinte, bem como as práticas do meio verbal que geraram tal comportamento podem não contribuir diretamente para a lingüística histórica ou descritiva, mas é suficiente para o nosso propósito atual, a fim de podermos dizer que um meio verbal poderia ter surgido de fontes não-verbais e que, em sua transmissão, de geração para geração, estaria sujeito a influências que poderiam explicar a multiplicação de formas e de relações de controle, bem como a eficácia crescente do comportamento verbal como um todo.